

**Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TOE) na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPI a disponibilizar este TEDE sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir do dia 05/06/2025

1. Identificação do material bibliográfico

Tese

2. Identificação da Tese

Autor: KELYEL FORTES DE RESENDE MELO		Matrícula: 20211001943 (identificador)
Telefone:		
Identidade: 3576935 - SSP/PI	CPF:	E-mail: kelyelresende@gmail.com
Orientador: ELIZANGELA BARBOSA CARDOSO	CPF: 479.014.893-91	E-mail: ELIBCARDOSO@YAHOO.COM.BR
Membro da banca: CLAUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES	CPF: 578.456.973-20	E-mail: claudiafontineles@ufpi.edu.br
Membro da banca: ELIZANGELA BARBOSA CARDOSO	CPF: 479.014.893-91	E-mail: ELIBCARDOSO@YAHOO.COM.BR
Membro da banca: FABIO LEONARDO CASTELO BRANCO BRITO	CPF: 021.285.543-30	E-mail: fabioleobrito@hotmail.com
Membro da banca: FERNANDO BAGIOTTO BOTTON	CPF: 833.675.430-04	E-mail: fernandobotton@phb.uespi.br
Membro da banca: SABRINA STEINKE	CPF: 009.684.786-70	E-mail: steinkesabrina@gmail.com
Data da Defesa: 05/06/2025	Titulação: Doutor	
Título: Vigiar, Punir e Gozar: masculinidades, "pederastia" e Ditadura Civil-Militar (1960 - 1970)		
Instituição de Defesa: Universidade Federal do Piauí/UFPI	CNPJ: 6517387000134	
Afiliação:	CNPJ:	
Palavras-chave: Masculinidades. Sexualidade. Relações de Poder.		

3. Agência de Fomento

NÃO INFORMADO

4. Informação de acesso ao documento

Liberação para publicação: Total

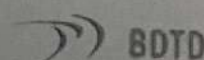
Kelyel Fortes de Resende Melo
Assinatura do autor

29.04.2026
Data

Havendo concordância com a publicação eletrônica, toma-se imprescindível o envio em formato digital da tese ou dissertação.

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse /sigaa/documentos/ informando o identificador, a data de emissão e o código de verificação 297c21cfe7





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL –
PPGHB

KELYEL FORTES DE RESENDE MELO

VIGIAR, PUNIR E GOZAR:
masculinidades, “pederastia” e Ditadura Civil-Militar nas décadas de 1960 e 1970

TERESINA

2025

KELYEL FORTES DE RESENDE MELO

VIGIAR, PUNIR E GOZAR:

masculinidades, “pederastia” e Ditadura Civil-Militar nas décadas de 1960 e 1970

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História do Brasil (PPGHB), da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História do Brasil.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a. Elizângela Barbosa Cardoso.

TERESINA

2025

Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

M528v Melo, Kelyel Fortes de Resende.
 Vigiar, punir e gozar : masculinidades, "pederastia" e ditadura civil-
 militar nas décadas de 1960 e 1970 / Kelyel Fortes de Resende Melo.
 2025.
 467 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-
Graduação em História do Brasil, Teresina, 2026.
"Orientador(a): Prof.^a Dr^a. Elizângela Barbosa Cardoso."

1. História 2. Masculinidades 3. Sexualidade 4. Relações de Poder
5. Ditadura Civil Militar. I. Cardoso, Elizângela Barbosa. II. Título.

CDD 981

Elaborada por Fabíola Nunes Brasilino CRB 3/ 1014

RESUMO

Nas décadas de 1960 e 1970, no Brasil, consolidaram-se masculinidades viris em diversas instituições, caracterizadas por traços autoritários e violentos. Na gestão política da vida, o Estado saneador e a sociedade civil atuaram na moralização e na conformidade dos corpos à heterossexualidade. Simultaneamente, surgiram contrapoderes contestatórios, protagonizados especialmente pelos jovens. No âmbito das performances masculinas e dos desejos sexuais, houve uma quebra do pacto de silêncio entre homens, provocando uma redefinição do “ser homem” e desdobrando-se em múltiplos modelos de masculinidades viris: *hippies*, desbundados, *punks*, motoqueiros, jovens místicos, gurus espirituais, entre outros. Emergiram práticas homoeróticas que antes eram silenciadas e restritas à esfera privada, delineando uma verdadeira revolução sexual entre homens. Como desdobramento dessa revolução dos costumes, houve embates na sociedade civil que exigiram a intervenção do Estado na ordem sexual, com a aplicação de mecanismos legais de censura, investigação e punição da subversão política e moral, classificada como “pederastia”. A tese busca investigar a atuação dos órgãos da Ditadura Civil-Militar na produção e regulação das masculinidades, considerando sua relação com o que era percebido como subversão política e moral, a produção contracultural e os códigos disruptivos das categorias sexo-gênero-desejo. Argumenta-se que alguns homens envolvidos na repressão, censura e tortura durante o regime autoritário, apropriaram-se de práticas da subcultura homoerótica fetichista e sadomasoquista, evidenciando uma característica do autoritarismo: vigiar, punir e gozar para moralizar, em um processo sistemático de violação dos direitos humanos. Para a análise, o *corpus* documental inclui jornais de ampla circulação, jornais alternativos, revistas, cartas, fotografias, panfletos, documentos de órgãos de vigilância do Estado, inquéritos policiais e processos criminais.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Sexualidade. Relações de Poder. Ditadura Civil-Militar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 16
1. DOMESTICAÇÃO DAS MASCULINIDADES	p. 38
1.1 Vida como Progresso	p. 38
1.2 Nação Feliz	p. 56
1.3 Orgulho Nacional	p. 68
1.4 Deus, Família e Liberdade	p. 81
1.5 Desejo de Submissão	p. 94
2. EMBATES VIRIS	p. 105
2.1 Vida como Obra de Arte	p. 105
2.2 Desbunde Geral	p. 123
2.3 Boom do “Amor”	p. 129
2.4 Virilidade na Estrada	p. 150
2.5 Desejo de Insurreição	p. 162
3. MÁQUINAS DESEJANTES	p. 175
3.1 Vida como Fruição	p. 171
3.2 Culto aos Músculos	p. 191
3.3 Fetiche às Fardas	p. 206
3.4 <i>Leather Culture</i>	p. 219
3.5 <i>Pink Money</i> e Dispositivos Sexuais	p. 231
4. PRAZERES CULPÁVEIS	p. 245
4.1 Amor Bandido	p. 245
4.2 Intriga da Oposição	p. 264
4.3 Leituras Proibidas	p. 274
4.4 Festivais Alternativos	p. 299
4.5 Sangue em Ebulição	p. 311
5. PRAZERES ULTRAVIOLENTOS	p. 320
5.1 Pactos Contrassexuais	p. 320
5.2 Tortura Sexual por Agentes do Estado	p. 345
5.3 “Pederastia” nas Forças Armadas	p. 369
5.4 Estupro Coletivo como “Libertinagem”	p. 380
5.5 Braço Forte, Mão Amiga	p. 389
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 408
REFERÊNCIAS	p. 413

LISTA DE ABREVIATURAS

ACM – Associação Cristã de Moços

AI – Atos Institucionais

AI 5 – Ato Institucional nº 5

AG. REG. SNI – Agências Regionais de Serviço Nacional de Informações

ARP – Assessoria de Relações Públicas

B/D – Bondage e dominação/disciplina

BNM – Brasil Nunca Mais

CBA – Comitê Brasileiro de Anistia

CCOMSEx – Centro de Comunicação Social do Exército

CENIMAR – Centro de Informações da Marinha

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina

CIS – Comissão de Investigação Sumária

CISAR – Comissão de Investigação Sumária da Aeronáutica

CI – Comissão de Investigação

CIE – Centro de Informações do Exército

CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola

CIEx – Centro de Informação do Exército

CISA – Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica

CGI – Comissão Geral de Investigação

CNV – Comissão Nacional da Verdade

CODI – Centro de Operações de Defesa Interna

CPM – Código Penal Militar

CPPM – Código de Processo Penal Militar

CS – Convergência Socialista

CSN – Conselho de Segurança Nacional

DEOPS – Departamento Estadual de Ordem Política e Social

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

DOI – Destacamento de Operações de Informações

DPF – Departamento da Polícia Federal

DSI – Divisão de Segurança Interna

EUA – Estados Unidos da América

EMA – Estado-Maior da Armada

EME – Estado-Maior do Exército

EMFA – Estado-Maior das Forças Armadas
ESG – Escola Superior de Guerra
EPP – Escala de Preferência Pessoal de Edwards
FA – Forças Armadas do Brasil
FAB – Força Aérea Brasileira
FESNI – Fundação Nacional de Informações
FGTS – Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FHCS – Facção Homossexual da Convergência Socialista
FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IP – Inquérito Policial
IPM – Inquérito Policial Militar
LCES – Locais Comerciais para Encontros Sexuais
LGBTQIAPN+ – Lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersex, assexuais, pansexuais, gênero neutro e demais formas de ser-estar-sentir
LSN – Lei de Segurança Nacional
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MHB – Movimento Homossexual Brasileiro
MNU – Movimento Negro Unificado
MNUCDR – Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial
MRE – Ministério das Relações Exteriores
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil
ONU – Organização das Nações Unidas
OPF – Organizações paramilitares fascistas
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PED – Plano Estratégico de Desenvolvimento
PIB – Produto Interno Bruto
PIC – Pelotões de Investigação Criminal da Polícia do Exército
PIN – Plano de Integração Nacional
PIS – Processo de Investigação Sumária
PM – Polícia Militar
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

QG- Quartel General

SIAN – Sistema de Informação do Arquivo Nacional

SG/CSN – Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional

S/M – Sadismo, masoquismo, sadomasoquismo

SNI – Sistema Nacional de Informação

SSP – Secretaria de Segurança Pública

STF – Supremo Tribunal Federal

STM – Superior Tribunal Militar

STJ – Superior Tribunal de Justiça

TJ – Tribunal de Justiça

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	A H. Masset (à esquerda), Friedrich W. Schultz-Wenk (centro), William Max Pearce (à direita)	p. 43
Imagem 02	O Abate (à esquerda), Processo Industrial do Mercado da Carne (centro), Carros da Frimisa (à direita)	p. 44
Imagem 03	Presunto Cozido com Renner (à esquerda), Frimisa (à direita)	p. 46
Imagem 04	Fábrica de Sapatos (à esquerda); Costureiras (à direita)	p. 47
Imagem 05	Indústrias (à esquerda), Volkswagen (à direita)	p. 48
Imagem 06	Trabalhadores do Frigorífico (à esquerda), Frigorífico T. Maia (à direita)	p. 50
Imagem 07	Tem gente de olho na sua indústria (à esquerda), É o Homem (à direita)	p. 51
Imagem 08	Médici na Transamazônica	p. 53
Imagem 09	Amigo da Leoa (à esquerda), O circo (centro), O Leão ataca (à direita) ...	p. 58
Imagem 10	O Circo (à esquerda), A Família do Circo (centro), O Bebê Enjaulado (à direita)	p. 59
Imagem 11	Cambalhote de Elefante (à esquerda), Elefantes enfileirados (centro), Tigre de Bengala (à direita)	p. 60
Imagem 12	Observando (à esquerda), A caça (centro), O Jeep na Caça (à esquerda)	p. 62
Imagem 13	Leopardo (à esquerda), Dior (centro), Malas (à direita)	p. 63
Imagem 14	Elizabeth e seu marido Marcelo (à esquerda), Elizabeth e a zebra (à direita)	p. 65
Imagem 15	Parque em Berlim (à esquerda), Montanha-Russa contra-ataca ressaca (à direita)	p. 68
Imagem 16	A família progrediu com Ford (à esquerda), Ford é mais Forte! (centro), Ford é mais Forte! (à direita)	p. 71
Imagem 17	Um Espelho também serve (à esquerda), Aço Vilares S. A. (à direita)	p. 72
Imagem 18	Homens que não podem falhar (à esquerda), Tissot procura Braços Fortes (à direita)	p. 74
Imagem 19	James Bond (à esquerda), Moby Dick (à direita)	p. 75
Imagem 20	Embassy (à esquerda), Neutmar (à direita)	p. 76
Imagem 21	Aventuras (à esquerda), Caça Aquática (centro), Polinésia (à direita)	p. 77

Imagem 22	Brasil todos os caminhos levam ao turismo (à esquerda); Esporte Aquático (ao centro); Esqui Aquático (à direita)	p. 78
Imagem 23	Rothmans (à esquerda), Du Maurier (centro), Pall Mall (à direita)	p. 79
Imagem 24	O Elegante Tomate (à esquerda), Ceia de Natal (centro), Prata Meridional (à direita)	p. 82
Imagem 25	Relógio Universal Geneve (à esquerda), Anel Constelação (centro), Colar de Diamante (à direita)	p. 84
Imagem 26	D Maria Tereza Goulart	p. 86
Imagem 27	Participação na marcha (à esquerda), Mulheres no ato de posse (à direita). ..	p. 91
Imagem 28	Na América Branca (à esquerda), A família que odeia unida os negros (à direita)	p. 93
Imagem 29	Voluntários de Minas Gerais (à esquerda), Apoio da sociedade civil às tropas (à direita)	p.95
Imagem 30	Em uniforme de batalha (à esquerda); A marcha (ao centro), Soldado e Penteadado (à direita)	p.98
Imagem 31	Certidão de nascimento de Edson (à esquerda), Biografia de Jubileu (à direita)	p. 102
Imagem 32	Príncipe Philip e Beatles (à esquerda), Fans na ocasião da gravação do Love Me Do (à direita)	p.107
Imagem 33	Os Beatniks Cariocas (à esquerda), 007 contra a chantagem atômica (à direita)	p.109
Imagem 34	As Comunidades Contra a Família (à esquerda), Lanza Del Vasto (centro), Refeição (à direita)	p.110
Imagem 35	Fuck the Police (à esquerda), Christiania (à direita)	p.112
Imagem 36	Casa em Drop City (à esquerda), Lar em Drop City (centro), Correios Drop City (à direita)	p.114
Imagem 37	Violão (à esquerda), Pneu/balanço (centro), Correios Rancho Parkers (à direita)	p.115
Imagem 38	Polanski (à esquerda), Mansão de Sharon (centro), Charles Manson (à direita)	p.117
Imagem 39	Poderes de Manson (à esquerda), Susan Denise Askins (à direita)	p.118
Imagem 40	O Guru (à esquerda), O Ritual (à direita)	p.121
Imagem 41	Festa da Vitória do Golpe (à esquerda), Festa da Vitória da Copa (à direita)	p.124

Imagem 42	Médicos (à esquerda), Intelectuais (à direita)	p.126
Imagem 43	Acampamento (à esquerda), Revista Acampar (à direita)	p.128
Imagem 44	Comunidade hippie (à esquerda), Comunidade Nudista (centro), Legalize Nude Beaches (à direita)	p.129
Imagem 45	Revolucionários por Jesus (à esquerda), Meninos de Deus no Maracanã (centro), Trailer para os musicais (à direita)	p.131
Imagem 46	Jesus People ou Revolução (à esquerda), Buracos Santos (à direita)	p.136
Imagem 47	God's Love Slave (à esquerda), Jesus e Sexo (à direita)	p.137
Imagem 48	Mooning the Moonies (à esquerda), Moon tem visto (à direita)	p.138
Imagem 49	Capa da carta de Regina (à esquerda); Carta de Regina (centro-esquerda); Carta da mãe ao Ernesto Geisel (centro), Regina Ferrari em <i>Manchete</i> (à direita)	p.142
Imagem 50	Seitas (à esquerda), Delegado Carbone (à direita)	p.147
Imagem 51	Elvis Presley (à esquerda), Marlon Brandon (à direita)	p.151
Imagem 52	Os Bandidos	p.153
Imagem 53	Hells Angels (à esquerda), Motos dos Hells Angels (centro), Angel (centro), Richmond (à direita)	p.155
Imagem 54	Prendre la Route (à esquerda), On the Road (à direita)	p.160
Imagem 55	Viajes	p.162
Imagem 56	Festival (à esquerda), LSD (à direita)	p.163
Imagem 57	Have a seasonal "High" (à esquerda), Exige la pureza de LSD (à direita)... p	166
Imagem 58	Needle Park (À esquerda), Peace (centro), Overdose (à direita)	p.167
Imagem 59	Las Drogas a Favor Del Sistema (à esquerda), Sorriso do Soldado (à direita)	p.170
Imagem 60	<i>Bijou</i> (à esquerda), Como fazer sua vida noturna mais excitante? (centro), El Rio (à direita)	p.173
Imagem 61	Giraffe (à esquerda), Lion Pub (à direita)	p.174
Imagem 62	Club em Brasília (à esquerda), Psicina no Club Iate (à direita)	p.176
Imagem 63	New York sem escalas (à esquerda), Varig Direto (centro), Formação de Comissários da Varig (à direita).....	p.177
Imagem 64	El Matador (à esquerda), Cowboy & Cowgirl (centro), Paradise PCS Club (à direita)	p.180

Imagem 65	Orphan Andys (à esquerda), I am your son (centro), Live where the are (à direita); Brothel Hotel (à direita)	p.182
Imagem 66	Gay Hot Line	p.185
Imagem 67	Servo obediente (à esquerda), Grande Masoquista (à direita)	p.188
Imagem 68	Stop the Movie Cruising	p.191
Imagem 69	Steve Reeves (à esquerda), Joe Weider (centro), Leo Robert (à direita)....	p.194
Imagem 70	Muscles (à esquerda), Çe Type d'homme (à direita)	p.195
Imagem 71	Mister Guanabara 1963 (à esquerda), Mister Guanabara 1966 (centro), Sean Connery (à direita); Concurso Mr. Músculos 1972 (à direita)	p.198
Imagem 72	Arnold Schwarzenegger	p.200
Imagem 73	Sylvester Stallone	p.201
Imagem 74	Depilação (à esquerda), Cigarro (centro), Comidas Saudáveis (centro), Anabolizante (centro), Mister Universo Saudável (à direita)	p.205
Imagem 75	Presidente-General Castelo Branco (à esquerda), Rolls-Royce (à direita) ...	p.208
Imagem 76	Tanques de 1964 (à esquerda), Tanques da Parada Gay de 1977 (à direita) ..	p.209
Imagem 77	Jeep de 1964 (à esquerda), Jeep à praia gay (à direita)	p.210
Imagem 78	Performance-carro (à esquerda); Performance-carro-movimento (à direita) p.	211
Imagem 79	Treinamento no Calçadão (à esquerda), Militares em ducha (à direita)	p.212
Imagem 80	Desfile Soviético (à esquerda), Protesto do lado Ocidental (à direita)	p.213
Imagem 81	<i>Dog Tag for sale</i> (à esquerda), <i>Military Dog Tags</i> (centro), <i>Armed Forces Week</i> (à direita)	p.215
Imagem 82	<i>The Uniform Fetish</i> (à esquerda), <i>Inspection a Uniform Party</i> (à direita)	p.217
Imagem 83	Marinheiro em carona de moto (à esquerda), Marinheiro em carona de carro (à direita)	p.219
Imagem 84	The Male Figure (à esquerda), The Male Figure (centro), Harley Davidson (à direita)	p.222
Imagem 85	Casamento Satyr (à esquerda), Beijo de Casamento (à direita)	p.223
Imagem 86	ACME man 1975 (à esquerda), Desfile ACME (centro), ACME Beer (à direita)	p.224
Imagem 87	Mr. <i>International Leather</i> (à esquerda), International Mr. Leather Mr. (centro), Gay Virgínia (à direita)	p.225
Imagem 88	<i>Watch for Horses</i> (à esquerda), 1977 <i>Levi/ Leather Tour</i> (centro), <i>Leather</i> (à direita)	p.227
Imagem 89	Physique Pictorial	p.229

Imagem 90	Zorro e seu cavalo (à esquerda), Zorro Armado (centro) Zorro de Volta, a justiça será feita (à direita)	p.230
Imagem 91	A Vida Secreta de Tyrone Power	p.232
Imagem 92	Loção Brilhante (à esquerda), Calvície já era (centro), How old will your face (à direita)	p.235
Imagem 93	King's Barber (à esquerda); Atletas ingleses (à direita)	p.236
Imagem 94	Catálogo de roupas gays	p.237
Imagem 95	Show de hipnose (à esquerda), Hipnose (centro), Sensational sex (à direita)	p.239
Imagem 96	Praia (à esquerda), Um flagrante absolutamente insólito (centro), Claus Meyer (à direita)	p.240
Imagem 97	Adam Scull (à esquerda), Rose Hartman (centro), Richard Corkey (centro), Felice Quinto (à direita)	p.242
Imagem 98	Gay Power (à esquerda); Gay Sunshine (centro-esquerda); Le Salon (à direita), Leitor no Le Salon (à direita)	p.243
Imagem 99	Toys década de 1970 (à esquerda), The first douch for men (centro), A longer thicker pênis(centro), Dildo (à direita)	p.244
Imagem 100	New Rush (à esquerda), Popper Topper (centro), Popper: thrill ou treat (ao centro); Clímax (à direita)	p.246
Imagem 101	Rondas Curtas	p.254
Imagem 102	O Ministério Invisível (à esquerda); O FBI brasileiro (centro-esquerda), Aula de Etiqueta (centro), Judô e Karatê (à direita)	p.262
Imagem 103	Sean Connery corta fita simbólica	p.264
Imagem 104	Organograma do Poder Ditatorial	p.266
Imagem 105	Jornal Posição (à esquerda), Qual é a posição do Exército? (à direita)...	p.278
Imagem 106	Le Gai Pied (à esquerda), Gay Sunshine Press (centro), Lambda (à direita)..	p.287
Imagem 107	Glory Hole	p.289
Imagem 108	Jornal do Gay (à esquerda); RFD Winter (ao centro), Pray to Jesus (à direita)	p.294
Imagem 109	Antônio Chrysóstomo (à esquerda), Adão Acosta (centro), Aguinaldo Silva (centro), Francisco Bitencourt (à direita)	p.298
Imagem 110	Nudez Masculina (à esquerda), Nudez feminina (à direita)	p.304
Imagem 111	MNUCDR (à esquerda), Grupo Adé Dudu (à direita)	p.311

Imagem 112	Carnival in Rio (à esquerda); Carnaval dos Enxutos (ao centro); Enxutos pulando as grades (à direita)	p.314
Imagem 113	Gritar e gemer (à esquerda), Arrancar os cabelos (centro), Provocar desmaios (à direita)	p.316
Imagem 114	Ultraviolência (à esquerda), Laranja Mecânica e Lambe Botas (à direita) ...	p.325
Imagem 115	Gay Bondage (à esquerda); B/D (ao centro); B/D (à direita)	p. 326
Imagem 116	Sadomasoquismo (S/M)	p.328
Imagem 117	Val Martin (à esquerda), Mamilos (centro), Pau de Arara (centro), Fetish Footnotes (à direita)	p.331
Imagem 118	Slave	p.334
Imagem 119	Pingos de vela (à esquerda), Vela (à direita)	p.337
Imagem 120	S/M Ads (à esquerda), RFM Produtos (centro), Submission Party (à direita)	p.339
Imagem 121	Membro do club leather Buul (à esquerda), Fraternidade Kelway Cops (centro), Encontro Mr. Leather (à direita)	p.340
Imagem 122	Camisa Lion Pub (à esquerda), Gift List (centro), Bizarre Toys (à direita).....	p.341
Imagem 123	Cadeira de tortura (à esquerda), Gaiola de prazer (à direita)	p.343
Imagem 124	Corpo em suspensão (à esquerda), Brinquedos sexuais (à direita)	p.344
Imagem 125	Mike's Corra (à esquerda), Slave em Bondage (à direita)	p. 344
Imagem 126	The Catacombs	p.345
Imagem 127	Michel Piccard	p.346
Imagem 128	Leonard Matlovich – Vernon Berg (à esquerda), Leonardo Matlovich (centro), Perry Watkins (à direita)	p.383
Imagem 129	Aliança Exército e Polícia Militar (à esquerda), Lula e Collor apertam as mãos (à direita)	p.398
Imagem 130	Army hounds two men to death (à esquerda), A corte defende o banimento de gays (à direita)	p.398
Imagem 131	Os gays vão à Guerra (à esquerda), Eles apoiam, mas juram que não são (centro), El primer militar gay (à direita)	p.399
Imagem 132	Exército arquiva a deserção (à esquerda), Médicos são acusados de perseguir militar (à direita)	p. 405

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por toda educação, disciplina e acolhimento em um ambiente familiar saudável. Ao meu pai, Antônio Fortes, pelo exemplo de força, caráter e segurança. À minha mãe, Silvanaide Resende, pelo exemplo de amor, conforto e apoio. À minha irmã, Kelynnne Fortes, por compartilhar comigo o nome, o sangue e a vida.

À prof^a. Dr^a. Elizângela Barbosa, por aceitar ser minha orientadora neste projeto. Sempre disposta a suavizar o ambiente em momentos de tensão no processo de aprendizagem. Sua orientação segura, refinada e inspiradora foi fundamental para essa pesquisa. Sua gentileza, cuidado e humanidade permanecem como marcas de afeto e estima.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (PPGHB-UFPI), prof^a. Dr^a. Terezinha Queiroz e prof. Dr. Pedro Vilarinho, prof. Dr. Francisco Nascimento, prof. Dr. Fábio Leonardo, prof. Dr^a. Cláudia Cristina, por despertarem inspiração intelectual. Assim como, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), prof. Dr^a. Rossana Marinho, prof^a. Dr^a. Francisca Verônica, prof^a. Dr^a. Rosângela, pois contribuíram para o desenvolvimento do trabalho.

Aos amigos Breno Tajra, Marcelo Henrique, Ana Beatriz Oliveira, Erica Aguiar, Iago Masciel, Fábila Fabíola, Yasmin Moura, Esdras Felipe, Marco Antônio e Julia Rahab, pelo afeto compartilhado em algum momento de um mesmo espaço-tempo, tornando essa jornada aprazível e significativa.

Por fim, aos professores na banca de defesa: Dr. Fábio Leonardo, Dr. Bagiotto Botton, Dra. Cláudia Cristina, Dra. Sabrina Steinke e Dra. Laura Lene Brandão pela leitura atenta e apontamentos importantes.

INTRODUÇÃO

Ninguém é perfeito e eu, com 65 anos de vida, e 50 anos de vida pública, considero que é preferível errar pela tolerância, por isso eu sou tolerante. Agora, o que estamos fazendo interessa à Revolução como exemplo, não como solução. O que estamos fazendo não resolve os problemas da Revolução. Revolução e questão de mentalidade, se podemos dar o exemplo com pouca gente, porque vamos encher as cadeias, portanto, não se trata apenas de cassação. O que eu tenho muito é o senso da medida e a experiência necessária para avaliar o que é suficiente para servir de exemplo. *O castigo nunca deve ser aplicado para ferir indivíduos e sim para defender a coletividade. Esse é o meu ponto de vista desde Tenente do nosso Exército, desde quando passei a ter uma parcela de autoridade nas mãos. O castigo deve servir como exemplo a coletividade...* [...] E isso que eu quero, isso de ter coração grande não se aplica para mim. *Eu me considero até mau* (risos).¹ (grifos nossos).

[...]

Quando o meu filho chegou em casa de férias, sabedor desse seu vício, coloquei-o despido e examinei-o, o senhor pode acreditar fiquei horrorizado com o que vi, o menino estava completamente arrebitado, com o ânus totalmente infeccionado, então a base de muita pressão, ameaças e até mesmo pancada fiquei sabendo da verdade, ele praticava essas baixezas três, quatro vezes por dia, as vezes até com dois ou três ao mesmo tempo em lugares diversos, matos adjacentes, pavilhão e banheiros a noite e outros lugares, em vista disso castiguei-o o máximo possível, mas nunca deixando de ter com ele um diálogo franco e aberto mostrando sempre como ele estava errado. Com esse menino já empreguei todos os métodos possíveis, já lhe dei muito amor, carinho, compreensão e amizade, mas os resultados positivos foram muito poucos [...]. Se ele voltar a fazer voluntariamente esses atos imorais, então eu lhe peço a maior medida possível, *aplique-o o pior castigo*, soube que os senhores nessa escola têm solitária, caso ele volte a errar ponha-o na solitária o tempo que o senhor achar necessário, e *faça ver aos outros porque-ele está sendo castigado*.² (grifos nossos).

O primeiro trecho consta da ata de reunião do Conselho de Segurança Nacional (CSN), de 1969. Irônico e sagaz, o general-presidente Arthur da Costa e Silva articulava a violência sob o disfarce de um discurso de ordem, diante do receio da anarquia. Nesse contexto, sua fala categórica sobre a necessidade da punição exemplar revela um projeto político no qual o poder se legitimava pela administração da dor e pela pedagogização da população por meio do castigo. Ao propor uma dose de dor necessária, o regime militar transformava o sofrimento em técnica

¹BRASIL. Conselho de Segurança Nacional. Ata de reunião. Brasília, 1969. BR_DFANBSB_N8_0_ATA_0005_0001_p_001_070_D0001DE0001, p. 126. Arquivo Nacional – SIAN.

²BRASIL. Ministério da Justiça. Rio de Janeiro, 1976. BR_RJANRIO_TT/0/IRR/PRO/0575/BR_RJANRIO_TT_0_IRR_PRO_0575_D0001DE0001. Arquivo Nacional – SIAN.

de governo, aproximando-se daquilo que Agamben denominaria estado de exceção, em que a suspensão dos direitos políticos convertia o cidadão em vida nua, sujeita à violência soberana.

As reuniões do CSN operavam, portanto, como tribunais de exceção, julgando indivíduos considerados “subversivos” e legitimando a suspensão de garantias fundamentais. Desde 1964, os atos institucionais vinham sendo elaborados justamente para resolver questões que, em regimes democráticos, dependeriam do diálogo e do consenso em amplos setores sociais. Ao contrário, no Brasil do período, tais instrumentos conferiam ao Estado um caráter autoritário, sustentado pela anuência de parte significativa da sociedade civil e pelo apoio estratégico dos Estados Unidos. Dessa forma, o CSN constituía-se como engrenagem central de um regime que, ao mesmo tempo em que invocava a ordem, organizava juridicamente a violência e a exceção como métodos permanentes de governo³.

O segundo trecho corresponde a uma carta enviada por um pai ao Estado ditatorial, em 8 de março de 1976, na qual transfere parcela de sua responsabilidade paterna ao diretor de disciplina da Fundação Abrigo do Cristo Redentor, Sr. Laudir. Na condição de pai e autodeclarado “homem coerente”, expõe suas angústias em relação ao filho e recomenda que sobre ele seja aplicada a punição mais severa possível, como forma de correção. O genitor afirma ser homem solteiro, obrigado a trabalhar, e, por isso, incapaz de manter o filho recluso em casa, já que este, ao menor descuido, fugia e se misturava com “marginais”.

Essa carta íntima revela que a lógica das medidas disciplinares não apenas circulava no âmbito estatal e institucional, mas também era conhecida e legitimada dentro da esfera familiar. Assim, observa-se a constituição de uma rede de cooperação disciplinar na qual a autoridade paterna era compartilhada, subsidiada e reforçada por outras figuras masculinas investidas de poder. Nesse movimento, a violência corretiva deixa de ser monopólio exclusivo da família e passa a articular-se com instâncias estatais e paraestatais, reforçando a pedagogia autoritária do período⁴.

Os dois trechos permitem compreender que a figura do “bom pai” e a do “bom chefe de Estado” se articulam a partir de códigos de masculinidade que associam a autoridade à

³FICO, Carlos. **O Grande Irmão**: da operação brother sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2008.

⁴ O Abrigo do Cristo Redentor tinha uma função semelhante à Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), uma instituição criada por lei em 1964, com a lei federal 4.513/64 que, a instituiu em substituição ao serviço de assistência a menor (SAM), com diretrizes unificadas para todo o governo federal, com o objetivo de promover assistência aos menores entre 0 e 18 anos de idade. E, em 1967, a lei estadual 1.534 autorizou o executivo a instituir a fundação estadual do bem-estar do menor (Febem), que seria vinculada à Secretaria de Estado e Serviço Social e destinada a prestar assistência. Ver: RODRIGUES, Gutemberg Alexandrino. **Os filhos do mundo**: a face oculta da menoridade (1964-1979). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

capacidade de gerir a população como se fosse um filho: impor limites, infligir dor e exercer violência sob o signo da correção⁵, da formação do caráter e, possivelmente, até de uma dimensão de prazer em punir como deixa entrever a afirmação “eu me considero até mau”, seguida de risos.

As fontes evidenciam que a dor não é apenas um dado fisiológico, isolado da experiência humana, mas atravessada por uma perspectiva mais ampla do sujeito, em sua multiplicidade bio-psico-sócio-histórico-existencial-espiritual. Nesse sentido, a violência corretiva assume contornos sociais e culturais, para além de suas dimensões psicológicas e físicas, sobretudo quando legitimada por uma narrativa pedagógica pautada em valores morais de “decência”. Essa pedagogia da dor e da disciplina encontra respaldo nos discursos de setores da sociedade civil durante o regime ditatorial brasileiro, revelando como práticas de correção e castigo eram naturalizadas e até celebradas como instrumentos de manutenção da ordem⁶.

A construção imagético-discursiva do que se apresentava como “homem moderno” durante a Ditadura Civil-Militar estruturava-se por meio de uma linguagem que produzia sujeitos generificados, posicionando-os como masculinos ou femininos. A virilidade, nesse contexto, era interpretada a partir de códigos de poder que atravessavam tanto a esfera doméstica quanto a esfera pública. Nesse ponto, urge salientar que não há sujeito fora da linguagem, pois o corpo é interpelado por ela em suas múltiplas formas de expressão, não se restringindo à palavra escrita, mas englobando todos os signos, gestos e práticas que o atravessam⁷.

Na Ditadura Civil-Militar, a virilidade constituía-se como uma linguagem instrumentalizada por códigos, gestos e palavras, funcionando também como atributo de valor nas relações cotidianas da sociedade civil e na própria gerência militarizada da nação. Havia uma correspondência simbólica entre o ideal de resolutividade voltado à solução de crises e conflitos articulado a promessa de realização de sonhos e de segurança. Performar a aparência e os gestos de um homem viril significava, em muitos setores sociais, solicitar legitimidade

⁵CASTRO, Jeferson Martins de. “**A violência virtuosa**” e **a construção do militar torturador no Brasil**: um retrato sociológico. Doutorado em Sociologia – Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2022.

⁶Sobre a população residente, por situação de domicílio e sexo, segundo as grandes regiões e unidades da Federação, é possível perceber o aumento vertiginoso das cidades, a migração para os centros e abandono gradual de um estilo de vida rural, principalmente na virada da década de 1960 para 1970, quando a população urbana supera a população rural, permitindo uma maior eclosão de tensionamentos entre valores da campo e o novo modo de vida urbana, inserida em uma atmosfera da modernização em detrimento do atraso. Ver: IBGE. Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2. ed. rev. e atual. do vol. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v3.pdf>. Acesso em: dez. 20024. p. 36-38.

⁷DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia I. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

para existir a partir do lugar da autoridade resolutiva e provedora, encarnada na figura do “pai” e/ou do “presidente”. Nesse horizonte, a virilidade articulada à masculinidade militar pressupunha o corpo disciplinado: firme para enfrentar a “guerra interna” e operante para combater os “inimigos” até a morte. Assim, consolidava-se a imagem do militar como “herói nacional”⁸.

O discurso da violência e a aplicação sistemática da dor se articulavam à linguagem da ternura e da hostilidade, consolidando circunstâncias que legitimavam o ato violento como algo necessário ou positivo. Esse processo contribuiu para a configuração das masculinidades viris durante a ditadura, ao moldar homens capazes de exercer controle, poder e disciplina. Ao mesmo tempo, a evasão da disciplina e a resistência à pedagogia da dor mobilizaram alguns jovens a buscar liberdade e autonomia sobre seus próprios corpos, tensionando a autoridade paterna e desafiando os códigos sociais impostos, evidenciando a ambivalência e a complexidade das relações de gênero no contexto brasileiro ditatorial.

Importa ressaltar que o discurso sobre a dor possuía uma função pedagógica, acionada para demonstrar o domínio do comportamento masculino e o exercício da violência como capacidade de infligir sofrimento com significado educativo⁹. Em muitos casos, os homens aprendiam a lógica da violência em um sistema baseado na reciprocidade de agressão, de modo que qualquer desvio mínimo dos códigos de virilidade dentro da fraternidade era frequentemente sancionado com exclusão ou violência pelos demais integrantes, criando um clima contínuo de tensão e vigilância entre os membros do grupo¹⁰.

Nesse contexto, o uso da dor revelava a funcionalidade dos suplícios em diversas esferas, sistematicamente engendrados em instituições disciplinares do período, como escolas, prisões e organizações afins. A estratégia para o exercício do poder punitivo buscava atingir objetivos específicos de coesão social, articulando a dominação a partir de uma lógica de causa

⁸ KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁹ GAUER, Gabriel J. Chittó, Gauer, Ruth M. Chittó (org.). **A Fenomenologia da Violência**. Curitiba: Juruá, 1999.

¹⁰ Entre 1920 e 1950, era um hábito entre camadas da burguesia, uma adolescência das más companhias, uma garantia religiosa ou política tranquilizava a família. A adolescência permitiu para alguns garotos uma certa diversão desenfreada sem que isto ofenda as posições sociais em que estão inseridos, a exemplo de eventuais bebedeiras e algazaras, podendo incluir no repertório de práticas, as rixas entre outros grupos, compreendidos em termos de uma masculinidade desenfreada e até tolerada. Assim, em grupos, em bandos que os homens jovens conhecem o bar, o lugar de sociabilidade masculina em que, enfrentam percalços na iniciação viril, com o consumo de álcool, jogos de azar, saída da infância, junto com outros códigos de comportamento e outras hierarquias de bebidas e de jogos, a exemplo dos “*maîtres gars*” egressos do serviço militar que ensinam aos demais a arte do bilhar. Ver: BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

e efeito¹¹, na qual o “erro” funcionava como pretexto para a imposição da violência¹². A legitimação dessa pedagogia violenta se encontrava difundida, ainda que quase tacitamente, entre segmentos da sociedade¹³. Assim, o exercício do poder autoritário, aliado ao discurso de proteção de um regime ditatorial e às decisões arbitrárias, caracterizou efetivamente o Estado de Exceção.

Assim, apesar de seu aparato de controle, essa forma de vida revelou-se insuficiente para abarcar as múltiplas expressões de gênero e desejo sexual presentes na sociedade. O estranhamento em relação à dissidência da performance viril legitimava o uso da violência, tanto para “corrigir” quanto para punir com prazer sádico, reforçando hierarquias entre masculinidades. Nessa lógica, o ato de “pederastia” e o sujeito identificado como “pederasta” eram mobilizados para justificar a imposição de poder por homens considerados viris, mesmo fora das relações familiares, como evidencia a carta do pai, Sr. Laudir, ao interventor da Fundação Abrigo do Cristo Redentor Cidade dos Meninos. A partir disso, este estudo investiga como as masculinidades, a “pederastia” e o Estado se articulavam no Brasil durante a Ditadura Civil-Militar, com foco nas décadas de 1960 e 1970, revelando os modos pelos quais o poder e a virilidade se entrelaçavam na formação de sujeitos e instituições¹⁴.

Estudos indicam que a violência é constitutiva das relações sociais desde o período colonial¹⁵, atravessando corpos, produzindo sentido e estabelecendo vocabulários de poder, reproduzindo códigos de masculinidade nas interações cotidianas de forma banal e sistêmica¹⁶. Ao mesmo tempo que opcional, podendo se manifestar como crueldade ou potência de vida¹⁷. Ademais, esses códigos não se restringem a grupos militares, elites ou a orientações sexuais

¹¹FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2004.

¹²Nesse ponto, todo agenciamento discursivo que se elaborou para docilizar, desumanizar, reprimir e torturar. Ver: BECKER, Annette. Extermínios: o corpo e os campos de concentração. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

¹³PELBART, P-P. **O avesso do niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

¹⁴De modo semelhante, a educação espartana baseada na coragem para o combate, obediência às leis, respeito aos deuses. A masculinidade se articulava na noção de *andreia*, consistindo em associar a coragem verdadeira e obediência, dado que não convém afastar-se das ordens, mediante uma educação viril. Assim, a exaltação da coragem física junto aos cidadãos de Esparta se traduzia pelo castigo daqueles que não correspondiam ao modelo. Logo, existiu uma classificação de homens considerados inferiores por terem sido “medrosos” (trésantes). Ver: SARTRE, M. Virilidades Gregas. In: CORBIN, A; COURTINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

¹⁵No Brasil, desde o período colonial, instauraram-se relações hierárquicas tanto no campo social quanto no sexual, nas quais a violência era prática cotidiana, como demonstram os castigos aplicados às pessoas escravizadas. Não obstante, se delineava nesses primórdios brasileiros uma “cultura do estupro”, ainda enraizada no país. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

¹⁶ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹⁷GADELHA, Juliano. **O Sensível e o Cruel**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.

específicas¹⁸, mas se articulam em embates e negociações¹⁹, gerando identificações, afetos e ressentimentos, enquanto reforçam a obediência a instituições e normas, tanto na esfera doméstica quanto na pública²⁰.

Le Breton evidencia o ruído geracional entre pais e filhos ao longo do tempo, particularmente na adolescência, período marcado pela busca de novos modelos de identificação e atravessado por dilemas sobre expectativas de vida, projetos futuros e o papel da família. Nesse estágio, a violência pode emergir como sintoma da dificuldade em lidar com a alteridade, uma vez que o tempo lógico da adolescência pode ser compreendido como um luto pelo corpo infantil, pela perda da figura parental absoluta e pelo desafio de lidar com a sexualidade própria diante do encontro com outros corpos sexuados, configurando-se como um tempo de constrangimento e embaraço²¹.

Soma-se a esse estágio da juventude, o contexto de contradições entre o discurso de progresso e as limitações concretas da vida cotidiana que abriram espaço para a emergência de novas formas de identificação e de múltiplas subjetividades. No vácuo deixado pela precariedade das instituições e pelo descrédito nas promessas de modernização, jovens buscaram no consumo cultural e em estilos de vida alternativos, como os hippies, jovens místicos, punks, motoqueiros e demais movimentos contraculturais onde os modos de afirmar sua diferença, questionar o padrão de desenvolvimento e construir experiências coletivas de pertencimento.

Entre as décadas de 1960 e 1970, a sociedade brasileira passou por um intenso processo de urbanização, surgindo espaços urbanos voltados ao prazer e ao consumo hedonista. Nesse contexto, desenvolvia-se um mercado erótico e emergia um regime fármaco-pornográfico²², marcado pelo uso de psicotrópicos e pela administração da dor, que historicamente se configurava como uma forma tradicional de punir e “purificar” os indivíduos diante de suas transgressões²³. Assim, uma parcela da juventude, mais receptiva às ressonâncias da contracultura, passou a abrir espaço para uma agência do desejo disruptivo, em tensão com as

¹⁸DOSSE, François. **História do Estruturalismo**: o canto do cisne (de 1967 a nossos dias). Vol. II. EDUSC, 2007.

¹⁹CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

²⁰LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, Vozes, 2009.

²¹LE BRETON, David. **Uma Breve História da Adolescência**. Belo Horizonte: editora PUC Minas, 2017.

²²Nesta matriz de compreensão do mundo, a percepção da sexualidade unicamente para a reprodução se tornou relativamente obsoleta, em relação ao advento da tecnologia farmacopornográfica, que diz respeito a uma maior visibilidade das interações sexuais mediadas por dispositivos tecnológicos (poppers, pílula contraceptiva, viagra, testo, psicotrópicos...), pluralizando as formas de percepção sobre a práticas de fruição, de gozo e de performance sexual. Ver: PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Editora Nº 1, 2018.

²³LE BRETON, David. **Antropología del dolor**. Editions Métailié: Paris, 1995.

normas sociais vigentes, estabelecendo negociações de horizontes possíveis em meio às fricções do coletivo²⁴.

Nessa trama micropolítica, política e geopolítica se entrelaçam, envolvendo países do Cone Sul sob regimes ditatoriais com estreitos vínculos ao projeto capitalista, como o Paraguai em 1954, a Argentina em 1966 e 1976, o Uruguai em 1973 e o Chile em 1973²⁵. O Norte Global, imerso na Guerra Fria, experienciava os efeitos da competição entre os dois grandes blocos, a saber: Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), refletida em uma corrida armamentista e tecnológica que questionava muitas certezas da vida, incluindo a ameaça nuclear, o avanço na exploração do universo e o êxito do pouso na Lua²⁶.

Desde as primeiras décadas do século XX, o socialismo e o anarquismo influenciaram a organização dos trabalhadores em suas diversas manifestações²⁷. Posteriormente, a eclosão da Revolução Socialista Cubana e da Revolução Chinesa, assim como as técnicas de guerrilha, impactaram os movimentos de resistência em outros locais, incluindo diversos países da América Latina²⁸. Nesse ponto, o Brasil, alinhado aos interesses do bloco ocidental, instaurou a Ditadura Civil-Militar em 1964, sustentada pelo receio do avanço comunista e pelo desejo de consolidar o “progresso” nacional. Essa ditadura se articulou com setores da sociedade civil, implementando um regime autoritário que buscava controlar as relações sociais, a economia e as práticas culturais, moldando masculinidades, normas de comportamento e hierarquias de poder. Logo, a política interna brasileira, portanto, dialoga com as pressões geopolíticas da Guerra Fria e das experiências regionais de repressão e militarização, revelando a complexa interseção entre interesses globais e dinâmicas sociais locais.

²⁴GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

²⁵QUADRAT, Samantha Viz.; ROLLEMBERG, Denise (org.). **A Construção Social dos Regimes Autoritários**: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

²⁶O pouso na lua marcou simbolicamente uma vitória aos EUA na corrida tecnológico-armamentista da Guerra Fria e representou “um pequeno passo para o homem, mas grande para humanidade” em referência à revolução tecnológica e às possibilidades científicas decorrentes. Ver: BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História das Guerras**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2014.

²⁷A organização e estruturação que posteriormente se convencionou chamar de trotskismo ocorreu no final dos anos 1920, uma vez que estava em escalada internacional a polêmica de Stalin e Trotski na disputa pela liderança nos rumos da Revolução Soviética de 1917 e do Estado Soviético, e em patamar regional, o Partido Comunista do Brasil. As principais organizações Trotskistas brasileiras nos anos 1930 eram: Grupo Comunista Lenin (GCL), Liga Comunista do Brasil (LCB), Liga Comunista Internacionalista (LCI), Partido Operário Leninista (LOL), Partido Socialista Revolucionário (PSR), ver: KAREPOVS, Dainis; NETO, José C. M. O Trotskismo e os Trotskistas: os anos 1920 e 1930. In.: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A Formação das Tradições** (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

²⁸No cenário urbano, a VAR, ALN, o MR-8, entre outras organizações e no campo, a guerrilha do Araguaia. Ver: GREEN, James N. **Revolucionário e Gay**: a extraordinária vida de Hebert Daniel, pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Para alguns jovens, a resistência à lógica capitalista também representava uma sensação compartilhada de justiça coletiva, que posteriormente se materializou em ações armadas, confrontos partidários ou no fortalecimento de modos de vida não utilitários, transitando pelo universo das artes, das letras e de formas de expressão de si, além de aproximar-se de outros em uma espécie de revolução íntima e sentimental. Nesse contexto, os atos do governo militar frente aos jovens considerados subversivos ou revolucionários desencadeavam uma série de agitações e respostas contestatórias²⁹.

Outra nuance desse movimento envolvia jovens que, predominantemente, não estavam alinhados nem aos interesses capitalistas nem socialistas, não buscavam uma revolução específica, mas se encontravam imersos no descrédito de projetos universalistas e na efervescência cultural do período. Simultaneamente, seus costumes compartilhados passavam por uma reconfiguração marcada pela erosão do pudor, pela valorização do desejo e pelo compartilhamento de práticas de prazer consideradas subversivas³⁰.

Essas trajetórias juvenis, que de diferentes maneiras se opõem ao regime de inteligibilidade ordenada responsável pelo golpe militar e pela subjetividade por ele produzida, não constituem linhas de força paralelas ou estritamente opostas. Pelo contrário, elas se entrelaçam e se cruzam na conformação de um tecido social dinâmico, instável e em constante movimento. Dessa perspectiva, a análise das articulações políticas, assim como das relações de gênero e de sexualidade, requer um cuidado conceitual que considere os eventos em sua especificidade, bem como as circunstâncias históricas e contextuais que os moldam³¹.

Nesse contexto, o papel das artes, dos artistas e dos demais trabalhadores culturais consistia em expressar sentimentos mal resolvidos de determinados segmentos da sociedade brasileira, tarefa que se concretizava por meio da produção e disponibilização de produtos culturais para consumo. Em alguns casos, esses produtos possuíam potencial contestatório; entretanto, ao serem circulados, muitas vezes perdiam seu sentido original. Assim, os

²⁹Atos como, o sequestro de embaixadores, o surgimento de organizações armadas e preparadas para guerrilhas (rurais e urbanas), inclusive de diferentes nichos e inspiradas por diferentes ideias de Revolução Socialista. Ver: GREEN, James. **Revolucionário e Gay**: a extraordinária vida de Herbert Daniel: pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2018.

³⁰ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: formação do estado e civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

³¹Nesse ponto, trabalha-se com a ideia de orientação sexual o direcionamento não determinístico do sujeito com seu desejo sexual, um modo de ser, de sentir e de estar; diferentemente, do sujeito homossexual, sodomita e/ou pederastas que são enunciados a partir das fontes e implicam uma percepção essencialista, biologizante e desviante do sujeito, logo, distante da perspectiva histórica. Os momentos em que são utilizados esses termos se restringem à história de suas próprias circunstâncias de tempo e de local. Ver: MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 2013.

indivíduos podiam imitar ações ou direcionar interesses comuns, mas não reproduziam réplicas exatas, de modo que as relações de gênero, sexualidade e desejo permaneciam em constante redefinição junto às massas. Esse processo permitia espaço para a singularidade e a forma individual de ser, que não se perdia no entrelaçamento ontológico da vida, mas se deslocava pelas estruturas de poder, transitando pelos regimes de verdade do Estado ditatorial e modulando seus efeitos sobre a sociedade.

O regime militar buscou lidar com uma sociedade civil idealizada e homogênea, em contraste com uma realidade social marcada por heterogeneidade e desigualdade nas oportunidades, sobretudo em um contexto em que as diferenças eram estruturadas pelas carências e vulnerabilidades humanas. A configuração das relações de poder tornou possível não apenas a concretização do golpe político, mas também a emergência de grupos e subgrupos identitários em meio a transformações sociais e culturais complexas, nas quais novas clivagens surgiam na organização da produção e do consumo, atravessando transversalmente a estrutura do Estado e gerando uma pluralidade de interesses.

Ideias comunistas e anarquistas penetraram no Brasil por livros, folhetos e jornais vindos da Europa, chegando pelos portos do Rio de Janeiro e de Santos e circulando pelo país, atingindo as pequenas cidades³². Para conter a percepção de descontrole social, a imprensa foi regulamentada em 1967 pela Lei nº 5.250, restringindo a liberdade de expressão. Em 1968, a situação se agravou com o AI-5 e o Decreto-Lei nº 898 (Lei de Segurança Nacional), complementado em 1969 pelo Decreto-Lei nº 1.077, que instituiu a censura prévia e proibiu publicações contrárias à moral e aos costumes, protegendo a família e orientando a formação da juventude segundo valores considerados éticos e sadios.

A consolidação do controle estatal sobre a circulação de ideias e informações, por meio de leis e decretos que visavam preservar a moral, os costumes e a “formação ética” da juventude, não se limitava apenas à esfera política-partidária. Essa vigilância também se estendia às práticas sociais e sexuais, incluindo as interações homoeróticas, cujas múltiplas formas e significados começaram a se tornar visíveis. Assim, a repressão e a normatização impostas pelo Estado Ditatorial atravessavam não apenas a produção de conhecimento e a imprensa, mas também a configuração das relações afetivo-sexuais, moldando os corpos, os

³²No que se refere ao movimento anarquista no Brasil, destacam-se as “Fraternidades” fundadas por Bakunin, derivando de uma movimentação internacional e posteriormente, se tornou um projeto comum a movimentos nacionais. Ver: TOLEDO, Edilene. A Trajetória Anarquista no Brasil na Primeira República. In.: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A Formação das Tradições** (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

gestos e os códigos de comportamento dentro de uma sociedade que buscava controlar e disciplinar todas as dimensões da vida social.

As relações sexuais, sociais e étnico-raciais impulsionaram mudanças nas interações homoeróticas, evidenciando formas plurais de expressão antes mantidas em sigilo. A cartografia sentimental de alguns homens remete, em parte, à experiência do Brasil colonial, quando fontes históricas indicam comportamentos curiosos de homens na administração do território, com experiências eróticas entre si³³. Esses encontros funcionavam como pequenas trocas simbólicas, codificadas em olhares prolongados, apertos de mão e gestos sutis, semelhantes a predadores sexuais em busca de comunicação discreta³⁴. Locais públicos ou desertos eram utilizados para práticas diversas de prazer³⁵, demonstrando simultaneamente um sistema de pensamento capaz de organizar, disciplinar e domesticar os corpos, ao passo que as práticas heterossexuais e reprodutivas também estabeleciam sentidos, definindo padrões e fronteiras dentro de uma fraternidade masculina marcada por gestos ambivalentes.

A persistência dessas práticas homoeróticas é reforçada por estudos culturais que destacam a intensa atividade erótica e a paquera furtiva entre homens na segunda metade do século XX. Nas ruas, bares, cafés e praças públicas, homens que fazem sexo com homens construía e compartilhavam um universo social próprio, atribuindo novos significados às interações e criando formas de sociabilidade e resistência simbólica em meio a uma sociedade marcada pela vigilância e repressão³⁶.

A historiografia demonstra que a interação sexual entre homens, inicialmente, ocorria de maneira discreta, mediada por códigos ambíguos e quase imperceptíveis aos demais. Por meio de pequenos gestos e sinais sutis, era possível permanecer dentro das normas consideradas aceitáveis pelo regime, enquanto se integrava a um circuito subterrâneo homoerótico no mesmo espaço social. Contudo, o contexto autoritário, com a implementação da Lei de Imprensa, do AI-5 e da Lei de Segurança Nacional, restringia fortemente a liberdade de expressão e a visibilidade de práticas consideradas subversivas. Nesse cenário, o surgimento do mercado sexual permitiu que as práticas homoeróticas ganhassem maior visibilidade e dizibilidade de forma relativamente controlada, como relata Luís Capucho em suas memórias, ao descrever o Rio de Janeiro marcado por flertes e paqueras entre homens no entorno e dentro do cinema

³³ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, editora da UFRGS, 2016.

³⁴DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

³⁵VIANA JÚNIOR, Mário Martins. **Masculinidades no Brasil colonial**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

³⁶PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Orly³⁷, em locais públicos, festas privadas e apartamentos universitários, até a consolidação de espaços mais específicos, como “hotéis para cavalheiros”, clubes, saunas e fraternidades³⁸, que articulavam a expressão do desejo com a necessidade de transitar em um regime de vigilância, de punição e de gozo sádico.

O sistema sexo-gênero-desejo encontrou na interdição da Guerra Fria e da Ditadura um terreno fértil, articulando poder-saber, rumores e discursos religiosos, jurídicos e médicos à emergência de comunidades homoeróticas influenciadas pelo Norte Global. Práticas sadomasoquistas e fetichistas, veiculadas em jornais de nicho, demonstram que a visibilidade do desejo masculino não foi mero acaso nem resultado exclusivo do contexto geopolítico, mas resultado de fatores culturais específicos do Brasil, em um período marcado por relações entre homens pautadas no prazer, no silêncio³⁹, na camaradagem⁴⁰ e no entendimento tácito do que constituía o gozo⁴¹.

A Ditadura Civil-Militar aumentou sua margem de atuação utilizando o discurso da necessidade de moralizar a Administração Pública e demais setores da vida social. Esse contexto legitimava atos arbitrários, como os Atos Institucionais, funcionando como um mecanismo de vigilância e punição sobre os homens que ocupavam funções públicas, restringindo direitos e garantias fundamentais. Os atos institucionais tinham como objetivo preservar as estruturas tradicionais da sociedade, articulando uma masculinidade viril às posições de poder, em detrimento da retórica, do debate e do consenso, e reforçando o mito do perverso como figura estereotipada do dissidente⁴². Logo, uma teia imagético-discursiva legitimava atos arbitrários para vigiar e punir homens em funções públicas, restringindo direitos e consolidando uma masculinidade viril ligada ao poder⁴³.

³⁷CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

³⁸O uso do conceito de locais comerciais para encontros sexuais (LCES) foi elaborado por Braz, como territórios que surgem com o mercado sexual e que restringem a percepção visual do corpo, terminam por borrar os marcadores sociais da diferença na escolha do parceiro sexual. Ver: BRAZ, Camilo Albuquerque de. Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas**, n. 03, 2009, p. 75-95.

³⁹KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

⁴⁰TAMAGNE, Florence. Mutações Homossexuais. In.: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da Virilidade**: vol. 3. A Virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

⁴¹Incluindo relações com animais domésticos e selvagens que era uma prática comum e que extrapolava o limite do consentimento, razão pela qual não pode ser estimulada, porém muito difundida nas sociedades rurais antes da era digital, ver: QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **História, Literatura e Sociabilidades**. Teresina: EDUFPI; Academia Piauiense de Letras, 2015.

⁴²ROUDINESCO, Elizabeth. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

⁴³RUIZ, Castor M. M. B. A Normalidade da Violência Cultural como Processo de Negação da Alteridade. In.: MUSSKOPF, André; STRÖHER, Marga J. (orgs.). **Corporeidade, Etnia e Masculinidade**: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

A desconsideração pela dignidade alheia, a escassa empatia e a indiferença às necessidades do outro revelam o caráter autoritário do regime, que utilizava a violência como instrumento de controle social⁴⁴. Em contraponto, as múltiplas expressões culturais, étnicas e sociais do país desenvolveram-se em matrizes plurais e singulares, oferecendo lições de convivência e ampliação de horizontes, evidenciando a resistência e a diversidade que sobreviviam à atuação estatal⁴⁵.

Assim, as diferentes expressões culturais, étnicas/raciais e sociais do país foram pensadas a partir de uma matriz de pensamento plural e singular, onde a experiência brasileira e a trajetória individual de algumas pessoas possuem caráter pedagógico, ensinando a convivência e a coexistência com as diferenças. A emergência desses grupos identitários, denunciando desigualdades e privilégios culturais e sociais, confrontava a conexão entre o exercício da autoridade e a representação de um sujeito universal masculino viril, heteronormativo e branco. Essas críticas, em grande parte originadas do pensamento feminista, questionavam a organização sistêmica do patriarcado e desencadearam lutas por direitos civis, políticos e sexuais⁴⁶, abrindo caminho para uma lenta, mas contínua, institucionalização da democracia no país⁴⁷.

Nesse contexto, Movimento Negro Unificado (MNU) e o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), fundado em 1978. Essas organizações articularam debates e manifestações públicas contra o racismo e a violência policial⁴⁸, expressando a resistência de setores marginalizados pela Ditadura Civil-Militar. Em 1981, já se contabilizavam mais de vinte grupos homossexuais organizados, originários de diferentes estados das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, promovendo campanhas de repúdio à repressão policial direcionada a gays, lésbicas, travestis e outras minorias sexuais. Paralelamente, o Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF)

⁴⁴O Terrorismo de Estado é um conceito utilizado por pesquisadores das violências aos direitos humanos promovidas pelo Estado Brasileiro durante o golpe civil-militar de 1964, considerando a ilegitimidade do poder. Muito embora, essa tenha sido a narrativa para fundamentar a tortura sistemática por parte dos militares, o terror dos considerados subversivos. Ver: STEINKE, Sabrina. **A Repressão Política na Fronteira Uruguaiana – Paso de Los Libres** no final da década de 1970. Tese de Doutorado em História do Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIS. Brasília: UNB, 2016.

⁴⁵GAUER, Ruth. Da diferença perigosa ao perigo da igualdade: reflexões em torno do paradoxo moderno. **Civitas** – Revista de Ciências Sociais, v. 5. n. 2, jul-dez. 2005.

⁴⁶HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴⁷Considerando o fim dos anos 1960, para uma parcela da juventude ocidental, com a efervescência cultural do ano de 1968, o verão do amor, o woodstock, o avanço do mercado de consumo e da indústria cultural artística e fonográfica, além da indústria psicotrópica e erótica, posteriormente, o início da década de 1970, com o fim das guerrilhas no Brasil. Ver: ANDERSON, Perry. **Brasil à Parte** (1964 -2019). São Paulo: Boitempo, 2020.

⁴⁸SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

destacou-se ao apoiar associações de mulheres e ao contestar a violência sexual⁴⁹, elaborando o jornal *Chana com Chana*, que defendia as práticas sexuais entre mulheres como forma de resistência à “hetero-opressão” e de solidariedade feminina⁵⁰. Essas experiências revelam como, no processo de transição democrática, a luta contra a marginalização e a construção de identidades dissidentes foram fundamentais para desafiar o modelo de masculinidade viril, heteronormativa e patriarcal institucionalizado durante o regime autoritário.

O *Chana com Chana* estabeleceu conexões com o MHB, o MNU e outras feministas que, embora não se identificassem como lésbicas, reconheciam nos homens um eixo da opressão patriarcal. Para essas mulheres, o casamento heteronormativo era percebido como uma prisão, e a relação sexual com homens, como uma potencial violação, configurando o mundo como uma constante disputa em torno do sujeito masculino universal, mediada por ritos de sedução, casamento e maternidade. No entanto, os conflitos não se restringiam à esfera masculina, pois as integrantes do *Chana com Chana* também geraram tensões com outras feministas, cujas diferentes posições políticas produziram ruídos de comunicação e certo distanciamento entre os grupos de resistência. Essa dinâmica evidencia a complexidade das lutas identitárias e a diversidade de estratégias adotadas para enfrentar o regime ditatorial, refletindo tanto a pluralidade das experiências quanto a tensão entre solidariedade e divergência interna nos movimentos sociais⁵¹.

Nesse ínterim, as relações de poder revelavam-se heterogêneas, constituídas por diferentes alianças e negociações. Um exemplo dessa complexidade é a tese *A Mulher na Sociedade de Classes*, defendida em 1967 por Heleieth Saffioti e orientada por Florestan Fernandes, considerada uma pesquisa acadêmica pioneira ao romper a relação tradicional saber-poder e estabelecer novas referências de investigação sobre a perspectiva feminina⁵². Esse tipo de produção se ampliou no final da década de 1970, com o incentivo de instituições como a Fundação Carlos Chagas (FCC) e o financiamento da Fundação Ford, entidade estadunidense que também apoiava a publicação do jornal *Mulherio*, produzido por mulheres para denunciar estereótipos e desigualdades enfrentadas cotidianamente. O *Mulherio* destacou-se como uma

⁴⁹AGUIAR, Carolina Maia de. **Entre armários e caixas postais**: escritas de si, correspondências e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira. Dissertação de Mestrado em Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

⁵⁰CHANA COM CHANA. Iamuricumá (Amazona), jan. 1981.

⁵¹O uso da palavra “racha” entre homossexuais do emergente Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), provocou mal-estar entre algumas mulheres do movimento GALF, considerando uma postura tipicamente invasiva e misógina de pessoas sem vagina, argumentando o uso por alguns homossexuais do sentido deturpado da palavra “racha” em referência às mulheres. Ver: TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. Objetiva, 2018.

⁵²SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

publicação feminista de caráter intelectual e político, ao mesmo tempo em que ampliava a produção acadêmica sobre mulheres em diversas áreas do conhecimento, consolidando-se em 1981 como um marco da crítica social e da luta por direitos das mulheres⁵³.

A crítica ao sujeito universal masculino gerou múltiplas tensões internas: entre homossexuais de diferentes perspectivas políticas; entre mulheres feministas e homossexuais; e entre mulheres que viam a luta política como exclusiva ao gênero e aquelas que a articulavam à questão de classe, com orientações marxista, liberal e radical. Apesar dessas divergências e das narrativas reacionárias de parte da população, o período evidenciou maior sensibilidade às diferenças e resistência à submissão⁵⁴, enquanto a luta por direitos civis e políticos impulsionava a reconfiguração do Estado rumo a práticas mais democráticas⁵⁵. Nesse movimento, a transição política longa e controlada, estendendo-se de Geisel, em 1974⁵⁶, a Sarney, em 1985, culminando em 1987 com a instalação da Assembleia Constituinte, que propôs a reorganização da sociedade por meio de uma nova Constituição Federal, buscou consolidar os interesses de uma sociedade plural⁵⁷.

Independentemente do período de transição democrática, os discursos sobre corpo, gênero e sexualidade produzem aparências que possuem simultaneamente valor representativo e normativo, funcionando como verdadeiras “ficções reguladoras” da personalidade, da orientação sexual e da corporeidade. Nessa perspectiva, os modos de cuidado de si e de correção do que é percebido como defeituoso ou desviante constituem técnicas de disciplinamento que estruturam padrões corporais, sociais e de consumo. Assim, determinadas características e comportamentos são hierarquizados e valorizados, refletindo e reforçando normas de poder,

⁵³PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

⁵⁴No que se refere aos direitos civis e políticos, não basta esperar do Estado Democrático a não-discriminação, é preciso considerar o direito de resistência e não submissão, notadamente, entre os sujeitos marcados pela diferença em relação ao sujeito hegemônico. Ver: SABÁ, Roberto. **Más allá de la igualdad formal ante la ley**. ¿Qué les debe el Estado a los grupos desaventajados? Siglo XXI Editores, Buenos Aires, 2016.

⁵⁵NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **Novos Combates pela História**. Editora contexto, 2021.

⁵⁶Em 1975, surge a organização de ativistas acadêmicas na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) com o surgimento da pesquisa científica sobre a condição da mulher no país. Nesse ano também nasce o Movimento Feminista pela Anistia, fundado por Terezinha Zerbini e reunia familiares de pessoas exiladas, presas ou desaparecidas, assim como o Círculo de Mulheres Brasileiras exiladas em Paris. Ver: PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

⁵⁷O texto passou a prever direitos e garantias fundamentais, influenciados em grande medida pelos movimentos identitários feministas, lésbicos, negros, homossexuais, indígenas, ambientais e outros setores da sociedade civil. Ver: TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves. **Para além do voto**: uma narrativa sobre a democracia participativa no Brasil (1975-2010). Tese em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

moralidade e conformidade social, em consonância com os dispositivos de controle e de regulação que atravessam a vida cotidiana e a esfera pública⁵⁸.

Ademais, o embate moral que pretendia controlar o desejo sexual mostrou-se insuficiente diante da pluralidade de práticas eróticas. A apropriação do desejo homoerótico pelo mercado e sua articulação a identidades sexuais evidenciou tensões entre consumo, subjetividade e poder, revelando como o regime militar e a sociedade civil foram forçados a renegociar normas autoritárias, expondo os limites do controle social sobre o corpo e o prazer. O desejo sexual articulou-se à gestão da imagem pública e privada, exigindo do sujeito uma economia política fundada nas regras morais específicas ao contexto social em que estava inserido.

No âmbito da Ditadura Civil-Militar, o discurso sobre uma masculinidade viril inquebrantável emergiu com intensidade comparável à da Revolução dos Costumes e da Revolução Sexual, movimentos que ameaçavam a estabilidade das relações sociais e os vínculos heteronormativos de afeto. Diante disso, as estruturas punitivas do Estado apropriaram-se, em parte, de um discurso reacionário destinado a produzir corpos domesticados. Entretanto, a compreensão do corpo como uma “máquina que deseja” desestabilizou parte das famílias brasileiras, ao questionar a honra e a moralidade dos indivíduos em suas escolhas de lazer e de prazer, especialmente no âmbito erótico e sexual. Nesse cenário, o desejo homoerótico tensionou o sistema sexo-gênero-desejo, evidenciando a fragilidade da suposta estabilidade social construída sobre performances de gênero rigidamente delimitadas e práticas sexuais hierarquizadas, tradicionalmente orientadas à reprodução.

A partir disso, questiona-se de que maneira os discursos sobre corpo, gênero e sexualidade, ao mesmo tempo em que se apresentam como parte da realidade social, operam como “ficções reguladoras” que produzem e hierarquizam subjetividades, legitimando padrões de masculinidade e práticas heterossexuais como naturais entre masculinidades consideradas viris. Ademais, busca-se compreender em que medida esses discursos, articulados aos dispositivos de poder do Estado, moldam formas de disciplinamento, consumo e sociabilidade, consolidando normas de comportamento sexual como parte da ordem social e da moralidade pública.

Na análise da relação entre códigos de masculinidade, práticas sexuais e relações de poder com o Estado, esta pesquisa se apoia em conceitos teóricos que abordam o

⁵⁸KRONKA, Graziela Zanin. **A Encenação do corpo**: o discurso de uma imprensa (homo) erótico-pornográfica como prática intersemiótica. Tese em Linguística na Universidade Estadual de Campinas: SP, 2005.

engendramento do Estado e sua articulação na produção simultânea de modos de vida⁵⁹ e de morte⁶⁰, promovendo um tipo específico de subjetividade. Nesse contexto, padrões de comportamento sexual são configurados como dispositivos que legitimam e naturalizam práticas heterossexuais⁶¹, possibilitando uma investigação aprofundada sobre como essas normas e investimentos sociais se consolidam como parte da ordem “natural” das relações sociais⁶².

Nesse ponto, a virilidade pode ser entendida como um dispositivo de produção de masculinidades, estruturado em uma matriz de subjetividade que articula polos fundadores e naturalizados ao longo de processos históricos prolongados. Nesse regime de sentido, atributos como força e coragem, afirmação pessoal e domínio sexual são interdependentes, configurando práticas de reconhecimento e mecanismos de socialização temporalmente sedimentados. Tal configuração permite a transformação contínua do modelo de virilidade, sem a necessidade de abandonar as referências centrais ao vigor e à dominação, mostrando como a subjetividade masculina se inscreve em estruturas de poder, norma social e performatividade de gênero⁶³.

Segundo Adrienne Rich a compulsoriedade da heterossexualidade serve como dispositivo que funciona através de uma técnica pela qual o poder masculino é manifestado e mantido na sociedade, sugerindo para as mulheres o casamento e a orientação sexual voltada para homens⁶⁴. Certamente, de modo similar as mulheres lésbicas citadas, uma parte dos homens não se “beneficia” com esse funcionamento compulsória e sistêmico, de modo que a orientação sexual e a expressão do desejo homoerótico se tornou pauta para uma política identitária afirmativa na busca pela não discriminação e por direitos igualitários.

A identidade política tornou-se um instrumento necessário de luta e resistência para diversos grupos e subgrupos em seus contextos específicos. No entanto, essas mesmas identidades podem representar armadilhas para a autenticidade individual, uma vez que as

⁵⁹FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁶⁰MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1edições, 2019.

⁶¹Segundo Foucault, dispositivo é um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Assim, a compreensão de um dispositivo implica uma cartografia dos discursos que formam sua rede, que se intersectam e que moldam uma pessoa. Ver: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

⁶²FOUCAULT, 1988.

⁶³As referências de virilidade na Grécia Antiga remetem a *andreia*, um quadro valorativo ligado à guerra, à bravura, à dominação sexual. Ver: VIGARELLO, Georges. A Virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: CORBIN, A; COUTRTINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

⁶⁴RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, n. 05, pp. 17/44, 2010.

categorias que estruturam o sistema sexo-gênero-desejo não são coesas nem derivadas de relações lógicas universais, mas constituem categorias contingentes do ser humano, conforme argumenta Judith Butler⁶⁵.

A pesquisa concentra-se nas políticas do Brasil autoritário, nos códigos de gênero, sexualidade e desejo, e nos discursos de ordem e desordem, buscando compreender como esses elementos produzem sentido para a sociedade e moldam subjetividades insubordinadas. Segundo Suely Rolnik, o destino ético do desejo consiste em assumir a responsabilidade como ser vivo de lutar pela reapropriação das potências de criação e colaboração necessárias à construção do comum, ou seja, transformar o abuso da vida em direção à existência plena⁶⁶. Aplicado a este contexto histórico, tal perspectiva sugere que uma revolução subjetiva se torna possível quando as forças individuais e coletivas operam na interioridade do sujeito para desafiar normas autoritárias, permitindo a emergência de práticas de resistência, questionamento das masculinidades viris e construção de novas formas de sociabilidade e desejo, mostrando que a subjetividade é socialmente produzida, mas também passível de transformação crítica⁶⁷.

O trabalho se apoia em um conjunto de fontes, entre as quais destacam-se revistas de ampla circulação, como *Cruzeiro*⁶⁸ e *Manchete*⁶⁹. Esses periódicos traziam informações sobre a vida de astros de cinema, crônicas cinematográficas e registros sobre as transformações sociais, culturais e políticas do período estudado, permitindo vislumbrar concepções de frações da sociedade⁷⁰. Além disso, esse material é repleto de fotografias que direcionavam o olhar do público, construindo fantasias e moldando consentimentos sociais. Segundo Butler, a fotografia possui um efeito duplo: ao mesmo tempo que registra, naturaliza a violência e o conflito, dessensibilizando o corpo para estas experiências⁷¹. Nesse mesmo sentido, Sontag argumenta

⁶⁵BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Col. Sujeito e História, 2015.

⁶⁶ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N°1 Edições, 2018.

⁶⁷O conceito de micropolítica refere-se aos espaços e práticas cotidianas nos quais se produzem relações sociais, configurações de poder e modos de existência, evidenciando como o exercício do poder e da resistência se manifesta em instâncias locais e imediatas, muitas vezes invisíveis às grandes estruturas institucionais. Ver: GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2013.

⁶⁸Jornal de ampla circulação entre setores mais abastados da sociedade civil e clássica média brasileira. Circulou entre 1928 a 1985. O acesso ocorreu via sítio público do Biblioteca Nacional. Ver: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=55834>. Acesso em 05.04.2022.

⁶⁹Jornal de ampla circulação da classe média e rica do Brasil, circulando entre 1952 e 2000. Ver: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pagfis=151558>. Acesso em 05.04.2022.

⁷⁰LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2014.

⁷¹BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

que as imagens não revelam diretamente a história, mas produzem sensações manipuladas pelo fotógrafo, indicando a construção de significados e percepções cuidadosamente elaboradas⁷².

A produção cultural e a difusão dos meios de comunicação entre diferentes classes sociais foram marcantes no período estudado. Tanto os produtos da grande imprensa quanto os da imprensa alternativa funcionavam como espaços de troca de ideias, intercâmbio de cartas, mediação de posições políticas e promoção de debates. A partir do consumo desses veículos, torna-se possível observar distintos modos de atuação política, tipos de negociações sociais, alianças e cumplicidades, bem como os ruídos geracionais entre pais e filhos, esquerda e direita, homens e mulheres, evidenciando que os sistemas de pensamento estavam em constante disputa. Para captar as percepções de frações da juventude brasileira, foram utilizados jornais alternativos nacionais, como o *Pasquim*⁷³, e internacionais, como *Screw*⁷⁴, *Star*⁷⁵, a *Actuel*⁷⁶, entre outros⁷⁷.

No que tange à reconfiguração das práticas sexuais que indicam o impacto da Revolução Sexual na cultura democrática⁷⁸, foram utilizados jornais homoeróticos nacionais como o *Lampião da Esquina*⁷⁹, o jornal *Nuances*⁸⁰ e o jornal do *Adé Dúdí*⁸¹, além das fontes disponíveis

⁷²SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**: e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

⁷³Jornal alternativo contracultural, que circulou entre 1969 a 1991. Acesso disponível em sítio eletrônico da Biblioteca Nacional, e, em consulta pública no Núcleo de Pesquisa em Memória (NUPEM), vinculado à Universidade Federal do Piauí (UFPI).

⁷⁴Jornal alternativo contracultural que circulou em São Francisco, nos Estados Unidos. O acesso ocorreu através do acervo disponível no *Old Dominion University*, com arquivo international.org.

⁷⁵Jornal alternativo contracultural que circulou em Barcelona, na Espanha. O acesso ocorreu através do acervo disponível no *Old Dominion University*, com arquivo international.org.

⁷⁶Jornal alternativo contracultural que circulou em Paris, na França, no período de 1967 a 1975.

⁷⁷*Toco Cru Pegando Fogo*, *Chapada do Corisco*, *Boquitas Rouge* e *Gramma*, jornais contraculturais piauienses da década de 1970.

⁷⁸A sensação democrática oscila de acordo com questões diversas, o acesso à moradia e alimentação, de existência de vários partidos, da igualdade entre as pessoas por questões de raça/etnia, classe social, sexualidade e gênero, participação política em sindicatos, possibilidade de expressão, entre outros Ver: DAGNINO, Evelina. Os Movimentos Sociais e a Emergência de uma Nova Noção de Cidadania. In.: DAGNINO, Evelina. Org. **Os Anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁷⁹Jornal homoerótico brasileiro, precursor do movimento homossexual brasileiro (MHB), que circulou entre 1978 a 1981, com colunas temáticas variadas, Tendências, Troca-troca, Bixórdia, Bicharada, Colírio, Reportagens, matérias temáticas sobre a vida noturna e os lugares de prazer, como bares, saunas, clubes e afins. O acesso às 38 edições se tornaram possível graças à digitalização do Centro de Documentação prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), vinculado ao grupo Dignidade. Ver: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/?perpage=12&view_mode=cards&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta= acesso em 06.05.2022.

⁸⁰Jornal homoerótico do Rio Grande do Sul, que circulou entre 1998 a 2008, com temáticas que variavam sobre prostituição, pautas do movimento homossexual brasileiro, orientação sobre doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e infecções sexualmente transmissíveis (IST's), entre outras tendências culturais. A coleção de 31 edições foi digitalizada pelo NHP, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao acervo do CPDOC. Ver: https://www.ufrgs.br/nphdigital/subcoleccion/nuances-poa/?perpage=12&view_mode=masonry&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=. Acesso em 03.04.2023.

⁸¹Jornal identitário negro homossexual, com pautas engajadas contra a discriminação de raça/etnia e de sexualidade. O acesso foi disponibilizado pelo Centro de Documentação prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), ver:

pelo *Grupo Gay da Bahia*⁸² e pelo acervo *Bajubá*⁸³. Também foram úteis os jornais e as revistas homoeróticas internacionais como o *Bay Area Reporter*⁸⁴, a *Drummer Magazine*⁸⁵, o *Gay Sunshine*⁸⁶; O *Gay Community News*⁸⁷, a *Gay Power*⁸⁸, o *Our Own Community Press*⁸⁹, a *Gay Life*⁹⁰, *Gay Nottingham*⁹¹, a *Gay News*⁹², a *Jeremy*⁹³, a *Honcho Magazine*⁹⁴, a *Match Magazine*⁹⁵, a *Advocate Men*⁹⁶ e a *Mandate Magazine*⁹⁷.

A pesquisa realizada também utiliza fontes iconográficas disponíveis em acervos particulares, bem como em fontes hemerográficas, acessíveis em sítios eletrônicos, como a

https://cedoc.grupodignidade.org.br/ade-dudu/?perpage=12&view_mode=cards&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=. Acesso em 03.04.2023.

⁸²<https://grupogaydabahia.com.br/ggb-reforma-estatuto-e-divulga-setenca-de-juiz-baiano/>; acesso em 05.04.2024.

⁸³<https://acervobajuba.com.br/>. Acesso em 05.04.2024.

⁸⁴Jornal homoerótico semanal do Distrito Castro, em San Francisco, caracterizado por possuir colunas variadas sobre pautas políticas, aspectos culturais e tendências artísticas. O acesso à todas as edições de 1971 a 2005, ocorreu mediante acervo *California Digital Newspaper Collection*, em sítio público: <https://cdnc.ucr.edu/?a=q&r=1&results=1&puq=BAR&e=-----197-en--20--1--txt-txIN-bay+area+reporter----->. acesso em 05.04. 2022.

⁸⁵ Revista homoerótica fetichista, mensal, que circulou entre 1975 a 1999, em San Francisco, nos Estados Unidos. O acesso ocorreu a partir do acervo disponível no *Old Domínio International*, em buscas específicas de diversos acervos particulares, entre os quais o de Daniel D. Teoli Jr. Acesso pelo sítio eletrônico: <https://archive.org/details/@danielteolijr>, em 02.02.2024.

⁸⁶Jornal homoerótico que mesclava tendências contraculturais da juventude *underground* e da filosofia de “paz e amor”, que circulou em Berkley, nos Estados Unidos. Disponível na *Berkeley Library, University California*. Ver: <https://digicoll.lib.berkeley.edu/record/121527?v=pdf>. Acesso em 06.05.2023.

⁸⁷Jornal homoerótico caracterizado por pautas culturais, tendências de moda, indicações de bares e lugares de cultura, circulando em New York e Boston. Disponível no acervo digital da *library northeastern*, Ver: <https://repository.library.northeastern.edu/collections/neu:gm80jm85b>. acesso em 0.07.2023.

⁸⁸Acervo de Londres, que desde 2010, coleta dados significativos da história LGBTQIAPN+ para o *Instituto Bishopsgate*. Disponível em: <https://www.bishopsgate.org.uk/archives/our-archives-online>, em 03.04.2022.

⁸⁹Jornal Homoerótico com foco nas transformações mais íntimas, sentimentais e políticas da comunidade homoerótica, circulando entre os anos de 1976 a 1998. Acesso a partir do acervo disponível no *Old Domínio International*, em buscas específicas de diversos acervos particulares, entre os quais o de Daniel D. Teoli Jr. Acesso pelo sítio eletrônico: <https://archive.org/details/@danielteolijr>, em 02.02.2024.

⁹⁰Jornal homoerótico que circulou em Saint Louis. Acervo *Instituto Bishopsgate*

⁹¹Acervo *Instituto Bishopsgate*

⁹²Acervo *Instituto Bishopsgate*

⁹³Circulou em Londres, na Inglaterra. Acesso no *Instituto Bishopsgate*, disponível em: <https://www.bishopsgate.org.uk/archives/our-archives-online>, 05.03.2023.

⁹⁴Revista que circulou entre 1978 a 1992, em San Francisco, nos Estados Unidos, voltada à temática homoerótica no cenário urbano. O Acesso através do acervo disponível no *Old Dominion University*, com arquivo *international.org*.

⁹⁵Revista homoerótica que circulou nos Estados Unidos, com datação imprecisa. Houve o acesso a algumas edições relativas aos anos 1980. Acesso a partir do acervo disponível no *Old Domínio International*, em buscas específicas de diversos acervos particulares, entre os quais o de Daniel D. Teoli Jr. Acesso pelo sítio eletrônico: <https://archive.org/details/@danielteolijr>, em 02.02.2024.

⁹⁶Revista homoerótica com indicações de lugares de prazer e de lazer, no cenário urbano dos E.U.A. Circulou entre 1987 e 1995, em San Francisco. Acesso a partir do acervo disponível no *Old Domínio International*, em buscas específicas de diversos acervos particulares, entre os quais o de Daniel D. Teoli Jr. Acesso pelo sítio eletrônico: <https://archive.org/details/@danielteolijr>, em 02.02.2024

⁹⁷Revista homoerótica caracterizada pelo nicho fetichista e sadomasoquista, que circulou entre 1977 e 1982, em San Francisco. Acesso a partir do acervo disponível no *Old Domínio International*, em buscas específicas de diversos acervos particulares, entre os quais o de Daniel D. Teoli Jr. Acesso pelo sítio eletrônico: <https://archive.org/details/@danielteolijr>, em 02.02.2024.

Physique Pictorial da Fundação Bob Myzer⁹⁸, além de fotografias pessoais de Alair Gomes, fotógrafo brasileiro com parte de seu acervo disponível na Biblioteca Nacional, entre outros⁹⁹. A metodologia empregada na análise dessas fontes considera o contexto histórico-cultural, reconhecendo que as narrativas convencionais do fotojornalismo conferem significado social a determinados acontecimentos em detrimento de outros, contribuindo para a percepção de uma ordem aparente nas imagens e proporcionando inteligibilidade harmônica aos espaços retratados¹⁰⁰.

A maior parte dos arquivos da repressão é composta por registros elaborados ou incorporados a partir da ação policial, tais como fichas pessoais, depoimentos, prontuários, dossiês, relatórios, ordens de busca e de prisão, entre outros; documentos roubados, como livros, publicações e correspondências pessoais; declarações obtidas em interrogatórios; e objetos sequestrados das vítimas¹⁰¹. Assim, os relatos de tortura e desaparecimentos políticos foram acessados a partir da sistematização realizada pela Comissão Nacional da Verdade, constituindo materiais sensíveis. Além disso, os processos provenientes do Supremo Tribunal Militar (STM) configuram fontes oficiais, produzidas pela Justiça em relação a eventos específicos, evidenciando o percurso dos indivíduos nas instituições policiais e judiciárias. Por isso, é fundamental analisar esses materiais sob a perspectiva do controle social, considerando como foram produzidos, as objeções levantadas, os argumentos de culpa e o conjunto de versões sobre os acontecimentos.

Para analisar a dinâmica da gestão estatal sobre o corpo sexual, foram utilizadas fontes de órgãos de segurança e de controle do Estado, que evidenciam a vigilância e a espionagem de atos considerados subversivos. Entre esses documentos destacam-se processos da Divisão de Censura de Diversões Públicas, atas de reuniões do Conselho de Segurança Nacional (CSN) e procedimentos confidenciais do Serviço Nacional de Informações (SNI), do Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica e da Comissão Geral de Investigações, entre outros. A análise dessas fontes se beneficiou de procedimentos metodológicos que combinam história

⁹⁸Revista de forte influência homoerótica viril, promovida por fotógrafos e artistas notórios, como Thom Finland e George Quaintance, além de fotos relacionadas à nudez masculina. Ver: <https://bobmizer.org/>. Acesso em 07.04. 2024.

⁹⁹ Acesso ainda em acervos digitais de sítios eletrônicos como: Houstonlgbthistory.org; UTSA library; National AIDS memorial; e outros.

¹⁰⁰TELLES, Vera da Silva. Sociedade Civil e a Construção de Espaços Públicos. In.: DAGNINO, Evelina. Org. **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹⁰¹BAUER, Caroline Silveira; GERTZ, René E. Fontes Sensíveis da História Recente. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (orgs.). **O Historiador e Suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

e antropologia, aplicados historicamente ao uso de processos criminais como documentos para compreender práticas e mecanismos de controle estatal¹⁰².

As fontes do DOPS, que remontam aos anos 1920, revelam uma polícia originalmente voltada a vigiar e punir trabalhadores e, após 1964, integrada à rede de controle do regime militar. A militarização da justiça tornou o Superior Tribunal Militar um tribunal de exceção, e ser “fichado no DOPS” significava estar sob vigilância constante e à mercê da tortura. Essa vigilância se estendia também aos domínios da sexualidade, regulando e punindo práticas homoeróticas, mostrando como o Estado ditatorial articulava o controle sobre os corpos, reforçando normas de masculinidade viril e heteronormativa como instrumento de poder e disciplina social¹⁰³.

A pesquisa de fontes históricas em plataformas jurídicas e no Arquivo Nacional utilizou a metodologia de busca ativa por palavras-chave, tais como: “homossexualismo”, “homossexualidade”, “sodomia”, “pederastia” e “viado”, refletindo os discursos médico, moral, religioso e jurídico sobre anormalidade social. Essas fontes possuem limites e potências próprias, de modo que a narrativa construída depende do que elas permitem conjecturar¹⁰⁴. Ainda, o acesso a esses acervos em sítios eletrônicos é condicionado à disponibilidade pública e ao trabalho de digitalização, vinculado às políticas de memória, de reparação de violações de direitos humanos e de enfrentamento das violências de gênero e sexualidade sofridas pela população LGBTQIAPN+¹⁰⁵.

Segundo fontes do Arquivo Nacional, da Comissão Nacional da Verdade, do acervo Brasil Nunca Mais, do Arquimedes e de outros arquivos, a Ditadura Civil-Militar contou com o apoio de setores da sociedade civil e de algumas empresas que, mesmo após o período autoritário, continuam lucrando, tendo anteriormente financiado e estruturado políticas

¹⁰² Marcam o período, obras como a de Boris Fausto *Crime e Cotidiano* (1984), a de Sidney Chalhoub *Trabalho, Lar e Botequim* (1986), de Maria Heleno Machado *Crime e Escravidão* (1987). Ver: GRINBERG, Keila. A História nos Porões dos Arquivos Judiciais. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (orgs.). **O Historiador e Suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

¹⁰³ D'ARAÚJO, Maria Celina. Memória da Ditadura Militar no Brasil: fontes e métodos. In.: GOMES, Angela de Castro (org.). **Direitos e Cidadania: memória, política e cultura**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2007.

¹⁰⁴ Nesse ponto, para esta pesquisa, a rede de cooperação e apoio internacional com as fontes historiográficas demonstrou ser imprescindível com acervos internacionais. A relação de posse e de afeição de alguns historiadores em relação às “suas” fontes, a perda do prestígio do saber histórico face à ignorância e ao ódio, bem como o descaso com a política de memória por parte do poder público, somado a uma hipervulnerabilidade de conhecimento das técnicas e dos meios de digitalização e de conservação das fontes, certamente, contribuem para um retrocesso social, e/ou, um delírio de poder submeter o tempo a um regime de estagnação.

¹⁰⁵ O termo se refere à pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transsexuais, *queer*, *intersex*, assexuais, pansexuais, neutros e outras formas de existência (LGBTQIAPN+), referência datada, ver: NASCIMENTO, Letícia C. **Transfeminismo**. Col. Feminismos Plurais. SP: Jandaíra, 2021.

reacionárias para a manutenção do regime¹⁰⁶. E, após a suposta transição democrática, o pânico moral continuou a embasar justificativas para o assassinato de pessoas LGBTQIAPN+, sobretudo, porque a Lei de Anistia garantiu a ausência de punição pelas violências praticadas durante a Ditadura Civil-Militar. Inclusive, entre 2019 e 2022, foram mapeados mais de 6.157 militares exercendo funções civis na Administração Pública Federal, conforme dados do Tribunal de Contas da União (TCU). Além disso, os militares receberam apoio do governo para aprovar, no Congresso, uma reestruturação de carreira e alterações nas regras de seguridade social dos membros das Forças Armadas, compensando perdas sofridas durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, que havia retirado diversos benefícios da carreira¹⁰⁷.

Assim, a pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como a Ditadura Civil-Militar brasileira articulou códigos de gênero, sexualidade e desejo para exercer poder, disciplinar corpos e moldar subjetividades, perpetuando violência física, simbólica e moral. Ao investigar a interseção entre masculinidades, práticas homoeróticas e políticas estatais, busca-se revelar não apenas os mecanismos de controle e repressão, mas também as estratégias de resistência e as formas de agenciamentos que emergiram nesse período. Essa investigação contribui para compreender a historicidade das desigualdades e opressões ainda presentes, destacando a importância de preservar a memória e fortalecer o debate sobre direitos civis, diversidade sexual, justiça social e erótica, oferecendo elementos críticos para a compreensão das continuidades e rupturas entre passado autoritário e o presente democrático.

No que se refere à estrutura, esta pesquisa está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo aborda a fabricação das masculinidades viris, evidenciando a construção socio-histórica dessas masculinidades no contexto do projeto de nação promovido pelos militares e aliados do golpe político. A análise se baseia na imprensa de ampla circulação nacional, compreendida como um conjunto de produtos culturais que circulavam com a conivência e o apoio do Estado, revelando a articulação entre cultura, poder e representação social.

¹⁰⁶Há indícios de que a Volkswagen tenha chegado a ajudar materialmente na implantação da Operação Bandeirante (Oban), já que ela não era financiada com recursos públicos. A Oban foi o primeiro aparato repressor criado pelos militares, mas funcionou como projeto-piloto, à margem das estruturas oficiais. No dia 23 de setembro de 2020, foi anunciado pela Volkswagen do Brasil um acordo com o Ministério Público Federal (MPF) no qual a montadora admitia que colaborou com o aparato repressivo durante a ditadura brasileira. A empresa se comprometeu, através de um termo de ajustamento de conduta (TAC), a despendar R\$ 36 milhões para ressarcir ex-funcionários que sofreram com violações aos direitos humanos durante o regime e para financiar projetos de memória e pesquisa. Ver: SILVA, Marcelo; CAMPOS, Henrique Pedreira; COSTA, Alessandra. A Volkswagen e a ditadura: a colaboração da montadora alemã com a repressão aos trabalhadores durante o regime civil-militar brasileiro. **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 89. São Paulo, 2022.

¹⁰⁷ Somada à pandemia, a força reacionária parecia eleger um líder, o ex-astrólogo e professor online Olavo de Carvalho. Ver: VICTOR, Fabio. 2022.

O segundo capítulo aborda a fabricação de novos modelos de masculinidades, também viris, mas construídos em uma dinâmica de contrapoder. Nesse contexto, parte da juventude se engajava na efervescência de produtos culturais e, por meio das artes, buscava estabelecer vínculos afetivos. O capítulo realiza um mapeamento das trocas culturais influenciadas pela filosofia do “Maio de 1968” na França, pela rebeldia estadunidense contra a Guerra do Vietnã, pela contracultura dos movimentos beat e *anti-establishment*, pelo uso de drogas lisérgicas em festivais, entre outras microrrebeldias juvenis¹⁰⁸. Inserido nesse panorama, o mal-estar cultural se manifestava em sentimentos de vergonha e na erosão do pudor¹⁰⁹, alimentando a contestação ao sistema e provocando novas configurações sobre a legitimidade de líderes de Estado, autoridades religiosas consolidadas no Ocidente colonizado e, sobretudo, sobre as práticas de afeto¹¹⁰.

O terceiro capítulo explora o “Boom Gay” e analisa o comportamento cultural homoerótico, que estabeleceu conexões em diversos países ocidentais por meio de um mercado de trocas específico. Concursos de beleza masculina, como Mr. Guanabara, Mr. Brasil, Mr. Universo, Mr. Músculos, e posteriormente Mr. Internacional *Leather* e Mr. Gay, revelavam contornos eróticos, lúdicos e fantásticos no meio gay, demonstrando a capacidade de absorver códigos de masculinidade associados a heróis e anti-heróis, em um espaço de prazer subversivo.

O quarto capítulo aborda os prazeres culpáveis e as táticas de vigilância que a Ditadura Civil-Militar aplicou sobre os corpos de homens e mulheres, buscando conter o avanço da Revolução dos Costumes e da Revolução Sexual. O foco recai sobre a relação entre os movimentos disruptivos em relação ao discurso da masculinidade viril e as redefinições sensoriais e culturais que emergiam em meio à efervescência artística, política e cultural, diante de um Estado autoritário atuando como construtor da ordem sexual.

O quinto capítulo investiga como os prazeres ultraviolentos permitem refletir sobre o outro e desenvolver uma política de alteridade, respeitando os pactos e sensibilidades dos participantes do jogo sexual. Analisa-se a relevância do prazer e do consentimento na expansão do mercado erótico, incluindo brinquedos sexuais, locais comerciais para encontros, práticas de dominação, bondage e sadomasoquismo, assim como *voyeurismo* e fetiches relacionados a fardas, que funcionavam como pano de fundo simbólico em contextos de governos militares autoritários. Além disso, o capítulo evidencia que, ao atribuir culpa sobre certos prazeres, a

¹⁰⁸HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁰⁹FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

¹¹⁰ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: formação do estado e civilização**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Ditadura Civil-Militar conseguia vigiar, punir e gozar sistematicamente, justificando atos sádicos de punição, submissão e humilhação, como o estupro coletivo direcionado a homens em salas de tortura criadas pelo Estado, em parceria com empresas, em prisões e quartéis militares.

Por fim, a tese pretende explorar os entrelaçamentos entre poder, desejo, gênero e sexualidade no Brasil autoritário, revelando como práticas culturais, políticas e eróticas se cruzaram em tempos de controle e resistência. De modo que, ao investigar tanto a construção das masculinidades viris quanto os movimentos de contestação e os prazeres subversivos, pretende-se oferecer uma compreensão ampla das tensões sociais, políticas e afetivas que marcaram o período.

1 DOMESTICAÇÃO DAS MASCULINIDADES

Esse capítulo analisa as condições de existência que possibilitaram a instauração do golpe civil-militar, o qual materializou uma política internacionalista-liberal. Tal política esteve intimamente relacionada a uma matriz de inteligibilidade cultural orientada pela noção de vida como atividade linear e progressiva em direção ao futuro, na qual a classe militar era representada como capaz de conduzir o país ao desenvolvimento moral, tecnológico e financeiro. Paralelamente, percebe-se a luta pela extinção e/ou domesticação do amor-paixão, tanto nas estruturas da Ditadura Civil-Militar quanto em segmentos da sociedade civil. Essa luta articulava-se estreitamente com discursos religiosos, jurídicos e morais, de modo que, a partir do sacramento do matrimônio e da repressão às relações consideradas proibidas ou pecaminosas, os enlances amorosos puderam ser mantidos dentro de parâmetros previsíveis, sem deixar de atender uma dinâmica de vigilância, controle e punição sobre os corpos¹¹¹.

A análise do discurso autoritário na produção de masculinidades viris evidencia a ascensão de tecnologias controladas por homens, que lidavam com o funcionamento maquínico de produtos fabricados em linhas de montagem. Esse processo se desdobrava por meio de múltiplos fatores: empresas voltadas ao agenciamento de virilidades; práticas de prazer e lazer associadas ao universo masculino; consumo de produtos culturais dirigidos a esse mesmo universo; sistemas de crenças que administravam sacramentos funcionando como interditos sexuais; em suma, uma gestão voltada ao desejo de submissão.

Nesse sentido, busca-se evidenciar as linhas de força que sustentaram a produção de subjetividades massificadas e reforçaram a valorização de códigos de virilidade, orientados à demonstração de força, potência e beligerância. Tais códigos também consolidaram a relação heteronormativa da família nuclear e monogâmica, bem como a legitimação da presença masculina nos espaços de poder das estruturas do Estado. Para tanto, este capítulo utiliza como fontes jornais e revistas de ampla circulação nacional, como *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Folha de São Paulo*, *Veja* e *Isto É*, todos disponíveis em acervos públicos.

1.1 A VIDA COMO PROGRESSO

Na década de 1960, o modelo econômico considerado desejável para o Brasil dividia-se entre duas correntes principais. De um lado, estavam os “entreguistas”, que defendiam a valorização dos produtos estrangeiros, especialmente os provenientes dos Estados Unidos. De

¹¹¹ DEL PRIORE, Mary **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

outro, os “nacionalistas”, que enfatizavam a importância de fortalecer a produção interna, sustentando que a soberania do Estado dependia do comprometimento com a indústria nacional frente à crescente competição dos produtos importados. Esse embate configurou-se como uma disputa entre projetos distintos de governo, marcada por avanços e recuos, que se estendeu do fim do Estado Novo, em 1945, até o golpe civil-militar de 1964¹¹².

Os nacionalistas buscavam assegurar maior autonomia em relação às potências estrangeiras no contexto da Guerra Fria, defendendo o desenvolvimento industrial interno e criticando aqueles que, em sua visão, entregavam o país à influência norte-americana. Já os entreguistas alinhavam-se às ideias difundidas pela Escola Superior de Guerra e ao liberalismo econômico, ressaltando as supostas vantagens da agenda de segurança e progresso defendida pelos Estados Unidos.

O fim do governo de Juscelino Kubitschek foi marcado por intenso processo de urbanização, aumento da carga tributária, crescimento acelerado da população, transformações sociais e surgimento de novas classes. Sua eleição esteve fortemente vinculada ao magnetismo pessoal e à capacidade de articulação política. Seu governo ficou associado à pacificação do cenário político, ao êxito em acelerar o crescimento econômico e à popularidade de seu projeto de interiorização do país, simbolizado pela decisão de transferir a capital para Brasília, uma cidade planejada que se tornou marco fundamental de sua gestão.

Outro aspecto central foi o Plano de Metas (1957–1961), sintetizado no lema “cinquenta anos em cinco”, que previa avanços em áreas estratégicas como indústria química, produção de insumos, siderurgia, petróleo e, em especial, o setor automobilístico, com a meta de produzir 170 mil veículos por ano. No entanto, o mesmo plano acentuou as desigualdades sociais, agravando a situação das camadas populares. Além disso, o aumento de despesas decorrentes do *déficit* operacional de empresas estatais, sobretudo no setor de transportes, com ferrovias e companhias de navegação de longo curso e de cabotagem, comprometeu o equilíbrio econômico do país¹¹³.

O governo de Juscelino Kubitschek enfrentou dificuldades relacionadas às remessas de lucros para o exterior, à amortização de empréstimos e à repartição de capitais. No parque industrial paulista, muitos gerentes de fábricas eram obrigados a recorrer a geradores a diesel para evitar a paralisação da produção. Além disso, eram frequentes os racionamentos de água e

¹¹²A ideia de proteção estatal foi o modelo de crescimento adotado até o início da década de 1990. Ver: GOMES, Angela de Castro (org). Olhando para dentro (1930-1964). In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História do Brasil Nação** (1808 – 2010). V. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

¹¹³GOMES, Angela de Castro (org). Olhando para dentro (1930-1964). In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História do Brasil Nação** (1808 – 2010). V. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

energia elétrica, enquanto a prestação de serviços públicos mostrava-se deficiente, especialmente nas áreas de saúde e educação¹¹⁴.

O crescimento econômico experimentado pelo Brasil durante o governo de Juscelino Kubitschek, impulsionado pelo “grande boom” do Plano de Metas, foi revertido em um cenário de recessão a partir de 1962, criando condições favoráveis ao golpe de 1964. Ao final do plano, cerca de 78% das metas haviam sido cumpridas, alimentando a percepção de que o progresso tornava quase tudo possível. Contudo, no triênio 1961-1963, aproximadamente 70% da dívida externa brasileira venceria, impondo forte pressão sobre as contas públicas. Nesse contexto, Jânio Quadros, sucessor de Juscelino, anunciou já em sua posse, em 1961, um plano de contenção de gastos destinado a reverter a inflação e restabelecer o equilíbrio econômico¹¹⁵.

A política de Jânio Quadros revelou-se controversa desde o início. Conhecido por suas excentricidades, o presidente causou forte reação ao conceder a Che Guevara, guerrilheiro argentino-cubano, a Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta condecoração brasileira destinada a estrangeiros. O gesto provocou a ira de seus opositores e, em meio à pressão política, Jânio abandonou Brasília e renunciou ao cargo em 1961. O Congresso rapidamente aceitou a renúncia como fato consumado, tornando o vice-presidente João Goulart seu sucessor legal.

Naquele momento, porém, Goulart estava em visita oficial à República Popular da China, o que atrasou sua posse e intensificou a crise institucional. Como solução de compromisso, definiu-se que ele assumiria a presidência sob um regime parlamentarista, no qual o Executivo seria controlado pelo gabinete ministerial e pela maioria do Congresso. Apenas em janeiro de 1963, por meio de um plebiscito nacional, o presidencialismo foi restabelecido. Ainda assim, Jango passou a governar com pouco mais da metade do mandato original, em um cenário político conturbado. A sociedade, por sua vez, ainda trazia como referência o entusiasmo do governo Juscelino Kubitschek, marcado pelo discurso de progresso acelerado e pela “decolagem” simbolizada pela construção de Brasília e pela industrialização¹¹⁶.

Em meio a esses acontecimentos políticos, setores da sociedade civil que se percebiam prejudicados economicamente e culturalmente atrasados em relação ao Norte Global, manifestavam ressentimento e buscavam alternativas para afastar do poder os políticos identificados com projetos de reforma social de inspiração socialista. Nesse contexto, a Escola Superior de Guerra (ESG) estruturava suas concepções no binômio segurança e

¹¹⁴SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Castelo e Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹¹⁵GOMES, Ângela de Castro (org.). Olhando para dentro (1930-1964). In: SCHWARCZ, Lília Moritz. **História do Brasil Nação** (1808 – 2010). V. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

¹¹⁶SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Castelo e Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

desenvolvimento, defendendo um modelo de crescimento capitalista associado ao bloco internacional. Tal projeto estava inserido nos marcos da doutrina interamericana de segurança anticomunista, alinhada aos interesses norte-americanos e sustentada, em parte, pela percepção de que o Brasil se encontrava sob uma espécie de protetorado político-ideológico¹¹⁷.

Os anos de 1956 a 1961 marcaram o período áureo da industrialização brasileira, sobretudo com a consolidação da indústria automobilística nacional, que partiu da estaca zero em 1955 e alcançou a produção anual de 136.078 veículos em 1960. As grandes fábricas tornaram-se sinônimo de lucros e geração de empregos, simbolizando o otimismo desenvolvimentista da época. Para além do setor automobilístico, destacaram-se importantes grupos empresariais, como o grupo *Matarazzo*, que ampliou sua atuação para além de São Paulo; o grupo *Lundgren*, em Pernambuco; e a *Sadia*, que despontava a partir de Santa Catarina¹¹⁸.

No início da década de 1960, o Brasil apresentava forte dependência de tecnologia importada. Empresas estrangeiras controlavam setores estratégicos, a exemplo da *Brown Boveri*, na produção de geradores de energia; a *Bayer*, na indústria farmacêutica; a *Bosch*, em equipamentos elétricos; a *Coca-Cola*, no setor de bebidas; e a *Volkswagen*, na fabricação de veículos. Até mesmo a produção de moedas era terceirizada a companhias estrangeiras, como a *American Bank Note Company* e a *Thomas Larue Ltda.*, do Reino Unido. Dessa forma, a presença do capital internacional exerceu influência decisiva no desenvolvimento econômico brasileiro, sobretudo a partir de empresas estadunidenses, suecas e italianas, cuja expansão se intensificaria ainda na década de 1980¹¹⁹.

Nesse período, a *Manchete* destacava figuras masculinas que, fosse nos campos de batalha ou no aprimoramento de suas habilidades, eram apresentados como exemplos de dedicação à pátria. As matérias enfatizavam valores como honra e bravura, associando-os à narrativa heroica construída em torno dos militares brasileiros. Em sintonia com esse projeto nacionalista, o elogio ao setor industrial também se fazia presente nas páginas da revista que ressaltavam a lucratividade do mercado e transmitiam a ideia de orgulho coletivo por contribuir para o desenvolvimento do país.

¹¹⁷FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia A. N. (orgs.). **O Tempo da Experiência Democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** (O Brasil Republicano, v.3) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹¹⁸PISCITELLI, Adriana. “Pioneiros”: masculinidades em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros. In.: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades.** São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

¹¹⁹PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Desenvolvimento e Crise no Brasil (1930-1983).** São Paulo: Editora brasiliense, 1988.

Imagem 1: A. H. Masset (à esquerda); Friedrich W. Schultz-Wenk (ao centro); William Max Pearce (à direita).



Fonte: CHAVES, José Magalhães. Reportagem Os Generais das Quatro Rodas. MANCHETE, Rio de Janeiro, 1962, ed. 546, p. 23-25.

Em 1962, a *Manchete* informava sobre a produção e fabricação de carros no país, onde mais de quinhentas mil pessoas já viviam da fabricação de automóveis, informava que o mercado consumidor estava em constante ascensão, absorvendo cerca de cento e setenta e cinco mil veículos por ano, com a participação ativa de alguns homens. Da esquerda para a direita, a primeira imagem representa A. H. Masset, um homem de terno caminhando em meio aos carros da *Ford*, que nasceu em Nova Iorque e serviu como piloto bombardeiro da Força Aérea dos E.U.A, além de ser casado e pai de cinco filhos. O segundo homem, Friedrich W. Schultz-Wenk, da *Volkswagen*, conforme a fonte informava, decidiu estabelecer uma indústria automobilística após viajar à América Latina e estava há doze anos em São Paulo, tornou-se pai de três filhos, nascidos no Brasil. Por fim, a terceira imagem retratou William Max Pearce, diretor-gerente da *Willys-Overland* do Brasil, descrito como um trabalhador incansável que gostava de pescar e caçar nas selvas do Mato Grosso. Casou com uma brasileira e tinha um filho paulista. Gostava também de lanchas, carros esporte e aviões, tendo servido durante a Segunda Guerra como piloto da Força Aérea dos E.U.A.¹²⁰.

A imagem desses homens representava poder, confiança e sucesso, conforme a posição dos homens diante dos produtos fabricados em forma seriada, emergindo de terno em meio aos carros enfileirados já demarcando uma posição distinta de outra parcela de homens que não podiam comprar e consumir qualquer um desses automóveis, dado o valor de mercado. Os três homens mencionados representavam empresas internacionais de automóveis, a Ford, a Volkswagen e a Willys-Overland, logo, também eram modelos de virilidade de sucesso, onde todos tinham características em comum: eram casados com mulheres e se tornaram pais de família, eram militares que em algum momento haviam servido às Forças Armadas dos EUA e que se estabeleceram no Brasil em negócios do setor automobilístico. Logo, a mensagem que a

¹²⁰ MANCHETE, Rio de Janeiro. CHAVES, José Magalhães. Reportagem Os Generais das Quatro Rodas, 1962, ed. 546, p.24.

Revista buscava transmitir para seus leitores era a de que o Brasil tinha possibilidades de se desenvolver economicamente, articulando interesses à perspectiva entreguista aos EUA, representados por homens fortes e capazes de promover o progresso “nacional”.

Para parte da sociedade civil, formada por famílias influentes e homens industriais que tinham íntimas relações com os militares que tomaram o poder de Estado, a defesa desse regime de verdade e de organização do poder estatal era uma questão central, a exemplo do senhor Henning Albert Boilesen, um dinamarquês naturalizado brasileiro, presidente da *Ultragaz S.A.* que teve ampla participação na conspiração que derrubou o presidente Jango, em 1964. Além de manter boas relações com os militares e ser influente entre os empresários, figura de destaque na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), e também criou o Centro de Integração Empresa Escola (CIEE), que existe para encaminhar os estudantes para estágios, ao mesmo tempo utilizou seu prestígio para angariar fundos para a OBAN, posterior DOI-CODI¹²¹.

O lado complexo da política desenvolvimentista residia principalmente na ausência de independência econômica do país em relação ao capital externo e o início da escalada da inflação. Enquanto isso, a forma como as publicidades dos jornais fotojornalísticos abordavam a temática das indústrias no Brasil era voltada ao universo masculino, reforçando as fronteiras imaginadas de que a sensibilidade e as tendências às paixões intensas seriam características associadas à natureza feminina no pensamento biologizante do período, e a força e a agressividade necessária para o estabelecimento e o sucesso da indústria seriam atributos masculinos, militarizados, marcando a relação de dominação da natureza¹²².

A fabricação do produto e a publicidade estavam voltadas para a transmissão de códigos de masculinidades e de valores hierárquicos no consumo do produto. A articulação viril se manifestava em desdobramentos dos setores industriais como automobilístico e em outras áreas, a exemplo das relações encontradas em empresas da carne, onde a virilidade era considerada uma característica mais valorizada quando articulada à violência, adequada nos grandes frigoríficos para lidar com a matança, com a qualidade da carne e seu transporte.

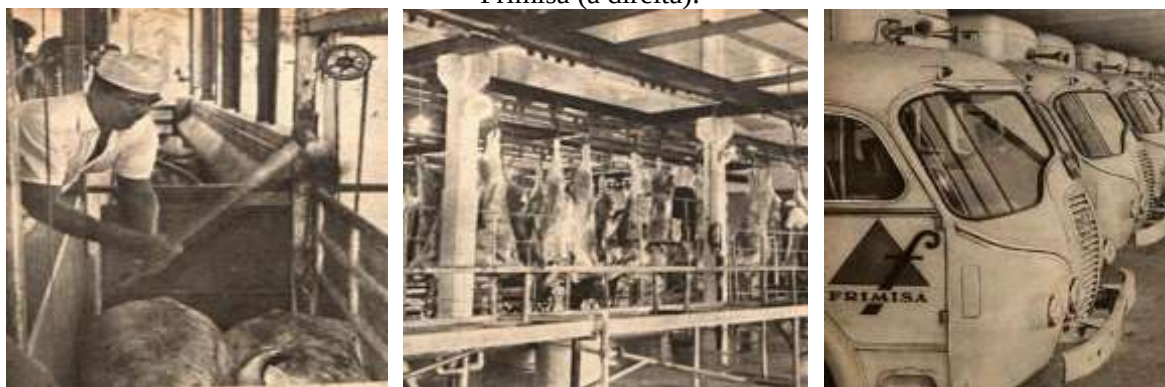
Dessa maneira, o mercado e o orgulho nacional pareciam responder ao processo de morte sistemático e elaborado em linha de montagem de alguns animais. Esse procedimento

¹²¹ Local que se tornou centro de tortura e de morte aos considerados subversivos. Ver: MELO, J.J. **Boilesen, um empresário da ditadura**: a questão do apoio do empresariado paulista à Oban/Operação Bandeirantes, 1969-1971. Niterói, RJ. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense, 2012.

¹²² Em certas circunstâncias culturais, até a divisão da carne para a alimentação era costumeiramente atribuída em maior quantidade de proteína ao “chefe da casa”, mesmo diante de outras figuras do lar, como uma mulher grávida, filhos e agregados. Ver: ADAMS, Carol J. **A Política Sexual da Carne**: uma teoria feminista-vegetariana. Editora Alaúde: Alaúde, 2018.

surgiu com recorrência em imagens na *Manchete*, evidenciando todas as etapas, desde a machadada, a queda do animal, a limpeza da carne, a separação de partes do corpo, a organização disposta em ganchos e enfileiradas novamente por roldanas e em um processo mecanizado da refrigeração ao transporte. Um ritual que ocorria, predominantemente, no período noturno para que a carne fresca alcançasse o mercado logo pela manhã. Certamente, as revistas de ampla circulação não exalavam o cheiro da morte, o som dos animais em desespero quando percebiam o efeito manada que se encontrava antes do abate¹²³.

Imagem 2: O Abate (à esquerda); Processo Industrial do Mercado da Carne (ao centro); Carros da Frimisa (à direita).



Fonte: SOUSA, Juvenil de. Frimisa: nada se perde, tudo se transforma. MANCHETE, Rio de Janeiro, 1960, ed. 411, p. 28.

Em 1960, a *Manchete* mostrava o sucesso do mercado da carne no Brasil. A primeira figura retrata o golpe de misericórdia, a segunda reflete parte do processo após a matança, quando as partes do boi são levadas mecanicamente às seções encarregadas do seu aproveitamento. A terceira figura retrata os carros da empresa, evidenciando que os automóveis da indústria precisavam corresponder às diversas atribuições do mercado, considerando o público alvo formado por caminhoneiros para frete de produtos do gênero. O conjunto das imagens se soma à informação de que um dos maiores desejos de Juscelino Kubitschek era conseguir inaugurar o *Frigorífico de Minas Gerais S. A.*, Frimisa, para se tornar um grande expoente da indústria nacional e um símbolo de progresso do país, informando ainda que, no

¹²³ Esse processo mecânico, técnico e autônomo da morte foi aplicado, de forma similar, por agentes do Estado Ditatorial, nos procedimentos de averiguação de crimes, a partir da tortura, ou seja, o uso sistemático da dor para obtenção da verdade para os autos do processo, e em casos extremos, até a eliminação das pessoas consideradas subversivas, com o desaparecimento de seus corpos em covas rasas, jogadas ao mar, cremadas em fábricas, enterradas em cemitérios clandestinos e afins. Algo que as revistas de ampla circulação costumavam omitir, para evidenciar apenas a força do progresso e do desenvolvimento nacional. Entretanto essa atividade foi amplamente documentada pela CNV, BNM, projeto Memórias Reveladas, projeto de Comissão de Anistia, entre outras políticas de memória estabelecidas no Cone Sul.

momento da publicação da edição, o aproveitamento industrial alcançava cerca de dois mil animais por dia, com promessa de aumento de meta do abastecimento¹²⁴.

A relação com um modo de vida carnista foi definida e redefinida, na medida em que os alimentos e a prática da alimentação também se modificavam, uma vez que todo o procedimento de morte que ocorria nos bastidores se tornou cada vez mais escondido e abafado em face dos cortes adequados dos supermercados. Simultaneamente, os livros de culinária ganharam destaque, e a morte animal se tornou elemento de elegância, de fartura e de prosperidade, permitindo maior variedade de consumo.

Imagem 3: Presunto Cozido com Renner (à esquerda); Frimisa (à direita).



Fonte: PUBLICIDADE E PROPAGANDA. Frigorífico Renner S. A. MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, ed. 618, p. 60; Reportagem. Minas Gerais: retrato de corpo inteiro num caderno especial. O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1971, ed. 11, p. 109.

Em 1964, a *Manchete* informou que o presunto cozido da marca *Renner* era farejado com aparente satisfação por um modelo de rosto, isso porque o corante deixava o produto mais apresentável mesmo quando passava do ponto de consumo saudável, os conservantes estendiam a vida útil do material para consumo e retiravam nutrientes quando injetavam sais. A segunda figura, em 1971, o *Cruzeiro* informou o sucesso da morte sistemática do gado brasileiro e sua exportação para Europa, reforçando a imagem do projeto de empreendimento. Assim, o presunto, a maior variedade dos alimentos processados e sua venda dentro e fora do Brasil, servia para demonstrar o desenvolvimento do mercado, fruto de uma articulação da gerência masculina em um processo contínuo de agenciamento de desejos e de modos de vida.

A exportação de carne da Frimisa dialogava com o contexto de milagre econômico da Ditadura Civil-Militar, compreendido entre os anos de 1968 a 1973, que ocorreu em grande medida graças ao desempenho do governo de Castelo Branco com o plano do PAEG que previa incentivo às exportações, abertura do capital exterior, bem como reforma nas áreas fiscal,

¹²⁴ SOUSA, Juvenil de. Frimisa: nada se perde, tudo se transforma. MANCHETE, Rio de Janeiro, 1960, ed. 411, p. 28.

tributária e financeira¹²⁵. Assim, a indústria nacional conseguia servir aos interesses dos entreguistas, pois permitia uma maior liberdade privada para investir também no mercado das carnes e, principalmente, porque a empresa já rendia bons frutos econômicos.

Em 1965, houve a inauguração dos primeiros supermercados no Brasil, importando a ideia do autosserviço proveniente dos Estados Unidos¹²⁶. Paralelamente, o movimento de expansão da classe média crescia com a crença no poder de liberdade para o consumo. As multinacionais se multiplicaram, e os investimentos estrangeiros inseriam o país na produção local de bens duráveis de consumo, como automóveis, eletrodomésticos, produtos químicos, farmacêuticos e no couro. Nesse contexto, o Brasil se tornou referência em exportação de matéria-prima para produtos considerados de qualidade provenientes de matadouros, como o tecido para calçados e roupas de forma geral.

Imagem 4: Fábrica de Sapatos (à esquerda); Costureiras (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 680, p. 99.

A *Manchete* informava que a indústria Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, contava com cerca de catorze mil operários especializados na “maior” produção de calçados do país. Curiosamente, esses funcionários correspondiam a uma expressão feminina significativa, conforme evidencia a figura das costureiras, à direita. Diferente do local onde a figura masculina era vinculada, quase predominantemente associada a cargos de direção e gestão das indústrias.

A *Manchete* informava também, que ao contrário dos imigrantes italianos, que se dedicaram à agricultura, a colônia alemã preferiu investir no trabalho do couro, pois estava em evidência na Europa e prometia alavancar a economia gaúcha em tempo curto, demonstrando que a economia no Brasil se aproveitava da vida animal em suas múltiplas dimensões, entre elas: o mercado da moda e o mercado da carne.

¹²⁵SKIDMORE, Thomas E. **Brasil:** de Castelo e Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹²⁶ O primeiro de 1925, o “Sirva-se”, em São Paulo, adquirido pelo grupo Pão de Açúcar em 1965. Ver: VOLPI, Alexandre. **A História do Consumo no Brasil:** do mercantilismo à era do foco no cliente. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

O processo de industrialização e modernização dos grandes centros urbanos influenciou um movimento de diáspora em busca de melhores condições de vida, tornando cidades, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo, destinos privilegiados para quem tinha ambição em prosperar financeiramente. Dessas citadas, a capital São Paulo ganhou destaque como um pólo industrial reconhecido para boa parte do país, momento em que a *Manchete* informava que “O Brasil inteiro está em São Paulo”¹²⁷, ao tempo em que o sr. Oscar Augusto de Camargo, diretor administrativo da *Vemag S/A* e diretor do Sindicato da Indústria Automobilística, afirmou que a indústria pesada era motivo de orgulho nacional, destacando-se a *Aço Vilares S. A.* com a fabricação de maquinaria para rodovias e peças para usinas e grandes indústrias, além da atuação de fábricas de nylon, refinarias de milho, entre outros produtos como a indústria da *Johnson e Johnson*, o laboratório *Fontoura*, entre outros.

Imagem 5: Indústrias (à esquerda); Volkswagen (à direita).



Fonte: CARMARGO, Oscar Augusto de. Indústria: o Brasil inteiro está em São Paulo. MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 692, p. 91-93.

Em 1965, a *Manchete* revela uma série de imagens que servem para fortalecer a uma empresa acessível e palpável aos leitores, repleta de cores agradáveis e com uma missão fundante para a sociedade, estabelecendo o progresso da nação. Nessa primeira imagem, da parte superior esquerda, *Klabin* que produz papel, seguido por *GE* eletrodomésticos, máquinas *Singer*, *Pirelli* que produz pneus, *Votoram*, com cimento, os cobertores *Paraíba*, o ideal *Standard* que é padrão, *Arno*, com eletrodomésticos, os plásticos *Goiana*. A seleção das empresas foi critério da própria reportagem, que ato contínuo exibiu o processo de fabricação dos carros planejados da *Volkswagen* no Brasil, com procedimentos operados por muitos braços de operários disciplinados e comprometidos com o desenvolvimento do país.

O processo em linha de montagem dos carros, assim como os procedimentos na industrialização de alimentos, revela uma forma de exercício de poder que impede o indivíduo

¹²⁷ MANCHETE, Rio de Janeiro. CARMARGO, Oscar Augusto de. Reportagem. Indústria: o Brasil inteiro está em São Paulo. 1965, ed. 692, p. 84.

de perceber o conjunto da obra ou de refletir sobre o que precede e sucede a peça que transforma, elabora e acopla ao próximo estágio. Todo o procedimento de fabricação de tecnologias, destinadas à comodidade das interações humanas, oculta o fato de que empurra os trabalhadores a um modo de existência seriado, refletindo a própria serialidade dos produtos que fabricam.

Nos primeiros anos da década de 1960, o crescimento econômico brasileiro desacelerou, com a taxa do PIB, entre 1963 e 1967, reduzida à metade em relação aos quinze anos anteriores. O golpe militar de 1964 consolidou uma perspectiva econômica internacionalista, reformulando o sistema financeiro com a criação do Banco Central, órgão central na execução da política financeira definida pelo Conselho Monetário Nacional¹²⁸. Assim, durante o “milagre econômico”, o PIB brasileiro cresceu, em média, 11% ao ano. Embora concentrado nas mãos de poucos, sem promover equidade na distribuição de renda, esse crescimento alimentou a ilusão, especialmente na classe média, de que o desenvolvimento nacional seria acessível. A lógica do mercado e da produção industrial, associada aos ideais dos “anos dourados”, fomentava a esperança de transformar o país em uma nação rica e com melhor qualidade de vida¹²⁹.

No governo do general-presidente Castelo Branco, o Brasil enfrentou queda nos investimentos do setor privado, causada por fatores como redução da demanda, diminuição da liquidez, rápida expansão de certos custos, tarifas e preços públicos, redução salarial e queda da produção agrícola em 1966. Para contrabalançar essas dificuldades, foram criados bancos voltados ao trabalhador e à indústria, além da abertura de 274 estatais, como Embratel, Infraero e Telebrás¹³⁰. Nesse ponto, em 1971, a *Manchete* destacou o retorno do sucesso do investimento privado, partindo do frigorífico T. Maia, mostrando fotos de homens uniformizados, ao lado do empresário que aparece sorridente, enquanto o texto anunciava a promessa de que, em um ano, o frigorífico geraria cerca de vinte milhões de dólares para o Brasil.

A promessa da matéria sobre o mercado da carne era de eficiência e de desempenho, tal qual a articulação do setor automobilístico, tomando por exemplo de sucesso o empresário do Frigorífico de T. Maia, em Araçatuba, no estado de São Paulo. Mostra-se que a sala de abate

¹²⁸PRADO, L. C. D; EARP, F. S. O “Milagre” Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967 – 1973). In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Orgs.). **O Tempo do Regime Autoritário: ditadura militar e redemocratização**. Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

¹²⁹FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

¹³⁰Segundo Pereira, a tradição liberal no Brasil, ao contrário dos EUA ou da Inglaterra, não envolveu a maioria da população, foi uma ideologia importada. Ver: PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Desenvolvimento e Crise no Brasil** (1930-1983). São Paulo: Editora brasiliense, 1988.

alcançava o ritmo de até cem bois por hora, e que após a operação da morte não se via mancha de sangue.

Imagem 6: Trabalhadores do Frigorífico (à esquerda); Frigorífico T. Maia (à direita).



Fonte: MANCHETE. Reportagem Frigorífico T. Maia: as boas divisas da carne. Rio de Janeiro, 1971, ed. 1012, p. 117.

Na imagem, o trabalho era realizado pelo esforço conjunto dos homens do matadouro, usando batas, boinas e botas brancas, o circuito de abate começava nos currais de recepção que poderiam recolher mil e quatrocentos bois. A segunda figura representa o homem que comanda os demais trabalhadores, quem cede entrevista e quem recebe os louros do mérito da técnica de morte utilizada no mercado alimentício. Assim, a revista investe na imagem de T. Maia, uma construção da semiótica de uma imagem polida de homem com gesto refinado, roupas contidas e em tons claros, articula-se desenvolvimento ao sucesso do corpo masculino.

A Ditadura Civil-Militar produziu corpos maquínicos, moldando trabalhadores como se carne e máquina se acoplassem. A linha de montagem não apenas fabrica mercadorias, mas disciplina corpos, incorporando gestos, ações e reações em ritmos diversos, transformando o corpo humano em um corpo de adestramento industrial¹³¹. Entretanto, o processo seriado não transformava habilidades, sentimentos ou vontades de forma generificada, mas impunha códigos de virilidade sobre o corpo dos trabalhadores. A lógica industrial atendia apenas às demandas do mercado e à pressa de colocar produtos em consumo, priorizando a reprodutibilidade técnica e disciplinando o corpo masculino sem espaço para singularidades ou reflexão sobre os processos¹³².

Nesse sentido, ao que parece, as revistas de ampla circulação e a política nacional articularam interesses para estabelecer um regime de verdade forte o suficiente para enaltecer características positivas da industrialização e maior urbanização, articulando a ideia de

¹³¹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas com a presença de um pênis. **Outros Tempos: Pesquisa em foco - História**, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-281, 2020.

¹³² BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: CAPISTRANO, Tadeu (org.). **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 9-41.

satisfação e felicidade ao consumo, ao mesmo tempo em que justificava a violência contra o inimigo, imaginário ou não. Essas características eram permeadas por códigos de virilidade, sobretudo, ao reforçar as noções de confronto e da capacidade de desenvolvimento¹³³.

Na década de 1970, as propagandas insistiam na imagem masculina à frente das indústrias de sucesso da linha de frente do desenvolvimento nacional, como parte do progresso do país ditatorial. Assim, o homem industrial de sucesso articulava-se à existência de uma indústria de homens, no sentido de evidenciar o processo de construção das masculinidades no Brasil.

Imagem 7: Tem gente de olho na sua indústria (à esquerda); É o Homem (à direita).



Fontes: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1971, edição especial A, p. 121; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, ed. 1126, p. 182.

Na primeira figura, de 1971, a *Manchete* destacou a Supergasbrás como propulsora do progresso industrial brasileiro. De maneira semelhante, em 1973, a publicação mostrava a João Fortes Engenharia de Construção Civil implementando um projeto de desenvolvimento nacional. As imagens contribuíam para a construção de masculinidades viris, associadas ao progresso da nação, estimulando códigos de virilidade que convidavam o leitor ao duelo e ao embate, legitimando o uso da violência para proteger a si mesmo, seu território e seu empreendimento, reforçando a ideia de que “sempre há alguém de olho na sua empresa”.

Nas décadas de 1960 e 1970, as imagens de homens industriais publicadas nos jornais mais populares do Brasil retratavam indivíduos inseridos no setor automobilístico, na construção civil e no mercado de carnes, entre outros. Eram homens destacados por força, potência e versatilidade. O consumo de produtos voltados ao universo masculino gerava a sensação de apropriação dessas características viris. Essa relação evidencia o caráter de fabricação, construção e invenção de masculinidades nos meios impressos, como jornais e revistas de ampla circulação.

¹³³ FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

Outro exemplo industrial que alterou as relações sociais nos grandes centros foi o *Grupo Votorantim*¹³⁴, a outrora fábrica de tecidos que, em 1973, havia se tornado um complexo industrial com quarenta e cinco empresas, operando em dezessete estados, principalmente nos setores básicos. A matéria informava que o grupo investia em educação, saúde e o lazer de seus funcionários, proporcionando escola maternal, grupos escolares, praças de esporte, creches, formação profissional, bolsas de estudos, além de manter atuação nas áreas fundantes do desenvolvimento, como o aço, o cimento, o alumínio, o zinco, a cal, refratários, tecidos, níquel, papel, equipamentos pesados, produtos químicos, tintas, açúcar e sua própria energia, marcando de maneira significativa o processo de desenvolvimento brasileiro.

O termo “desenvolvimento” foi intensamente utilizado desde os anos 1950, contrapondo-se ao subdesenvolvimento. Ele designa uma mudança social global, impulsionada pela economia e conduzida pelo Estado, envolvendo múltiplos processos nos quais o crescimento econômico e a modernização se relacionam aos modos de vida. Essa noção de desenvolvimento é atravessada por uma concepção masculina dos fenômenos sociais: o sucesso aparece como um território construído hegemonicamente por homens viris, que se valem dos ideais de virilidade para disciplinar a si mesmos¹³⁵.

No contexto do desenvolvimento nacional, diversas obras públicas foram planejadas para expressar modernização e o “milagre econômico”, como estradas e hidrelétricas, incluindo a Transamazônia, a ponte Rio-Niterói, a usina de Itaipu, Angra e a modernização da Zona Franca de Manaus. O governo via projetos como a Transamazônia como grandes rotas para o futuro. Nesse cenário, a experiência da malha urbana e do “milagre econômico” era atravessada por múltiplos estímulos sensoriais e desejos, configurando uma experiência excitante para parte da sociedade civil.

A imprensa da *manchete* informava o plano do governo com entusiasmo e em uma narrativa linear de progresso, iniciando com Getúlio Vargas e a política de desmembramento territorial, com a criação de territórios federais, a existência do Banco da Borracha, transformada em Banco da Amazônia¹³⁶. Entretanto as condições para existência do crescimento econômico derivaram de um *Plano Estratégico De Desenvolvimento* (PED), que previa o crescimento financeiro, sem equidade social¹³⁷. Nesse sentido, a construção da

¹³⁴MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, edição especial A, p. 172

¹³⁵LAUTIER, Bruno. Desenvolvimento. In.: HIRATA, Helena [et al.] (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

¹³⁶MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, ed especial A, p. 8-9

¹³⁷O Código Tributário Nacional, que surgiu com a Lei 5.172/66, substituindo os antigos “impostos em cascata”, tais como imposto de consumo e o imposto de vendas e consignações. Outro fator, a criação do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) pela lei citada foi um mecanismo em que o empregador deposita, em nome do

Transamazônica e da Cuiabá-Santarém, iria ao mesmo tempo socorrer o Nordeste e conquistar a Amazônia. Os recursos seriam destinados a financiar as obras do Nordeste e da Amazônia, para a promoção da economia nacional de uma área correspondente a 59% do território nacional e com apenas 4% da população, cobrindo os estados do Acre, Amazonas e Pará, parte do norte de Goiás e Mato Grosso e territórios do Amapá, Rondônia e Roraima¹³⁸.

Segundo matéria da revista *Manchete*, o projeto de desenvolvimento e integração da Amazônia seguia o processo de modernização iniciado no governo de Juscelino Kubitschek, ressaltando o papel do chefe de Estado. A imagem do General Médici era construída como a de um homem de sucesso, alinhado à industrialização e à modernidade, promovendo os sonhos de progresso e desenvolvimento nacional:

Imagem 8: Médici na Transamazônica.



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, ed. esp., 1973, p. 84.

A imagem evidencia símbolos nacionais, como as bandeiras, a posição central de Médici, a orquestra de soldados e as roupas formais, surgem transmitindo força e poder. Segundo *Manchete*, em setembro de 1973, Médici visitou Altamira, entre Marabá e Itaituba, para inspecionar obras e tráfego, anunciando a pavimentação prevista para 1974¹³⁹. A matéria defendia a ideia de que o governo militar queria “Integrar para não Entregar”¹⁴⁰. Assim, a ocupação seria ocasionada pelo povoamento e a formação de agrovilas, deslocando mais de três mil famílias. O desenvolvimento da área se estabeleceu com polos exportadores em dez portos fluviais, como o de Santarém. Segundo o redator, o objetivo do projeto era empurrar a

empregado, uma percentagem da remuneração para formação do fundo que podia ser usado em caso de dispensa sem justa causa. Além disso, os novos mecanismos de poupanças, viabilização de programas como o Plano Nacional de Habitação, executada pelo Banco Nacional de Habitação. Ver: PRADO, L. C. D; EARP, F. S. O “Milagre” Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967 – 1973). In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Orgs.). **O Tempo do Regime Autoritário**: ditadura militar e redemocratização. Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

¹³⁸ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, ed especial A, p. 8-9

¹³⁹ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, edição especial 1973, pp. 84-85

¹⁴⁰ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, edição especial 1973, pp. 84

civilização para dentro da Amazônia e combinar a estratégia de ocupação econômica da Amazônia com o desenvolvimento do Nordeste¹⁴¹.

A conquista da Amazônia articula-se ao Brasil, país do futuro, corroborando a perspectiva desenvolvimentista da nação, como evidenciam as matérias nas revistas e jornais no sentido de construir discursivamente a região da Amazônia em um vazio demográfico que precisava ser ocupado para se desenvolver, convencendo grande parte de brasileiros a buscarem melhores condições de vida na BR 230. Em 1970, foi aprovado o *Projeto de Integração Nacional* (PIN) com o objetivo de “integrar para não entregar”, diante das acusações de nacionalistas sobre a postura de entrega do Brasil aos países estrangeiros. Os primeiros reflexos dessa nova orientação política foi a modernização da estrutura do Estado, com a multiplicação de órgãos, de departamentos e de superintendências associadas às regiões interioranas para a construção de obras públicas¹⁴². Posteriormente, o impacto desse projeto contava com a intensificação do fluxo migratório no período para atender à demanda nacional¹⁴³.

Em 1973, *Veja* destacava que, quando o nordestino Francisco Sabino da Costa chegou à Amazônia, com a mulher e seus quatro filhos, recebeu a advertência de uma senhora à beira da estrada “Moço, aqui a gente tem que comer urubu, e sem tempero”¹⁴⁴, remetendo às péssimas condições para alimentação. Da matéria constava que Francisco instalou-se com sua família numa hospedaria do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), sendo enviado para um lote sem demarcação. Em seguida, trabalhou em um trecho da mata que pertencia ao vizinho, até que um topógrafo avisou sobre o erro. A matéria afirmava que, apesar das dificuldades, Francisco estaria satisfeito por ter terras e poder deixá-las aos filhos, que um dia iriam usufruir. A matéria destacava que Valter Costa Porto, então presidente do INCRA, não aceitava a afirmação de que ocorreram erros, admitindo no máximo a existência de imprevistos irrelevantes¹⁴⁵.

¹⁴¹ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, edição especial A, p. 30/31

¹⁴² Foram criadas as Superintendências de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e do Centro-Oeste (Sudeco), o Banco da Amazônia (Basa), a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), entre outras. Além do grupo de trabalho para integração da Amazônia, por diferentes órgãos do CSN e do Estado Maior das Forças Armadas. Ver: EVANGELISTA, Breno Luiz Tommasi. **Entusiastas do desenvolvimento**: a Fundação Nacional do Índio e o projeto modernizador da ditadura (1969 – 1974). São Paulo: Appris, 2021.

¹⁴³Exemplo desse agenciamento de desejo, parte da proposta de “Que os homens sem terras do Brasil fossem para terras sem homens na Amazônia”, do general-presidente Emílio Médici ao convocar trabalhadores para a Transamazônica, consistia em um projeto coletivo que pretendia integrar a Amazônia ao restante do país com uma rodovia da divisa de Pernambuco, passando por Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará, até Boqueirão da Esperança, fronteira do Acre com o Peru. Ver: CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. As empreiteiras e a rodovia Transamazônica: interesses econômicos e impactos sociais de um grande projeto da ditadura brasileira. **Cadernos do CEOM**, Chapecó (SC), v. 34, n. 55, p. 67-82, Dez/2021.

¹⁴⁴ VEJA, Reportagem: A dura ocupação da Amazônia. editora abril, n. 261, 5/09/1973.

¹⁴⁵ VEJA, Reportagem: A dura ocupação da Amazônia. editora abril, n. 261, 5/09/1973.

Embora a propaganda tenha feito sucesso entre alguns homens e mulheres que precisavam acreditar em melhores condições de vida, a transformação em realidade desse projeto se mostrou pouco próspero, tendo em vista que dependeria de altos investimentos financeiros e da controversa aceitação da causa ambiental, que despontava de forma orgânica e pouco segura da atuação governamental, conforme se demonstra naqueles que se propuseram a debater nos jornais do período¹⁴⁶. Diante dos relatos colhidos, é possível sinalizar que as revistas *Veja* e *Manchete* possuíam um caráter pretensamente amistoso ou minimamente diplomático com a atuação do governo militar e a sociedade, uma vez que se valiam de eufemismo para relatar a situação daqueles que deixaram suas casas porque acreditavam passar pelo milagre econômico, mas que acabaram encontrando uma realidade extremamente distante desse ideal de progresso almejado¹⁴⁷.

O ponto de vista otimista sobre o Brasil foi um projeto de imagem desenvolvido pelo governo diante da disputa pela leitura correta da nação, onde o conjunto de convicções de potencialidades brasileiras reforçava a crença da necessidade dos militares na direção do país e atribuía legitimidade ao poder¹⁴⁸. Argumentavam que a Transamazônica nada tinha de regional ou de restrito, pois incluía programas de colonização e reforma agrária, de exploração mineral, de corte transversal dos vales, de uma vinculação com o Planalto Central e o Nordeste. Nesse momento, também ocorreu uma crescente urbanização e verticalização das cidades, ao lado da especulação imobiliária nos grandes centros urbanos e o cerceamento de direitos à terra aos indígenas.

Ademais, a potência da construção e da execução de programas de governo mostrava como o mito da terra virgem é também um mito da terra vazia, algo conectado ao imaginário de que a natureza intocada, tal qual o corpo feminino, significaria também uma terra vazia de desejo e à espera da colonização masculina. Dessa maneira, a narrativa de progresso e de desenvolvimento elaborado na Ditadura possui traços de um passado colonial, onde a erotização

¹⁴⁶ NETTO, David Antônio de Castro. **Propaganda e legitimação na ditadura civil-militar brasileira** (1968-1977). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2011.

¹⁴⁷ O milagre econômico brasileiro foi o período marcado pelo progresso exponencial no Produto Interno Bruto – PIB, compreendido entre os anos de 1968 a 1973, findando com a crise do Petróleo. Ver: CARTOCE, Raquel Elisa. **O Milagre Anunciado: publicidade e a ditadura militar brasileira (1968-1973)**. Dissertação em História, USP, 2017.

¹⁴⁸ A importância da propaganda política nacional é reforçada desde 1964, com a criação de uma agência de propaganda para a elaboração da imagem pública da “Revolução Redentora” promovida pelos militares, a Assessoria de Relações Públicas (ARP), que consistia em uma assessoria sigilosa criada pelo Decreto 62.119, 15 de janeiro de 1968. A Aerp/ARP focava na imagem do governo de sucesso, modulando a opinião pública e promovendo a defesa institucional, no sentido de instigar o anseio por um Brasil grande. Ver: FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

do espaço era estabelecida com facilidade, sem que os povos originários pudessem reivindicar adequadamente os direitos territoriais e de seus corpos¹⁴⁹, selecionando-se como passado enredos diverso à resistência.

A Ditadura Civil-Militar no Brasil tentou organizar e executar as diretrizes em grande escala, a partir de dogmas, institutos e decretos, articulando a coerção de seu poder de polícia, em contestação aos modos de vida capitalistas, pretensamente, organizados e coesos, provocando uma interação ainda mais complexa com os cidadãos¹⁵⁰. No cenário, as Forças Armadas promoveram o esvaziamento de poder dos partidos políticos em favor das ordens do General-Presidente, que, além de retirar funções do Parlamento, com a promulgação de Decretos e Decretos-Lei, chegou a fechar o Congresso Nacional¹⁵¹. Paralelamente, a dinâmica da sociedade civil estava em intensa movimentação, como evidenciavam em matérias percebidas nas revistas da *Manchete*, do *Cruzeiro* e da *Veja*, onde imagens de homens bem-sucedidos, apreciadores de viagens e vinhos, transmitiam a ideia de ordem e progresso linear, associando-a ao “milagre econômico” para setores da classe média.

A propaganda do “milagre brasileiro” sintetizava a missão dos militares e exaltava os elementos da nação em modernização¹⁵². O PIB cresceu consecutivamente, mas não beneficiou as famílias menos favorecidas devido à desigual distribuição de renda. A gestão econômica, segundo Delfim Neto, priorizava “crescer o bolo antes de repartir”, resultando na concentração de riqueza e poder em poucas famílias brasileiras¹⁵³. Apesar disso, as imagens que fomentavam identificação com uma classe social almejada, construindo uma fantasia de distinção e prestígio. Assim, durante a ditadura militar, a domesticação das virilidades apoiava-se no fascínio pelo desenvolvimento social, disciplinando camadas da população e abrindo espaço para a expansão capitalista. Jornais e revistas enfatizavam o progresso, associando prosperidade ao acesso a

¹⁴⁹MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: São Paulo, editora Unicamp, 2010.

¹⁵⁰HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁵¹Foi graças à existência de um Congresso Nacional que a ditadura se estabeleceu por 21 anos, permanecendo fechado em três momentos, em 1966, 1968 e 1977. Ver: IANNI, Octavio. **Estado e Planejamento Econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

¹⁵²O início do fim do Milagre Econômico começou com a crise do Petróleo em 1973, quando países produtores pararam de comercializar com países aliados de Israel e os Estados Unidos elevaram os juros e reduziram as remessas de dinheiro aos países em desenvolvimento. Os recursos internacionais elevaram a dívida externa, indústrias de bens de consumo, farmácia e a agricultura voltaram-se ao mercado internacional, momento em que o Brasil do governo do General Médici promoveu arrocho salarial, quando os ajustes não acompanhavam a inflação, provocando redução do poder de compra e aumento da pobreza e da miséria. Ver: CORDEIRO, Janaina Martins. **A Ditadura em Tempos de Milagre**: comemorações, orgulho e consentimento. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

¹⁵³CAMPOS, P.H.P. Os Camargo, os Andrade e os Odebrecht: as grandes famílias brasileiras da construção civil. In: P.H.P. CAMPOS; R.V. da M. BRANDÃO (org.), **Os donos do capital**: a trajetória das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro. Rio de Janeiro, Autografia, 2017, p. 227-270.

bens de consumo e aparelhos diversificados, independentemente de sua origem, em sintonia com o estilo de vida moderno.

As fontes estudadas indicam que as imagens serviam ao deslumbramento, ao fascínio e ao consentimento ao regime de parcela da sociedade civil que consumia o material, pois estes impressos davam visibilidade ao milagre econômico brasileiro. Em todo caso, a industrialização e a sensação de progresso nacional ocorreram, em grande parte, graças ao apoio econômico proveniente de empréstimos do governo dos Estados Unidos, bem como ao suporte militar, incluindo estrutura bélica e treinamento em técnicas de repressão a opositores do regime. Dessa forma, o Brasil cedeu parte de sua autonomia política, viabilizando um “milagre econômico” financiado por outro país, que proporcionava aos brasileiros apenas a ilusão de modernidade¹⁵⁴.

1.2 NAÇÃO FELIZ

Imagem 9: Amigo da Leoa (à esquerda); O circo (ao centro); O Leão ataca (à direita).



Fonte: GARCIA, Gardênia. O Amigo da Leoa. Foto de Aldyr Tavares. MANCHETE, Rio de Janeiro, 1963, ed. 603, p. 34-35; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1968, ed. 833, p. 58.

Em 1963, *Manchete* entrevistou Pacífico Soares, domador de circo e do Jardim Zoológico da Guanabara. Soares ressaltava que o domar não dependia da força, mas do controle, enfatizando o som do chicote como instrumento de adestramento e que comportamentos habituais dos animais, quando alterados, provocavam desorientação, enquanto urros indicavam bom-humor, frequentemente estimulados pela interação com a plateia.

As fotos retratam Amadeo Gerardi, domador italiano de 43 anos, posando diante de seis leões e, posteriormente, sendo atacado por um deles. Publicadas na *Manchete* em 1968, as imagens registram o incidente no circo Rancy, quando o leão, normalmente obediente e disciplinado, surpreendeu o domador, provocando desespero no público e exigindo a intervenção dos ajudantes.

¹⁵⁴ FICO, Carlos. **O Grande Irmão**: da operação brother sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2008.

Assim, apesar de ser uma forma de lazer difundida para as famílias em todas as idades, um momento destinado à fascinação, coisas improváveis também poderiam ocorrer, como o ataque dos leões insubordinados e/ou despertar sentimentos contraditórios em outra parte do público. De todo modo, essa linha de força empenhada em deslumbrar com a magia circense foi elaborada com maior intensidade pelo governo ditatorial, uma vez que buscava docilizar os corpos da sociedade civil dentro de uma matriz de inteligibilidade cultural generificada, moldada, por virilidades úteis produtivamente e dóceis politicamente.

Em 1971, a *Manchete*, em reportagem de Alfred Belmont Pessoa e com fotos de Orlando Abrunhosa, informava que o circo era uma festa no espetáculo de Orlando Orfei, narrado como uma grande família unida:

Imagem 10: O circo (à esquerda); A Família do circo (ao centro); O bebê enjaulado (à direita).



Fonte: PESSOA, Alfredo Belmont. O Circo é uma Festa. Fotos de Orlando Abrunhosa. MANCHETE, Rio de Janeiro, 1971, ed. 997, p. 100.

As imagens evidenciam cenas do cotidiano circense. Na primeira, à esquerda, observa-se os leões enfrentando o fogo e o tigre de Bengala realizando saltos mortais. Na imagem central, são retratados os bastidores da educação dos filhos dentro da comunidade circense, em que as casas eram trailers e todas as atividades precisavam ser executadas com habilidade, cuidado e tempo hábil para o espetáculo. Na terceira imagem, à direita, o cotidiano pedagógico das crianças surge em meio aos objetos circenses, indicando que, tão logo saíssem do berço, seriam integradas a alguma composição do circo. Todas as imagens evidenciam um estilo de vida comunitário e nômade, que minimizava a percepção da violência empregada no adestramento dos animais, em favor da fantasia e da magia do circo.

A *Manchete* evidenciava não apenas a criação e domesticação de animais selvagens em comunidades circenses, mas também a vida das próprias pessoas no circo, entre a adrenalina das acrobacias com fogo e os afetos de ternura e proteção dirigidos às crianças em seus “berços”, que funcionavam como pequenas jaulas de domesticação. A experiência circense alterava a dinâmica familiar de modo singular, mostrando ao público tanto elementos passíveis

de fascínio com o adestramento das feras, o globo da morte, o atirador de facas e o equilibrista, quanto aqueles dignos de riso, representados pelas piadas dos palhaços¹⁵⁵.

Além disso, a *Manchete* relatava o exaustivo trabalho envolvido na criação de uma “nação feliz”. O processo começava com a instalação do circo em cada cidade, mobilizando cerca de uma centena de operários responsáveis por erguer mastros, montar a lona de nylon resistente ao fogo, construir a arquibancada, decorar o picadeiro, suspender os aparelhos para acrobacias aéreas, instalar o sistema de som e verificar as carretas de habitação e jaulas. Após toda essa preparação, restava apenas o brilho do espetáculo.

Imagem 11: Cambalhote do Elefante (à esquerda); Elefantes enfileirados (ao centro); Tigre de Bengala (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem: Barnum: 101 anos de espetáculo. Fotos de Richard Howard e Jacques Charles. 1971, ed. 1005, p. 70-72.

Em 1971, no circo de Gunther Geberl-Williams, o clima de medo era instaurado a partir da presença de tigres de bengala e elefantes ornamentados ao lado de seu domador, juntos em jaula fechada, induzindo-os a ficar quietos ao som do chicote. Todas as matérias que circularam na *Manchete* durante as décadas de 1960 e 1970, dentro do contexto circense, representam modelos de masculinidades articulados a padrões de virilidade que reforçam valores de bravura, de crueldade ou de doçura. De forma metafórica, adestrar um animal de circo para desempenhar comportamentos específicos era uma atividade de risco que parecia dialogar com o conjunto de outros códigos de virilidade agenciados pelo grupo. Portanto, fazer com que um animal selvagem adote uma postura submissa é o que constitui um homem em um domador, exemplo de virilidade por excelência quando posto em parâmetros de masculinidades ideais, como informam as matérias sobre os senhores Pacífico, Amadeo Gerardi, Orlando e Gunther.

¹⁵⁵ Em 1880, uma criança microcéfala entre macacos e leões são exibidos juntos para o espetáculo com outras atrações, entre elas a mulher-barbada e outros indivíduos considerados híbridos e/ou bizarros, dignos de uma atração para exibir a “monstruosidade”. Dessa forma, as grandes aglomerações no século XIX evidenciavam a curiosidade de alguns homens diante do que era considerado bizarro ao corpo humano, eram considerados fenômenos vivos e colocados em circos e “zoos humanos”. Ver: COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

A diversão circense, amplamente difundida na época, trazia em si reflexões sobre insubordinação e poder. O espetáculo de animais selvagens diante do domador funcionava como metáfora da vida social durante a Ditadura, na medida em que dramatizava o conflito entre força bruta e disciplina imposta. Quanto maior o fascínio do público, maior o efeito de domesticação, pois o deslumbramento encobria o caráter reiterativo, violento e disciplinador que sustentava a performance. Assim, a fantasia de um modo de vida linear, progressista e salvacionista era reforçada, em consonância com a narrativa militar de missão redentora para “civilizar” a nação, estendendo hierarquia e disciplina a todos os setores sociais, projeto este que encontrou apoio de parte expressiva da sociedade civil.

Os leitores da *Manchete*, ao acompanhar narrativas que dramatizavam o processo de adestramento, ora pela crueldade, ora pela amorosidade do domador, eram levados a se identificar com a virilidade do adestrador, símbolo de força capaz de subjugar a natureza indomável. Ao mesmo tempo, eram capturados por uma lógica de lazer que, sutilmente, os moldava à condição da “fera enjaulada”, naturalizando práticas de submissão e inscrevendo no imaginário coletivo a aceitação da autoridade. O espetáculo dos equilibristas, dos atiradores de facas e das danças intercalava-se à exibição de animais adestrados, compondo uma encenação cuidadosamente construída para fascinar. E, assim, a aplicação cotidiana e repetitiva da disciplina era mascarada pela ilusão do espetáculo.

No que se refere às práticas de diversão e de lazer, além dos circos, a possibilidade do contato com animais selvagens fora do espaço controlado era possível com a prática da caçada em países da África e algumas regiões do Brasil, algo compartilhado por homens que desejavam uma aventura mais íntima com a natureza, um *hobby* distintivo de classe, demarcado pelo gênero, articulado com a natureza:

Imagem 12: Observando (à esquerda); O *Jeep* na caça (ao centro); Acampamento (à direita).



Fonte: BLOCH, Pedro. Uma caçada na África. Fotos de Miroslav Javurek. *MANCHETE*, Rio de Janeiro, 1965, ed. 666, p. 38-39.

Em 1965, a caçada tinha etapas específicas: o local adequado para acampar, o momento de observar e o de dar o bote requeriam habilidades sobre localização e o tempo, preocupação com os cães de caça e sobre o adestramento deles, além de outros fatores. A *Manchete*

informava que um homem chamado Carlos Alberto acompanhava outros homens nativos que conduziam o leão caçado, como mais um troféu valioso e a constatação de que o sul de Angola era um dos melhores lugares para caçar feras. Ainda informou ao leitor que o caçador tem que possuir perfeito domínio de nervos, reforçando o prestígio das habilidades masculinas desabrochadas em momentos de tensão às margens do rio Save, em Moçambique.

Do ponto de vista das masculinidades, a caçada se configurava como um esporte de distinção social e servia também para que o homem pudesse exibir astúcia e mostrar bravura, a partir de seus troféus, restos do cadáver de algum animal que traziam consigo de suas caçadas¹⁵⁶. A caçada envolvia a prática de observar, abater e levar a presa, num *hobby*, predominantemente masculino e coletivo. Para esses homens, caçar leões em África era equivalente a uma modalidade de arte, e a região era acompanhada por uma atmosfera mítica de que a natureza era cruel ao colocar bichos ornamentais ao alcance da fome aniquiladora de feras. Esse tipo de narrativa de aventura e de adrenalina inspirava os homens a viagens que pudessem explorar segredos e lugares exóticos. A prática da caça emprestou essa atmosfera por muitos anos aos homens que queriam provar seu valor viril¹⁵⁷.

A partir das matérias e das imagens veiculadas pela *Manchete*, o lazer e o prazer apareciam como dimensões generificadas para os homens viris, configuravam-se como demonstração de bravura, um rito valorizado socialmente. Ao destacar determinados países como destinos turísticos, a posição editorial da revista também implicava escolhas políticas, silenciando os processos de independência, seus conflitos internos e a própria dificuldade em assimilar o contexto autoritário brasileiro. Nesse sentido, a ênfase nas caçadas em países africanos, na segunda metade do século XX, ressoava como permanência do passado colonial, sobretudo em um momento em que grande parte do continente vivia intensos processos de independência e buscava afirmar-se fora dos alinhamentos rígidos da Guerra Fria e dos interesses do Norte Global¹⁵⁸.

¹⁵⁶A guerra, a caça, os prazeres da carne e a atenção à chegada de um herdeiro masculino configuravam modelos de masculinidade fortes no século XVII, representando o padrão exibido publicamente pelo rei como expressão de sexualidade dominante, porém controlada. Nos diários da época, termos como “presa”, “carne feminina”, “conquista” e “desentocar” revelam uma dimensão simultaneamente guerreira e lúdica, enquanto a representação da mulher e de homens considerados inadequados é marcada por desvalorização e inferiorização. Ver: FARGE, Arlette. *Virilidades Populares*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

¹⁵⁷NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpsons**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

¹⁵⁸A Conferência de Bandung, realizada na Índia no período da Guerra Fria, contou com o apoio de 29 países não alinhados à Guerra tida por “mundial”, dada aos interesses exploratórios e imperialistas que não se coadunavam com os processos de lutas e de resistências no objetivo de alcançarem a independência de países ainda colonizados em África. Ver: GOMES, JOAO GABRIEL NAGHETTINI. **O Espírito de Bandung e o estuário das nações**. Mestrado em Relações Internacionais na Universidade Federal da Bahia, Biblioteca Depositária: UFBA, 2023.

Esse contexto evidencia como o universo do lazer associado às caçadas se entrelaçava à dimensão erótica e amorosa, uma vez que atributos como força, coragem e bravura eram projetados como qualidades desejáveis no jogo da sedução. Nesse ponto, o enredo de certos filmes e obras literárias era replicado nas páginas de jornais e revistas, funcionando também como propaganda e publicidade para que outras mulheres incorporassem o sistema heteronormativo por meio de um jogo de sedução. A capacidade masculina de demonstrar força e bravura, aliada à obrigação de prover qualidade de vida por meio de presentes caros como joias, roupas e viagens, era interpretada como prova de amor verdadeiro.

Ademais, esse modelo reforçava um regime de verdade segundo o qual, para ser homem, era necessário atender aos desejos de uma mulher exigente, a ponto de ser quase indomável, dentro de um sistema heteronormativo. As imagens veiculadas ilustravam, de maneira recorrente, esse desdobramento das vontades masculinas em função das expectativas femininas:

Imagem 13: Leopardo (à esquerda); *Dior* (ao centro); Malas (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 666, p. 31; MANCHETE, Rio de Janeiro, *Dior*, 1963, ed. 570, p. 30; MANCHETE, Rio de Janeiro, Propaganda Malas Ilka, 1966, ed. 757, p. 75.

A primeira figura apresenta Carlos de Brito, carioca de Laranjeiras, professor da Escola Nacional de Educação Física, ex-aluno de jornalismo, estudante de direito, campeão de ginástica e dono de barcos a vela. Para ele, a caçada funcionava apenas como esporte e *hobby*¹⁵⁹. A segunda figura remete a uma publicidade da marca *Dior*, que promovia seus produtos como o ápice do luxo e da sofisticação. O casaco sem mangas, feito em pele de pantera da Somália, era descrito pela revista como “caríssimo”. A *Dior*, segundo a publicação, representava o movimento *New Look*, lançado em desfile de 1947, dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, conquistando sucesso entre mulheres e inspirando cópias por aquelas que não podiam adquirir os produtos originais¹⁶⁰.

As peças de alta costura eram usadas em jantares, bailes e caçadas, muitas vezes acompanhadas de lingerie, simbolizando status e sofisticação. Destacava-se a *Dior*, que se

¹⁵⁹MANCHETE, Rio de Janeiro. 1965, ed. 666, p. 31

¹⁶⁰MANCHETE, Rio de Janeiro. 1963, ed. 570, p. 30

tornou supermarca, exportava em maior escala e licenciava sua marca internacionalmente, embora sem impacto massificado. Representantes norte-americanos copiavam modelos ou compravam protótipos para reproduzi-los com materiais diferentes. Modistas, representantes e consumidoras acompanhavam as tendências, tornando o mercado competitivo. Nos anos 1950, a receita de exportação da *Dior* representava quase metade do faturamento total, com sucesso em diferentes gerações. Posteriormente, a moda tornou-se mais acessível com a produção industrial de roupas prontas, enquanto a alta costura continuou sob medida¹⁶¹.

A terceira figura apresenta uma publicidade de itens de luxo, como malas de couro bem-feitas e elegantes, produzidas pela empresa *Maias Ika*, destacando resistência, praticidade, economia e acabamento de alta qualidade, confeccionadas em vulkouro. A matéria reforça a ideia de que a mulher poderia persuadir o marido a atender seus desejos, inclusive adquirindo produtos ou viagens¹⁶². Nesse período, o couro evocava o universo selvagem, enquanto esportes e hobbies, como a caça de animais, estabeleciam uma conexão entre cultura e natureza. O imaginário coletivo sugeria que tais práticas aguçavam os sentidos do caçador, mediadas por produtos culturais que estimulavam o desejo por um estilo de vida mais sofisticado e distinto¹⁶³.

Nesse contexto, não apenas os circos podem ser interpretados como alegoria do projeto cultural da Ditadura, mas uma variedade maior de possibilidades para o lazer. Assim como os números de adestramento ocultavam a violência pela estética do espetáculo, também a política autoritária buscava legitimar sua disciplina por meio de uma narrativa de progresso e modernização. Logo, a *Manchete* cumpria um papel central nesse processo, reforçar o discurso de uma sociedade harmoniosa, ordeira e alinhada à promessa do “milagre econômico” mediante a exibição de imagens de domesticação e virilidade.

Essa pedagogia do espetáculo extrapolava o picadeiro e se desdobrava em outros cenários, desde a caçada transformada em lazer de elite, onde a violência contra a vida animal era ressignificada como demonstração de bravura e distinção social; a moda, com os casacos de pele, símbolos de status e consumo de luxo, que convertiam a morte animal em ornamento elegante; os parques de diversões, que ofereciam experiências controladas de risco e adrenalina, domesticando a emoção em doses seguras para o público. Em todos esses espaços, a violência e a disciplina eram estetizadas e absorvidas pelo fascínio do consumo, compondo uma

¹⁶¹BAUDOT, François. **Moda do Século**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

¹⁶²MANCHETE, Rio de Janeiro. 1966, ed 757, p. 75

¹⁶³De modo semelhante, Auschwitz era o maior laboratório de genética do período, abastecido com cobaias humanas e dirigido pelo Sr. Mengele, que, obcecado pela hereditariedade e pela raça, dissecava e examinava gêmeos, anões, chamados de “coelhos” no campo, entre outros. Ver: COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3. Petrópolis: Vozes, 2011.

pedagogia difusa que ensinava a obedecer sem perceber, a aceitar o controle como espetáculo e a docilidade como forma de prazer.

Assim, a analogia entre domador e Estado militar torna-se ainda mais evidente, pois ambos encarnavam a figura de autoridade inquestionável, legitimada pelo poder de controlar a “fera”, seja o animal selvagem no picadeiro, seja a população percebida como potencialmente insubordinada. O riso, o fascínio e o deslumbramento com o espetáculo mascaravam a violência cotidiana, convertendo-a em pedagogia da submissão. Dessa forma, o circo, as caçadas, os casacos de pele e os parques de diversão não apenas entretinham, mas reproduziam, em chave lúdica e consumista, os mecanismos de poder que sustentavam o regime, domesticando desejos e consolidando uma cultura política baseada na obediência e no temor, mas travestida de espetáculo e progresso.

Em 1968, a *Manchete* evidenciava a caçada a partir da brasileira Elizabeth Aguinaga que contou suas aventuras no safari angolano e diz, entre outras coisas, que os mosquitos africanos não a assustaram como os do Leblon:

Imagem 14: Elizabeth e seu marido Marcelo (à esquerda); Elizabeth e a zebra (à direita).



Fonte: SODRÉ, Moniz. O Dia da Caçadora. MANCHETE, Rio de Janeiro, 1968, ed. 821, pp. 44-45.

A reportagem informava que as cinco grandes caçadas africanas para Elizabeth Aguinaga eram ao leão, ao elefante, ao búfalo, ao rinoceronte e ao leopardo, revelando que seu gosto peculiar se estendia a sua residência no Rio de Janeiro, decorada com uma cabeça de um búfalo logo na entrada, com troféus e antílopes. Ainda contou que as bolsas e casacos mais bonitos do mundo se encontram nas selvas africanas, astutamente disfarçados sob a forma de leopardos, crocodilos, antílopes e zebras.

O conjunto das imagens reforça a conexão do sistema sexo-gênero a uma rede de interações onde há predominantemente uma narrativa em que o sujeito masculino surge como detentor de uma virilidade superior, que não tem concorrência de mulheres ou de outras espécies de machos. Enquanto que o local representado pela mulher era articulado ao universo da beleza e da fragilidade, mesmo quando representada como caçadora, surge com acessórios pomposos, com chapéus e casacos.

Nesse período de Guerra Fria, muitos países africanos e asiáticos passavam por processos específicos de dominação e de resistência, motivo pelo qual se colocavam como neutros e/ou não alinhados em relação aos interesses do Norte Global, seja o capitalismo norte-americano ou o imperialismo soviético, mas interessados em se constituírem como países soberanos. Essa movimentação influenciou pessoas do Sul Global e afins para formação de alianças contra a permanência de um sistema considerado exploratório e colonial¹⁶⁴. Entretanto não sensibilizou da mesma forma outra parcela de pessoas, como bem demonstrou a *Manchete*, ao evidenciar que as viagens aos países em África também eram reflexo de uma relação colonial de uma classe distinta da sociedade brasileira, onde mesmo as pessoas que viviam em países que foram colonizados reproduziam o espírito de aventura e de conquista em países que ainda passavam por processos de independência.

A Ditadura Civil-Militar empenhou-se em construir um discurso de desenvolvimento e progresso, articulado ao desejo de distinção de classe e manifestado por meio de sociabilidades, hábitos de viagem, práticas de lazer e consumo de produtos de luxo. Simultaneamente, o regime favoreceu a concentração de renda, permitindo que uma pequena parcela da população tivesse acesso a uma experiência “glamourizada”, enquanto a maior parte da sociedade permanecia em situação de privação econômica. Dessa forma, engendrou-se um poder refinado que domesticava modos de vida generificados e atravessados pelo capital, como exemplificam as caçadas em países africanos, nas quais turistas eram transformados em algozes¹⁶⁵.

Ao mesmo tempo, as imagens da *Manchete* estabeleciam uma cumplicidade com a sociedade civil, aproximando-a da ideia de poder e do luxo, ao mesmo tempo em que ocultavam desigualdades e naturalizavam o autoritarismo. Ao apresentar masculinidades viris associadas à capacidade de exercer poder e prosperar, essas representações revelavam como as instituições sociais contribuíam para a construção de virilidades autoritárias ligadas ao prestígio e à autoridade. Mais do que isso, fotos e reportagens de revistas de ampla circulação reforçavam a ilusão de acesso ao progresso e ao desenvolvimento nacional, consolidando códigos de

¹⁶⁴ Esse contexto influenciou a formação de um movimento político literário em torno da ideia de pan-africanismo, que pregava o retorno a uma África mítica, representado em obras literárias por uma ideia de nação sem discriminação, em Serra Leoa e/ou Libéria, além de uma intensificação de movimentos de afirmação identitária de negritudes em diferentes regiões do mundo, ver: FREITAS, Roberth Daylon Dos Santos. **Desenterrando os mortos e enterrando os vivos em suas entranhas: Uma História Social dos Sapes na Serra Leoa (1506-1615)**. Mestrado em História na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária, 2022.

¹⁶⁵ A relação da caça e o exercício da violência guerreira acabam se confundindo, a memória da profanação da humanidade forneceu às narrativas da Guerra no Pacífico a banalização de práticas violentas, a exemplo de 1942, quando uma cúpula militar estadunidense tentou coibir a prática de caças humanas na Coreia e no Vietnã. Nesse período, alguns soldados estadunidenses retornaram aos EUA levando clandestinamente crânios de outros soldados cobertos de enfeites decorativos e que serviam como castiçais ou cinzeiros. Ver: COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o Corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

virilidade vinculados à força, à autoridade e à prosperidade. Essa fabricação de masculinidades emergia das interações com instituições sociais e econômicas, que legitimavam comportamentos dominantes e naturalizavam o autoritarismo.

De maneira semelhante, os parques de diversões estimulavam novas sensações para o corpo, estimulavam as ambivalências de um lado selvagem, próprio da natureza e outro da cultura, como se fosse uma experiência cindida. A *manchete* informava ao público brasileiro que a juventude de Berlim também podia ser subversiva com a alegria dos parques de diversões, momento em que conseguiam esconder a tristeza diante da porta de Brandemburgo, o muro que separava a cidade. No local, a montanha-russa Caracol do parque de diversões em Hossloch, na Alemanha Ocidental, roubava a cena com vagões acoplados, onde os passageiros alcançavam uma velocidade significativa e subiam vinte e três metros para a sensação de antigravidade:

Imagem 15: Parque em Berlim (à esquerda); Montanha-Russa contra-ataca ressaca (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem: O Muro vai acabar. Fotos Magnum. 1971, ed. 1010, p. 7; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1980, ed. 1449, p. 111.

A sensação do *looping* da montanha-russa informava sobre as transformações culturais que pareciam aceleradas, ao mesmo tempo que ganhava destaque o vício em adrenalina, e a necessidade de distração servia como válvula de escape para governos autoritários, pois governável seria como um atestado de morte¹⁶⁶. A estética da excitação e da estimulação sensorial tornava esses lugares uma atmosfera caótica, frágil e desorientadora em harmonia ao cenário urbano da modernidade, igualmente concebido com um bombardeio de estímulos. A metrópole sujeitou o indivíduo de impressões, choques e sobressaltos, de um ritmo de vida mais frenético, com novas formas de transporte, horários permanentes do capitalismo moderno, pela acelerada linha de montagem¹⁶⁷.

¹⁶⁶SEVENCKO, Nicolau. **A Corrida para o Século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁶⁷Por volta de 1895, o parque de diversões e a emergente forma sensacionalista da imprensa começaram a disseminar imagens de brinquedos espetaculares, a exemplo da inauguração do parque de diversões da *Coney Island* e de outros parques semelhantes se proliferaram envolvendo espetáculos de desastres e passeios mecânicos emocionantes. Ver: SINGER, Bem. Modernidade, Hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In:

Nesse período, entre os estudos da sexualidade e intimidade de Master e Johnson, havia a articulação do amor como o estímulo, argumento reforçado pela entrevista de homens que afirmavam convidar a namorada para um encontro que provocasse emoções, como assistir a um filme de terror, andar em uma montanha-russa, eventos que pudessem despertar sentimentos estimulantes. Alguns homens acreditavam que passar esse momento de ansiedade ao lado da garota amada poderia favorecer maior conexão e sentimento de segurança¹⁶⁸.

Na Ditadura Civil-Militar brasileira, parte da sociedade civil teve contato direto com múltiplas formas de lazer e entretenimento. O acesso a esses espaços proporcionava condições para o consenso em torno do regime militar, na medida em que o entretenimento compartilhado atuava como fator de coesão social e naturalização do autoritarismo. A sedução de parte da população em relação ao governo ditatorial articulava-se às sensações cinéticas produzidas pela intensa “sensacionalização” do entretenimento comercial, em um contexto que oferecia diversão sem culpa.

Assim, mesmo que algumas propagandas, publicidades, matérias e reportagens não fossem diretamente provenientes dos órgãos oficiais do regime, mas sim da Editora Bloch e de outros empresários da comunicação, ainda assim coadunavam interesses, compondo um Brasil idealizado e fantasioso, projetado como vitrine de modernização. Em consonância com o regime militar que investia em uma política onde o “circo” e a ideia de “progresso” tinham uma função central para o engendramento sistemático das masculinidades viris. Contudo, essa articulação da sensação de conforto e de diversão não promovia apenas uma passividade social, como também um agenciamento em um modo de vida em que a classe dos militares emergia como gestão mais adequada à nação¹⁶⁹. Nesse imaginário, cenas de circos, parques de diversão, viagens internacionais e a expansão da indústria eram apresentadas como símbolos de prosperidade e harmonia social, aproximando a população do poder e do consumo¹⁷⁰. Logo, o espetáculo do progresso funcionava como estratégia de sedução e controle, anestesiando

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

¹⁶⁸MASTERS, William H. **Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

¹⁶⁹Historicamente, a política do “Pão e Circo”, conforme utilizada na Antiguidade Clássica com a República Romana para impedir a revolta de plebeus contra patrícios, esta política era baseada no incentivo estatais para a alimentação com trigo e o acesso aos divertimentos, como as práticas de lutas entre gladiadores no Coliseu. Ver: FEITOSA, Lourdes M. G. C.; GRANETTO, Daniel Roberto R. Representações do conceito “Pão e Circo” em Roma e no Brasil: um estudo comparativo. **PHOÏNIX**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 138–162, 2022.

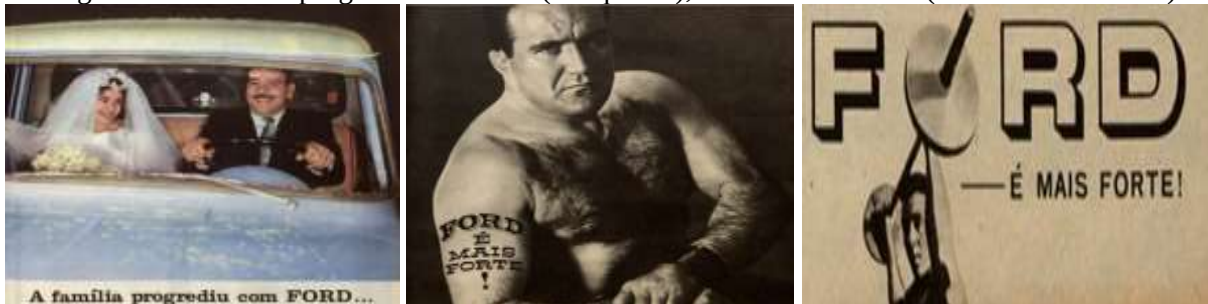
¹⁷⁰Essa lógica se conecta a uma modernidade marcada por técnicas e símbolos culturais, que produz uma forma de miséria que se sobrepõe aos feitos do “homem universal”. Ícones da cultura popular, como o camundongo Mickey, funcionam como sonhos contemporâneos que encantam, distraem e moldam experiências sensíveis, reforçando o fascínio pelo progresso e pelo consumo. Ver: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

tensões sociais e deslocando para o campo do lazer e do consumo o consenso em torno da ordem autoritária¹⁷¹.

Dessa maneira, a disseminação de um regime de verdade onde o autoritarismo se tornou possível permitiu também uma confusão na experiência de vida dos cidadãos-consumidores, posto que as propagandas das revistas davam a ilusão de que os sujeitos possuíam tantas escolhas quanto imaginavam possuir, mesmo no capitalismo¹⁷². De qualquer modo, a indústria cultural, a arte e o entretenimento não se limitavam a oferecer um passatempo, mas também operavam na produção de conformidade ideológica, alinhando interesses comerciais e políticos, suprimindo perspectivas críticas e facilitando a cumplicidade ao regime.

1.3 ORGULHO NACIONAL

Imagem 16: A família progrediu com Ford (à esquerda); Ford é mais Forte! (ao centro e à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1960, ed. 433, p. 49; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1960, ed. 431, p. 73.

Em 1960, a *Manchete* circulava no Brasil veiculando propaganda da marca *Ford*, associando seus automóveis a códigos de masculinidade voltados ao papel do homem como provedor e garantidor de segurança. Na primeira imagem, da esquerda para a direita, observa-se uma mulher vestida de noiva, segurando um buquê de rosas, enquanto um homem, trajando terno, conduz o veículo. A composição visual enfatiza a família como categoria central para os leitores, indicando que seus integrantes progrediram por meio da empresa. A segunda e terceira imagem reforça a relação entre o produto automobilístico e atributos como força física, potência

¹⁷¹ A produção de corpos dóceis se estabelece, segundo Foucault, no sec. XVIII, época clássica de descoberta do corpo como objeto de poder. Ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde e se torna hábil. A ideia de que a disciplina do corpo exige método que permite o controle minucioso das operações do corpo, que realiza a sujeição constante de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade-utilidade. Nesta esfera, é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004, p.118.

¹⁷² Na obra benjaminiana, a filosofia pessimista da história se manifesta de forma particularmente aguda em sua projeção de futuro, manifesta um tipo de melancolia revolucionária que traduz sentimentos reiterados de desastres, onde as vítimas da civilização urbana industrial não conhecem a experiência autêntica (*Erfahrung*), baseada na memória de uma tradição histórica e cultural, mas somente a vivência imediata (*Erlebnis*) e a experiência de choque (*Chockerlebnis*). Ver: LOWY, Michel. **Aviso de Incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin**. São Paulo: Boitempo, 2005.

viril e versatilidade para quaisquer percursos. A presença de um homem tatuado com a frase “Ford é mais forte!” e de um halterofilista levantando pesos reforça simbolicamente essa associação, sugerindo ao leitor a íntima conexão entre a masculinidade e a força do produto. Dessa forma, a propaganda estabelece uma articulação entre identidade masculina e desempenho tecnológico, promovendo a naturalização da potência viril como valor central tanto para o consumidor quanto para o veículo.

Além da *Ford*, outras montadoras disputavam o mercado consumidor brasileiro, como *General Motors*, *Volkswagen* e *Willys-Overland*, entre outras. Os automóveis eram apresentados como produtos de forte apelo masculino, associados ao prestígio, ao estilo e à sofisticação, buscando atender continuamente às demandas do lazer e da identidade viril do homem consumidor. Para caçada, por exemplo, elaborou um design de *Pick up Jeep*, um produto *Willys*, com uma propaganda afirmava que os amigos combinaram para ir longe, pegar estradas difíceis, mato fechado, riachos e brejos.

Em 1964, a *Manchete* divulgou campanha da Empresa Vicunha, que ressaltava a elegância e a qualidade de suas casimiras. A publicidade instruía o homem a ajustar a gola do terno e a observar sua própria imagem no espelho, sugerindo que não precisava da aprovação alheia para confirmar seu bom gosto. Assim, a propaganda consolidava a ideia de que o consumo de produtos de luxo podia construir a autoimagem viril, sofisticada e autônoma.

Imagem 17: Um espelho também serve (à esquerda); Aço Vilares S. A. (à direita).



Fonte: Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, ed. 0611, p.02; CARMARGO, Oscar Augusto de. Reportagem. Indústria: o Brasil inteiro está em São Paulo. MANCHETE, Rio de Janeiro.1965, ed. 692, p. 89.

Possivelmente, a mensagem reforce o distanciamento dos homens entre si, pois, na ausência de um amigo, a imagem de si mesmo refletida em um espelho também serve para fazer companhia e aplacar a solidão, como parte do argumento publicitário para a boa aparência masculina no uso do terno de sua marca. Além da Vicunha, outras empresas se destacaram nos jornais de ampla circulação ao direcionar suas campanhas para o público masculino, utilizando slogans como “Não é todo homem que pode usar”, utilizada pela empresa Erno Júnior da Indústria de Calçados S.A com estância Velha Vale dos Sinos (RS), projetado para um homem

único, de alta classe. Essas estratégias publicitárias reforçavam códigos de masculinidade, sugerindo que apenas homens viris, autônomos e bem-sucedidos poderiam apropriar-se de determinados produtos. Assim, a propaganda não apenas promovia o consumo, mas também consolidava ideais de distinção social e de virilidade como elementos centrais da identidade masculina moderna¹⁷³.

A escolha dos argumentos publicitários mantinha diálogo com outros produtos de beleza masculina do período, articulando-se a ideais de distinção social. Ao mesmo tempo, evidenciava a realidade de limitada acessibilidade a produtos de qualidade superior para grande parte da população, reforçando uma divisão simbólica entre aqueles que podiam consumir a estética e o prestígio associados à masculinidade moderna e os que não podiam.

O processo de industrialização e urbanização durante o período ditatorial foi amplamente acompanhado pelas imagens sequenciais veiculadas na *Manchete* e no *Cruzeiro*, que endossavam o ideal masculino de desenvolvimento social. Um exemplo desse momento é o reforço midiático promovido pela *Manchete*, ao enaltecer indústrias de aço, rodovias, estradas e setores automobilísticos, entre outras empresas responsáveis pela modernização do país. Ademais, a produção em série de propagandas de desenvolvimento e progresso articulava-se à noção de prosperidade do sujeito masculino universal, influenciando tanto o consumo de imagens quanto de produtos que constituíam esse sujeito. Essa configuração se estabelecia a partir de códigos compartilhados por meio de objetos, experiências e adereços, como luvas, relógios, viagens, cigarros e bebidas, bem como dos modos de lazer, incluindo circos, caçadas e parques de diversões, que sugeriam a internalização de submissão e cumplicidade a uma organização social atravessada pelos códigos de masculinidades viris.

De forma complementar, as propagandas de produtos masculinos, como roupas de grife, automóveis e cosméticos, reforçavam a ideia de distinção social e de poder, indicando ao homem o caminho para alcançar reconhecimento, sucesso e autoridade¹⁷⁴. Ao mesmo tempo, criavam uma fantasia de acesso ao moderno e ao prestígio, reservada apenas a uma parcela da população, refletindo a desigualdade social e a construção de masculinidades normativas alinhadas aos ideais do regime ditatorial.

Os produtos disponibilizados ao mercado em caráter serial transmitiam códigos de masculinidade, funcionando como modelo para os demais homens da sociedade e possibilitando a difusão de valores morais e princípios éticos. Tais códigos articulavam-se à

¹⁷³ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1964, ed. 0611, p 46

¹⁷⁴ CAMPOS, P.H.P. **Estranhas Catedrais**: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar. Niterói: EDUFF, 2014.

crença no mito do herói nacional, motivo pelo qual o Estado ditatorial não apenas permitia a veiculação dessas mensagens, mas também facilitava seu acesso, uma vez que o discurso convergia com os interesses militares. Esses códigos de comportamento funcionavam como um modelo para a transmissão de valores e princípios éticos dentro do universo masculino, consolidando certas expectativas sobre a virilidade e a performance social do homem. Os atributos masculinos eram veiculados por meio de produtos, como os relógios da marca *Tissot*, cuja presença massiva nas páginas de jornais de ampla circulação provocava um efeito duplo. Além de estimular a vaidade masculina por meio de acessórios, essas propagandas transmitiam valores simbólicos, como precisão, robustez e controle, reforçando a conexão entre o consumo e a construção das masculinidades viris.

Imagem 18: Homens que não podem falhar (à esquerda); Tissot procura Braços Fortes (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1964, ed. 0028, p. 3; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1972, ed. 1049, p.30.

O primeiro *slogan* comercial, veiculado em 1964 na revista *O Cruzeiro*, afirmava que um capitão de navio, um engenheiro ou um médico começavam a aprender o valor da precisão em sua profissão, razão pela qual utilizavam um *Tissot Militar Automático*. Essa associação articulava a publicidade com a ideia de que a habilidade masculina e o sucesso profissional poderiam ser refletidos através do consumo de determinados produtos. Assim, os atributos de precisão, robustez e controle eram transmitidos não apenas pelo relógio, mas também pelo discurso midiático que vinculava consumo, *status* e virilidade. Dessa forma, a mídia e o Estado Ditatorial atuavam de maneira articulada, utilizando a publicidade como instrumento de conformação social e de legitimação de um modelo de masculinidade alinhado aos ideais de ordem, progresso e obediência à autoridade.

Da mesma forma, em 1972, a segunda figura exhibe o discurso que os homens precisavam de características másculas, algo que o produto poderia fornecer para o consumidor:

Você vai trocar as marchas da sua máquina com segurança, vai fazer curvas calculadas, porque Tissot do braço esquerdo lhe dá precisão que só um suíço é capaz. Com os dois braços juntos você pode dar braçadas no mar de Cabo Frio sem deixar o relógio na praia. Tissot é a prova d'água. Quando sua mão esquerda quebrar meia dúzia de telhas no treino de karatê, o Tissot estará tranquila. [...] quando uma linda garota desmaiar nos seus braços, pode ter certeza: foi a beleza do Tissot que abalou o gentil coração feminino¹⁷⁵.

Também chama a atenção do leitor do impresso, a construção de um par romântico, junto a uma série de qualidades como robustez e precisão, logo, algo possível de ser adquirido diante do consumo do produto. Para essa forma de publicidade, a masculinidade era conduzida em articulação ao consumo, do qual se prometia: a robustez, a confiança, a força como elementos de valor para a sociedade.

O decurso do tempo nas imagens sugere uma transformação nos padrões de comportamento e nos códigos associados às noções de “força” e “coragem”, deslocando-se gradualmente para atributos como “pensamento” e “habilidade”, demonstrando uma masculinidade mais adaptada ao contexto tecnológico. Tal mudança, no entanto, não eliminou as formas de discriminação que marcavam as diferenças. Os produtos divulgados nas propagandas contribuíram para a construção de homens que não podiam falhar, com braços fortes e aptos a desempenhar atividades complexas, reforçando modelos de masculinidade vigentes nas revistas analisadas¹⁷⁶.

Nesse período, os homens das forças armadas, da polícia e de diferentes cargos do Estado possuíam a legitimidade para usar a violência diante do Estado. Esse fato refletia os embates culturais do tempo, ora se reforça um sistema fraternal através de qualidades de robustez, de precisão, de força e de infalibilidade, ora se contesta o sentido desses códigos de forma direta ou tangencial, manifestando-se carinho explicitamente ou esquivando desejos e camuflando intenções.

Nesse contexto, a propaganda veiculada pelas revistas de ampla circulação desempenhava um papel central na modelagem das masculinidades, ao articular atributos de força, precisão, robustez e habilidade com o consumo de produtos específicos, como automóveis, relógios e vestuário masculino. Assim, as imagens e slogans reforçavam o ideal do *self-made man*, capaz de prosperar economicamente, exercer liderança e incorporar os valores do regime autoritário. A publicidade funcionava, portanto, não apenas como meio de promoção de mercadorias, mas como ferramenta de conformação social e de legitimação de uma

¹⁷⁵MANCHETE, Rio de Janeiro. 1972, ed. 1049, p.30

¹⁷⁶MARAZINA, Isabel. O Espelho e os Homens: considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre: APPOA, n.28, 2005.

masculinidade alinhada aos ideais de ordem, progresso e obediência, construindo, assim, uma identidade viril vinculada ao sucesso, ao consumo e à participação no projeto nacional de desenvolvimento.

Imagem 19: Embassy (à esquerda); Neutmar (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1967, ed. 0798, p. 57; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1972, ed. 1049, p. 24.

Em 1967, a *Manchete* destacava que o garoto de praia adorava o mar, espreitava o horizonte e sonhava com terras distantes. De forma semelhante, em 1972, a revista informava que, em menos de cinco anos, o Brasil havia dado um imenso salto, consolidando uma das mais sofisticadas e eficientes Marinhas Mercantes do mundo. Nos mastros da *Netumar*, do Rio da Prata aos Grandes Lagos, a bandeira brasileira surgia como presença constante, ativa e incondicionalmente respeitada, representando a maior empresa particular brasileira de navegação. Em ambos os casos, a propaganda, na empresa *Embassy* e da *Netumar*, buscava transportar o Brasil a múltiplos portos por meio de navios automatizados, nos quais o lobo do mar aparecia como técnico altamente especializado. Para essa forma de publicidade, o desejo de consumo articulava-se ao universo masculino juvenil por meio da narrativa de aventura, especialmente ao longo da costa brasileira.

Parafraseando Fico, todas as coisas projetam uma sombra, mas nem todas produzem uma imagem. Nesse sentido, a construção da imagem política desempenhou papel central durante o golpe militar, evidenciando que muitos homens de sucesso se afirmaram como *self-made men*, especialmente no contexto do “milagre econômico” brasileiro, entre 1968 e 1973, período que despertou nostalgia em determinados setores da sociedade¹⁷⁷. Nessa tarefa, a publicidade em série forjava a fabricação de masculinidades venturosas, viajadas, certas, que culminavam nos homens da nação, corroboradas através das crônicas dos filmes hollywoodianos, onde a ficção tornava sólida a sensação do amor romântico e a linguagem

¹⁷⁷FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

rígida de gênero, com papéis determinados para os homens e para mulheres em amplas revistas¹⁷⁸.

Assim, a possibilidade de explorar lugares exóticos e o desenvolvimento de um espírito aventureiro eram incentivados, principalmente, para o mundo das masculinidades e alimentados pelo imaginário dos filmes como *James Bond*, *agente 007* e *Moby Dick*.

Imagem 20: James Bond (à esquerda); Moby Dick (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 696, p. 70; O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1966, ed 18, p. 59.

Em 1965, veicula-se a propaganda de que até debaixo d'água o agente 007 enfrenta o perigo, representado pela figura feminina. No filme de 007 dirigido por Tenesse Young, as mulheres surgem como perigo ao desempenho da missão secreta. Desta vez em fidelidade à obra de Ian Fleming, a bordo de um submarino nuclear, o agente comanda um esquadrão e homens do exército americano na luta contra a equipe e tubarões tigras. Logo, os códigos de masculinidades atravessam a noção de comando a outros homens, bravura diante do inimigo e dos riscos, inteligência para lidar com as mulheres e discrição para manter o disfarce de espião. Essas formas de interpretação dos códigos de masculinidades se articulam ao modelo de uma vida venturosa, recheada de viagens de aventuras, na busca por outros lugares com uma beleza selvagem¹⁷⁹.

Ao mesmo tempo, fantasia e imaginação eram convocadas para rememorar experiências literárias e cinematográficas, como James Bond e Moby Dick, reforçando a relação entre masculinidade e mar. O fascínio por aventuras marítimas remetia às experiências literárias e cinematográficas de heróis reforçava a associação entre masculinidade, domínio da natureza e demonstração de coragem e destreza. Soma-se a isso, as propagandas de viagens para destinos turísticos de natureza “intocada pelo homem” circulavam nas revistas e em pacotes de mercado, inserindo os jovens leitores em narrativas de aventura protagonizadas pelos heróis dos filmes

¹⁷⁸NECKEL, Roselane. **Pública Vida Íntima**: a sexualidade das revistas femininas e masculinas (1969-1976). 2004. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

¹⁷⁹VENAYRE, Sylvain. Os Valores Viris da Viagem. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2. O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

de sucesso. Além disso, a remota acessibilidade aos lugares paradisíacos para a população em geral, especialmente as classes médias e baixas, acendia mais o desejo de pertencimento ao universo lúdico e másculo dos filmes de sucesso entre os leitores da *manchete*.

Imagem 21: Aventuras (à esquerda); Caça Aquática (ao centro); Polinésia (à direita).



Fonte: MANCHETE, 1972, ed. 1050, p. 80/81.

Em 1967, a *Manchete* relatava que o garoto de praia adorava o mar, espreitava o horizonte e sonhava com terras distantes. De forma semelhante, em 1972, a revista destacou que, em menos de cinco anos, o Brasil havia dado um salto significativo, criando uma das mais sofisticadas e eficientes Marinhãs Mercantes do mundo. Nos mastros da *Netumar*, do Rio da Prata aos Grandes Lagos, a bandeira brasileira se fazia presente, respeitada e ativa, destacando a importância da maior empresa privada de navegação do país. Tanto a propaganda da empresa *Embassy* quanto a da *Netumar* buscavam levar o Brasil a mil portos diferentes por meio de navios automatizados, nos quais o lobo do mar representava ao mesmo tempo um marinheiro e um modelo de masculinidade.

Em 1972, as páginas da *Manchete* ampliavam essa fantasia ao retratar o mar azul e as ilhas paradisíacas da Polinésia, incluindo atividades como caça submarina, esqui aquático, passeios a cavalo e o encantamento proporcionado pelas flores tropicais. Inclusive, a menção à população local, denominada “Raça Maori”, contribuía para a construção de um imaginário exótico e selvagem. Nesse contexto, o espírito indomável e aventureiro dos jovens rebeldes era simbolicamente capturado e domesticado, convertendo-se em objeto de desejo e representação do ideal masculino. A fantasia de uma masculinidade viril, audaciosa e controlada, era, assim, oferecida e apropriada principalmente pelos consumidores de cruzeiros e produtos de lazer de alto padrão, consolidando a articulação entre aventura, consumo e construção de códigos de virilidade¹⁸⁰.

¹⁸⁰ A possibilidade de vivenciar aventuras semelhantes às narrativas de ficção revelava-se particularmente estimulante para parte da juventude, sobretudo masculina, um fenômeno perceptível ao longo do século XIX, na véspera da Primeira Guerra Mundial. As produções culturais desse período refletiam a identificação das instituições editoriais, explicitamente voltadas para o público juvenil, com três gêneros predominantes: o cômico, a aventura e o sentimental. Posteriormente, nos anos 1960, alguns críticos e leitores masculinos passaram a

A mensagem de virilidade e coragem, articulada à representação de viagens a lugares exóticos, evocava narrativas cinematográficas de conquistadores e desbravadores, moldando a subjetividade masculina como elemento central na constituição do sujeito universal masculino. Experiências de deslocamento, apreço pelas artes e a busca por troféus e objetos raros funcionavam como mecanismos de formação e reforço dessas masculinidades, reproduzidos continuamente em filmes, revistas e periódicos. Dessa forma, a fantasia de uma masculinidade viril, audaciosa e controlada, era oferecida e apropriada principalmente pelos consumidores de cruzeiros e produtos de lazer de alto padrão, consolidando a articulação entre aventura, consumo e construção de códigos de virilidade:

Imagem 22: Brasil todos os caminhos levam ao turismo (à esquerda); Esporte Aquático (ao centro); Esqui Aquático (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem. Brasil: todos os caminhos levam ao turismo. 1967, ed 778. p. 41; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1969, ed 877, p. 66.

A *Manchete* destacou imagens do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, e da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, apresentando esses locais como polos turísticos dotados de esportes aquáticos. Nesse contexto, o esqui aquático figurava em propagandas de cigarros, simbolizando um estilo de vida hedonista e sofisticado. As campanhas publicitárias de hotéis e resorts, com serviços como jacuzzi, massagem e banho turco, reforçavam a ideia de um mundo exclusivo, acessível apenas àqueles com poder aquisitivo elevado. O conjunto dessas imagens evidencia que, embora as diversões tropicais do Rio de Janeiro fossem exaltadas, a predominância da publicidade de produtos internacionais contribuía para a redefinição da cultura nacional, ao moldar o consumo de maneira específica e limitar a autenticidade das relações sociais regionais. Paralelamente, desempenhava um papel significativo na construção do consenso e da cumplicidade com o regime autoritário brasileiro.

questionar essas tradições, argumentando que o cômico se tornara excessivamente grosseiro, a aventura, excessivamente violenta, e o sentimental, demasiadamente apelativo e sexualizado. Todos esses gêneros, porém, continuavam a transmitir valores viris, reiterados em temas ligados ao banditismo, ao crime, ao ódio e à devassidão. Ver: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Dessa maneira, observa-se uma continuidade entre os espaços turísticos e a construção simbólica do consumo enquanto a exaltação das paisagens e dos esportes aquáticos enfatizava a sofisticação e o hedonismo de determinados grupos sociais. Nesse ponto, os discursos e imagens veiculados pelas revistas funcionavam como mecanismos sutis de agenciamento de desejo, pois ao mesmo tempo em que delimitavam o acesso físico e econômico às práticas de lazer, essas publicações criavam a ilusão de escolha e liberdade, vinculando o prazer e o consumo a uma experiência quase universal, porém filtrada pelo capital cultural e financeiro. Esse processo articulava, assim, a valorização do espaço nacional como destino turístico com a manutenção de hierarquias sociais, reafirmando, de forma simbólica, padrões de poder, prestígio e pertencimento, que dialogavam com a lógica de legitimação do regime autoritário.

Embora o acesso às práticas de lazer e prazer no mundo adulto permanecesse restrito àqueles detentores de capital, as páginas das revistas de ampla circulação direcionadas à classe média sugeriam aos leitores que a participação nesses ambientes se configurava como uma expressão de liberdade e escolha individual. Paralelamente, a construção do Brasil como destino turístico e de consumo era articulada por meio de imagens e discursos que reforçavam a ideia de um paraíso tropical, abençoado por Deus e dotado de beleza natural, consolidando simbolicamente a atratividade do país para o consumo e o lazer.

Esse discurso de liberdade e prazer, porém, coexistia com um caráter simbólico da experiência selvagem e adestrada constituída com a marca distintiva do caçador de aventuras, evidenciando o prazer associado à fantasia da conquista. Ao mesmo tempo, tal fantasia ocultava os problemas sociais decorrentes das desigualdades na distribuição de renda, ao anestesiar grande parte dos cúmplices por meio de objetos acessíveis que funcionavam como códigos de pertencimento a um mundo exclusivo e distintivo de classe. Desse modo, embora nem todos pudessem compartilhar experiências de viagens e aventuras fantásticas, era possível acessar esse universo por meio do consumo de produtos, como cigarros ou bebidas associadas à masculinidade idealizada, consolidando a articulação entre prazer, consumo e construção social de virilidade.

A cultura da masculinidade viril passou a ser concebida como mercadoria padronizada, de fácil consumo, produzida e disseminada em larga escala, assemelhando-se a uma verdadeira fábrica e contribuindo para a homogeneização da sociedade ao reforçar padrões de comportamento dominantes. Nesse contexto, o consumo implicava a absorção de valores que permeavam a dinâmica do homem industrial que ao adquirir determinado produto, o consumidor sentia estar incorporando também as características atribuídas a ele, transformando o ato de consumo em parte de um projeto de fabricação subjetiva, inserido na dinâmica dos

códigos de masculinidade. A publicidade, por sua vez, desempenhava papel central ao moldar perfis ideais, como o do *cowboy* fora da lei, a partir da imagem do homem que fuma *Marlboro*, consome álcool e assume riscos, construído como modelo de realidade para leitores que se espelhavam nas páginas do *Cruzeiro*, *Manchete* e *Veja*.

Imagem 23: *Rothmans* (à esquerda); *Du Maurier* (ao centro); *Pall Mall* (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, ed 1089, p. 156; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1977, ed. 1307, p.148; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1977, ed.1306, p.180.

Na década de 1970, a *Manchete* promovia a imagem de que um homem de sucesso precisava da sofisticação representada pela ponteira de ouro filigranado, tendência mundial associada ao cigarro *Rothmans*. A propaganda enfatizava que o produto era vendido e apreciado em seis continentes, em mais de cento e sessenta países e por mais de cem linhas aéreas, consolidando a ideia de que *Rothmans* era o cigarro mais procurado e consumido. Seu formato luxuoso, o aperfeiçoamento do filtro e a seleção dos melhores tabacos, capazes de proporcionar um sabor superior, transmitiam a mensagem de que viver bem exigia refinamento e experiência, que não se adquiria da noite para o dia. Por sua vez, a publicidade do cigarro *Du Maurier* reforçava que “O bom gosto já nasce com a pessoa. O resto é uma questão de vivência, de ir aprendendo a conhecer, escolher e combinar as coisas”, buscando persuadir o consumidor a optar pelo *Du Maurier 120's*, cujo maço elegante e sabor suave se apresentava como símbolo de estilo. Na mesma linha, a marca *Pall Mall* reforçava o espírito heteronormativo do homem conquistador, aventureiro e cosmopolita, consolidando a associação entre consumo, prestígio e identidade masculina.

A semiótica das imagens publicitárias evidencia que o objetivo do mercado era capturar a atenção do consumidor, acionando linhas de desejo e incentivando a imitação e a reprodução dos produtos. Nesse contexto, os homens, à semelhança de seus objetos de consumo, eram inseridos em processos de fabricação em série, quase mecanicamente estruturados. Assim, seria possível engendrar uma certa performance de submissão que pode ser interpretada não apenas como subserviência, mas também como um exercício ativo de subjetivação, em que os

indivíduos negociavam ganhos simbólicos e posicionamentos sociais, moldando-se às normas de poder e às expectativas de gênero, enquanto incorporavam e reproduziam os valores e códigos de uma masculinidade institucionalizada¹⁸¹.

A fabricação do homem de sucesso articulava noções de distinção de classe social, raça/etnia, gênero e sexualidade. Textos e imagens voltados ao público leitor da *Manchete* e consumidor de cigarros enfatizavam luxo, aventura e elegância, enquanto estratégias de *marketing* de bebidas alcoólicas abordavam a juventude brasileira com eficácia notável. As campanhas segmentavam diferentes perfis: o jovem trabalhador, o universitário de elite, o público feminino, o jovem irreverente e inconformista, o jovem sexualmente agressivo ou sexualmente confuso, entre outros, produzindo um amplo repertório de masculinidades socialmente codificadas e integradas ao consumo e à aventura¹⁸². Assim, a indústria cultural não apenas impunha a ilusão de liberdade aos consumidores, mas também valorizava conteúdos efêmeros, promovendo o esquecimento do próprio tempo e a perda da memória social¹⁸³.

Ademais, as propagandas contribuíam para consolidar a imagem do *Bon Vivant*, sugerindo que fumar era um sinal de distinção social em um contexto de intensa concorrência entre marcas de cigarro¹⁸⁴. Ao mesmo tempo, consumir esses produtos, os indivíduos engajavam-se simbolicamente com a nação, incorporando a fantasia de progresso e liberdade irrestrita¹⁸⁵. A difusão dessas imagens consolidava o regime de inteligibilidade heteronormativo, em que algumas leitoras associavam o homem à figura do provedor de sonhos, joias e viagens, conforme construído pelas revistas como um regime de verdade socialmente aceito. Dessa forma, o desejo viril era elaborado na imaginação e nos processos de subjetivação de meninos e meninas, de homens e mulheres, corpos organizados de maneira binária, com *scripts* e performances restritos a cada gênero, sentimentos apropriados e arranjos amorosos

¹⁸¹ Essas pessoas não se comportaram como meros sujeitos passivos ou bestializados dentro do processo autoritário estatal, mas atuaram como agentes conscientes de seus desejos, capazes de produzir e sustentar um modo de vida que acreditavam ser o ideal para a nação. Ao fazê-lo, também criaram as condições para que outras formas arbitrárias de organização social e política se consolidassem, reforçando a estrutura de poder vigente. Ver: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

¹⁸² CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In.: BRANCO, Pedro Paulo Martoni; ABRAMO, Helena Wendel. (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**, 2011.

¹⁸³ ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

¹⁸⁴ A indústria do tabaco movimentava grandes volumes financeiros e promovia o hábito de fumar como um exercício de autonomia, ao mesmo tempo em que minimizava os efeitos nocivos do consumo. A prática coletiva de fumar reforçava a percepção de poder e satisfação, pois os riscos à saúde não se manifestam imediatamente, dificultando a relação direta entre o comportamento e suas consequências a longo prazo. Ver: CARLINI-MARLATT, Beatriz. 2011.

¹⁸⁵ CORDEIRO, Janaina Martins. **A Ditadura em Tempos de Milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

prescritos. Esse conjunto de normas contribuía para a fabricação de masculinidades em um espaço diametralmente oposto às feminilidades, estruturando expectativas e comportamentos socialmente legitimados¹⁸⁶.

O contexto se configura simultaneamente à maior autonomia sexual feminina e à crescente expressão dos sentimentos masculinos, gerando uma “crise das masculinidades” viris e das formas tradicionais de relações conjugais e sexuais¹⁸⁷. Nesse cenário, o consumo de produtos associados à masculinidade viril, articulados ao lazer, prestígio social e poder, atua como instrumento de agenciamento do desejo viril, mobilizando atributos valorizados socialmente para capturar homens já moldados pela ordem social da Ditadura Civil-Militar, suprimindo sensações ausentes na estrutura de poder vigente¹⁸⁸. Publicidades associavam o homem a automóveis, viagens, aventuras, álcool e cigarros, configurando um universo viril e selvagem. Dessa forma, consolidavam-se expectativas socialmente construídas sobre o que significava ser um homem de sucesso, naturalizando hierarquias de gênero, classe e poder na sociedade brasileira do período.

Em suma, a análise do discurso sobre as masculinidades viris veiculado pela imprensa evidencia como o consumo de produtos e experiências de lazer não se limitava à esfera material, mas atuava como mecanismo de produção e reprodução de masculinidades normativas. Assim, compreende-se que a construção social da virilidade na década de 1970 esteve indissociavelmente ligada tanto às estratégias institucionais quanto às práticas cotidianas de consumo e apreciação cultural.

1.3 DEUS, FAMÍLIA E LIBERDADE

Da mesma forma que as masculinidades encontraram na ditadura civil-militar um terreno fértil para a fabricação de virilidades autoritárias, as mulheres também passaram por uma construção como um produto pelas imagens e narrativas de revistas e outros meios culturais. A articulação entre cuidado, cozinha, bondade, filantropia e feminilidade contribuiu tanto para restringir as mulheres a determinados rituais sociais de benevolência, reforçando a reprodução da dominação de classe e de gênero, quanto para abrir caminhos para novas experiências.

¹⁸⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é um botequim**. São Paulo: Nacional, 2000.

¹⁸⁷ GIKOVATE, Flávio. **Homem: o sexo frágil?**. São Paulo: editora MG, 1989.

¹⁸⁸ GARCIA, Sandra. **Homens na Intimidade: masculinidades contemporâneas**. Ribeirão Preto: editora Holos, 2006.

Imagem 24: O Elegante Tomate (à esquerda); Ceia de Natal (ao centro); Prata Meridional (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1964, ed 39, p.66; O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1964, ed. 14, p. 53; O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1964, ed. 27, p. 3.

As imagens acima, datadas de 1964, ilustram uma dinâmica familiar recorrente na sociedade brasileira da época. Na primeira, a fotografia de Jean Solari, acompanhada da matéria “Lar, doce lar”, apresentava receitas direcionadas às mulheres, atribuindo elegância até mesmo a ingredientes simples, como o pequeno tomate selvagem originário da Bolívia, Peru e Equador, posteriormente difundido na Itália e na França. O texto de Thereza de Paula Penna transmitia essas instruções com um tom didático e quase dogmático, reforçando normas de comportamento e conhecimento culinário feminino. A instituição familiar brasileira, nesse contexto, ostentava requinte e se consolidava como fonte de prestígio, renda e expressão cultural, refletida inclusive na exportação de produtos.

De forma análoga, a publicidade voltada às donas de casa enfatizava objetos domésticos de prestígio, como a “Prata 1000 Meridional”, apresentada como símbolo de amizade e bom gosto, capaz de eternizar lembranças por meio de talheres clássicos ou modernos, de qualidade excepcional. Em feriados, dias santos ou ceias de Natal, a sugestão de menus e receitas, como *paté en croûte* ou carne de porco salgada, revelava a interseção entre técnica culinária, requinte e valorização estética dos alimentos. Nesse cenário, os valores geracionais compreendiam que uma mesa farta, centrada em pratos de origem animal, constituía um jantar ou ceia adequados; porém, o distanciamento sensorial em relação ao sangue e à morte dos animais, resultado da industrialização e do fortalecimento do mercado, redefiniu a percepção e a experiência dos indivíduos frente à alimentação, marcando uma transformação cultural significativa¹⁸⁹.

O processo civilizador, que abrange desde os modos à mesa até as formas de se relacionar no espaço público, aparece entrelaçado em uma fantasia onde o papel da esposa associa-se à arte de se alimentar bem e de agradecer pelo alimento no prato, inclusive ao animal sacrificado para servir de sustento, prática que remete a uma religiosidade rural interiorana,

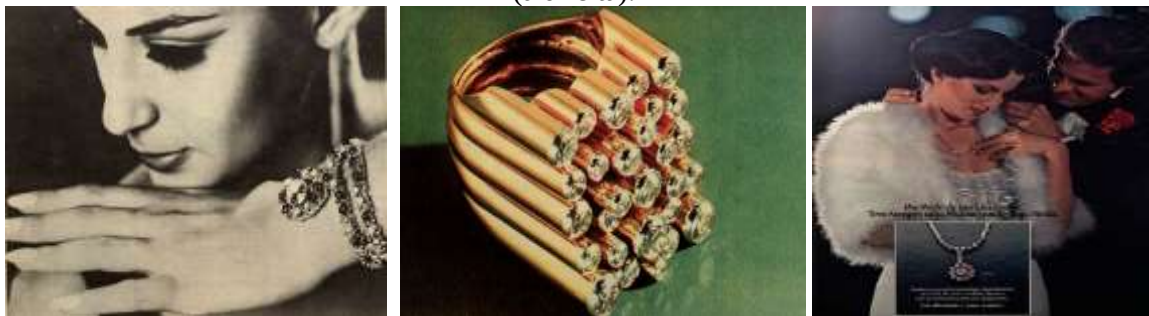
¹⁸⁹ ADAMS, Carol J. **A Política Sexual da Carne**: uma teoria feminista-vegetariana. EUA: Editora Alaúde, 2018.

progressivamente ressignificada pelo mercado de carnes¹⁹⁰. Assim como o conjunto de talheres de prata, concebidos para durar, a publicidade das joias dialogava com a ideia segundo a qual o lugar da mulher de classe deveria estar resguardado junto aos diamantes. Seus altos valores eram justificados pela promessa de eternidade, reservados ao universo feminino, vinculados à expressão da beleza e do cuidado, podendo também surgir como prova de amor, pedido de desculpas ou demonstração de recompensa.

A família burguesa no Brasil foi constituída em uma dinâmica pública, estruturada a partir de papéis generificados definidos para homens e mulheres, os quais eram reforçados e mediados pela imprensa de ampla circulação, como a *Manchete* e o *Cruzeiro*. A manutenção de práticas domésticas compartilhadas estimulava o desejo por performances que remetiam à elegância, ao acolhimento familiar e à distinção social. Nesse sentido, a ritualização da esfera doméstica para as famílias brasileiras evidenciada, por exemplo, pelo sucesso de livros de receitas voltados ao público feminino, reforçava a articulação entre elegância, cuidado, nutrição e a valorização da cozinha como espaço central da vida familiar.

No que tange aos desejos de consumo de algumas mulheres, as propagandas de revistas enfatizavam a conexão supostamente natural entre feminilidade e beleza. Havia um investimento direcionado a produtos de embelezamento, com joias, diamantes, pedras preciosas e outros acessórios, conforme ilustravam as páginas publicitárias.

Imagem 25: Relógio Universal Geneve (à esquerda); Anel Constelação (ao centro); Colar de Diamante (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1966, ed 759, p. 34; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1967, ed 773, p. 78; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1979, ed. 1434, p. 91.

A primeira figura apresenta uma mulher portando uma joia em concurso internacional, consagrada vencedora por unanimidade com a peça relógio-pulseira em ouro amarelo, ornada

¹⁹⁰ A influência do século XX, recuo da configuração rural diante da maior urbanização dos centros urbanos, evidenciando também o desmoronamento de um conjunto de práticas sociais que passaram a ser percebidas como não modernas. Esse aspecto pode ser entendido como um fenômeno de “rurbanização”, em que também os aspectos das cidades se tornam pouco mais ruralizados e o rural mais urbano, em diversos aspectos, do saber da medicina natural, do impacto no mercado da beleza e da importância da aparência. Ver: ORY, Pascal. *O Corpo Ordinário*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

por diamantes e safiras lapidadas em cabochão, cuja originalidade a distinguiu das demais criações de joalheria. Em 1965, as descrições ressaltavam que tais obras eram concebidas para atender à infinita diversidade do gosto feminino, reiterando a associação entre consumo de luxo e identidade de gênero. Dois anos mais tarde, em 1967, a segunda imagem enfatiza a joia brasileira *Constelação*, igualmente premiada, concebida por M. Kung e executada por J. R. Sauer. De acordo com a reportagem da *Câmera Press*, “quando brilham os diamantes, a difícil e rica arte do joalheiro também recebe prêmio”, evidenciando o prestígio simbólico atribuído à técnica e à criatividade. Inspirada nas estrelas do céu brasileiro e composta por vinte e oito brilhantes, a peça confeccionada pela Sauer Joalheria foi agraciada com o prêmio internacional de diamantes, afirmando a inserção da produção nacional em um circuito global de distinção e legitimação estética.

Nesse sentido, observa-se que as joias, ao mesmo tempo em que funcionavam como símbolos de distinção social e de inserção em um circuito de legitimação internacional, também operavam como marcadores de feminilidade idealizada no espaço doméstico e conjugal. O consumo de tais objetos de luxo não se restringia ao seu valor material, mas articulava-se a uma rede de significados culturais e morais que atribuía à mulher o papel de guardiã da beleza, do cuidado e da representação de status do marido. Essa lógica de consumo dialogava diretamente com outras práticas de valorização da aparência feminina, o que permite compreender a centralidade da beleza como estratégia de afirmação social e como dispositivo de poder nas relações de gênero.

No caso de algumas esposas, a valorização da beleza era mobilizada pelo consumo de produtos como colares de pérolas, anéis de diamantes, penteados clássicos e roupas consideradas sensuais, mas não vulgares. Esse ideal estético tornava-se alvo das estratégias das empresas de cosméticos e da indústria cultural de massa, que buscavam canalizar e agenciar tal fluxo de desejo. Tais discursos eram continuamente fomentados pela mídia dos fotojornais, de maneira deliberada e interessada, conferindo aos produtos do capital o estatuto de objeto de desejo, de fetiche, de distinção social e de poder¹⁹¹. Nesse processo, a imagem da mulher era moldada de forma a se adequar ao que poderia ser simbolicamente interpretado como um “troféu” para alguns homens, sobretudo sob uma perspectiva heteronormativa¹⁹². Em

¹⁹¹ Conceito antropológico de fetiche incorpora a animosidade dos objetos, capaz de influenciar pessoas e eventos, funcionando como intermediário entre o humano e o sagrado. Ver: PIRES, Rogério Brittes Wanderley. **O Conceito Antropológico de Fetiche: Objetos Africanos, Olhares Europeus**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

¹⁹² No universo moderno, uma virilidade específica onde a importância dada à conquista violenta, a identificação do feminino a um objeto de “caça”, um código honra fundado na influência e reconhecimento jocoso. Ver: VIGARELLO, Georges. A Virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: CORBIN, A; COUTRINE, JJ;

determinadas circunstâncias, as mulheres eram compreendidas como um capital cultural para os homens e vice-versa, operando como forma de legitimação do discurso do marido e do pai¹⁹³. Assim, a representação feminina se estruturava menos a partir do afeto e mais a partir de atributos como recato, candura e benevolência. O lugar da mulher-esposa e da mulher-mãe na sociedade brasileira dialogava constantemente com um imaginário social fortemente consolidado por representações ancoradas em costumes morais voltados à esfera doméstica, que exigiam uma beleza contida e qualidades como benevolência, religiosidade, alma caridosa e dedicação à filantropia¹⁹⁴.

Nesse tensionamento que se situam as múltiplas dimensões das mulheres, as quais, além de operarem como instrumentos de contenção, estiveram também na origem da inserção de muitas mulheres em movimentos sociais e políticos, como o feminismo, e na consolidação de profissões marcadas pela presença feminina¹⁹⁵. Logo, o protagonismo público de mulheres conservadoras e de elite em coletivos de assistência social revela as tensões entre práticas filantrópicas e reivindicações feministas. Embora atuassem frequentemente à margem do poder institucional, essas mulheres estabeleceram contato direto com uma realidade social complexa, atravessada por problemas de saúde, desemprego, abandono de idosos e crianças, falta de moradia, fome e carência de equipamentos de educação e acolhimento.

A trajetória de algumas mulheres evidenciam como a filantropia, ainda que orientada por valores morais e conservadores, abriu espaço para experiências democráticas, permitindo a constituição de formas de legitimidade pública. Nesse sentido, a assistência social funcionou simultaneamente como instrumento de reprodução da ordem e como meio de inserção das mulheres em esferas de atuação coletiva, sinalizando o caráter ambíguo de suas práticas entre a preservação da dominação e a criação de novos espaços de protagonismo feminino¹⁹⁶.

VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

¹⁹³ Também os homens podem ser percebidos como moeda de troca, os maridos se tornam como capital cultural, escolhidos em termos de progresso financeiro e força corporal, capaz de ser provedor de um lar e de promover a segurança da família, conforme pesquisa desenvolvida. Ver: GOLDENBERG, Mirian. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

¹⁹⁴ Nesse ponto, para historiadora Martins existe um certo projeto de esquecimento sobre as mulheres que se envolveram em práticas assistenciais, conservadoras em relação à ordem e à norma, embora tivessem posições diferenciadas sobre os assuntos como o casamento, emancipação feminina, educação dos filhos, religião e sexualidade. Ver: MARTINS, Ana Paula Vosne. **Faces Femininas do Conservadorismo: filantropias e feministas brasileiras no começo do século XX**. Teresina: Cancioneiro, 2023.

¹⁹⁵ MARTINS, A. P. V. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da feminilização e da bondade. História: **Questões & Debates**, Curitiba: UFPR n. 59, p. 143-170, jul./dez. 2013.

¹⁹⁶ Para a pesquisadora, conhecer a ação assistencial de mulheres de elite pode parecer um exercício historiográfico conservador, mas trata-se de um desafio ao esquecimento da noção de identidade e dessas práticas. Ver: MARTINS, Ana Paula Vosne. **Faces Femininas do Conservadorismo: filantropias e feministas brasileiras no começo do século XX**. Teresina: Cancioneiro, 2023.

A descoberta de uma rede de sociabilidades femininas vinculada à prática da assistência social no Rio de Janeiro evidencia múltiplas intersecções entre mulheres da elite e a participação de homens. Empresários e profissionais liberais, brasileiros e estrangeiros, reuniram-se para fundar um clube de serviços ligado ao *Rotary International* como uma instância que congregava associações semelhantes criadas em diversos países e cujos estatutos eram reconhecidos pelo fundador do *Rotary Club* de Chicago, em 1904, o advogado Paul Harris. No Rio de Janeiro, a iniciativa ganhou forma em 1922, impulsionada pelo embaixador norte-americano Herbert Coates, contando com representantes de empresas e bancos. Outro exemplo relevante é a Associação Cristã de Moços (ACM), filial de um movimento internacional voltado ao apoio e à proteção da juventude, cujo lema era a honestidade, a moralidade e a caridade, estabelecida na cidade em 1924. Ambos os casos se inserem em uma tradição transnacional de filantropia, que dialogava com práticas de assistência feminina já consolidadas no século XIX e ressignificadas no início do século XX, contexto no qual a presença ativa das mulheres não apenas complementava a ação masculina, mas também criava espaços próprios de visibilidade pública e de experimentação política no campo da assistência¹⁹⁷.

Nesse ponto, a preocupação com uma reforma social de base buscou respaldo em meios discursivos que a apresentassem como um desdobramento quase natural da ideia de benevolência, ainda que, em essência, se tratasse de uma questão de justiça social. O mal-estar em torno da noção de exercer benevolência para com indivíduos considerados “inúteis” à nação alimentou a sanha autoritária de diferentes setores sociais. Nesse cenário, alguns embates mostraram-se decisivos no período que antecedeu o golpe, desde a posse, em 1961, da Presidência da Legião Brasileira de Assistência (LBA) até o comício das Reformas de Base, realizado por João Goulart em 13 de março de 1964. Nessa ocasião, sua esposa, Maria Tereza Goulart, foi convocada a representar simbolicamente as mulheres da nação em atividades políticas, tornando-se referência para que outras reproduzissem tal gesto e comportamento no campo político, demonstrando que sua função de primeira-dama ultrapassava a esfera ornamental e familiar, ainda que supostamente bela e recatada.

Imagem 26: D. Maria Tereza Goulart em discurso (à esquerda). D. Maria Tereza Goulart com criança (ao centro); D. Maria Tereza Goulart no comício (à direita).

¹⁹⁷MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1961, ed. 01, p. 08/09; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, p. 636, p. 25.

A imagem à esquerda evidencia a primeira-dama acompanhada de Yara Vargas Dutra, esposa do deputado Eloy Dutra, proferindo um discurso firme em defesa da obra humanitária e afirmando que não se limitaria a uma função meramente decorativa na presidência. Já a segunda imagem retrata pessoas em situação de vulnerabilidade social, posto que descritas como “favelados” em suas “mil lamentações” e é caracterizada pelo *Cruzeiro* como contato com “famílias miseráveis”, vivendo em barracos insalubres, situação que impressionou as esposas de homens políticos ao se depararem com crianças desnudas pedindo esmolas. O cruzamento dessas realidades evidencia que a atuação da primeira-dama não apenas reforçava seu papel assistencial e filantrópico, mas também funcionava como dispositivo simbólico de representação da desigualdade social, consolidando a narrativa de empatia e legitimidade moral. Dessa forma, as imagens não apenas documentam ações concretas, mas também produzem sentidos sobre o papel público das mulheres de elite e a visibilidade das condições sociais que essas elites estavam chamadas a gerir através da caridade¹⁹⁸.

A *Manchete* relatou que João Goulart assumiu uma postura desafiadora durante o comício das reformas, acompanhado de sua primeira-dama, evento destacado como tema central de uma edição considerada “histórica” para o país, em que todas as pautas reforçavam a narrativa de uma “Revolução Saneadora” na transferência de poder. Na imagem superior à

¹⁹⁸ A literatura interseccional com obras de mulheres negras que escreviam suas vivências a partir de suas próprias experiências, como Carolina de Jesus, era apropriada pela primeira-dama e outras senhoras esposas de políticos evidenciando que o encontro e o diálogo com outras camadas sociais possibilitava a formação de alianças políticas para intervir na realidade social e promover mudanças mais igualitárias, da mesma forma que Carolina de Jesus apoiava as reformas sociais de base pretendidas por Jango. Nesse ponto, a obra “O Quarto de Despejo” e outros, atravessou distintas camadas da sociedade brasileira, apesar do tom jocoso das revistas do período e do fato do consumo de seus livros, por algumas mulheres, fosse apenas uma maneira de escamotear uma possível futilidade e desinteresse por causas sociais, em um exercício meramente político de exaltação desse gênero para exaltar virtudes cristãs, chamando atenção para os vínculos de alteridade e de empatia com os menos favorecidos na sociedade. Esta informação demonstra o sucesso das obras de Carolina de Jesus, em postura combativa ao regime civil-militar, como demonstra seus elogios às reformas de base que o Jango pretendia estabelecer. Ver: VELOSO, Thiago Cesario. **Deixa eles e elas falarem: do Quarto (de despejo) à Sala (de aula)**. Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias Biblioteca Depositária: Rede Sirius UERJ, 2018.

direita, datada de 13 de março de 1964, o presidente aparece em comício, buscando aparentar coesão frente aos interesses das Forças Armadas, ao mesmo tempo em que radicalizava posições políticas, somando-se a outros fatores de descontentamento, como a crescente inflação e o tabelamento de aluguéis.

Nesse momento, o presidente contava apenas com apoio popular e certo respaldo sindical quando decidiu confrontar o Congresso Nacional e os opositores de suas reformas de base, em um contexto de intensa polarização política. Os “nacionalistas” eram percebidos como aliados de Jango, enquanto os “entreguistas” minimizavam a relevância da oposição. O temor gerado pelas reformas residia na possibilidade de enfraquecer o latifúndio e o domínio de capitais estrangeiros¹⁹⁹. Paralelamente, a *Manchete* destacava a reputação de Jango como homem fraco, considerado tanto pela esquerda quanto pela direita como incapaz de governar, percepção que se agravou quando o próprio presidente enfatizou o pedido de estado de sítio, reforçando a impressão de apoio a forças antidemocráticas.

Assim, o comício de 13 de março de 1964 passou a ser interpretado como um gesto de aproximação à esquerda radical. A presença da primeira-dama nesse evento, ao lado de Jango, ampliava a dimensão simbólica da ocasião, vinculando a visibilidade feminina à legitimidade moral e ao caráter empático do governo. Assim, o protagonismo das mulheres de elite, articulado à atuação assistencial e filantrópica, funcionava também como recurso simbólico capaz de mediar a percepção pública e construir uma narrativa de coesão e humanidade em meio à crise política²⁰⁰.

Apesar das divergências políticas, João Goulart e Maria Thereza Goulart foram retratados pela imprensa destacando seu carisma, magnetismo social e a cumplicidade que compartilhavam, construindo uma imagem de proximidade afetiva e legitimidade moral no espaço público. Em contraste, o casamento do general Castelo Branco aparecia nos jornais marcado por comentários críticos sobre sua aparência, especialmente por parte do sogro, que exigiu a realização de exames médicos antes da consumação da união. Essa diferença de tratamento evidencia como a imprensa contribuía para configurar o papel simbólico das mulheres de elite: enquanto Maria Thereza era associada à empatia, à elegância e à capacidade de mediar relações sociais, o destaque negativo ao casamento de Castelo Branco reforçava a

¹⁹⁹O Partido Comunista Brasileiro (PCB) aconselhava cautela da linha de Moscou, já o Partido Comunista do Brasil (PC do B), linha Pequim, queria medidas radicais. Havia os jacobinos que eram de uma esquerda voltada para ala católica e a União dos Estudantes (UNE). Ver: SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Castelo e Tancredo (1964 - 1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²⁰⁰SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 – 1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

percepção de que a aparência, o comportamento feminino e sua relação com o marido eram instrumentos centrais de legitimação social e política, conectando intimidade privada e visibilidade pública de maneira estratégica²⁰¹.

Após o golpe militar de 31 de março de 1964, o ato institucional de 9 de abril consolidou poderes de exceção, incluindo a cassação de mandatos e a suspensão de direitos políticos. Nesse cenário, Juscelino Kubitschek e Adhemar de Barros tiveram seus mandatos cassados, enquanto Magalhães Pinto viu sua influência política drasticamente reduzida²⁰². Diversas personalidades políticas buscaram refúgio em países como México, Chile, Cuba e França, instaurando novas configurações de atuação política e social no exílio. Para as mulheres, essas experiências assumiram dimensões específicas: encontros, debates e articulações possibilitaram reflexões sobre o novo feminismo e sobre formas de participação pública em contextos adversos. No caso de Maria Tereza Goulart, o exílio representou um espaço de reconfiguração de sua trajetória, transformando seu papel de primeira-dama em oportunidades de agência política e social, evidenciando como o deslocamento geográfico e a experiência de exclusão do espaço público doméstico puderam investir no fortalecimento de redes de solidariedade internacional²⁰³.

Segundo demógrafos, ao mesmo tempo em que o matrimônio consolidava um enlace heteronormativo quase universal na cultura ocidental e ocidentalizada, o fenômeno do “sexo ilícito” registrava crescimento ao longo do final do século XVIII. O casamento era justificado, em grande parte, por um conjunto de práticas e orientações conjugais que direcionavam os casais, sobretudo, à procriação e à educação dos filhos, sempre sob a perspectiva do temor a Deus. Assim, o matrimônio era concebido não apenas como um remédio contra os “pecados da carne”, mas também como instrumento de auxílio à convivência mútua e à organização moral da vida familiar²⁰⁴.

²⁰¹SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo e Tancredo (1964-1985)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P.51

²⁰²REIS, Daniel Aarão. *Modernização, Ditadura e Democracia (1964-2010)*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História do Brasil Nação (1808 – 2010)**. V. 5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

²⁰³A suposta oposição entre movimentos feministas elitistas, marcados por uma política liberal e predominantemente embranquecida, em detrimento das demandas urgentes das camadas populares, mostrou-se relativa, pois o exílio nivelava essas mulheres em situação de vulnerabilidade extrema, afastadas de suas famílias e de seu país de origem. Nesse contexto, emergiu o grupo latino-americano de mulheres exiladas em Paris, fundado por Danda Prado em 1972, que articulava solidariedade, trocas de experiências e engajamento político. A experiência do exílio revelou como o feminismo se configurava não apenas como disputa ideológica, mas também como prática de resistência, negociação de identidade e enfrentamento das interseccionalidades de classe, raça e gênero, conectando trajetórias pessoais à luta por direitos e à visibilidade das mulheres nos espaços políticos transnacionais. Ver: BLAY, Eva Alterman. *Como as Mulheres se construíram como agentes políticas democráticas: o caso brasileiro*. In.: BLAY, E. A.; AVELAR, L. (orgs.). **50 anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos**. São Paulo: editora universidade de São Paulo, FAPESP, 2019.

²⁰⁴DEL PRIORE, Mary **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

No entanto, essa relação revelava a configuração de uma rede de poder que entrelaçava os cônjuges, implicando a internalização de normas sociais muitas vezes controversas e nem sempre igualitárias. Predominantemente, cabia à figura masculina governar a família, decidir sobre a educação dos filhos e, de maneira simbólica e prática, exercer autoridade também no âmbito do Estado. Essa hierarquia implicava que as mulheres, embora participassem da vida familiar e social, tivessem sua agência limitada, sendo frequentemente cooptadas para reproduzir valores morais, religiosos e políticos definidos pelos homens, o que consolidava padrões de dominação de gênero e perpetuava desigualdades estruturais dentro e fora do espaço doméstico²⁰⁵.

Nessas circunstâncias, a predominância da religião de matriz judaico-cristã atuava como um fator central para a coesão social e para a legitimação das políticas do governo militar. A lógica maniqueísta, que contrapunha céu e inferno e condicionava o destino ao livre-arbítrio, moldava comportamentos de masculinidade e feminilidade, atribuindo ao trabalho um valor social central e naturalizando desigualdades. A ênfase no mérito individual, destacada pelas narrativas da grande imprensa sobre desempenho técnico, progresso industrial e sucesso no mercado de trabalho, camuflava a ausência do Estado em setores essenciais e reforçava hierarquias de classe e gênero. Nesse contexto, a filantropia feminina e a atuação de mulheres de elite funcionavam como mecanismos simbólicos e práticos de intervenção social, oferecendo cuidado, assistência e visibilidade pública, mas ao mesmo tempo reproduzindo padrões de dominação e controle moral.

Assim, em contraposição ao comício de 13 de março, realizado no *Salão do Automóvel*, onde João Goulart expôs suas pretensões políticas, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* emergiu como um movimento reativo, articulando forças sociais conservadoras contrárias às reformas defendidas pelo governo. Assim, a presença e a visibilidade de mulheres de elite na marcha desempenhavam um papel moral, reforçando a narrativa de que a intervenção feminina na esfera pública estava legitimada pelo cuidado com a família e com a sociedade. Essa mobilização evidencia como o gênero e a classe se entrelaçavam na política, na medida em que mulheres atuavam como agentes de autoridade moral e legitimadoras sociais, consolidando tanto redes de influência quanto percepções sobre hierarquias sociais, religiosas e políticas em um período de crise e polarização.

²⁰⁵ HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é Par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

No dia 2 de abril de 1964, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* ganhou destaque na *Manchete*²⁰⁶ e no *Cruzeiro*²⁰⁷, evidenciando a comoção pública de pessoas reunidas na Igreja da Candelária com terços, bandeiras e cartazes anticomunistas, em demonstração de fé católica e confiança no Brasil. Vale ressaltar que parte do ato foi transformada em homenagem às Forças Armadas, anunciada pelo general Olímpio Mourão Filho, reforçando a conexão entre religião, patriotismo e aparato militar.

O sucesso dos valores “Deus, pátria e família” nesse contexto pode ser compreendido pela preocupação com a formação moral dos jovens diante de uma contracultura percebida como hedonista ou propensa à anomia social. A religião de matriz cristã-católica se articulava ao regime militar e à ideologia estadunidense de liberdade “democrática”, promovendo um movimento conservador cujos dogmas dialogavam com a doutrina de segurança nacional e com um maniqueísmo existencial do bem e do mal. Dentro dessa lógica, as mulheres de elite desempenhavam um papel de reforço aos valores de moralidade, ordem e cuidado familiar, legitimando socialmente a mobilização conservadora. Ao mesmo tempo, essas mulheres atuavam como mediadoras da visibilidade pública e moral, articulando redes de influência que reforçavam a autoridade masculina e a ideologia do regime, enquanto mantinham sua agência em torno de causas filantrópicas e assistenciais. Dessa forma, a marcha exemplifica como gênero, religião e política se entrelaçaram na construção de discursos de legitimidade social e de controle moral durante o período autoritário.

A figura da esposa de políticos e militares surgia na imprensa em diferentes polos da política, mas compartilhando uma linguagem comum de feminilidade. As revistas de ampla circulação reforçavam um ideal para as mulheres, apresentando suas personas como complementares à figura masculina, marcadas pela caridade, beleza e cumplicidade. Essa relação entre práticas femininas, desejos e performances cotidianas concentrava-se no universo doméstico e na esfera de influência do marido, consolidando a mulher como “dona do lar”; por isso, nomes como “Dona Maria...” eram usados para representar outras senhoras respeitáveis e pertencentes a famílias distintas na sociedade. Tais atributos eram percebidos como essenciais para que o “homem universal” pudesse governar uma nação orgulhosa, feliz e ordeira.

Segundo a imprensa, ao consolidar seu posicionamento defensivo, parcela da sociedade civil, articulada por meio dos generais, ocupou os espaços de poder em nome da *Revolução com Deus pela Liberdade*, promovendo um ideal redentor contra o que era considerado desregramento ou corrupção moral, e contando com a participação de algumas mulheres de

²⁰⁶ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, edição histórica, p. 5/6

²⁰⁷ O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1964, p 58-59.

políticos tidos como heróis nacionais, cuja presença reforçava a legitimidade moral e social do movimento.

Imagem 27: Participação na marcha (à esquerda); Mulheres no ato de posse (à direita).



O General Juraci Magalhães, ex-governador da Bahia, e sua esposa, participaram da marcha cristã.



As esposas dos ministros e das altas autoridades fizeram questão de comparecer ao ato.

Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, ano 11, edição histórica, p. 40; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 0666, p. 14.

Da esquerda para a direita, seja em 1964, com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, ou em 1965, quando a revista Manchete documentou a posse de Eduardo Gomes, marechal-do-ar na reserva e líder da FAB²⁰⁸, parte das mulheres permanecia representada em olhares atentos e poses elegantes, como se o ato em si configurasse um ritual social do qual participavam. Afinal, mulheres, na condição de esposas e mães, detinham para uma parcela da sociedade legitimidade para reivindicar maior rigor na educação dos filhos. Contudo, o ruído geracional emergia quando segmentos da juventude manifestavam repulsa diante dos modos tradicionais de exercício da autoridade e dos rituais de redenção social. Essa tensão revelava que, em muitos casos, a pedagogia corretiva e a lógica cartesiana se mostravam insuficientes para mediar o diálogo e equilibrar as relações de poder entre os membros sensíveis da instituição familiar²⁰⁹.

O regime militar utilizou, de forma incontestável, a estrutura psíquica construída por parte do catolicismo em seus devotos, baseada na dicotomia entre céu e inferno, bem e mal. Essa lógica facilitava a justificação da desumanização de determinados grupos, legitimando a violência e o uso sistemático da dor, tudo sob a proteção de um regime autoritário e em consonância com práticas ritualísticas cristãs²¹⁰. Dessa forma, o catolicismo se consolidou como uma força religiosa de relevância central durante a ditadura militar, articulando-se às estruturas de poder para legitimar o regime e disciplinar a sociedade, sobretudo a classe média.

²⁰⁸ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 0666, p. 13

²⁰⁹ LE BRETON, David. *Antropología del dolor*. Éditions Métailié: Paris, 1995.

²¹⁰ Ou, mais propriamente, “verdadeiramente cristãs”, se considerarmos o *Malleus Maleficarum*, obra escrita por monges que oferecia instruções para identificar, torturar e executar supostas bruxas em nome de Deus. Esse exemplo histórico evidencia como a religiosidade pode ser mobilizada para legitimar a violência e o controle social, produzindo inimigos simbólicos contra os quais a ordem moral e política é reforçada. Ver: KRAMER, Heinrich, SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum: o martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

Sua presença e alianças estratégicas reforçavam normas morais, comportamentais e de autoridade, moldando práticas de masculinidade e feminilidade compatíveis com os ideais conservadores do período²¹¹.

Desde 1964, a *Manchete* destacava a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, que transformou o Rio de Janeiro em uma homenagem às Forças Armadas, anunciada pelo general Olímpio Mourão Filho. Durante o evento, participantes concentraram-se na Igreja da Candelária, portando imagens religiosas, terços, bandeiras e cartazes anticomunistas, em demonstração de fé católica e de confiança no Brasil²¹². Dessa forma, pode-se considerar que o golpe de 1964 buscou legitimar-se por meio do discurso de uma “Revolução Preventiva e Redentora”, fundamentada nas diretrizes da Doutrina de Segurança Nacional, que orientavam a repressão de supostas ameaças internas e a manutenção da ordem política e social²¹³.

Ao instituir a noção de “guerra interna” e de um “inimigo interno” genericamente identificado como subversivo, o regime militar brasileiro se insere no contexto da Guerra Fria, orientando seus órgãos de repressão para a manutenção da ordem em consonância com interesses internacionais²¹⁴. Essa estratégia psicossocial, fundamentada na Doutrina de Segurança Nacional, buscava moldar um regime de subjetividade alinhado às necessidades do Estado, promovendo a desumanização de grupos sociais transformados em “bodes expiatórios” da sociedade²¹⁵, onde apenas alguns indivíduos são responsabilizados simbolicamente por todos

²¹¹A perspectiva cristã de bem e de mal revela-se muitas vezes contingente, moldada pelos interesses e articulações políticas do contexto histórico. O Tratado de Latrão, firmado entre o regime nazista e o Papado, exemplifica essa instrumentalização, onde para garantir a integridade territorial do Vaticano, a Igreja optou pela não oposição às políticas de extermínio e genocídio contra o povo judeu. Esse episódio evidencia como a moralidade religiosa pode ser mobilizada para legitimar estruturas de poder e violência, ilustrando a capacidade das instituições religiosas de influenciar e ser instrumentalizadas em regimes autoritários, funcionando como recurso simbólico para justificar decisões éticas e políticas em consonância com interesses estratégicos. Ver: BARNABÉ, Gabriel Ribeiro. *Summi Pontificatus. As Relações Internacionais da Santa Sé sob Pio XII*. Doutorado em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2011.

²¹²MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, edição histórica, p. 5/6

²¹³MOREIRA ALVES, Maria Helena. *Estado e Oposição no Brasil* (1960-1964). Petrópolis: Vozes, 1984.

²¹⁴MANSAN, J. V. *Subversivos: ditadura, controle social e educação superior no Brasil* (1964- 1988). 366 f. Tese – Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2014.

²¹⁵O conceito de bode expiatório ocupa posição central na construção da virilidade autoritária, pois depende da criação de inimigos imaginários sobre os quais são projetados todos os supostos erros, falhas e atrasos da sociedade. No contexto do regime militar brasileiro, figuras como subversivos, “comunistas” e pessoas LGBTQIAPN+, eram concebidas como alvos simbólicos, legitimando a transferência coletiva de culpa e ódio. Esse processo articulava-se à moralidade religiosa e à ideologia conservadora, consolidando práticas de violência física e simbólica, reforçando normas de gênero e sexualidade, e garantindo a manutenção da ordem social dentro de uma lógica de biopolítica que regulava corpos, comportamentos e hierarquias sociais. Ver: MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 11, p. 231–273, 2013.

os supostos “erros” da nação, sobretudo aqueles marcados pelas interseccionalidades de raça, classe e gênero²¹⁶.

Dentro dessa perspectiva, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* atendia aos interesses estratégicos do regime militar, ao promover uma subjetividade dócil e alinhada aos valores conservadores representados pelo lema “Deus, Família e Liberdade”. Paralelamente, o papa João Paulo II consolidava-se como uma das figuras mais influentes junto a setores da sociedade brasileira, tornando seu papado marcadamente missionário e carismático. Por meio de suas viagens, frequentemente beijando o solo dos países visitados, ele difundia sua *Teologia do Corpo*, concebida para valorizar a dimensão mística do céu e orientar os fiéis em direção ao sacramento do matrimônio, reforçando normas religiosas e sociais em consonância com ideais conservadores²¹⁷.

O discurso viril articulava-se estreitamente ao discurso religioso, ambos endossando valores autoritários e legitimando ações incisivas de setores do Estado ditatorial frente à Revolução dos Costumes e à Revolução Sexual em curso. Ao mesmo tempo, reforçava-se a centralidade da instituição familiar como fundamento para o governo da nação. Essa perspectiva organizava o sistema sexo-gênero-desejo ao longo de uma linha coesa entre cisgeneridade, performances de gênero e heterossexualidade normativa, articulada a uma dimensão biopolítica que regulamentava os corpos em diversos espaços sociais²¹⁸.

Após a consolidação do golpe civil-militar de 1964, a instituição familiar burguesa evidenciou a posse e o aperfeiçoamento de um conjunto de práticas de violência que se apresentavam discursivo-imageticamente como medidas de segurança. Em 1968, o movimento dos *Panteras Negras* que pregavam a autodefesa armada e provocava reações armadas ainda mais violentas em seus próprios contextos. Essa narrativa tornou-se atraente para o público brasileiro, ao ser veiculada como exemplo de defesa familiar e unidade do grupo, sendo amplamente difundida por meio de periódicos internacionais e revistas de ampla circulação, reforçando modelos de proteção, moralidade e coesão social no imaginário latino-americano.

Nesse contexto, é possível afirmar que o distanciamento da questão étnico-racial também estava intimamente ligada a defesa da família e da sociedade que, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, movimentou forças reacionárias para acabar com a pluralidade dos

²¹⁶CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

²¹⁷MELO, K; CARDOSO, E. De Corpo e Alma: nuances religiosas nas páginas do Lâmpião da Esquina (1978-1981). In.: NASCIMENTO, F; CASTELO BRANCO, F.; ALVARENGA, J. (orgs.) **Caleidoscópio de histórias: cultura, gênero, política e cidades**. Teresina: Edufpi, 2020.

²¹⁸BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Col. Sujeito e História. 2015.

modos de vida. Nos EUA, a segregação racial foi institucionalizada e consolidou fronteiras rígidas entre brancos e negros. Já no Brasil, embora tenha propagado o mito da “democracia racial”, a abolição sem políticas de integração deixou a população negra à margem, perpetuando desigualdades estruturais. Em ambos os contextos, a discriminação moldou as relações sociais, políticas e econômicas, ao mesmo tempo em que intercambiavam essas ideias a partir de revistas de ampla circulação.

Imagem 28: Na América Branca (à esquerda); A família que odeia unida os negros (à direita).



Fonte: The Black Panther, Black Community, v. II, n.2, 1968, p.2; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1968, ed. 836, p. 168.

Em 28 de maio de 1969, o jornal das *Panteras Negras* destacou que cidades majoritariamente brancas estavam armando seus cidadãos para defesa própria, com a legenda “Arm ourselves or harm ourselves”²¹⁹. A matéria informava que diversos distritos, entre eles Chicago, Illinois; Michigan; Detroit; Nashville; Atlanta, Geórgia; Cleveland; Newark, New Jersey, contavam com cerca de dez mil veteranos auxiliando a polícia e a Guarda Nacional. No mesmo ano, a *Manchete* reproduziu a mesma temática, evidenciando, por meio da fotografia da família de Ralph Piper, que seus integrantes eram preparados para os confrontos com pessoas negras, recebendo instruções sobre o manuseio de armas, reforçando a narrativa de medo racial e militarização doméstica em contextos urbanos nos Estados Unidos.

Essa dinâmica não apenas moldou interações familiares no Brasil, como também influenciou relações com diferentes etnias, religiões e orientações sexuais. Ao reproduzir e estimular a beligerância contra os negros nos Estados Unidos, tais representações midiáticas e sociais fomentavam simultaneamente hostilidade em relação aos segmentos mais vulnerabilizados da sociedade brasileira. Esse fenômeno evidencia como a construção de inimigos simbólicos, articulada à biopolítica do Estado e às normas culturais conservadoras, legítima práticas de exclusão, reforça hierarquias sociais e consolida mecanismos de violência simbólica e física sobre corpos e grupos marginalizados. Logo, o afastamento do

²¹⁹THE BLACK PANTHER, BLACK COMMUNITY, v. II, n.2, may 4, 1968, p.2

reconhecimento do outro-estranho como alguém familiar impede a capacidade de gerar conexões reais em um regime de *parrhesia*, através de uma prática de comunicação desarmada, sem máscaras e aberta à experiência da alteridade e da empatia²²⁰.

A domesticação dos corpos e das subjetividades aos parâmetros autoritários, reforçada pelo apelo à “família com Deus”, revela como o regime militar consolidou consentimento social por meio do medo, da moralidade religiosa e da valorização de códigos de virilidade e família. A cumplicidade de setores da sociedade civil, atravessados por branquitude, heteronormatividade e privilégios econômicos, evidenciou o entrelaçamento político e cultural, em que fronteiras simbólicas e preconceitos intergeracionais reforçavam a exclusão de grupos considerados diferentes ou ameaçadores. Dessa forma, o regime articulou religião, moral familiar e medo do outro como instrumentos de legitimação do poder, produzindo uma violência simbólica que moldou profundamente as práticas sociais, os desejos individuais e as relações de poder na sociedade brasileira.

A base etnocêntrica do preconceito reside justamente na dificuldade de reconhecer que o suposto diferente compartilha semelhanças fundamentais com o próprio indivíduo²²¹. Durante o regime militar brasileiro, essa dinâmica se articulou com a domesticação dos corpos e das subjetividades, a valorização de códigos de virilidade e da instituição familiar e o apelo à moral religiosa, como evidenciado na *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*. A cumplicidade de setores da sociedade civil, atravessados por branquitude, heteronormatividade e privilégios econômicos, reforçou fronteiras sociais, afastando a sociedade da busca por soluções para problemas complexos e reproduzindo exclusão e violência. Ao mesmo tempo, esses mecanismos perpetuavam contradições culturais, expondo os aspectos sombrios da alma e do desejo, enquanto consolidavam hierarquias de poder, legitimavam o medo do outro e estruturavam um consenso social baseado na disciplina, no controle e no consentimento tácito às normas autoritárias do Estado²²².

Em suma, as práticas sociais, familiares e políticas durante o período do regime militar evidencia como a construção de subjetividades, os códigos de virilidade, a moral religiosa e a centralidade da família foram instrumentalizados para legitimar o autoritarismo. A construção de uma cumplicidade em setores da sociedade civil, atravessados por privilégios econômicos,

²²⁰FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso no Collège de France (1981-1982), São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

²²¹SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In.: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. P 125

²²²ROUDINESCO, Elisabeth. **A Parte Obscura de Nós Mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

branquitude e heteronormatividade, reforçou fronteiras sociais, consolidando preconceitos e promovendo a exclusão de grupos considerados diferentes. Assim, compreender essas dinâmicas permite perceber que a violência, a dominação social e o controle moral não se limitaram ao âmbito do Estado, mas se entrelaçaram profundamente com o imaginário, moldando práticas e valores que ressoaram além do seu contexto.

1.5 DESEJO DE SUBMISSÃO

Imagem 29: Voluntários de Minas Gerais (à esquerda); Apoio da sociedade civil às tropas (à direita).



Fonte: Fotos de José Carlos Vieira, Luiz Alfredo e José Nicolau. O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. Reportagem. AMORIM, Oswaldo; ALFREDO, Luiz; NICOLAU, José. Magalhães, o herói da Revolução. 1964, ed 26, extra, p. 11/40.

No dia do golpe, o *Cruzeiro* registrou a presença de jovens ansiosos por participar da chamada “Revolução Saneadora”, contabilizando mais de quatro mil voluntários. Na primeira imagem, à esquerda, esse contingente foi fotografado e descrito como uma “Rede da Democracia”, reunindo adesões contrárias ao governo de Jango. A segunda imagem buscou evidenciar o apoio da sociedade civil, retratando pessoas entregando água aos soldados que marchavam em direção ao embate.

A mobilização dos civis se manifestou de diversas maneiras, incluindo a ocupação de companhias telefônicas, empresas de comunicação e redações de jornais e rádios, o que ampliou significativamente o número de apoiadores do movimento. Segundo a matéria do *Cruzeiro*, mesmo sem terem sido efetivamente utilizados, dez mil voluntários provenientes de Minas Gerais deslocaram-se em direção ao Rio de Janeiro, acompanhando a marcha das guarnições militares sob o comando do General Olímpio Mourão Filho²²³. Dessa forma, o discurso dos defensores do golpe se consolidava no enaltecimento dos feitos revolucionários, transformando 1964 em um marco político, com a cobertura quase em tempo real das ações que resultaram na

²²³ A mobilização civil ocorreu também quando os tanques das tropas de Minas Gerais se deslocaram sobre 36 carretas de empreiteiros civis até a fronteira com o Estado do Rio de Janeiro. Ver: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. Reportagem. AMORIM, Oswaldo; ALFREDO, Luiz; NICOLAU, José. Magalhães, o herói da Revolução. 1964, ed 26 extra, p. 11.

ruptura com o governo de Jango, veiculada por meios de comunicação de ampla circulação, como *Manchete e Cruzeiro*.

Em 30 de março de 1964, a mobilização política foi liderada pelo general Carlos Luís Guedes, comandante da IV Divisão de Infantaria de Belo Horizonte, que reuniu seus oficiais e anunciou sua rebelião contra Jango. Posteriormente, reuniu-se com o general João Faria, o coronel Emílio Montenegro Filho, da Força Aérea Brasileira, e o general José Lopes Bragança, comandante da ID-4. No dia seguinte, a articulação continuou, cabendo ao general Bragança convocar civis a apoiar a revolução, enquanto o governador Magalhães Pinto, no Palácio da Liberdade, declarava seu respaldo ao movimento. A matéria também destacava que o general Olímpio Mourão Filho vinha conspirando contra Jango desde 6 de janeiro de 1962, quando o plebiscito restaurou o regime presidencialista. Em entrevista, Mourão Filho atribuiu o êxito de sua campanha a três operações estratégicas: a Operação Silêncio, que consistiu em agir por dois anos sem que a imprensa tivesse conhecimento; a Operação Gaiola, destinada à detenção de elementos subversivos; e a Operação Popeye, planejada para avançar sobre a Guanabara sem derramamento de sangue²²⁴.

Os primeiros estados a manifestarem apoio ao golpe foram Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Goiás, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Entre as primeiras adesões civis destacaram-se os governadores de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo e Bahia, motivados, em parte, pelo comício de 13 de março, no qual o presidente teria, simbolicamente, se afastado das Forças Armadas para apoiar lideranças sindicais. Segundo a *Cruzeiro*, nesse dia de ruptura, a resistência ocorreu em pontos estratégicos: a Companhia Telefônica, em Santos; a COSIPA; as indústrias petroquímicas de Cubatão; e a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí foram paralisadas por grevistas em defesa de Jango. Contudo, grandes contingentes do DOPS e da força pública ocuparam a Baixada Santista, e, por volta das 9h, unidades da polícia marítima invadiram a sede do Sindicato dos Estivadores, resultando na detenção de mais de duzentas pessoas consideradas comunistas²²⁵.

Em São Paulo, o governador Adhemar de Barros proclamava a vitória e exortava os cidadãos a manterem a moderação em suas manifestações, alertando que “a erva daninha da infiltração comunista continua entre nós”. Antes da meia-noite, o general Kruel retornava a São Paulo vindo de Resende, onde fora recebido pelos cadetes de Agulhas Negras, obtendo adesão

²²⁴ O CRUZEIRO, Reportagem. AMORIM, Oswaldo; ALFREDO, Luiz; NICOLAU, José. Magalhães, o herói da Revolução. 1964, ed 26 extra, p.20

²²⁵ O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. Reportagem. AMORIM, Oswaldo; ALFREDO, Luiz; NICOLAU, José. Magalhães, o herói da Revolução. 1964, ed 26 extra, p. 20.

quase completa. Durante a madrugada, duas notícias repercutiam pela região: João Goulart havia viajado para Porto Alegre para organizar a resistência, e Ranieri Mazzilli assumira a presidência por decisão do Congresso Nacional²²⁶.

Em Copacabana, vinte oficiais da Escola do Estado-Maior do Exército e vinte da Escola Superior de Guerra, sob o comando do coronel César Montanha de Sousa, tomaram o Forte de Copacabana, ação considerada determinante para a vitória das forças opostas a Jango. O episódio ficou conhecido como “Os Quarenta do Forte”, quando os oficiais, chegando em carros particulares, invadiram o Quartel General (QG), em meio a tiros, apertos de mão e continências, até consolidarem o controle total da instalação²²⁷.

Assim, as tropas, sob o comando do general Olímpio Mourão Filho, deslocaram-se rumo à Guanabara com dezoito mil homens, transportados em cento e trinta ônibus de diferentes empresas, contando com adesões estratégicas, entre elas a de Amaury Kruel. Alguns voluntários, integrando as fileiras das tropas de Minas Gerais, avançaram em carretas de empreiteiros civis até a fronteira com o Estado do Rio, sob a liderança de Mourão Filho. Com a proclamação do governador Adhemar de Barros, consolidou-se o que foi representado pela imprensa como a “rebelião democrática”, retratada nas revistas e jornais como o lado virtuoso da força revolucionária. A narrativa enfatizava a adesão cívica ao golpe de Estado, transformando a participação masculina em um símbolo de virilidade, associada à imagem dos melhores comandantes, de bons policiais e soldados cumpridores de seu dever perante a nação.

Nesse contexto, a construção da identidade militar dialoga com um amplo conjunto de signos de virilidade e masculinidade, reforçados positivamente pela propaganda das revistas, especialmente no que se refere à valorização da beleza, da postura e da preocupação com a aparência²²⁸. Logo, os homens que participaram como voluntários para o golpe de 1964 não apenas se submeteram a uma Ditadura, mas construíram em conjunto um regime de

²²⁶O CRUZEIRO. Reportagem. São Paulo Hora a Hora, 1964, ed. 26, extra, p. 26-28.

²²⁷O CRUZEIRO. Reportagem: Os 40 do Forte de Copacabana. 1964, ed. 26, extra, p. 31-34.

²²⁸A construção de identidades militares foi objeto de estudo por Silva, que identificou quatro perfis distintos no âmbito das forças armadas. O primeiro, denominado “moita”, caracteriza-se pela discrição, sendo um militar cujas ações passam despercebidas tanto dentro quanto fora dos quartéis. O segundo tipo, o “caxias”, corresponde a um corpo disciplinado, rigorosamente ajustado à hierarquia e às normas institucionais. O terceiro perfil, chamado de “Rambo”, envolve indivíduos que se empenham intensamente em demonstrar vigor e eficiência, combatendo o crime de forma ostensiva. Por fim, o “praça velho” representa o grupo mais admirado internamente, distinguindo-se por sua esperteza e habilidade em explorar oportunidades nas relações internas e externas. Diferentemente do “caxias”, o “praça velho” não se submete rigidamente às exigências do militarismo: seu corpo manifesta autonomia, cabelos mais longos, coturnos raramente engraxados, entre outros detalhes. Este perfil evidencia que a apresentação pessoal e o rigor disciplinar não são atributos indispensáveis para a admiração e prestígio no seio militar, apontando para uma complexa relação entre normas institucionais e práticas individuais de identidade. Ver: SILVA, Agnaldo José da. **“Praça Velho”**: um estudo sobre a socialização do policial militar. Mestrado em Sociologia na Universidade Federal De Goiás, Goiânia,: UFG, 2002.

inteligibilidade social que articulava os discursos sobre a ordem política para administrar os corpos e os territórios²²⁹.

Imagem 30: Em uniforme de batalha (à esquerda); A marcha (ao centro); Soldado e penteado (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Reportagem. RESENDE, E. do Rio. Amaury Kruel foi a peça decisiva para a vitória, 1964, ed. 26, extra, p. 38; O CRUZEIRO, Reportagem. AMORIM, Oswaldo; BILATE, Anver. A Marcha de Minas sobre a Guanabara. Fotos de José Carlos Vieira, Luiz Alfredo e José Nicolau, ano de 1964, ed. 26, extra, p.40; O CRUZEIRO, 1964, ed. 26, extra, p.40.

O *Cruzeiro* viabilizava o discurso heróico dos militares, seja por reportagens ou por suas imagens de modo a formar interpretações fantasiosas e deslumbrantes, como por exemplo considerar que o general Kruel e o general Ancora estavam em uniforme de batalha decidindo o fim das manobras do golpe, e também afirmando frases de efeito, como “este soldado entra para a história das revoluções brasileiras como o homem que não desprezou a boa aparência antes de seguir para uma viagem imprevisível”, entre outras estratégias discursivas. De todo modo, o avanço das tropas mineiras foi narrado com naturalidade e até festejado, enquanto a revista buscava despertar nos leitores admiração pelos uniformes e associar esteticamente o camuflado ao heroísmo patriótico da nação.

Nesse sentido, o lugar do gênero se configurava de maneira rigidamente definida, evidenciando o protagonismo masculino tanto nas práticas de poder quanto nos rituais cotidianos da sociedade brasileira. Atos simbólicos, como o hasteamento da bandeira nacional e o canto do hino em fileiras separadas para meninos e meninas, funcionavam como dispositivos pedagógicos de normalização social, reproduzindo hierarquias de gênero desde a infância. Essas práticas, intensificadas após o golpe militar, não apenas reforçavam a masculinidade

²²⁹ Pontua-se ainda que o desejo de distinção social e de prestígio enquanto classe superior se manifesta entre os militares desde a proclamação da República, refletindo uma preocupação com a hierarquização e valorização do corpo institucional. Transformações significativas no serviço militar, como a abolição dos castigos corporais e o aumento dos salários para os soldados, reforçaram essa busca por distinção e profissionalização. Em 1908, a aprovação da Lei do Serviço Militar Obrigatório, que substituiu prudentemente o termo “recrutamento”, consolidou mudanças institucionais que reforçavam tanto a disciplina quanto a percepção de prestígio e responsabilidade do militar na sociedade, contribuindo para a construção de identidades corporativas e hierárquicas que atravessariam o século XX. Ver: IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem: recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil, in: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, pp. 267 - 298.

como atributo central da autoridade e da ordem, mas também legitimavam um modelo de subjetividade heteronormativa, no qual o “Homem de Verdade” era construído como figura central da nação. Ao mesmo tempo, a promoção midiática do heroísmo militar e a atenção à aparência estética nos periódicos ilustravam como a virilidade era performada e celebrada socialmente, consolidando padrões de poder, disciplina e moralidade alinhados aos ideais do regime²³⁰.

Na dimensão da cultura burguesa e da condição de classe, os produtos da contracultura eram percebidos como riscos potenciais à ordem social, reforçando a narrativa de que a masculinidade viril idealizada poderia justificar um golpe de Estado para “salvar a nação” de um suposto caos²³¹. Esse discurso articulava-se à ideia de ameaça comunista durante o governo de João Goulart, associado a uma suposta corrupção e às mudanças promovidas, como a reforma agrária e o fortalecimento das Forças Armadas.

No contexto do pós-Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, a atmosfera social em algumas cidades brasileiras era permeada por instabilidade, insegurança e pensamentos extremados. A juventude, imersa nesse clima de tensão global, assimilava a perspectiva de um iminente “fim do mundo”, intensificada pelo impacto das bombas nucleares lançadas pelos Estados Unidos sobre Hiroshima e Nagasaki, não apenas como ato de guerra, mas como demonstração de força e poder tecnológico. Paralelamente, as informações difundidas à classe média pelo *Cruzeiro* e pela *Manchete* sobre a disputa entre os blocos EUA e URSS, incluindo a corrida espacial e o progresso científico, reforçavam a sensação de urgência ideológica e política, consolidando a percepção de que a defesa de valores conservadores e nacionalistas se tornava imperativa para a preservação da ordem social.

O discurso do golpe brasileiro articulava-se como uma promessa de restauração social temporária, sustentando que um novo presidente seria eleito em outubro de 1965, por meio das eleições indiretas realizadas em 11 de abril de 1964, envolvendo militares e o Parlamento. A eleição do General Castelo Branco representou um equilíbrio estratégico: sua versatilidade política permitiu comprometer-se com o calendário eleitoral formal, enquanto mantinha o apoio da Junta Militar, autodenominada Supremo Comando da Revolução.

O general Castelo Branco, chefe do Estado-Maior do Exército e militar civilista da tradição das Forças Armadas, veterano da Força Expedicionária Brasileira, conseguiu assegurar

²³⁰ MISKOLCI, Richard. **O Desejo da Nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. São Paulo: Annablume, 2013.

²³¹ BIAG, Orivaldo Leme. A Construção de Discursos Conservadores pela Publicidade Brasileira em Relação à Contracultura. In: KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

maiorias no Parlamento e consolidar legitimidade institucional. Entretanto, sua ação não se restringiu à cassação de mandatos: pressionou o Congresso Nacional pela prorrogação de seu próprio mandato e, diante de protestos, optou pelo fechamento do Legislativo em 1966, evidenciando a tensão entre a fachada democrática do regime e a consolidação do autoritarismo militar²³².

Esse processo político dialogava diretamente com a construção de uma masculinidade autoritária e viril, central para a legitimação do regime. A figura do “homem de Estado” projetava-se como disciplinado, corajoso e moralmente superior, em analogia à representação heroica das tropas, reforçada pelas imagens veiculadas pela imprensa e revistas de ampla circulação. A sociedade civil, por sua vez, legitimava essa narrativa ao aderir à retórica do medo de subversão e à defesa da família, incorporando os valores conservadores de disciplina, ordem e hierarquia. Dessa forma, a autoridade militar não apenas se consolidava institucionalmente, mas também simbolicamente, configurando um pacto social que combinava obediência, fascínio pelo poder e internalização de normas rígidas de gênero e comportamento.

Após o golpe, as demonstrações de devoção e proximidade com o chefe de Estado persistiram, revelando a necessidade de reafirmar continuamente um serviço voluntário de lealdade e afeto ao General-Presidente. As diversas cartas, muitas delas confidenciais, dirigidas pessoalmente ao general, revelavam apoio explícito ao governo e eram redigidas tanto à mão quanto datilografadas. Esses documentos expunham aspectos religiosos, pedidos variados, como a doação de uma televisão, auxílio financeiro ou reconhecimento de habilidades artísticas e agradecimentos por pronunciamentos públicos em defesa da família²³³. Essas manifestações indicam que, para parte da sociedade, o golpe poderia ser percebido como um meio de “salvar a democracia”, embora subordinado a uma lógica de obediência e reverência ao poder centralizado. Nesse contexto, o vínculo emocional e ritualizado com o presidente reforçava a construção de uma esfera de autoridade pessoal, em que a legitimidade política se entrelaçava à expressão simbólica de devoção, consolidando o consenso social em torno do regime.

Na década de 1980, as manifestações de afeto e devoção ao General-Presidente continuavam entrelaçadas com elementos culturais e religiosos, evidenciadas em cartas enviadas por cidadãos de diferentes regiões do país. Em 24 de março de 1981, a senhora Maria Pereira da Silva, de Itapetinga, Minas Gerais, dirigiu-se ao presidente parabenizando-o pelo

²³² A possibilidade de seguir um novo modelo de desenvolvimento em uma modernização conservadora, articulando nacionais e estrangeiros, promoveu bastante entusiasmo entre camadas sociais. Ver: REIS, Daniel Aarão. *Modernização, Ditadura e Democracia (1964-2010)*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História do Brasil Nação** (1808 – 2010). V. 5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

²³³ BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001.

governo, relatando um pesadelo e informando que havia rezado a oração das 12 almas benditas, solicitando a leitura de passagens bíblicas. A carta também incluía agradecimentos pela fiscalização do feijão e uma receita de tempero nordestino, articulando dimensão espiritual, apreciação pessoal e aspectos cotidianos da vida doméstica²³⁴. De modo similar, em 4 de fevereiro de 1981, o senhor José Balbino Carvalho Filho, de Salvador, enviou uma carta datilografada, classificada como “excêntrica”, na qual atribuía às Igrejas a responsabilidade pelos “satanazes”, relatava tentativas de feitiçaria contra si e apresentava premissas desconexas dentro de um contexto profundamente espiritual²³⁵.

Ademais, entre essas cartas, era comum encontrar solicitações de emprego, eletrodomésticos e indicações políticas para órgãos públicos, revelando como uma parcela da sociedade civil compreendia a política entrelaçada à vida privada, configurando uma espécie de “jeitinho” brasileiro. Por exemplo, em 25 de março de 1981, a senhora Moema Nunes, de Copacabana, dirigiu-se a “Seu querido amigo” Figueiredo, pedindo emprego e concluindo com “um abraço carinhoso da amiga”²³⁶. De forma análoga, em 20 de maio de 1981, Claudiana Andrade Carregosa Santos, de Paripiranga, Bahia, solicitou uma televisão, justificando seu pedido pelo salário reduzido como professora e a dependência do sustento familiar da boa colheita na roça. Embora indeferida, a carta se destacava pelo cuidado na redação e pela tentativa de persuasão emocional, revelando estratégias individuais de negociação:

Então me dediquei a fazer este pedido a Vossa Excelência. Por não ter condições de comprar uma Televisão, então vos peço ao sr. João Batista Figueiredo, com todo carinho e respeito. Gosto muito dos noticiários, sempre acompanho todos os dias. Gostaria de possuir uma. Muito grata²³⁷.

Em 20 de janeiro de 1981, Maria de Lurdes Pereira, de Caicó, Rio Grande do Norte, escreveu ao presidente Figueiredo relatando sua delicada situação econômica e social, pois não possuía caderneta de poupança, emprego ou recursos financeiros. Dirigiu-se ao presidente com uma mistura de súplica e devoção: “Se chegasse dinheiro em minhas mãos, que eu pudesse recompensar minha vida, eu tinha uma fé, que eu podia chegar até o fim [...] porque eu tenho muita pena de abandonar o nosso Brasil e nem tenho vontade de deixar o senhor sozinho²³⁸”. Logo, a carta evidencia a interseção entre dependência econômica, fé e expectativa de intervenção direta do poder central na vida privada do cidadão.

²³⁴BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001, pp. 59/64.

²³⁵BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001, pp. 55/ 57.

²³⁶BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001, pp. 93/ 94.

²³⁷BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001, P. 10

²³⁸BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001, p. 41

Entre os pedidos mais pragmáticos, destaca-se o de João Batista Barros, de Bom Jardim, Pernambuco, que em 29 de abril de 1981 solicitou ao presidente uma carta de apresentação para facilitar a obtenção de sua carteira de motorista no Detran. Em sua carta, justificou que isso lhe permitiria ajudar a família, “que tanto necessita da minha ajuda nesse momento”, e enfatizou sua dificuldade pessoal, relatando ter sido reprovado pela segunda vez nos testes de regulamento, implorando “pelo amor de Deus” por sua “ajuda humana”²³⁹.

De forma semelhante, outras cartas evidenciam a construção de uma relação de intimidade com o chefe de Estado, na qual a vida privada, a religiosidade e a expressão artística se entrelaçavam ao exercício do poder autoritário. Em 25 de janeiro de 1981, Adelírio Czos dirigiu-se ao presidente para informar o nascimento de seu filho, Edson Augusto, ocorrida em 15 de janeiro, mesma data de aniversário do chefe de Estado. Por se tratar de uma família economicamente vulnerável, solicitou auxílio financeiro, anexando a certidão de nascimento como comprovação de sua narrativa²⁴⁰. Dessa forma, essas correspondências demonstram que o consentimento civil à Ditadura não se restringia a atos formais ou materiais, mas se manifestava também em práticas de vínculo emocional, devoção e reconhecimento simbólico da hierarquia política.

A forma como alguns escritores se dirigiam ao General-Presidente revela uma ambiguidade significativa: por um lado, pediam desculpas pelo incômodo ou aguardavam uma resposta; por outro, utilizavam pronomes de tratamento oscilando entre Vossa Excelência e Querido Amigo, evidenciando confusão quanto à formalidade e à intimidade. Grande parte dos remetentes demonstrava familiaridade limitada com a escrita, embora houvesse esforço evidente em construir uma mensagem articulada. Politicamente, essas cartas personalizavam a relação de governabilidade, atribuindo ao presidente um poder direto de intervir na vida cotidiana dos cidadãos, seja para favorecê-los ou prejudicá-los. Nessa perspectiva, o General-Presidente se assemelha à figura de um monarca, capaz de dispensar misericórdia ou exercer controle sobre a existência dos governados. Algumas correspondências expressam exclusivamente o desejo de estabelecer uma proximidade afetiva com uma figura percebida como forte e poderosa, como ilustram mensagens de tom afetivo, como “se cuide e felicidade aos seus” ou “sua amiga querida”, algumas inclusive dirigidas à primeira-dama, Dona Dulce Figueiredo, consolidando o caráter pessoal e intimista dessa forma de contato com o poder²⁴¹.

²³⁹ BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001, p. 174

²⁴⁰ BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_D0001DE0001, P. 197;

²⁴¹ BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001

Essas correspondências revelam um padrão recorrente de negociação simbólica entre cidadãos e o poder central, em que elementos de afeto, devoção religiosa e pedidos materiais se entrelaçam. Elas evidenciam, também, como a população compreendia a política como uma esfera permeada pela vida privada, reforçando laços de dependência e expectativa de intervenção direta do Estado em suas vidas cotidianas. Essas cartas permitem perceber como a população internalizava uma relação de proximidade e dependência em relação ao poder central, traduzindo afeto, devoção e pedidos materiais em um gesto de reconhecimento e legitimidade ao governo. Ao mesmo tempo, revelam como o regime autoritário se beneficiava dessa subjetividade dócil, em que a obediência, o respeito e a confiança na figura do chefe de Estado reforçavam a ideia de hierarquia e ordem social.

Escrever a própria história como forma de evasão do tempo e de enfrentamento da finitude configura uma estratégia pela qual alguns escritores buscam prolongar sua existência. Nesse exercício, a atribuição de sentido às palavras ultrapassa o simples fluxo narrativo, assumindo caráter reflexivo e deliberado. Esse gesto evidencia não apenas uma tentativa de perenizar-se, mas também a configuração de um vínculo simbólico e ritualizado entre indivíduo e poder, no qual a escrita se converte em meio de afirmação existencial e política²⁴².

A interseção entre vida privada, religiosidade e política sugere que o consentimento ao regime não se limitava apenas à coerção institucional, mas era mediado por uma cultura de afetos e vínculos simbólicos, que naturalizava a intervenção do Estado na vida cotidiana. Dessa forma, a adesão de parcela da sociedade civil ao governo militar refletia não apenas uma estratégia de autoproteção ou benefício material, mas também um pacto de aceitação tácita da autoridade, reforçando valores conservadores, padrões hierárquicos e um ideal de cidadania vinculado à moralidade, à obediência e à disciplina.

A intervenção do presidente era percebida como um auxílio a ser esperado, cultivado e cuidadosamente nutrido pelos membros da sociedade, em especial aqueles mais vulneráveis em termos financeiros, culturais ou sociais. De forma análoga ao efeito simbólico dos reis taumaturgos, os cidadãos passavam a escrever ao presidente quase como um ato de fé, diante da ausência de políticas públicas efetivas. Nesse contexto, o apoio ao golpe de 1964 e a cumplicidade com o regime autoritário podem ser percebidos tanto nas mobilizações de voluntários daquele ano quanto nas cartas da sociedade civil ao longo do período ditatorial, até

²⁴² Escrever a própria história pode ser considerado um exercício político, uma tentativa de despertar afetos e expressar sentimentos, assim como reelaborar os significados em torno dos marcadores sociais da diferença. Ver: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

meados da década de 1980. Tais correspondências revelam um manifesto desejo de intimidade, afeto e carinho pelo General-Presidente, funcionando como reforço da construção de uma figura heroica e da expectativa de submissão total por parte dos governados²⁴³.

A construção da masculinidade viril dos militares como líderes aptos a conduzir o progresso da nação dialoga diretamente com elementos centrais da psicologia das massas, ao mesmo tempo em que organiza a política por meio de uma hierarquização de gênero. Esses ideários foram elaborados a partir de uma extensa catalogação e interpretação de atributos predominantemente masculinos, refletindo-se na população, na instituição familiar, na chefia doméstica e em outros espaços sociais. Ademais, a noção de autoridade e suas correlações com o gênero reverberaram de forma significativa nas concepções políticas vigentes no Brasil desde a primeira metade do século XX, moldando tanto práticas sociais quanto narrativas legitimadoras do poder²⁴⁴.

O ambiente de progresso e desenvolvimento nacional, aliado à Doutrina de Segurança Nacional, reforçou a cumplicidade de setores da sociedade civil com o regime militar, inclusive estimulando o ingresso na carreira militar como possibilidade desejável e socialmente valorizada. Os apoiadores do sistema se mantiveram ativos tanto durante o golpe quanto na consolidação da dominação do governo, revelando uma combinação de submissão voluntária e reconhecimento da figura do militar como provedor, amigo ou autoridade paterna, como evidenciam cartas enviadas ao General-Presidente.

²⁴³ QUADRAT, Samantha Viz.; ROLLEMBERG, Denise (org.). **A Construção Social dos Regimes Autoritários:** legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

²⁴⁴ Botton exemplifica o Manual de Moral Militar (1925) e o aprofundamento dessas ideias na obra *Ética da Autoridade* (1937), redigida pelo capelão da Armada Argentina, Luis Bertoni Flores. Além disso, desenvolve o argumento sobre o plasma da personalidade do líder sobre as massas, evidenciado nas formulações biográficas que apresentam Vargas como um grande político racional, capaz de moldar a percepção coletiva e legitimar sua autoridade. Ver: BOTTON, Fernando Bagiotto. **Liderança Política e Autoridade Paterna:** psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Paraná – UFPR: Curitiba, 2017.

2. EMBATES VIRIS

Na segunda metade do século XX, perfis viris específicos emergem, como o jovem místico que busca sentido na espiritualidade e em rituais alternativos, alinhando sua imagem e atitudes à introspecção e à sensibilidade emocional; o *punk* subverte normas e estéticas tradicionais, utilizando roupas, cabelo e música como armas de contestação e performance de poder; o *hippie* privilegia liberdade, afeto e coletividade, integrando corpo, música e estilo de vida em um manifesto contra a autoridade dominante, entre outros que evidenciam como as masculinidades são performativas, moldadas por narrativas midiáticas, propagandas e representações de desejo. Assim, os códigos de gênero e das práticas sexuais não se mantêm estáveis, mas se desarranjam, ganhando sentidos plurais conforme os contextos e interações. Os conflitos geracionais, disputas simbólicas e negociações culturais revelam que a masculinidade é um projeto em constante mutação, atravessando identidades, consumos e formas de expressão, reafirmando a autonomia do sujeito como produtor de sentidos e de modos de vida.

Esse capítulo analisa as masculinidades viris como fenômenos plurais, produzidos e negociados em contextos culturais, sociais e econômicos distintos. O que se entende por “sucesso”, “masculino” ou “viril” não é fixo; ao contrário, é continuamente reinterpretado nas práticas cotidianas e nos modos de consumo, seja de moda, música, filmes ou tecnologias, tornando cada sujeito produtor de mundos próprios e criativo em sua construção de si.

2.1 A VIDA COMO OBRA DE ARTE

O movimento contracultural envolveu não apenas a revolução sexual, mas também uma crescente desconfiança em relação às crenças estabelecidas sobre Deus, Família e Liberdade, diante da percepção constante da iminência da morte, amplificada pela cobertura midiática de eventos extremos em escala global. Em oposição ao Sistema, parte da juventude experimentava desamparo e vulnerabilidade intensos, encontrando acolhimento e sentido em movimentos musicais que se tornaram símbolos de liberdade. Ao som dos *Beatles*, Brian Epstein, John, Paul, George e Ringo, surgidos em Liverpool, na Inglaterra, os jovens podiam se conectar a uma experiência coletiva pautada na paz, no questionamento e na sedução da batida e das letras que celebravam a liberdade. Esse movimento se intensificou até 1968, quando o mundo ocidental e ocidentalizado atravessava uma crise de expectativas, questionando o progresso do capitalismo

e a linearidade do tempo como vetor de desenvolvimento seguro, prenunciando um abalo ao presente²⁴⁵.

Nesse contexto, a contracultura pode ser definida como um conjunto de manifestações de repúdio ao estilo de vida ocidental por parte da juventude dos anos 1960 e 1970, período em que transformações sociais e culturais se intensificaram. Essas manifestações evidenciavam a desvalorização do racionalismo, refletida em rebeliões universitárias contra o sistema de ensino, na construção de novos paradigmas baseados em correntes culturais subterrâneas, em filosofias e religiões orientais, e em vertentes da psicanálise e do marxismo. Ao mesmo tempo, expressavam certo descaso pelo *American way of life*, refletido em um modo de vida descompromissado e errante, característico dos *hippies*. A contracultura também se orientava por um pacifismo direcionado às superpotências imperialistas e por um hedonismo que valorizava o corpo e as emoções, cujas principais manifestações incluíam a Revolução Sexual e o consumo de drogas psicotrópicas, articuladas à difusão de gêneros musicais inovadores, como o rock promovido por bandas como os *Beatles*²⁴⁶.

O sucesso da banda dos *Beatles* e o intenso ardor entre os fãs foram documentados em impressos como a *Manchete* por mais de duas décadas, evidenciando como a música pop se tornava um vetor de transformação cultural e de construção identitária. A adesão a esses ícones musicais influenciava comportamentos, estilos e aspirações, funcionando como referência para jovens que buscavam novos modelos de masculinidade, feminilidade e formas de intimidade, em contraste com os padrões tradicionais estabelecidos pelo militarismo e pela sociedade conservadora:

Imagem 31: Príncipe Philip e Beatles (à esquerda); *Fans* na gravação do *Love Me Do* (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1964, ed. 626, p.84; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1982, ed 1587, p. 44.

²⁴⁵HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presenteísmo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

²⁴⁶ CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O Discurso da Contracultura no Brasil**: o *underground* através de Luiz Carlos Maciel (1970). Tese de Doutorado em História na Universidade de São Paulo – USP, 2007.

A primeira imagem, de 1964, evidenciava a entrega do prêmio aos *Beatles* pelo príncipe Philip, Duque de Edimburgo, referente aos troféus concedidos aos melhores da música e da dança na Inglaterra, em razão da canção *She Loves You*, considerada a mais notável do ano na categoria popular e dançante. A segunda imagem, datada de 1982, mostrava a divulgação, pela *Manchete*, de uma edição histórica de 1962, retratando o tumulto provocado pelos fãs na porta de uma rádio em Londres, evidenciando o frenesi causado pelo grupo. O êxtase que a banda inglesa suscitava era narrado como um ardor febril entre seus seguidores, comparável à devoção religiosa a ícones do rock. Progressivamente, os *Beatles* passaram a constituir referência de beatitude e pertença para jovens, muitos dos quais experimentavam certo grau de desterritorialização cultural e social²⁴⁷.

O comportamento disruptivo de parte dessa juventude foi marcado por um movimento multifacetado, impregnado por diversas correntes culturais e intelectuais que incentivavam modos de vida afastados das linhas de força produtivas e lineares da sociedade. Entre essas influências destacam-se a literatura existencialista de Jean-Paul Sartre²⁴⁸, a literatura beat de Jack Kerouac e outros autores considerados *outsiders*²⁴⁹, cujas obras refletiam sobre liberdade, autenticidade e a experiência individual, em contraste com os padrões sociais convencionais. Nesse contexto, a contracultura dos anos 1960 e 1970 combinava música, literatura, estética e comportamento como instrumentos de redefinição das masculinidades, das relações amorosas e das experiências de intimidade, evidenciando uma cultura plural em que os sujeitos atuavam como agentes criativos na construção de si mesmos, rompendo com os arranjos tradicionais e tensionando normas sociais, culturais e geracionais.

A atmosfera contracultural expressava-se por meio de um conjunto de práticas coletivas de lazer que, somadas aos festivais de músicas alternativas, ao consumo de psicotrópicos e ao

²⁴⁷ Para Rolnik, a desterritorialização significa o movimento da perda de sentido de certas matérias, caracterizando a própria linha de fuga produzindo devires inéditos, múltiplos e imprevisíveis, a partir da busca de matéria de expressão, substância a ser fabricada, maneiras de inventar o mundo, que só funciona quando agenciados. Em sua forma de compreender o mundo, estabelece uma metodologia de análise de cartografia sentimental, a partir do qual toda formação do desejo se estabelece no campo social através do exercício de três linhas (emaranhadas e imanentes umas às outras), a saber: a linha dura que é consciente dos territórios (molar), a linha de fuga das partículas soltas de afeto (molecular) e a linha-fluxo de simulação que é a própria passagem entre as duas. Dessa forma, seria através dessas três linhas que as pessoas se expressam, se orientam e estabelecem territórios, com seus modos de subjetivação. Ver: ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.**, Porto Alegre: Sulina, editora da UFRGS, 2016.

²⁴⁸ O pensamento de Sartre influenciou fortemente a juventude da Europa Ocidental, em alguma medida caracterizou uma rebelião das subjetividades interessada em chocar a representação da família burguesa, somado ao afloramento de um desespero peculiar. Ver: HELLER, Agnes. **A Condição Política Pós-Moderna.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

²⁴⁹ Assim como o Torquato Neto, em seu próprio contexto, representou. Ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria:** Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco -UFPE: Recife, 2004.

exercício de liberdade sexual, deram forma a uma ampla Revolução dos Costumes. Esse movimento não se limitava à esfera privada, pois envolvia também a produção, o consumo e a circulação de jornais alternativos, que atuavam como veículos de expressão de corpos e desejos transbordantes, libertários e subversivos. Ao mesmo tempo, esses jornais e práticas culturais respondiam à percepção social de ambientes padronizados e normativos, criando espaços de negociação de sentidos, compartilhamento de experiências e experimentação de formas de vida distintas, em constante tensão com o *status quo*²⁵⁰.

A invenção de modos de vida alternativos, distantes dos valores culturais ocidentais, manifestava-se na formação de comunidades influenciadas pelos *Beatles* e compostas majoritariamente por sonhadores, conhecidos como beatniks, que estabeleciam seus próprios regulamentos e rituais. Para parte da sociedade civil, esses grupos não ofereciam soluções diretas para os problemas sociais nem promoviam um diálogo geracional amplo; no entanto, criavam práticas coletivas centradas no amor à vida, na valorização da liberdade e no respeito à natureza. Nesse contexto, o Brasil também desenvolveu suas próprias comunidades alternativas, inspiradas pelo ideal de paz, amor e liberdade difundido pelos Beatles, conforme evidenciado em reportagens da *Manchete*, que registravam o entusiasmo e o engajamento desses jovens com a cultura contracultural global:

Imagem 32: Os Beatniks Cariocas (à esquerda); 007 contra a chantagem atômica (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1967, ed. 782, p.30/32

Em 1967, a *Manchete* publicou reportagem de Raul Caldas, com fotos de Domingos Cavalcanti, retratando um grupo de jovens com cabelos longos até os ombros, barbas desordenadas, blusões de couro, calças justas e boinas. As fotografias analisadas ilustram aspectos centrais da contracultura brasileira dos anos 1960: na primeira, jovens reunidos em um bar praticam um ócio criativo, priorizando a expressão artística, a construção de mundos

²⁵⁰ Além dessas, a proliferação dos jornais outsiders foi analisada de modo fundamental na Rolling Stone (1971-1973), o jornal Flor do Mal (1971) e a revista Navilouca (1974), entre outras. Ver: BARROS, Patricia Marcondes. A Imprensa Contracultural Brasileira. In: ROST, Isis; BARROS, Patrícia Marcondes de. (Org.). **Transas da contracultura brasileira**. São Luís: Passagens, 2020.

imaginados e vínculos afetivos, em contraste com o status quo familiar e social; na segunda, um grupo de quatro indivíduos exibe um estilo de moda comum, incorporando elementos simbólicos como crucifixos e óculos escuros, enquanto a presença de uma mulher no centro sugere uma leitura mais igualitária dos gêneros, e o letreiro de cinema ao fundo indica a influência do contexto geopolítico da Guerra Fria, evidenciando a interseção entre cultura juvenil, política e mídia popular²⁵¹.

Segundo a matéria, o grupo era constituído por jovens de ambos os gêneros, que circulavam pelas ruas do Rio de Janeiro despertando surpresa e curiosidade nos transeuntes. As imagens destacam o uso de crucifixos e símbolos associados à fraternidade universal, bem como o lema *make love, don't war*. Grande parte dos integrantes havia chegado de outras cidades, especialmente de São Paulo, utilizando-se de caronas para se reunir na capital fluminense, com o objetivo de desenvolver um movimento que proporcionasse “liberdade total para viver, amar e criar”.

Em consonância com essa filosofia de vida, o grupo ocupou um casarão abandonado, desprovido de luz e água, situado em uma encosta cercada por vegetação densa, mediante negociação com o proprietário, que condicionou a permanência à demonstração de resultados positivos na conservação do espaço e no atendimento da função social da propriedade. Essa perspectiva se construía em oposição ao discurso autoritário centrado na figura do pai, do presidente e do papa, propondo uma redefinição dos códigos de poder e de gênero, evidenciada na adoção de um estilo de vestimenta mais andrógino, não binário, com destaque para jeans e roupas largas. Embora idealizassem uma ilha deserta, o espaço ocupado pelo grupo funcionava como um locus de sociabilidade e alegria, no qual os jovens se reuniam na varanda em busca de água, frutas e momentos de convívio coletivo²⁵².

A partir da análise das fontes, é possível inferir que esses jovens, identificados como beatniks e influenciados pelos Beatles e por formas particulares de espiritualidade, disseminavam-se globalmente ao reproduzir referências não hegemônicas de poder em diversos aspectos da vida: nas relações de trabalho, nos vínculos familiares, na produção artística e nos usos corporais para o prazer. Tais práticas frequentemente se opunham às expectativas do Sistema Hetero-Patriarcal, sinalizando uma transformação sutil do modelo de masculinidade viril, sem, contudo, abandonar completamente a referência ao vigor e à dominação²⁵³.

²⁵¹ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1967, ed. 782, p.32

²⁵² MANCHETE, Rio de Janeiro. 1967, ed. 782, p.32

²⁵³ Sobre a adestração de embates truculentos atribuídos aos códigos masculinos, a corte nos séculos XVI e XVII acresce a esses modelos de virilidades, novas pequenas éticas, as “etiquetas” e passaram a cultivar as posturas regradas, ao mesmo tempo que flexibiliza os corpos dos homens, reforçando a questão da aparência viril. Ver:

Assim, de maneira análoga, comunidades alternativas se expandiam em cidades como Paris, Copenhague e diversas localidades dos Estados Unidos. As revistas, jornais, filmes e imagens da época retratavam jovens dispostos a investir seus corpos e paixões em prol de coletivos unidos por valores percebidos como mais justos, em contraposição às estruturas autoritárias e opressivas do sistema vigente:

Imagem 33: As Comunidades Contra a Família (à esquerda); Lanza del Vasto (ao centro); Refeição (à direita).



Fonte: ACTUEL, França, 1970, p.8 ACTUEL, França, n 17, 1972, p.50.

Em 1972, a revista francesa *Actuel* destacava a presença de um grupo de jovens na França, seguidores de *Lanza del Vasto*, que viviam em comunidades por longos períodos, questionando a monogamia. Ao se reunirem, buscavam criar espaços onde diferentes formas de interação sexual fossem possíveis, a partir de uma concepção de liberdade sexual entendida como refúgio global. Essas vilas futuristas, inspiradas por uma energia anarquizante, refletiam uma crise das masculinidades e uma insatisfação política mais ampla entre parte da juventude. Dessa forma, elaborava-se um modo de vida alternativo, *underground* e *outsider*, construído a partir da oposição à masculinidade viril domesticada e do questionamento do uso social da dor, legitimado culturalmente.

Esse modo de vida também se articulava com leituras, estudos e prazeres variados, distanciando-se do perfil do homem contemporâneo moldado pela modernidade. Na perspectiva da comunidade de *Lanza del Vasto*, era possível criar condições de resistência às instituições opressivas, a exemplo da escola, do trabalho e da monogamia no casamento, entendida como instrumento de domesticação do sujeito e motivando o distanciamento contínuo desse padrão comportamental por meio de rituais, festas, música e outras formas de lazer.

Assim, a *Actuel* destacou a formação de comunidades alternativas que se percebiam em uma trajetória singular, pautadas por um modo de vida livre e por uma rotina diária de leituras

VIGARELLO, Georges. A Virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In. CORBIN, A; COUTRINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Tradução Francisco Morás. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

compartilhadas com militantes anarquistas, convergentes em um projeto crítico à instituição da família e à autoridade que dela decorre.

De forma semelhante, a comunidade alternativa de *Christiania*, em Copenhague, expressava resistência às normas políticas e morais vigentes em seu contexto. Os habitantes buscavam organizar a vida coletiva de maneira autônoma, promovendo práticas de convivência e produção que se afastavam das estruturas tradicionais de poder e das expectativas sociais estabelecidas, enfatizando liberdade, autoexpressão e coletividade como princípios centrais da experiência comunitária:

Imagem 34: *Fuck the Police* (à esquerda); *Christiania* (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1996, ed. 2326, p. 61.

A *Manchete* relatou que, em 1971, surgiu a comunidade alternativa de *Christiania*, que se consolidaria como cidade turística nos anos 1990, adotando como lema “É proibido proibir”. Localizada no centro de Copenhague, capital da Dinamarca, a comunidade se estruturava em torno da premissa de que viver fora da lei exigia responsabilidade. As imagens veiculadas evidenciam muros, cartazes e pichações que expressam reivindicações por um modo de vida mais livre. Segundo a matéria, naquele ano ocorreu uma grande feira *hippie*, consolidando ideais de amor e liberdade e atraindo curiosos. Um grupo de cidadãos transformou uma antiga base militar desativada em *playground* e ponto de convívio para a comunidade, desencadeando um impasse político com a prefeitura. Diante da impossibilidade de desalojar os ocupantes, os deputados dinamarqueses reconheceram a área como prioritária para um experimento social, condicionando a permanência dos moradores ao pagamento das despesas de água e luz²⁵⁴.

Em 1974, *Christiania* promoveu seu primeiro Natal voltado a pessoas pobres e solitárias, em que centenas de moradores, vestidos como Papai Noel, percorreram as ruas de Copenhague distribuindo presentes a crianças, idosos e necessitados. Muitos dos presentes eram adquiridos de forma ilícita, o que resultou na prisão de diversos participantes. A repercussão do episódio foi amplamente veiculada na imprensa em 25 de dezembro, relatando que alguns homens trajados de Papai Noel sofreram agressões por parte da polícia. Nos anos subsequentes,

²⁵⁴ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1996, ed. 2326, p. 61

o governo dinamarquês deliberou pelo esvaziamento da área. Apesar de sua curta existência, com apenas cinco anos, *Christiania* já contava com infraestrutura básica, incluindo banheiro público, escola e um sistema de organização comunitária denominado *Common Meeting*, em que todos os habitantes, inclusive crianças, podiam participar. Além disso, realizavam-se atividades coletivas como coleta de lixo e construção de aquecedores improvisados com barris de óleo. Para assegurar a resistência e a coesão interna, a comunidade estruturou o chamado Exército do Arco-Íris, dividindo os moradores em grupos codificados por cores, cada qual responsável por diferentes tarefas. Antes da iminente expulsão, a população dinamarquesa foi convidada a visitar a cidade livre, evento que contou com a participação de aproximadamente dez mil pessoas, demonstrando apoio e interesse pelo experimento social²⁵⁵.

No início da década de 1980, *Christiania* passou a ser identificada como o epicentro nórdico do consumo de drogas pesadas, como heroína e cocaína, despertando preocupação em países vizinhos, como Suécia e Noruega, que solicitaram ações concretas em relação à comunidade. Em resposta a essas pressões, os próprios moradores implementaram uma campanha interna de combate às drogas, expulsando traficantes e estabelecendo um centro de reabilitação para dependentes químicos. Essa iniciativa incluiu a mobilização coletiva em torno do projeto *Say No to Hard Drugs*, tornando a questão das drogas uma contradição emblemática para a cidade livre, ao mesmo tempo em que evidenciava a consciência da comunidade sobre sua responsabilidade coletiva e a necessidade de autorregulação social²⁵⁶.

Na perspectiva do regime estatal, o movimento contracultural precisava ser contido e regulamentado, independentemente das circunstâncias ou dos meios empregados, inclusive recorrendo às próprias técnicas desenvolvidas pelas comunidades alternativas. O consumo acelerado de psicotrópicos entre jovens dessas comunidades, inicialmente voltado à expansão da percepção, ao encontro espiritual ou à anestesia de dores, passou a ser interpretado como um risco social ligado à chamada “liberdade exagerada”. Quando tais grupos demonstravam potencial de organização semelhante ao de um Estado, como por exemplo: controlando serviços, arrecadando recursos e estruturando modos de vida próprios, surgia também uma necessidade de gerir o biopoder, a economia sexual e as pulsões do desejo dentro do coletivo. Assim, mesmo em sociedades autoproclamadas libertárias, manifestava-se a força de um discurso proibicionista, punitivista e panóptico, voltado à regulação social, presente em todos os níveis de instrução e classes sociais, de forma dinâmica e multifacetada²⁵⁷.

²⁵⁵ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1996, ed. 2326, p. 61

²⁵⁶ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1996, ed. 2326, p. 61

²⁵⁷ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2004.

Além das comunidades alternativas dos *Beatniks* cariocas, dos seguidores de *Lanza del Vasto* em Paris e de *Christiania*, na Dinamarca, outra experiência de destaque foi *Drop City*, nos Estados Unidos, igualmente estruturada a partir de uma perspectiva artística de vida e de resistência às normas sociais convencionais.

Imagem 35: Casa em *Drop City* (à esquerda); Lar em *Drop City* (ao centro); Correios em *Drop City* (à direita).



Fonte: ACTUEL, França. 1970, p.60; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1970, ed.928, p. 31/32.

A *Actuel* documentou o movimento que transformou a arquitetura em *Drop City*, no Colorado, por meio de imagens das residências da comunidade alternativa, onde os artistas expressavam tanto sua criatividade quanto uma preocupação estética singular. O estilo de vida adotado refletia uma forma de soberania individual e coletiva, articulada às tendências artísticas em que acreditavam. Até os veículos, como o *Dymaxion Car*, apresentavam design específico, revelando a possibilidade de reinvenção de objetos e tecnologias como forma de poder simbólico. Para esses jovens, tais práticas constituíam um modo de subversão cultural, ao mesmo tempo em que fortaleciam os vínculos internos, promovendo o sentimento de pertencimento e coesão grupal²⁵⁸.

Nesse sentido, a experiência de *Drop City* e outras comunidades similares pode ser interpretada à luz do conceito de estética da existência de Michel Foucault, segundo o qual os indivíduos moldam suas vidas como obras de arte, cultivando hábitos, comportamentos e relações de forma deliberada²⁵⁹. A vida cotidiana, estruturada na arquitetura, nos objetos e nas interações comunitárias, tornava-se um espaço de criação estética, em que a autonomia, a liberdade e a expressão coletiva eram exercidas como práticas de autoformação e resistência cultural.

Em 1970, a *Manchete* passou a divulgar informações sobre *Drop City*, destacando sua origem a partir de um investimento obtido com a exploração de terras reflorestadas. A comunidade, fundada com esse capital, incorporava uma filosofia inspirada pelo movimento

²⁵⁸ ACTUEL, França. outubro de 1970, p.61

²⁵⁹ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

hippie e pela trajetória de Thoreau, valorizando a vida comunitária, a autonomia artística e a recusa à sociedade de consumo. Caracterizada pela ausência de moeda e pelo fortalecimento dos laços coletivos, *Drop City* tornou-se um espaço de refúgio para jovens que se sentiam oprimidos pela modernidade e buscavam modos de vida alternativos, em consonância com um afastamento deliberado das identidades sociais e do progresso linear, em direção a um retorno simbólico à natureza²⁶⁰. Essa reação à padronização social e cultural do Norte Global evidencia tanto a evasão identitária quanto a criação de experiências de vida autônomas, onde os jovens exploravam novas formas de existência e solidariedade comunitária, muitas vezes até seus limites mais extremos.

De modo análogo a *Drop City*, o Rancho Parker, onde se estabeleceu a *Família Manson*, teve início sob a égide de uma visão comunitária idealizada, marcada por experimentações sociais e artísticas. Contudo, essa tentativa de organização alternativa degenerou em violência extrema, resultando em assassinatos que ganharam ampla repercussão internacional e foram amplamente noticiados nas páginas de revistas brasileiras, revelando os riscos e paradoxos associados à busca por modos de vida alternativos em contraste com os limites da legalidade e da moralidade social.

Imagem 36: Violão (à esquerda); Pneu/balanço (ao centro); Correios Rancho Parkers (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1969, ed. 922, p.14/17. Fotos de Charles Moore (Black Star)

O Rancho Parker, onde se instalou a Família Manson, demonstra os riscos de uma contracultura levada ao extremo, em que a vida comunitária e lúdica, marcada por música e atividades coletivas, acabou sendo permeada por violência extrema e homicídios. As imagens veiculadas pela *Manchete* revelam o contraste entre a aparente ingenuidade de práticas lúdicas, como tocar violão e brincar em balanços, e a brutalidade dos crimes cometidos, indicando os limites e paradoxos da busca por autonomia e prazer coletivo.

²⁶⁰ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria**: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE: Recife, 2004.

Essas experiências demonstram que as contraculturas da época não apenas criavam alternativas estéticas e sociais, mas também tensionavam continuamente as fronteiras entre liberdade e controle, entre desejo individual e normas coletivas. Ao buscar reinventar a vida cotidiana, os jovens dessas comunidades se inseriam em um campo de experimentação social que questionava a masculinidade viril, as estruturas familiares e os modelos de produção e consumo, revelando a pluralidade de sentidos atribuídos ao que se entendia por liberdade, criatividade e autenticidade.

O caso da Família Manson ganhou ampla notoriedade na imprensa da época, que destacou a busca por diversão, notoriedade e glória da comunidade alternativa que inicialmente ocupou o rancho e, posteriormente, um estúdio de faroeste abandonado. As reportagens indicam que o líder Charles Manson almejava fama comparável à dos Beatles, interpretando o lançamento do álbum *White Album* como uma espécie de profecia sobre a iminente ascensão de pessoas racializadas e o consequente massacre da população branca nos Estados Unidos, refletindo o temor de uma guerra racial²⁶¹.

Segundo as matérias, o projeto de Manson sobre seus seguidores teria sido influenciado pelo contato com a obra *Stranger in a Strange Land*, de Robert A. Heinlein, concebida originalmente como uma narrativa lúdica sobre extraterrestres. No livro, o protagonista, Valentine Michael Smith, nascido no espaço e criado por marcianos alheios aos valores morais da Terra, surge como figura messiânica, capaz de se comunicar por telepatia e comprometido com a reforma do mundo em que vivia. Smith funda uma espécie de religião chamada “família” ou “ninho”, na qual a nudez coletiva e o intercâmbio sexual constituem etapas de purificação. A obra enfatiza que todos os indivíduos devem renunciar à própria personalidade, submetendo-se incondicionalmente à vontade do Todo-Poderoso, enquanto os opositores seriam eliminados de forma sumária.

Manson apropriou-se de elementos dessa ficção para construir uma ideologia própria, identificando-se e sendo identificado por seus seguidores como uma figura divina, às vezes associada a Deus, Jesus ou Satã. A influência do romance de Heinlein e a interpretação distorcida da profecia contida no *White Album* evidenciam a confluência de fantasia literária, messianismo e violência, que fundamentou tanto a organização da comunidade quanto os crimes que posteriormente chocaram a sociedade. Inclusive, especula-se que Manson teria atribuído a seu filho o nome Valentine Michael Smith, em referência direta ao protagonista do romance²⁶².

²⁶¹ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1970, ed. 933, p. 29. Texto de Caio de Freitas.

²⁶² MANCHETE, Rio de Janeiro. 1970, ed. 933, p. 30

Possivelmente, a imaginação de Charles Manson levou-o a fundir fantasia e realidade, construindo um universo em que as ações criminosas perpetradas em seu rancho e nos arredores de Los Angeles adquiriram um sentido singular, definido pelos limites de sua própria percepção. Entretanto, a análise desse fenômeno social não pode se restringir a uma perspectiva meramente psicológica, pois desconsideraria dimensões biológicas, sociais, políticas e culturais intrinsecamente imbricadas ao contexto desses acontecimentos.

Segundo a reportagem, a obra literária que inspirou Manson apresentava uma concepção particular sobre a morte, na qual os seres humanos não morrem de forma absoluta, mas “desincorporam” e retornam à fila de outro mundo, o que, para ele, poderia relativizar a noção de morte de algumas pessoas. Ademais, a filosofia comunitária da Família Manson compreendia práticas coletivas como beber água e tomar banho em conjunto, casamento coletivo, exercícios de respiração para retardar o ritmo cardíaco, transe religioso e hibernação simulando invisibilidade, substituindo o sono. Esse conjunto ritualístico visava legitimar a autoridade do líder, fomentar o sentimento de pertencimento e fortalecer a coesão do grupo, ao mesmo tempo que relativizava valores morais tradicionais, como o bem e o mal, incentivando a adoção de condutas criminosas pelos devotos.

Imagem 37: Polanski (à esquerda); Mansão de Sharon (ao centro); Charles Manson (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1969, ed. 920, p. 38; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1969, ed 922, p. 14.

Na imagem acima, observa-se o diretor cinematográfico polonês Roman Polanski ao lado de Sharon Tate. Na primeira imagem, da esquerda para a direita, Polanski aparece em choque diante da brutalidade ocorrida em sua residência. A segunda imagem mostra quatro policiais de Los Angeles uniformizados, com as mãos na cintura, evidenciando a intervenção do Estado. Por fim, a terceira imagem retrata Charles Manson caminhando em direção ao julgamento.

As comunidades alternativas se organizavam frequentemente em circuitos fechados, com certo grau de sigilo em suas práticas e mecanismos de pertencimento, mas mantinham contato com as fantasias e imposições de determinados líderes que estruturavam padrões de comportamento, por vezes criminosos, para seus seguidores. Dessa forma, algumas dessas

organizações passaram a ser associadas ao estereótipo de “seita”, embora apresentassem contornos variados. Enquanto algumas cresciam de forma orgânica, sem um líder central, outras se estruturavam em torno de grupos de artistas ou jovens com interesses comuns. Em casos extremos, como o da Família Manson, um líder autoritário produziu efeitos catastróficos, culminando no assassinato da atriz Sharon Tate e demonstrando os riscos de formas de autoridade absoluta em comunidades alternativas.

A repercussão do crime teve impacto internacional. O *Actuel* reportou que, entre 1967 e 1969, o líder Charles Manson, “embebido por drogas, vampirismo e necrofilia”, conduziu seus seguidores a práticas extremas e letais, culminando nos assassinatos que chocaram a opinião pública mundial:

Imagem 38: Poderes de Manson (à esquerda); Susan Denise Askins (à direita).



Fonte: ACTUEL França, 1970, p. 97; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1970, ed. 933, p. 30.

Em 1970, a *Actuel* reportou sobre o denominado “fascismo psicodélico”, em que o editor Lucien K. Truscott destacou uma festa na qual Charles Manson, utilizando o magnetismo de sua personalidade e o efeito do ácido lisérgico, manipulava e hipnotizava seus seguidores, conforme prática habitual. Paralelamente, no Brasil, a *Manchete* repercutiu o pânico internacional, enfocando a suposta alienação mental de jovens e informando que Susan Denise Askins, uma das responsáveis pela chacina na mansão de Sharon Tate, estava sendo conduzida ao julgamento, ilustrada por fotografias. Em 1971, a *Manchete* detalhou o acompanhamento de Askins no processo, descrevendo-a como uma das jovens da comunidade de Manson, aparentemente desinteressada pelo desfecho do próprio caso.

Nesse caso, o regime de verdade e os mecanismos estatais, estruturados para produzir sentido e autoridade, não correspondiam à linguagem e à experiência da acusada, pois seus gestos e rituais geravam significado apenas dentro do contexto do grupo. As publicações indicam que, na perspectiva das jovens participantes, algumas acreditavam poder se tornar seres

alados, como fadas, ou concebiam toda a situação como um sonho, evidenciando a dissociação entre a experiência interna do grupo e a interpretação externa da sociedade e da justiça²⁶³.

As reportagens, em conjunto, reforçavam a percepção de que indivíduos poderiam ser hipnotizados ou persuadidos a agir de maneira contrária à sua intenção inicial, tornando-se instrumentos nas mãos de líderes carismáticos, seja um guru religioso, o chefe de um pequeno núcleo ou dirigente de uma comunidade alternativa que buscasse consolidar laços de afinidade semelhantes aos de uma família. Essa perspectiva indicava, especialmente em relação à juventude feminina, uma maior suscetibilidade ao discurso persuasivo de figuras manipuladoras, evidenciando a interação entre autoridade, sedução e poder simbólico no contexto das comunidades alternativas.

Certamente, os interesses dos líderes de organizações e pequenos núcleos eram múltiplos, mas não se pode presumir que os jovens, ao se tornarem devotos, estivessem desprovidos de motivações próprias. Ao abandonarem voluntariamente seus antigos lares, esses indivíduos engajavam-se em um exercício consciente de busca por autonomia, configurando-se como sujeitos autônomos e produtores de um universo dotado de uma matriz culturalmente inteligível. Essa relação não anula a força das paixões ordinárias, que atuam na captura de indivíduos e na constituição de modos específicos de subjetivação por meio dos sentimentos; ao contrário, evidencia a multiplicidade de fatores que incidem sobre esses grupos e a singularidade com que cada sujeito interage com as informações e experiências disponíveis²⁶⁴.

O contexto dos acontecimentos, marcado pela crise de instituições tradicionais, entre as quais a família, impulsionou os sujeitos a inventarem novas narrativas nas quais a realidade pudesse transferir os vínculos de “laços de sangue” para relações de amizade e afinidade. Nesse cenário, um segmento de jovens reinventou os terrenos do que constitui a norma e o normativo, motivando rebeldias e reivindicações de autonomia. Concomitantemente, o declínio dos rígidos códigos binários de gênero, que historicamente confinavam as mulheres à esfera doméstica e sob a vigilância da “polícia da família”, bem como o predomínio das masculinidades viris, estruturadas para restringir a expressão plena das sensibilidades, foram fatores determinantes

²⁶³ O direcionamento para esta fantasia demonstrou ser uma habilidade masculina para conquistar o corpo de uma garota, algo inserido em uma tradição viril que confundia sujeito com objeto, a partir do exemplo de desafios lançados com aparente despreocupação com a sensibilidade feminina, diante da vida na rua e outros tensionamentos sociais fizeram da sexualidade uma espécie de terreno de caça legitimado pelos demais homens, em forma de “brincadeiras” e fascinantes “aventuras”. Ver: FARGE, Arlette. Virilidades Populares. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

²⁶⁴ LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, Vozes, 2009.

para que esses jovens buscassem uma linguagem própria de contestação aos modelos previamente definidos de ser, estar e sentir.

Nesse período, parte dos jovens que buscava comunidades alternativas procurava novos referenciais para a construção de suas identidades, integrando-se a processos de individuação frente ao mundo social²⁶⁵. Ao assumirem suas próprias liberdades, muitos caíram em padrões cíclicos de comportamento, caracterizados por uma transferência da autonomia para uma nova figura de autoridade, o guru ou líder, que assumia um papel simbólico semelhante ao da autoridade familiar, quase divina²⁶⁶. Exemplos extremos, como o da Família Manson, ilustram como esses jovens sentiam a necessidade de constituir vínculos coletivos para falar de si no plural, recriando “famílias” fora do âmbito sanguíneo-biológico. Esses agrupamentos se estruturavam em torno de música, atividades culturais ou esportivas, e ocupavam o espaço público, criando vínculos afetivos diversos. Neles, a sensação de pertencimento e acolhimento se fragmentava, distribuída entre diferentes *peer groups*, refletindo formas alternativas de sociabilidade e de construção identitária em meio à tensão entre autonomia individual e estruturas de autoridade emergentes²⁶⁷.

Essas práticas extremas não eram determinísticas para todos os grupos alternativos, nem constituíam um fenômeno homogêneo. Enquanto alguns subgrupos adotavam dinâmicas autoritárias, outros priorizavam uma postura crítica diante do mundo e demonstravam maior desconforto em relação às normas morais sobre gênero e sexualidade, que reproduziam o *status quo* do sistema heterocispatriarcal vigente na Guerra Fria. Diversos fatores se combinavam nesse processo: o contexto social hostil, a descrença nas instituições, a fragilidade emocional de parte da juventude, as contradições pedagógicas e os vínculos familiares autoritários direcionavam alguns indivíduos a líderes ou gurus capazes de reorganizar suas mentes e corpos por meio de discursos fantasiosos que atravessavam a realidade.

As comunidades alternativas buscavam transformar a vida cotidiana em experiência artística, concebendo o corpo e o dia a dia como substrato de uma obra de arte. Contudo, mesmo nesses espaços subversivos, as possibilidades de autonomia conviviam com tensões entre autoridade e liberdade, evidenciando como os discursos que capturam e agenciam o sujeito.

²⁶⁵SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In.: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

²⁶⁶ A repetição do padrão vicioso se relaciona ao modo como se compreendem e interpretam emoções, muito tributária do romance familiar dos primeiros anos de vida. Ver: FREUD, Sigmund. **Para Além do Princípio do Prazer**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

²⁶⁷SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In.: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

No imaginário cultural, casos extremos como o de Charles Manson e o assassinato de Sharon Tate influenciaram narrativas cinematográficas, como o filme *O Guru de Sete Cidades*, de 1972, que refletia, de forma ficcionalizada, a apropriação da figura do líder e os dilemas de uma geração de jovens “rebeldes sem causa”, transportando para o cenário turístico e romântico do Piauí elementos de uma tragédia social e psicológica:

Imagem 39: O Guru²⁶⁸ (à esquerda); O Ritual (à direita).



Fonte: disponível em plataforma de vídeos Youtube²⁶⁹.

A *Manchete* relatou que o filme *O Guru das Sete Cidades* foi gravado ao longo da BR-343, que liga a capital do Piauí, Teresina, ao litoral do estado, registrando pontos turísticos de relevância regional. O enredo girava em torno de um culto a um guru excêntrico, incluindo cenas de ritual satânico e homicídio. Apesar desses elementos controversos, a obra foi considerada irrelevante pela censura, em razão do seu objetivo principal de promover a região como terra de lendas e magia, transformando o folclore e os atrativos naturais em recurso de visibilidade turística²⁷⁰.

O filme *O Guru das Sete Cidades* buscava promover as belezas naturais do Piauí na década de 1970, em um contexto marcado por uma atmosfera de erosão do pudor e liberalização dos costumes. Essa tendência intensificou-se à medida que tecnologias e inovações culturais impulsionavam a *Revolução dos Costumes* e a *Revolução Sexual*. Nesse cenário, observaram-se mudanças significativas nos valores sociais: a desvalorização das religiões de matriz judaico-cristã, a relativização da castidade feminina e a promoção de maior paridade no desejo sexual, fenômeno que foi simbolicamente acelerado pela invenção da pílula anticoncepcional.

O filme, portanto, não apenas funcionava como instrumento de promoção turística, mas também refletia e dramatizava transformações culturais mais amplas, mostrando como a mídia

²⁶⁸RF PRODUÇÕES. *O Guru das sete cidades*. Plataforma de vídeo *YouTube*, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mR71P11Bgcg>, às 47min55s. Acesso em: 2 set. 2024,

²⁶⁹RF PRODUÇÕES, 2014, 1:04s.

²⁷⁰MANCHETE, Rio de Janeiro. 1964, ed. 647, p 85

e o entretenimento atuavam como veículos de circulação de novos imaginários sobre sexo, moralidade e liberdade individual²⁷¹.

Essa atmosfera social sufocante funcionou como uma espécie de “panela de pressão” para um segmento da juventude, que produziu e seguiu um fluxo contracultural por meio da elaboração de dispositivos capazes de fascinar e deslumbrar, além de permitir o desenvolvimento de projetos de vida voltados às artes ou à investigação da espiritualidade. O dilema se manifestava especialmente entre jovens do sexo masculino em transição para a vida adulta, que precisavam conciliar normas sociais, expectativas familiares e desejos individuais, tomando decisões rápidas que influenciariam sua posição social futura. Nesse contexto, os discursos sobre os comportamentos do homem “de verdade” permaneciam rigidamente delimitados pela heteronormatividade²⁷², refletindo a performance da virilidade como um ideal nacionalizado pelo regime militar²⁷³.

A existência do filme *O Guru das Sete Cidades*, no Piauí, cerca de três anos após o assassinato de Sharon Tate, evidencia que as décadas de 1960 e 1970 no Brasil consolidaram um mercado artístico e festivo bastante intenso, em sintonia com processos de modernização cultural e tendências internacionais. Nesse período, os meios de comunicação ganharam destaque, destacando-se a TV Tupi, TV Paulista, Record, TV Rio e Rádio Continental, embora fossem a TV Globo e a Editora Abril que alcançassem maior notoriedade durante o auge da revolução cultural²⁷⁴.

Nesse período, a expansão do consumo televisivo, fomentada pelo governo e pela fundação da Embrafilme, reforçou a difusão desses novos imaginários. Em 1964, havia pouco mais de 1,6 milhão de televisores no país; em 1965, a produção e o consumo aceleraram; em 1970, o número subiu para 4,9 milhões; em 1975, alcançou 10,2 milhões; e, em 1980, quase dobrou, chegando a 19,6 milhões de aparelhos, refletindo a crescente influência dos meios de comunicação na vida cotidiana e na circulação de novas representações culturais²⁷⁵.

Assim, esses acontecimentos estavam em sintonia com processos de modernização, à medida que o mercado cultural passou a se deslocar para atender aos interesses da juventude, especialmente dos homens jovens, que aspiravam a conquistas, glória e reconhecimento entre

²⁷¹SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2011.

²⁷² RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, n. 05, pp. 17/44, 2010.

²⁷³ MISKOLCI, Richard. **O Desejo da Nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. São Paulo: Annablume, 2013.

²⁷⁴ ORTIZ, Renato. Sociedade e Cultura. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; WILHEIM, Jorge; SACHS, Ignacy (orgs.). **Brasil**: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

²⁷⁵ QUINTAS, Laura Mattos Soares. **Herói Mutilado**: Roque Santeiro e os bastidores da censura à Tv na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

seus pares e subgrupos, independentemente da região. As transformações sociais e culturais do período não se limitavam à conjuntura internacional ou ao eixo Rio-São Paulo, pois cidades como Teresina também absorviam essas influências. Em 1970, a Telepisa lançou um projeto de expansão da cobertura televisiva para mais de cem municípios do Piauí, e a chegada da fábrica da Coca-Cola em 1971 simbolizou a incorporação de novos modos de vida, que se adaptavam à tecnologia e ao consumo cultural, como o hábito de frequentar o cinema do Cine Royal, Cine Rex e Cine São Raimundo²⁷⁶.

Ademais, diferentemente do enredo tradicional de vilões e mocinhos, os filmes da contracultura, impulsionados pelo acesso a câmeras Kodak de Super-8, permitiam maior autonomia do cinegrafista e novas possibilidades narrativas²⁷⁷. No caso do filme *O Guru das Sete Cidades*, a produção articulava interesses do Estado Ditatorial com temáticas contraculturais, funcionando como um “entre-lugar”²⁷⁸: parte inserida na cultura normativa, parte voltada à experimentação artística²⁷⁹. Enquanto a industrialização promovia imagens masculinas de sucesso ligadas ao mercado de trabalho e à virilidade, alguns jovens investiam nas artes, apesar das limitações financeiras.

O autoritarismo, somado à erosão de certezas sociais e religiosas, fez emergir subgrupos contraculturais que organizavam a vida como forma de arte, sem compromisso político direto, mas articulando normas e linguagens próprias²⁸⁰. A contracultura funcionava como contrapoder, redefinindo intimidade, relações de desejo e subjetividade em diálogo com tecnologias emergentes, ainda que a performance da virilidade se mantivesse, adaptada à lógica

²⁷⁶ BRITO, Fábio Leonardo. **Torquato Neto e seus contemporâneos**: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica. Curitiba: editora Prismas, 2016.

²⁷⁷ Em 1972, Torquato retornou a Teresina, capital do Piauí, retomando sua atuação nos suplementos literários de diversos jornais. Nesse novo encontro, o grupo produziu os filmes em Super-8 *Adão e Eva*, do *Paraíso ao Consumo* e *Terror da Vermelha*. A coletividade era composta por Carlos Galvão, Haroldo Barradas, Arnaldo Albuquerque, Chico Pereira, Etim, Marcos Igreja, além de Durvalino, Paulo e Edmar Oliveira. Alguns historiadores denominaram esse período como a “Geração Torquato”, enquanto outros preferem a expressão “Geração Gramma”, embora apenas duas edições do jornal tenham sido efetivamente publicadas. Ver: OLIVEIRA, Edmar. *A contracultura ensaiando um movimento no Piauí*. In.: ROST, Isis; BARROS, Patrícia Marcondes de. (Org.). **Transas da contracultura brasileira**. São Luís: Passagens, 2020.

²⁷⁸ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

²⁷⁹ A noção de corpo transbunde-libertário foi construída a partir de estudos culturais que analisam, sobretudo, a trajetória do poeta Torquato Neto e do movimento da Tropicália, em contraste com a ideia de um corpo militante-partidário voltado para o engajamento em causas sociais e a luta por uma Revolução Social, no contexto da Ditadura Civil-Militar. Embora o conceito não trate especificamente das práticas homoeróticas, sua obra literária revela múltiplas ambiguidades nas formas de expressão e nos comportamentos dos sujeitos ao longo das décadas de 1960 e 1970. Ver: CASTELO BRANCO, E. A. Entre o corpo-militante-partidário e o corpo-transbunde-libertário: as vanguardas dos anos sessenta como signos da pós-modernidade brasileira. In. **História Unisinos**, 9 (3):218-229, 2005.

²⁸⁰ FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

heteronormativa, mesmo fora da perspectiva do progresso nacional, reproduzida amplamente por setores da sociedade civil²⁸¹.

Por fim, segundo as fontes, durante as décadas de 1960 e 1970 no Brasil, a contracultura juvenil se constituiu como espaço de experimentação e resistência, articulando práticas estético-espirituais, mídias emergentes e formas alternativas de sociabilidade, mesmo sob o autoritarismo do regime militar. O cinema, a televisão e a imprensa não apenas refletiram as transformações culturais, mas também se tornaram dispositivos de circulação de imaginários sobre desejo, liberdade e identidade, configurando um entre-lugar entre a norma e a subversão. Ao mesmo tempo, observou-se que as tensões entre autonomia individual e hierarquias, tanto familiares quanto sociais, que persistiam, revelando a complexidade da subjetivação juvenil frente a discursos normativos. Assim, o período estudado evidencia a capacidade dos jovens de reinventar modos de vida e de subjetividade em diálogo com forças de poder, ilustrando práticas de liberdade em meio a presença do estado de exceção.

2.2 DESBUNDE GERAL

Imagem 40: Festa da vitória do Golpe (à esquerda); Festa da Vitória da Copa (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. ed. 26, extra, 1964, p. 27 (Fotos de Indalécio Wanderley, Douglas Alexandre, João de Almeida e Luiz Carlos Barreto); LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro, ed. 07, ago 1978, p. 15

Em 1964, a *Manchete* publicou, à esquerda, uma fotografia que registrava um momento de júbilo durante a transição forçada do governo João Goulart para o regime instaurado pelo Golpe Civil-Militar. O episódio foi narrado como uma vitória democrática diante da ameaça do “inimigo interno”, por meio de uma celebração que assumia contornos semelhantes a uma festividade civil. Já a segunda imagem, de 1970, foi enviada ao jornal alternativo *Lampião da Esquina* por Mário Duarte. O leitor relatou tê-la feito da porta de seu prédio, em Copacabana,

²⁸¹GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

durante a comemoração da vitória da Seleção Brasileira sobre a Polônia na Copa do Mundo. Ele observava, de modo irônico, ter “flagrado a tal liberação dos sentidos”, visível na proximidade corporal entre homens que dançavam juntos enquanto agitavam a bandeira nacional. Em ambas as fotos os homens estão sem camisa e envolvidos por um ambiente de muita alegria e agitação.

A erosão do pudor, evidenciada nas celebrações tanto do golpe de 1964 quanto da vitória da Copa do Mundo de 1970, gerou deslocamentos nas categorias de gênero e sexualidade. Essas manifestações públicas revelavam tensões entre a exaltação de um padrão masculino militarizado, marcado por atributos de virilidade e disciplina, e a emergência de expressões corporais mais livres, por vezes andróginas ou desmunhecadas. Esse contraste, contudo, não implicava a superação do modelo de masculinidade autoritária, mas antes a possibilidade de coexistência ambivalente de múltiplos padrões, sem romper com a estrutura de poder que sustentava o governo.

O *desbunde* não pode ser reduzido a uma simples evasão da realidade política. Mais do que uma forma de escapismo, configurava-se como prática cultural e referência de transformação, na qual o corpo, o prazer e a liberdade eram erigidos como dimensões de resistência. Esse gesto de insubmissão podia até parecer socialmente aceitável em circunstâncias específicas, como em festas ou em eventos esportivos de grande repercussão, a exemplo da Copa do Mundo de 1970 ou na vitória do governo golpista. Contudo, quando assumia o caráter de *desbunde geral*, ganhava aspectos de uma vivência cotidiana e coletiva, com uma conotação irrefreada e desordeira, logo, tornava-se objeto de controvérsia. Isso porque a ideia de diversão desenfreada e a ênfase em novas formas de prazer desestabilizavam os parâmetros tradicionais de comportamento, tensionando as fronteiras do que era considerado legítimo em plena vigência de um regime autoritário e marcado por intensa pressão disciplinar.

Nesse contexto, a figura do general-presidente Emílio Garrastazu Médici foi associada a uma imagem de simplicidade e proximidade com o “povo”, ao mesmo tempo em que sua gestão coincidia com um período de crescimento econômico chamado de “milagre brasileiro”. Tal contexto permitiu à classe média ampliar o acesso a bens de consumo, como automóveis e eletrodomésticos, reforçando o imaginário de progresso. O regime apropriou-se também da euforia coletiva provocada pelo tricampeonato mundial de futebol em 1970, momento em que slogans emblemáticos foram difundidos. Entre eles, o entusiástico “Ninguém segura este país!”, atribuído ao próprio Médici, e a máxima de caráter coercitivo, promovida pela Operação Bandeirante (OBAN): “Brasil: ame-o ou deixe-o”, acompanhada da variante “Certo ou errado,

meu país”. Essas palavras de ordem sintetizavam o projeto nacionalista autoritário, que conciliava o apelo emocional do esporte com a repressão política e ideológica²⁸².

No clima de euforia, ainda em 1970, a conquista do tricampeonato mundial intensificou o entusiasmo coletivo que o regime militar soube explorar politicamente. No dia 19 de abril, data simbólica do “Dia do Índio”, organizou-se em Brasília uma partida de futebol entre xavantes e karajás, acompanhada pelo general-presidente Emílio Garrastazu Médici. O evento reforçava o discurso de integração nacional e de desenvolvimento, enquanto, nas ruas, jovens celebravam em excessos, despindo-se de convenções e entregando-se a uma festa generalizada. O nacionalismo festivo, assim, tornava-se um mecanismo de pertencimento, mas também de controle simbólico dos corpos e afetos²⁸³.

Em meio à atmosfera de festa e de nacionalismo exaltado, também desenvolviam projetos secretos articulados com diplomatas estrangeiros, operações clandestinas de entrega de armas, esquemas de suborno político e planos de assassinato direcionados a opositores do regime. A estrutura repressiva baseava-se, ainda, na manutenção de bases secretas e centros de detenção, nos quais a violência física e psicológica se constituía como técnica de governo. Assim, o contraste entre o espetáculo público de celebração e a maquinaria subterrânea da repressão revela o duplo caráter do regime: a promessa de progresso e modernização sustentada pelo terror de Estado²⁸⁴.

Paralelamente, um movimento contracultural de *drop out* buscava se afastar das cidades, formando pequenas comunidades alternativas ou embarcando em viagens improvisadas, sustentadas apenas por mochilas e poucos recursos financeiros. Essas experiências dialogavam, de certo modo, com o projeto político-militar expresso em cartazes como “ame-o ou deixe-o”, uma vez que muitos efetivamente optavam por deixar o Brasil, seja ao se exilar em outros países, seja ao simplesmente ignorar as normas e leis nacionais, contribuindo para a atmosfera de desbunde e anarquia que marcava o período.

Nesse ambiente tenso, alguns homens optaram pelo desbunde como forma de expressão e resistência, inspirados por diferentes correntes culturais, entre o movimento *Hippie*, *Punk* e o *Beat*. A erosão do pudor não se restringiu a espaços marginais, mas invadiu também ambientes sociais tradicionalmente formais, provocando estranhamento e desconforto. Sua manifestação,

²⁸²FICO, Carlos. **O Grande Irmão**: da operação brother sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2008. P. 233

²⁸³ EVANGELISTA, Breno Luiz Tommasi. **Entusiastas do desenvolvimento**: a Fundação Nacional do Índio e o projeto modernizador da ditadura (1969 – 1974). São Paulo: Appris, 2021.

²⁸⁴FICO, Carlos. 2008.

por vezes, soava como uma espécie de carnaval fora de época, repleta de condutas excessivas, disruptivas e, sobretudo, inoportunas aos olhos da moral burguesa.

Imagem 41: Médicos (à esquerda); Intelectuais (à direita):



Fonte: PASQUIM, Rio de Janeiro, ano VII, n.336, 1975, p. 25; PASQUIM, Rio de Janeiro, ano VII, n.346, 1976, p.18.

Em novembro de 1975, informa Jaguar, no *Pasquim*, que o jornal do *Cruzeiro do Sul* de Sorocaba informava que os sorocabanos assistiram ao desfile de futuros médicos, todos de porre e pelados, saíram às ruas depredando automóveis e jogando tudo que tinham às mãos, inclusive fezes. O juízo de valor da matéria era que os jovens se tornariam médicos sem escrúpulos.

A segunda fotografia, em 1976, um grupo de intelectuais e artistas entregou-se a alguns momentos de relaxamento em uma tentativa de voltar à natureza, para fugir às tensões e à rotina de suas atividades profissionais, sob a direção do psiquiatra paquistanês Frhthi Zembhas e Dr. Zembhas, que opinam sobre o completo relax somente ser possível e alcançado através de uma consciente volta ao espírito lúdico de infância. No flagrante, os pacientes procuram imitar frutas maduras. Nesse ponto, observa-se que o *Pasquim* informou na coluna a censura da Ditadura Civil-Militar, colocando o “X” nas roupas consideradas inadequadas e assuntos polêmicos. O “X” e a tarja preta utilizada pelos editores do jornal buscam evidenciar que existe uma censura do jornal alternativo, uma auto-censura do jornal em detrimento do descontrole juvenil, percebida pelo Estado e parte da sociedade civil como subversão moral e inversão completa de todos os valores da instituição familiar. No entanto, justamente por deixar visível a censura, o periódico alternativo indica uma possível postura contestatória ao sistêmica por dar visibilidade ao que se propõe esconder. Ao tornar a censura visível, os signos da interdição se deslocam para uma forma de expressão menos eficiente, para o território do risível.

Nesse mesmo movimento contracultural, estudantes de Medicina do Piauí criaram, em 1973, o jornal alternativo *Toco Cru Pegando Fogo*, assinado pelo diretório acadêmico da Faculdade de Medicina. Entre seus colaboradores estavam Edmar Oliveira e Chico Alves Araújo. O periódico teve apenas três edições, sendo rapidamente interrompido após recomendação da Polícia Federal ao presidente do diretório, sob a justificativa de que o

conteúdo “não condizia com a formação de futuros médicos”. Ainda que breve, a experiência deixou marcas significativas, instaurando uma fissura no campo da imprensa piauiense. O jornal, com sua linguagem irreverente e provocativa, tornou-se expressão local da contracultura, articulando-se ao processo mais amplo de erosão do pudor e contestação simbólica da ordem moral vigente²⁸⁵.

No interior da cultura mais ampla, os homens jovens encontravam-se submetidos a um regime de inteligibilidade que os convocava ao progresso financeiro e social como condição para se constituírem como provedores e, assim, serem reconhecidos como viris perante a sociedade. Contudo, tais expectativas nem sempre correspondiam aos interesses ou às experiências concretas dessa juventude, atravessada por fatores como a crise da masculinidade viril, a instabilidade econômica, as transformações sociais, a redefinição do mundo do trabalho e a reconfiguração dos vínculos amorosos.

A masculinidade viril, nesse contexto, apoiava-se em um sistema socioeconômico associado ao avanço da urbanização e da industrialização, que remodelava o Brasil. A sensação de modernidade e segurança parecia só ser possível mediante a adesão a esse modelo hegemônico. Tal masculinidade se expandia rapidamente, sustentada pelo anonimato e pela impessoalidade das grandes cidades, ao mesmo tempo em que o próprio processo de modernização criava condições para a emergência de outras formas de virilidade que eram coexistentes, tensionadas e, por vezes, contraditórias²⁸⁶.

O perfil atualizado da masculinidade viril, sobretudo quando inserido em grupos underground, deu forma a um movimento transbunde-libertário que levou parte da juventude a dedicar maior atenção às demandas do corpo²⁸⁷. Esse processo impulsionou transformações significativas no sistema sexo-gênero-desejo, manifestando-se em novos hábitos e estilos. Entre eles, destacam-se o uso de minissaias e calças de cós baixo pelas mulheres, valorizando a exibição das barrigas e cinturas, e os cabelos compridos entre homens identificados como

²⁸⁵ Além do jornal anteriormente citado, a década de 1970 em Teresina presenciou o surgimento do jornal Opinião, com a participação de Paulo José Cunha, Edmar Oliveira e Durvalino Couto Filho, intimamente articulado ao professor Camilo da Silveira Filho, futuro reitor da Universidade Federal do Piauí, e dirigido pelo jornalista Evandro Cunha e Silva. Paralelamente, surgiu O Gramma, elaborado em papel A4, impresso em mimeógrafo eletrônico frente e verso, produzido em Brasília por Paulo José na UNB e enviado para Teresina, que marcou um grupo de jovens pela sua circulação e conteúdo. Outro exemplo foi o *Boquitas Rouge*, edição única realizada a partir de encontros na grama da Igreja São Benedito, em referência ao Gramma. Posteriormente, o jornal Estado Interessante representou a primeira investida dos jovens na chamada Grande Imprensa do Piauí, destacando-se por sua maior durabilidade e alcance. Ver: OLIVEIRA, Edmar. A contracultura ensaiando um movimento no Piauí. In.: ROST, Isis; BARROS, Patrícia Marcondes de. (Org.). **Transas da contracultura brasileira**. São Luís: Passagens, 2020.

²⁸⁶ DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

²⁸⁷ CASTELO BRANCO, E. A. Entre o corpo-militante-partidário e o corpo-transbunde-libertário: as vanguardas dos anos sessenta como signos da pós-modernidade brasileira. In. **História Unisinos**, 9 (3):218-229, 2005.

“descolados”²⁸⁸. Tais práticas, embora aparentemente ligadas apenas à moda, expressavam um rearranjo simbólico das relações de gênero e sexualidade, marcando um afastamento dos códigos tradicionais de virilidade e feminilidade.

No que se refere ao repertório de práticas de lazer e prazer no período estudado, observa-se um processo contínuo de apropriações e ressignificações entre grupos sociais distintos e até mesmo politicamente opostos. Um exemplo significativo é o *camping*, originalmente associado a práticas de caça em países africanos e que passou a ser adotado por segmentos de jovens como experiência de contato direto com a natureza. Nessa transposição, pode-se perceber uma tentativa de atualizar o modelo viril, ajustando-o às condições de precariedade econômica que limitavam o acesso a formas mais tradicionais e elitizadas de lazer. Assim, a prática, ao mesmo tempo em que preservava elementos de masculinidade ligados à aventura e ao vigor físico, também introduzia novas possibilidades de sociabilidade e de vivência do corpo fora dos padrões urbanos e institucionalizados.

Imagem 42: *camping* (à esquerda); Acampamento (à direita):



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem: O Brasil como destino turístico. 1969, ed. 877. 65; BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_02_D0001DE0001

Em 1969, a *Manchete* destacou o *camping* como uma opção para viajantes que buscavam hospedagem mais econômica em Cabo Frio, sugerindo uma apropriação do espírito contracultural por setores mais tradicionais da sociedade. A partir da semiótica das imagens, é possível inferir que o acampamento não se diferenciava substancialmente das práticas da geração anterior. No entanto, o uso de cores chamativas indicava que a viagem não visava apenas a fusão com a natureza, mas também a visibilidade entre os companheiros de aventura, ressaltando o caráter lúdico e divertido da experiência. Dessa forma, o *camping* se apresentava de maneira mais palatável para esses setores sociais, enquadrando-se nos parâmetros de um turismo considerado exótico.

²⁸⁸ QUEIROZ, Teresinha. Juventude e políticas do corpo nos anos 1960 e 1970. Entrevista concedida a Elizangela Barbosa Cardoso. *Outros Tempos*, v. 17, n. 29, p. 373-388, 2020.

Na segunda fotografia, referente ao *Festival de Águas Claras*, no interior de São Paulo, observa-se um casal abraçado sobre um manto no chão, sugerindo um ritmo de vida desacelerado. Nesse contexto, a busca incessante por segurança e conforto cedia lugar a um modo de viver mais calmo e compassado²⁸⁹. As práticas de acampamento, nesse sentido, ofereciam uma sensação de liberdade e proporcionavam momentos de contemplação e lazer mais próximos de uma espiritualidade alheia ao consumismo, consolidando o *camping* como espaço de experimentação cultural e afetiva para os jovens da época.

A apropriação do *camping* pelos jovens pode ser interpretada como um espaço de experimentação da masculinidade fora dos moldes urbanos e industriais. Ao ocupar a natureza, os jovens redefiniram padrões de virilidade, deslocando o foco do sucesso financeiro e da competição social para habilidades corporais, autonomia e convivência em grupo. Essa prática, embora aparentemente lúdica, funcionava também como um modo de resistência, ao subverter expectativas sociais e políticas sobre o comportamento masculino, articulando prazer, corporeidade e pertencimento em contraste com a moralidade dominante e a vigilância do Estado.

O sucesso do *camping* como expressão do desbunde geral despertou o interesse da Ditadura Civil-Militar, que documentou essas práticas e outros gestos da contracultura na tentativa de cercear o que classificava como “maus hábitos”. O Serviço Nacional de Informações (SNI), nesse contexto, parecia usufruir do prazer de conhecer as diversões públicas, observando-as com atenção vigilante, como um voyeur do Estado ditatorial.

Embora o período autoritário tenha provocado o surgimento de uma nova sensibilidade afetiva, capaz de reformular relações sociais, as manifestações corporais se retraíam. O pudor se deslocava para espaços mais privados e discretos, demonstrando que, mesmo diante da experimentação e do prazer, o corpo continuava submetido a formas sutis de regulação e controle social²⁹⁰. Ao mesmo tempo, os atos considerados rebeldes ou de *desbunde*, como fugir de casa, despir-se ou recorrer a drogas para intensificar as sensações corporais, se intensificam e passam a ganhar certo status de civilidade em contextos específicos, como festas privadas, eventos alternativos e praias desertas ou destinadas a nudistas. Nesses espaços, a expressão do prazer não é simplesmente anárquica: observa-se uma maior interiorização das emoções, articulada a práticas de autocontrole, nas quais os corpos e os afetos são cuidadosamente modulados. Assim, a rebeldia e a experimentação do prazer coexistem com formas sutis de

²⁸⁹ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_01_D0001DE0001

²⁹⁰ MUCHEMBLEMED, Robert. **História da Violência**: do fim da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

disciplina e regulação, revelando a complexa relação entre liberdade, socialização e normas culturais no período estudado²⁹¹.

Na esteira dessas transformações culturais, a nudez em comunidades *hippies* e em festivais desse tipo passou a ser percebida como prática relativamente comum, inserida em um sentimento coletivo de resistência ao sistema e vista como forma de protesto contra as exigências da técnica e da disciplina social. Tanto no Brasil quanto em Barcelona, esses modos alternativos de ser, estar e existir criaram espaços nos quais utopias cotidianas podiam ser experimentadas, tornando o cotidiano um terreno de experimentação social e afetiva. Nesse contexto, a proliferação de grupos nudistas e de praias naturistas, organizados em locais e horários específicos, começou a ganhar legitimidade social e visibilidade, sendo representados em revistas e jornais alternativos, que funcionavam como plataformas de circulação e legitimação desses modos de vida e de resistência cultural:

Imagem 43: Comunidade *hippie* (à esquerda); Comunidade Nudista (ao centro); *Legalize Nude Beaches* (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, ed 1081, p. 9-10; STAR, Barcelona, 1979, n. 53, p.21; BAY AREA REPORTER, v. 10, n.1, 1980, p.22.

A primeira figura, de 1973, publicada pela *Manchete*, informava que os *hippies* protestavam contra tudo que lembre a sociedade estabelecida. Seus festivais, geralmente, incluem banhos públicos em que toda a nudez é permitida. A segunda imagem, de 1979, aparece na *Star*, que dedicava uma coluna específica para divulgar a experiência de comunidades alternativas, como a de Barcelona, voltadas para imaginar, pensar e experimentar coisas diversas. O registro reforçava o ideal comunitário, no qual a vida cotidiana se tornava um campo de experimentação existencial e política. Por fim, a terceira imagem, de 1980, publicada pelo *Bay Area Reporter*, apresentava lugares similares onde a liberdade corporal podia ser exercida sem constrangimento, como a praia de nudismo Kalalau, acessível apenas a pé ou de helicóptero. O periódico a descrevia como uma das praias mais fotografadas do mundo e um

²⁹¹ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: formação do estado e civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

paraíso para recém-casados, revelando como a prática do naturismo passava a integrar não apenas o imaginário contracultural, mas também circuitos turísticos e afetivos mais amplos.

Nesse sentido, no que concerne aos usos do corpo para o prazer afetivo-sexual no submundo alternativo dos *undergrounds*, as fontes sugerem a inexistência de um direcionamento normativo específico no comportamento juvenil, mas, antes, a abertura para uma pluralidade de afetos e possibilidades. Essas práticas se expressavam tanto no naturismo quanto na filosofia do amor livre, dissociada das amarras da monogamia. A experiência de liberdade vivenciada por parte da juventude, em confronto a um governo ditatorial, mostrou-se particularmente profícua, uma vez que se constituía mediante investimentos culturais disseminados em intercâmbios sociais promovidos por festivais de música, pelo uso moderado de drogas, por experimentações sexuais diversas, pela valorização dos vínculos afetivos em detrimento do capital, pelo desapego a regras morais rígidas e pela recusa de um modelo único de masculinidade, entre outros aspectos.

Essa forma de diversão emergia em contextos de contestação radical aos códigos morais, frequentemente associada a festas consideradas “selvagens” ou “orgiásticas”, percebidas pelas autoridades como balbúrdias e, portanto, como ameaças à ordem. Paralelamente, outro segmento da juventude preferia espaços de sociabilidade mais *soft*, nos quais a liberação sexual se manifestava mais pela sensualidade do que pela consumação do intercurso, implicando a suspensão de pudores e o afrouxamento das convenções vestimentares. Ainda que sem recorrer aos excessos, tais práticas funcionavam como catalisadores da imaginação erótica, abrindo condições de possibilidade para outros modos de prazer²⁹².

O controle das diversões públicas passou, assim, a constituir uma preocupação estatal, incidindo com rigor sobre espaços de sociabilidade, lazer e prazer, como vielas, becos e bares. Durante o regime civil-militar e até o período de redemocratização, essa vigilância intensificou-se, ao passo que formas plurais de masculinidades emergiam, estabelecendo diferentes relações com o universo feminino e, em certos contextos, desafiando a inteligibilidade binária de gênero²⁹³, uma vez que o regime autoritário brasileiro buscava, simultaneamente, combater o comunismo, promover o progresso nacional e controlar a denominada “Revolução Sexual”, que ganhava espaço diante da crescente liberação dos sentidos corporais no país. Inserido no contexto da Guerra Fria e das ditaduras latino-americanas, esse período provocou

²⁹² CORBIN, Alain **A Harmonia dos Prazeres**: a história do prazer desde o Iluminismo até o surgimento da sexologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

²⁹³ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas com a presença de um pênis. **Outros Tempos**: Pesquisa em foco - História, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-281, 2020.

transformações significativas na vida artística brasileira e promoveu um deslocamento na percepção da juventude, oscilando entre a fascinação pelo progresso e as incertezas quanto à legitimidade dos líderes políticos, à autoridade familiar e à disciplina escolar.

Nesse contexto, produtos culturais, impressos e audiovisuais, tornaram-se instrumentos relevantes de expressão para os jovens, permitindo-lhes manifestar sentimentos de angústia, contestação e inquietação diante das normas sociais vigentes. A circulação desses materiais não apenas refletia os conflitos e tensões da sociedade, mas também atuava na construção de novas formas de subjetividade e na negociação dos códigos sociais e culturais presentes na juventude. Ao mesmo tempo, a disseminação da cultura de massa e da indústria cultural impunha aos sujeitos um conjunto de produções que, em vez de fomentar o pensamento crítico, buscavam entreter e ocupar o público, anestesiando sensações e tornando o consumo passivo.

As imagens veiculadas buscavam associar esse universo de lazer e sexualidade a uma vida venturosa, transformando a experiência do prazer em objeto de fascínio. Essa articulação entre consumo, corpo e desejo contribuía para a produção de um perfil juvenil urbano e moderno, permeado por fluxos de subjetividade que escapavam às expectativas sociais estabelecidas por instituições disciplinares²⁹⁴. Essa dinâmica também se enraizava em códigos de masculinidades culturalmente elaborados, que funcionavam como lugares estruturantes nos processos de subjetivação²⁹⁵.

No Brasil, esse movimento representava uma fuga do desejo diante da repressão ditatorial, instaurava novas sensibilidades políticas e estéticas. Essas sensibilidades se expressavam sobretudo na experimentação corporal, na recusa a padrões rígidos de masculinidade e na valorização de vínculos afetivos alternativos, criando brechas para a constituição de subjetividades dissidentes. Nesse quadro, a análise das masculinidades revela não apenas a permanência de um ideal viril estruturante, mas também seus deslocamentos, fissuras e reconfigurações diante da emergência de novos costumes. A contracultura e o *desbunde geral*, por meio de práticas de contestação e invenção, ampliaram as possibilidades do que significava “ser homem”, tensionando a virilidade autoritária e permitindo entrever a pluralidade de modos de subjetivação que emergiam no interior das disputas políticas e culturais da época.

²⁹⁴ PARKER, Richard. Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

²⁹⁵ Nessa perspectiva, a construção de lugares simbólicos de sentido estruturante se apoia na teoria da imbricação social, na qual a masculinidade constitui apenas um dos estratos interligados a diversos outros fatores, tais como etnia, faixa etária, profissão, nacionalidade e demais dimensões socioculturais. Ver: ALMEIDA, Miguel Vale. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

2.3 BOOM DO “AMOR”

Imagem 44: Revolucionários por Jesus (à esquerda); Meninos de Deus no Maracanã, 1970 (ao centro); Trailer para os musicais (à direita).



Fonte: Fotos do *Children of God* em sítio público de bancos de fotos da própria organização religiosa²⁹⁶.

Da esquerda para a direita, a primeira imagem, de 1969, apresenta um cartaz com as inscrições: “Revolucionários por Jesus” e “A única solução é uma revolução espiritual!!!”, acompanhadas de justificativas bíblicas, como “Porque Deus amou tanto o mundo, que entregou seu único filho”, além de mandamentos de ordem direta, como “Permita que Jesus Cristo entre em sua vida”. A segunda imagem, de 1970, remete à apresentação do grupo no estádio do Maracanã, no Brasil, momento em que sua popularidade atingiu o auge, consolidada pelo lançamento do primeiro álbum sul-americano, em 1974. Já a terceira imagem, de 1971, registra uma parada em Vancouver, no Canadá, onde se observa o trailer que servia de palco itinerante para apresentações musicais em missões que percorreram África, Europa, América e Ásia. Nesse trailer, lia-se a frase: “As pessoas que são armas de Jesus”.

O conjunto das imagens evidencia o período em que os *Meninos de Deus* obtiveram expressivo êxito em suas missões de conversão, atraindo e cooptando “jovens místicos” em diferentes continentes. O enquadramento de líderes em posição de destaque, pregando diante de seguidores dispostos em atitude de escuta e subalternidade, reforça a pedagogia da hierarquia espiritual, ao tempo em que dissemina narrativas de destruição iminente e de retorno urgente a Cristo.

Esse fenômeno deve ser compreendido no interior do contexto da Guerra Fria e da ditadura militar brasileira, quando a proliferação de organizações espirituais, frequentemente vistas como “seitas” messiânicas por autoridades estatais, setores da Igreja Católica e famílias tradicionais, respondia a um clima de incerteza e repressão. Ao mobilizarem narrativas apocalípticas, tais grupos conquistavam devotos, sobretudo jovens insatisfeitos com os valores e as restrições herdadas da geração anterior, dispostos a abandonar suas vidas cotidianas para

²⁹⁶Fotos do *Children of God* em sítio público de bancos de fotos da organização, com acesso em 02.01.2025, ver: <https://www.flickr.com/photos/146761602@N04/32894791170/in/album-72157678778180822>.

se engajar em jornadas missionárias transnacionais. Para muitos, aderir a tais organizações, ainda que marcadas pelo estigma de perigo e subversão, significava vivenciar experiências de autonomia, contestar a autoridade familiar e experimentar novas formas de sociabilidade e de afeto. Nesse sentido, os *Meninos de Deus* tornaram-se emblemáticos ao converter práticas espirituais em parte do movimento contracultural de alcance global, no qual religião, desejo de liberdade e reorganização social se entrelaçavam em meio a um período de intensa vigilância e controle político.

Assim, os *Meninos de Deus* fazem parte de um período em que diversas organizações religiosas ganharam espaço ao pregar o fim do mundo e a necessidade de transformação radical dos comportamentos. Essas propostas envolviam a conversão da subjetividade, a adesão a uma mentalidade coletiva e a disciplina do corpo, com base na crença de que tais mudanças poderiam atrair a misericórdia divina. Em meio a um cenário de instabilidade e de redefinição dos costumes, o discurso catastrófico aliado a mensagens de amor, espiritualidade e erotismo contribuiu para a rápida expansão do grupo.

Esse contexto esteve diretamente relacionado às rupturas provocadas por acontecimentos do pós-Segunda Guerra Mundial. O trauma do Holocausto, seguido pelo impacto das bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki, alterou profundamente a forma de compreender a vida humana e sua vulnerabilidade. Pouco tempo depois, iniciou-se a disputa entre Estados Unidos e União Soviética, que dividiram o mundo em blocos ideológicos rivais e desencadearam a Guerra Fria. Esse período, marcado por tensões políticas, ameaça nuclear e vigilância estatal, produziu um ambiente de insegurança e de desconfiança generalizada²⁹⁷.

No Brasil, o contexto do regime militar e das perseguições políticas intensificava a sensação de cerceamento e falta de liberdade. Muitos jovens, descontentes com o autoritarismo e em busca de alternativas, viam em organizações religiosas e espirituais uma oportunidade de romper com o modelo de vida da geração anterior. Foi nesse ambiente que grupos como os *Meninos de Deus* se expandiram, utilizando a música como meio de atrair devotos e projetar suas mensagens em escala internacional. Apresentações em grandes estádios, caravanas itinerantes e missões em diferentes continentes transformaram o movimento em um fenômeno visível, ainda que constantemente visto por setores da sociedade como uma seita perigosa.

Dessa forma, o sucesso inicial dos *Meninos de Deus* só pode ser compreendido se situado nesse contexto de abalo das certezas provocado pela guerra, o clima de instabilidade da

²⁹⁷ HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Guerra Fria e a busca de parcela das juventudes, em várias partes do mundo, por novos sentidos existenciais e formas alternativas de sociabilidade²⁹⁸.

Os *Meninos de Deus* estavam entusiasmados com a ideia de pertencer a um grupo seletivo de “jovens místicos”, e sua expansão pelo Brasil durante os anos 1970 se deu em ritmo acelerado. Panfletos do movimento circularam em cidades como Recife, Fortaleza, São Luís, Belém e outras capitais, evidenciando a instalação de núcleos em prédios comerciais e residências de adeptos²⁹⁹. Em cada estado, buscavam consolidar comunidades fechadas, estruturadas em torno de práticas e códigos específicos: naturismo, vivência sexual com múltiplos parceiros, uso moderado de drogas, rejeição ao voto e ao estudo formal, bem como controle das informações externas, restringindo-se apenas às mensagens e panfletos do líder David Berg. Uma vez convertidos, os jovens eram orientados a se retirar para comunidades no interior, onde a vida em comum reforçava a disciplina do grupo e a adesão irrestrita às suas crenças³⁰⁰.

Em 1976, a organização *Meninos de Deus* estava sediada em cidades estratégicas como Rio de Janeiro, Florianópolis e Curitiba, apresentando-se publicamente com um caráter filantrópico e um discurso de desapego às lutas materiais da vida³⁰¹. A ambígua recepção do grupo no Brasil decorria justamente das imbricações entre elementos do emergente movimento *hippie* e traços de religiosidade cristã, especialmente de matriz católica, o que provocava, por um lado, a adesão de jovens em busca de experiências místicas e alternativas, e, por outro, a desconfiança generalizada da sociedade e das autoridades.

Em julho de 1977, a expansão se intensificou no Rio Grande do Sul, onde a organização direcionava esforços de aliciamento de jovens de ambos os sexos, inclusive menores de idade, por meio de panfletos e encontros de pregação. Os materiais distribuídos eram marcados por uma linguagem considerada pornográfica e imoral, carregada de expressões ideológicas que se contrapunham abertamente ao regime político brasileiro. Nesse contexto, registrou-se a presença, na cidade de São Gabriel/RS, de três jovens vinculados à organização, episódio que chamou a atenção das autoridades locais e evidenciou o alcance nacional das atividades do grupo³⁰².

²⁹⁸ GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

²⁹⁹ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004

³⁰⁰ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004

³⁰¹ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004

³⁰² O adolescente Ricardo Sierra iniciou suas viagens pelo mundo aos 15 anos, integrando-se ao movimento *hippie* aos 16 anos, período em que passou a consumir substâncias tóxicas. Aos 20 anos, aderiu a uma comunidade sectária. Entre outros jovens envolvidos, destacam-se Eduardo Otávio, da Argentina, e Noemia Cristina, ambos autorizados pelo Juizado de Menores a realizar tais deslocamentos. Ver: BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004

As revistas de ampla circulação tendiam a agrupar todos os grupos não cristãos em um bloco homogêneo, rotulando-os genericamente como “seitas”. Entretanto, havia considerável diversidade em termos de comprometimento dos sujeitos, práticas ritualísticas e performances específicas. Já alguns jornais alternativos, de orientação contracultural, apresentavam uma cobertura mais detalhada, alertando os leitores sobre os possíveis riscos e ilusões de determinadas organizações, frequentemente citando-as nominalmente. Nesse contexto, para a sociedade familiar tradicional, tais grupos eram percebidos como seitas, enquanto para parte da imprensa alternativa eram tratados como charlatanismo, o que motivava ações de investigação e, em alguns casos, a proibição de suas atividades pelo Estado brasileiro.

O periódico *Pasquim*, por exemplo, acompanhou de perto a trajetória dos *Meninos de Deus* até sua popularidade internacional. Fundada nos Estados Unidos em 1969, a organização tinha à frente Davi Berg, considerado por seus devotos uma figura messiânica, semelhante a Moisés, que afirmava receber diretamente mensagens do Espírito Santo de Deus. Essas mensagens, muitas vezes de caráter apocalíptico, previam o fim de Israel e dos Estados Unidos, que seriam conquistados por uma aliança de países liderados pela Rússia. As profecias, tidas por incontestáveis dentro do grupo, foram criticadas externamente como alarmistas, antissemitas e catastróficas. Paralelamente, essas previsões e a estrutura organizacional do grupo possibilitaram a expansão internacional da organização e sua atuação clandestina, que incluía práticas ilegais de exploração sexual de mulheres. Um exemplo disso foi a abertura da discoteca *Poorboy Club*, investigada por supostamente gerar recursos financeiros para sustentar as atividades da organização, evidenciando o caráter dual do grupo, a saber: religioso e mercadológico, misturando espiritualidade, controle social e exploração econômica³⁰³.

Em 1976, o periódico *Pasquim* publicou uma análise crítica sobre os panfletos dos *Meninos de Deus* no texto intitulado “Beleza em vez de cinzas”³⁰⁴. O jornal afirmava que era doloroso observar o efeito desse discurso sobre a mente da juventude, marcada por referências de autolamentação judaico-cristã que, segundo a publicação, desviavam os jovens dos caminhos de Cristo. O texto denunciava que a organização se estruturava em torno de uma espécie de “lavagem cerebral” aplicada a jovens ingênuos e alertava para os riscos das práticas juvenis subversivas, resumidos na frase “Liberdade ao relento dá pneumonia”, apresentada em nota de Jacy, em diálogo entre duas aranhas. Nesse sentido, o jornal enfatizava que, sob a aparência de liberdade e religiosidade, os adeptos eram submetidos a formas de alienação mental que drenavam suas vidas, submetendo-os a uma mentalidade imposta pelo líder.

³⁰³ O PASQUIM, Rio de Janeiro. Serigo Augusto, 1974, ed. 286, p.21

³⁰⁴ O PASQUIM, Rio de Janeiro. 1975, ed. 317, p.24

Paralelamente, a atuação dos Meninos de Deus despertou a atenção e a vigilância do Serviço Nacional de Informações, que passou a investigar o grupo. Diversos panfletos foram apreendidos, incluindo exemplares em Pernambuco. O *Diário de Pernambuco* informou que a organização, sediada em Londres, possuía cerca de setecentas comunidades espalhadas pelo mundo, e que havia sido fundada em 1968, na Califórnia, por David Berg, conhecido como Moisés pelos seguidores. Berg propunha levar a mensagem cristã de amor e fé a espaços públicos, como praias e praças, estratégia que favoreceu a rápida expansão do grupo no Brasil, principalmente durante os anos 1970, em um contexto marcado por tensão política, vigilância estatal e receio social em relação a práticas consideradas desviantes ou subversivas³⁰⁵.

Os panfletos e boletins distribuídos pelos *Meninos de Deus*, identificados pelo SNI de Pernambuco, foram classificados como de influência maléfica. Entretanto, o estatuto da sociedade, registrado no cartório de pessoas jurídicas do Estado da Guanabara, declarava que a organização tinha como objetivos desenvolver atividades musicais e literárias, prestar assistência moral e financeira a jovens e utilizar os recursos exclusivamente em prol da própria instituição³⁰⁶. Apesar dessa formalidade legal, o SNI conseguiu infiltrar-se na organização e mapear sua estrutura interna, compreendendo a sistemática de controle e doutrinação aplicada aos devotos.

Entre os consagrados ao grupo, o discurso do amor era operacionalizado de maneira específica: a prática sexual livre, apresentada como expressão do amor de Deus ou como forma de intercessão divina, constituía regra normativa. Relatos contidos em panfletos e gravações do fundador David Berg, conhecido como Moisés, incluíam episódios de abuso sexual, com incentivos a relações incestuosas. Berg narrava, por exemplo, ter sido flagrado se masturbando durante a puberdade e posteriormente obrigado pela mãe a finalizar o ato diante do pai, reforçando a forma distorcida de disciplina e doutrinação dentro da lógica interna do grupo³⁰⁷.

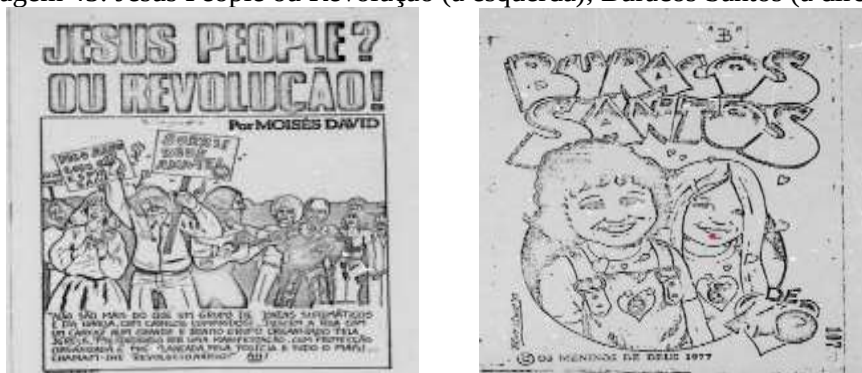
O caráter dúbio da organização tornava-se evidente quando a investigação demonstrou a circulação de panfletos distintos entre diferentes públicos. Alguns panfletos eram destinados ao público geral, com linguagem relativamente neutra; outros, aos devotos, continham instruções normativas e doutrinárias mais explícitas; e havia ainda materiais direcionados aos ministrantes da palavra de Moisés, nos quais se detalhavam práticas de controle, sexualidade e hierarquia interna. Essa segmentação evidenciava a complexidade da estrutura organizacional, que combinava fachada legal, doutrinação religiosa e exploração dos devotos:

³⁰⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, junho, ano 2, 1977, p. 115.

³⁰⁶ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_74075751_D0001DE0001.

³⁰⁷ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004.

Imagem 45: Jesus People ou Revolução (à esquerda); Buracos Santos (à direita).



Fonte: br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_77105325_d0002de0004, p.97;
br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_77105325_d0002de0004. p. 14.

Em 1974, os *Meninos de Deus* estabeleceram-se em uma pensão familiar na Rua José de Alencar, no bairro Boa Vista, a partir da qual passaram a distribuir panfletos convocando os jovens para uma “Revolução por Jesus”, conforme demonstram registros visuais da época³⁰⁸. Outras imagens, como a referente aos chamados “Buracos Santos”, evidenciam práticas de exploração sexual de jovens, com circulação de materiais semelhantes no Rio de Janeiro e em Recife. Tais registros revelam uma faceta particularmente questionável da organização, posto que os filhos, crianças e adolescentes eram expostos a um ambiente permeado por interações sexuais desregradadas, incluindo fantasias incestuosas incentivadas pelo líder David Berg, conhecido como Moisés. Dentro dessa lógica, crianças e adolescentes eram doutrinados a não reagir aos abusos, pois a rejeição do que era apresentado como “amor de Deus” poderia resultar na expulsão do grupo³⁰⁹.

A concepção cristã de Deus como perfeição suprema facilitava a transferência de poder aos líderes da organização, que exigiam obediência, silêncio, docilidade e disciplina. Dessa forma, a estrutura hierárquica religiosa consolidava formas de opressão e controle, naturalizando práticas abusivas e moldando subjetividades juvenis de acordo com padrões de submissão e conformidade. Essa dinâmica evidencia como a fé, combinada com a autoridade institucional, foi instrumentalizada para legitimar violência sexual e manipulação psicológica dentro da organização, a partir do momento em que esses atos eram apresentados como expressões de amor, educação e correção, permanecendo silenciados diante da perspectiva de autoridade divina³¹⁰.

³⁰⁸ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_74075751_D0001DE0001.

³⁰⁹ A ideia de não resistir ao amor de deus, permitindo e justificando abusos, em muitos casos se assemelha ao discurso cristão da obrigatoriedade do cumprimento dos deveres conjugais, entre os quais o sexo. Ver: CORBIN, Alain. *A Influência da Religião*. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: da Revolução à Grande Guerra. V. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

³¹⁰ PARO, Carmen Regina. **O silêncio do sagrado**: meninas abusadas sexualmente pela figura paterna em Goiânia. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003.

As fontes do SNI indicam que os panfletos distribuídos pelos *Meninos de Deus* constituíam um instrumento central de coação e persuasão, voltado à evangelização e conversão de novos membros. Essa estratégia combinava uma abordagem passivo-agressiva: propagava discursos de “cultura de paz” enquanto alertava sobre a iminência do fim do mundo e a necessidade de abandonar a vida anterior para aderir plenamente ao grupo. A existência de diferentes tipos de panfletos revelava múltiplos objetivos, indo além da conversão espiritual, ao criar laços de pertencimento entre os iniciantes e introduzir gradualmente mecanismos de controle interno.

O Estado Ditatorial identificou na organização a capacidade de cooptar devotos por meio da criação de vínculos afetivos e do agenciamento do sentimento de pertencimento em indivíduos socialmente vulneráveis ou em situação de fragilidade emocional. Expressões como “bolha de amor” eram utilizadas para despertar a sensação de inclusão em um grupo seletivo e escolhido, conferindo ao adepto a percepção de ser alguém especial. Uma vez inserido na comunidade, instaurava-se um processo de conversão subjetiva, no qual o indivíduo passava a se reconhecer como parte indissociável da unidade coletiva dos *Meninos de Deus Internacional*.

Nesse processo, os indivíduos eram integrados ao sistema de crenças do grupo de forma progressiva, assimilando códigos, práticas e rituais confidenciais até alcançar os segredos mais restritos da organização. Alguns materiais, destinados exclusivamente ao consumo interno, incluíam instruções e representações explícitas sobre sexualidade, com textos e ilustrações sem eufemismos, evidenciando como a doutrinação sexual se articulava com estratégias de fidelização e subordinação. Assim, os panfletos funcionavam não apenas como instrumentos de propaganda religiosa, mas como ferramentas de manipulação e controle social, moldando comportamentos e subjetividades de forma sistemática:

Imagem 46: *God's Love Slave* (à esquerda); *Jesus e sexo* (à direita).



Fonte: BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004, p.56;
BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004, p. 89.

Para os devotos iniciantes, a comunidade soava mais como uma organização filantrópica e moral, a mensagem do texto mencionava que todos os buracos do corpo eram buracos santos,

incluindo todos os orifícios, os órgãos genitais, o nariz, a boca e os ouvidos. Possivelmente, um eufemismo para o foco principal que estaria relacionado à saciedade dos desejos do coletivo, uma vez que o argumento era que todos esses espaços porosos deveriam ser preenchidos por Deus. Logo, as adolescentes eram cedo entregue à práticas sexuais para a cooptação de mais integrantes ao grupo, priorizando homens com posses e empresários. Alguns panfletos de circulação interna demonstravam a prática intitulada do *flirty fishy*, que consistia em induzir as meninas e mulheres a dormir com homens mais velhos, literalmente “dar o amor de deus” e assim, conquistar novos adeptos e dinheiro³¹¹.

Nesse contexto, o Serviço Nacional de Informações registrava que a organização conduzia campanhas de aliciamento de menores, utilizando sobretudo panfletos que exaltavam o “amor livre” e incentivavam a dissolução dos costumes tradicionais. Enquanto setores da sociedade interpretavam o grupo apenas como uma comunidade de “desajustados” em busca de libertação de vícios, os oficiais viam nas exortações sobre o corpo e o prazer um estímulo deturpado, entendido como incentivo ao uso indiscriminado da sexualidade, sobretudo na tentativa de atrair jovens e enfraquecer sua capacidade de consentimento. Logo, os adeptos eram estigmatizados como “ex-viciados” que se destacavam pela música e pela intensa distribuição de panfletos. Contudo, o próprio relatório do SNI revelava inconsistências e ambiguidades em sua avaliação, reconhecendo a dificuldade em estabelecer vínculos concretos entre a comunidade e elementos comunistas ou de esquerda, sugerindo tratar-se, possivelmente, de uma prática metodológica organizada por etapas e não de um alinhamento ideológico direto³¹².

De maneira semelhante, os órgãos de espionagem da Ditadura identificaram, em 1975, a atuação de outras organizações religiosas, como a do *Reverendo Moon*, que em Minas Gerais e em São Paulo, possuía ligação com diversas empresas e a presença de cerca de seis mil adeptos distribuídos em oitenta núcleos pelo país. Esse crescimento se devia sobretudo ao trabalho de seus “missionários”, responsáveis por difundir “a palavra de Deus” e dar “testemunho” em espaços públicos. Segundo relatórios do SNI, a organização havia sido fundada em 1954 por Sun Myung Moon, autor do livro *Princípio Divino*, no qual estabelecia normas destinadas à

³¹¹ Essa característica na organização alternativa e/ou religiosa demonstra cruzamentos com a tradição de uma cultura viril que confunde mulheres com objetos. Essa emulação entre jovens homens, os desafios lançados com aparente despreocupação com a sensibilidade feminina, a vida na rua com outros tensionamentos sociais fizeram da sexualidade uma espécie de terreno de caça legitimado pelos demais homens, em forma de “brincadeiras” e fascinantes “aventuras”, a glória do trunfo, buscando reconhecimento. Ver: FARGE, Arlette. *Virilidades Populares*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

³¹² BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004, p. 44

formação de famílias sólidas e centralizadas em Deus. No processo de recrutamento, o discurso conferia a Moon a autoridade de “Messias” na Terra, conforme a profecia registrada em sua obra³¹³.

Entre os documentos analisados, constam cartas de mães alarmadas com a decisão de filhos e filhas de abandonar o lar em nome de uma suposta salvação espiritual. Um exemplo emblemático é uma correspondência enviada em 1977, do Rio de Janeiro ao Cônsul Geral do Brasil junto ao Ministério das Relações Exteriores dos Estados Unidos, na qual a mãe de Maria do Socorro de Azevedo pedia providências após afirmar que a filha fora “raptada” por membros da “seita do reverendo Moon” ao retornar ao Brasil.

A remetente se identificava como gerente autônoma de investimentos em um banco do centro do Rio de Janeiro e alegava não ter recursos para arcar com viagens internacionais, razão pela qual solicitava apoio das autoridades. Em sua carta, relatava que a filha vivia em situação preocupante: obrigada a permanecer em território estrangeiro com visto vencido, em condição ilegal, e submissa às ordens de Moon. A mãe expressava angústia ao afirmar que a jovem se tornara “um verdadeiro robô”, vítima de “lavagem cerebral” a que, segundo ela, todos os adeptos eram submetidos. Sem resposta inicial, a mãe encaminhou uma nova correspondência, dessa vez ao Departamento de Justiça em Nova York, formalizando o pedido de providências em relação à permanência irregular da filha³¹⁴.

Ademais, ao pensar uma hermenêutica do sujeito em perspectiva holística e multidimensional, percebe-se que em cada carta e em cada reivindicação familiar ressoa um ruído geracional que só pode ser compreendido no interior de seu próprio contexto de relações³¹⁵. Não há, portanto, um fator único ou determinante na tomada de decisões de parcela da juventude, trata-se de um conjunto de variáveis que incidem de modos distintos sobre famílias e jovens. Nesse sentido, os pedidos de intervenção do governo não foram poucos, tampouco se encerraram com facilidade, uma vez que as organizações religiosas eram percebidas como “secretas”, despertando o temor da perda de um ente familiar para fora do lar e da comunidade social.

³¹³ Além desse, é possível numerar: a. o estudo do Princípio Divino e suas aplicações, e a difusão ilimitada de seus ensinamentos doutrinários, por todos os meios que oferece a palavra escrita, falada e exemplificada; b. a prática da caridade espiritual, moral e material, por todos os meios a seu alcance; c. contribuir para a unificação do cristianismo mundial como preparação para a edificação do Reino do Céu na Terra; d. promover a instrução e a formação moral do caráter da juventude, de acordo com a tradição celeste, entre outros. Ver: BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0343_D0001DE0001

³¹⁴ BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0343_D0001DE0001, p. 91

³¹⁵ FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Entre os documentos analisados, destaca-se ainda um abaixo-assinado enviado ao General-Presidente, subscrito por diversos jovens entre treze e dezenove anos, no qual manifestavam seu descontentamento em relação ao *Reverendo Moon*, apontando, entre outras questões:

Ele está conseguindo atrair adeptos jovens para a sua detestável seita. Aplicando-lhes lavagem cerebral, deixando-os sob seu comando, tornando-os pessoas totalmente diferentes a que eram antes, sem capacidade de decidirem por si. Escolhe seus próprios casamentos, proibindo que por 3 anos, eles não mantenham relações sexuais o que pode afetar a sua sexualidade normal ajudando *a aumentar mais ainda o homossexualismo*³¹⁶.

A análise evidencia que a restrição sexual operava como dispositivo paradoxal, na medida em que, ao mesmo tempo em que buscava controlar os corpos, criava condições propícias para o desenvolvimento de interações homoeróticas³¹⁷. Muito embora, o objetivo da organização fosse fabricar sujeitos firmes e operantes, moldados à lógica da ordem e da produtividade, ao mesmo tempo em que se eliminavam ou neutralizavam possíveis brechas para a legitimação pública das práticas homoeróticas³¹⁸.

De todo modo, a fuga de jovens de seus lares, aliada ao estímulo contracultural que evidenciava a fragilidade das instituições, a crise familiar e a instabilidade de setores do Estado, tornou-se uma questão central para o SNI, assim como para interventores e juízes de menores. Em 1977, a conclusão do relatório do SNI pondera que mais importante do que o fato de a *Igreja da Unificação do Reverendo Moon* lutar abertamente contra o comunismo internacional, é a questão de que sua característica marcante se assemelha à atuação das demais organizações espirituais e endógenas (fechadas em si mesmas) no período, possibilitando a subversão da ordem moral na adoção de uma subjetividade fora do modelo cristão³¹⁹.

No furor da juventude, muitos jovens fugiam de suas casas em contestação à autoridade das famílias, a repulsa aos códigos morais das instituições do Estado, do receio do fim do mundo, romantização da vida livre, busca de uma espiritualidade que pudesse oferecer amparo e alívio existencial, entre muitos outros fatores. Um movimento que empurrava uma demanda específica de famílias e pais, que esperavam uma atitude do Estado para coibir e cercear a fuga dos seus jovens, desejavam auxílio, pois não tinham tempo para aprender uma pedagogia que

³¹⁶ BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0343_D0001DE0001, p.134.

³¹⁷ MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, Sexualidade e Estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu** (11) 1998: pp.231-273.

³¹⁸ A história evidencia uma mudança do modelo viril, sem que seja abandonada a referência ao vigor e à dominação. Ver: VIGARELLO, Georges. A Virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In. CORBIN, A; COUTRINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

³¹⁹ BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0343_D0001DE0001.

não tinham. No novo local, o estilo de vida espiritual era dividido por dormitórios separados para homens e para mulheres, com o objetivo de manter longe os considerados “vícios da carne” entre homens e mulheres.

Apesar da questão controversa, resta evidenciado que o manejo sentimental que os líderes tinham era no sentido de organizar o humor e as emoções através de mantras e cânticos que pudessem ser remetidos da memória a todo instante como forma de engendramento de uma subjetividade específica, interferem nos códigos de gênero e sexualidade, induzem segregações de corpos. Dessa forma, alguns jornais alternativos e revistas de ampla circulação ridicularizaram e denunciaram as organizações religiosas, como a do *Reverendo Moon*.

Imagem 47: *Mooning the Moonies* (à esquerda); *Moon tem visto* (à direita).



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, San Francisco.1978, ed. 21, p.90; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1394, p. 107.

A primeira figura, publicada em 1978 pela *Drummer Magazine*, apresenta uma sátira dirigida ao grupo do *Reverendo Moon*, motivada pela insatisfação diante dos rígidos códigos de conduta da organização. A cena mostra um homem exibindo as nádegas diante das colagens do movimento religioso, gesto que pode ser interpretado como um ato carregado de múltiplos significados contestatórios. Ao mesmo tempo em que ridicularizava a instituição, o gesto simbolizava uma abertura para outras formas de afeto e desejo, aproximando-se das expressões da cultura do desbunde. Nesse sentido, o irônico “bom-dia aos Moonies” ganha densidade semântica para além da provocação, a frase criticava a lógica dos casamentos arranjados pela organização, prática que dialogava, em certa medida, com a tradição cristã e seus sacramentos, mas que, naquele contexto, reforçava a ideia de disciplina e controle afetivo.

A segunda figura, publicada em 1979 na *Manchete*, refere-se a uma reportagem que informava sobre a tentativa do *Reverendo Moon* de obter visto para atuar no Brasil, sem que houvesse ainda definição oficial do Itamaraty ou de outros órgãos governamentais. Essa situação contribuiu para acirrar tensões na sociedade civil, funcionando como catalisador para debates públicos. Ao mesmo tempo, servia como instrumento de visibilidade e expansão de um

movimento internacionalista que se afirmava no combate ao comunismo, tendo Moon como fundador e líder espiritual³²⁰.

A semiótica da imagem publicada na *Drummer Magazine* evidencia uma transição de um corpo marcado pelo imaginário transbunde-libertário-homoerótico para a afirmação de um corpo militante-partidário-gay³²¹. Tal deslocamento ganha relevo na medida em que a cena encena um enfrentamento direto a uma organização religiosa controversa, como a *Unificacionista do Reverendo Moon*. Em contraste, a estratégia de setores da sociedade civil, como a documentada na *Manchete*, baseava-se em rumores, denúncias e reivindicações, mediadas de forma direta ou indireta pelos canais do Estado Ditatorial, o que revela diferentes gramáticas de resistência e contestação social no período.

Nesse fenômeno social, é importante considerar que o conceito de acolhimento pode ser interpretado em diferentes espaços sociais, articulando-se ao lar, à família, aos amigos e às instituições religiosas, pois algumas organizações religiosas ofereceram à juventude oportunidades para escapar do ambiente familiar, como ocorreu tanto com a comunidade dos *Meninos de Deus* e no *Reverendo Moon*. Logo, o fator do ruído geracional entre pais e filhos promovia a formação de uma demanda de atuação frente ao Estado, pois na perspectiva de algumas famílias, a ameaça surgia como “forças ocultas” malignas, que poderiam contagiar as mentes, por práticas subversivas tais como a ideia do comunismo, as práticas homoeróticas, experiências religiosas, entre outros. De todo modo, essa produção de subjetividade agenciada pelo medo revela um grande protagonismo da fantasia articulada às grandes catástrofes³²².

Na perspectiva de algumas famílias, o discurso sobre a mudança do comportamento dos filhos não se tratava apenas de mera mudança de subjetividade, mas uma manifestação de poder do guru, onde o fator psicológico era determinante para a obediência do corpo em um novo perfil de engendramento de disciplinas, distantes dos valores e princípios da instituição familiar. Assim, o modo de compreender a atitude dos jovens era quase sempre vitimista e demandava uma tutela do Estado³²³, dentro de parâmetros em que, ou cederam ao grupo por alguma

³²⁰ BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0343_D0001DE0001

³²¹ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria**: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): Recife, 2004.

³²² A confabulação sobre o corpo e sobre a sociedade, no Brasil, permitiu a proliferação dos discursos sobre um grande mal e a elaboração de Inimigos imaginários, corroborados amplamente por representações discursivo-imagéticas em revistas e jornais do período. Assim como, a produção de táticas e microativismos de resistência. Ver: GREINER, Christine. **Fabulações do Corpo Japonês e seus microativismos**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

³²³ Os jovens e adolescentes são percebidos pelo Estado, desde a década de 1990, como pessoas em especial estágio de desenvolvimento e merecem ser ouvidas nas decisões de suas vidas, não apenas como mero objetos que precisam de tutela. Ver: LE BRETON, David. **Uma Breve História da Adolescência**. Belo Horizonte: editora PUC Minas, 2017.

vulnerabilidade psíquica³²⁴, ou, porque perdiam a autenticidade e preferiam seguir o efeito manada de pequenos grupos na esperança de se dissolver seus atos no conjunto humano, do que arriscar um livre-arbítrio e ter que sustentar o peso de suas próprias escolhas³²⁵.

De modo semelhante, a comunidade de *Hare Krishna* promovia o chamado vocacionado de meninas e de meninos para uma vida espiritual longe de seus laços familiares e apegos materiais. Um caso emblemático para os órgãos do Estado Ditatorial foi a fuga, em 1976, da jovem Regina, que ingressou na organização e recebeu o nome de *Rasavihari Dasa*, assumindo a posição de monja, embora sem idade adequada para tal função. Esse episódio motivou o acompanhamento direto da trajetória de Regina pelo SNI, evidenciando a vigilância estatal sobre práticas de autonomia juvenil e a percepção das organizações religiosas como possíveis desafios à autoridade familiar e ao controle social.

Imagem 48: Capa da Carta de Regina (à esquerda); Carta de Regina (à esquerda); Carta da Mãe ao Ernesto Geisel (ao centro); Regina Ferrari em *Manchete* (à direita).



Fonte: br_rjanrio_tt_0_jus_pro_0305_d0001de0001, p.51/52; BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0309_D0001DE0001; MANCHETE, Rio de Janeiro.1977, ed. 1303, P. 136.

Em maio de 1976, Regina escreveu uma carta de despedida à mãe, marcada por corações e erros ortográficos, o que conferia ao texto um caráter infantil e lúdico diante de uma decisão de alta gravidade. Endereçada aos pais, a carta revelava a consciência de que sua escolha não seria aceita, afirmando que “os filhos nem sempre saem como os pais desejam” e anunciando a intenção de deixar o lar de forma clandestina. O documento foi monitorado pelos órgãos de

³²⁴ Apesar de Foucault argumentar que não há poder sem a elaboração de um contra-poder, colocando em perspectiva a relação de dominação. É possível argumentar que existe uma relação de dominação – não sempre, não por muito tempo, mas em ambientes controlados e por um período determinado –, posto que em Lacan, diante de algumas circunstâncias específicas de interação do líder em multidão, como no caso de hipnose e/ou de forma semelhante, um guru espiritual, o sujeito pode se diminuir diante do meio, uma forma de “redução da alma” que ocorre diante de uma manobra estabelecida por quem tem uma técnica para dobrar o outro no território inconsciente. Ver: LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 96-103, 1998.

³²⁵ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: CAPISTRANO, Tadeu (org.). **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 9-41.

espionagem da Ditadura, que identificaram nele a expressão de um desejo juvenil de autonomia e de ruptura com a autoridade familiar.

No início de 1977, a mãe de Regina, Nadyr do Vale Ferrari, formalizou denúncia à Secretaria Geral do Ministério da Justiça e à Polícia Federal, anexando correspondência ao General-Presidente. Nela, solicitava a expulsão do país da seita “Hare Krishna”, acusada de destruir “a mocidade física e moral”, deslocando jovens para as fronteiras nacionais e adquirindo patrimônio de forma suspeita, como o imóvel comprado na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, apenas com a venda de livros. A denúncia também destacava práticas alimentares incomuns, como a abstenção de carne e a realização de apenas uma refeição diária, reforçando a percepção de estranhamento cultural. Como argumento adicional, Nadyr invocava o precedente de países vizinhos que já haviam adotado medidas de expulsão.

No mesmo ano, a *Manchete* noticiava o caso, informando que Regina, então com 17 anos, fora retirada à força de um templo por ordem do Juizado de Menores, a pedido da mãe. A reportagem registrava que Regina havia adotado o nome religioso Rasavihari Dasa, tornando-se monja, o que gerara a indignação materna, sustentada pela acusação de que a seita manipulava jovens inexperientes para convencê-los a doar seus bens ao guru. Segundo a publicação, o juiz Joaquim Campos Netto determinou a proibição da presença de Regina no templo, medida que resultou no cumprimento de mandado de busca e no processo contra o monge-chefe da comunidade.

A *Manchete* informava que a *Consciência de Krishna* foi fundada em 1966, nos Estados Unidos, quando o mestre espiritual A. C. Bhaktivedanta Swami Pradbhupada fundou seus princípios, nos quais seus devotos se configuram como parcelas de Deus Krishna na terra. Assim, informava que havia 120 templos no mundo inteiro e 3 no Brasil, possuindo uns 60 adeptos na rua Aclimação, com editora própria, e que o episódio da jovem Regina Ferrari ajudou a divulgação de sua missão, dobrando os adeptos. Contudo informava ainda que a seita não tinha cinco mil anos, nem nasceu na Índia, e possui acusações diversas de lavagem cerebral nos Estados Unidos, Argentina e outros locais, dado seu caráter missionário³²⁶.

Não há um único fator determinante para essa ruptura, como a fuga do lar familiar e adesão a coletivos organizados em torno de uma espiritualidade oriental. Os seres humanos possuem dimensões múltiplas, que não se encerram com as demandas psicológicas, biológicas, culturais, sociais e políticas, de modo que é possível supor que há outros fatores na equação, a depender das trajetórias individuais e das circunstâncias do tempo. Mas, algo salutar desta

³²⁶ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1977, ed. 1303, p. 136.

experiência parte do ponto que essa organização também se engendra como uma experiência generificada. Para as mulheres, o comportamento contracultural se tornava uma demanda de poder do líder, na medida em que entravam nessas organizações, conquistadas por uma “bolha de amor”, um “encontro com deus”, ou algo similar. Para os homens, poderia significar um sintoma da crise da autoridade masculina viril, quando percebida pela ótica do pai, e a reatualização dos códigos viris em torno do “guru espiritual”.

O desejo de submissão a essas organizações, como a *Consciência de Krishna*, o *Reverendo Moon* e os *Meninos de Deus* surge como desdobramento de um desejo existencial de intimidade ao líder e a crença de que essa conexão de algum modo pudesse favorecer a salvação, ou seja, não propriamente uma “alienação”, mas um exercício micropolítico do sujeito ao tomar um modo de agenciamento de si, um investimento em um direcionamento de uma nova identidade. Inclusive, pode-se dizer que a inserção no grupo apresenta significados de revolucionários, dentro do contexto do próprio grupo, compartilhando sensações semelhantes aos sentidos por jovens revolucionários que buscavam uma ruptura radical com o modo de existir ocidentalizado³²⁷.

Ademais, nas décadas de 1960 e 1970, o Brasil se tornou um terreno movediço e imprevisível para aqueles “homens de sucesso”, que seguiam uma trajetória linear rumo ao progresso. O modo de entender o gênero e as práticas sexuais atravessadas pela dinâmica de organizações religiosas perpassava por embates geracionais, por uma crise da masculinidade viril, por uma redefinição dos códigos de afeto, por uma crise da religião católica marcada por um intenso pânico satânico e medo de “seitas”, entre outros fatores que mostram a conjuntura da contracultura³²⁸.

Diante disso, mesmo na perspectiva da contracultura, a crítica era estabelecida em torno do modo de ação dessas organizações. Um exemplo semelhante ocorre em 1976, quando o jornal alternativo de Barcelona *Star*, escreve em uma perspectiva crítica sobre as questões atinentes à liberdade de expressão, de ser e estar, constantemente tratava de assuntos de ideologia política, religião, drogas e televisão³²⁹. No mesmo tom da crítica, em 1977, o *Pasquim* tratava da seita Hare Krishna de forma jocosa, a fim de ridicularizar o papel de submissão e de

³²⁷ A palavra “Revolução” designa todo um complexo conjunto de ações que a longo e curto prazo são realizadas por quem, conscientemente, pretende mudar o tempo histórico uma situação política, social, econômica, astral e, elabora os próprios planos táticos e estratégicos. Ver: JESI, Furio. **Spartakus**: simbologia da revolta. N-1 edições: São Paulo, 2018. P.69.

³²⁸ CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de. Hippies Ou Happies? Interseções Entre A Contracultura e o Movimento Hare Krishna no Brasil dos Anos 1970. In: KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

³²⁹ STAR, Barcelona, n. 19, 1976, p.5/7

obediência que os dogmas morais da organização emanavam para as moças³³⁰. Além disso, o *Pasquim* adverte o surgimento de uma “nova seita na praça”, enquanto que a segunda imagem informa que as mulheres são tratadas como submissas e precisam ser docilizadas para se tornar obedientes³³¹.

Dessa forma, o *Pasquim* e o *Star* buscavam advertir seus leitores que a organização social que se propunha espiritual era bastante opressora para parcelas de mulheres e sujeitos com práticas homoeróticas, além de estabelecer uma nova releitura da fórmula de circulação de mulheres, que, embora detendo uma posição privilegiada no roteiro religioso, estavam mais na condição de condutoras do que de parceiras no sistema de relações³³².

Segundo os jornais alternativos, na “seita” Hare Krishna, a organização generificada colocava os homens em um local reservado ao controle de questões mais complexas e hierarquicamente superiores, fazendo crer que a subordinação feminina decorre de uma derrota histórica simultânea à criação da cultura não apenas no mundo ocidental/ocidentalizado³³³. No entanto, ao que parece, a crítica que surgia nos jornais alternativos nacionais e internacionais, recorrentemente em relação aos *Meninos de Deus*, ao *Reverendo Moon* e ao *Hare Krishna*, se estabelece quase sempre a partir da crítica à pretensão de totalidade desses grupos, com planos de conversão de todos a uma mente única, a do guru espiritual³³⁴. Nesse sentido, a crítica desenvolvida pelos editores em revistas e jornais alternativos era na denúncia totalizante de alguns líderes religiosos, que se valiam de um discurso autoritário semelhante aos códigos morais do sistema, e a partir disso buscavam advertir sobre a fragilidade emocional de camadas da juventude brasileira, na dificuldade em construir um pensamento crítico para desenvolver certa autonomia de si diante do coletivo³³⁵.

Ademais, parte das mulheres eram organizadas discursivamente como incapazes para assumir funções de mando, esposas deviam submissão ao marido, pois eram tidas por frágeis.

³³⁰ PASQUIM, ano VIII, n.404, 1977, capa.

³³¹ PASQUIM, ano VIII, n.404, 1977, p.14.

³³² HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é Par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

³³³ Segundo Rubin, as mulheres não se beneficiam da própria circulação, ao invés disso, são tratadas como objeto de troca em sistemas de alianças entre homens, como nos casamentos arranjados. As estruturas sociais que subordinam as mulheres aos homens são pautadas em relações de gênero e de práticas sexuais que são construídas histórica e culturalmente. Ver: RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar Tempo, 2021, p. 37-72.

³³⁴ AGAMBEN, Giorgio. **O Uso dos Corpos**. (Estado de Sítio, Homo Sacer, IV, 2). São Paulo: Boitempo, 2017.

³³⁵ Na medida em que cada organização passava a tramcar um conjunto de práticas em comum, um modo de existir e um circuito fechado de interação. A linha de fuga que antes era configurada em um modo nômade, tende a se tornar rígida. De todo modo, no entrelaçamento ontológico dessas forças que configuram a realidade como um tecido dinâmico e estabelecido em uma cartografia sentimental. Ver: ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, editora da UFRGS, 2016.

Entrelaçada a essa dimensão, outro fator social importante diz respeito às atitudes do silêncio sobre o intercuro sexual e o orgasmo que resultaram na manutenção de “tabus” anteriores sobre a conduta moral, com o *script* sexual desenvolvido na adolescência prossegue no casamento. Dessa forma, embora o investimento na heterossexualidade fosse alimentado pelos costumes sociais e instituições do Estado como algo natural, as interações de afeto e prazer mais furtivos, violentos e não-usuais entre homens ocorria de modo quase que generalizado.

O temor manifestado por setores da sociedade civil residia na possibilidade de tais práticas se difundirem socialmente, como se configurassem uma espécie de “doença contagiosa”, metáfora recorrente nas representações midiáticas da época. Assim, revistas de grande circulação, ao noticiar tais fenômenos, reforçavam esse imaginário de ameaça, contribuindo para a construção pública de um discurso de perigo em torno dessas comunidades religiosas, por exemplo:

Imagem 50: Seitas (à esquerda); Delegado Carbone (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1394, p. 106; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1394, p. 18.

Da esquerda para a direita, a primeira imagem da *Manchete* argumentava que as “seitas” estavam crescendo nos anos 1970, chamando atenção para a organização *Templo do Povo*, do fundador Jim Jones, que provocou o suicídio coletivo de mais de mil pessoas, ingerindo cianeto ocorrido na Guiana, em Jonestown. A segunda imagem diz respeito a uma matéria, a classe média sobre o envolvimento do Brasil com o fornecimento de cocaína para o *Templo do Povo*, a matéria informava que a Polícia Federal descobriu as drogas de origem boliviana, que seriam repassadas para Guiana. A informação era a de que os traficantes foram presos em São Paulo e Mato Grosso, ato em que o delegado Carbone ainda informou que há no Brasil, algumas “seitas” secretas que promoviam frequentes reuniões e rituais³³⁶.

³³⁶ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1394, p. 107

Ainda no ano de 1979, a *Manchete* realizou uma reportagem inteira sobre a atuação e morte no *Templo do Povo*, momento em que foi descrita a fita gravada do momento da tragédia. Na ocasião, Jim Jones convocou seus adeptos para que “morressem com dignidade”, ao que muitos hesitaram, mulheres choraram, crianças gritaram, mas o líder havia deixado guardas armados ao redor do campo para impedir eventual fuga. Afirmava:

Vamos com isso, gente! Vamos com isso! [...] despojem-se de suas vidas com dignidade. Não o façam com lágrimas e com agonia. Isso é apenas como se estivéssemos entrando noutro avião (gritos e choros são ouvidos). Parem com essa histeria! Não é assim que morrem os comunistas-socialistas sinceros. Crianças, isso é uma coisa que vai ajudar vocês a dormir. Oh, Deus! (continuam os choros). Mães, mães! Não façam isso. Despojem-se da vida ao mesmo tempo que seus filhos. Fiquem livres, por fim! [...] Vamos fazer a travessia. Este mundo não era o nosso lar!³³⁷

A reportagem descrevia Jim Jones como o último a morrer após conduzir o suicídio coletivo de cerca de novecentas pessoas, sublinhando o detalhe de que, ao contrário dos seguidores mortos pela ingestão de cianeto misturado a refrigerante, seu corpo apresentava uma bala na cabeça. Esse contraste narrativo reforçava a imagem do líder como alguém que, apesar de impor a morte aos outros, resistira até o limite em abandonar o próprio projeto de poder.

Ao relatar a transferência da comunidade para a Guiana, as matérias enfatizavam o isolamento geográfico como estratégia de Jones para exercer maior controle sobre seus devotos, mas também como metáfora de alienação e perda de vínculos sociais. Nesse cenário, o episódio envolvendo a visita do deputado Leo Ryan foi apresentado como um ponto de ruptura a partir do gesto de alguns fiéis que tentaram desertar com apoio político serviu como elemento dramático para a construção midiática do enredo, culminando na execução do parlamentar e na associação imediata da seita com violência extremada e irracionalidade coletiva.

A mídia de ampla circulação, ao noticiar os acontecimentos, mobilizou imagens de horror e expressões de choque, transformando Jonestown em um símbolo paradigmático do perigo das “seitas” e na prova de que líderes carismáticos poderiam conduzir massas inteiras à destruição. Nesse processo, produziu-se um discurso de pânico moral que extrapolava os limites do fato histórico, convertendo-o em alerta social e em justificativa para maior vigilância e controle sobre grupos religiosos não convencionais.

De modo semelhante, em carta proveniente de Curitiba, datilografada e assinada por Marcelo Bonat e outros, de 13 de agosto de 1981, informou-se que a referida “seita” fora expulsa da França e dos Estados Unidos e que essa organização deve ser vista com temor, pois

³³⁷ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1407, p. 30

muitas pessoas dentro da organização incitam ao exercício do “suicídio revolucionário”. Além desse grupo, a organização religiosa *Portão do Céu*, na qual os membros do culto seguiam Marshall Applewhite, que alegava existir uma nave espacial escondida atrás de um cometa conhecido como Hale-Bopp, e que eles poderiam alcançar o cometa se cometessem suicídio, ocasionando a morte de vinte e um homens e de dezoito mulheres³³⁸.

A adesão de parcela da juventude a grupos religiosos ou organizações percebidas como “secretas”, ainda que com aspirações missionárias, assumiu caráter febril no contexto ditatorial. A proibição de aglutinações imposta pela cultura autoritária, longe de desestimular, acabou por intensificar o desejo de transgressão e de contestação à regra. A mídia impressa, entretanto, frequentemente enquadrava esses episódios em narrativas trágicas, enfatizando desfechos de sofrimento ou perda e, assim, reforçando junto às famílias o papel de proteção dos jovens.

O surgimento de organizações religiosas que anunciavam a iminência do fim do mundo consolidou-se discursivamente pelo uso social do medo, capaz de aglutinar numerosos devotos em torno de práticas ritualísticas destinadas a aplacar a suposta ira divina. Ao incorporarem esse discurso, muitos jovens submetiam-se a um rigoroso disciplinamento corporal, concebido como forma de contenção espiritual diante da expectativa do apocalipse. Nesse processo, tornavam-se adeptos de um conjunto de práticas frequentemente consideradas controversas, que oscilavam entre episódios de violações sexuais, a regulamentação estrita da alimentação por meio de jejuns intermitentes, entre outras condutas de autonegação.

De maneira mais ampla, observa-se que o exercício da violência é atravessado por uma disputa em torno de sua justificação. Em certas circunstâncias, constrói-se uma narrativa pedagógica ou funcional, capaz de atribuir sentido ao ato e de reinscrevê-lo em uma ordem inteligível. Em outras, porém, a violência emerge destituída de razão ou finalidade, produzindo a percepção de injustiça e arbitrariedade. Nesse ponto, a violência opera como linguagem constitutiva das relações sociais, manifestando-se em diferentes níveis, camadas e nuances. Dessa forma, evidencia-se que não há território plenamente seguro para sujeitos feitos de carne, que continuamente elaboram seus próprios modos de viver e de morrer³³⁹.

Os processos de conversão mobilizados por organizações religiosas de caráter messiânico tornaram-se motivo de aflição para parte das famílias, sobretudo aquelas estruturadas em torno de vínculos nucleares fortes e sustentadas por valores tradicionais que se viam repentinamente ameaçados e dissolvidos. Nesse contexto, muitos jovens abandonavam

³³⁸ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1394, p. 57

³³⁹ BARBAGLI, Marzio. **O suicídio no Ocidente e no Oriente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

seus lares para seguir um “Messias”, “Guru” ou “Líder espiritual”, movidos pela adesão a causas sociais interpretadas como mais revolucionárias e promissoras de sentido existencial.

O temor recorrente das famílias residia na possibilidade de que, ao se integrarem plenamente à comunidade religiosa, os indivíduos sofressem um processo de apagamento da individualidade, perdendo sua capacidade de expressão singular diante da unidade coletiva³⁴⁰. Tal receio era alimentado por trajetórias concretas de jovens que, uma vez incorporados a essas organizações, promoviam o rompimento radical de vínculos familiares e de amizade, a inversão de valores socialmente compartilhados, a reelaboração de suas percepções existenciais, a adoção de novas práticas sexuais e até mesmo a incorporação de códigos linguísticos próprios ao grupo.

Além disso, o discurso sobre técnicas de conversão e/ou manipulação não se restringia às famílias; ao contrário, já era objeto de críticas por parte de segmentos da própria juventude, especialmente aqueles vinculados a grupos conspiratórios que demonstravam repulsa à obediência cega ao governo, aos pais, ao Papa ou a quaisquer representações de autoridade. Essas críticas evidenciam uma preocupação mais ampla com a forma de pensar da juventude, com seu sistema de crenças, a falta de propósito, o vazio existencial e a ausência de sentimento de pertencimento a um tempo ou lugar. O estranhamento em relação ao mundo organizado pela geração precedente era tão intenso que alguns jovens passaram a optar, voluntariamente, por recolher-se em comunidades dotadas de regras próprias, o que expressa, ainda que minimamente, a recusa em aceitar o sentido atribuído às relações sociais fabricadas no interior do projeto Civil-Militar, seja pelas normas morais, seja pelas condições materiais de existência.

Dessa forma, embora as organizações surgissem como resultado de uma série de fatores, entre os quais o colapso da Guerra Fria, seus embates de modos de vida em ideologias capitalistas e/ou socialistas, somados à descrença nas religiões tradicionais, os grupos propuseram formas de entender a realidade a partir de novas interpretações sobre as práticas e ritos da cultura, quase sempre articulando modelos de disciplina e de técnicas para o copo, impondo aos devotos orientações de obediência sem maiores questões do sujeito, da reflexão sobre o governo de si e dos outros, ou, do cuidado de si, reproduzindo uma lógica semelhante ao *modus operandi* que a sociedade dos “caretas” dos genitores estabeleceu³⁴¹.

No que tange ao exercício do poder, é plausível afirmar que esses jovens não se percebiam como fanáticos ou alienados; ao contrário, compreendiam-se como “jovens

³⁴⁰ GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

³⁴¹ FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso no Collège de France (1981-1982). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

místicos”, mais vinculados ao mundo espiritual do que às regras terrenas. Nesse sentido, algumas organizações religiosas alcançaram maior notoriedade entre determinados segmentos juvenis, ainda que reproduzissem padrões de submissão e obediência, em particular sobre mulheres e moças. Some-se a isso a inflexibilidade e a rigidez de dogmas e preceitos, que, ao invés de repelir, reforçava a sensação de pertencimento e de integração comunitária³⁴².

Em síntese, as “bolhas de amor” surgem como espaços cuidadosamente estruturados, formados predominantemente por jovens místicos e orientados por uma lógica de autoconsumo narcísico, que restringe a interação com outros grupos sociais, amigos e familiares. Essa separação é justificada pela crença na singularidade da matriz cultural e espiritual do grupo, considerada incompatível ou até contaminante para a nova verdade interiorizada pelos adeptos. A constituição desses núcleos rígidos, sustentados por figuras masculinas de autoridade e por estratégias de proteção institucional, não elimina, entretanto, a emergência de fissuras internas, resultantes da tensão entre disciplina e desejo, controle e subjetividade³⁴³.

Nesse ponto, as fontes indicam a existência de uma relação complexa, marcada simultaneamente por revolta e consentimento, entre os devotos e o líder do grupo, o guru. Se, nesse exercício de poder, é o devoto quem instrumentaliza o grupo ou se é o grupo que se apropria do corpo do devoto, não há como mensurar de modo unívoco. O paradoxo central reside no fato de que tais organizações, ao se apresentarem como refúgios contraculturais e como alternativas seguras frente às normas e pressões do Estado Ditatorial e da sociedade civil, acabam reproduzindo, em certa medida, os padrões comportamentais que pretendiam superar. Assim, os jovens que buscavam liberdade e autonomia dentro desses espaços encontram-se, muitas vezes, submetidos a estruturas de poder e normas rígidas que restringem o desejo e naturalizam práticas coercitivas, revelando como os mecanismos de autoridade e controle atravessam tanto as instituições formais quanto os arranjos sociais percebidos como alternativas libertadoras.

2.4 VIRILIDADE NA ESTRADA

O impacto da cultura norte-americana sobre a juventude brasileira nos anos 1960 e 1970 revela uma forte circulação de valores, estilos e comportamentos transnacionais. Ícones do cinema e da música, como James Dean, Marlon Brando e Elvis Presley, não apenas consolidaram no imaginário global uma masculinidade rebelde e sedutora, mas também

³⁴² VIGARELLO, Georges. **O Sentimento de Si**: história da percepção do corpo. Editora Vozes: Petrópolis, 2016.

³⁴³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia I. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

influenciaram padrões de vestuário. No caso das mulheres, a apropriação desses códigos incluiu a minissaia e outras inovações na moda juvenil. Para os homens, o *blue jeans* e blusões de couro foram apropriados, em especial nas classes médias emergentes, refletindo o desejo de visibilizar liberdade corporal e subversão aos padrões morais conservadores. Essa recepção cultural no Brasil não se limitou à estética, pois incorporou uma ética de comportamento contracultural, marcada pela valorização da autonomia, do prazer e da contestação a normas rígidas herdadas da tradição familiar e das instituições do Estado.

Imagem 51: Elvis Presley (à esquerda); Marlon Brandon (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1974, ed. 3, p. 119; O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. ed 24, p. 76.

Nos anos 1960, uma parcela da juventude norte-americana engajou-se em padrões de comportamento contraculturais, formando o que se consolidou como a geração dos *teenagers*. Esses jovens, crescidos sob a sombra da ameaça nuclear, foram estereotipados por vestimentas como jeans justos, atitudes provocativas e conflitos eróticos explícitos, simbolizando uma ruptura com os códigos morais vigentes. Ao mesmo tempo, o Estado e setores da sociedade buscaram regular a “economia sexual” da juventude, temendo que tais práticas dialogassem com uma espécie de doutrina permissiva de autoexpressão extrema. Nesse contexto, figuras como Elvis Presley emergiram como ícones de rebeldia e delinquência juvenil, articulando no imaginário coletivo a tensão entre liberdade individual e controle social³⁴⁴.

Ao mesmo tempo, a expansão desses símbolos e práticas foi mediada por revistas, cinema e música, que serviram como canais de circulação cultural e produção de imaginários de liberdade. Nesse sentido, a juventude brasileira, ao adotar tais elementos, buscava não apenas diferenciação estética, mas também experimentação de novas formas de sociabilidade, modos de prazer e estratégias de resistência simbólica frente a um contexto de forte controle político e moral. Assim, a influência cultural norte-americana contribuiu para o surgimento de nichos juvenis contraculturais no Brasil, preparando terreno para movimentos mais amplos de

³⁴⁴PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In.: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

contestação social e cultural nos anos seguintes, e demonstrando como a circulação transnacional de imagens, estilos e valores pode operar como mecanismo de produção de subjetividades contestadoras³⁴⁵.

Ademais, as masculinidades associadas à geração beat foram construídas na interseção entre o perigo, a imprudência e a negligência, dimensões frequentemente naturalizadas como aspectos da “natureza” masculina bruta³⁴⁶. Essas virilidades se materializavam em vestimentas de couro ou *jeans* e no uso de máquinas velozes para a estrada, imagens que se replicavam em publicidades de revistas masculinas, nas quais motocicletas e automóveis de alto valor eram enquadrados em narrativas de risco, estimulando o leitor a experimentar a sensação de viver intensamente e a adrenalina de confrontar a morte³⁴⁷.

Em 1969, a *Manchete* noticiava que o grupo de motociclistas denominado *Os Bandidos* havia sido denunciado por causar barulho em uma colina texana próxima ao Golfo do México. A fotografia que ilustrava a matéria mostrava um jovem conduzindo uma moto com uma mulher na garupa e outro homem mais corpulento ao lado, ambos fumando, compondo uma imagem que articulava perigo e rebeldia. O grupo, por sua vez, reivindicava simbolicamente a descendência de ícones como James Dean e Marlon Brando, recorrendo a referências que evocavam brutalidade, liberdade e masculinidade transgressiva:

Imagem 52: Os Bandidos.



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1969, ed. 920, p.86/87

³⁴⁵Na década de 1960, a excentricidade das roupas tornou-se um traço valorizado entre parte da juventude, refletindo o espírito contestatório e experimental do período. Destacam-se, nesse contexto, pequenas boutiques da Inglaterra, como a Biba, cuja estética se caracterizava por uma decadência romântica e um estilo alinhado aos ideais do movimento hippie, promovendo uma moda que incorporava liberdade, rebeldia e ruptura com os padrões convencionais de vestimenta. Ver: BAUDOT, François. **Moda do Século**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

³⁴⁶DUMÉZIL, Bruno. O Universo Bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. In.: In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

³⁴⁷PINTO, Fátima Regina de Toledo. **Você tem uma moto ou uma Harley? Vínculos com a marca Harley-Davidson em São Paulo**. Doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo Biblioteca Depositária: FFLCH, 2012.

Nesse contexto, a *Manchete* apontava que a adoção de símbolos nazistas por alguns motociclistas funcionava mais como uma expressão de diferenciação e performance social do que como um posicionamento político explícito. Considerando apenas as publicações de ampla circulação, a exibição das motos e o ronco de seus motores configuravam uma espécie de performance de virilidade destinada a provocar inveja nos outros homens do grupo, a expressar repulsa social ou, ainda, a se constituir como dança de conquista no flerte romântico com mulheres jovens e transgressoras³⁴⁸.

O conjunto de códigos masculinos dessa subcultura incluía tatuagens, charuto, capacete, óculos escuros e guidons vistosos, elementos que transcendiam sua função estética e se convertiam em capital simbólico, constituindo dimensões centrais das subjetividades masculinas. O perfil tradicional do homem provedor, imbuído de valores do trabalho, cedia lugar a um modelo de rebeldia, em que a virilidade era performada como força irrefreável, exigindo discernimento sobre a direção em que esse desejo seria canalizado. Assim, as masculinidades dessa subcultura articulavam práticas que combinavam perigo e prazer, operando fora dos limites das regras morais convencionais ou dos princípios de sobrevivência socialmente aceitos.

A *Manchete* tratava seus personagens com estereótipos confusos de seus estilos de vida, como um bandido com sua motocicleta, uma tecnologia que serve para acoplar ao corpo predominante masculino, com o único propósito de perturbar o sossego do público, tomar cerveja e arriscar-se em suas motocicletas depois de encontros em que muito se berra³⁴⁹. Informa também que *Os Bandidos* tinham profissões modestas, alguns eram pintores de paredes, isso poderia significar que seus privilégios masculinos e patriarcais eram escassos quando percebidos atravessados pelo recorte social de classe, do mercado e do poder de compra, fazendo desabrochar um desejo de repulsa contra o *status quo* da sociedade e que a fantasia selvagem sobre rodas fazia parte da experiência coletiva do grupo, com força suficiente para ser parte constituinte da subjetividade dessas pessoas.

No Brasil, desde o período de intensa industrialização na década de 1950, as masculinidades selvagens norte-americanas começaram a se consolidar como referência

³⁴⁸ MANCHETE, 1969, ed. 920, p.86/87

³⁴⁹ O corpo constitui o primeiro instrumento das técnicas humanas, sendo ao mesmo tempo objeto e sujeito do aprendizado social. Essa aprendizagem é transmitida no seio do grupo por meio de um processo que Marcel Mauss denominou de “imitação prestigiosa”, em que os indivíduos reproduzem gestos, posturas e habilidades daqueles que ocupam posições valorizadas ou exemplares, incorporando padrões corporais e culturais reconhecidos como legítimos ou desejáveis. Assim, o corpo não apenas executa ações, mas também internaliza normas, hierarquias e estilos de vida, funcionando como veículo central da socialização técnica. Ver: MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. pp.399-422.

cultural para parte da juventude, especialmente aqueles que tinham acesso a produções midiáticas e culturais que difundiam tais imagens. Em 1952, a *Manchete* já destacava grupos de motociclistas no Leblon, que demarcavam territórios urbanos e projetavam formas de virilidade opostas ao padrão do homem de terno ou *black-tie*, incorporando características do anti-herói associado à figura do “homem selvagem”.

Na constituição desse sujeito viril, o desempenho físico era irrelevante, mas a capacidade de improvisar, transgredir normas, conquistar mulheres e construir identidade através de símbolos demonstravam centralidade ao grupo. Nesses relatos, os códigos predominantes de masculinidade articulavam-se de maneira intrínseca a uma dimensão heteronormativa, na qual a coragem e a ousadia dos rapazes eram narradas em função da presença feminina. Os jovens, retratados como destemidos, aguardavam o momento da largada com suas musas na garupa, sugerindo que a performance de virilidade não se restringia à demonstração de força ou domínio da máquina, mas também à capacidade de seduzir e conquistar, consolidando padrões culturais que conectavam perigo, aventura e desejo heterossexual. Em suma, a presença feminina, muitas vezes simbolizada por jovens “musas” na garupa ou pelo consumo de moda transgressiva, funcionava como elemento constitutivo das performances de virilidade masculina, ao mesmo tempo em que oferecia às mulheres oportunidades de experimentar autonomia corporal e estilos próprios³⁵⁰.

A *Manchete* chamam atenção são para códigos de linguagem que seu público leitor já conheciam, para representações imagético-discursivas sobre as masculinidades viris, a partir de uma matriz cultural de inteligibilidade cis-heteronormativa, algo que, certamente, poderia ser percebido de forma diversa entre os grupos mais voltados para essa perspectiva contracultural da vida³⁵¹. Consequentemente, os códigos importados e adaptados do imaginário norte-americano ajudaram a moldar uma juventude brasileira que combinava a adesão a padrões internacionais de rebeldia com os condicionamentos locais, criando espaços de experimentação social e cultural. Tais subculturas ilustram como a circulação transnacional de imagens, estilos e valores não apenas influenciou o consumo e a estética, mas também produziu novas formas de subjetividade, resistência e sociabilidade, articulando liberdade, risco e pertencimento em meio a um contexto de forte controle moral.

Desde a década de 1950, a experiência sobre duas rodas passou a ganhar notoriedade na estética da violência, pois a vivência selvagem, viril e magnética desses grupos masculinos

³⁵⁰ MANCHETE, 1952, ed. 10, p. 17

³⁵¹ HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 07-41, 1995.

consolidava modelos de virilidade e projetava referências dignas de imitação. Além dos *Bandidos* e dos *Motoqueiros do Leblon*, os *Anjos do Inferno*, de San Bernardino, na Califórnia, alcançaram grande destaque.

Em 1966, a *Manchete* relatou o temor gerado pelos ruídos barulhentos produzidos pelo grupo, descrito como nômade e caracterizado por um visual chamativo, com capacetes de metal com suásticas gravadas, chapéus tiroleses, blusões coloridos, calças blue jeans, tatuagens, barba longa e outros detalhes distintivos³⁵². A revista qualificava essa estética como estranha e bizarra, sobretudo pelo uso de emblemas nazistas, mas esclarecia que os integrantes não eram necessariamente antissemitas, sendo majoritariamente veteranos da Guerra do Vietnã que buscavam reviver, de forma menos dolorosa, experiências traumáticas do passado, articulando uma realidade de liberdade e intensidade existencial.

Segundo a publicação, os membros do grupo valorizavam uma vida marcada pelo risco, destituída de princípios formais ou finalidades convencionais, criando uma espécie de religião em torno de si mesmos. A primeira célula dos *Anjos do Inferno* foi organizada em 1950, composta por jovens de pouca escolaridade, em grande parte trabalhadores manuais em oficinas mecânicas, habituados a viver com salários baixos. As imagens publicadas reforçavam a percepção de coesão do grupo, que se consolidava em torno de uma identidade coletiva de selvagens sem leis, incorporando práticas de rebeldia, aventura e virilidade performativa como marcas distintivas da subcultura:

Imagem 53: Hells Angels; Motos dos Hells Angels; Angel; Richmond.



Fonte: MANCHETE, 1967, ed. 785, p. 40; MANCHETE, 1967, ed. 785, p. 42; MANCHETE, 1971, ed.1018, p.57; MANCHETE, 1971, ed.1018, p.59

Da esquerda para a direita, a primeira imagem evidencia a forma como os integrantes do grupo Hells Angels customizavam suas roupas, incorporando símbolos, cores e acessórios que reforçavam sua identidade coletiva e a estética de virilidade transgressiva. A segunda imagem mostra o agrupamento das motocicletas, instrumentos centrais de sua liberdade e de sua performance de risco, reforçando a centralidade do veículo como extensão do corpo e da

³⁵² MANCHETE, Rio de Janeiro. 1966, ed. 716, p. 105-106

subjetividade do motociclista. Na terceira imagem, Richard, conhecido como “o Podre”, aparece com piercings nos mamilos, luvas de moto, armas, coletes e jaquetas, materializando a corporeidade transgressiva e o arsenal simbólico da masculinidade violenta e performativa. A quarta imagem apresenta um homem de cabelos longos, óculos escuros, tatuagens e arma em punho, com ao fundo uma estante contendo fotos e medalhas, além de uma bandeira do grupo Hells Angels Richmond com seu emblema, consolidando a materialidade da identidade coletiva.

As duas primeiras imagens foram publicadas em matéria da *Manchete* de 1967, na qual os Hells Angels eram descritos como a maior quadrilha de “delinquentes motorizados” da Califórnia, nômades por filosofia de vida e continuamente em movimento. Essa narrativa associava o grupo a uma experiência de liberdade e deslocamento permanente, aproximando-os de uma estética literária e existencial remissivas da obra *On the Road*, de Jack Kerouac, na qual a estrada aberta se configura como espaço de experimentação, risco e busca de sentido³⁵³. Dessa tradição, o grupo dos *Hells* considerava o ponto de encontro a península de Monterey, no norte de Big Sur, passando por São Francisco, Los Angeles, São Bernardino e Oakland, Hollywood, Richmond e Hayward, formando concentrações de mais de mil motociclistas³⁵⁴.

As duas últimas imagens, publicadas pela revista *Manchete* em 1971, evidenciam a continuidade da cobertura do estilo de vida da subcultura de motociclistas nos Estados Unidos. Os Hells Angels continuavam a atrair numerosos membros na Califórnia, enquanto outras associações menores, como os Escravos de Satã, *El Diablos* e Dragões do *East Bay*, proliferavam na mesma região. Os hábitos desses grupos giravam em torno de longas trajetórias sobre motocicletas, concebidas não apenas como veículos, mas como prolongamentos do corpo, mediando experiências de liberdade, intensidade e performance de risco. A filosofia de vida dessas subculturas estava centrada no vínculo profundo com a moto, na definição de limites pessoais e na adoção de uma postura de repúdio a convenções sociais e a instituições externas. O uso moderado e compartilhado de drogas, como a maconha, integrava a rotina coletiva,

³⁵³ VENAYRE, Sylvain. Os Valores Viris da Viagem. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

³⁵⁴ O *Hells Angels Motorcycle* foi fundado na Califórnia (EUA), em 1948, por um grupo de ex-combatentes da Segunda Guerra, adotando o nome por influência do filme de Howard Hughes, de 1929, em alusão aos anjos-soldados saídos do inferno-guerra. O primeiro subgrupo decorrente do Hells no Brasil, ocorreu em 1984, possuindo outros grupos espalhados em países, como Canadá, Argentina, África do Sul, Nova Zelândia, Espanha, Dinamarca, Grécia, Rússia, Chile, Irlanda, Luxemburgo, Turquia, Polônia, entre outros. Ver: PINTO, Fátima Regina de Toledo. **Você tem uma moto ou uma Harley? Vínculos com a marca Harley-Davidson em São Paulo**. Doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo Biblioteca Depositária: FFLCH, 2012.

funcionando tanto como rito de passagem quanto como elemento simbólico de diferenciação e resistência às normas sociais predominantes³⁵⁵.

O conjunto das imagens revela um repertório compartilhado de códigos estéticos e comportamentais por diversas tribos urbanas, em que o cheiro das estradas e a fúria juvenil pela liberdade se articulavam à performance de masculinidade. Nos grupos dos *Bandidos* e dos *Hells Angels*, essa masculinidade era constantemente atualizada e reconfigurada, configurando-se como virilidade performativa: um desejo irrefreável de liberdade, de risco, de violência e de visibilidade social. A estrada, a moto e os rituais coletivos não apenas estruturavam modos de vida e sociabilidade, mas também se constituíam em espaços de experimentação de limites, reafirmação de poder e construção de identidade dentro da subcultura³⁵⁶.

Esse subgrupo revela que para parte dos homens, a própria possibilidade da morte na estrada parecia menos preocupante do que a domesticação da vida às exigências da sociedade. Nessa perspectiva, a motocicleta e o carro de alta velocidade funcionavam quase como objetos sagrados, mediando experiências ritualísticas ambivalentes: prazer e punição, liberdade e risco, intensidade e mortalidade. Ao que é possível inferir das fontes, a construção do masculino e dos vínculos afetivos podia apresentar desafios significativos, posto que as opções sobre os modos de vida brotavam entre extremos e em imperativos de coragem, onde retroceder pode significar acovardar, além do distanciamento corporal, das restrição de expressões verbais de afeto e outros modos de interação.

As experiências de vida e as viagens selvagens, por sua vez, eram impregnadas de sentimentos singulares, permeadas por uma atmosfera existencialista, punk e rebelde sem causa, em que a motocicleta funcionava como instrumento central de expressão individual e coletiva. A proliferação de grupos de motoqueiros pode ser compreendida, em parte, pelo crescimento das indústrias automobilísticas, mas também pela espetacularização da motocicleta como estilo de vida, fenômeno amplamente disseminado pelo cinema, como em *O Selvagem*, com Marlon Brando. Esse fenômeno suscitava percepções ambivalentes na sociedade, pois enquanto alguns consideravam os motociclistas como bárbaros ou perigosos, outros os viam como os últimos heróis masculinos, repletos de liberdade, ousadia e virilidade performativa em contraponto aos padrões tradicionais de obediência social³⁵⁷.

³⁵⁵ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1971, ed.1018, p.56

³⁵⁶ CORBIN, Alain. A Obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

³⁵⁷ DUMÉZIL, Bruno. O Universo Bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. In.: In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

Nessa perspectiva de viagem norte-americana, a prática de viajar sem planejamento rígido implicava o abandono de convenções centrais da vida social capitalista e podia ser lida como um gesto poético ou subversivo. Entretanto, mesmo essas decisões, consideradas transgressoras, obedeciam aos códigos de masculinidade moldados pelo cinema hollywoodiano. Para os motociclistas inspirados por figuras como Marlon Brando, James Dean, Sean Connery e Elvis Presley, o objetivo era, ainda que temporariamente e dentro dos limites de sua imaginação, encarnar os próprios personagens dos filmes que assistiam, revelando o poder da tecnologia audiovisual sobre a construção de gênero, sexualidade e modos de vida.

Além disso, grande parte dos países ocidentais e ocidentalizados, onde floresceram essas subculturas, era composta por indivíduos que conheciam as limitações da economia de mercado e suas desigualdades, uma realidade que não atendia a todos nem supria plenamente as necessidades básicas de sobrevivência. De modo que, a rebeldia narrada pela imprensa podia ser interpretada como um desejo banal, mas também como a expressão de um projeto de vida que buscava sentido na estrada, consolidando uma linguagem específica de contracultura, alinhada a uma sensibilidade existencialista inspirada em Sartre.

O contraste entre esse modo de ser e as normas sociais tradicionais oferecia um mecanismo para lidar com a Guerra Fria, onde a estrada era espaço de incertezas, permeada por rostos desconhecidos, riscos, intempéries e limitações materiais, permitindo que a experiência da liberdade se materializasse em uma vivência intensa e imediata. Essa forma de vida era experimentada de maneira distinta por homens e mulheres, variando de acordo com idade e grupo de motociclistas. Subgrupos nômades, movidos pelo desejo de vida intensa e selvagem, demonstravam desapego em relação à própria segurança, estabelecendo padrões culturais que emergiam como imperativos categóricos para essa juventude em busca de autonomia, pertencimento e definição de identidade³⁵⁸.

Embora o ímpeto de viajar representasse um imperativo para os mais aventureiros, a prática de viajar de motocicleta em grupos e subgrupos de motociclistas configurava uma modalidade distintiva de experiência, na qual códigos de masculinidade, liberdade e violência se entrelaçavam em diferentes formas de expressar interesse pela vida. Desde o barulho das motos até os rumores sobre possíveis atos violentos, muitas vezes reforçados imagética e discursivamente pelos próprios membros, a virilidade combativa que consolidou a geração dos “homens de sucesso” também contribuiu para a formação da figura dos “machões”,

³⁵⁸ SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

reconfigurando padrões de virilidade dentro da cultura juvenil³⁵⁹. Logo, também a contracultura moldava a aparência masculina e a performance segundo a imagem do homem “durão”, pois essa atitude sugere um movimento coletivo, as motivações eram individuais, e as implicações de cada fuga eram singulares, ainda que atravessadas por demandas de gênero³⁶⁰.

Nesse âmbito contracultural, a figura masculina detinha maior autonomia para experimentar a vida fora do âmbito doméstico e usufruir de determinados espaços de forma privilegiada em relação às mulheres. Para estas, entretanto, a narrativa localizava suas experiências em um contexto distante da vida aventureira, marcado pelo rigor de normas sociais e legais, como nos casos de rapto ou sedução, em que a decisão de fuga era interpretada como manipulação da figura masculina³⁶¹. Já para os homens, a percepção predominante era de uma viagem contracultural, alinhada à própria filosofia de vida e à busca por liberdade dentro de um projeto existencial de revolução de mochilas³⁶².

Quando esse fenômeno social é interpretado a partir do discurso da masculinidade viril, atravessado pela ótica da moral e dos bons costumes, bem como pelos preceitos do discurso religioso de matriz judaico-cristã e seus dogmas mais tradicionais, o modo de subjetivação considerado “selvagem” passa a ser lido como um conjunto de práticas pecaminosas elaboradas na estrada. Nesse contexto, o embate viril se desloca para alguns rapazes e, em certos casos, para algumas moças, ao expressar à sociedade sua vontade de autonomia e transgressão. A aceleração das motocicletas na estrada aberta torna-se, assim, símbolo de uma vida não domesticada pelas convenções sociais, uma performance de liberdade que se contrapõe às normas morais e religiosas dominantes.

A articulação entre a sensação de liberdade e a vida perigosa nas estradas foi amplamente produzida por escritores da cultura beat, como Jack Kerouac, e disseminada por meio da indústria fonográfica e cinematográfica, bem como por outras ramificações do capital cultural, como a imprensa e os jornais alternativos. Personagens como Elvis Presley e Marlon Brando, difundidos pelo cinema e pela música, funcionavam como ícones de referência para a construção de modos de vida e de virilidade associados à contracultura. Nesse contexto, a atmosfera do *On the Road* consolidava um conjunto de práticas em torno de uma mesma

³⁵⁹NASCIMENTO, Marcos. *Essa História de Ser Homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades*. CAETANO, Marcio; JUNIOR, Paulo Melgaço (orgs.). **De Guri a Cabra-Macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

³⁶⁰ LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis, Vozes, 2009.

³⁶¹ DAVID, PRISCILA. **As Jovens das classes populares sob a mira dos crimes de estupro, sedução e rapto na cidade de Assis (1950-1979)**. Mestrado em História Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Biblioteca Depositária: UNESP-FCL/ASSIS, 2009.

³⁶²KAMINSKI, Leon Frederico. **A Revolução das Mochilas: contracultura e viagens no Brasil Ditatorial**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense -UFF, Niterói, 2018.

filosofia existencial, uma demanda de desejo centrada na experiência intensa: sentir-se vivo e sentir-se livre, em constante tensão entre risco, autonomia e performatividade cultural³⁶³. Alguns jornais alternativos e até revistas de ampla circulação documentaram:

Imagem 54: *Prendre la Route* (à esquerda); *On the Road* (à direita).



Fonte: ACTUEL, França, 1971, capa; STAR, Barcelona, ed. 16, p. 6.

Ademais, em conexão com o contexto internacional, já no início da década de 1970, jornais alternativos como o francês *Actuel* e o *Star*, em Barcelona, expressavam essa vontade compartilhada de “cair na estrada”. As imagens femininas nessas publicações, frequentemente associadas a pouca roupa e cores berrantes, remetiam à filosofia de paz e amor da cultura *hippie* e à erosão de normas de pudor vigentes, sobretudo no que tange à valorização da castidade feminina. Assim, o *top-less* de algumas capas podia ser interpretado como uma forma de contestação simbólica ao sistema patriarcal e às regras morais herdadas da geração anterior. Em outras imagens, a escassez de vestuário, além de sugerir um corpo possivelmente subnutrido, articulava escolhas políticas e pessoais, expressando resistência às imposições do sistema, aos valores familiares e à moralidade geracional que não haviam sido interiorizados de maneira efetiva. Nesse sentido, a ideia de liberdade feminina limitada no sistema heteronormativo ocidentalizado, era colocada em diálogo com a figura masculina de forma naturalizada, sinalizando ao leitor que a autonomia e a vivência da contracultura poderiam ser experimentadas “na estrada”.

Além disso, a escassez de roupas simbolizava também uma filosofia prática de carregamento mínimo, contestando os princípios de acumulação do capital, e atuava como mecanismo de desestabilização do modelo de masculinidade viril vigente, questionando a masculinidade viril e redefinindo as relações de gênero dentro da contracultura emergente³⁶⁴. Nesse sentido, as formas do consumo e do consumismo durante a Guerra Fria no Norte Global

³⁶³ BARROS, Patrícia Marcondes de. A Imprensa Contracultural Brasileira. In.: ROST, Isis; BARROS, Patrícia Marcondes de. (Org.). **Transas da contracultura brasileira**. São Luís: Passagens, 2020.

³⁶⁴ Para as moças nesta perspectiva de “alberguistas” e de mochilão, era preciso camuflar a feminilidade sob aparências masculinas que formam a imagem de virilidade. Ver: BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

e na Ditadura Civil-Militar na América Latina refletem o estado de coisas do autoritarismo e da liberação dos sentidos, onde as transformações culturais articuladas a noções de masculinidades que são intercambiadas por processos de lutas e negociações entre valores pessoais e a ligação com a cultura Ocidental, por meio de roupas, músicas, adereços e outras inúmeras formas de apropriação das coisas que não precisam de intermediações com o objeto de desejo³⁶⁵.

Dessa forma, fazia parte do contexto mas não se confundia a prática de viajar pedindo caronas, tal qual a representação dos *hippies*. O modo de vida das caronas com mochilas compartilhavam alguns valores em comum com outros subgrupos alternativos, adeptos de uma perspectiva *drop out*, mas esses sujeitos se direcionavam para os fluxos considerados mais pacíficos em relação às virilidades exacerbadas e barulhentas de motoqueiros, algo que se revelava na prática de se colocar total e inteiramente à mercê da bondade de pessoas estranhas, correspondendo a um gesto de crença nos elos entre as pessoas, um vínculo comunitário que se pretendia estabelecer, para além da precariedade da situação capitalística, era um ato de informar para a sociedade que fazia aquilo por que acreditava no ato como gesto “revolucionário”.

Dessa forma, a prática de viajar pedindo caronas, típica dos *hippies*, integrava o contexto da contracultura, mas não se confundia com o estilo de vida dos motociclistas. Os viajantes com mochilas compartilhavam alguns valores com outros subgrupos alternativos, adeptos de uma perspectiva *drop out*, mas direcionavam-se a fluxos mais pacíficos, em contraste com as virilidades barulhentas e exacerbadas dos motoqueiros. A experiência de se colocar totalmente à mercê da bondade de estranhos constituía, além de um ato de sobrevivência, um gesto de crença nos vínculos humanos e na possibilidade de estabelecer uma comunidade solidária. Esse comportamento assumia um modo de contestar as hierarquias e restrições impostas pelo sistema capitalista e, ao mesmo tempo, de afirmar uma forma de vida que se pretendia revolucionária, baseada na confiança, na solidariedade e na experimentação de práticas sociais alternativas.

Nesse ponto, não se tratava de pedir porque não se tinham opções, mas era a recusa das opções adversas a esse estilo que torna o ato uma perspectiva selvagem, ou seja, não domesticada da vida. Em grande medida, esses jovens se inspiravam em artistas e em intelectuais que formavam o movimento beat ou compunham parte dos expoentes da contracultura juvenil, exilada ou auto-exilada do *status quo* da sociedade. *On the road* se tornou inspiração para uma filosofia e uma trajetória de conhecimento que poderia complementar de

³⁶⁵ ALMEIDA, Miguel Vale. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

sentido esse estágio da vida, caracterizado pela expressão de um modo de vida irradiador de códigos em que a beatitude, o hedonismo e o risco estavam articulados à juventude.

Nessa perspectiva, o contexto internacional demonstrou uma variedade de possibilidades turísticas que alguns jovens inventaram para sair da monotonia. Rotas de passeio por diferentes regiões que se assemelhavam e se distinguiam, em alguma medida, dos *hippies* e motoqueiros, mas que faziam parte de um movimento contracultural mais amplo. Dessa forma, em 1970, o jornal alternativo francês *Actuel* mostrava igualmente as possibilidades de rotas para os que buscavam aventuras em *petites annonces*, com a informação de que um garoto de vinte e dois anos possuidor de um carro e que buscava espiritualidade com outro garoto ou garota, para acompanhar em uma viagem nos meses de outubro e novembro, com retorno incerto. Além disso, chama atenção o recado do autor ao se referir a si mesmo como *Liliputien*, das viagens de Gúliver, em referência às pessoas pequenas, reiterando que tem 1,60 e procura uma mulher pequenina também de até 1,55m, para um *tour* na França e itinerário³⁶⁶.

O espírito de rebeldia, a insubordinação, a tendência à “desistência” das obrigações formais e a insolência dos aprendizes já aparecem nos registros históricos desde o século XIX, evidenciando uma postura de recusa frente às condições sociais e laborais impostas³⁶⁷. Na França, entre 1824 e 1828, jovens aprendizes demonstravam desinteresse pelo mercado de trabalho parisiense e pelas expectativas sociais convencionais, em parte devido a uma formação mais extensa que os tornava mais conscientes e impacientes. Esses jovens buscavam a vida urbana em suas ruas e periferias, organizando experiências coletivas como o *Tour de France*, que funcionava simultaneamente como uma iniciação operária e cívica. Nessa perspectiva de longa duração, a viagem a pé e a mobilidade que ela proporcionava era celebrada como prática formadora para a juventude popular, constituindo um elogio à autonomia, à experiência direta e ao aprendizado fora das estruturas hierárquicas tradicionais³⁶⁸.

De forma semelhante, o jornal *Star* evidenciava a mediação entre pessoas que buscavam parceiros ou parceiras de viagem, permitindo a partilha de experiências e a divisão de custos ao longo do percurso. Ao mesmo tempo, a publicação apresentava diferentes meios de transporte e opções de itinerários, indicando rotas como Barcelona a Cádiz e Algeciras, Extremadura a Sevilha, Madrid, León, Zaragoza, entre outras. Dessa maneira, o jornal funcionava como um instrumento de circulação social e cultural, articulando práticas de mobilidade, sociabilidade e

³⁶⁶ ACTUEL, França. Le Trip 1970, p. 49

³⁶⁷PERROT, Michele. A juventude operária, da oficina à fábrica. In.: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁶⁸PERROT, Michele. 1996.

economia colaborativa dentro da contracultura europeia, oferecendo alternativas para jovens que buscavam experiências de liberdade e autonomia fora dos circuitos convencionais.

Imagem 55: *Viajes; Viajes; Viajes.*



Fonte: STAR, Barcelona, n. 48, p.15; STAR, Barcelona, 1979, n.53, p.21; STAR, Barcelona, 1980, n. 57, p.22.

Em 1979 e 1980, o jornal alternativo de Barcelona, *Star*, demonstrava que as possibilidades de viagem eram amplas quando os leitores se conectavam adequadamente, considerando aspectos como conforto, preço ou destino. As opções de transporte incluíam ônibus públicos, veículos próprios, Kombis, motocicletas, motos e até balões³⁶⁹. Esses relatos indicam que as viagens contraculturais congregavam uma grande diversidade de grupos, articulando diferentes práticas de mobilidade e sociabilidade. Para muitos jovens, esses roteiros funcionavam como espaços de experimentação e busca por novas sensações, permitindo a construção de experiências de liberdade e autonomia que desafiavam as normas e convenções vigentes na sociedade ocidentalizada.

No caso brasileiro, esse fenômeno evidenciou de forma particularmente intensa como movimentos, gerações e ondas contraculturais se interconectavam, possibilitando novas formas de existência e relações sociais, bem como um processo de redefinição da intimidade e da experiência pessoal em termos mais amplos³⁷⁰. Logo, as viagens contraculturais e a experiência da construção de masculinidades não-domesticadas nas estradas ocorreram em pleno contexto da Ditadura Civil-Militar, recebendo significativa influência de fluxos culturais internacionais que contribuíram para o surgimento de numerosas comunidades alternativas. Essas comunidades se estruturavam em torno de uma subjetividade pautada pelo imediato, em

³⁶⁹ STAR, Barcelona, 1979, n.49, p. 35-36.

³⁷⁰ HELLER, Agnes. *A Condição Política Pós-Moderna*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

contraste com a projeção de futuro organizada pelos militares e por setores conservadores da sociedade civil.

2.5 DESEJO DE INSURREIÇÃO

Imagem 56: Festival (à esquerda); LSD (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1971, ed. 1001, p.100.

A matéria informava que os jovens estavam anestesiados com *LSD* e tinham o slogan “Faça Amor, não faça a guerra”, “Os pais são tigres de papel”, “Toda autoridade é Cômica”, “Não confie em ninguém com mais de 30 anos”. A matéria falava que os *hippies* vivem em comunas alheios às conquistas da civilização industrial, atravessados por sentimentos de nostalgia, de melancolia e de ressentimento. A reportagem tinha por público alvo a sociedade brasileira de setores mais conservadores, que lidavam como risco dessa liberdade considerada demasiada³⁷¹.

A noção de “adulto” surge como síntese de aspirações, valores normativos e padrões institucionais, estabelecendo-o como condição social de confiança, frequentemente vinculada a marcos biológicos associados à idade³⁷². A adolescência e a juventude, por conseguinte, constituem categorias analíticas específicas, nas quais se refletem e se acumulam características gerais da experiência etária, funcionando como campos de experimentação social, cultural e simbólica³⁷³.

No plano de gênero, práticas como o consumo moderado de psicotrópicos ocorriam em círculos restritos de amizade, caracterizados por relações relativamente igualitárias e descentradas de estruturas hierárquicas de poder. A adoção de modas andróginas, cores vibrantes e uma aparência natural funcionava como indicador de engajamento com dimensões espirituais e subjetivas. Paralelamente, a juventude compartilhava um sentimento difuso de

³⁷¹MANCHETE, Rio de Janeiro, 1971, ed. 1001, p.100

³⁷²SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

³⁷³FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

descrença no futuro, exacerbado pelo contexto da Guerra Fria e pela percepção de iminência de catástrofes globais, o que favoreceu a constituição de redes de afeto intensas e complexas, marcadas por ambivalências e formas sutis de violência simbólica ou relacional³⁷⁴.

Em diversos momentos, a *Manchete* registrava a movimentação da juventude que, no contexto da contestação social, se engajava em práticas consideradas não usuais pelo Sistema. Para além do nudismo, esses jovens adotavam hábitos de lazer que incluíam o uso moderado de psicotrópicos, acampamentos em ambientes naturais, apreciação musical e outras práticas sensoriais, buscando experimentar as possibilidades corporais associadas ao prazer. Nesse sentido, o consumo de drogas funcionava sobretudo como estratégia de evasão diante de uma realidade marcada pela inserção precária no mercado de trabalho, pelas expectativas familiares, por sentimentos ambíguos em relação à vida e à morte, pelo desarranjo em relação aos códigos de gênero e sexualidade e pela compreensão distante das relações de poder instituídas pelo Estado autoritário. Tais fatores, combinados, alimentavam a adesão a práticas de lazer mais lúdicas e imaginativas, manifestas em festas alternativas e festivais inspirados em eventos como Woodstock³⁷⁵.

As camadas mais moderadas da juventude buscavam substâncias sedativas, como o Valium, conhecido como “o grande V”, utilizado para suportar tensões psíquicas. Em 1976, essa droga figurava entre as mais consumidas, refletindo uma busca por alívio diante das pressões da vida cotidiana. Diversos periódicos da época capturavam o espírito desse momento ao investigar o uso de drogas e outras substâncias como estratégias de evasão da realidade, revelando modos de vida associados a artistas e figuras culturais. Um exemplo paradigmático é o cantor Lou Reed, que declarou que “viver sem Valium é como viver embaixo d’água”, evidenciando a intersecção entre consumo de drogas, práticas de lazer e a construção de estilos de vida e subjetividades juvenis³⁷⁶.

Enquanto os indivíduos mais intensos buscavam experiências psicodélicas, o uso de alucinógenos como o LSD se destacou como prática experimental e simbólica. Conforme noticiado pela revista Star em 1977, desde o final da década de 1940 psicólogos começaram a

³⁷⁴ As festas alternativas dialogavam com uma arte de vanguarda e estava imbricada com um conjunto de elementos e signos que remetem à liberdade sexual, a uma estética psicodélica, ao abandono das religiões ocidentais em direção ao pensamento oriental, às vivências comunitárias e a mais produções culturais alternativas, entre outras propostas e experiências que faziam parte do “espírito da época”, mesmo que às vezes contraditórias entre si, integram a chamada contracultura. Ver: KAMINSKI, Leon. Mundo Afora, Brasil Adentro: a circulação cultural da contracultura e suas apropriações. In: KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades**. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

³⁷⁵ PINHEIRO, Igor Fernandes. Na Ponta da Baioneta: o rock psicodélico, do circuito de bailes aos Woodstocks brasileiros. In: KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70: circulação, espaços e sociabilidades**. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

³⁷⁶ STAR, Barcelona, n.35, p.16

investigar o LSD, identificando-o como uma substância psicomimética capaz de alterar temporariamente a percepção. Intelectuais e místicos, como Aldous Huxley, Allen Ginsberg e Alan Watts, destacaram que a droga poderia facilitar estados de êxtase e intensificar a percepção do ego, aproximando-se de experiências místicas comparáveis ao nirvana, liberando a consciência das limitações do corpo.

A cultura juvenil conferiu ao LSD um significado simbólico ampliado por sua difusão entre grupos contraculturais e artistas notórios. Exemplos paradigmáticos incluem John Lennon, na canção *Lucy in the Sky with Diamonds*, cuja sigla LSD tornou-se icônica, e Raul Seixas, que reinterpreto melodias semelhantes, como em *Nunca Deixe de Sonhar*, reforçando a conexão entre música, psicodelia e juventude transviada. Nesse contexto, a experiência juvenil era associada à glória da vida e à intensidade do presente, contrastando com a percepção do envelhecimento. A partir dos trinta anos, segundo jornais alternativos da época, a fantasia se dissolvia e o sujeito atravessava a fronteira para o mundo dos homens “caretas”, onde o espaço era marcado por uma realidade percebida como intolerável³⁷⁷.

Desde a década de 1960, a percepção e a experiência das relações de poder, de prazer e de subjetividade sofreram transformações significativas em diversas regiões do mundo ocidental, inclusive no Brasil. Nesse contexto, o uso de drogas psicotrópicas passou a desempenhar papel de mecanismo de anestesia frente ao peso da existência e também potencializador das sensações corporais, favorecendo a celebração e a intensificação da vivência do presente. Essa cultura alternativa não apenas modificou os comportamentos de parcela da juventude, como também acelerou a ressignificação de determinados espaços sociais, criando uma distância perceptível em relação àqueles sujeitos mais conformados ou adaptados às normas e controles impostos pelo regime civil-militar vigente³⁷⁸.

O uso de drogas contribuiu para a mobilização da juventude brasileira, especialmente daqueles inseridos em um movimento mais amplo de contestação social, atravessado por fatores bio-psicológico-sociais diversos, tais como a repulsa à modernização, ao autoritarismo, às práticas de repressão do Estado, bem como às trajetórias individuais e sentimentais dos sujeitos³⁷⁹. Paralelamente, a subversão moral constituiu uma construção discursiva do regime autoritário brasileiro, direcionada aos indivíduos vinculados ao movimento da chamada

³⁷⁷ DELMANTO, Julio. **Camaradas Caretas**: drogas e esquerda no Brasil após 1961. Dissertação de Mestrado em História Social na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo: 2013.

³⁷⁸ TORCATO, Carlos Eduardo Martins. **A História das Drogas e sua proibição no Brasil**: da Colônia à República. Tese de doutorado em história social – USP: São Paulo, 2016.

³⁷⁹ DELMANTO, Julio. **História Social do LSD**: os primeiros usos medicinais e o começo da repressão. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo -USP, 2018.

“Revolução dos Costumes”, marcada pelo uso moderado de psicotrópicos, bem como à “Revolução Sexual”, em curso desde a disseminação de biotecnologias como a pílula anticoncepcional. Esta última funcionava como um instrumento capaz de desvincular a reprodução da relação sexual, estabelecendo uma relativa paridade de condições de desejo entre homens e mulheres, assim como entre os próprios homens³⁸⁰.

Ademais, a relação com o proibido se configurava na medida em que a política criminal do período enquadrava como conduta delituosa e atividade subversiva essas práticas coletivas, estigmatizando seus participantes com rótulos como “adictos”, “junkies”, “selvagens”, “rebeldes” ou “transviados”³⁸¹. Entretanto, ao longo da década de 1970, o mercado de drogas, tanto lícitas quanto ilícitas, foi amplamente documentado e problematizado em jornais alternativos, frequentemente estimulado e reforçado por diversas formas de publicidade. Por exemplo, em 1976, a *High Times* informava sobre cartões de cogumelo com as informações: Seis cartões coloridos de design de cogumelos mágicos, em branco no interior para anotações, com informações descritivas no verso sobre as estações do cogumelo, anatomia, habitats e locais para encontrar o seu próprio³⁸². De modo similar, o jornal alternativo *Star*, de Barcelona, publicava sobre produtos psicodélicos mais puros, para reparar os danos do uso indiscriminado e de pouca qualidade, dada as condições da ilegalidade³⁸³.

Alguns periódicos alternativos sustentavam a crença de que o uso de psicotrópicos, como maconha, LSD, anfetaminas, cogumelos e, em menor escala, cocaína, heroína e ópio, funcionava como veículo para ampliação da consciência, imbuído de significados simbólicos e de uma “aura mística”. Esse argumento era reiterado pela imprensa contracultural, reforçando o apelo romântico dessas práticas e seduzindo leitores a inserirem-se no circuito de prazer e diversão *outsider*. Entretanto, essas narrativas frequentemente negligenciavam que uma parcela significativa dos jovens engajados em movimentos transbunde e libertários enfrentava destinos adversos, como overdose, morte ou marginalização, evidenciando a ambivalência entre ideais de expansão existencial e os riscos concretos da experiência psicotrópica.

³⁸⁰ MUCHEMBLED, Robert. **O orgasmo e o Ocidente**: uma história de prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

³⁸¹ PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Editora Nº 1, 2018.

³⁸² HIGH TIMES, n.14, 1976, p.90

³⁸³ STAR, Barcelona, 1977, n.38, p.4

Imagem 57: *Needle Park* (à esquerda); *Peace* (ao centro); *Overdose* (à direita).



Fonte: STAR, Barcelona, 1975, n.15, p. 40; STAR, Barcelona, 1974, n.5, p.20; STAR, Barcelona, 1975, n.15, p.58.

A primeira imagem evidencia a ocupação do bairro de Manhattan denominado *Needle Park*, ou Parque da Agulha, caracterizado por uma intensa concentração de indivíduos envolvidos com diferentes tipos de drogas, incluindo álcool, tabaco, anfetaminas, LSD, cocaína e outros alucinógenos. O território tornou-se um símbolo do consumo coletivo e da visibilidade social das práticas ilícitas, configurando-se como espaço de experimentação e risco.

A segunda imagem, também veiculada pelo jornal alternativo *Star*, ilustra um grupo de jovens *hippies* em confronto com a autoridade paterna e policial, inseridos no contexto do movimento de evasão da urbe³⁸⁴. Contudo, a reportagem sugere que a idealização desse estilo de vida convivia com contradições concretas, a partir da experiência comunitária enfrentava desafios de subsistência, desigualdades internas e hierarquias tácitas, frequentemente reproduzindo normas generificadas previamente internalizadas.

Por fim, a terceira imagem retrata Cupido aplicando-se uma substância, acompanhada da inscrição “overdose”, configurando uma sequência simbólica que associa o sofrimento amoroso ao recurso químico como tentativa de alívio. A narrativa visual articula uma ironia crítica, na medida em que a figura mitológica greco-romana, tradicionalmente vinculada à instigação das paixões, evidencia desordens morais, sugerindo que até mesmo a instância mítica do amor se encontra vulnerável às oscilações provocadas pelo consumo de substâncias psicoativas.

O conjunto dessas imagens evidencia que o jornal alternativo reproduzia estereótipos sobre usuários de drogas e sobre os problemas sociais do período, sem propor reflexões sobre políticas de saúde pública ou análise aprofundada das experiências subjetivas. Paralelamente, a

³⁸⁴ Movimento conhecido como *drop out*, ou *back-to-the-land*, que buscava autonomia, contato com a natureza e liberdade individual, configurando uma tentativa de escapar das limitações impostas pelo espaço urbano e pela sociedade industrializada. Ver: KAMINSKI, Leon Frederico. **A Revolução das Mochilas: contracultura e viagens no Brasil Ditatorial**. Tese de Doutorado em História na Universidade Federal Fluminense (UFF): Niterói, 2018.

imprensa de ampla circulação contribuía para a narrativa do jovem transviado como surgindo do nada, ignorando as complexas determinações sociais, culturais e econômicas do contexto.

No que tange aos usos sociais de psicotrópicos, muitas dessas substâncias constituíam elementos centrais das festas e celebrações mais desinibidas, funcionando como catalisadores do abandono das convenções comportamentais correntes. Em um contexto de restrição de escolhas individuais, a decisão de fumar, ingerir bebidas alcoólicas ou outras drogas configurava uma das poucas práticas disponíveis para a afirmação de singularidades subjetivas. Contudo, tais consumos não estavam dissociados das dinâmicas do capitalismo globalizado e da lógica neoliberal, que regulamentava, comercializava e circunscrevia essas experiências dentro de circuitos de mercado específicos³⁸⁵.

Na perspectiva contracultural, o uso de psicotrópicos era estrategicamente mobilizado em contextos como festas universitárias ou encontros festivos que, fora da ritualística do carnaval, ultrapassavam os limites socialmente convencionados, constituindo um indicador simbólico de que nem todos os jovens descontentes com a Ditadura Civil-Militar estavam dispostos a se engajar em guerrilhas armadas ou a manter vínculos formais com o Estado. Motivações diversas, como a escassez de oportunidades laborais, a relutância em assumir empregos formais, vínculos afetivos fragilizados ou corações partidos, levavam parcelas da juventude a recorrer ao consumo recreativo de drogas leves e pesadas.

Nesse contexto, para determinado segmento juvenil, o sentimento compartilhado de anomia social favoreceu comportamentos de caráter anarquizante que, quando associados ao uso extremo de psicotrópicos, configuraram um problema social complexo, cuja solução escapava à retórica redentora da Ditadura Civil-Militar³⁸⁶. O projeto de desenvolvimento do regime incorporava um modelo restrito de masculinidade viril, relegando diversas formas de expressão de gênero ao âmbito da “subversão moral”. Essa política estatal contribuiu para direcionar parte da juventude a um verdadeiro “beco sem saída”, marcado por marginalização social e exclusão simbólica³⁸⁷.

³⁸⁵CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In.: BRANCO, Pedro Paulo Martoni; ABRAMO, Helena Wendel. (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional, 2011.

³⁸⁶A Escola de Chicago analisou a criminalidade e os eventos criminosos em relação a processos urbanos, como a gentrificação, a migração e a concentração de renda, especialmente no contexto do chamado “milagre econômico”. Esses fenômenos possibilitaram o acesso a bens de consumo e serviços de qualidade para parcelas da população com maior poder aquisitivo, ao mesmo tempo em que geraram efeitos diferenciados, ressentimentos sociais e estratégias de resistência que se configuravam como formas de contrapoder frente às desigualdades estruturais. Ver: CARVALHO, Salo de. **Antimanual de Criminologia**. São Paulo: Saraiva, 2015.

³⁸⁷O conceito de “aporia” refere-se à sensação de impasse, caracterizada pela ausência de porosidade e de alternativas, que limita a capacidade de negociar ou interagir com estruturas de poder. Nesse sentido, tanto a aporia quanto a anomia social podem ser compreendidas como expressões de uma crise mais ampla da masculinidade,

No que tange aos aspectos culturais imbricados à contracultura, observa-se que produtos destinados à construção de masculinidades alinhadas a códigos *underground* foram rapidamente absorvidos e reconfigurados pelo mercado. Tais produtos agenciavam a crise das masculinidades viris, reproduzindo signos de poder e virilidade de modo a serem consumidos socialmente, enquanto se articulavam com o uso de substâncias psicotrópicas e com práticas que reforçavam a estética da rebeldia dentro dos limites dos próprios sistemas sociais³⁸⁸.

Em suma, o desejo de insurreição dos jovens se manifestou de forma multifacetada, articulando práticas contraculturais, consumo de psicotrópicos e a experimentação de modos de vida alternativos como estratégias de afirmação subjetiva e contestação social. O envolvimento com festas alternativas, viagens contraculturais e o uso de drogas funcionava como instrumento de criação de mundos imaginários, em que normas sociais e hierarquias eram tensionadas, assim como válvula de escape frente às pressões do regime autoritário e/ou do poder de vigilância das famílias. Tais práticas revelam uma tentativa de resistência às construções rígidas de gênero, sexualidade e poder, evidenciando que, para esses jovens, a liberdade, a intensidade das experiências sensoriais e o questionamento da ordem estabelecida constituíam formas de insurgência cultural, ainda que atravessadas por contradições e limites impostos tanto pelo contexto político quanto pelas próprias estruturas internas dos grupos contraculturais.

refletindo a dificuldade de adaptação e de ressignificação dos códigos viris diante de contextos sociais, culturais e políticos restritivos. Ver: NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpsons**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

³⁸⁸GREINER, Christine. **O Corpo em Crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.

3. MÁQUINAS DESEJANTES

A análise das relações entre masculinidades e práticas homoeróticas revela que o corpo e o desejo tornam-se territórios de disputa e produção social, seja na contracultura ou no projeto cultural dominante. Mesmo dentro de contextos de forte normatividade autoritária, como o Estado ditatorial brasileiro, emergem micropolíticas de resistência, nas quais os indivíduos elaboram estratégias de atuação e autopreservação, reconfigurando vínculos afetivos, identidades sexuais e formas de sociabilidade.

Esse capítulo evidencia algumas singularidades das relações entre homens em que, mesmo entre aqueles que buscavam representar um perfil viril de masculinidade, demonstravam nuances e cruzamentos com a homocultura emergente³⁸⁹. Desse modo, busca-se investigar quais condições de existir dessa aparente contradição, quais relações possíveis entre o Estado autoritário, a sociedade civil e o mercado sexual. Ainda, qual o local da identidade sexual enunciada como exercício de atuação política, a partir da análise da produção, da circulação e do consumo de produtos culturais e artísticos específicos da demanda homoerótica³⁹⁰.

3.1 VIDA COMO FRUIÇÃO

Imagem 58: *Bijou* (à esquerda); Como fazer sua vida noturna mais excitante? (ao centro); *El Rio* (à direita).



Fonte: BAY AREA REPORTER, 1976, v.6, n.3, p.5 OUR OWN, v.3, n.4, 1978, p.5 BAY AREA REPORTER, 1978, v.8, n. 26, P.18.

³⁸⁹ A homocultura diz respeito a um discurso e a um conjunto de práticas compartilhadas em comum, por homens inseridos em um grupo ou subgrupo, que declaravam sua orientação sexual homoafetiva como marcador central da identidade social. Ver: GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

³⁹⁰ Essa demanda incorpora outras categorias de análise, tais como a bicha, a maricon, o bofe, entre outros sujeitos que se valem desses termos e dessa matriz cultural, em face ao sujeito homossexual, sodomia e/ou pederasta. Nesta pesquisa, a escolha para análise foi a partir da figura entendida, principalmente ainda na década de 1970, e o gay, termo mais popular no fim dos anos 1970 e início de 1980. Ver: PEREIRA, Ronielysson Cezar Souza. **“Gay-macho”, “travesti” ou “bicha pintosa”? produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal o Lampião da Esquina (1978-1981)**. Mestrado em História UEPR, 2011.

A primeira imagem, veiculada em 1976 pelo Jornal da *Baía de São Francisco*, indicava que a vida noturna proporcionava lazer aos trabalhadores de construção civil e, de modo mais amplo, aos homens, representando-os com capacete de proteção e jaqueta despojada sem camisa por dentro, sinalizando desinibição e convites implícitos ao sexo.

A segunda imagem, de 1978, publicada no jornal *Our Own*, retratava o espaço *No World Pinch's*, apontado como local de socialização para mixagem de drinks e apreciação musical dançante, acompanhado de opções gastronômicas como sanduíches, hambúrgueres, saladas e omeletes. Por fim, a terceira imagem, o *Lampião da Esquina*, também de 1978, apresentava um estabelecimento comercial voltado para encontros sexuais entre homens nos Estados Unidos, tematizado com referência ao Rio de Janeiro, possivelmente simbolizando a crença em uma liberdade sexual associada às cariocas, evidenciando a intensa circulação cultural transcontinental.

O intercâmbio dos territórios de desejo homoerótico era recorrente entre homens de diferentes continentes, com destaque para os Estados Unidos. Em 1970, o jornal alternativo *Gay Sunshine* informava que a maior comunidade gay da América Latina encontrava-se em São Paulo, em locais como Largo do Arouche, Praça da República, Vieira de Carvalho, Avenida Ipiranga e Praça Roosevelt. No Rio de Janeiro, a praia de Copacabana era frequentemente habitada por práticas homoeróticas. Dessa forma, publicações como *Gay Sunshine* e, posteriormente, o *Lampião da Esquina*, buscavam iluminar não apenas as esquinas, mas também as mentes dos leitores, promovendo uma leitura das masculinidades e do desejo sexual originalmente filtrada pela ótica heteronormativa, ainda que em diálogo com expressões emergentes da subcultura homoerótica³⁹¹.

Na perspectiva de parcela da sociedade brasileira, a articulação da vida como fruição erótica e sexual era consequentemente marcada por práticas hedonistas e distanciadas da culpa cristã, da moral e dos bons costumes. Esse sentimento provocava um misto de sensações ambíguas ou contraditórias, como a curiosidade e a culpa, também entre adeptos da subcultura homoerótica, que estabeleciam diferentes diálogos com esse modo de vida. Uma forma de dialogar com esse discurso manifesta-se no mercado erótico e sexual, por meio do apelo às práticas consideradas próprias da natureza. Nesse contexto, o desejo irrefreável é apresentado como expressão vital, legitimando múltiplos modos de existência não domesticados.

Assim, o imaginário da natureza e da vida selvagem era explorado em propagandas e espaços de sociabilidade homoerótica, como exemplificado pelo *The Giraffe* e pelo *Lion Club*

³⁹¹ GAY SUNSHINE, Berkeley. Califórnia, 1970, n1, p.1

de São Francisco, locais destinados a encontros sexuais entre homens. Em particular, a iconografia de um leão em interação sexual com um homem sugeria a celebração do desejo ligado ao lado mais selvagem da vida, estabelecendo um contraste com a existência assujeitada às normas sociais, ao mesmo tempo em que reforçava a estética da “arte selvagem” como forma de expressão da liberdade e do prazer.

Imagem 59: *Giraffe* (à esquerda); *Lion Pub* (à direita).



Fonte: BAY AREA REPORTER, 1979, v. 9, n. 9 p.5; MANDATE MAGAZINE, ed. 02, p. 66.

Na primeira imagem, *The Giraffe* apresentava-se como um espaço destinado a encontros sexuais entre homens, tematizado de modo a remeter a uma caçada na savana africana, evidenciado pela ausência de vestimentas e pela presença simbólica de uma girafa com supercílios destacados. Inicialmente, esses estabelecimentos eram guetizados, frequentados apenas por homens “assumidos” em clubes restritos, surgidos como pequenas fraternidades para proteção diante de uma sociedade que considerava práticas homoeróticas como desvios mentais, passíveis de intervenção médica coercitiva, como a lobotomia³⁹².

Em outra configuração de lazer noturno, o *Lion Pub* articulava a referência ao animal selvagem como metáfora de virilidade e poder, remetendo a códigos visuais anteriores, como a cultura do couro no Brasil e o uso de peles para distinção social, decoração e adereços. A imagem do leão sobre um homem despido, utilizada na publicidade do bar, reforçava o desejo homoerótico de contato sexual com indivíduos associados à força e à autoridade simbólica do leão, considerado rei da cadeia alimentar³⁹³.

Ademais, esse imaginário e a erotização da virilidade eram recorrentes em produções culturais, como poemas publicados no jornal alternativo *Real Life Divine*, a exemplo do poema

³⁹² GREEN, James. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: editora Unesp, 2019.

³⁹³ Trata-se de uma metáfora e não de apologia à zoofilia. Embora o corpo feminino tenha sido erotizado e objetificado de maneira recorrente, nos espaços comerciais de comunidades homoeróticas, essa objetificação e a articulação ao universo da natureza selvagem recaíam sobre o corpo masculino, subvertendo códigos tradicionais de gênero e reconfigurando imaginários de virilidade e desejo. Ver: ADAMS, Carol J. **The Pornography of Meat**. Bloomsbury Academic: NY, Estados Unidos, 2003.

Leather, que evidenciava a centralidade do corpo, do desejo e dos signos de poder na construção da experiência homoerótica nesses espaços:

Se eu pudesse ter o meu caminho, eu me levaria a uma clareira e suplicaria aos deuses que me enviassem um touro / urso / buck para os homens. Eu ficaria pelado na clareira, sob uma longa capa reta e esperava. E então, vinha o touro/ urso/ buck, a lua em seus chifres ou orvalho em sua pele, ou visco em seus chifres como um carvalho assustado ambulante. [...] Eu saberia quando ele começaria a esguichar na minha bunda. Quando o fazia, eu o matava. Eu cortava sua garganta brilhante, sentia o líquido quente escorrer sentir calor no meu corpo, sentir esquentar minha bunda³⁹⁴.

O poema de Jason Quicksilver estabelece comparações entre a cultura do couro no submundo gay e referências aos animais do Touro e do Urso, sugerindo que a prática sexual entre homens possuía uma conotação selvagem. A *Real Life Divine* publica poesias e paralelos entre o campo e a cidade, dirigidos a leitores gays, nos quais a imaginação do autor mobiliza elementos de seu contexto, evocando a natureza, a magia da lua e das estrelas, das montanhas e das flores, ressaltando habilidades necessárias para sobreviver a outras cidades ou jornadas, em busca de conexão com a própria alma. A fantasia erótica se apresenta contextualizada, variando de acordo com os elementos do meio em que se insere.

A experiência desses leitores indica um desejo de se relacionar com indivíduos que exibissem características rústicas ou selvagens, denotando liberdade ou, eventualmente, egoísmo. Esses indivíduos participavam de subgrupos definidos por práticas comuns, centradas em atividades de prazer, valorização da intelectualidade e das artes. Nesse sentido, a poesia constitui-se como forma de expressão artística intimamente ligada ao universo cultural homoerótico, assim como a moda, tendências artísticas, recomendações de locais de lazer e colunas de fofocas, observadas em periódicos voltados a públicos de homens e mulheres com perfil homoerótico, como *Real Life Divine*, *Mandate Magazine* e *Bay Area Reporter*.

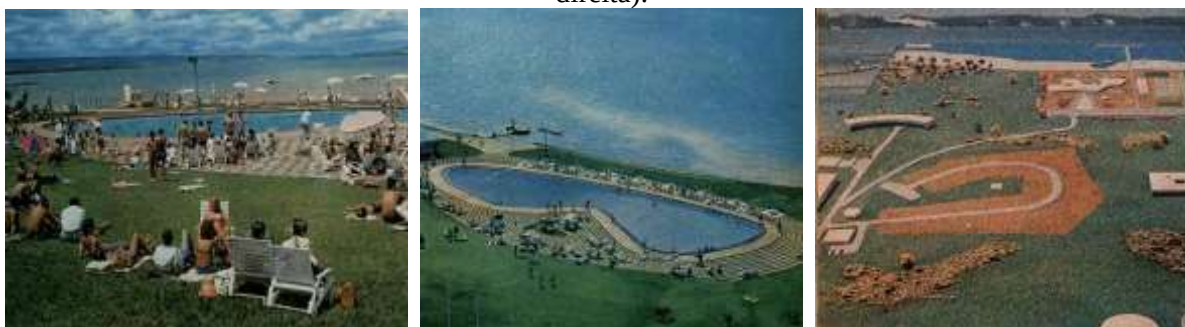
Essa dimensão da cultura homoerótica, voltada à valorização de práticas, expressões artísticas e identidades subversivas, contrasta com a forma como o desejo sexual masculino era mediado no contexto brasileiro, marcado por uma vigilância institucional e social mais intensa. Enquanto os periódicos internacionais promoviam a circulação de referências, fantasias e experiências de liberdade, os jornais e revistas nacionais, mesmo ao documentar clubes e espaços de lazer, naturalizavam uma perspectiva distante e controladora, regulando a visibilidade dos corpos e do prazer. Assim, emerge um contraste entre a possibilidade de

³⁹⁴ REAL LIFE DIVINE, 1977, p.12

construção de identidades eróticas e a tentativa do Estado de disciplinar e domesticar esses corpos, evidenciando que o espaço público brasileiro se encontrava tensionado entre expressão cultural, moralidade normativa e práticas de poder sobre o corpo homoerótico.

Assim, no contexto brasileiro, os clubes e demais espaços de fruição e lazer eram frequentemente retratados em revistas e fotojornais de grande circulação, como a *Manchete*. Exemplos em capitais como Brasília e Florianópolis demonstram a intenção do Estado em projetar o território nacional como símbolo de distinção e modernidade, distanciando, no entanto, do desejo sexual ou erótico, evidenciado pela perspectiva visual de cima ou distante das pessoas, sublinhando o controle da visibilidade social dos corpos em espaços públicos:

Imagem 60: Club em Brasília (à esquerda); Piscina do Iate Club (ao centro); Lagoa da Conceição (à direita).



Fonte: MANCHETE, Melo Filho, Murilo. Reportagem. Brasília: no ano quinto, o sexto presidente. Fotos de Jäder Neves e Gervásio Batista. 1964, ed 628, p. 48/49; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1969, ed. 877, p. 66.

Em 1964, uma propaganda da *Manchete* apresentava o clube como espaço destinado a saudade das praias para as famílias de Brasília, multiplicando clubes elegantes e promovendo uma atmosfera de otimismo para os moradores da nova capital, que aos finais de semana podiam usufruir de banho de sol, pescaria ou prática de natação. A piscina do Iate Club, destacada na propaganda como símbolo de distinção social, afirmava que apenas a elite frequentava esses territórios de prazer e lazer. O Distrito Federal emergia projetado para a eternidade e como referência de confiança nacional, transformando a face da nação e influenciando a percepção de si em nível coletivo, além de proporcionar qualidade de vida. Posteriormente, em 1969, a revista evidenciou a Lagoa da Conceição, em Florianópolis, como destino turístico badalado.

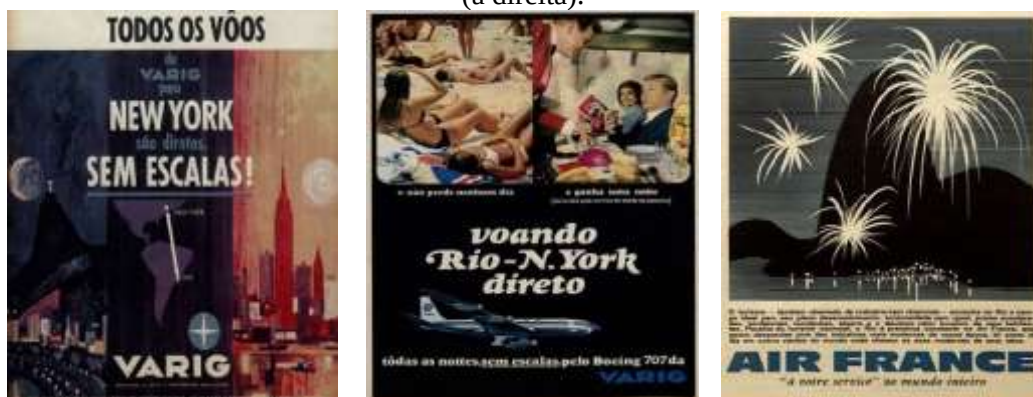
Dentro desse contexto de distinção social, os espaços de fruição homoerótica emergiam em tensões com a ordem oficial e os padrões de comportamento promovidos pelo regime. Enquanto Brasília e Florianópolis eram projetadas como vitrines de progresso, assepsia e sucesso, as comunidades homoeróticas desenvolviam territórios de prazer alternativos, nos quais o corpo e o desejo se articulavam de forma a escapar do controle moral e sexual institucionalizado. Esses espaços comerciais e culturais, como clubes, bares e periódicos

especializados, possibilitavam o encontro de sujeitos que transgrediam normas de gênero e sexualidade, experimentando modos de sociabilidade e formas de lazer que subvertiam o projeto de normalidade e a distribuição de poder construída pelo Estado. A circulação de imagens, poesias, anúncios e orientações sobre lugares de fruição funcionava, assim, como uma estratégia de visibilidade e resistência, permitindo que a comunidade homoerótica construísse práticas de liberdade e identidade mesmo em meio a um regime autoritário e a uma sociedade marcada por valores patriarcais e moralistas.

As imagens refletem o projeto de Brasília como plano piloto de desenvolvimento nacional, assim como o de Florianópolis, transmitindo uma percepção de assepsia que desconsiderava a vida dinâmica e as múltiplas formas de manifestação do desejo. Esse processo integrava a fabricação de contextos para um regime de verdade, em que a inteligibilidade cultural compartilhava aspectos exploratórios, marcada pelo receio de perseguição e por uma perspectiva conservadora. O sistema civil-militar alinhava-se a segmentos masculinos de diferentes classes sociais, operando a partir de uma filosofia de vida inspirada no *self-made man*, que consolidava a distinção entre os homens de “sucesso”, representativos da nação, e aqueles considerados “fracassados” perante o capitalismo, incluindo beats, hippies, punks e sujeitos tidos como subversivos ou comunistas.

O considerado subversivo moral conseguia se estabelecer no ambiente considerado desenvolvimentista, atravessado por uma perspectiva internacionalista ou por uma ótica nacionalista, a partir de variadas táticas e estratégias de vivência e de sobrevivência, principalmente porque, em sua maioria, os membros da comunidade homoerótica não se opunham ao estilo de vida capitalista e/ou glamourizada que o acesso aos bens de capital poderiam possibilitar. Nesse ponto, o intercâmbio de ideias e de corpos para turismo sexual era facilmente acessado, como demonstram as propagandas em revistas das viagens de avião:

Imagem 61: New York sem escalas (à esquerda); Voando Rio - N. York direto (ao centro); Air France (à direita).



Fonte: CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1964, ed 13, p. 85; MANCHETE, Rio de Janeiro. Propaganda. 1968, ed. 833, p. 70. MANCHETE, Rio de Janeiro. Propaganda. Air France. 1969, ed. 877, p. 69.

Em 1964, O *Cruzeiro* divulgava propagandas de passagens de companhias aéreas com maior conforto e comodidade para as pessoas viajarem do Rio de Janeiro para New York sem escalas, durante o período noturno, como uma promessa de bem-estar do Boeing 707 da empresa Varig, uma viagem noturna com menor turbulência, jantar farto, sono e tranquilidade. Em 1968, a *Manchete* evidenciava que o transporte do Rio de Janeiro para New York poderia ser realizado de forma direta, sem conexão em outro aeroporto ou inconveniência. Por fim, em 1969, a *Manchete* evidenciou também a empresa aérea francesa, *Air France*, ao investir no cenário de fogos de artifício com o Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro, ao fundo, que além de reforçar a imagem do Brasil como símbolo de festividade, agencia silenciosamente aos leitores uma demanda de desejo de consumo desses produtos que se estabelecem como signo de “verdadeira” fruição.

Com certa regularidade, as revistas informavam detalhes da vida de conexão, voos e aeroportos. Em 1971, a *Manchete* informou aos leitores que o curso de formação de Escola de Comissários da VARIG diplomou uma turma com vinte e oito comissários, onze moças e dezessete rapazes que se tornaram aptos para o desempenho das funções nas linhas nacionais e internacionais³⁹⁵. Essa escola era importante pois, no que se refere ao trabalho das aeromoças, havia uma técnica a ser aprendida sobre como se portar diante do público consumidor, onde beleza, boa aparência e sorriso eram exigências fundamentais para o emprego de comissária de bordo. Já, para os comissários, a exigência era importante, mas ficava nitidamente em segundo plano se comparado ao perfil feminino. O local do masculino estava mais voltado para a formação dos pilotos e para o passageiro. Ambas as representações emergiam como parte da imagem do homem de sucesso que faz a si mesmo e que alcança lugares quase inacessíveis devido aos próprios méritos³⁹⁶. Logo, o ensinamento era sobre disciplinar o corpo para despertar uma sensação de conforto no outro, de forma que os comissários e as comissárias também produziam a si mesmos, permitindo a existência de um malabarismo sentimental³⁹⁷.

³⁹⁵ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1971, ed. 1016, p. 102

³⁹⁶ Nessa relação dos comissários de bordo, Hochschild elaborou o conceito do manejo das emoções como uma técnica elaborada em um trabalho emocional que se desenvolve de acordo com as interações do meio, uma forma de adequar as emoções para adequar as expectativas sociais, algo possível apenas quando não estão sentindo essas emoções e a partir de um treinamento. Ver: HOSCHSCHILD, Arlie Russell. **The Managed Heart: commercialization of human feeling**. Berkley, University of California Press, 1983.

³⁹⁷ Na Escola de Comissários de Bordo, o ensino sobre a performance das aeromoças não representava uma relação servil, pois a disciplina das comissárias indicava que o manejo sentimental era fundamental para algumas relações de trabalho. A adaptação do corpo ao ambiente demonstrou ser uma técnica valiosa de sobrevivência no capitalismo, pois no caso específico dos comissários e comissárias, onde o ambiente demonstrava ser de valorização a um conjunto de aspectos considerados, em certa medida, elitista, classista, racista e misógino, devido

Assim, as emoções podiam ser moldadas de acordo com as expectativas sociais, em detrimento de uma espontaneidade maior da pessoa, em um movimento de modulação das emoções que não se trata apenas em uma questão de disciplina do corpo trabalhador, mas se emaranha em amplas relações com o poder na captura dos fluxos do desejo, seja no mercado, no governo e nas relações mais íntimas, algo capaz de elaborar uma performance de “submissão”, de “fascínio” e de “consentimento” a um regime autoritário, bem como possibilitava o engendramento de performances socialmente aceitas para esconder possíveis interações homoeróticas, uma tática de passabilidade de muitos homens que resistiam a uma identidade homossexual-gay, e/ou, buscavam integrar um entre-lugar da verdade sexual a depender dos ambientes sociais em que interagem e o sentimento que se busca atingir.

Apesar de os elementos brasileiros remeterem a oportunidades de fruição aparentemente não eróticas, inúmeros homens e mulheres percorriam os circuitos de prazer dos grandes centros urbanos por meio de serviços associados à modernidade, como as viagens de avião e as redes de intercâmbio cultural, exemplificadas em espaços como a discoteca *El Rio*. Nesse sentido, não apenas surgiram lugares ambíguos de sociabilidade e prazer, mas também territórios explicitamente criados para a vivência do desejo homoerótico, os quais passaram a ocupar as páginas de jornais alternativos, como o *Lampião da Esquina*.

A emergência desses espaços, à revelia do Estado, operava como uma zona de sombra em relação aos comportamentos tidos como aceitáveis pela moral dominante e pelo senso comum de setores da sociedade civil. À medida que a truculência estatal passou a ser contestada, tais experiências converteram-se em momentos dignos de rememoração. Não se configuraram, contudo, como marcos inaugurais de uma tradição ou de uma contestação linear, mas foram constantemente reapropriados pelo movimento de liberação homoerótica e pelo mercado sexual. Esse processo investiu na valorização da resistência inscrita em episódios paradigmáticos, como a rebelião no bar estadunidense *Stonewall* e, no Brasil, o ocorrido no *Ferro's Bar*, entre outros espaços que se tornaram símbolos de luta e afirmação coletiva³⁹⁸.

O jornal alternativo *Lampião Da Esquina* evidenciou bares, boates, cinemas, como um mundo novo, locais materializados no *The Club* em Copacabana, na boate *266 West* e na boate *Sotão*, localizado na Galeria Alaska. Além disso, deu visibilidade ao triângulo da badalação composto pela Cinelândia e Galeria Alaska no Rio de Janeiro, e a Avenida São João em São

à pouca democratização do acesso às viagens de avião, no período em estudo, não se poderia tolerar uma postura engajada em “revolucionar o mundo”. Ver: BONELLI, Maria da Glória. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. **Cadernos Pagu** (21) 2003: pp.357-372.

³⁹⁸ SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora Lins. Do gueto ao mercado. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

Paulo³⁹⁹. Assim, as ruas mais conhecidas, tidas como badaladas, geralmente, possuíam uma significação diversa durante o dia, como nos grandes centros onde atuavam durante a parte diurna o grande comércio e durante a noite os locais se enveredavam por um aspecto maior de liberdade sexual e interação urbana. Dessa forma, os locais de encontro entre homens em todo o território brasileiro, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Fortaleza, os considerados pelos editores os melhores bares, saunas, clubes *gays* do período.

Em contexto internacional, cidades foram frequentemente descritas por jornais de grande circulação como “guetos gays”, entendidos como redutos de pessoas dissidentes sexuais que se reuniam para se proteger da hostilidade de setores antigays, da instituição familiar e da sociedade heteronormativa, considerada mais violenta. À medida que um número crescente de indivíduos se unia em defesa de seus direitos e modos de vida, surgiram dinâmicas complexas de interação social, como no Distrito de São Francisco, onde pequenas diferenças sociais se articulavam dentro desses espaços de proteção coletiva⁴⁰⁰.

A articulação do mercado sexual com a fantasia erótica levou à multiplicação de produtos e locais específicos para encontros sexuais. Muitos desses espaços apropriavam-se de elementos de uma matriz cultural de inteligibilidade em que a virilidade era central para a experiência de gozo. Assim, imagens construídas sobre o corpo do operário, do motoqueiro, do cowboy, do toureiro ou do policial, eram acionados e explorados para moldar a experiência erótica e comercial desses ambientes:

Imagem 62: *El Matador* (à esquerda); *Cowboy & Cowgirl* (à esquerda); *Paradise PCS Club* (ao centro); *The club baths* (à direita); *The club baths* (à direita).



Fonte: Mandate Magazine, ed 01, 1977, P 56/59/62; Mandate Magazine, ed. 02, p. 60/76.

A primeira imagem reflete a representação de um toureiro, o local para *El Matador*, semelhante à estética do Zorro em cena. A segunda imagem demonstra um local reservado para

³⁹⁹REPORTAGEM. Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação – Cinelândia, Alaska, São João (Antônio Chrysóstomo). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ed. 01, mai/jun 1978, p. 05.

⁴⁰⁰ POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?. In: BÉJIN, André; ARIÉS, Philippe (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Editora Brasiliense, 1985.

apreciadores do couro, estilo *Cowboy & Cowgirl*, aberto todos os dias. A terceira imagem, para todos os homens, o estilo da fantasia é policial, com algemas na cintura, coturnos e dog tag, a *Paradise PCS Club* investia até altas horas para seus clientes. A quarta e a quinta imagem se referem a casas de banho, saunas, locais comerciais para homens que em teoria buscavam o relaxamento de um spa, mas que na prática era direcionada para o estabelecimento de interações sexuais furtivas e rápidas. O conjunto das imagens demonstra que o *boom* gay no mercado sexual vai ganhando contornos específicos, possibilitando aos sujeitos o contato direto com suas fantasias eróticas.

Os cartazes de propaganda de estabelecimentos comerciais, como *sex clubs*, boates e *bathhouses*, entre outros locais de encontro entre homens, reforçavam o estatuto extra-humano desses ambientes e, por extensão, das experiências de sexo, sexualidade e individualidade gays. Ao exibir homens seminus, cenas de sexo, consumo de comida e bebida, e o uso de psicotrópicos, esses materiais alteravam de forma decisiva o desejo e os parâmetros do estímulo erótico, construindo uma estética e uma lógica própria de prazer dissidente⁴⁰¹.

A disseminação de locais comerciais para encontros sexuais, como *baths*, saunas e clubes de diferentes subculturas homoeróticas, além de *Pool Party*, *Wild Party*, *Afters* e afins, demonstrava ser algo espetacularizado nos jornais alternativos homoeróticos, evidenciando contornos eróticos de certas regiões corporais e o glamour de participar dessa experiência “gay” urbana como forma estratégica de se retroalimentar do capital. Ao agenciar o desejo e alimentar as fantasias homoeróticas em locais reais, se tornou possível exercer maior autonomia em níveis de organização social que não teria caso não houvesse o investimento coletivo em espaços e encontrando motivos para estar juntos, mesmo que mediado pelo capital. Afinal, a criação de bens e serviços em uma economia moderna se baseia em capacidades compartilhadas e trabalho cooperativo, onde seus produtos são fortemente generificados e sua riqueza também é distribuída de maneira generificada⁴⁰².

Ademais, o momento de maior individualismo face ao estilo de vida comunitário e totalizante, a crise dos valores tradicionais expondo suas fissuras de modo de vida heteronormativo, somado à influência da conjuntura norte-americana promoviam com maior facilidade a configuração de guetos. Dessa forma, o *Coming out* não se tratava apenas de sair

⁴⁰¹ Gois analisa cartazes de *bathhouses* em que os sujeitos aparecem inclusive com ornamentos de chifres, em um tipo de gravura que tipificava a representação da subcultura gay como um todo infernal e habitada por seres diabólicos – uma representação corroborada pela própria temperatura produzida por sauna a vapor e ausência de adequada ventilação –, dessa forma, as *bathhouses* eram reafirmadas como locus privilegiado da promiscuidade. Ver: GÓIS, J. B. H., Olhos e Ouvidos Públicos para Atos (Quase) Privados. **PHYSIS**: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 10(2): 75-99, 2000

⁴⁰² CONNEL, Raewyn. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: nVersos, 2015.

do armário e ir a público; seria antes de tudo sair de casa, abandonar vínculos normativos. afirmar-se em qualquer instância implicaria também aceitar as consequências do possível desgosto familiar, das normas tradicionais. Sair de casa em busca de semelhantes e desejos seria em resumo um exercício de não-submissão. As imagens abaixo evidenciam o jornal da comunidade gay da baía de São Francisco, *Bay Area Reporter*, dialogando em momentos diferentes a partir de um mesmo discurso:

Imagem 63: *Orphan Andys* (à esquerda); *I am your Son* (à esquerda); *Live where the boys are!* (à direita); *Brothel Hotel* (à direita).



Fonte: Bay Area Reporter, 1984, p. 19; Bay Area Reporter, V. 8, N 13, P. 2; Bay Area Reporter, V.9, N.3, 1979, p. 37; Bay Area Reporter, 1979, v. 9, n. 9 p. 16.

Na figura à esquerda, um restaurante denominado Orfanato do Andy, aberto vinte e quatro horas por dia e que funcionava também como supermercado e conveniência. A segunda imagem mostra um rapaz segurando uma placa com a informação de que a identidade sexual homoerótica não era motivo de repulsa, mas de acolhimento. Ao escrever que não se tratava de molestadores de crianças, o cartaz contesta o discurso discriminatório sobre o desejo homoerótico, informando que eles eram as crianças a quem a força desse discurso pretendia proteger. A terceira imagem mostra a propaganda “More onde os garotos estão”, dos Estúdios Miramar, localizado bem no coração de São Francisco, conveniente para o transporte e para o trabalho, descrito ainda como um edifício renovado com apartamentos para rapazes que queriam um lugar especial para viver em contratos semanais ou mensais. A quarta imagem, o *Brothel Hotel* foi uma casa de banho para cowboys, local destinado para encontros sexuais entre homens que tinham desenhos de braços em referência a um ideal imaginário de masculinidade, demonstrando a apropriação de códigos de virilidade pelo mercado gay.

As diversas propagandas de estabelecimentos destinados a encontros sexuais entre homens surgiam acompanhadas de imagens de braços fortes e mãos dadas, sinalizando a apropriação de códigos de masculinidade ligados ao corpo robusto e disciplinado. Elementos como braços, bigodes e pelos corporais, presentes em numerosas campanhas do mercado

erótico internacional, reforçavam valores de virilidade, central na construção da masculinidade considerada “autêntica”, e atribuíam caráter masculino às fraternidades masculinas retratadas em jornais homoeróticos de São Francisco, como o *Bay Area Reporter*.

O conjunto dessas imagens evidencia como indivíduos gays se organizaram para formar redes de proteção frente a uma sociedade que percebia a dissidência sexual como erro de caráter ou anormalidade. Nesse contexto, o coming out integrava uma cultura de diáspora gay rumo aos grandes centros urbanos, dando origem a espaços guetizados, como o Distrito Castro em São Francisco, habitado majoritariamente por homens gays. Esse fenômeno reflete um momento histórico em que a dissidência sexual era frequentemente marginalizada do seio familiar, seja por saída voluntária, seja por expulsão, consolidando territórios de sociabilidade e resistência que moldaram a experiência coletiva de identidade e proteção.

Convém ressaltar que o público leitor desses jornais alternativos homoeróticos era, em grande parte, socializado a partir dos códigos da heteronorma, vivendo sob a constante possibilidade de expulsão ou autoexílio. A ameaça de ser expulso do lar em função da orientação sexual configurava uma questão central para homens com vida sexual ativa ou com trejeitos considerados femininos, já que o direito à moradia garantia o acesso a todos os demais direitos necessários para viver com dignidade. Por esse motivo, filmes como *Dois perdidos numa noite suja* faziam sucesso, pois estavam em sintonia com uma época em que o desejo de escapar dos laços familiares e da vigilância de rostos conhecidos era intenso, mas raramente concretizado. O enredo desse tipo de fantasia enfatizava a primeira noite de um homem e a transgressão de diversos tabus, sem heróis, estrelas, glamour ou violência, retratando apenas a crueza e a intensidade da “noite suja” nos grandes centros urbanos.

Nesse período, a publicidade para *Gay Roommates* era um acordo simples, consistia na constituição de serviços nos classificados dos jornais próprios para homossexuais. Era uma rede de apoio para esse jovem sem família, que buscava serviços, quartos para dividir e também diversão, encontros e paqueras⁴⁰³. Nesse sentido, esses periódicos possibilitaram a formação de uma rede de apoio, na medida em que se mediava o diálogo dessas angústias em comum, a busca por *roommates*, encontros, empregos, viagens, tudo isso surge como sintoma dessa força centrífuga desses jovens com desejos dissidentes.

A prática de compartilhar apartamento foi uma característica marcante para as novas famílias, uma forma de lidar com o fenômeno da coabitação juvenil⁴⁰⁴. Essa modalidade não

⁴⁰³ BAY AREA REPORTER, v.9, n.2, 1979, p. 34,

⁴⁰⁴ A ideia de coabitação juvenil é uma contribuição de Louis Roussel, o qual constatou em suas pesquisas realizadas em 1977 que uma quantidade exponencial de jovens vivia em coabitação com seus parceiros em certo

era uma prática reservada a poucos setores da sociedade, amigos em repúblicas e casais considerados heterossexuais e/ou homossexuais se valiam disso. Mas a coabitação entre jovens ditos homossexuais era considerada mais pertinente, tendo em vista que o percurso tradicional da formação da família tradicional não possuía legitimidade social segundo o que se consideravam bons costumes, fazendo com que muitas fases fossem puladas durante o processo, uma vez que a casa, enquanto moradia, fosse pensada antes como um abrigo do mundo.

No caso brasileiro, o *Lampião da Esquina* demonstrou através da coluna *troca-troca*, como os leitores também buscavam amizades homoeróticas, queriam encontrar um amor, sexo casual e diversão, e estabelecer um projeto a longo prazo juntos. O exemplo da carta de Daniel Gustavo ao afirmar “Problemáticos - Sou entendido e estou com problemas e a única forma de resolvê-los é me casando. Para isso preciso de alguém entre 18 e 26 anos que também tenha problemas com a família, para chegar a um acordo⁴⁰⁵. Outro exemplo: “Quero dividir casa com o homem que escolherei. Sou moreno. 24 anos, 1.85m. 67 kg, voltando de cinco anos vividos em Paris. Louco por Arte, música, Literatura, vida. Foto na l carta⁴⁰⁶”.

Nesse momento, a representação da família tradicional, bem como as circunstâncias e os significados sobre a pluralidade das práticas sexuais causavam embates sociais com diferentes instituições, conflitos psicológicos em prol da construção de si mesmo, entre outros fatores. Nesse espaço do jornal, era possível buscar táticas para fruição do desejo, bem como lidar com a heteronorma ao buscar casamentos como uma forma de contrato de aparências, em razão dos ditames da moralidade, logo dentro do horizonte de possibilidades, o sujeito poderia buscar um *álibi* para manter sua aparência e o segredo de seus desejos⁴⁰⁷.

Essas cartas revelam como as subjetividades desses indivíduos frequentemente os submetiam a processos dolorosos de não aceitação, evidenciando contornos psicológicos, sociais e culturais na compreensão da pluralidade das práticas sexuais e das performances de gênero. Tais experiências se desenrolam entre linhas de fuga e linhas rígidas de poder, articulando-se também a dimensões mais amplas, como fatores econômicos, que podiam influenciar significativamente as decisões de vida, além de motivações políticas, espirituais e outras que moldavam suas trajetórias e escolhas.

período da vida, considerando esta prática uma reconfiguração da sexualidade ocidental após a revolução sexual. Ver: BÉJIN, André. O casamento extraconjugal nos dias de hoje. In: BÉJIN, André; ARIËS, Philippe (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Editora Brasiliense, 1985.

⁴⁰⁵LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro. Troca-Troca, Problemáticos. jan. Ed. 32, 1981, p. 02.

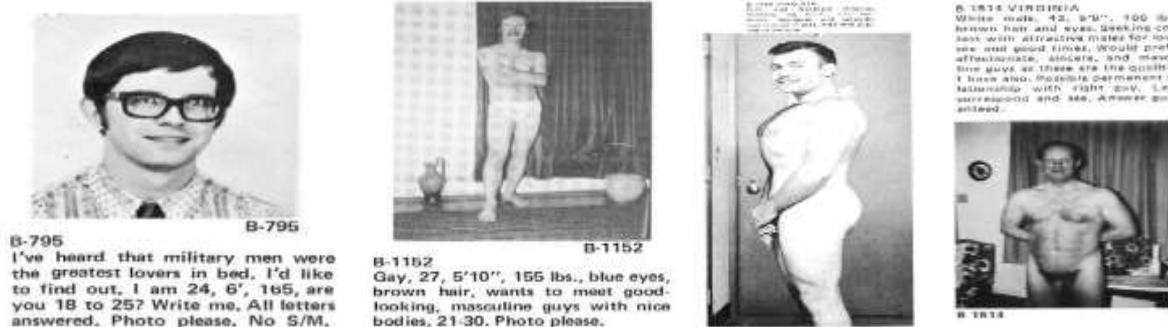
⁴⁰⁶LAMPIÃO DA ESQUINA, Rio de Janeiro. Troca-Troca, Quero dividir casa, H. C. — Rua Capote out, 1980. Ed. 29, p. 04.

⁴⁰⁷GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

No Brasil, a troca de cartas entre pessoas com desejo homoerótico também foi mediado por alguns jornais, entre eles, o *Lampião da Esquina* que em suas trinta e sete edições publicadas entre 1978 a 1981, teve 20 tiragens com a coluna *troca-troca* a contar da ed. nº 18 de novembro de 1979 até sua última ed. nº 37, em junho de 1981⁴⁰⁸. Nessa interação, os estados com maior número de cartas partiram do Rio de Janeiro e de São Paulo, além de estrangeiros que eram residentes no Brasil, relevando o intercâmbio cultural e erótico do período, uma vez que predominantemente pediam fotos desinibidas logo na primeira carta, que era correspondida ou não, a depender do estímulo sexual deixado em mensagem descritiva de si, a exemplo de expressões como boa aparência, bem dotado, atlético e forte, recorrentemente informadas. Nesse momento, a complexidade nos encontros casuais poderia sortear pessoas aleatórias, não especificamente dentro do ideal de desejo esperado pelo sujeito, por isso as informações ajudavam a estabelecer melhores conexões.

No contexto internacional, no fim da década de 1960, o jornal alternativo *Gay Hot Line* da Philadelphia, nos Estados Unidos, custava seis dólares e cobrava dezesseis dólares para publicar cartas de leitores que fossem acima de vinte e um anos e dentro dos limites legais, sem intenção fraudulenta ou depreciativa. Assim, costumeiramente, as cartas exigiam fotos na primeira carta e também enviavam a própria foto para divulgação, possibilitando o desdobramento de um fetiche por exibicionismo ou/e apenas uma expressão de autoconfiança masculina, entre outras interpretações:

Imagem 64: *Gay Hot Line*.



Fonte: gay hot line 5, p. 4; *Gay Hot Line* 5, p. 22; *Gay Hot Line*, v. 7, p. 42; Gay hot line⁴⁰⁹

⁴⁰⁸ Nestas páginas, a contribuição de 343 leitores que enviaram cartas de quase todas as regiões do país: Rio de Janeiro (112), São Paulo (73), Rio Grande do Sul (40), Santa Catarina (26), Pernambuco (14), Minas Gerais (13), Paraná (12), Bahia (11), Distrito Federal (8), Ceará (7), Goiás (6), Alagoas (2), Paraíba (2), Rio Grande do Norte (1), Roraima (1), Espírito Santo (1), Minas Gerais (1), Acre (1) e Piauí (1), no exterior foram 10 ao total, Portugal (3), EUA (2), Venezuela (2), Canadá (1), Uruguai (1) e Austrália (1). Pesquisa realizada em dissertação, ver: MELO, K. *À Meia-Luz do Lampião: práticas homoeróticas no Brasil da abertura (1978-1981)*. Dissertação em História do Brasil no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil PPGHB-UFPI, 2020.

⁴⁰⁹ GAY HOT LINE, v. 7, p. 42

As fantasias eróticas emergiam muito objetivamente e de forma acelerada, a exemplo da primeira imagem superior à esquerda, “Ouvi dizer que os militares são os maiores amantes na cama. Eu gostaria de descobrir. Eu tenho 24 anos. Você tem 18 e 25 anos? todas as cartas serão respondidas. Não Sadomasoquista”. A imagem seguinte à esquerda, informa “Gay, com 27 anos, olhos azuis e cabelo marrom, quer conhecer pessoas de boa aparência, homens masculinos e com corpos legais, entre 21 a 30 anos. Por favor foto na carta resposta”. A terceira imagem, “de Virgínia, militar, 30 anos, bem equipado e versátil, querendo encontrar-se com alguém da região. Gosta de bondage e dominação, ativo ou passivo”. Na quarta imagem, um homem que se descreve como branco de 43 anos, com cabelo e olhos marrons, buscava contato com outros homens atraentes para relacionamento afetivo e sexual, desejando mais passar tempo de qualidade. Afirmava que tinha preferência por afetos, sinceridade e homens com qualidades masculinas.

A coluna destinada à troca de cartas revelava-se dinâmica e complexa, onde os homens inseridos nesse circuito buscavam parceiros ao mesmo tempo em que competiam por atenção, valendo-se de outros cartões informativos e de práticas plurais de sedução e estratégias de engano. Predominavam a extrema capacidade de síntese, a valorização de atributos considerados viris e jovens, a referência a universos fetichistas e sadomasoquistas, bem como o envio de fotografias.

As fotografias eram cuidadosamente planejadas e posicionadas para provocar desejo sexual, permitindo ao sujeito capturar o leitor por meio de atributos corporais distintivos, enquanto as palavras transmitiam aspectos mais subjetivos, como preferências sexuais e capital cultural. Dessa forma, as imagens passaram a adentrar os periódicos e a redefinir as regras do jogo do flerte, com os mais desinibidos enviando fotografias para atestar a veracidade das informações que compartilhavam. Nesse jogo de sedução, as fotos mais ousadas aumentavam as chances de receber respostas, sem que houvesse restrição quanto ao corpo retratado. Consequentemente, muitas imagens não correspondiam exatamente à idade em que a carta foi escrita. Além disso, fotos mais tímidas, muitas vezes do tipo 3x4 usadas para documentos formais, podiam apresentar a aparência desatualizada, já que eram produzidas em grande quantidade e demoravam a ser renovadas, levantando dúvidas sobre sua veracidade ou a correspondência entre corpo e imagem.

Em jornais e periódicos voltados especificamente à comunidade gay, observava-se uma divulgação mais intensa e segmentada, direcionada a homens interessados em prazeres que incluíam alguma forma de violência consensual. Esse tipo de publicidade dialogava diretamente com a dinâmica das colunas de cartas e do envio de fotografias, pois ambos os meios

articulavam códigos compartilhados de sedução, atributos corporais e preferências eróticas. Assim, os periódicos funcionavam como mediadores culturais, reforçando práticas homoeróticas específicas, mapeando desejos e performances, e consolidando uma rede de sociabilidade e visibilidade sexual que transcendia os limites do espaço doméstico e familiar. Por exemplo, os contatos estabelecidos pela revista *Drummer*, contava com a troca de cartas de pessoas em Califórnia⁴¹⁰, em São Francisco⁴¹¹, em Colorado⁴¹² e outros lugares.

A existência de uma rede de troca de cartas entre homens, mediada por diversos jornais alternativos homoeróticos, implicava a criação de novos modos de hierarquização e inteligibilidade, evidenciados na construção discursiva de uma corporalidade desejante e desejável, como se observa na própria escolha dos destinatários e remetentes das cartas. Ao mesmo tempo, essa prática proporcionava uma experiência democrática em tempos autoritários, ao mediar vozes, desejos e opiniões diversas de amplos setores do grupo e de seus subgrupos.

Apesar de ainda tímida, a valorização de atributos do universo viril se expressava na possibilidade de enviar fotografias dos “tempos áureos” do corpo, por meio de poses cuidadosamente escolhidas para evidenciar robustez e aspecto atlético. Criou-se, assim, uma pose ideal de sedução formado por uma cueca branca, cabelos ao vento ou bigode singular, elementos populares entre operários de classe média, conferindo anonimato ao desejo sexual, inserido na coletividade masculina. Esses elementos compunham um quadro em que muitos homens se ajustavam para estabelecer uma demanda de desejo, replicando características e fantasias comuns. Dessa forma, a emergência das imagens impactava a construção de “corpos desejáveis” dentro da comunidade gay, ao mesmo tempo em que distanciava a fruição de “corpos possíveis”, na medida em que cada participante se inseria em um sistema de reprodução de códigos, atributos e qualidades vinculados à imagem fabricada de corpos considerados másculos e viris.

⁴¹⁰ Biggs, signo de câncer, 30 anos, branco, precisa de humilhação, scat, um mestre Leather, Blacks preferred, não gordos; Burbank, cancer, Knowledgeable, boa aparência, masculino e musculoso, fantasia com bondage e viagens [...] Camarillo, aquarius, masculino prefere escravos, precisa de punição para parceiros abaixo dos 35 [...] Carmel, sadomasoquista, signo de virgem, branco, completamente inexperiente. Quer um parceiro de sexo para aprender sadomasoquismo de light. Nao pretos, nem orientais, redheads. [...] Corona, virgem, 41 anos, quer um serve bem apresentado abaixo dos 33. Boa proporção corporal é essencial. Ver: DRUMMER, ed. 13, 1977, p. 33.

⁴¹¹ S/M, peixes, branco, experiente, busca parceiros em couro completo, curte botas e bermudas de motoqueiros, sexo. Respostas sinceras e honestas. Deseja trocar de papéis por verdadeiros caras de couro e sexo”, “M, Capricórnio. Homem branco, novato, passivo nato ainda aprendendo depois de dois anos em cena. Curte dominância, escravidão com parceiro até 40. Que respeitam limites. Sem gorduras, fezes”. Ver: DRUMMER, 1977, ed. 14, p.48.

⁴¹² ASPEN, S, peixes, 26, branco, bonito, bem feito, inteligente, boa estrutura muscular, maduro M para bondage. Parece sem importância, musculatura” ver: DRUMMER, ed. 17, 1977, p. 45.

A produção do “macho” como objeto de desejo é um fator para a produção de fantasias diversas, gestos eróticos e performances sexuais em contextos amplos⁴¹³. Na exposição dos interesses, os jornais alternativos homoeróticos funcionavam como um mercado de carnes sexuadas que atendia a diferentes demandas, onde se destaca o desejo de submissão de alguns leitores que pedem por punição, expressa nos termos: “Punish me”, ou de alguém que fosse capaz de punir, entre várias outras fantasias. De todo modo, o imaginário sobre a fera, a relação de poder e dominação e subjugação, noções que se confundem no universo erótico com certa facilidade, como demonstra a intensa troca de cartas mediadas pelos periódicos do período:

Imagem 65: Servo Obediente⁴¹⁴ (à esquerda); Grande Masoquista (à direita)⁴¹⁵.



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, San Francisco. ed. 14, 1977, p.7; STAR, Barcelona. 1979, n. 52, p. 17.

Em 1977, a carta do leitor à *Drummer Magazine* informou o desejo de punição como prática de fruição sexual. A segunda imagem, de 1979, do jornal *Star* de Barcelona, evidencia ao mesmo tempo três relatos de leitores com distintas modos de fruição. Enquanto uns buscavam não ser objeto de desejo, uma interação não unicamente sexual; outros buscavam uma intimidade em que envolvia práticas e uma performance masoquista como forma de prazer.

⁴¹³ Essa hipermasculinidade não só é reiterada e “performatizada”, mas também corporificada, instituindo a partir daí modos particulares de relação social. Ver: REVENIN, Régis. Homossexualismo e Virilidade. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

⁴¹⁴ Senhores, ok, talvez eu esteja cego e/ou bobo (também muita merda em meus olhos?), mas eu li a edição n. 12 de cima para baixo e não consigo descobrir quanto custa uma assinatura, muito menos como se tornar um membro da Fraternidade do couro. Puna-me se eu perdi, mas por favor, Senhores, me deem o que eu preciso. Juro que tenho mais de 21 anos e sou macho. Seu obediente servo, Bill. New York. (DRUMMER, ed. 14, 1977, p.7).

⁴¹⁵ Tenho 24 anos, me sinto só e vazio. Tia, se acreditas que tu podes ser a metade da minha laranja, escreve-me, necessito urgentemente de toneladas de amor e ternura. Sou muito sensível, ..., a pintura é minha paixão. [...] Um ano sem molhar o “churros”, e tu amada leitora com esses pelos... [...] Se é homossexual e tem entre 18 a 30 anos, vive em Barcelona e prefere uma relação profunda e duradoura aos ficas de uma noite, me escreve. Tenho 31 anos, sou universitário e posso te prometer amizade sincera e estável. Ademais, não busco um simples objeto de prazer, mas um amigo para compartilhar momentos alegres e tristes. Apertado, 5665, Barcelona (STAR, 1979, n. 52, p. 17).

Diante dos usos sociais da dor, a emergência de um mercado sexual que apreendia os fluxos do desejo homoerótico administrava igualmente a dor de forma consentida em subgrupos fetichistas e sadomasoquistas, proporcionando uma atmosfera de prazer às práticas de dor. Nesse ponto, é possível sugerir que o período estudado criou condições de possibilidade para os usos sistemáticos da dor, seja como prática banal inserido no contexto das relações cotidianas, seja como exercício sádico de poder, momento em que a crueldade e a violência emergem como opção⁴¹⁶.

Em uma perspectiva de longa duração, a moralidade sexual vitoriana fundamentava-se na convicção de que a atividade sexual deveria permanecer restrita ao casamento e ao impulso controlado dos jovens, de modo que o decoro permeasse a vida pública e a sexualidade não fosse estimulada de forma irresponsável⁴¹⁷. No entanto, a capacidade de pais e comunidades de regulamentar e monitorar a atividade sexual declinou acentuadamente em um contexto de rápidas transformações culturais e deslocamentos sociais. A aceleração na produção de literatura pornográfica, frequentemente referindo-se ao aparato sexual como uma “máquina”, sugere uma crescente sexualização associada a mudanças tecnológicas e culturais mais amplas. Cenários como bordéis, práticas de chicotadas que provocavam sangramento, múltiplas relações amorosas e cenas homossexuais evidenciam a expansão da cultura sexual e a contestação das normas tradicionais de decoro e controle do desejo⁴¹⁸.

Nesse momento, o livro pornográfico tinha por objetivo excitar seu leitor e estimulá-lo a partir para a ação, simultaneamente manual e coadjuvante, em que se indica os gestos de uma volúpia à qual o leitor é convidado a se conformar. Nesse domínio, uma reviravolta se opera onde as obras eróticas começam a formar uma literatura de segunda categoria cuja leitura implica uma apropriação singular e escondida. A literatura erótica da segunda metade do século XVIII se afeiçoou a alguns lugares, que privilegiavam a clausura, dada as condições que favorecem as transgressões, portanto, o vigor da excitação⁴¹⁹.

⁴¹⁶ Não só a banalidade do mal de Arendt, mas a ação deliberadamente interessada em fazer sofrer e violentar como objetivo direcionado a uma finalidade, ver: ROUDINESCO, Elisabeth. **A Parte Obscura de Nós Mesmos: uma história dos perversos**. Tradução de André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

⁴¹⁷ Durante a “Primeira Revolução Sexual”, no final do século XVIII, demonstra que, em lugares como a Grã-Bretanha e a França, havia uma ampla variedade de leitores de pornografias. Ver: HUNT, Lynn. Obscenidade e Origens da Modernidade. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia: obscenidades e as origens da modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

⁴¹⁸ STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

⁴¹⁹ Algumas pesquisas citam a leitura inclusive em abrigos de conventos com muros onde germinam os pecados da masturbação ou da sodomia, que ofenderiam a natureza; o estupro e o sacrilégio, que constituiriam os crimes mais graves que podem ser cometidos. Ver: CORBIN, Alain **A Harmonia dos Prazeres: a história do prazer desde o Iluminismo até o surgimento da sexologia**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

A escalada do desejo erótico também se manifesta nas práticas de BDSM, sigla que sintetiza Bondage, Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo. Essas práticas articulam dominação, humilhação e dor consensual como formas de estimulação sexual, refletindo códigos corporais e fantasias que circulam em espaços homoeróticos. Nesse sentido, o BDSM não apenas organiza experiências de prazer, mas também constitui um grupo identitário em busca de reconhecimento social, inserido em um contexto histórico de expansão da cultura sexual e de renegociação de normas de desejo e moralidade⁴²⁰.

Nesse contexto, a repercussão do filme *Cruising* se intensificou. O enredo retratava um *serial killer* atuando em bairros e clubes homoeróticos de Nova York, especialmente na subcultura *leather*, onde escolhia suas vítimas em bares noturnos do *West Village*, como *The Eagle's Nest*, *The Ramrod* e *The Cock Pit*, atraindo homens para hotéis baratos ou locais isolados, nos quais os assassinava e mutilava. Em resposta, parte da comunidade gay, bem como mulheres envolvidas em políticas feministas e lesbo-feministas, organizou protestos para obstruir a produção do filme nas semanas de gravação. O *Bay Area Reporter* publicou uma matéria destacando a preocupação dessas ativistas, argumentando que o filme não apenas representava de forma violenta o desejo homoerótico, mas também poderia ser usado para justificar ou explicar assassinatos sexuais de mulheres, suscitando indignação sobre os efeitos dessa forma de representação na vida real.

Imagem 66: *Stop the movie Cruising.*



Fonte: Bay Area Reporter, San Francisco. V. 10, N. 1, 1980, p.11.

Para algumas pessoas inseridas na comunidade homoerótica do Norte Global, o filme *Cruising* não atribuía responsabilidade ao indivíduo, transferindo para a sociedade a culpa por esse tipo de violência. Segundo o *Bay Area Reporter*, integrantes do Movimento Homossexual e do Movimento Feminista buscaram impedir a produção de obras artísticas que articulassem violência gratuita ao universo da subcultura homoerótica. Essa preocupação se dava tanto pelo risco de representar caricaturas das relações homoeróticas quanto por possíveis efeitos de

⁴²⁰ ZILLI, Bruno. **A Perversão Domesticada: BDSM e o consentimento sexual**. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

incitação à violência, reforço de estereótipos e estigmas de sexo-gênero-desejo, ou pela omissão de detalhes sobre o pacto contrassexual nas experiências BDSM. No entanto, o que mais repercutiu nas páginas do periódico foi justamente a articulação entre sexo homoerótico e violência, evidenciada pelas circunstâncias que facilitavam imobilização, punição e assassinato das vítimas.

Os homens e mulheres que protestavam pelo fim da produção do filme sadomasoquista detinham uma perspectiva de que a representação de uma identidade sexual homossexual respeitável era totalmente inviabilizada, a partir do momento em que era articulada a práticas sexuais furtivas, rápidas e sigilosas, propensas ao crime, como o enredo fictício sugeria. O receio maior era que essa fantasia que permeava o universo erótico, pornográfico, romântico das produções fílmicas ultrapassasse a fronteira e produzissem um efeito real de imitação entre jovens com desejos perversos para o crime⁴²¹.

Quando o filme *Cruising* chegou ao Brasil, sua recepção também gerou controvérsias dentro da emergente comunidade gay, refletindo debates similares aos observados nos Estados Unidos. Em 1981, o *Lampião da Esquina* destacou que se “veado gosta de apanhar”, criticando as práticas e representações sadomasoquistas produzidas por gays norte-americanos como caricaturas da masculinidade, limitadas a poucos bairros de São Francisco. Assim como nos protestos internacionais, a crítica brasileira evidenciava preocupação com a promoção de violência e o reforço de estigmas sobre práticas sexuais entre homens. Dessa forma, tanto jornais internacionais quanto nacionais desempenharam papel central na mediação do debate sobre BDSM e violência, questionando a responsabilidade da arte na representação do desejo homoerótico e na formação de imaginários sociais ligados à sexualidade e à moralidade⁴²²:

Caros amigos do Lampião: depois que vi o filme “Cruising” (um filmaço, por sinal) fiquei com uma vontade louca de fazer aquilo tudo que aqueles caras da boate (aquilo é boate de entendidos?) faziam. Por isso gostaria muito que os srs. me dissessem se aqui no Rio existe esse tipo de boate (e qual o endereço?) pois gostaria muito de ir. Agradeço muito desde já, e por favor, mandem-me a resposta através do Lampião de junho, se possível, falou? um abraço todos desse jornal, que é simplesmente joão!⁴²³

⁴²¹ A pornotopia define limites entre algo que pode permanecer na imaginação, do ato que pode ser expressado em uma sociedade repleta de códigos de interditos morais e de comportamento. Essa fronteira, no entanto, é sempre contingente e variável de geração para geração. Mensurar questões objetivas para definir o que seria aceitável ou não para determinado contexto, sem prévia análise de fontes históricas, ou, tentativas de previsão de futuro se mostram inviáveis. Ver: CRESPO, Juliana Campos Vieira. **Caminhos pornô: do mainstream à pornotopia**. Mestrado em Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense - UFF: Niterói, 2019.

⁴²² *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, PORRADA. Viado gosta de apanhar? (Aguiinaldo Silva). ed. 37, 1981, p. 10.

⁴²³ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, CARTAS NA MESA. Julian Macedo – Rio. ed. 37, jun. 1981, p. 12.

O trecho evidencia como o consumo do filme homoerótico, aliado à mediação do debate erótico, permitia aos sujeitos elaborar o prazer a partir do rumor e da especulação, despertando curiosidade e desejo de conhecer práticas que, embora ocorrendo no Brasil, eram associadas ao contexto internacional. Em resposta, o conselho editorial adotou uma postura diplomática, procurando reconhecer a pluralidade das práticas contrassexuais em detrimento de uma interpretação única do desejo, ao mesmo tempo em que informava a ausência de representações explícitas de BDSM no contexto nacional, buscando equilibrar a divulgação cultural com a responsabilidade editorial:

Caro Julian, infelizmente não podemos satisfazer o seu desejo... Não existe no Rio, e até onde sabemos em São Paulo, não existe nada de parecido com as boates do filme *Cruising*. De todo modo, sua curiosidade é ótima, pois já desmente o artigo do Aguinaldo Silva, considerando que o sadomasoquismo não teria espaço aqui⁴²⁴.

A novidade do filme, das práticas da subcultura BDSM, das experiências fetichistas e do mercado homoerótico provocou opiniões controversas entre produtores e leitores do *Lampião da Esquina*. No que tange à pluralidade do desejo homoerótico e das práticas sexuais, as opiniões eram bastante diversificadas. Por um lado, perspectivas mais partidárias consideravam incoerente, politicamente, desejar uma performance de masculinidade associada à virilidade, entendida como reprodução de modelos de dominação que se pretendiam contestar. Por outro, adeptos e curiosos dessas práticas percebiam na relação sadomasoquista, uma dinâmica que criava uma zona de indistinção entre quem domina e quem é dominado, pois o caráter consensual da interação garantia que o prazer fosse compartilhado, tornando a vontade pessoal harmonizada com a do outro na relação⁴²⁵.

Nessa dinâmica, a disputa política e micropolítica entre a produção homoerótica efervescendo e, na outra ponta, o desejo de censura parte da crença de parcela da sociedade civil de que a subversão poderia ser contagiosa, discurso que motivou o aparato estatal à censura prévia de certos produtos culturais, deixando insatisfeita parcela significativa da classe artística⁴²⁶. Esse momento conhecido por uma “Revolução Sexual” que passou a acontecer quando essas interações deixaram o submundo para adentrar a esfera do dizível e do visível

⁴²⁴ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro. CARTAS NA MESA. Resposta editorial. ed. 37, jun. 1981, p. 12.

⁴²⁵ O ato sexual nesses termos estaria envolvido em uma perspectiva de autoconsumação, porque a entrega espontânea da pessoa no ato estaria a disposição da obtenção de prazer mútuo, ver: AGAMBEN, Giorgio. **O Uso dos Corpos**. (Estado de Sítio, Homo Sacer, IV, 2). São Paulo: Boitempo, 2017.

⁴²⁶ BRANDÃO, Laura Lene Lima. **“Era necessário falar com o Corpo, tão gastas ficaram as palavras”**: políticas do corpo sexuado durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Tese de Doutorado em História do Brasil ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, 2024.

para a sociedade civil e para o Estado, destacando-se a atuação de grupos homoeróticos como o grupo *Somos* em São Paulo, bem como do jornal alternativo o *Lampião da Esquina*⁴²⁷.

Para Foucault, a liberação abre um campo para novas relações de poder, que devem ser controladas por práticas de liberdade, assumindo que há casos em que a liberação e a luta pela libertação sexual são indispensáveis para a prática da liberdade. Mas, esta equação não se aplicaria a todos os casos⁴²⁸. Possivelmente, a atuação do movimento homossexual internacional e nacional ao demandar a censura do filme *Cruising* buscasse um exercício ético da liberdade, mas desconsiderou a liberdade como condição ontológica da ética, porque dentro da subcultura homoerótica sadomasoquista e fetichista, em que há uma performance de senhor/escravo, não existe necessariamente uma lógica servil⁴²⁹. Em vez disso, existe a partir da experimentação de práticas contrassexuais com o objetivo de provocar a dor para o estímulo de prazer⁴³⁰, no sentido de exorcizar o sujeito de seu centro e proporcionar outras modalidades de diversão⁴³¹. Logo, seria possível sinalizar que as práticas que articulam violência consentida ao prazer sexual no âmbito do sadomasoquista envolvem um processo de abstração da vulnerabilidade dos corpos, provocando sensações que são revisitadas no jogo de dominação, proporcionando prazer mútuo, a partir da centralidade ao consentimento⁴³².

Assim, a análise das controvérsias suscitadas pela subcultura BDSM revela mais amplamente a construção de identidades homoeróticas em tempos democráticos e autoritários. O debate evidencia a tensão entre normatividade social e liberdade sexual, mostrando como práticas eróticas e representações culturais funcionam como instrumentos de resistência, mediação e visibilidade. Ao mapear a circulação de desejos, imagens e performances dentro de espaços mediáticos e sociais, é possível compreender como a pluralidade de práticas

⁴²⁷ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

⁴²⁸ Foucault entende que a liberdade se fundamenta na relação de si consigo e na relação com os outros. São indivíduos livres que tentam controlar, determinar, delimitar a liberdade dos outros, dispondo de instrumentos para governar os outros. Assim, a análise da relação de poder deve ir além da instituição política, da governabilidade e das estratégias, para englobar a liberdade. Ver: FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In.: **Ditos & Escritos**. V. ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

⁴²⁹ BRAZ, Camilo. 2010. **À Meia-luz... Uma etnografia imprópria sobre clubes de sexo masculinos**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2010.

⁴³⁰ SZASZ, Thomas. **Dor e Prazer: um estudo das sensações corpóreas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

⁴³¹ A relação de prazer e de dor são contingenciais e singulares para cada pessoa. A transformação no discurso da interação sexual a partir do mercado erótico revela um sujeito encarnado pensado após a revolução cartesiana, momento em que o corpo maquínico alterou forma de ver e se relacionar com o mundo, implicando em perceber as limitações e os devires do ser e dos modos de vida. Ver: NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito Encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

⁴³² GREGORI, Maria Filomena. Risco e êxtase nas práticas eróticas. **Cadernos Pagu** (47), 2016: e164716 ISSN 1809-4449

contrassexuais não apenas desafiava a heteronormatividade, mas também criava redes de sociabilidade, reconhecimento e legitimidade dentro da comunidade gay.

3.2 CULTO AOS MÚSCULOS

Imagem 67: Steve Reeves (à esquerda); Joe Weider (ao centro); Leo Robert (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1963, ed. 11, p.18 O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed. 20, p.26; O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1965, ed. 38, p. 78.

A propaganda voltada à construção de músculos por meios “milagrosos” era bastante popular em revistas e jornais de ampla circulação. No *Cruzeiro*, por exemplo, em 1963, uma publicação destacava Steve Reeves, o “homem formoso e mundialmente conhecido”, astro de filmes como *Hércules* e *Atenas*, ressaltando também seus títulos de Mr. Universo, Mr. América e Mr. Mundo. Em 1964, Joe Weider promovia um método de treinamento capaz de dobrar a massa muscular e triplicar a força em menos da metade do tempo de outros programas convencionais. Já em 1965, Leo Robert, detentor dos títulos de Mr. Universo, Mr. Mundo, Mr. América e Mr. Canadá, consolidava-se como referência para o curso de progressão tríplice de músculos, reforçando a fascinação do público pela estética do corpo musculoso e pela promessa de resultados rápidos e extraordinários⁴³³.

As imagens de homens fortes representavam masculinidades de campeões, com o argumento de que o corpo do “verdadeiro homem” poderia ser alcançado em poucos minutos por dia. Por meio desse curso de progressão poderiam se conquistar músculos de aço, com bíceps e ombros largos, pernas ágeis. A publicidade seguia acompanhada com mensagens de ordem como “Tome a decisão de homem agora mesmo”, para incentivar os leitores a estabelecerem uma ruptura com a parte feminina de si próprios, como se automaticamente pudessem se tornar mais homens. A promessa de mudança seguia com exemplos, onde o conjunto das imagens apresentadas no *Cruzeiro* reforçavam a conexão entre músculos e

⁴³³ O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1965, ed. 38, p. 78

virilidade, somada à conquista de títulos e prêmios, o estímulo ao desejo nos consumidores e leitores.

Em sintonia com o Ocidente, como Paris e Estados Unidos, o *Cruzeiro* divulgava e facilitava a venda de cursos para ganhar massa muscular e incentivar a estética viril masculina para o Brasil. Simultaneamente, o jornal francês *Salut les Copains* traçava suas estratégias de vendas dos cursos de musculação:

Imagem 68: *Muscles* (à esquerda); *Ce Type d'homme* (à direita).



Fonte: SALUT LES COPAINS, França, n. 24, 1964, p. 49; SALUT LES COPAINS, França, n.113, 1972, p.44.

Da esquerda para direita, a primeira imagem informa que o tipo de homem idealizado pela demanda de desejo feminino era o perfil atlético, dotado de músculos. A segunda imagem também reforça essa representação de virilidade articulada à dimensão da construção do próprio corpo a partir da disciplina e da docilização do comportamento, bem como pela força da heteronormatividade presente nas publicidades⁴³⁴.

Entre 1960 e 1970, os catálogos de venda por correspondências e o cinema funcionaram como manifestações interligadas na mesma episteme que envolve a reprodução mecânica e a disseminação em massa. Os primeiros catálogos forçaram modulações no sujeito receptor com bastante intensidade, já que o leitor do catálogo era primeiro percebido como “espectador” que se tornaria “consumidor”, em um modelo de interpelação de vendas que marca a virada do século. A estratégia era fazer com que o leitor, ao folhear as páginas, fosse capturado por produtos de vestuário, suplementos alimentares, perfumes, joias. Era uma das premissas do

⁴³⁴ As imagens assemelham-se a um modelo de uma anatomia virilizada na fabricação das aparências masculinas a partir da revista *Physical Culture* em 1899, primeiras publicações em desenvolvimento muscular e, em 1930, quando o fenômeno do *muscle beach* nos Estados Unidos ganha notoriedade no mundo ocidental. Posteriormente, em 1950, a emergência do gênero fotográfico viril, com homens sorridentes e o protagonismo de músculos masculinos e ao fundo uma praia, com eventual mulher satisfeita pendurada sobre os ombros. Ver: COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

livre mercado colocar à disposição produtos que pudessem ser trocados por dinheiro e assim por diante, possibilitando o fluxo do mercado⁴³⁵.

Nessa troca de produtos por dinheiro, o mercado investiu no consumo da imagem e da força da representação de perfis de masculinidades, algo que ocorreu com maior força na medida em que acontecia maior identificação do sujeito com os códigos que eram interpelados e agenciados por essas revistas⁴³⁶. Assim, na imagem do homem forte e musculoso era percebido como o símbolo necessário para a masculinidade viril, na medida em que funcionava também como uma modalidade de afirmação que orienta o imaginário social e também como um capital de beleza para flertes, paqueras e arranjos amorosos⁴³⁷. Por essa razão, os jornais de ampla circulação que vendiam cursos para aumentar músculos, bem como fazia circular a imagem de homens musculosos na tentativa de agenciar o desejo erótico e criar uma demanda para o homem, que se tornaria responsável por conquistar um corpo musculoso⁴³⁸.

A invenção de uma pedagogia para o corpo atravessado por um lógica mecânica, de atos musculares pensados segundo seu efeito localizado surge ainda como “ginástica ortopédica” em 1820 e 1830 em Paris, como demonstram os manuais do curso normal para rapazes, cuidando de todos os passos regulados para o desenvolvimento muscular. Ocorreu, porém, uma lenta difusão dos exercícios, apenas entre médicos, militares e alguns políticos em busca de legitimidade⁴³⁹. Apenas em meados da década de 1950, o tipo atlético, a representação do corpo potente dos esportes se constituem como norma padrão, momento em que a musculação por domicílio se tornou uma atividade de massa. Ao longo da década de 1970, os pesos e halteres ganharam novas possibilidades de aparelhagem e os anos 1980 desenvolveram um mercado do músculo e do consumo de bens e de serviços destinados à manutenção do corpo com atividades

⁴³⁵KELLER, Alexandra. Disseminações da Modernidade: representação e desejo do consumidor nos primeiros catálogos de venda por correspondência. In.: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

⁴³⁶ A profusão de práticas esportivas e do corpo atlético se volta para a tecnicidade dos gestos, desde o começo do século XX, com livros e descrições de pegadas e golpes em luta, como o primeiro *Larousse* de 1905. Outros *books of athletics* emergem para exibir a ciência do esporte tecnicizado. Ver: VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

⁴³⁷ De forma semelhante, as estratégias para a fabricação do corpo masculino padrão foram percebidos também na revista *Men's Health*, que evidenciam o quanto há na cultura masculina um controle das imagens, na medida em que o homem “gordo” é visto pela revista como alguém descomprometido, alguém que não está preocupado com a saúde, pois a revista entende que a obesidade é uma escolha, já que, através do controle e autocontrole, é possível se enquadrar nos padrões corporais aceitáveis. Ver: DUARTE, Josimar Faria. O corpo masculino da revista *Men's Health*. **Bagoas**, n. 13, 2015, p. 353-376.

⁴³⁸ A representação do corpo desejável se distancia da ideia do obeso benigno e passa a investir nos músculos ou na magreza. Ver: FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de, org. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

⁴³⁹ VIGARELLO, G; HOLT, Richard. O Corpo Trabalho: ginastas e esportistas no século XIX. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. V. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

diversas relativas às vitaminas e ao suor, produzindo tanto aparelhos de musculação, quanto suplementos nutricionais⁴⁴⁰.

As identidades de gênero são socialmente manifestadas por meio de atos, gestos e atuações, que podem ser entendidos como performativos. Logo, a essência ou identidade que se pretende expressar não é dada, mas construída e sustentada por signos corporais e outros meios discursivos. A associação da felicidade à jovialidade, especialmente em campanhas publicitárias voltadas às mulheres, evidencia a dinâmica de mecanismos de controle que transmitem a mensagem de que a normatividade corporal é condição para aceitação social e construção da identidade. Fora desse modelo prescrito, a propaganda sugeria que prevaleciam feiura e solidão, reforçando padrões estéticos e sociais restritivos⁴⁴¹.

Posteriormente, o contexto tornou-se favorável à emergência do fisiculturismo e do halterofilismo como esportes no Brasil, impulsionados por produtos voltados à transformação do corpo e por cursos de verão especializados. Essas práticas refletiam mudanças nos códigos de masculinidade e a influência das leis do mercado, que possibilitaram o surgimento de grupos de homens interessados em atender a uma demanda específica por produtos de beleza masculina. Essa segmentação permitiu desdobrar tais produtos em nichos diversos, alcançando não apenas homens preocupados com a vaidade, mas também aqueles interessados em desempenho físico, saúde e estética corporal mais ampla⁴⁴².

A publicidade para os homens de sucesso revelou que os braços fortes, os bens materiais e a boa aparência se aplicam à dinâmica sexual e às relações de poder, atuando como força normativa capaz de transformação em série os corpos, utilizando os códigos de masculinidades como linguagem e como uma forma de capital, moeda de troca em interesses pessoais⁴⁴³. Assim, a abertura erótica para o corpo masculino surge nas obras literárias quando o cuidado

⁴⁴⁰ KELLER, Alexandra. Disseminações da Modernidade: representação e desejo do consumidor nos primeiros catálogos de venda por correspondência. In.: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

⁴⁴¹ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do Feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

⁴⁴² O corpo masculino, viril e saudável representado nos jornais, em longa duração, como metáfora da cidade. Ver: MACHADO, Vanderlei. **Entre Apolo e Dionísio**: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2007.

⁴⁴³ Em contraposição a esse dado, desde a segunda metade do século XIX, as pessoas com algum tipo de diferença corporal em relação ao considerado “funcional” ou “padrão”, eram percebidas como “monstros” e, estas representações invadiam Paris, na medida em que eram expostos no salão dos fundos dos bares, produzidos em teatro, convidados para representações privadas mobilizando um comércio específico, como a feira do Trono de 1850. Da mesma forma, em Londres essas pessoas eram exibidas como criaturas nos parques de diversões como o Croyden e de Barnet, desenvolvido por jogos e diversões exóticas, entre prazeres mórbidos. Ver: COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

com a saúde e a produção de músculos para homens, uma vez que desde o início do século XX, esses homens tinham seu corpo despido para fotografias e imagens por razões médicas e/ou de fisiculturismo.

Na década de 1960, a necessidade de exibição desse corpo esculpido estabeleceu concursos de beleza masculina específicos que foram emergindo cautelosamente no Rio de Janeiro, inicialmente o título Mr. Guanabara passou a ter alguns adeptos da musculação aparecendo na revista *Manchete*, como se evidencia abaixo:

Imagem 69: Mr. Guanabara 1963 (à esquerda); Mr. Guanabara 1966 (ao centro); Sean Connery (centro-direita); Concurso Mr. Músculos 1972 (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 707, p.98; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1966, ed. 755, p. 41; MANCHETE, 1966, ed 720, p.74; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1972, ed. 1060, p. 139.

A primeira imagem apresenta o atleta Nilton de Oliveira Mota, Mister Guanabara de 1963, cuja rotina era pautada por um rígido sistema de regras corporais, considerando a abstenção de bebidas alcoólicas e cigarros, alimentação controlada, disciplina rigorosa, além de vida familiar estável, sendo casado e pai de uma filha de três anos. A segunda fotografia retrata Sérgio de Carvalho, de 21 anos, 1,75 m de altura e 76 kg, eleito o mais belo físico do Rio de Janeiro no concurso Mister Guanabara de 1966, entre oito candidatos. Em entrevista, relatou seguir uma rotina disciplinada de levantamento de peso, alimentação farta e metódica, não fumar, não beber, levantar cedo, e revelou a meta de criar seu próprio curso de cultura física para comercialização.

Ao centro, a terceira imagem mostra Sean Connery, ainda antes da fama como ator de James Bond, competindo em 1966 pelo número 24 no concurso Mister Músculos. Nascido em Edimburgo e ex-marinheiro, Connery era descrito como entusiasta do mar, inclusive com tatuagens nos braços, e a fotografia articulava uma prática esportiva emergente com códigos de masculinidade que transmitiam força, bravura e sensualidade comparáveis aos astros de cinema. À direita, a última figura apresenta candidatos aguardando a consagração do título no concurso Mister Músculos de 1972. O campeão Abel, de 28 anos, professor de levantamento de peso, enfatizou que a cultura física não se limitava ao halterofilismo competitivo, mas visava maior

beleza e poder muscular. A *Manchete* associava os atletas a saúde, controle emocional, coração forte e perfeita virilidade sexual, destacando um “catecismo do bom halterofilista”, com a rotina rígida, alimentação disciplinada, abstenção de excessos, corpo harmonioso, definição muscular, habilidade em posar, boa aparência, barba feita, pelos raspados e simpatia.

O conjunto das imagens evidencia que cada concurso de fisiculturismo possuía uma finalidade específica, ganhar o Mister Guanabara para ser um campeão regional; o Mister Olympia, para o padrão do fisiculturismo; o Mister Brasil, para o *ranking* de beleza nacional; o Mister Universo, pela perfeição do corpo masculino; e Mister Músculos, para o padrão desejável. Em todos esses eventos, consolidava-se a produção serial do “homem verdadeiro”, caracterizado por músculos potentes e comportamento vigoroso, em contraste direto com os códigos de feminilidade, fragilidade e docilidade muscular, reforçando ideais de masculinidade extrema e disciplinada.

Após a evidência do *Mr. Guanabara* e do *Mr. Músculos*, o *Mr. Brasil* e o *Mr. Universo* estamparam páginas da *Manchete* com candidatos que mostravam seus músculos e exibiram seu porte tanto para a dinâmica do esporte, quanto para a demanda do desejo que organizavam seus corpos apenas como objetos sexuais. O Concurso *Mr. Universo* 1973, que ocorreu em Genebra⁴⁴⁴, e o concurso *Mr. Brasil* 1973 ocorreu no *Club Homs* em São Paulo, com dezoito competidores que disputaram o título de brasileiro perfeito, mostrando que o problema das polegadas e a guerra dos centímetros não é só das mulheres⁴⁴⁵.

Em diversos momentos, as revistas como a *Cruzeiro* e a *Manchete* se posicionaram de forma contraditória e/ou ambivalente em relação à abertura do corpo masculino para os concursos de fisiculturismo, pois se confundiam com os famosos concursos de beleza e de formosura feminina. Assim, ao passo que a reportagem questionou se seriam um tipo de homem-objeto, pois cada centímetro de seu corpo seria julgado, também sugere que esse tipo de ideia generificada no mercado da beleza masculina era uma forma de informar aos homens que o cuidado com o corpo não iria contestar a ideia de virilidade de suas performances de masculinidades; ao contrário, seria formador e produtor do signo viril.

De todo modo, a análise das fontes de concursos de beleza masculina e da potência de seus músculos permite enxergar que o esporte do fisiculturismo se articulou à demanda de beleza masculina que é específica da revolução sexual em curso, na medida em que coloca o sujeito homem no local de objeto de desejo, flertando também com o mercado sexual

⁴⁴⁴ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, ed. 1126, p. 180 - 181

⁴⁴⁵ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1972, ed. 1073, p.24/25

internacional, uma vez que nas revistas temáticas, esses homens surgem retratados por corpos de verão, com músculos, bronzado, beleza e jovialidade⁴⁴⁶.

Esses encontros de homens, mediados pelos concursos de fisiculturismo, revelam-se atravessados por uma complexa dinâmica de poder, na qual os códigos de masculinidade e a noção de virilidade tornam-se centrais tanto para a conquista do título quanto para a construção de prestígio social. A competição valoriza corpos musculosos e disciplinados, assim como estabelece um padrão estético que organiza o olhar e a admiração dos participantes e espectadores. Nesse sentido, os concursos funcionam como espaços de intensificação do desejo homoerótico, pois os corpos expostos, esculpidos e exibidos transformam-se em objetos de atração, fantasia e identificação.

A ritualização da performance atlética e a visibilidade das práticas corporais criam uma rede de circulação de olhares, códigos e expectativas que ultrapassa a esfera do esporte, tornando-se parte de uma cultura homoerótica que associa virilidade, força e estética a prazer visual e erótico. Assim, a experiência do concurso articula-se simultaneamente à afirmação de masculinidades normativas e à possibilidade de fruição homoerótica, demonstrando que os padrões de poder, disciplina e desejo se entrelaçam em práticas sociais e culturais que vão além do próprio esporte.

Soma-se a isso, as influências *hollywoodianas* que surgiam como um norte a ser alcançado por muitos homens que buscavam se sentir como o personagem visto e observado nos cinemas e fotojornais, pois geralmente eram os heróis, os mocinhos, que, como tal, usufruíam das benesses desses locais de poder. Além do Sean Connery, atores como Arnold Schwarzenegger e Sylvester Stallone se tornaram modelos de masculinidades que cultuavam os músculos como dispositivo de articulação social a locais que homens percebidos como *viris* estavam, promovendo a replicação para outros homens do mesmo modelo.

O ator Arnold Schwarzenegger foi representado como detentor dos atributos ideais da masculinidade imaginada por alguns artistas e pelo público, especialmente após conquistar o título de Mr. Universo. A premiação, amplamente divulgada em revistas, celebrava sua força e estética corporal, funcionando como um mecanismo de conferência de respeitabilidade aos demais homens, ao estabelecer modelos de comportamento e presença física a serem admirados e/ou imitáveis. Ao mesmo tempo, os atributos de Schwarzenegger exerciam efeito de desejo

⁴⁴⁶ Músculos fortes e visíveis fizeram parte de anúncios de encontros e de esportes com lutas, repletas de imagens de músculos proeminentes, desde o século XIX. Ver: VIGARELLO, Georges. Virilidades Esportivas. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis: Vozes, 2013.

sobre algumas mulheres, articulando fascínio e intimidação por meio da exibição de virilidade extrema. O prestígio conferido pelo concurso estendia-se à esfera social, consolidando sua reputação e contribuindo para a obtenção da cidadania norte-americana, marcando a transição de um imigrante austríaco para figura de destaque no imaginário cultural dos Estados Unidos. Entretanto, curiosamente, ao passo que ganharam uma fã-base entre homens com desejos ambíguos⁴⁴⁷:

Imagem 70: Arnold Schwarzenegger.



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1977, ed. 1320, p.63; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1982, ed.1579, p. 94.

A primeira imagem, de 1977, retrata o ator Arnold Schwarzenegger quando participou de uma exibição pública como modelo para o hobby da fotografia. E a segunda imagem, em 1982, quando a *Manchete* elaborou uma matéria sobre os músculos para os fãs cada vez mais aficionados de telefilmes que admiram a estampa do austríaco de nascimento, em novo filme *Conan the Barbarian* e que se prepara para encher as telas em *Pumping Iron*⁴⁴⁸.

De forma semelhante, Sylvester Stallone se autodenominou um “troglodita intelectual” ao escrever *Rocky*, convencendo os produtores James Caan e Burt Reynolds a aceitá-lo como ator principal. No filme, interpreta um pugilista anônimo de terceira classe que sobrevive de pequenas lutas e trabalhos como cobrador para um agiota, vivendo nas ruas de Filadélfia, bebendo quase diariamente e utilizando métodos violentos para cobrar dívidas. O enredo de *Rocky Balboa* explora de modo acentuado a violência ritualizada nas relações sociais, dos costumes da fazenda e dos campos, com o advento das indústrias da carne e do *boom* da alimentação de processados⁴⁴⁹. Nesse sentido, a representação da imagem masculina atrelada

⁴⁴⁷COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In.: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

⁴⁴⁸ MANCHETE, 1986, ed. 1782, p.71

⁴⁴⁹ Ao mesmo tempo, uma angustiante riqueza das ideias emergiu entre as pessoas com a renovação do veganismo e do espiritualismo, que se apresentam com o reverso da miséria. Essa renovação das ideias é parte do contexto da ascensão do nazi-fascismo na Europa e que, de forma semelhante compartilham se apresentam na segunda metade do século XX, com o caráter crítico do tempo. Ver: BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In.: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**. Obras Escolhidas, v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114 -120.

ao universo sanguinário dos matadouros é intencionalmente articulada para fundir a ideia de que o homem ao lado da carne integra ao mesmo tempo uma relação de vida e de morte que traduz um pouco do que poderia ser a virilidade esperada nos filmes⁴⁵⁰.

Nas páginas da *Manchete*, Stallone é retratado como um jovem das ruas, cuja filosofia de vida se molda aos desafios cotidianos, sonhando em se tornar um grande lutador:

Imagem 71: Sylvester Stallone.



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1976, ed. 1285, p. 57; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1977, ed. 1303, p. 7.

As imagens revelam uma predominância de efeitos visuais que exaltam características associadas à virilidade orgânica e natural, frequentemente explorando a fronteira entre vida e morte como parte do repertório narrativo de filmes, livros e histórias voltadas à valorização da masculinidade viril. Além disso, o intercâmbio cultural dessas representações ocorria de forma relativamente rápida, por meio da produção e consumo de filmes, fotografias, obras literárias e outros produtos compartilhados e comercializados. Esse fluxo possibilitava a incorporação de novos códigos nas interações eróticas, ampliando tanto a circulação de modelos de masculinidade quanto as formas de fruição e desejo dentro de diferentes contextos sociais.

No mesmo período, de maneira distinta, o despertar para uma sensibilidade para a qualidade da vida animal nos abatedouros, assim como a formação de demandas feministas incomodadas com as representações das mulheres pelo mercado da beleza, por indústrias gerenciadas predominantemente por homens e pela permanência de uma linguagem que objetifica o corpo como apenas um pedaço de carne, tal qual os animais em abatedouro, em um processo de constante desumanização⁴⁵¹. Nessa relação, uma parcela do desejo se tornou

⁴⁵⁰ Para além dos produtos culturais fílmicos do século XX, as referências da caça, dos prazeres da carne, da perspectiva heteronormativa a um território sexual da carne se estabelece desde práticas culturais para homens do século XVII, quando o modelo real exibido ao povo era também expressão de sexualidade considerada dominante, mas não excessivamente degradada. Assim, em diários, expressões como “presa”, “carne feminina”, “conquista”, “desentocar” expressam uma dimensão guerreira e lúdica, enquanto que a representação da mulher e de outros homens considerados inadequados recaem à desvalorização. Ver: FARGE, Arlette. *Virilidades Populares*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. v.1, da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

⁴⁵¹ Para o autor, uma política animal é indissociável de uma política afetiva configurada em uma pragmática da mútua inclusão das categorias vivas, ao mesmo tempo que estabelece uma crítica à diferença genérica entre o

agenciado pelo mercado das carnes, bem como por suas publicidades e propagandas atentas em vincular o prazer erótico com os sentidos do corpo, através da visão e do paladar. Assim, as imagens eram direcionadas, em grande medida, ao prazer do “sujeito masculino”, figura predominante no mercado de trabalho e detentor de dinheiro para gastar e investir, movimentando um procedimento que se engendra em linha de montagem, tal qual as carnes para um ciclo de alimentação carnívora⁴⁵².

O sucesso de personalidades truculentas e musculosas no universo masculino alçou ao estrelato com o perfil de herói rude, rústico e agressivo, em contraste ao modelo mais sentimental de masculinidade, por exibir características consideradas femininas em relação às crônicas do cinema *hollywoodiano*⁴⁵³. Inclusive, a *Manchete* informou que Arnold Schwarzenegger despontou como o principal adversário de Sylvester Stallone na coluna específica de filmes, o *Cinemusculatura*, instigando, nessa relação de embate, uma tensão homoerótica contínua em torno dos atores. Dessa forma, as imagens de Arnold Schwarzenegger e Sylvester Stallone interferiram de diferentes formas no imaginário social, pois os elementos apresentados a partir das poses, do vocabulário e das performances viris eram aprendidas em um processo de imitação e de espelhamento àquela imagem ideal para parte dos homens inseridos em cultura ocidental e ocidentalizada.

Soma-se a isso o fato de que a publicidade de produtos se servia da representação de homens em um local de destaque e articulado a uma dimensão de sucesso e de desenvolvimento, a exemplo de várias indústrias brasileiras e internacionais do período⁴⁵⁴. Além disso, é possível perceber que esse tipo masculino viril em locais de poder reforça os códigos eróticos e flerta com um desejo sexual em diversos momentos⁴⁵⁵. Entretanto essa relação não pode ser percebida sempre em um sistema de pensamento, pois mesmo no contexto homoerótico, onde alguns homens e subgrupos tornaram essa relação da carne um fetiche sexual, desde o enredo do trabalho do mercado das carnes em indústrias ao consumo final, tornando o tema repleto de

humano e o animal. Ver: MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: N-1 edições, 2017.

⁴⁵² ADAMS, Carol J. **A Política Sexual da Carne**: uma teoria feminista-vegetariana. Editora Alaúde: Alaúde, 2018.

⁴⁵³ MASTERS, William H. **Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

⁴⁵⁴ A exemplo da Frimisa e o T. Maia do capítulo 1.

⁴⁵⁵ A pesquisadora Adams investigou a relação da publicidade do mercado das carnes e a pornografia, para quem os animais servem aos comedores de carne, em sua maioria por homens, pois em alguns contextos, tanto a divisão de carne era maior para os homens em face das mulheres, como a publicidade de alguns produtos alimentícios remetiam à representação das mulheres em situações eróticas, corroborando para o argumento de que as mulheres serviam a uma linha de desejo heteronormativo, unicamente para o deleite dos homens, tal qual apenas um corpo-objeto inserido no mercado das carnes. Ver: ADAMS, Carol J. **The Pornography of Meat**. Bloomsbury Academic: NY, Estados Unidos, 2003

símbolos eróticos e permeada por uma atmosfera de desejo, em que não resta configurado um dominador e um dominado, mas uma relação ambivalente, onde os sujeitos inseridos nessas relações são, metaforicamente, ao mesmo tempo o predador e a presa. A particularidade desse fenômeno perpassa fatores como a invenção da imprensa, da propagação do cinema e da popularidade da fotografia e dos exercícios de musculação com halteres, que transformam a imagem do homem considerado moderno, possibilitando também a apropriação desses códigos de virilidade em contextos homoeróticos internacionais para as interações sexuais brasileiras, permeando diferentes subgrupos que se desdobravam em nichos mais específicos.

No que se refere à ambivalência erótica dos músculos, fotógrafos como Bob Mizer evidenciaram que o corpo masculino podia ser tanto objeto de desejo sexual quanto de espelhamento, fruto de um esforço disciplinar na “fabricação” do corpo. Em 1945, Mizer fundou o estúdio *Athletic Model Guild*, dedicando-se a registrar homens frequentadores de praias e academias de musculação. Filho de uma família conservadora, Mizer enfrentou problemas legais, sendo preso por má interpretação das fotos que comercializava e pela interceptação de correspondências trocadas com seus modelos. Em maio de 1951, fundou a *Physique Photo News*, que seis meses depois passou a se chamar *Physique Pictorial*, consolidando-se como espaço de circulação de obras de outros artistas, como George Quaintance e Tom of Finland. Entre 1954 e 1969, Mizer enfrentou novas prisões relacionadas à nudez masculina e às acusações de exploração sexual, refletindo a tensão entre a expressão erótica e o controle estatal. O modelo de produção e circulação das fotografias se espalhou, gerando interpretações equivocadas sobre redes de prostituição e comercialização de modelos, embora muitos desses homens fossem apenas participantes do universo da estética física masculina. Nos anos 1960, Mizer ampliou a circulação de suas imagens em centros urbanos e incorporou elementos do universo adulto viril, celebrando o culto ao músculo, à disciplina corporal e à transgressão⁴⁵⁶.

Assim, impressos como *Physique Pictorial*, *Male Figure*, *Mandate*, *Colt* e *Gai Pied* tornaram-se referência na visibilidade de homens seminus e/ou nus, em posições específicos para fisiculturismo ou performances de luta, deixando a entender que atendiam a demanda de masculinidades viris-eróticas. Ao mesmo tempo, jornais homoeróticos emergiam como agentes de produção e circulação da virilidade, reproduzindo códigos de masculinidade estruturados

⁴⁵⁶ Bob Myzer de 1922, morreu em 1992, criou mais de 2 milhões de imagens e fotografou mais de 10 mil modelos, de acordo com a Bob Myzer Foundation. Disponível em sítio eletrônico. Ver: <https://bobmizer.org/>. Acesso em 07.04. 2024.

por uma moral ambígua, em que a nudez masculina era apresentada como saudável, jovial e estimulante de ideais de masculinidade viril.

Essas publicações desempenharam papel central na projeção de astros que se tornaram ícones de sedução e masculinidade, como Tab Hunter, Glenn Corbett, Joe Dallesandro, Arnold Schwarzenegger, Sean Connery e Warren Beatty. Elas evidenciam a interseção entre cultura homoerótica, produção e exibição de corpos, e a construção de ideais de masculinidade durante a segunda metade do século XX, mostrando como mídia, estética e desejo se articulavam na formação de modelos aspiracionais de virilidade. A virilidade demonstra exercer um papel maior do que um ideal a ser desejado ou a representação de poder que detém esse ideal na sociedade do espetáculo, mas também repousa em um conjunto de códigos que possibilitam a base material da sociedade. Esses códigos utilizam a virilidade como linguagem que é, simultaneamente, produto e produção na indústria. Logo, os homens foram sistematicamente organizados em um mercado que engendra um conjunto de práticas em massa, elaborando grupos e subgrupos de *body-builders*⁴⁵⁷.

O culto aos músculos se tornou um espetáculo pois demonstra um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano, além de informar o sucesso do desempenho e da performance em um território de prazer. Assim, na medida que o fisiculturismo, o halterofilismo e o *body-building* alçaram a categoria de esportes, ultrapassando o espetáculo do corpo, ao se tornar sustentado por uma indústria, um mercado, um conjunto de práticas de massa e um modo de vida.

Em 1977, a *Drummer Magazine* apresentou uma performance artística em que um modelo se deixava fotografar por Bob Heffron como se fosse o próprio automóvel, transformando a nudez em uma excentricidade lúdica e erótica⁴⁵⁸. Mais do que uma simples encenação, a performance revelava o corpo como um espaço de prazer e experimentação, articulando-se às fotografias para expressar modos de vida explicitamente homoeróticos. Nesse contexto, a obra não apenas celebrava a sensualidade, mas também subvertia normas corporais e sexuais, oferecendo uma representação visual de identidades que desafiavam os limites da heteronormatividade e ampliavam o repertório de experiências e desejos possíveis.

⁴⁵⁷ O encontro do músculo e o cinema ocorre na idade do ouro em Hollywood em batalhões de romanos e gladiadores, posteriormente ganha mais notoriedade nos anos 1970, quando a hipermasculinidade se tornou elemento central na cultura do corpo com a figura de Arnold Schwarzenegger e de Steve Reeves nos pódios do Mister Universo, tornando o esporte do body-building uma das manifestações da cultura viril por excelência. Ver: COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

⁴⁵⁸ DRUMMER MAGAZINE, San Francisco. 1977, ed. 20, p. 18.

Imagem 72: Performance-Carro (à esquerda); Performance-Carro-Movimento (à direita).



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, 1977, ed. 20, p. 16/ 18.

A proposta do artista consistia em circular completamente nu sobre as rodas de um carro, como se ele próprio fosse o automóvel. Essa ação sugere que, assim como o veículo, o corpo masculino funciona como um instrumento técnico nas relações sociais, permitindo alcançar lugares e objetivos que seriam inacessíveis sem sua instrumentalidade. Ao mesmo tempo, a performance indicava um desejo de provocar choque em parte da sociedade, despertar curiosidade ou instigar o desejo homoerótico em outro grupo de homens, considerando a natureza específica e nichada da revista que divulgou o registro. A relação entre virilidade, poder e corpo masculino, evidenciada pelo uso simbólico dos automóveis encontra um eco nas experimentações homoeróticas retratadas na *Drummer Magazine* em 1977. Enquanto os carros funcionavam como instrumentos de afirmação de masculinidade e *status* social, a performance de Bob Heffron desloca esses mesmos símbolos, transformando o corpo em espaço de prazer e jogo erótico. Dessa forma, práticas e representações homoeróticas não apenas dialogam com os códigos tradicionais de virilidade, mas também os subvertem, mostrando como o corpo e os objetos associados a ele podem ser reinterpretados para criar novas formas de desejo e de performance sexual.

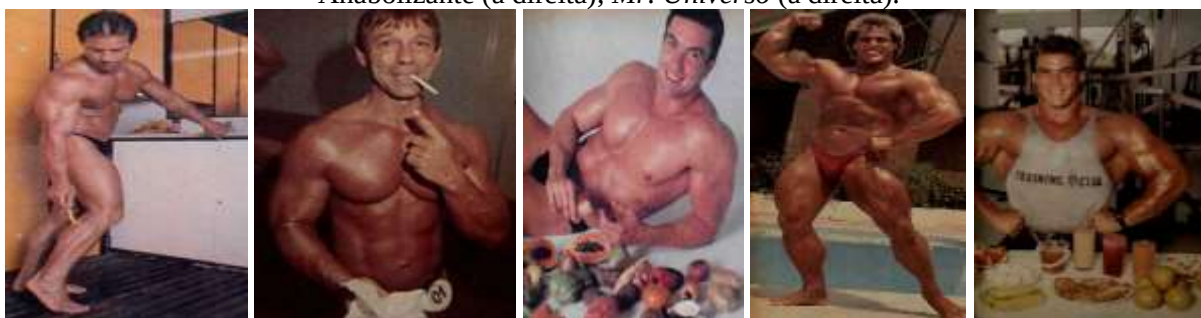
A percepção de um corpo-máquina evidencia que as fronteiras entre a natureza e a cultura não existem⁴⁵⁹, posto que a produção das masculinidades ocorre ao mesmo tempo em que são produzidas, de modo que o universo de códigos que se apresenta e retroalimenta em um sistema fundado em códigos de gênero, raça e sexualidade⁴⁶⁰. A ressaca da fabricação de masculinidades em intenso agenciamento do projeto de hetero-nação militar e seu grande receio pelo contágio da dissidência sexual evidenciam uma malha complexa de forças reacionárias e de resistência, com distintos modos de atuação política e de diálogo com a violência de sexual e de gênero. Nesse ponto, a partir dessa experiência, a academia e o esporte atuam na modificação corporal e induz o sujeito a uma percepção exterior e maquinica do próprio corpo,

⁴⁵⁹ LAZZARATO, Maurício. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1, 2013.

⁴⁶⁰ HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2009.

atravessada por uma dinâmica da disciplina e combate à dor do esforço e do tédio da rotina, por isso a tecnologia mais moderna tenta cada vez mais uma sofisticação para fazer sofrer se distraíndo⁴⁶¹. Posteriormente, em 1987 e 1988, a *Manchete* evidenciou como era configurado o estilo de vida dos adeptos desse esporte:

Imagem 73: Depilação (à esquerda); Cigarro (à esquerda); Comidas Saudáveis (ao centro); Anabolizante (à direita); Mr. Universo (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1987, 1857, p. 60; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1988, ed. 1910, p. 57; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1987, ed 1857, p.65; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1988, ed. 1910, p. 52; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1988, ed. 1868, p.97.

Da esquerda para direita, a primeira imagem traz Abel Gomes em 1987, que se preparava para mostrar o trabalho feito durante um ano de campeonato, na foto faz depilação. Os pelos da perna, a barba e o bigode informavam códigos de virilidade⁴⁶², mas estes signos de virilidades aos poucos foram se modificando, em alguns núcleos, sob o efeito do aparelho de barbear popularizado pela Gillette, flexibilizado pela prática de esportes⁴⁶³. Em 1988, na segunda imagem, Abel Gomes contraria o ideal de saúde ao fumar, mas informa que só fuma quando vai competir. A contraposição dos hábitos no estilo de vida para atletas de alta performance também era atravessada por códigos de gênero e referências de masculinidades clássicas.

A terceira imagem, Antônio Carlos apresenta uma fórmula para sua engenharia do corpo que vai além da musculação diária e envolve a prática da alimentação nutritiva e saudável, de modo a atender suas necessidades vitamínicas e calóricas. O cuidado com o corpo masculino e

⁴⁶¹COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In.: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do Corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

⁴⁶² A prática de se barbear começou por volta de 300 anos antes de Cristo, foi abandonada no final da República (Cícero e César são representados imberbes) e volta à moda no século II, com Adriano. Enquanto que a prática de depilar as pernas era sinal de passividade na Roma Antiga, um homem depilado faz papel de mulher em alguns textos. A questão das posições sexuais nas práticas homoeróticas era evidenciada na literatura latina, onde a masculinidade viril surge articulada à ideia de estocar e não ser estocado, articulava-se ao corpo atlético, aos pelos. Ver: THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades Romanas: vir, virilitas, virtus. In. CORBIN, A; COURTINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

⁴⁶³BAUDOT, François. **Moda do Século**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

sua performance eram regidas pelos atletas com extremo cuidado, uma vez que seriam julgados em competições, encaravam os próprios corpos como máquinas que operavam para melhorar suas performances e também como resultado dessa fabricação. Entretanto a disciplina do corpo para essa modalidade esportiva não implicava a hegemonia de hábitos saudáveis entre os adeptos da musculação e do fisiculturismo. Já, na quarta e na quinta imagem, Luiz Otávio de Freitas, trinta e dois anos, *Mister Universo* 1987, teve suas taxas de sangue e enzima elevados pelos anabolizantes, além de perder o Mundial de Tóquio em 1986, acusado de *doping*. A *Manchete* informava que, há onze anos fora do Brasil, o brasileiro era a promessa de sucessão de Arnold Schwarzenegger como *Mr. Universo*, mas as consequências de seus atos o levaram ao fracasso na competição de 1986 e a vitória no ano seguinte, após a mudança de hábito.

O ganho de massa muscular surgia como um projeto a longo prazo, permeado por disciplinas de horários de treinos, restrição alimentar e rotina, local de difícil negociação com o estilo de vida hedonista. O excesso das imagens dos homens de sucesso, da tecnologia e do enaltecimento dessas capacidades provocam um aumento do estímulo do prazer relacionado a esse tipo de discurso viril, anestesiam os sentidos, no sentido de a novidade sempre ser o grande momento, o homem busca continuamente superar a si mesmo, até sucumbir por completo em sua morte⁴⁶⁴. Assim, a busca por um melhor desempenho em menor tempo com o uso de anabolizantes poderia provocar efeitos adversos para a saúde, que eram ignorados⁴⁶⁵.

A análise das fontes evidencia um circuito emaranhado de oportunidades para anabolizantes, cigarros e outros psicotrópicos tanto para melhorar o desempenho e a performance, quanto para moderar o humor e o estresse, em contraposição ao discurso do estilo de vida saudável que emerge como um imperativo para a subcultura específica dos praticantes de fisiculturismo, na medida em que existe uma regulamentação de proibição do uso de anabolizantes. Dessa forma, a produção farmacológica de si se apresenta com a reposição hormonal de testosterona, no consumo de anabolizantes e esteroides para melhorar o desempenho no fisiculturismo, apesar dos riscos para a saúde⁴⁶⁶.

Vale ressaltar que a *Manchete* chamou atenção para a dimensão da sexualidade em muitos momentos, ao utilizar referências coloquiais para suscitar especulações “de brinquinho e tudo, ele conta de sua vida (foi casado duas vezes e é pai de dois filhos da primeira mulher) e

⁴⁶⁴ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

⁴⁶⁵ Os desvios de vontade e os meios ilícitos para atingir os objetivos, como o *doping*, banaliza o “desenvolvimento” progressivo da pessoa, em busca de aventuras paulatinamente mais desproporcionais. Ver: VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

⁴⁶⁶ HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2009.

dá suas medidas de campeão”, “ele usa brinquinho na orelha como um talismã para afastar as energias negativas, e faz questão de ressaltar para os piadistas que seu negócio sempre foi mulher”⁴⁶⁷. O uso do brinco na orelha emanava diferentes significados para os editores da revista familiar, pois era supostamente utilizada por homens que faziam parte da comunidade homoerótica, ou informava que estava mais próximo do universo feminino.

Os tensionamentos a respeito da “verdadeira” orientação sexual dos fisiculturistas se estabelecem como curiosidade do público leitor e do repórter condutor da entrevista, do editor da matéria, da política editorial das revistas, do contexto social e cultural em que a verdade do desejo sexual era explorada amplamente. Além disso, é possível sinalizar para um embate de masculinidades que partem de matrizes fundadoras da virilidade de lugares distintos, uma vez que a virilidade, em suas versões plurais, parte da premissa de que força existe segundo referências contrastadas⁴⁶⁸.

Em suma, os modos de ser homem se inserem em uma rede complexa de interrelações, que negociam continuamente os códigos de virilidade, de modo que o corpo masculino não pode só ser visto como um objeto sobre o qual a cultura opera, mas também como o local das percepções, a partir das quais a cultura “vem a ser”, considerando que nesse processo, muitas vezes, as carnes sofrem, gozam, expressam artes, são torturadas, são tensionadas, são instrumentalizadas e são exigidas em suas máximas disposições para que se tornem esses corpos de que a grande máquina técnica da fábrica necessita⁴⁶⁹.

3.3 FETICHE ÀS FARDAS

Imagem 74: Presidente-General Castelo Branco (à esquerda); Rolls-Royce (à direita).



Fonte: MANCHETE, 1964, ed. 635, p. 8; MANDATE MAGAZINE, 1977, ed. 02, p.02.

⁴⁶⁷ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1988, ed. 1868, p.99.

⁴⁶⁸VIGARELLO, Georges. A Virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In. CORBIN, A; COUTRTINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

⁴⁶⁹ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas com a presença de um pênis. **Outros Tempos: Pesquisa em foco - História**, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-281, 2020.

No ano do civil golpe militar, a *Manchete* divulgou o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco em desfile público, festivamente recebido no Recife, acenando e agradecendo às manifestações do povo. O presidente prometeu aplicar, ainda em 1964, quatro vezes mais recursos no Nordeste. Esse ato mostrava que o *Rolls-Royce* não era um carro simples, mas era o símbolo da supremacia masculina, do dinheiro e da glória presidencial, como também aparece nos filmes do James Bond com muitos *Rolls-Royces*, viagens internacionais e mulheres⁴⁷⁰. A segunda imagem demonstra que o reflexo dessa imagem do desejo, do poder e do requinte era absorvido pelo desejo homoerótico, em contexto internacional, como evidenciou o fotógrafo Jurgen Vollmer na edição da *Mandate Magazine*. Assim, o fetiche às fardas emerge dentro da comunidade homoerótica, através dos usos da estética camuflada, robusta e rústica, como forma de apropriação da representação da autoridade estabelecida como estruturante e parte do cotidiano da Ditadura Civil-Militar, como evidencia a leitura articulada de jornais voltados para a família e revistas com temática homoerótica.

No contexto brasileiro, além da *Manchete*, o *Cruzeiro* também estabeleceu a articulação de masculinidades viris aos carros potentes, exemplo disso ocorreu ao dar visibilidade ao evento da Mantiqueira, quando marcharam ao Rio de Janeiro e foram festejados, por ocasião do Golpe de 1964, bem como no contexto internacional, ao ser utilizado pela revista *Drummer Magazine*, na parada gay de 1977, nos EUA, utilizando o tanque de guerra como veículo de transporte para a visibilidade do orgulho de ser, com a propagando do *poppers*:

Imagem 75: Tanques de 1964 (à esquerda); Tanques da Parada Gay de 1977 (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1964, ed. 26, p..35; DRUMMER MAGAZINE, San Francisco. 1977, ed.17, p. 32.

A primeira imagem reflete o percurso das tropas rumo à marcha, momentos antes do Golpe de 1964, e evidencia o uso de um tanque de guerra como elemento simbólico de poder, associado a um universo viril, beligerante e violento. A segunda imagem retoma essa articulação, mas a partir da apropriação desses elementos pelo desejo homoerótico, indicando

⁴⁷⁰ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1964, ed.649, p.71.

que o uso de veículos potentes, como tanques de guerra, também podia ser resignificado dentro da comunidade homoerótica.

Nesse sentido, homens das camadas mais altas das Forças Armadas surgiam ao lado de *Rolls-Royce*, tanques de guerra e *Jeeps*. De forma análoga, o *Jeep* foi amplamente utilizado como transporte eficiente em regiões acidentadas e estradas íngremes que era reutilizado para conferir materialidade ao desejo homoerótico, evidenciando como símbolos de poder e virilidade podiam ser reinterpretados e incorporados a práticas e representações sexuais diversas:

Imagem 76: Jeep de 1964 (à esquerda); Jeep à praia gay (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1964, edição 0026, extra p. 41; Acervo digital de Alair Gomes na Biblioteca Nacional, acesso via sítio eletrônico: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/alair-gomes-muito-prazer/>, em 31 de julho de 2024.

A primeira imagem, datada de 1º de abril de 1964, mostra tropas militares partindo do Rio de Janeiro para enfrentar os soldados comandados pelo General Mourão Filho, mas que, posteriormente, foram convencidos a aderir aos destacamentos mineiros em marcha para a Guanabara, conforme veiculado pelo *Cruzeiro*. No mesmo período, o fotógrafo amador Alair Gomes registrou a segunda imagem, com uma outra utilização do veículo. Esses registros evidenciam que práticas sexuais divergentes das normas heteronormativas não se restringiam a homens percebidos como mais sensíveis ou afeminados. Pelo contrário, essas práticas plurais também se manifestavam entre aqueles que utilizavam carros, veículos carregados de simbolismo de virilidade e poder, mostrando que as performances de gênero e sexualidade eram complexas e atravessavam diferentes contextos sociais⁴⁷¹.

A busca de uma maior potência no motor, versatilidade no comando e elegância no design, entre outros elementos do universo automobilístico articulava-se à dinâmica erótica e sexual de alguns homens. A popularização e distinção dos carros possibilitou uma maior inserção em uma atmosfera da modernidade em que o sujeito se assemelha a uma máquina e essas substâncias que prometiam sentir todas as sensações e em todas as direções possíveis, no

⁴⁷¹ BUTLER, Judith. **Quem tem medo do Gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

sentido de fuga da dor ou ir em direção a ela, tendo em vista que as experiências sensoriais são singulares e subjetivas, dizem respeito à trajetória de vida e dos desejos das pessoas⁴⁷².

O contexto dessas imagens trata do fim da Segunda Guerra e do início da Guerra Fria, inserindo o imperialismo norte-americano numa dinâmica protecionista delirante. Os laços do Brasil nesse período ditatorial marcaram uma posição geopolítica instigante, próxima aos ideais do capitalismo, com as possibilidades da livre iniciativa e do estímulo à competição em amplas esferas⁴⁷³. Logo, o regime Ditatorial Civil-Militar Brasileiro procedeu com uma série de medidas de Segurança Nacional, aliando sempre que possível a eleição de um inimigo em comum que serviria como bode expiatório para o qual o Estado pudesse finalizar sua narrativa de herói legítimo dessa coletividade, caracterizada a partir daquele momento por uma ideologia política articulada à ideia capitalista-imperialista e a estreitos códigos morais, ditando condutas e limites entre os corpos.

Ademais, o caráter nacional das Forças Armadas Latino-Americanas assumiu uma postura internacionalista de combate ao que se considerava subversivo, em que o uso sistemático da dor, a tortura e outras violações dos Direitos Humanos eram utilizados por regimes autoritários. Considerando que as Ditaduras marcaram o Cone Sul da América Latina, durante os anos 1960 a 1980 e incluíam o Paraguai em 1954, a Argentina 1966 e 1976, o Uruguai em 1973 e, o Chile em 1973⁴⁷⁴. De maneira geral, a distinção existente dentro das Forças Armadas se acha ancorada numa organização social que limita o mundo “de dentro” àqueles que estão numa cadeia de relação comando-obediência. Em teoria, isso reduz a possibilidade, existente em relação a alguns grupos estudados, de o pesquisador se deparar com um processo de construção de identidade grupal⁴⁷⁵.

Nesse ponto, o modo de vida militar possibilitou a elaboração de uma subjetividade ambivalente, para alguns homens e em algumas circunstâncias, seja pela influência da revolução íntima do período, seja pela expansão da cultura pornográfica e/ou pela apropriação dos elementos militares em contextos homoeróticos⁴⁷⁶, tornando possível uma experiência

⁴⁷² SZASZ, Thomas. **Dor e Prazer**: um estudo das sensações corpóreas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

⁴⁷³ FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital imperialismo**: teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

⁴⁷⁴ ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). **A construção social dos regimes autoritários**: legitimidade, consenso e consentimento no século XX. (Brasil e América Latina). Vol. 03, Civilização Brasileira, 2010.

⁴⁷⁵ A relação hierárquica no campo militar é composta pelo soldado, Cabo, Sargento, Subtenente, Segundo-tenente, Cadete, Tenente, Capitão, Major (sargento-maior), Tenente-coronel, Coronel, General, Marechal, General-de-brigada, General-de-divisão, General-de-exército. Ver: LEIRNER, Piero de Camargo. **Meia-volta volver**: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

⁴⁷⁶ A cultura pornográfica nos exércitos é percebida desde os desenhos de *strip-teasers* e *pin-ups* na Segunda Guerra. Ver: AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e Guerras: uma brecha no coração do modelo viril?. In.:

complexa para o caso brasileiro, que estabeleceu conexões com o contexto homoerótico internacional e seus subgrupos em suas diferentes demandas de desejo, assim como corroborou o regime autoritário como crença nas capacidades da figura masculina⁴⁷⁷.

Ao articular a atmosfera homoerótica brasileira ao universo das fardas militares, há fatores nessa equação que devem ser considerados, incluindo a possibilidade de progredir na carreira, bem como o desejo de intimidade a uma organização hierarquicamente ponderosa e disciplinadora. Nesse sentido, a própria hierarquia adentra o universo do desejo sexual e funciona como fator de aglutinação ao grupo, algo que é representado em diferentes momentos pelos jornais:

Imagem 77: Treinamento no Calçadão (à esquerda); Militares em ducha (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1972, ed. 1045, p.141 VEJA, 1981, n.269, p. 35.

Em 1972, a *Manchete* evidenciava como a calçada serve de treinamento para atletas de corrida rasa e, em 1981, de maneira despretensiosa, a *Veja* publicava fotos de militares em operação, momentos despretensiosos que ajudam a fortalecer o vínculo de desejo a um corpo sadio, espírito de equipe, camaradas fortes e viris como uma unidade forte e sobretudo, erótica.

Na perspectiva dos apoiadores do golpe de 1964, eles estavam salvando a pátria do grande terror vermelho-comunista, uma ótica redentora que estava alicerçada em um forte sistema de crenças e de confusos sentimentos⁴⁷⁸, que utilizava os ritos solenes, códigos e símbolos do nacionalismo, como a promoção de desfiles cívicos, o canto do Hino Nacional, o hasteamento da bandeira, a exaltação militar e afins, para transmitir a ideia de um Estado forte, coeso e promovedor da paz social, mas estavam tornando o Estado uma instituição ilegítima que exalava o desejo de um segmento social que compartilhava um ideal de civilidade urbana⁴⁷⁹.

CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

⁴⁷⁷ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

⁴⁷⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

⁴⁷⁹ OLIVEIRA, Marconey de Jesus. **“Desfilas pra gente era uma honra!” comemorações cívicas realizadas pelo Ginásio Municipal de Serrolândia-BA durante a ditadura civil-militar (1964-1985).** Dissertação em História da Universidade do Estado da Bahia, 2022.

Assim, visto de longe, o grupo de homens é percebido de forma coesa e forte, dada as vestes uniformizadas. Nesse ponto, as masculinidades inseridas em contexto de segurança nacional elaborou um modo específico de poder erótico-viril porque se sentiu legitimada, dentro do território, para exercer a força caso necessário. As demais figuras masculinas da sociedade deveriam se organizar em suas funções cívicas para o país prosperar, moldando suas performances de gênero para gestos mais harmônicos e empáticos, algo que os aproximava em alguma medida ao universo feminino⁴⁸⁰.

No que se refere à simpatia da sociedade civil em relação às forças armadas, é importante destacar que, em 1914, Berlim contava com cerca de quarenta bares voltados ao público homossexual e aproximadamente dois mil prostitutas, indicando que a vida sexual urbana seguia dinâmica própria, muitas vezes desconectada da aprovação ou tolerância social mais ampla. Nesse período, a Alemanha apresentava o maior movimento de emancipação homossexual da Europa às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Isso, porém, não significava que os alemães eram simpatizantes da causa nem estavam coletivamente preparados para tolerar publicamente a homossexualidade. Ao mesmo tempo, observava-se uma liberação sexual mais ampla, não restrita aos homossexuais, com temas sexuais na literatura e na arte frequentemente incorporavam elementos de violência marcante e duradoura. O impulso geral da sociedade pré-1914 era marcado por um culto ao tecnicismo e à lógica futurista, desejo de superação pessoal e consolidação de inimigos, de modo que a guerra refletiu também uma liberação de autocontrole e dos impulsos reprimidos⁴⁸¹.

A juventude fardada, símbolo de nação forte, a representação da juventude assumia um significado de protagonismo social referente ao regime de poder, a farda cuidadosamente articulada à noção de força, de juventude e de beleza fascista⁴⁸². Assim, parte da juventude hitlerista buscava corresponder ao desejo do Führer, o que era tarefa essencial e constante de cada um dos jovens hitleristas, onde as múltiplas vexações e humilhações aos judeus faziam parte de uma prática que tinha função pedagógica de manter o ardor ao líder genocida.⁴⁸³ Logo,

⁴⁸⁰ MUCHEMBLED, Robert. **História da Violência: do fim da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

⁴⁸¹ Destaque ao Magnus Hirschfeld, que liderou a campanha na Alemanha para revisar o parágrafo 175 do Código civil, e em 1914 sua petição tinha 30 mil doutores, 750 professores universitários e milhares de signatários em prol dos direitos humanitários. Ver: EKSTEINS, Modris. **A Sagração da Primavera: a Primeira Guerra Mundial e o Nascimento da Modernidade**, Tradução de Igor Barbosa. Campinas, SP: Vide Editorial, 2011.

⁴⁸² MALVANO, Laura. O mito da Juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In.: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens: a época contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴⁸³ Há pesquisas que indicam que a formação ideológica no combate pelo Reich era intensa, um alemão relatou que fazia a saudação hitlerista cerca de cento e cinquenta vezes ao dia, além de quando sair de casa saudar com “Heil Hitler” com quem cruzar. Ver: MICHAUDE, Eric. “Soldados de uma Ideia”: os jovens sob o Terceiro Reich. In.:

a juventude hitlerista não se entregou ao bunde predominante do período e a violência funcionaria para superar o estágio do que consideravam “vulgaridade”. No outro lado, os nacional-socialistas estavam influenciados pelo governo fascista de Mussolini, onde a política passou a ser nova religião, e a polarização, uma comunhão⁴⁸⁴.

O desejo de comunhão e de totalidade se diluía nos elementos camuflados, nas *dog tags* e demais fardas. Em 1950, muito desse fetiche às fardas permanecia camuflado, ou, em interação apenas em pequenos núcleos, o silêncio sobre as práticas homoeróticas colocava como uma questão de problema sexual o “homossexualismo” em alguns estudos sobre a diferença, ao mesmo tempo, a adolescência adquirira um estatuto legal e social a ser disciplinado, regulamentado, protegido⁴⁸⁵. Mas, em parte do mundo Ocidental, o sistema capitalista possibilitou que alguns artigos militares se tornassem apropriados pela cultura homoerótica e paulatinamente, ao utilizar os elementos de fantasia e de desejo, elaborasse novas subculturas sexuais:

Imagem 78: *Dog Tag for sale* (à esquerda); *Military Dog Tags* (ao centro); *Armed Forces Week*. (à direita).



Fonte: BAY AREA REPORTER, 1979, v. 9, n. 9 p. 37; DRUMMER, 30, 1979, p. 85; MACHT, v.7, p.6, 1984.

Os elementos do universo militar eram capturados em diferentes dinâmicas do mercado, na elaboração de brinquedos fundantes da socialização infantil, até a produção de brinquedos sexuais e fantasias homoeróticas entrelaçadas a esse universo⁴⁸⁶. Assim, a venda de utensílios

LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴⁸⁴SAVAGE, Jon. **A criação da Juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

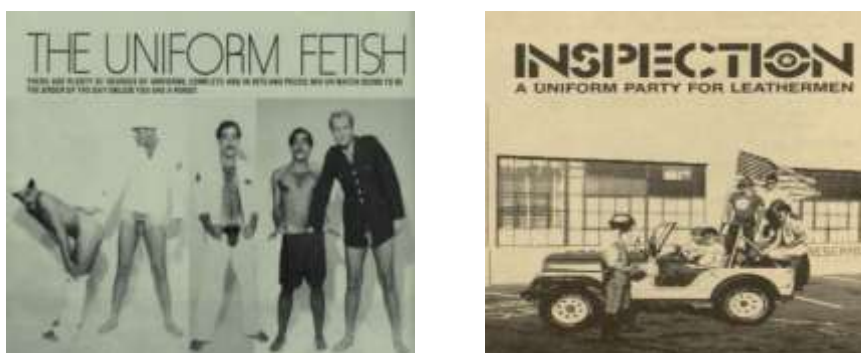
⁴⁸⁵PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In.: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴⁸⁶ Desde o natal de 1914, a parte de brinquedos militares passou de ¼ para a ½ das novidades de catálogos para compras, a exemplo do *Bon Marché* para o inverno de 1916 oferecendo trincheiras com capacetes de metal, um automóvel blindado e afins. Posteriormente, as propagandas da empresa *Meccano*, proliferaram no século XX, figuras de garotos, aviões e caminhões, com metal e a sugestão de uma engenhosidade e domínio técnico. Ver: BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs) **História da Virilidade**: a virilidade em crise? V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

como as *dogs tags* representava a absorção da cultura militar na comunidade gay, as tags surgiram após a primeira guerra como um cordão de identificação dos corpos, para facilitar o ritual fúnebre⁴⁸⁷. A *dog tag* surgia como símbolo de morte gloriosa em guerra e como coleira a um estilo cachorro louco, bravo, viril e kamikaze, que não liga o suficiente para a própria vida, ou que coloca valores acima da sua sobrevivência. A *dog tag* se tornou um símbolo viril, porque significava uma prova de força e destemor da morte, logo repleta de signos da masculinidade viril almejada pela nação⁴⁸⁸.

Os jornais alternativos estadunidenses permitem observar outras dinâmicas da experiência homoerótica, nas quais a força da cisgeneridade e a masculinidade viril se configuram como instrumentos de fuga e busca por novas formas de territorialização, oferecendo espaços simbólicos e físicos para experimentação do desejo:

Imagem 79: *The Uniform Fetish* (à esquerda); *Inspection a uniform party* (à direita).



Fonte: DRUMMER MAGAZINE. San Francisco, Interview: Chick Stiehr talks with a uniform fetishist. Ed. 11, 1976, p. 10; BAY AREA REPORTER, V. 10, N. 16, 1980, p.33.

A revista evidencia como o fetiche pelo uniforme transitava entre o mercado sexual, na elaboração de fantasias e de páginas de prazer, como se configurou a *Drummer*, bem como informa, a partir da *Bay Area*, que a notícia mais quente se trata do *South of Market*, inaugurado no final de setembro no *Miracle Bairro Mile*, chamado de *SF Eagle* e completa a cadeia costa a costa da *Eagle* que começou com o *NY Eagle*, o *Boston Eagle*, o *DC Eagle* e o *LA Eagle*. A matéria informou que os empresários Butch Freeman e Robert Dunn de Folsom Fantasies orgulhosamente convidaram todos os Folsom homens para inspeção de uniformes,

⁴⁸⁷ O fenômeno da militarização da virilidade, obrigatoriedade de todos os homens com idade para portar armas, chegou ao apogeu sangrento na Primeira Guerra, servindo aos exércitos a capacidade de enfrentar o medo, o combate, o risco a lesões, a agonia e a morte. A virilidade combatente é antes de tudo, um “saber morrer”, dada a entrega e a servidão voluntária, a hierarquia e a disciplina. Ver: AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e Guerras: uma brecha no coração do modelo viril?. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

⁴⁸⁸ Para pensar como as diferentes regiões eróticas do corpo são culturalmente acessadas por signos sociais. Ver: PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: N-1 edições, 2014.

empreendimentos que se estabeleceram no nicho respeitado no subcultura do couro⁴⁸⁹. Dessa forma, a fantasia das fardas se torna pano de fundo para o desenvolvimento de um mercado específico homoerótico, como parte do cruzamento dos uniformes com uma pluralidade de outras culturas, como o universo das caronas, o mundo beat, o movimento mais amplo da contracultura.

No que se refere às fardas no cotidiano das grandes e pequenas cidades, alguns produtos culturais demonstram como a representação dos militares e as práticas homoeróticas se engendravam nas relações sociais, como a narrativa dessas figuras em fotonovelas de alguns jornais alternativos, evidenciando os tensionamentos a partir de elementos do cotidiano estadunidense. Um exemplo desse momento histórico foi a repercussão do retorno aos pés de sino para homens alistados, uma questão controversa, pois a farda da marinha com boca de sino compartilhava aspectos em comum com a jovem guarda brasileira, evidenciando que a fantasia das fardas atravessou o universo contracultural e também o mundo homoerótico.

Em 1977, o jornal *Chicago Gay News* publicou uma matéria sobre a temática das Modas Navais⁴⁹⁰, a Batalha do traje naval, uma tendência ao moderno e a reversão ao antigo estão em andamento para os uniformes da Marinha. A cúpula da Marinha reverteu sua ordem para vestir marinheiros nos graus inferiores com os mesmos uniformes dos pequenos oficiais acima. A mudança original para o conceito *One Navy* foi planejada para elevar o moral nas fileiras da torre, mas, na verdade, produziu o efeito inverso, de acordo com a pesquisa oficial feita no início desse ano. Entretanto, muitos veteranos da Marinha reclamaram que, ao adotar os fundos de sino, o serviço havia desistido de um de seus símbolos sexuais mais populares. Logo, após uma pesquisa, preferiram restaurar os antigos uniformes de bumbum, macacão e chapéus brancos redondos em vez do casaco menos físico revelador, camisa branca, gravata e chapéu de pico.

Em 1978, o traje da Marinha continuou rendendo material para jornais gays. O *Jornal Gay St Louis* informou que a Corte dos Estados Unidos se recusou a arquivar um processo em que havia ordenado o processamento de pessoal da Marinha para dispensa por motivos de “homossexualidade”. No entanto o juiz Poole já havia ordenado a reintegração de Ignacio Martinez, sob o argumento de que os regulamentos de marinheiros usados para processá-lo eram inconstitucionais, na medida em que não consideravam sua capacidade para o trabalho. Assim, posteriormente, a Marinha admitiu que havia feito um acordo com o advogado de São

⁴⁸⁹ BAY AREA REPORTER, San Francisco. V. 10, N. 16, 1980, p.33

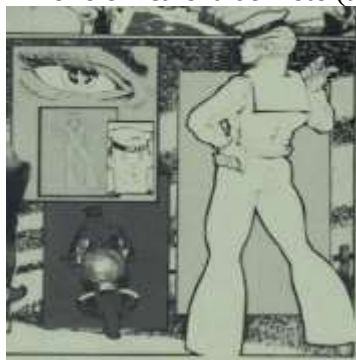
⁴⁹⁰ CHICAGO GAY NEWS, 1977, n.13, p. 12/13

Francisco, John. o governo decidiu arquivar o processo, já que Martinez foi realistado e uma nova regulamentação foi implementada no lugar da anterior⁴⁹¹.

A fantasia erótica desses homens se estabelecia nos poemas, evidenciando uma vida interior imaginativa bastante fértil, encontrando desejos em territórios imagináveis e inimagináveis. O repertório do sujeito, aquilo que o cerca. Entretanto os marinheiros rejeitavam música da banda *Village People* devido à Associação Cristã de Jovens Homens, Young Men's Christian Association, e a música YMCA do album *In the Navy*, por suas implicações homoeróticas específicas da comunidade Gay⁴⁹².

A análise das revistas de temáticas homoeróticas permite sugerir que a reconfiguração do comportamento masculino podia ser realizada na dimensão das práticas sexuais, sem que a interação entre os corpos pudesse afetar de modo definitivo a imagem pública, sua performance de masculinidade e a identidade declarada. De modo que as fontes indicam uma vida agitada e sexualmente intensa entre homens que faziam parte de instituições do Estado Autoritário, bem como a articulação dessa interação das fardas à ideia de virilidade, apropriada pelo mercado sexual emergente, a exemplo dos usos recorrentes das fardas da Marinha Estadunidense envoltos em narrativas homoeróticas:

Imagem 80: Marinheiro em carona de moto (à esquerda); Marinheiro em carona de carro (à direita).



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, San Francisco, The Etienne Portfolio: a pictorial visit with a master of gay male pshysique art. ed. 10, 1979, p.41; HONCHO MAGAZINE, San Francisco. Cover Feature: Richard Locke. ed. 5, 1979, p. 42.

Em fins da década de 1970, tornou-se comum a representação do marinheiro como fantasia que permeava contos eróticos, conforme a *Drummer Magazine* e a *Honcho Magazine* permitem informar. Ao ser desenhado no ato de pedir carona, o perfil do marinheiro surge nas imagens, apresentando uma clivagem entre o mundo contracultural de viagens e o universo da disciplina militar considerada mais conservadora em seus costumes, de modo que o território homoerótico emerge nas páginas como ponto de encontro de duas subjetividades masculinas

⁴⁹¹ GAY ST. LOUIS, v. IV, n.1, 1978, p. 6

⁴⁹² BAY AREA REPORTER, San Francisco. 1979, v. 9, n. 9 p. 11

distintas, mas com um interesse em comum, o desejo sexual. Isto se torna perceptível com as demais informações sugeridas no desenho, com uma proposta quase apelativa, o uniforme justo em suas regiões erógenas e o foco no olhar dos envolvidos deixam a entender o desfecho do contexto.

Ao ser apropriada pelo mercado erótico e pelas fantasias sexuais, esses elementos da moda se entrelaçam a outros signos e circunstâncias, que não se separam dos significados originários, apenas se fundem e atrelam um maior grau de complexidade para a tentativa de interpretação das interações sociais e as demandas de desejo. Na tentativa de controle e de captura desses fluxos de desejo, o capitalismo engendra esforços para satisfazer uma demanda polimorfa e prostética⁴⁹³. Nesse sentido, o sistema sexo-gênero é percebido como uma maquinaria sexo-prostética, onde a heterossexualidade é percebida como uma tecnologia social, não uma origem natural fundadora, e o gênero, algo que, além de performativo, é também prostético, pois se configura a partir da materialidade do corpo⁴⁹⁴.

Ademais, a possibilidade de intercurso sexual entre homens de diferentes nichos sociais não era uma raridade, sobretudo, quando inseridos em grandes capitais e que podiam ser absorvidos pelo anonimato das relações urbanas. Seguindo o fluxo de outros movimentos, seja em razão do ritmo da industrialização, da demanda do mercado e do capital, da família, do trabalho e de outras instituições, seja por uma busca existencial mais voltada ao universo contracultural, o ponto é que o gosto pela aventura permanece como referencial da subjetividade masculina, mas com algumas especificidades.

Na Ditadura Civil Militar no Brasil, a representação do homem militar era de pertencer a uma classe distinta da sociedade civil, constituída por homens com predicados, os quais giram em torno da retórica de uma interpretação mais ascética da vida, pautada na moral e nos bons costumes, e na crença da recompensa futura, longe do considerado vadio ou jogado do aventureiro, do hedonismo, dos ressentidos e da vida de homens considerados infames. Dessa forma, a elaboração de um fetiche às fardas e aos militares se desenvolve em meio a um encadeamento de processos cognitivos que geram um tipo de representação ambígua. Primeiramente, pois a experiência sensória de uma descontinuidade no mundo se transforma

⁴⁹³ Segunda Preciado, a contrassexualidade é o fim da natureza como ordem legítima a sujeição de certos corpos a outros e implica a análise crítica da diferença de gênero e de sexo como produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas. Ver: PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 edições, 2014.

⁴⁹⁴ Assim, a máquina-corpo é construída e também é orgânica, o corpo é percebido como máquina, produto, instrumento, aparelho, prótese, rede, conexões, fluxos de informações, de energia, interrupções e interruptores, chaves de equipamentos, mecanismos, usos e desvios. Ver: PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

em uma ideia que se configura como um elemento que será externalizado e objetificado, conceitualizado coletivamente como coisa material, assim como a presença dos militares e o discurso redentor dos militares para a crise social.

Assim, os produtos postos à venda como as *dog tags* e acessórios camuflados ganhavam popularidade, pois o consumo era dos atributos viris e o poder que exerciam os objetos. A relação de ambivalência do poder se estabelece quando os objetos ora controlam, ora são controlados, como ocorre nos desentendidos nos quartéis. De maneira que os fetiches se realizam a partir de objetos percebidos pelo indivíduo, manipulados por ele, graças à sua materialidade, que, entretanto, aponta para significados e práticas coletivas que fazem deles agentes causativos em si mesmos⁴⁹⁵.

O fetiche às fardas policiais se articulou à representação do “homem durão”, como um desdobramento de uma construção social que se estabeleceu em diversas propagandas, publicitários, jornais, fotojornais, cinemas e novelas. Esse fenômeno provocou algumas teorias psicossociais sobre o trauma que a separação da mãe faz dentro de si com um corte no seu próprio princípio feminino, fazendo com que o homem perca a sua ternura aparente e se insira na frieza da vida adulta⁴⁹⁶. Essa teoria articula processos pedagógicos com processos de aprendizagem de códigos de masculinidades em muitas instâncias e metodologias dolorosas, como o uso das palmatórias. Logo, diante da tortura da carne, o homem tem uma profunda noção de culpa frente à carne, que ele tortura o mais que pode, sempre que declara estar cuidando dela.

O discurso em torno da figura do “machão” na sociedade envolvia características como não gostar de carícias, nem demonstrar emoção⁴⁹⁷. Essa questão evidenciava que, em contrapartida, a ternura, a alegria e o olhar “açucarado” da pessoa declarada gay seriam articulados a noções de feminilidade e percebidos através de parâmetros da subalternidade, evidenciando traços hostis que as relações hierárquicas do gênero produzem, ainda que dentro de algumas subcomunidades, conforme evidenciam as representações das fantasias sexuais homoeróticas com elementos que reforçam aspectos de uma hipervirilidade⁴⁹⁸.

⁴⁹⁵ PIRES, Rogério Brittes Wanderley. **O Conceito Antropológico de Fetiche: Objetos Africanos, Olhares Europeus**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

⁴⁹⁶ VIEIRA, Yvonne Mattos. Identidade do Homem na Sociedade Patriarcal. In.: BASTOS, Suely; SARDÁ, Verônica; SALDANHA, Luiz Antônio (ogs.). **Macho, Masculino Homem**. São Paulo: Editora L&PM, 1986.

⁴⁹⁷ GAIARSA, José Angelo. O Corpo do Homem. In.: BASTOS, Suely; SARDÁ, Verônica; SALDANHA, Luiz Antônio (ogs.). **Macho, Masculino Homem**. São Paulo: Editora L&PM, 1986.

⁴⁹⁸ NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpsons: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

A fantasia do fetiche homoerótica com as fardas e do universo da polícia em contraste com a experiência real de um estado de exceção abre inúmeras possibilidades de interpretação do fenômeno sociológico, seja pelo diálogo do erótico com o interdito, seja pelos usos de os elementos adquirirem novos significados, seja pelo empréstimo dos valores da farda ao universo homoerótico, entre outras hipóteses. No dia a dia, essa fantasia nem sempre se confunde com a realidade, o desejável é que existe uma clara separação dessas fronteiras sociais, formais e eróticas. Mas o ponto central do argumento é que os mecanismos de investigação e punição das práticas subversivas criaram condições de possibilidades para o mercado sexual reconhecer uma demanda de desejo e agenciar essa força em forma de fetiche consumível por um público consumidor.

Assim, a representação do homem forte e viril que veste o uniforme militar era, para alguns, a única estética possível para limpar o espelho sujo e trincado da masculinidade frágil, passou por uma transformação no mercado sexual, pois a ideia de um homem que não pode falhar, alguém firme e operante, disciplinado e viril. Nesse sentido, o fetiche às fardas responde aos códigos de masculinidades e representações desses perfis viris no decurso do tempo, logo a emergência desse afeto erótico no mercado sexual surge como uma herança dos símbolos do corpo heróico atlético e viril. Por fim, a apropriação dos uniformes como objeto de desejo demonstra que a arte erótica transforma tudo em fetiche sexual, experiência realizada e/ou fantasiada.

3.4 LEATHER CULTURE

Imagem 81: *The Male Figure* (à esquerda); *The Male Figure* (ao centro); *Harley Deivison* (à direita).



Fonte: THE MALE FIGURE, 1958, v.11, p. 38; THE MALE FIGURE, 1966, v. 35, p.9; HONCHO MAGAZINE, n 2, p. 16, 1978.

Em 1958 e 1966, a revista *The Male Figure* relacionava o consumo de produtos como a moto, a calça jeans e a jaqueta de couro, ou, a ausência das peças de roupa, a partir das imagens de propagandas da motocicleta Harley-Davidson que se relacionava ao aspecto viril e seus

valores culturais acoplados. Assim, o símbolo do motoqueiro “selvagem” permitiu certa clivagem no universo homoerótico, por diversos pontos de intersecção discursivo-imagético⁴⁹⁹.

Os códigos de masculinidades fluíam ao redor e entre o corpo do grupo social de motoqueiros, produzindo sentido no interior do grupo existente e possibilitava o deslize para outra versão dessa representação viril. Nesse sentido, um conjunto de códigos culturais intercambiava em torno do aspecto da revolta aos costumes sociais e ao desejo de liberdade, para uma atmosfera mais sensual, provocando a elaboração de uma subjetividade masculina marcada por estímulos eróticos híbridos⁵⁰⁰. Logo, o entre-lugar de grupo de motoqueiros e de comunidades homoeróticas permitiu, em torno de sua complexidade, a formação de subgrupos e pequenos núcleos, com práticas e ritos próprios.

Além das imagens homoeróticas que circulavam em revistas pornográficas nichadas, alguns grupos de motoqueiros intercambiavam diferentes tipos de práticas de prazer nas estradas, de modo que a interação homoerótica não era exatamente uma questão silenciada, tornando-se socialmente aceita em alguns grupos pequenos, como ocorreu com o grupo estadunidense *Satyr*. Esse grupo surgiu inspirado na mitologia dos sátiros, promovendo performances viris e experiências homoeróticas desde o meio da década de 1950. Em 1976, a *Drummer Magazine* informou que o grupo *Satyr* festejou o enlace amoroso entre dois membros, Fred e Tom:

Imagem 82: Casamento Satyr (à esquerda); Beijo de Casamento (à direita).



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, San Francisco. 1976, v 6, p. 11.

A união na fraternidade do couro ocorreu no encontro com cerca de vinte motos enfeitadas, com membros do grupo de motoqueiros que realizavam rituais semelhantes ao sacramento do matrimônio para a Igreja Católica, predominante no Brasil e no mundo ocidental do período. Os casamentos entre homens ocorriam dentro da comunidade e no interior de

⁴⁹⁹KALIFA, Dominique. Virilidades Criminosas? In.: CORBIN. A; COURTINE, JJ; VIGARELLO, G. (orgs.). **História da Virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. V. 3. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

⁵⁰⁰BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376.

sacramentos específicos dos membros do grupo, de modo que é possível sinalizar que esses grupos fabricavam as próprias crenças e depositavam suas esperanças nas estradas.

Nesse momento, essas práticas eram percebidas como atos secretos, estimulados e instigados pela tensão homoerótica que brotava entre os homens. Considerando a experiência homoerótica no período pré-epidemia de HIV, é possível supor que essas uniões ocorriam sem a elaboração de um afeto maior de cumplicidade, uma vez que o foco parecia ser a busca incessante de parceiros para gozos múltiplos. Posteriormente, é que essas uniões surgem acompanhadas de uma política de visibilidade proposta em face ao Estado⁵⁰¹.

Os grupos de motoqueiros, geralmente, possuíam um conjunto de práticas não usuais, seguindo a própria perspectiva de espírito livre, união com a moto e respeito ao subgrupo quase como uma religião. Logo, a simbolização da união através de um rito que fazia sentido apenas ao pequeno grupo de amigos ou comunidade do couro era mais importante que a aprovação do Estado ou das leis de Deus, já que essas imagens autoritárias promoviam a essas modalidades de união apenas o aspecto mais sombrio, obscuro e perverso da sexualidade humana⁵⁰².

Os territórios de desejo foram construídos a partir de diversas tendências que se desdobravam dessa forma de subjetividade que dialoga com códigos de masculinidades viris, a exemplo da *Leathermania*, *leather fraternity*, que propunham os próprios encontros festivos e sexuais, as próprias festas e as próprias leis. Em 1975, um dos encontros serviu para elencar quem seria a beleza masculina mais notória, tal qual o concurso de miss universo que fazia sucesso no período⁵⁰³, mas apenas entre trabalhadores locais da empresa de cerveja ACME. Nessas circunstâncias, desfilar sem camisa, usando apenas uma calça jeans, poderia ser um momento único para seduzir o público, repleto de pessoas influentes e de indústrias, que independentemente da identidade sexual e da bandeira levantadas, o capital era quem exercia maior poder de decisão para esses modelos que negociavam com o grupo consumidor. Essa era uma oportunidade de ascender socialmente, quando a perspectiva de vida dos trabalhadores em fábricas e de empregos similares era algo bem precária e vulnerabilizada por setores sociais e por camadas de direção do Estado.

⁵⁰¹ A reivindicação pela legitimidade da União de pessoas do mesmo gênero girava em torno da luta por dignidade de elaborar um projeto de vida, em dignidade e sem obstáculos do Estado, que passa a ser entendido como garantido de direitos da personalidade, direitos civis, políticos e previdenciário. Nessa esteira, apenas em 2013, no Brasil, a união de pessoas homoafetivas foi equiparada à união civil. Ver: VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade**. Bauru: Spessotto, 2019.

⁵⁰² MOTT, Luiz. **Homossexualidades: mitos e verdades**. Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

⁵⁰³ O concurso Miss Universo desfrutou maior prestígio no Brasil, nas décadas de 1950, 1960 e começo dos anos 1970, tornando possível a articulação da beleza e da feminilidade com os ideais de uma “mística feminina”. Ver: BATISTA, Ana Maria Fonseca de Oliveira. **O telefone sem fio, a sobrinha do presidente e as duas polegadas a mais: concepções de beleza no concurso de Miss Universo**. Mestrado em antropologia social na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

Imagem 83: ACME man 1975 (à esquerda); Desfile ACME (ao centro); Acme Beer (à direita).

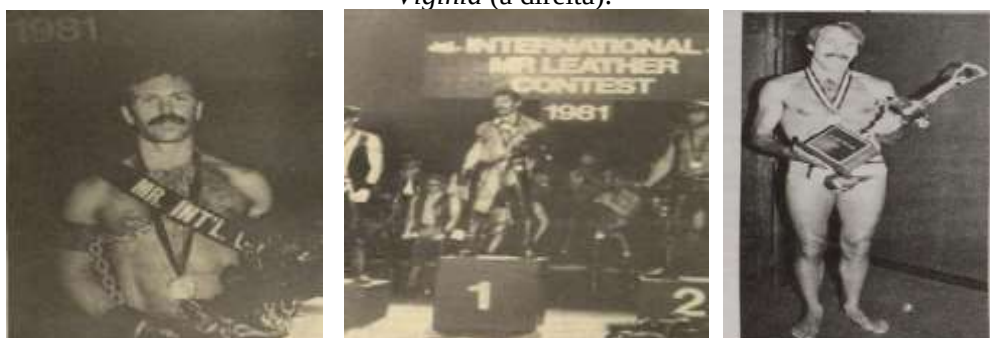


Fonte: BAY AREA REPORTER, San Francisco - California, 6 de fev de 1975, v. 5, n. 3, capa; BAY AREA REPORTER, San Francisco, 1975, v. 5, n. 3, p.26; BAY AREA REPORTER, v 5, n 13, p 2.

Em 1975, o corpo masculino surgia como objeto de desejo, como se evidencia no desfile promovido como *Acme Beer's Man 1975*, com o modelo Steve, que teve a experiência como objeto de beleza para uma loja de roupas e foi escolhido como *Sr. Acme 1975*, assinando um contrato com uma agência de publicidade de cerveja, por mil e duzentos dólares, para o uso de suas fotos. Logo, o corpo considerado padrão masculino passou a ser valorizado nos concursos de beleza viril, veiculados no jornal da Baía de San Francisco.

Essas imagens demonstram como braços fortes, bigodes bem delineados e volumosos, cabelos lisos e com “costeletas”, pelos exibidos para fora da camisa, postura ereta e peitos à mostra se tornavam características valorizadas entre os homens inseridos em diferentes comunidades, seja de trabalhadores de fábricas, como foi o caso do modelo Steve, seja em grupos homoeróticos de alguns centros urbanos, como passaram a ser os concursos de beleza entre homens gays no estado de São Francisco, com o *Mr. International Leather Concurso*, e o do estado de Virgínia, *Mr. Gay Virgínia*, ambos nos Estados Unidos, evidenciando modelos semelhantes:

Imagem 84: *Mr. International Leather* (à esquerda); *International Mr. Leather* (ao centro); *Mr. Gay Virgínia* (à direita).



Fonte: BAY AREA REPORTER, Volume 11, Number 12, 1981, p.32/33. (Foto de cortesia da Drummer Magazine); OUR OWN, 1980, v.4, n.11, p.3.

A primeira imagem, em 1980, o modelo David Kloss, surge como uma extravagância, com adereços de couro e correntes, além da faixa como prêmio. A segunda imagem, de 1981, o *Mr. International Leather*, com uma medalha de ouro entre os peitos, uma dúzia de rosas de couro pretas entre os braços, o bartender de Phoenix em Castro, Marty Kiker foi patrocinado pela Brig de São Francisco. A terceira imagem, de 1980, o *Our Own* informou sobre o Primeiro Concurso Oficial *Mr. Gay Virginia* que foi realizado com a participação de Wayne Idiffer, Gay América 1979, com a eleição do vencedor Jim Aldrich, de Norfolk, que afirmou ser bom ganhar o prêmio de duzentos e cinquenta dólares em dinheiro, um grande troféu e uma semana para Key West. O conjunto das imagens reflete um dado histórico que é a continuidade de encontros e de competições entre apreciadores da cultura do couro, dos músculos e da beleza entre homens com práticas homoeróticas, criando condições para uma multiplicidade de outros encontros de modo semelhante, com seus próprios títulos, a exemplo do *Mr. Gay* em Virgínia, nos Estados Unidos.

As primeiras edições de *Mister Gay* no Brasil surgiram a partir da imitação aos concursos de *Miss Universo*, tornando possível a elaboração do “transformismo” entre os homens, que consistia em uma ficção do que corresponderia ao ideal de feminilidade e de mulher, um modo de experimentar e viver um universo feminino⁵⁰⁴. Após as décadas de 1970 e 1980, a eclosão dos concursos de beleza entre homens passou a ser confabulado de modo mais íntimo ao conceito virilidade, a saber: a valorização dos músculos, a apropriação dos elementos do couro e das fardas, a adoção de uma estética natural, com a predominância dos pelos.

A partir do momento em que as imagens circulavam, estas se tornavam apropriadas por diferentes nichos e elaboravam diferentes demandas de desejo, fazendo com que o agenciamento do práticas sexuais entre homens construísse ramificações complexas para algumas pessoas. Por isso, os homens do concurso *Mr. Leather International* e *Mr. Gay Virgínia* se diferenciavam dos concursos de *Mr. Músculo* e *Mr. Universo* porque tinham pelos, adornos e acessórios de couro, parte da obsessão pelo couro, e certa imitação mais fantasiosa em relação ao ranking de beleza. A distinção sutil parecia ser de que em um grupo há uma formação de “apreciadores” dos músculos, enquanto que no outro concurso existe um agrupamento de “julgadores” dos músculos. Muito embora essa diferença entre apreciadores e julgadores fosse indemonstrável, reducionista e controversa, posto que não seria possível afirmar em que momento algo deixaria uma categoria para adentrar outra.

⁵⁰⁴ SANTOS, Muryllo Rhafael Lorensoni do. **Miss Gay**: o protagonismo e os atos performáticos de gênero. Tese em Estudos Culturais na Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

Além disso, as expressões de desejo homoerótico demonstravam ser circunstanciais, ambivalentes e, até, contraditórios pois mesclam os códigos que são fundantes da masculinidade viril entre os sujeitos (máquinas desejantes) e os objetos do desejo. Desta maneira, as disputas de beleza masculina poderiam tomar diferentes rumos de cooperação, de competição e/ou desejo, a depender mais dos sentimentos envolvidos do que dos termos utilizados para o concurso.

Alguns homens entendiam a masculinidade enquanto valor e disputa como signos estruturantes da própria realidade. Logo esses valores produzem sentido, e fora disso, não haveria desejo. Isso demonstra que a força dos códigos de masculinidades é definida na interação com o sujeito, que se conecta a ponto de transformar a si mesmo. O direcionamento do consumo desse suplemento cultural impresso indica o fomento a um corpo de verão, caracterizado pelo culto à juventude, à beleza viril, região limítrofe com a caricatura de si mesmo, aos traços rústicos, os concursos de beleza, rankeando beleza como uma disputa. Os detalhes inúmeros que ajudam na construção de padrões ideais de homem, a partir de uma perspectiva da imitação, espelha o seu objeto de desejo como em um *hall* de espelhos⁵⁰⁵.

O estabelecimento de uma demanda do fetiche *leather* migrou entre diversos países, a partir do circuito homoerótico de turismo de prazer e de apropriações específicas da localidade, podendo incorporar elementos hippies, punks, policiais, motoqueiros, cowboys e afins. No Brasil, as interações homoeróticas ocorriam de forma intensa, de forma furtiva ou muito pontual, em pequenos núcleos urbanos. Como o país passava por processos de transformações, aqueles homens que viviam em regiões mais afastadas, em cidades interioranas, estabeleciam suas próprias táticas de fruição, flertes e paqueras, e/ou caíam em diáspora para os centros urbanos, onde a possibilidade de prazer entre o cinema Orly e outros locais prometia diversão quase certa⁵⁰⁶.

A emergência de um local de sociabilidades entre homens tornava possível a eventual conduta homoerótica, evidenciando circuitos de prazer em cidades como Fortaleza, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, como demonstra a coluna *Roteiro* homoerótico específico no *Lampião da Esquina*, destinado ao estímulo do turismo sexual no Brasil⁵⁰⁷. Nessa interação, a depender de cada sujeito, o processo de viagem poderia mesclar interesses *hippies*,

⁵⁰⁵ TAMAGNE, Florence. Mutações Homossexuais. In.: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da Virilidade**: vol. 3. A Virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

⁵⁰⁶ CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

⁵⁰⁷ PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: editora Best Seller, 1991.

punks e/ou características de um *Roteiro Gay* e/ou *Gay Guide*, uma vez que os jornais alternativos mais específicos demonstravam que a viagem contracultural estava atrelada à busca de sexo em rotas gays específicas de São Francisco, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outros centros urbanos, ou apenas o desejo de ir além de toda a filosofia de uma vida não planejada e fora da monotonia padrão.

Dessa forma, a virilização das aventuras foi acompanhada do silêncio sobre as práticas homoeróticas dos aventureiros, em diferentes tendências da contracultura, entre beats e existencialistas, não por não existir eventuais interações sexuais entre homens e até roteiros para esse prazer específico, mas, justamente, porque se buscava dialogar com códigos já estabelecidos de masculinidades, entre os quais a coragem, como uma força voltada ao universo masculino e que, possivelmente, na perspectiva dos escritores aventureiros, quase que uma oposição “natural” dessa virtude para homens afeminados⁵⁰⁸.

De todo modo, a formação de uma subcultura específica grande o suficiente para organizar encontros de concurso de beleza, encontros para festas sexuais e turismo sexual, como foi o *leather fan* em alguns setores do mercado, reforçou a produção de seus produtos voltados ao fetiche do couro, do plástico, das fardas/uniforme e outras inovações que indicavam uma relação sexual não precisaria necessariamente de um outro corpo, poderia se alcançar. Assim, o avanço da subcultura e o compartilhamento dos produtos em comum possibilitaram também um roteiro de turismo articulado ao mercado de consumo, emergindo de forma intensa no Norte Global:

Imagem 85: *Watch for Horses* (à esquerda); 1977 *Levi/Leather Tour* (ao centro); *Leather* (à direita).



Fonte: BROUGH, 1970, DRUMMER MAGAZINE, n. 10, 1976, p. 71 DRUMMER MAGAZINE, n. 30, 1979, p. 80.

Em 1970, a primeira imagem deriva da *Revista Bough* que explorava a calça jeans marcando para pedir caronas selvagens, e essa permanência homoerótica se estabelece ainda

⁵⁰⁸ VENAYRE, Sylvain. A virilidade Ambígua do Aventureiro. In.: CORBIN, A; COURTINE, JJ; VIGARELLO, G. (orgs.). **História da Virilidade**: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. V. 3. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

em novembro de 1976, quando o jornal homoerótico *Drummer* já veiculava quadrinhos em uma mistura de tensão sexual e desejo entre motoqueiros e fardados, no caso específico um marinheiro, evidenciando que atravessavam o universo homoerótico do período os códigos de masculinidade. A placa escrita *Watch for horses* é referência ao lado selvagem da vida. A segunda imagem, da esquerda para a direita, é retirada da publicidade sobre o restaurante temático leather estadunidense, enquanto que a segunda imagem lista cinco destinos sexuais para homens curtirem, sendo os destinos: fevereiro em Munique, para curtir o *Mardi Gras*, quase equivalente ao carnaval brasileiro; o segundo, maio e junho no Rancho Amigo do Texas; terceiro, a capital do couro na Europa em Julho, para conhecer os irmãos em Hamburgo, Berlim, Copenhagen, Stockholm, Amsterdam; o quarto, curtir o *October fest* em setembro e outubro em Munique; por fim, o quinto destino, dezembro e janeiro em Londres. Logo, a *Drummer* informou as cinco fabulosas viagens para o Norte Global, sendo que essa influência no mercado homoerótico e no turismo sexual desponta a partir da década de 1970, conforme evidenciam as revistas e jornais alternativos específicos da subcultura do período⁵⁰⁹. Por fim, a terceira imagem evidencia a publicidade de um restaurante inserido na subcultura do *Leather*.

Na dinâmica erótica, as circunstâncias históricas podem sugerir que o homem considerado “machão” e detentor dos atributos percebidos como viris, em muitas circunstâncias, emergem como objeto de desejo e idealização, capaz de uma performance de crueldade que é encarada como potência erótica entre a subcultura específica que compartilha dessa interação. De modo que as imagens que representam as masculinidades intimamente vinculadas ao couro promoveram uma redefinição sensorial na dinâmica do flerte e do prazer das pessoas inseridas no contexto de suas subculturas *leather*, na medida em que os homens passavam a buscar pessoas que se assemelhassem às representações de desejo estampadas nos jornais alternativos específicos. Esse movimento promoveu uma maior busca narcísica, por iguais, características de virilidade, onde o aspecto interseccional da classe, da raça/negritude e do gênero eram colocadas em parâmetros hierárquicos, na medida em que o emergente mercado homoerótico também se dispunha a encontrar semelhantes. Esse fenômeno indica certo espelhamento da performance viril, bem como de adereços e roupas que indiquem a experiência do universo masculino, percebidos através da interpretação do próprio grupo sobre os códigos de feminilidades dos “outros” sujeitos, em seus trejeitos, seus gestos e seus demais códigos de linguagem, de modo que o próprio grupo desenvolve as próprias fronteiras.

⁵⁰⁹ VENAYRE, Sylvain. Os Valores Viris da Viagem. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2. O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

A performance do duelo se inscreve entre condutas de honra violentas, que são inúmeras e variadas ao mesmo tempo em que são sensuais e eróticas. A historiografia aponta que, desde os anos 1850, houve um declínio da prática desse tipo de combate na Grã-Bretanha, aos poucos o duelo se torna sinônimo de refinamento dos modos a que somente uma minoria de ofendidos estava disposta. As obras do fim século XIX e do começo do século XX dedicadas à noção de honra gostam de equiparar homens e animais, que recorrem ao duelo como uma forma de seleção dos machos mais vigorosos e valorosos, aos quais as fêmeas entregam seus favores⁵¹⁰.

Imagem 86: *Physique Pictorial*.



Fonte: *PHYSIQUE PICTORIAL*, v. 17, n.1, 1968, p.20-21.

A imagem mostra um personagem seminú, com botas, chapéu e uma arma, em posição de duelo e frente a outro homem, igualmente semidespido, mas com uma espada de arma. Esta leitura da imagem sugere que a estética viril presente no periódico *Physique Pictorial* produz e reproduz uma performance erótica de enfrentamento entre homens ao longo dos tempos, ao utilizar diferentes tipos de armas. Assim, a imagem reflete o lugar da competição como um local de caráter fundante para o estabelecimento de códigos de uma virilidade conectada ao uso da violência, seja por arma branca ou arma de fogo⁵¹¹.

No começo do século XX, antes da imagem do confronto mediado por armas, a instalação “espontânea” de um corpo viril se desenvolveu a partir de fotos de lutadores, com peitos proeminentes, bigodes provocantes e torso inflado. A disseminação dessas imagens

⁵¹⁰GUILLET, François. O Duelo a Defesa da Honra Viril. In.: VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain (orgs.). **História da Virilidade: o triunfo da virilidade (o século XIX)**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

⁵¹¹ Nos séculos XVI e XVII, as sensibilidades e os comportamentos das populações da Europa Ocidental sofreram uma mutação ligada aos costumes, encorajados por duas reformas religiosas e pelos Estados Modernos em construção, onde a cultura da violência passa a ser reservada aos militares, ordenados pelo Estado para defender a paz. Assim, os jogos da nobreza passam a compor uma delicadeza de gestos viris esperados de um cortesão, concentrados através de três artes, a espada, a equitação e a dança. Ver: BELMAS, Élisabeth. Jogos “de exercício”, divertimento e virilidade. In.: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às luzes**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

reforçou o discurso de que um homem viril deveria corresponder ao retrato do peito estufado, braços nas costas e queixo levantando, deixando a entender uma força hercúlea⁵¹².

A imagem do homem viril articulada ao confronto e à demonstração de força também surge com o avanço das imagens fotográficas e do cinema, com personagens fictícios e atores notáveis, como o Zorro promovendo novos arranjos de fantasias homoeróticas:

Imagem 87: *Zorro* e seu cavalo (à esquerda); *Zorro* armado (ao centro); *Zorro* de Volta, a justiça será feita (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1975, ed 1230, p. 181; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1980, ed. 1494, p. 70.

Em 1975, a *Manchete* informava que *Zorro* ingressou no cinema quase furtivamente, quando o ator Alain Delon já tinha uma biografia de ação e violência no papel interpretado como Borsalino. Considerado um caso típico de menino rebelado, foi sendo transferido para colégios cada vez mais severos, sem conseguir sua submissão. Trabalhou com o avô numa loja e posteriormente foi à marinha, quando desistiu. Já, em 1980, voltava a colocar a máscara do *Zorro* e a fazer justiça, com o lenço vermelho no pescoço, o chapéu de cowboy e a máscara, elementos que exalavam mistério, aventuras e uma possibilidade para viver coisas novas.

A história de *Zorro* surgiu inspirada em um livro de aventuras chamado *A Maldição de Capistrano*, de 1919. No ano seguinte, em 1920, o galã aventureiro Douglas Fairbanks já emprestava seus dotes atléticos para a história de Don Diego de la Vega. Posteriormente, em 1940, o ator foi obscurecido por Tyrone Power em o *man in black* de a marca de *Zorro*. A partir desse sucesso, a Disney criou uma série de TV⁵¹³. Anos mais tarde, em 1976, Alain Delon, seguido, em 1981, por Georges Hamilton⁵¹⁴. Isso demonstra que a performance de *Zorro* se tornou imitável em diferentes anos, faixas etárias e gênero, de forma predominantemente festiva, evidenciando que o universo da fantasia se articulava também aos instintos eróticos de forma domesticada, por isso a importância da máscara para fugir da *persona* social através da marca do *Zorro*, que consistia em rasgar um Z em seus inimigos.

⁵¹²VIGARELLO, Georges. Virilidades Esportivas. In.: In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade**: a virilidade em crise? V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

⁵¹³ CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1958, ed. 08, p. 25

⁵¹⁴ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1982, ed. 1569, p.144

Diante disso, a experiência em observar a performance do personagem podia ser excitante para o observador que se envolvia por alguém que escondia as habilidades, o dinheiro e a erudição. De modo que o impacto na cultura foi vivenciado nos momentos festivos onde o uso da máscara do *Zorro* sinalizava para uma possível gestão do desejo misterioso do personagem em clivagem com a própria subjetividade. Além disso, a influência dos elementos do personagem fictício atravessa as relações mais íntimas e dialoga com outros fetiches sexuais, como o do couro e das fardas.

A excitação pública de parcela da comunidade homoerótica aumentava, na medida em que a maior especulação da vida sexual do ator que representava o *Zorro* surgia em páginas das revistas, motivando rumores e fofocas. Assim, muitos foram os atores que interpretaram o célebre papel de *Zorro*, mas o público elegeu o ator Tyrone Power para especular e criar rumores sobre a sua suposta sexualidade ambígua, permeada por uma vida secreta, semelhante ao personagem inclusive em seu modo elegante de se portar:

Imagem 88: A vida secreta de Tyrone Power.



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1980, ed.1490, p. 47

A *Manchete* informou que os rumores sobre Tyrone Power eram controversos, pois para uns ele andava para baixo, para outros nunca tão bem. Além disso, o jornal informava que um de seus amantes o descreveu como “70% trabalho, 20% homens, 10% mulheres”, e ainda que a empresa em que tralhava pretendia fazer com que o ator casasse com uma moça. Enquanto isso a *Manchete* informava que o ator não procurava ninguém para estabelecer vínculos de afeto sexual e mantinha-se discreto em dois casamentos frustrados. Contava-se que o ator Tyrone Power, para sobreviver, foi motorista do humorista Arthur Cesar e, através de amizades influentes, estabeleceu sua carreira, tinha notável aparição em Tom Brown, mas permanecia desempregado. Nessas circunstâncias, o ator não se prostituía literalmente, mas chegava a trocar comida por afeto e gentileza de homossexuais ricos. Assim, as fofocas sobre a vida privada e

a verdade de sua sexualidade alimentavam a fantasia dos consumidores pela hipótese de se relacionar com o *Zorro* da vida real⁵¹⁵.

Nesse ponto, a pornografia também surgiu como versão especializada do romance, ao estimular a imaginação do leitor ao simular uma atividade sexual real, mesmo se tratando de forma meramente fantasiosa. Na perspectiva do consumo, os comerciantes compreendiam que as mulheres eram mais suscetíveis aos efeitos da imaginação do romance, enquanto os homens seriam os principais leitores de textos pornográficos, até o século XVIII⁵¹⁶. De modo semelhante, a imaginação erótica e a fantasia estavam intimamente relacionadas com narrativas do cotidiano, mas com elas se distinguiam, justamente, em razão dos códigos morais e normas sociais. Contudo o mercado sexual tentou capturar essa demanda de desejo através da produção de jornais homoeróticos e pornográficos, com o objetivo de estimular o prazer sexual e as relações homoeróticas.

Em 1981, a narrativa do *Zorro* se modifica em *The Gay blade*, com o ator Georges Hamilton, visto como conquistador assume uma postura considerada pelo público, pouco viril. Apesar do desgosto crítico, o ator afirmou era apenas uma brincadeira. A *Manchete* informou que o novo *Zorro* não era aquele interpretado por Douglas Fairbanks e Tyrone Power, com a morte do verdadeiro *Zorro*, Don Diego Vega de volta à Califórnia, herda a espada, a capa, a máscara do pai, revivendo a lenda de justiceiro. Numa fuga precipitada, Diego torce o tornozelo e fica impossibilitado de continuar sua missão em defesa dos oprimidos. A história começa quando Ramon, irmão de Don Diego Vega, que vive na Inglaterra e era oficial da Marinha Britânica, assume, a seu modo extravagante e efeminado, a identidade do *Zorro*. Na narrativa, o traje negro é substituído por roupas coloridas, a espada pelo chicote, numa composição afetada, de sotaque britânico latinizado, na qual registra o advento de um *Zorro Gay*⁵¹⁷.

Posteriormente, George Hamilton, atuando também como produtor, decidiu fazer *As Duas Faces Do Zorro*, *Zorro The Gay Blade*. Diante disso, ainda em 1982, a *Manchete* emitiu uma opinião afirmando que a forma de ganhar dinheiro com “homossexualismo” continuava sendo prática internacional e nos mais diversos ramos, com brincadeiras inocentes o “homossexualismo vai chegando às telas”⁵¹⁸.

⁵¹⁵ VIGARELLO, Georges. **O Sentimento de Si**: história da percepção do corpo. Editora Vozes, Rio de Janeiro: Petrópolis, 2016.

⁵¹⁶ TRUMBACH, Randolph. Fantasia Erótica e Libertinagem Masculina no Iluminismo Inglês. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia**: obscenidades e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

⁵¹⁷ MANCHETE, Rio de Janeiro. *Zorro ficou muito louca*. 1981, ed. 1523, p. 54

⁵¹⁸ MANCHETE, Rio de Janeiro, *Zorro não é mais aquele*. 1982, ed. 1569, p.144.

A contradição da *Manchete*, em dois anos antes especular a vida sexual do ator Tyrone Power e, posteriormente, estabelecer uma crítica à perspectiva “homossexual” da zorro em Georges Hamilton, reflete o mal-estar da sociedade em relação à imagem não viril do homem, uma vez que o primeiro caso demonstrava uma excitação e uma possível tentativa de manter a vida em sigilo, um comportamento padrão conhecido da sociedade burguesa, em face da versão escancarada e caricata da homossexualidade, evidenciando uma discriminação ao sujeito que borra as fronteiras do gênero e não articula uma performance viril como os demais, dentro do contexto de inteligibilidade cultural do grupo dos homens.

Muito do acesso ao mundo homoerótico era restrito aos grandes centros de países do Norte Global, e essa subcultura mais específica *leather* respondia às circunstâncias de seus próprios contextos, de modo que, ao emergir nos grandes centros urbanos do Brasil, seus elementos são copiados e até apropriados, mas durante as interações demonstram possuir significados outros. No Cone Sul, o gênero, a raça e a classe são categorias articuladas desde o período em que o Imperialismo e a invenção da raça tratados como aspectos fundamentais da modernidade industrial Ocidental, uma vez que a especificidade do território estabeleceu, em alguns momentos acontecimentos foram centrais e indispensáveis para que o mercado industrial e para a empresa imperial emergisse enquanto produtos de fetiche da mercadoria⁵¹⁹.

No contexto brasileiro, a construção do orgulho de ser e estar homossexual foi algo investido por um conjunto de grupos afirmativos, mas que não necessariamente estava alinhado com as práticas reais do cotidiano, em que muitos homens interagiam de forma homoerótica sem se identificar com a categoria da dissidência. De forma que alguns homens que estavam nas interações do circuito homoerótico não sentiam necessidade de afirmar uma política identitária. Essa causa foi apontada como um dos muitos fatores de discriminação social e sexual de algumas pessoas, pois, embora os homens que se consideravam “machos” não se oponham necessariamente à “feminilidade”, existia nos clubs e fraternidades uma nítida rejeição de quaisquer atributos corporais, gestuais, comportamentais, relativos a sentimentos, sensações ou expectativas que possam ser relacionados ao estereótipo do “afeminado”. Assim, em algumas circunstâncias, a valorização dos discursos que constituem o “macho” como objeto de desejo não se opõem, à feminilidade, mas à “bichisse”, como ocorre em algumas subculturas da comunidade homoerótica emergente na década de 1970 e 1980.

Ademais, a publicidade em torno do evento *leather* e as próprias imagens em circulação evidenciam o caráter estrutural e estruturante das representações de masculinidades viris, na

⁵¹⁹MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: São Paulo, editora Unicamp, 2010.

medida em que os sujeitos elaboram a própria estrutura em que estão inseridos, em que se caracteriza a exclusão e a hostilidade para a diferença estética e cultural de outros homens, posto que o estado de encantamento e satisfação com a imagem do que o sujeito foi, é ou será – em sua imaginação –, o torna apático ao que é alheio ou diferente⁵²⁰. Nesse sentido, é possível que parte dos homens inseridos em subculturas homoeróticas possam nutrir o desejo de ser amado pelo próprio ideal de desejo, inserindo esses sujeitos e seu grupo em um circuito fechado de autossatisfação pelos mesmos códigos considerados viris de masculinidades. Dessa forma, em alguns casos, o fenômeno do desejo homoerótico articulado aos códigos de masculinidades viris de diferentes instâncias do que seria considerado viril, demonstra ser configurado e engendrado por um sistema que se retroalimenta, pois repete traços de uma espécie de narcisismo entre seus integrantes no grupo e reforça discursivo-imageticamente o objeto de desejo, em uma perspectiva escalonada sobre os estímulos já percebidos eróticos no couro.

3.5 PINK MONEY E DISPOSITIVOS SEXUAIS

Imagem 90: Loção Brilhante (à esquerda); Calvície Já Era (ao centro); *How old will your face* (à direita)



Fonte: O CRUZEIRO, 1964, ed 33, p. 138; PASQUIM, 1973, ed. 233, p.22; Drummer Magazine, ed. 8, 1976, p. 4.

Em 1964, o *Cruzeiro* mostrou como uso do produto importava porque a idade podia ser camuflada com a juventude dos cabelos tratados com Loção Brilhante, na primeira imagem à esquerda. Em 1973, o *Pasquim*, no mesmo sentido, oferecia ajuda para a aparência masculina indicando soluções de sigilo para a calvície, onde defendia que seu produto combatia a seborreia, evitava caspa e devolvia a juventude e a cor natural aos cabelos, tornando-os sedosos e brilhantes, informando ainda que essa tecnologia era importada dos EUA. Assim, mesmo entre as revistas de ampla circulação, tais como o *Cruzeiro*, que tinham um público familiar e

⁵²⁰DUNKER, Christian Ingo L. Vontade Incontrolável de Comer Nada. **Viver Psicologia, Psiquiatria, Neurociência, Psicossomática, Psicopedagogia**. São Paulo, v. 7, n 88, p. 28-30, 1999.

o jornal alternativo o *Pasquim*, que tinha um público alvo mais jovem, demonstrava-se como a preocupação com o aspecto jovial e bonito atravessou os códigos de masculinidade para auto-percepção dos homens e para uma maior taxa de sucesso na busca de parceiros e de parceiras.

De forma semelhante, a terceira imagem reflete o ano de 1976, quando a revista *Drummer*, nos Estados Unidos, mostrava como essa demanda por beleza e por juventude se tornava ainda mais forte no interior da comunidade homoerótica ao explorar o receio da velhice ao invadir a mente de seus leitores com o questionamento “Quão velho será seu rosto no seu próximo aniversário?”, na intenção de fazer comprar produtos para desacelerar o envelhecimento, tal qual uma doença. Assim, o conjunto das imagens transmite um modo de entender o prazer da juventude e do capital da beleza, a partir da classificação etária como uma doença, uma percepção comprada pelo marketing de alguns segmentos no mercado de beleza para angariar mais lucro.

Nos grandes centros urbanos, o cuidado com a beleza masculina acompanha os códigos de virilidade considerados modernos, mas permanece descrito pelas revistas e evidenciados em fotografias, em uma atmosfera lúdica ou jocosa, como evidencia a emergência de tratamentos estéticos masculinos na Rua Augusta, em São Paulo e na Vila Olímpica, em tempos de Jogos Olímpicos:

Imagem 91: Kings's Barber (à esquerda); Atletas Ingleses (à direita).



Fonte: CRUZEIRO, Rio de Janeiro. texto de Jary Cardoso e foto de Carlos Piccino, 1970, ed 023, p. 126; MANCHETE, Rio de Janeiro, 1976, ed. 1266, p. 9.

Nas figuras analisadas, nota-se tanto a distração cotidiana quanto a performance exagerada, em que sujeitos observam e imitam comportamentos masculinos, construindo uma sátira da masculinidade. O salão King's Barber, fundado em 1970 por Dora Ávila na Rua Augusta, em São Paulo, oferecia cortes de cabelo e serviços de beleza, diferenciando-se das barbearias tradicionais e atraindo rapazes de classe média. Em 1976, atletas ingleses da Vila Olímpica também foram retratados frequentando salões de beleza, evidenciando a preocupação masculina com a aparência.

A publicidade de produtos de beleza para homens era discreta, voltada a consumidores que desejavam cuidar do corpo, mas sem expor esse cuidado, refletindo a tensão entre práticas associadas ao universo feminino e a construção de uma masculinidade viril. Nesse contexto, códigos considerados afeminados, como a valorização da aparência, se combinavam a códigos de combate e virilidade, ligados a estímulos eróticos e à estética do duelo. O sentido homoerótico apropriou-se dessa estética, demonstrando que a valorização do “macho” como objeto de desejo atravessava diferentes espaços, práticas e contextos sociais, inclusive dentro da comunidade homoerótica⁵²¹.

O universo da beleza possibilitou o florescimento de algumas fantasias homoeróticas ancoradas em representações masculinas que atravessavam as tarefas do dia, como nos estudos, no trabalho, nos esportes e em momentos de lazer, que repetidamente praticados reforçam representações de masculinidades e permeiam o enredo erótico e universo imaginativo de alguns homens, por exemplo de um perfil rústico, colegial, *leather*, esportista e/ou de praia:

Imagem 92: catálogo de roupas gays.



Fonte: Ilustrações de George Stavrinos na Revista *Mandate*, ver: *Mandate magazine*, n. 2, dezembro de 1977, p. 10/13.

Em 1977, a *Mandate Magazine* exibiu as ilustrações sobre o costume popular, com a indagação sobre o que faz do homem um homem, ao que faz referência a uma resposta imediata pautada nas roupas e no estilo da subcultura gay estadunidense. O primeiro perfil, *Outdoorsman*, corresponderia a uma síntese do mundo nórdico e do rancho que usa um básico *Levi jeans*; o segundo, um perfil Colegial que usa uma camisa algodão *Lacoste*; o terceiro corresponde ao *Leather man* que usa um clássico couro preto e jaqueta; o quarto trata do esportista com roupa de algodão, short curto de *nylon* e roupas com cores variadas; por fim, o padrão corpo de praia que usa um clássico speedo de *nylon* e músculos aparentes⁵²².

⁵²¹ É possível verificar contextos de permanências onde existe a dissociação entre a penetração do corpo de sua “feminização”. Ver: BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. *Cadernos Pagu*, n. 28, 2007, p.175-206.

⁵²² *Mandate Magazine*, n. 2, dezembro de 1977, pp. 10/13

Desde a Primeira Guerra Mundial, além do desenvolvimento da confecção para homens, o recrudescimento de certo anticonformismo, trocando os trajes formais ou uma lã macia, adotar o colarinho mole, algo chocante para o período⁵²³. Após a Segunda Guerra Mundial, a vitória dos aliados afirma em toda a Europa o estilo de vida americano, silhueta de ombros largos, calças estreitas, gravatas de ramagens, camisas em golas de pontas compridas, somado ao avanço do consumo dos tecidos sintéticos⁵²⁴.

O componente mais forte da imaginação homoerótica e pornográfica é a narrativa sensual, predominantemente, era uma fantasia utópica implícita, onde os corpos eram reduzidos a partes sexuais e suas possibilidades infinitas de variação e combinação, sem que pudesse ocorrer na realidade. Assim, a imaginação, a fantasia e a pornografia se empenharam para reinventar e representar o mundo social, de modo a negar a realidade da ordem sexual das coisas⁵²⁵. Em muitos casos, o anonimato das interações homoeróticas prevalecia no sigilo do nome pessoal ou no compartilhamento de sentimentos íntimos, fazendo com que a construção de uma identidade sexual do sujeito fosse fragmentada, inclusive, em relação a si mesmo, aos próprios desejos e inclinações pessoais. Além disso, o mercado das carnes sexuais insere os sujeitos em uma relação de comparação e de flerte, tornando o território dessas relações complexas e ambivalentes⁵²⁶.

Nesse período, a hipnose configurava-se como uma técnica capaz de intensificar a experiência da fantasia sexual, assumindo funções ligadas ao prazer e ao lazer, em contraste com seu uso inicial voltado ao enfrentamento do sofrimento e da dor. A literatura médica da época registra que, a partir de 1847, procedimentos cirúrgicos passaram a ser realizados sob efeito hipnótico, evidenciando não apenas sua eficácia relativa, mas também a presença de um componente sugestivo, análogo ao efeito placebo, capaz tanto de atenuar quanto de induzir dores mediante o poder da palavra⁵²⁷.

⁵²³ Nesse período, em 1907, as cirurgias plásticas emergem nos Estados Unidos como algo estético, momento que marca a apresentação, a representação de si mesmo e dos outros, como um parâmetro de entrada e de saída para outros espaços sociais, conferindo uma maior credibilidade da boa aparência. Ver: ORY, Pascal. O Corpo Ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

⁵²⁴ BAUDOT, François. **Moda do Século**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

⁵²⁵ A expressão pornotopia de Stephen Marcus, ver: TRUMBACH, Randolph. Fantasia Erótica e Libertinagem Masculina no Iluminismo Inglês. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia: obscenidades e as origens da modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

⁵²⁶ Ao pensar as permanências no tempo presente com o aplicativo *grindr*. Ver: DA SILVA, Marcos Antônio Ângelo. O *Grindr* como facilitador de redes e conexões de desejos virtuais. In.: LIMA, Solimar Oliveira; JÚNIOR, Francisco de Oliveira Barros; DA SILVA, Marcos (orgs). **LGBTQIAPN+ polifonias**. Teresina, PI: EDUFPI, 2023.

⁵²⁷ LE BRETON, David. *Antropología del dolor*. Éditions Métailié: Paris, 1995.

Segundo o *Bay Area Reporter*, entre 1976, o sucesso dos estudos psicológicos e do inconsciente se desdobrou para outros setores, como foi o caso da hipnose que ganhou repercussão no show de rua, no tratamento de regressão clínica e utilizada para a experiência sexual⁵²⁸. Nesse mesmo ano, a *Drummer* informou que a hipnose também estava na publicidade sobre a relação sexual, oferecendo uma oportunidade para sentir seu corpo fantasticamente⁵²⁹. Pouco tempo depois, em 1979, a hipnose já protagonizava a publicidade de tratamento de terapêutico, como no caso de regressão com hipnose para lidar com os sentimentos com um especialista preocupado com o autoconhecimento⁵³⁰.

Dessa forma, a fantasia sexual poderia ser estimulada por produtos de beleza, roupas, acessórios e até mediante hipnose, tornando-se uma questão central para homens e mulheres que participavam de uma revolução íntima, dada as rupturas com os costumes mais tradicionais. Afinal, esses produtos do mercado da beleza e do mercado sexual se articularam à Revolução Sexual, embora a participação coletiva do consumo de produtos de beleza e de estimulantes eróticos distanciasse o real sentido da “revolução”, na medida em que deslocava os novos costumes para a configuração de um novo *status quo* social, moldado a partir do imperativo “faça sexo”⁵³¹.

A redefinição sensorial que envolveu parte da juventude brasileira estava em sintonia com o contexto internacional e com as tendências do próprio tempo. A capacidade de imaginar coisas homoeróticas não se domesticava ao desejo de censura e de repressão do período autoritário. Ao invés disso, o desejo sexual estava diluído de forma quase sutil, como demonstram as revistas específicas internacionais e nacionais, os contos eróticos e homoeróticos, a televisão, a fotografia, entre tantos outros meios de compartilhamento de sensações. Esses dispositivos tecnológicos faziam parte do bombardeio de estímulos visuais e sonoros aos sujeitos que interferiam no modo de desejar, de se relacionar e de consumir, moldando um modo de vida.

No que se refere à fotografia expondo a vida íntima e protagonizando a reconfiguração da intimidade e das relações de desejo, a Biblioteca Nacional guarda alguma parte do acervo particular do fotógrafo Alair Gomes, que possui, entre outras fotos, alguns poemas e escritos de seu diário, em que recompõe fragmentos de si e de seus desejos em meio a aventuras cotidianas na cidade. Nesse ponto, para além dos acervos privados como diários íntimos, em

⁵²⁸BAY AREA REPORTER, 1976, v. 6, n.7, p.16;

⁵²⁹DRUMMER MAGAZINE, 1976, 8, p. 62.

⁵³⁰BAY AREA REPORTER, 1979, v.9, n.2, p. 34;

⁵³¹SWAIN, Tânia Navarro. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano. *Revista Bagoas*. N. 05, 2010, p. 45-55.

alguns momentos, o fotojornalismo flertou com o *voyerismo*, certamente, como consequência da popularidade dessa demanda de desejo e do acesso às máquinas fotográficas. Gradativamente, a exibição do corpo masculino ganha contornos em imagens, mediante objetificação em alta no mercado nacional e internacional.

Imagem 93: Praia (à esquerda); Um flagrante absolutamente insólito (ao centro); Claus Meyer (à direita).



Fonte: Acervo Alair Gomes, na biblioteca nacional⁵³²; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1968, ed. 853, p. 127; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1972, ed. 1045, p. 137.

Entre as décadas de 1960 e 1970, Alair Gomes demonstrou um apego particular ao hobby da fotografia, certamente como uma prática do *voyeurismo*, uma vez que os ângulos e os objetos fotografados indicam um maior interesse sexual do que paisagístico. A segunda imagem, de 1968, de Cartier-Bresson, tirada em Roma, surgia como parte de uma cena cotidiana, retratada com leveza de um assunto banal em intimidade, dada a proximidade corporal de dois homens, quando a cultura exigia certo distanciamento atendendo à norma da masculinidade, que reserva carinho e proximidade ao gênero feminino. Além disso, sua fotografia, marcada pela característica de contraste em preto e branco, à categoria de belas-artes com a apresentação no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. E a terceira imagem, em 1972, do fotógrafo Claus Meyer guardava semelhanças com o Alair Gomes no enquadramento, na paisagem, no ambiente litorâneo como oportunidade para pouca roupa e a escolha do objeto.

A arte erótica era tanto mais agenciada quanto mais deslizava uma demanda de desejo mediada pela tecnologia das câmeras fotográficas, que buscavam flagrar interações cotidianas. O *paparazzi* e o consumo de imagens amadoras elaboravam o prazer de saber a verdade quando ninguém vê, elabora um prazer de adentrar a intimidade além da performatividade normativa, prazer de ver e especular sobre a verdade do desejo. Dessa forma, o dispositivo tecnológico também evidencia a tecnologia do corpo ao promover o compartilhamento de uma representação homoerótica e a replicação de perfis de masculinidades desejáveis no interior da comunidade homoerótica, onde torna possível a existência de um mercado sexual que monetiza

⁵³² Acesso em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/alair-gomes-muito-prazer/> (acesso em 19. 03. 2024).

a partir dessas demandas de desejo que instiga e vende a fotografia. Esse tipo de fotografia buscava capturar o pequeno lapso de autenticidade em que o indivíduo pudesse estar descontraído, de modo a tentar flagrar um ato falho, um descontrole, um corpo longe do olhar onipresente, onipotente e onisciente de Deus.

A especulação da vida íntima de pessoas que ganhavam visibilidade social, como atores, artistas e cantores ganhou maior notoriedade com a profissionalização da fotografia, algo que começou em 1904 com as fotos adotadas pelos jornais diários, com a publicação de uma foto no jornal inglês *Daily Mirror*, marcando um momento que traduz uma mudança em relação à transmissão da informação ao leitor, no sentido de influenciar a valorização no que é visto, influenciando no aumento da demanda por imagens que acarretam uma maior demanda de fotógrafos e de modelos⁵³³.

A fotografia e a popularização das máquinas fotográficas possibilitaram a existência de profissões como o fotógrafo para fotos de intimidades, o *paparazzi*⁵³⁴, que exercia o ofício sem contrato de trabalho definido por expor segredos de pessoas famosas, promovendo também uma redefinição dos costumes. Exemplo desta disposição de poder, em 1964, O *Cruzeiro* informava sobre a possibilidade de ganhar dinheiro trabalhando com fotografia, sem imaginar que a expansão da visibilidade sobre os corpos e sobre a vida privada iria atravessar por uma sensível redefinição do olhar com o *voyerismo* ganhando expressão com a maior popularidade⁵³⁵.

Além disso, os *paparazzi* investiam em práticas de exibição da vida privada, respondendo a uma demanda de desejo de uma parcela da sociedade em desmascarar e descobrir a verdade sexual de pessoas famosas, segredos íntimos em atenção à lógica do mercado capitalista. Assim, a invasão da imagem para além das fronteiras da privacidade revelam que a lógica do interesse próprio tem como pressuposto o paradigma da conquista com o objetivo de domínio da imagem sobre o outro. Logo, a figura do *paparazzi* representava um elemento disruptivo para as ilusões e narrativas criadas pela vida pública, evidenciando que as relações sociais são permeadas por negociações de imagem, tornando o sigilo imprescindível. Por isso os *paparazzi* faziam muito dinheiro ao explorar a intimidade. Compartilhavam em segredo e iam, escondidos, expor esse tipo de situação provocaria diferentes impactos, dores psicológicas até o suicídio. Nesses parâmetros, a transformação sentimental no mercado revela uma

⁵³³ MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil Contemporâneo. In.: NEVES, Lúcia M. B. P.; MOREL, Marcos; FERREIRA, Tania M. B. C. (orgs.). **História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.

⁵³⁴ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1401, p. 32. Reportagem de Anthony Haden-guest, foto Richard Span

⁵³⁵ CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed. 32, P. 70

articulação com a hostilidade e com o desejo de saber a verdade sexual dos sujeitos. Em todo caso, a vida íntima se tornou instrumentalizada aos interesses do capital⁵³⁶.

Imagem 94: Adam Scull (à esquerda); Rose Hartman (à esquerda-centro); Richard Corkey (à direita-centro); Felice Quinto (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1979, ed. 1401, p. 32/34. Reportagem de Anthony Haden-guest, foto Richard Span.

A popularidade do *hobby* fotográfico foi um ponto de partida para que rapidamente se tornasse uma profissão requisitada, a partir do momento em que ganhavam dinheiro para revender a imagem para fotojornais interessados em vender segredos de pessoas públicas. A primeira imagem, à esquerda, Truman Capote “dando uma de machão” para Monique Van Vooren rendeu doze mil e quinhentos dólares; a segunda de 1977, onde Bianca Jagger surge montada em um cavalo branco, na festa de seu aniversário, no *Studio 54*; a terceira imagem, o flagra da briga de John Kennedy Jr., rendeu mil dólares; e, por fim, a última, onde o paparazzi esperou seis horas em frente ao *Studio 54* para tirar a foto de John Kennedy Jr., fugindo da briga em um táxi.

Assim, o sucesso dessa profissão de *paparazzi* se deu, entre outros fatores, porque a indústria de Hollywood e afins, mesmo instituições de médio e pequeno porte, contavam com regramentos culturais e sociais em que era necessário manter as aparências de homem universal, branco e heterossexual, motivo pelo qual os desarranjos desses códigos implicavam mudanças de poder e de posições. Logo, na medida em que a fotografia se expande e se populariza como um hobby, a relação com a imagem transforma a intimidade, o desejo erótico e a vontade de saber os vexames, as humilhações, as interações sexuais, tudo aquilo que pudesse ser escondido⁵³⁷.

Nesse período, a reconfiguração das relações íntimas não se limitou às formas de sentir prazer sexual, possibilitando ao mercado lucrar com o desejo de saber e com o desejo

⁵³⁶RUIZ, Castor M. M. B. A Normalidade da Violência Cultural como Processo de Negação da Alteridade. In.: MUSSKOPF, André; STRÖHER, Marga J. (orgs.). **Corporeidade, Etnia e Masculinidade: reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

⁵³⁷COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o Corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

homoerótico⁵³⁸, pois o consumo de revistas *gays*, não apenas pornográficas, dos Estados Unidos e outros países do Norte Global, como Inglaterra, Espanha e França, demonstraram maior variação de produtos, como o jornal *Gay Sunshine*, *Gay Power*, *Gai Pied*, *Gay St. Louis*, a *Blueboy*, a *In Touch*, *Mandate*, *Numbers*, *Drummer*, *Cruise*, *Colt Publication*, *Man's image*, *Score*, *Rapping Paper*, entre tantos outros, que eram disponibilizados em bancas de revistas e locais de venda de livros, tornando possível a visibilidade de uma revolução sexual entre homens:

Imagem 95: *Gay Power*; *Gay Sunshine*; *Le Salon*; Leitor no *Le Salon*.



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, v 16. 1977, p 4; GAY POWER, New York, v. 1, n.10, 1970 GAY SUNSHINE, Berkeley- Califórnia, 1970, n1, p .1.

Em 1970, os jornais homoeróticos, *Gay Power* e o *Gay Sunshine* lançavam ao público a ideia de uma força gay superior à heteronormatividade empreendida na sociedade ocidental e ocidentalizada, com a intenção de ser o raio de sol a iluminar as mentes, inclusive inspirando alguns homens que se tornaram os editores do *Lampião da Esquina*, em 1978. A arte da capa dos jornais alternativos homoeróticos já demonstrava semelhanças ao projeto de vida alternativo promovido com maior intensidade, desde os anos de 1968, aos marcos como o verão do amor e a onda *hippie*, influenciando também uma política mais ampla de não violência.

Em 1977, a *Drummer Magazine* evidenciou a publicidade em torno da própria livraria e recorria ao estímulo visual do corpo masculino como algo do cotidiano do mercado. A livraria *Le Salon International*, em São Francisco, que colocava à disposição uma variedade de produtos que serviam de estímulo erótico para um público homoerótico, demonstrando ser um local de vendas de livros e revistas pornográficas, perfeitamente integrado ao distrito homoerótico de San Francisco. A imagem da fachada do estabelecimento e do interior da

⁵³⁸ Este mercado de bens e de serviços voltados ao prazer homoerótico e à identidade homossexual vai se consolidar na década de 1990, como um mercado rosa articulador do *pink money* em diversos países ocidentalizados, inclusive no Brasil e em Teresina, no Piauí. Ver: SÁ, Geysa Elane Rodrigues de Carvalho. **O Mercado Rosa de Teresina:** identidades homossexuais, políticas públicas e economia. Dissertação de mestrado em políticas públicas. UFPI, 2005.

livraria evidencia o caráter erótico da publicidade homoerótica, ao colocar um corpo masculino pelado, para sugerir a nudez enquanto um dado da natureza em rebeldia dos costumes.

O advento da imprensa ofereceu um meio eficaz para disseminar as obras pornográficas, a formação de um público leitor e maior poder de reprodução das imagens. Assim, a pornografia surgiu no século XVI e se desenvolveu simultaneamente à cultura do material impresso. Já, durante o século XVII, seu avanço esteve relacionado com o gênero de romance. O comportamento sexual, a relação entre os papéis masculino e feminino e o próprio significado de feminino e masculino passavam por uma revolução que integrava a cultura moderna no Ocidente, correspondente ao Iluminismo. Na pornografia do século do XX, existiram diferentes tipos de representações sexuais. Em primeiro lugar, os órgãos sexuais são representados em fotografias, gravuras e filmes. Posteriormente, em segundo, a repetição da representação do ato sexual, em romances, contos, fotos e filmes⁵³⁹.

A dinâmica erótica do corpo masculino, objetificado pelo mercado, dialogou com muitos aspectos do que era considerado viril para a época, seja através do enaltecimento aos músculos, seja pela performance rústica ou colegial. Aparentemente, qualquer elemento do universo masculino é consumido pelo mercado homoerótico, transformando em fetiche e em demanda de desejo. Tanto espaços comerciais para encontros sexuais entre homens, como saunas, banhos e *glory holys*, como também aparatos para o prazer, como a bomba peniana, assim como o consolo/dildo estavam sendo vendidos como novidade para o mercado. Ademais, não era uma inovação dos locais comerciais de encontros sexuais e da hipnose como estímulo à fantasia erótica, pois a literatura das casas de prostituição da época abre um espaço considerável aos “caprichos” e às “extravagâncias”, a uma arte da variação dos prazeres. Os regulamentos dos “haréns” buscavam satisfazer os interesses dos participantes visitantes, a fim de oferecer-lhes o quarto equipado com os “utensílios” necessários à sua satisfação⁵⁴⁰.

Nessa relação, a fabricação de corpos adequados às mensagens que querem transmitir, os corpos são linguagem, são símbolo, são signos, por isso significam e comunicam. Uma vez incorporada nas relações humanas, as próteses equivalem às carnes orgânicas, uma vez que para organizar um corpo que, numa dada situação, comunique alguma coisa, passe uma mensagem, faça visível uma dada enunciação⁵⁴¹. Por exemplo:

⁵³⁹HUNT, Lynn. Obscenidade e Origens da Modernidade. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia: obscenidades e as origens da modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

⁵⁴⁰CORBIN, Alain. **A harmonia dos Prazeres: a história do prazer desde o Iluminismo até o surgimento da sexologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

⁵⁴¹ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas com a presença de um pênis. **Outros Tempos: Pesquisa em foco - História**, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-281, 2020.

Imagem 96: Toys década de 1970 (à esquerda); *The First Douch* (à esquerda); *A Longer Thicker Penis* (centro-direita); Dildo (à direita).



Fonte: SCREW, 1970, n. 58, p. 25; DRUMMER MAGAZINE, San Francisco. ed.19, 1977, p. 3; MANDATE MAGAZINE, San Francisco. ed. 01, 1977, p. 67; Honcho magazine, San Francisco, 1978, ed. 4, p. 5.

Além de produtos para o pênis, destinados à promoção do máximo desempenho e ereção⁵⁴², o mercado sexual não parou de produzir brinquedos sexuais com plástico e outros materiais. Em 1976, o jornal estadunidense *High Times* evidenciou que o *poppers* era um tipo de psicotrópico que fazia parte do roteiro de diversão para muitos jovens em festas privadas⁵⁴³. O uso dessa substância ocorria com maior frequência em festas de pequenos núcleos de amigos e de amigas, consideradas pelo jornal como as *Wilds Parties*, conforme enunciada pelo *High Times*. Na perspectiva desse jornal, o psicotrópico surgia como elemento para uma interação sexual, não necessariamente homoerótica, mas tendente a uma expressão bissexual e coletiva.

Assim, a expansão do mercado sexual também foi evidenciada na maior variedade de produtos eróticos e em diferentes modalidades de produtos que pudessem levar ao gozo. Esses brinquedos sexuais demonstraram uma preocupação da sociedade com a performance do desempenho do prazer⁵⁴⁴. De modo que a bomba peniana entra no mercado sexual, na vida íntima dos homens e também nas folhas contábeis do governo como gasto necessário para as forças armadas, inclusive no tempo presente⁵⁴⁵.

⁵⁴² No que se refere à proliferação do interesse pelo corpo, a invenção do conceito de *handicap* (deficiência corporal como meio de lucro) revela como a vulnerabilidade física e psíquica passou a ser objeto de exposição e curiosidade social após a Primeira Guerra Mundial. Esse fenômeno situava o corpo lesionado no centro da cultura perceptiva, transformando sofrimento em espetáculo. Após a Segunda Guerra Mundial, a cultura visual do *freak show* não se esgotou; pelo contrário, ampliou seu alcance, englobando mutilados e pessoas com membros amputados, evidenciando como práticas de exibição e mercantilização da dor corporal permaneciam integradas às estratégias de fascínio, controle e entretenimento da sociedade de massa. Ver: COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

⁵⁴³ HIGH TIMES, n.14, outubro de 1976, p.54/56

⁵⁴⁴ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas com a presença de um pênis. **Outros Tempos**: Pesquisa em foco - História, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-281, 2020.

⁵⁴⁵ No contexto brasileiro contemporâneo, pregões realizados pelo governo de Bolsonaro em 2020 e 2021 revelam gastos de quase três milhões e quinhentos mil reais com próteses penianas infláveis e Viagra para as Forças Armadas. Esses dados não apenas refletem preocupações com a virilidade institucional, mas também ecoam um histórico mais amplo de dispositivos estatais de controle sobre o corpo masculino. A compra desses produtos

Ademais, vale ressaltar que em certas circunstâncias, o uso de substâncias psicotrópicas se aproximava do prazer erótico e/ou para o desempenho da performance sexual, a exemplo de alguns produtos do mercado erótico, compostos em termos de brinquedos sexuais compartilhados entre membros da fraternidade do couro, da *leather fraternity*, *leathermania*, com produtos de plástico e de aço, como o dildo e o plug anal. Dessa forma, alguns subgrupos homoeróticos tornavam-se cada vez mais nichados, evidenciando uma apropriação de alguns aspectos da masculinidade viril da geração mais reacionária ou autoritária na sociedade.

O uso de psicotrópico como o *popper* na comunidade homoerótica ganhava uma conotação de maior potência sexual, conforme é possível inferir das publicidades de periódicos homoeróticos, que vendiam um desempenho constante e a maior possibilidade de prazer, conforme publicidade veiculada:

Imagem 97: *New Rush* (à esquerda); *Popper Topper* (ao centro); *Poppers: Thrill or Threat* (ao centro); *clímax* (à direita).



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, San Francisco. ed. 17, 1977, p.82; BAY AREA REPORTER, San Francisco, v.9, n.25, 1979, p.37; OUR OWN COMMUNITY NEWS, 1980, v.4, n7, p.4; Drummer Magazine, San Francisco. Ads. Clímax. Ed. 28, 1979, p. 4.

Em 1977, a *Drummer Magazine* se destaca na primeira imagem à esquerda com a propaganda central do produto poppers. Assim como, em 1979, a Revista da Baía de San Francisco fazia uma publicidade sobre o psicotrópico, prometendo sentir todas as sensações. E, em 1980, o *Our Own*, veiculava e colocava a disposição do mercado o mesmo produto. Os três produtos culturais em comum compartilhavam uma prática que priorizava o desenvolvimento de uma performance sexual potente, apesar de algumas diferenças do editorial, pois a *Drummer* partia de uma subcultura estadunidense específica do leather, adaptada às práticas de prazer e de dor com tecnologias e dispositivos sexuais, a *Bay Area* também fazia parte do circuito homoerótico, partindo do Distrito Castro em San Francisco, divulgado aspectos políticos, sociais e culturais do circuito gay, e o jornal *Our Own* que circulava na Inglaterra se propunha

evidencia como práticas de regulação e intervenção corporal, presentes desde os regimes autoritários, continuam a se articular com normas de poder, sexualidade e disciplina dentro das instituições militares, consolidando a virilidade como um elemento central da autoridade estatal. Ver: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/06/08/compra-de-viagra-e-proteses-penianas-pelas-forcas-armadas-atendeu-principios-da-administracao-publica-diz-ministro-da-defesa.ghhtml>. acesso 31 de julho de 2024.

a dialogar com aspectos mais políticos e identitários, a partir da percepção de si. De modo que é possível compreender que o *Popper* e outras substâncias estavam integradas ao contexto homoerótico, assim como em outros subgrupos, mas que neste caso as revistas inseriam os leitores em uma dinâmica específica de prazer, dentro de um conjunto de outras práticas e usos de especiarias e outros estimulantes.

A *Drummer Magazine* exibiu propagandas de estimulantes sexuais diversos, entre as quais a Clímax, que surgia em sintonia com a corrida espacial promovida na Guerra Fria⁵⁴⁶. A imagem mostra como a propaganda estabelecia a conexão entre a capacidade tecnológica, desenvolvimento científico e a virilidade da conquista de territórios, ao mercado sexual e seus produtos estimulantes de prazer. Nesse ponto, o espaço sideral e o corpo sexual se traduzem como territórios dados à experimentação, exploração e conquista dos homens. Dessa maneira, a imagem fortalece a ruptura com uma temporalidade anterior à era farmacopornográfica, evidenciando os aspectos mais nítidos do tecnobiopoder⁵⁴⁷.

Assim, esse contexto criou possibilidades para que tanto o leitor desavisado, quanto os adeptos do circuito homoerótico fossem bombardeados pelo estímulo dessas sensações compartilhadas e vendidas como fascinantes. Nessa interação de desejo no mercado sexual, a formulação de demandas ao capitalismo possibilitou o surgimento de produtos e de técnicas capazes de elaborar essas sensações cada vez mais intensas, duradouras e espetaculares, para tão cedo serem postas à venda e à publicidade, cruzando não somente as páginas de revistas, como também os espaços privados e os locais comerciais para o sexo, passando a dispor de locais específicos para o sexo. Dessa forma, tanto os fluxos desejantes inventavam demandas ao capital, quanto o mercado capitalista buscava capturar os desejos das pessoas e os envolver e agenciar o desenvolvimento de um modo de vida⁵⁴⁸.

As práticas eróticas também demonstraram ser circunstanciais e situacionais, de maneira que, naquela situação do Norte Global, uma parcela de homens buscava o estímulo erótico e o melhor desempenho da performance a partir do uso de psicotrópicos, enquanto que em outros locais, a interação sexual tinha seus próprios meios para a excitação e também partiam de outros

⁵⁴⁶ No contexto da rivalidade entre a U.R.S.S. e os E.U.A., os soviéticos lançaram o primeiro satélite artificial, o Sputnik 1, em 1957, e, posteriormente, enviaram o primeiro humano ao espaço, Yuri Gagarin, em 1961. Em resposta, os Estados Unidos enviaram Neil Armstrong e Edwin Aldrin à Lua, a bordo da missão Apollo 11, em 1969, demonstrando avanços tecnológicos e capacidade de liderança na corrida espacial. Ver: HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵⁴⁷ HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2009.

⁵⁴⁸ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

modos de compreender a intimidade⁵⁴⁹. Historicamente, desde o período das viagens ultramarinhas dos séculos XV e XVI, a busca pelo prazer expandiu o uso do âmbar, do almíscar, de perfumes animais, não só como odorizantes do corpo ou como alimentos, mas, também, como especiarias estimulantes, tonificantes e revigorantes que ampliavam a variedade erótica dos prazeres da carne⁵⁵⁰. Mas a Era do Regime Farmacopornográfico se inicia em paralelo ao surgimento de um regime pós-industrial, global e midático que, a partir de produtos culturais de massa, vai passar a interferir em processos de governo biomolecular e semiótico-técnico da subjetividade sexual, dos quais a pílula, o viagra, o *poppers*, os brinquedos sexuais, fetiches e as subculturas sadomasoquistas são resultados paradigmáticos. Nessa lógica, a dinâmica da economia mundial passou a se configurar a partir da produção e da circulação de esteroides sintéticos, assim como da difusão global de imagens pornográficas, da elaboração e distribuição de novas variedades de psicotrópicos sintéticos legais e ilegais, de maneira que, em perspectiva mais ampla, passou a defender que todo o planeta se renda a uma forma de arquitetura urbana sexual⁵⁵¹.

⁵⁴⁹GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

⁵⁵⁰O dispositivo da sexualidade faz do sexo e da sexualidade o eixo e o motor da vida individual e social desde a colonização no Brasil. Ver: DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

⁵⁵¹PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. N 1 edições, 2018.

4. PRAZERES CULPÁVEIS

As masculinidades viris, articuladas ao discurso de autoridade paterna, militar e patriarcal, emergiam como produto de uma produção sistêmica simultaneamente estrutural e estruturante⁵⁵². Nesse contexto, os cúmplices civis da Ditadura Civil-Militar desempenharam papel tão central quanto os militares presentes no golpe de 1964, uma vez que o regime autoritário se sustentava não apenas por suas ações institucionais, mas também pela atuação de indivíduos que produziam, difundiam e legitimavam a “verdade” do poder, transformando territórios imaginários em estruturas reais de dominação estatal⁵⁵³.

Esse capítulo se debruça sobre as estratégias da Ditadura Civil-Militar para controlar sexualidade, moralidade e masculinidade, evidenciando como o regime articulou poder, corpo e conduta para consolidar sua autoridade em um contexto de intensa efervescência cultural e artística. Jovens engajados em transformações sociais e sexuais eram percebidos como potenciais agentes de subversão, e, sob a lógica da Revolução Saneadora, o Estado legitimou vigilância, punição e regulação de práticas e corpos. Nesse processo, o regime construiu figuras de dissidentes sexuais, rotulados como “pederastas” ou “subversivos”, enquanto reforçava modelos heteronormativos e masculinidades viris, delineando padrões de conduta a serem seguidos e perfis a serem evitados. Ao longo deste capítulo, exploraremos o desenvolvimento de dispositivos de sexualidade, vigilância e punição que moldaram a experiência dos indivíduos, revelando como a interseção entre política, moralidade e corpo sustentou normas sociais, gestão da diferença e o agenciamento de prazeres culpáveis.

4.1. AMOR BANDIDO

Em 1967, o bacharel Elvan do Nascimento Loureiro foi aprovado em teste seletivo para o preenchimento do cargo de comissário de polícia do Distrito Federal. Posteriormente, dentro

⁵⁵² Para Copjec, o real é o que une o psíquico ao social e essa relação é governada, muitas vezes, pela pulsão de morte que tomam formulações de ordem social, descritas em uma relação de causa-efeito. Ver: COPJEC, Joan. Para Dar um Corte. In.: BRENNAN, Teresa (org.). **Para Além do Falo**: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 1997.

⁵⁵³ A lei da Anistia contribuiu para a exoneração de responsabilidade tanto da sociedade como um todo quanto de agentes individualmente citados pela Comissão Nacional da Verdade (CNV). Desde o término da Ditadura, foram instituídos poucos lugares de memória, refletindo uma relativa ausência de políticas públicas de reparação. Atualmente, apenas o Estado do Espírito Santo mantém programas de reparação a vítimas de terrorismo de Estado, evidenciando que o tema permanece em aberto e em divergência com práticas adotadas por outros países do Cone Sul, como a Argentina, onde a responsabilização e as políticas de memória e reparação tiveram maior efetividade. Ver: MEZAROBBA, Glenda. **O preço do esquecimento**: as reparações pagas às vítimas do regime militar (uma comparação entre Brasil, Argentina e Chile). Tese de Doutorado em Direitos Humanos. USP: São Paulo, 2007.

dos órgãos da polícia, demonstrou envolvimento considerado questionável com Haroldo Paes da Silva, integrante de um grupo de pessoas que praticou furto de diversas armas e objetos diversos. O deslinde da investigação afirmava que o “marginal” fora preso em Brasília e solto por intermédio do acusado, Dr. Elvan, que o levou para morar em seu apartamento, tornando-se amante do mesmo, proporcionando-lhe viagens para Recife e para Bahia, juntamente com outro amante, conhecido pela polícia por “Tim”, também era acusado em diversos processos⁵⁵⁴.

Em 1969, o bacharel Elvan do Nascimento Loureiro, enquanto comissário de Polícia, foi investigado por ocultar criminosos, para mantê-los em liberdade e, com eles, satisfazer seus desejos “homossexuais passivos”, tendo sido coletadas provas consideradas concludentes sobre o procedimento tido irregular e que, por lhe faltar um dos requisitos necessários ao estágio probatório a idoneidade moral para o exercício da função policial, restou-lhe a exoneração do cargo.

Na investigação foram ouvidas quatro testemunhas que acompanhavam a rotina do acusado. O primeiro, o sr. Evaldo Gomes de Oliveira, investigador de Polícia, relatou que o referido Dr. levou Haroldo e Tim para Recife, para não serem presos, por esse motivo alugou um quarto em uma casa de cômodos na Praça do Carmo em Olinda afim de hospedar a ambos, sendo que o referido Dr. não pagou a hospedagem dos rapazes e que é do conhecimento de seus familiares, que Haroldo vivia “amigado” com o Dr. Elvan em um apartamento, cujo edifício era habitado por “pederastas”. Ainda levava os referidos rapazes para viajarem para o Rio de Janeiro, conseguindo bancar as passagens e demais custos. Posteriormente, os envolvidos teriam vindo de Brasília escondidos em um ônibus mandados pelo Dr. Elvan, para que não fossem descobertos e presos pela Polícia de Brasília; o declarante, por muitas vezes, assistiu quando Haroldo agarrava-se com Elvan e se beijavam, isso sem nenhum “recalque”⁵⁵⁵, acrescenta.

A segunda testemunha, o delegado titular da 13ª delegacia, relatou que era chefe imediato do Bel. Elvan, e que corria um boato naquela dependência policial, que o aludido servidor era “pederasta”, pois inclusive “estava cantando pederasticamente o Guarda de Vigilância...” os quais foram encontrados em atitude estranha, altas horas da madrugada em seu Gabinete. Então foi constrangido a pedir remoção do dito Comissário, já que o mesmo não teria condições de continuar no exercício em um ambiente que não mais poderia impor-se moralmente⁵⁵⁶.

⁵⁵⁴ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0505_d0001de0001, 1973.

⁵⁵⁵ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0505_d0001de0001, 1973.

⁵⁵⁶ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0505_d0001de0001, 1973.

A terceira, o sr. Sebastião Schimdt, escrivão que teria presenciado quando Dr. Elvan chamou Haroldo de moleque e este retribuiu a injúria, chamando-o de puto. Argumenta que era público e notório que este gostava de se satisfazer com inversão sexual com “marginais”, sendo que Haroldo era egresso de presídio e o investigado, Elvan, era seu advogado antes de ser comissário de polícia. Além disso, afirmou que Haroldo não fazia segredos de enunciar que era o “macho do Dr. Elvan”, apesar de também ser do Jorge Fontoura Macedo, Carlos Henrique Diniz e Geraldo Ribeiro de Farias, e o motorista do IML⁵⁵⁷.

A quarta testemunha, o comissário João Goyanazes de Lima, relatou que ficou “arrepido” com o tratamento concedido ao “delinquente”, Haroldo, e que sempre presenciou o mesmo na delegacia, inclusive com cenas de ciúmes⁵⁵⁸. Segundo os órgãos de espionagem do Brasil, surpreendentemente, mesmo exonerado, Dr. Elvan continuou prestando serviços a ladrões, como Defensor Público do Distrito Federal, ocultando ainda, em seu escritório, produtos de frutos. A fim de dificultar a ação da polícia em Recife, teria alugado um apartamento em prédio de má fama, para Haroldo e outro amigo, foragidos da Polícia de Brasília, sendo visto muitas vezes aos beijos e abraços com o “delinquente” Haroldo, protagonista de cenas de amor, ódio e histerismo em espaços públicos e em dependências jurídicas, testemunhadas por várias pessoas⁵⁵⁹. Dessa maneira, os detalhes dos relatos sobre a intensa interação sexual e aparente não monogamia do comissário Elvan e do condenado Haroldo promoviam a surpresa, o arrepio e o susto, diante das brigas e amores públicos.

Em 11 de julho de 1973, o Ministro da Justiça representou ao General-Presidente propondo a aposentadoria do cargo de Defensor Público do Distrito Federal com base no Ato Institucional n.º 5, de 13 de dezembro de 1968. As fontes não informam o desfecho dos envolvidos nesse enlace afetivo, mas indicam que, em suas trajetórias de vida, os lugares de “marginal”, de “delinquente”, de “advogado”, de “comissário de polícia” e de “defensor público” interagiram de forma diversa por baixo das relações oficiais.

A interação sexual entre a figura da polícia e o personagem do ladrão extrapola a relação formal esperada pela sociedade, também informa que essas masculinidades interagem na dinâmica homoerótica fortalecendo fantasias e demandas sexuais de ambos os lados, o do policial e o do fora da lei. Dessa forma, embora o Brasil não possuísse um mercado sexual especializado no fetiche às fardas e/ou jornal homoerótico repleto de fantasias homoeróticas e com fetiches diversos, como o couro e as fardas no caso do Norte Global, ainda assim, é possível

⁵⁵⁷ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0505_d0001de0001, 1973.

⁵⁵⁸ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0505_d0001de0001, 1973.

⁵⁵⁹ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0505_d0001de0001, 1973.

vislumbrar a existência dessas fantasias e seus usufrutos nas interações homoeróticas, que se valiam dos elementos presentes na polícia, no Sistema de Justiça Criminal e no trabalho formal na máquina estatal para satisfazer os desejos.

Outro ponto a ser ressaltado, a interação homoerótica entre a “polícia” e o “ladrão” coloca em questão os usos dos espaços sociais quando ninguém ou poucas pessoas estão observando, pois demonstra como algumas interações sexuais ocorriam de forma clandestina, já que eram tratadas como desvio moral. Assim, os envolvidos podiam, eventualmente, desenvolver maior sentimento de cumplicidade em detrimento do sistema de Justiça Criminal⁵⁶⁰.

Essa investigação se tornou possível porque, após o Golpe Civil-Militar de 1964, a estruturação do Estado com o Sistema Nacional de Informações (SNI) permitiu a identificação de antagonistas ao regime com certa facilidade, dada a “Operação Limpeza”. O SNI era o órgão que elaborava a investigação preliminar a respeito dos elementos considerados subversivos políticos e morais, com um estudo pormenorizado de sua conduta que era remetido ao Ministro da Justiça para tomar ciência desses relatórios. Por sua vez, o Ministro da Justiça encaminhava o requerimento com pedido de cassação ou suspensão dos direitos políticos e outras providências. A decisão era deliberada em reunião do Conselho de Segurança Nacional (CSN) com a presença daqueles que faziam parte da nova governabilidade do poder e soberania brasileira, ou seja, de praxe com a presença do General-Presidente, além dos demais cargos de poder vinculado à Administração Militar⁵⁶¹.

A perseguição ao comportamento homoerótico, classificado na fontes como conduta inadequada, a saber “homossexualidade passiva”, nos atos Institucionais e a “pederastia”, no CPM. Em contrapartida, o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) tentou promover uma popularização do termo homossexual e gay como uma identidade sexual que atravessaria as relações sociais e étnicas⁵⁶².

Antes disso, entre 1960 e meados de 1970, as interações homoeróticas eram diluídas em pactos entendidos e subentendidos da linguagem⁵⁶³. Esta situação não significa que após a popularização do termo, a sexualidade tenha se domesticado e se encaixado perfeitamente na

⁵⁶⁰ No “Siará”, ainda no período de colonização, muitas interações homoeróticas e sexuais ocorriam na casa do governador. Ver: VIANA JÚNIOR, Mário Martins. **Masculinidades no Brasil Colonial**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

⁵⁶¹ CARVALHO, Aloysio Castelo de. **Serviço Nacional de Informações: uma abordagem histórica**. Curitiba: Appris, 2023.

⁵⁶² FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e Pontes: O movimento LGBT e o Mercado GLS na cidade de São Paulo**. Dissertação em Antropologia. São Paulo, USP, 2006.

⁵⁶³ GUIMARÃES, Carmem Dora. **O Homossexual Visto Por Entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

categoria. Longe disso, a construção da identidade sexual não compreende a completude das dimensões humanas, mas serviu como uma política para a formulação do termo para formar demandas frente ao Estado e para promover nova resignificação em torno de si mesmo, longe dos discursos de desordem.

A investigação, a censura e a punição do ato, denominadas nesta tese de homoerótico, eram efetivadas de acordo com as circunstâncias, engendradas de forma diferenciada a cada perfil de pessoa, notadamente, atravessada pelos marcadores de interseccionalidade, gênero-raça/etnia, classe⁵⁶⁴ - e realizadas em diferentes instâncias do poder ditatorial. Dessa maneira, entre os sujeitos que se tornaram alvos dessa estrutura de poder, estavam pessoas consideradas menos privilegiadas, vulnerabilizadas socialmente, que eram pegadas a partir da contravenção de vadiagem, sob a justificativa de manter a ordem social⁵⁶⁵. Entre os funcionários públicos, a investigação se dirigia ao Conselho de Segurança Nacional, onde os Atos Institucionais permitiam a possibilidade de afastamento do cargo e de aposentadoria compulsória aos subversivos morais. Entre os agentes políticos, de maneira semelhante aos funcionários públicos, o discurso de moral justificou a cassação dos mandatos, a suspensão e perda dos direitos políticos. Entre os membros das Forças Armadas, a justificativa era a manutenção do pudor militar, onde o crime de libertinagem e/ou pederastia permitia uma investigação íntima para eliminar a suposta subversão, assim como a possibilidade de perdão em Comissão de Justificativa, antes da sentença final. Além disso, os produtos culturais e artísticos, com conotações homoeróticas poderiam ser censurados, dada a lei de imprensa e a instauração da censura prévia para a liberação de obras literárias, roteiros de peças, letras de músicas, filmes e afins.

Nesta atuação de investigar, censurar e de punir da Ditadura Civil-Militar sobre os indivíduos considerados subversivos morais por supostos atos homoeróticos, os procedimentos demonstraram um interesse maior em desenvolver os detalhes considerados “sórdidos” dos motivos da punição dos envolvidos, como forma de expressar uma certa funcionalidade dos rituais hierárquias de poder, na gestão do ódio coletivo e na elaboração de um bode expiatório na figura do subversivo moral – pederasta e/ou homossexual passivo⁵⁶⁶.

⁵⁶⁴ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

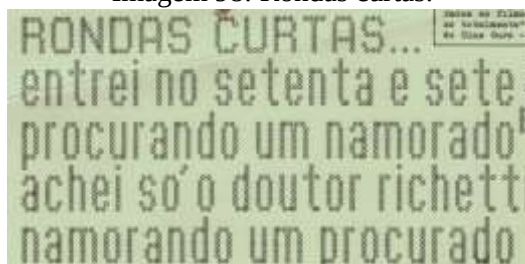
⁵⁶⁵ No objetivo de limpar a cidade de São Paulo, destaque para Delegado Richetti que promoveu uma série de violências e atos arbitrários contra pessoas consideradas homossexuais e vadios em São Paulo, recebendo condecorações e prestígio por setores da sociedade civil e do Estado. Ver: TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade**. Objetiva, 2018.

⁵⁶⁶ A funcionalidade do suplício, de forma semelhante, mostrava para o público um caminho da vergonha para a punição, pois a pessoa pedia perdão ao rei em túnica branca, às vezes em autoflagelação, diante do clamor público. O objetivo do Estado seria fazer ver, de modo a fortalecer os usos pedagógicos da dor, a partir de uma punição

No caso do bacharel Elvan do Nascimento Loureiro, chama atenção o fato da descrição pormenorizada por seus colegas de trabalho, em estabelecer uma conexão do investigado como “homossexual passivo” e “pederasta”, evidenciando que o ambiente de polícia era atravessado pela força do discurso médico e religioso sobre as virilidades, a ponto de ser apontado e denunciado pelos demais do grupo, movidos por um desejo de sua exclusão.

No que se refere à Segurança Pública, instaurou-se uma política de tolerância zero com homossexuais, lésbicas e travestis/transsexuais, com o Dr. Richetti, em São Paulo⁵⁶⁷. O objetivo dessa política de governo foi exterminar as práticas afetivas distintas da heteronormativa, aliando-se a essa política, setores da Igreja, da sociedade civil e do Estado Ditatorial, sob o comando de “caça às bichas”, uma vertente do movimento antigay com íntima atuação policial, bastante semelhante ao “caça aos comunistas”⁵⁶⁸. No entanto ao mesmo tempo que o dr. Richetti promovia a repressão nas ruas de São Paulo, também era ridicularizado por grupos de homossexuais, pois interpelava-se que o agente repressor poderia ter desejos homoeróticos reprimidos. Alguns jornais faziam chacota dessa postura estatal:

Imagem 98: Rondas curtas.



Fonte: *Jornal do Brasil*, Glauco Mattoso. p. 2.

Em forma de sátira, acima evidencia que Glauco Mattoso considerava a possibilidade de a operação limpeza camuflar um desejo quase irresistível de se perder em atos homoeróticos. Muitos são os fatores que podem promover uma política pública de operação limpeza, mas o efeito cômico do autor era provocar a ideia de que a única coisa possível para justificar uma operação violenta em relação a um público homossexual, seria o desejo repreendido⁵⁶⁹.

exemplar, conseguindo assim não punir menos, mas punir melhor. Introjetar o medo na carne dos demais, efetivando o panóptico. Ver: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2004.

⁵⁶⁷ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

⁵⁶⁸ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

⁵⁶⁹ Segundo Freud, o desejo não reconhece o interdito cultural, assim se um homem deseja outro em uma sociedade heteronormativa, existe a possibilidade de performar um papel social heterossexual na tentativa de esconder um desejo desviante, que surge como ato falho, sonho/pesadelo, entrelinhas das relações sociais. Assim, para Freud o tabu sexual existia para dar coesão à coletividade, e uma vez ultrapassado o interdito, rituais de purificação envolvendo os sacrifícios eram necessários para aplacar a força mágica da desordem. A natureza sacrificial de

Em contrapartida, a Ditadura Civil-Militar aumentou a capacidade do Estado em suas estruturas de poder, de intervir no domínio sexual, na ordem pública e no controle das diversões públicas e circulação de material artístico potencialmente imoral ou subversivo, e, por excelência, na produção de masculinidades viris dóceis e adequadas.

No que se refere à perseguição, suspensão de direitos e aposentadoria compulsória de agentes do Estado, inseridos no sistema de Justiça Criminal e no Ministério das Relações Exteriores, em razão de práticas homoeróticas⁵⁷⁰, foram mapeados muitos casos de juízes aposentados compulsoriamente, por exemplo, o Juiz João Luiz Duboc Pinaud, o juiz Walter Nunes de Figueiredo e o juiz Waldir Meüren, vigiados, cassados e expurgados de seus empregos.

O juiz de 1ª entrância no Rio de Janeiro, João Luiz Duboc Pinaud era professor da faculdade de direito de Niterói e juiz de direito de Maricá, aposentado pelo AI-5 em 25 de abril de 1969. Na investigação da sua suposta subversão, constava o fato de que tentou promover um “Júri Simulado” sobre a personalidade, a vida e a morte do Ernesto Che Guevara, pego na guerrilha na Bolívia. Considera-se que o acusado influenciava os alunos ao desprestígio das Forças Armadas, pois não raro, em meio da aula, criticava determinado fato nos seguintes termos: “Isto foi decisão de quem? Ah! do General Fulano? De Generais só se pode esperar - isto mesmo”⁵⁷¹. Para pontuar uma merecida punição, informa-se que o juiz era também um “pederasta passivo”, citado por cinco vezes dessa forma, sem nenhum indício ao fato⁵⁷².

O juiz dos Feitos da Fazenda do Pará, Walter Nunes de Figueiredo, foi investigado e aposentado por ser considerado como “subornável e pederasta”, deixando-se influenciar nas sentenças judiciais por “esse vício”⁵⁷³. E o juiz Waldir Meüren teve o mesmo fim, por também ser considerado como “pederasta passivo”, apesar de ser indicado para Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal⁵⁷⁴.

peças gays nesse período indica que algumas pessoas as transformavam em bodes expiatórios. Ver: FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

⁵⁷⁰ A possibilidade de perseguição deriva de um modo de entender a homossexualidade como doença. Foucault informa que o homossexual do século XIX se tornou um personagem, uma história, um caráter, uma forma de vida. Diferentemente do sodomita, do discurso religioso que era percebido como um reincidente, enquanto o homossexual se tornou uma subespécie de gente, pois durante o período de intensa proliferação do saber médico e científico surgiu também uma caça às sexualidades periféricas e a consequente incorporação das perversões e à nova especificação dos indivíduos. Ver: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. V. I., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

⁵⁷¹ 1969, BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0929_d0001de0001

⁵⁷² 1969, BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0929_d0001de0001

⁵⁷³ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_3406_d0001de0001

⁵⁷⁴ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_3363_d0001de0001

Os três casos dos juízes investigados e punidos permitem perceber que o processo penal dentro do regime militar assumiu um caráter autoritário e arbitrário ao favorecer uma articulação do desvio de caráter com a orientação sexual, algo evidente com o usos dos termos “subornável e pederasta”, evidenciando níveis e desníveis de hierarquias, quanto aos códigos de masculinidades na interação homoerótica, onde a função passiva do ato é valorada na denúncia, como uma enunciação para a punição.

A dinâmica do dispositivo da sexualidade do período ditatorial se mostrava bastante complexa, imersa em relações de delações e também de vínculos de cumplicidades em processos de aposentadoria compulsória de alguns dos funcionários do Itamaraty. Nesse caso, as subversões consideradas como “alcoolismo” e “homossexualismo” eram as principais causas do afastamento do referido regime político. O Embaixador Pio Corrêa confessou não gostar de diplomatas “pederastas”, “vagabundos” ou “bêbados” e, em um de seus primeiros gestos, convocou o primeiro secretário Vinícius de Moraes ao seu gabinete⁵⁷⁵ e, constatando que o poeta se apresentava, há mais de um ano, como cantor em uma boate do Rio de Janeiro, o induziu a pedir licença sem vencimentos do serviço ativo, tornando-se um dos aposentados após o AI-5, no início de 1969⁵⁷⁶.

No período ditatorial foram aposentados compulsoriamente nos quadros do Ministério das Relações Exteriores um total de sessenta e quatro funcionários, vinte e cinco diplomatas e trinta e nove possuidores de cargos administrativos. Os casos se referiam ao ano de 1964, envolvendo o cônsul francês, Maciel Morin, pois era considerado um “comunista pederasta”; o Cônsul Tcheco, Ferdinand Hadek, teria dado fuga a comunistas e, na noite de 31 de março para 1º de abril, escondendo em sua residência alguns líderes comunistas. Além deste, o Servente Dionysio Fernandes Borges e o oficial de Chancelaria José Eduardo Brasil Vivacqua foram aposentados sob alegação de “homossexualismo”⁵⁷⁷.

⁵⁷⁵A masculinidade do começo do século XX foi forjada com influência de um ideal de homem trabalhador-provedor, distante do alcoolismo e outras práticas. Ver: MATOS, Maria Izilda S. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus*: revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n.02 p. 125-143, 2011.

⁵⁷⁶LOSA, Ilse. *O Mundo que vivi*. Porto: Afrontamento, 2005.

⁵⁷⁷ Segundo consta da ata da segunda reunião ordinária da Comissão de Anistia (Emenda Constitucional 26/85), em 27 de maio de 1986, no prédio administrativo do Ministério das Relações Exteriores, presentes o Senhor Embaixador Paulo Monteiro Lima e outros, se reuniram em Comissão de Anistia para tratar do material da Comissão de Investigação Sumária, de 1969, que foi entregue pela Divisão do Arquivo, em 1980, tendo por determinações superiores, no sentido de examinar a readmissão dos demitidos e a reversão dos aposentados de todos os funcionários do Ministério das Relações Exteriores punidos por atos de exceção ou por motivação política. Ver: BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0929_d0001de0001.

Em alguns casos, a Comissão entendia que a reversão poderia ser condicionada apenas ao resultado de entrevista e, caso positiva, de nova inspeção médica⁵⁷⁸. Assim, em 1969, o diplomata Ricardo Joppert foi aposentado sob a alegação de "prática do homossexualismo e incontinência pública escandalosa", sendo readmitido em 1980. Também o Auxiliar de Bibliotecário Eloy Antônio Xavier que foi aposentado sob alegação de homossexualismo, posteriormente considerado pelo Centro de Medicina Aeroespacial da Aeronáutica, apto para o fim a que se destina, somado aos elogios encontrados no boletim de avaliação funcional com conceito máximo em todos os itens, razão pela qual a comissão julgou a reversão do funcionário condicionada a resultado de entrevista, e se fosse o caso, à nova inspeção médica. De igual sorte, o oficial de Chancelaria Ori Vargas Fortes, o oficial de Chancelaria José Adonias de Araújo Neto e o oficial de Chancelaria José Maria Delgado Tubino foram aposentados sob alegação de prática do "homossexualismo" e "incontinência pública escandalosa"⁵⁷⁹.

Assim, a elaboração do dispositivo sexual no Estado Ditatorial não deixa de ser também a elaboração do sistema sexo-gênero a partir do que seria a identidade sexual e sua articulação com o discurso de uma masculinidade viril. Logo os mecanismos do poder autoritário se aproveitaram da compreensão de uma "identidade homossexual", percebida como um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual, inventada para ser estigmatizada como um bode expiatório, antinatural, anormal e abjeta em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural⁵⁸⁰.

As investidas da Ditadura Civil-Militar variavam do sutil ao explícito, no que se refere à docilização dos corpos, posto que, se as propagandas e publicidades que dispunham sobre um estilo de vida binário e linear, bem como o estímulo para uma vida em comunhão pelo progresso não fosse incorporada⁵⁸¹, a atuação de uma necropolítica se iniciava, de modo sutil com as investigações e até a censura prévia, para enveredar em modos sistemáticos de aplicar a punição, a dor e o extermínio do corpo⁵⁸².

⁵⁷⁸ A acusação de "homossexualismo" atendia ao saber médico, tanto quanto à alegação de "pederastia" a uma perspectiva religioso-criminosa das práticas sexuais entre homens. Ver: LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo dos Gregos à Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

⁵⁷⁹ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0929_d0001de0001.

⁵⁸⁰ PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1, 2014.

⁵⁸¹ Essa forma de agir reflete a atuação de uma biopolítica que utiliza a heterossexualidade como dispositivo de controle, organizando e normatizando comportamentos, corpos e relações sociais. Nesse sentido, a regulação das práticas sexuais e das identidades de gênero serve para consolidar hierarquias de poder, disciplinar indivíduos e assegurar a reprodução de normas sociais consideradas legítimas pelo Estado e pelas instituições. Ver: FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: Curso dado no College de France (1977-1978). Martins Fontes: São Paulo, 2008.

⁵⁸² Essa forma de agir é própria da necropolítica. Ver: MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1edições, 2019.

Após 1964, a diplomacia brasileira passou a priorizar vínculos com a América Latina, o hemisfério americano e o mundo ocidental, mantendo ainda consideração pelos “laços afetivos” com Portugal. O rompimento das relações diplomáticas com Cuba consolidou a aproximação com os Estados Unidos, que apoiavam o regime não apenas financeiramente, por meio de empréstimos para investimentos, mas também militarmente, compartilhando táticas de controle social e instrumentalização da dor, justificadas sob a narrativa de proteção da democracia e do progresso. Nesse ponto, a política externa adquiriu uma dimensão econômica voltada ao desenvolvimento, conhecida como “diplomacia da prosperidade”, que refletia simultaneamente a inserção internacional do Brasil e a legitimação interna de práticas autoritárias de repressão⁵⁸³.

O contexto do fim da Segunda Guerra, início da Guerra Fria e início de uma “guerra mais quente, sanguinária e institucional” no Cone Sul e no Vietnã, possibilitaram que o caráter nacional das Forças Armadas Latino-Americanas assumisse uma postura internacionalista de combate ao que se considerava subversivo, em que a tortura e outras violações dos Direitos Humanos era sistematicamente utilizada⁵⁸⁴. Essa forma de governo havia aderido a formas intervencionistas, atuando como um “bom policial” dentro da política internacional⁵⁸⁵. Ademais, um dos desdobramentos da atuação do Sistema de Justiça Criminal desse período é que seus métodos de investigação se mostravam contraditórios na busca pelos próprios fins, uma vez que se valia da crueldade e do sadismo para conter condutas arbitrariamente consideradas como subversivas.

Ademais, a globalização da economia não foi resultado de uma única ação, é um processo histórico que foi acelerado. Desde a grande depressão, a ascensão do nazi-fascismo e da segunda guerra mundial, alguns organismos se empenharam em controlar os fluxos de capitais⁵⁸⁶, mas que continuaram a depender de Estados Nacionais, permanecendo o

⁵⁸³KISSINGER, Henry. **A Diplomacia das Grandes Potências**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A, 1999.

⁵⁸⁴QUADRAT, Samantha Viz.; ROLLEMBERG, Denise (org.). **A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

⁵⁸⁵A Doutrina Monroe, ao justificar a intervenção americana diante de ameaças reais ou potenciais, funcionava como um mecanismo de controle hemisférico, refletindo preocupações similares às do equilíbrio de poder europeu. No início do século XX, Theodore Roosevelt reforçou esse caráter intervencionista ao pregar a “obrigação” dos Estados Unidos de intervir na América Latina para proteger seus interesses estratégicos e econômicos. Essa postura consolidou o imperialismo americano, legitimando intervenções políticas e militares em países latino-americanos sob o pretexto de manter a ordem e prevenir influências externas. Ver: KISSINGER, Henry. **A Diplomacia das Grandes Potências**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A, 1999.

⁵⁸⁶O Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), conhecido como Banco Mundial, e o Fundo Monetário Internacional (FMI) foram criados a partir do Acordo de Bretton Woods, resultado das negociações entre economistas, como John Maynard Keynes, e representantes dos Estados Unidos, com o objetivo de promover a estabilidade econômica global, reconstruir países após a Segunda Guerra Mundial e facilitar o

engendramento de uma autoridade política. O mercado sexual se aproveita da demanda de desejo que surge com a formação de subculturas específicas, com produtos nichados e específicos às demandas emergentes, evidenciando também que aos poucos o Estado se reconfigurava em sua influência com a cultura e na perda do monopólio legítimo de coerção. Esse momento histórico evidenciou que tanto a produção, como o consumo de produtos específicos de antagonistas e opositores do Regime Civil-Militar, quanto a investigação e a espionagem de seus produtos culturais misturavam elementos de saber-prazer específicos.

A Guerra Fria possibilitou uma estabilização mundial, tornou administrável os conflitos. Nesse contexto, a hegemonia cultural estadunidense possui uma dinâmica política, que a dominação britânica não teve, pois, mesmo no auge do poderio, não tentaram converter o mundo. Essa ambição parece ser característica do governo norte-americano⁵⁸⁷. Em relação às Ditaduras na América Latina, a experiência brasileira demonstra que a cumplicidade, a obediência, o consentimento e a servidão voluntária ao Estado Ditatorial se articularam com a ideia de fascínio aos elementos especiais que apenas um homem detentor de qualidades da masculinidade considerada viril poderia assegurar.

Nesse contexto, a Doutrina de Segurança Nacional inseria o regime militar brasileiro ao contexto de Guerra Fria, objetivando a atuação de uma polícia política que objetivasse a manutenção da ordem, o estabelecimento da vigilância e da repressão daqueles que contestassem a ordem vigente. Dessa maneira, o subversivo se constitui como o próprio elemento daninho na sociedade e, por isso, é tratado como “inimigo do Estado” e seu extermínio emerge como a condição para paz social, motivo pelo qual são justificados quase todos seus atos⁵⁸⁸. Nesse ponto, o regime de verdade da Ditadura Civil-Militar procurou se legitimar com o discurso de uma “revolução preventiva e redentora”, estruturada a partir das diretrizes da

comércio internacional. Ver: HOBSBAWM, Eric. **O Novo Século**: entrevista a Antônio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁵⁸⁷HOBSBAWM, Eric. **O Novo Século**: entrevista a Antônio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁵⁸⁸ O conceito de guerra total conferia ao Estado a prerrogativa de empregar violência para garantir a Segurança Nacional, centrada no controle de conflitos internos e na identificação de supostos subversivos. Em paralelo, a ideia de Razão de Estado, originada da separação entre poder eclesiástico e secular, servia para legitimar decisões governamentais que priorizassem a manutenção da ordem e da autoridade. Juntas, essas noções estruturaram políticas de repressão e vigilância, justificando intervenções legais e extralegis e moldando a forma como os Estados modernos lidaram com dissidência política, minorias e movimentos sociais considerados ameaças à estabilidade nacional. Ver: SAMWAYS, Daniel Trevisan. **Inimigos imaginários, sentimentos reais: medo e paranoia no discurso anticomunista do Serviço Nacional de Informações (1970- 1973)**. Tese de doutorado em História no setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 2014.

Doutrina de Segurança Nacional, instituindo a noção de “guerra interna” e de um “inimigo interno” chamado genericamente de “subversivo”⁵⁸⁹.

A teoria do inimigo interno permitiu a existência do aparato repressivo da Ditadura Civil-Militar, sem muitas interferências efetivas. A preparação dessa estratégia se pautou em textos do General Golbery, que delineou uma “Grande Estratégia” em que todas as atividades políticas, econômicas, militares e psicossociais deveriam visar à segurança nacional. Dessa forma, a estratégia política definiu metas para a neutralização do poder executivo, legislativo e judiciário, bem como a atuação dos partidos políticos. A estratégia econômica ocupou os setores privados e públicos, inseridos na lógica do desenvolvimento, criando medidas de intervenção para conter a inflação e atrair capital estrangeiro. A estratégia psicossocial envolvia a ideia de proteção da família, das universidades e dos meios de comunicação, onde deveriam ser vigiados em seu aparato moral. Por sua vez, a estratégia militar presumia o controle total da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. Em suma, a estratégia presumia a edificação de estruturas ideais para a moralização da Administração Pública e da concentração de poder nas Forças Armadas⁵⁹⁰.

Os militares brasileiros importaram teorias sobre o “inimigo” elaboradas no Norte Global, como demonstra a proliferação de artigos de revistas militares desde 1957, tornando possível um maior impacto da teoria da Guerra Revolucionária Saneadora e da Doutrina de Segurança Nacional, permitindo a elaboração dessa perspectiva a partir de diversas especificidades nacionais nas Ditaduras Latinas, tal qual o caso do Brasil, onde a Doutrina de Segurança Nacional correspondia às publicações da Escola Superior de Guerra, que pretendia doutrinar as Forças Armadas⁵⁹¹.

A permanência do poder político da classe dos militares depende do prestígio e dos códigos de virilidade atrelados às fardas aos elementos do grupo, predominantemente atravessados por noções de hierarquia e disciplina em amplas esferas⁵⁹². Em todo caso, o caráter

⁵⁸⁹ MANSAN, J. V. **Subversivos**: ditadura, controle social e educação superior no Brasil (1964- 1988). Tese de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2014.

⁵⁹⁰ CARVALHO, Aloysio Castelo de. **Serviço Nacional de Informações**: uma abordagem histórica. Curitiba: Appris, 2023.

⁵⁹¹ A teorização francesa também influenciou a reflexão brasileira, sobretudo na formulação de doutrinas militares e de segurança nacional. As análises do Exército Francês sobre o comportamento do “inimigo ideal”, elaboradas após o fracasso na Indochina e durante a guerra na Argélia, entre as décadas de 1950 e 1960, serviram como referência para o treinamento e a estratégia de combate a insurgências internas no Brasil. Essa influência contribuiu para a construção de uma abordagem preventiva e repressiva contra movimentos considerados subversivos, moldando políticas de segurança e doutrinas de controle social durante o período autoritário. Ver: CHIRIO, Maud. **A Política nos Quartéis**: revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

⁵⁹² O recrutamento militar era diferente para oficiais e para praças. No primeiro caso, muitos nobres adentravam às Forças, de aristocrático para classe média, relaxando os critérios de nobreza. No segundo caso, o recrutamento foi

nobre das Forças Armadas se modificou ao longo do Império. Em 1896, a Confederação Brasileira de Tiro foi criada para tentar aproximar a classe média e alta para o serviço militar. No entanto considerava-se que a qualidade dos recursos humanos captados pelo recrutamento marginalizava o Exército e impedia que ele se modernizasse, fazendo com que o sorteio universal surgisse como solução para o problema. Alguns anos mais tarde, em 1908, o grupo de tiro totalizava quase catorze mil membros e conseguira aprovar a lei do sorteio, tornando obrigatória a instrução militar em colégios secundários. Posteriormente, em 1913, o grupo criou o *a Revista Defesa Nacional* para a divulgação de suas ideias⁵⁹³.

Em 1965, a *Revista Defesa Nacional* discutia a moral das massas no decurso da guerra revolucionária saneadora, ressaltando que um dos principais objetivos da estratégia psicológica consistia em abater o espírito do adversário e fortalecer a moral das próprias forças. Os estudiosos das Forças Armadas, como Antônio Carlos Pacheco, informavam que a ansiedade em tempo de guerra podia atingir toda a coletividade, sobretudo quando o cansaço, a desnutrição e os sofrimentos físicos e morais ameaçavam quebrar a resistência. O desassossego insuflado pelo “inimigo” constitui parte da moderna técnica da guerra de nervos e a ansiedade das massas é consequente à ansiedade individual, que se vai propagando, pouco a pouco, a toda a coletividade. Assim, a exortação era que, quando os chefes se deixam dominar pelo desânimo, a tropa toda ficava desmoralizada⁵⁹⁴.

A *Revista da Defesa Nacional* advertia que, para combater o boato, devia se questionar sobre a origem da notícia ao invés de aceitá-la. Não se devia ajudar na divulgação do boato para não terminar auxiliando o inimigo pela propaganda de notícias sem confirmação oficial. Na linha de ação contra os boatos, poder-se-ia adotar, de um modo geral, o seguinte critério, empregado nos Estados Unidos.

A guerra subversiva ou revolucionária, que é uma das modalidades da guerra fria, conhecida e empregada desde a mais remota antiguidade, tem sido largamente utilizada nas suas conquistas, pelos russos, que a aperfeiçoaram e sistematizaram. Oculta, manhosa, sub-reptícia e clandestina, antes de ser posta em execução é estudada e planejada por técnicos experimentados e perfeitos conhecedores das condições do país em que se vai desencadear. Tem ela por objetivo implantar a indisciplina, quebrar a hierarquia, incitar a revolta e a insurreição, graças a uma propaganda bem conduzida, pela exploração das massas. Objetiva principalmente a desorganização e a desintegração da estrutura social do país, pelo enfraquecimento do potencial nacional, desprestígio das

constantemente feito entre classes mais pobres. Ver: CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2019.

⁵⁹³CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2019.

⁵⁹⁴REVISTA DEFESA NACIONAL, Guerra Psicológica Antônio Carlos Pacheco E Silva (Convivium, abril. de 1964), V. 51, n. 600, 1965, p. 43

instituições e das autoridades legalmente constituídas e aniquilamento das classes produtoras, visando à implantação do comunismo em todo o mundo⁵⁹⁵.

Assim, os estudiosos das Forças Armadas consideravam que o meio mais eficiente para dominar o pânico seria aproveitar a tendência natural do povo para se reunir nos momentos graves, para canalizar as suas energias, derivando-as para fins úteis e definidos. A mente devia estar constantemente ocupada com algum trabalho, para impedir que a imaginação deforme a realidade e agrave a situação. Por isso a ideia de segurança acima de tudo devia ceder lugar para o trabalho acima de tudo.

Nesse sentido, a elaboração de uma revista com objetivo intelectual e político de defesa das fronteiras nacionais diante daquilo que era considerado subversivo, moral e politicamente, demonstra também que a revista surgiu como produto da capacidade de elaboração dos códigos de masculinidades em se estabelecer em diferentes contextos e circunstâncias⁵⁹⁶ e, para além disso, submetendo as pessoas a um caráter de dominação tal qual um território⁵⁹⁷. De forma complementar, a revista *Manchete* e o *Cruzeiro* cumpriam a função fantasiosa do regime civil-militar. Logo, segundo a *Manchete*, o circuito subversivo era configurado como um mundo secreto e o SNI era descrito como um ministério invisível para que o General-Presidente soubesse o que cada brasileiro estava fazendo:

Imagem 99: O Ministério Invisível (à esquerda); FBI Brasileiro (centro-esquerda); Aula de Etiqueta (centro-direita); Judô e karatê (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, ed. 634, p. 102; MANCHETE, Reportagem de Durval Ferreira e Antônio Lúcio em São Paulo, D. Rocha e Roberto Stuckert 1967, ed. 799, p. 23.

A primeira figura mostra que uma das principais medidas de 1964 era corresponder ao projeto de vigilância e de punição dos subversivos, investindo na formação da imagem do militar viril, como mostra a imagem do soldado armado com metralhadora portátil, em uma das

⁵⁹⁵ REVISTA DEFESA NACIONAL, Guerra Psicológica Antônio Carlos Pacheco E Silva (Convivium, abril. de 1964), V. 51, n. 600, 1965, 54.

⁵⁹⁶ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. [S. l.], v. 20, n. 2, p. 19, 2017.

⁵⁹⁷ FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). Paulo: Martins Fontes, 1999.

esquinas da Avenida Presidente Vargas com a Rua Uruguaiana, no Rio de Janeiro, onde funcionava o Conselho de Segurança Nacional (CSN). Enquanto isso, setores da sociedade civil, leitores de revistas de ampla circulação tinham a sua opinião direcionada para acreditar na informação repassada de que no quadro de professores da Escola Superior de Guerra estavam os melhores cientistas, sociólogos, técnicos e instrutores do saber. Afinal, a ESG possuía os “doutores” da Polícia Federal, que eram também homens de ação que sabiam como usar os músculos quando necessário, uma perspectiva que convergia com os interesses dos militares vitoriosos do golpe de Estado e articulados ao ideal de masculinidade viril para a sociedade civil. Inseridos em contexto de Doutrina de Segurança Nacional, alguns dos leitores da *Manchete* percebiam esses homens assim como um herói dos filmes de ação e de aventura, tal qual o espião 007.

As imagens que se seguem, evidenciam como a *Manchete* informava sobre o aprendizado de técnicas de espionagem pelo “FBI brasileiro”, em 1967, exibindo nítida influência estadunidense e do discurso viril. A matéria informava à sociedade brasileira que os agentes federais eram treinados em Brasília, aprendiam boas maneiras, eram obrigados a fazer curso superior e podiam enfrentar qualquer luta perigosa com os recursos do judô e do karatê, tinham boa aparência tal qual James Bond e sabiam “atirar para matar, se necessário”⁵⁹⁸. Dessa maneira, o flerte com a produção de supersoldados partia do mundo de ficção, em sintonia com a imagem de bom moço articulada a uma polícia secreta do Estado, fortemente influenciada pela produção dos filmes como James Bond, que direta e indiretamente produziam sentido e uma narrativa sedutora e prazerosa convergente com a Doutrina de Segurança Nacional e a criação do próprio serviço secreto de espionagem no Brasil.

A consolidação da Grande Estratégia ocorreu quando foi instituído o Ato Institucional n.1, dando poder ao executivo para cassar mandatos, suspender direitos políticos, modificar a Constituição Federal e decretar estado de sítio. Então, após dois dias do AI-1, o Congresso elegeu o general Castelo Branco para presidente. A contraofensiva geral da Grande Estratégia foi levada a efeito com os Inquéritos Policiais Militares (IPMs), que podiam investigar as atividades dos funcionários civis e militares em quaisquer circunstâncias, para dissipar os indícios de subversão. A mera acusação bastava para desencadear uma série de perseguições que podiam incluir prisões e torturas. Assim, a estratégia política foi efetuada pelo controle dos partidos, além da perseguição com o legislativo por meio da cassação. Posteriormente, com a decretação do AI-5, foi possível criar sofisticados métodos de repressão.

⁵⁹⁸ MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem de Durval Ferreira e Antônio Lúcio em São Paulo, D. Rocha e Roberto Stuckert 1967, ed. 799, p. 23

O engendramento de um modo de exercício de poder por parte de civis e de militares, engajados com um projeto político conservador nos costumes e liberal na economia, implicava a crença e a defesa de masculinidades idealizadas em torno dos códigos de bravura, de coragem e de disciplina, pautados em uma narrativa maniqueísta de bem e de mal, assim, o subterfúgio dos agentes infiltrados em manter as aparências e estreitar vínculos com outros estudantes não era percebido como traição ética nas interações humanas, mas como um símbolo de sagacidade aos moldes dos ensinamentos da ESG, “solidamente” firmada nas imagens dos heróis de filmes hollywoodianos. Assim, o contato com os filmes de Hollywood alimentava o universo da fantasia que tinha um real sentido, na medida em que espalhava a Doutrina de Segurança Nacional, dado ao contexto mundial da guerra fria e da existência de espiões. Logo viver algo parecido com o que os filmes narravam se tornou algo desejado para uma parcela de jovens, com seus hotéis caros, com massagens, jacuzzi, jogos, banhos turcos. Em fazer tudo como James Bond também faria. Certamente, esse desejo dos jovens cinéfilos e James Bond impulsionaram no alistamento e no serviço voluntário. Da mesma forma, o ator Sean Connery, que encarnava o personagem, tinha funções sociais:

Imagem 100: Sean Connery corta fita simbólica.



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1970, ed.954, p.137

Em 1970, no evento referido acima, o ator Sean Connery, que fazia o James Bond nos filmes, foi convidado para cortar uma fita simbólica de melhoramento público na Escócia e foi perseguido pelas mulheres, narrado pela revista quase como uma dura missão de risco. Dessa forma, a partir das fontes de revistas da Defesa Nacional, bem como da *Manchete* e com a literatura historiográfica do tema pesquisado, pode-se dizer que a fantasia cerceada nas artes e a experiência do trabalho no sistema de justiça criminal que se engendrou na Ditadura Civil-Militar, em muitas circunstâncias se tocam, se cruzam e se fundem, estabelecendo interações diversas das funções sociais previstas pela ordem e pela dimensão autoritária.

O poder militar foi elaborado pela produção de um modo de vida linear, ordeiro e fantasioso, bem como pelo engendramento de um sistema de vigilância, de censura e de

morte⁵⁹⁹, partindo de uma matriz de inteligibilidade cultural onde o desenvolvimento e o progresso eram o caminho norteador para a produção de subjetividades masculinas, algo que legitimou atos arbitrários por parte da Ditadura no objetivo de moralizar a Administração Pública, capitaneada por generais de quatro estrelas e com o apoio de setores da sociedade civil. Acrescentando-se o charme e o clamor dos heróis hollywoodianos, referências na produção de masculinidades viris, centrais no Estado Autoritário e na sociedade civil que se identificava com ele.

A ideia de revolução social, revolução dos costumes e revolução sexual que emergem da força da contracultura do período, juntamente com outros aspectos de contestação à autoridade militar-masculina não se contrapõem à ideia de que no interior da cultura viril e performativamente heteronormativa, não houvesse microrrevoluções sentimentais, bem como a elaboração de táticas de desejo e de sobrevivência, que alterava a forma como se compreendia a “revolução”. Da mesma forma, seria reducionista imaginar que o uso da força e da violência ocorreu apenas no âmbito militar, sem a participação de amplos setores da sociedade, sem limite etário, de classe social e/ou gênero, notadamente, por todos aqueles agenciados e capturados pelo gozo de punir, inclusive no interior da contracultura.

Além disso, em um Estado Ditatorial, os meios de obtenção de provas para o procedimento de investigação podiam ser variados: agentes infiltrados nas universidades e demais órgãos públicos, interventores em setores das organizações públicas, a imposição da censura aos produtos artísticos e culturais, o uso sistemático da dor, a eliminação de opositores políticos não quistos da sociedade, gerando, inclusive, uma categoria de “desaparecidos políticos”⁶⁰⁰, entre outros métodos amplamente catalogados pelo Arquivo Nacional, pela Comissão Nacional da Verdade que se encarregou de publicar documentos diversos, com fotos e vídeos de audiências públicas, com depoimentos de vítimas civis, vítimas militares, depoimentos dos agentes de Estado e relatórios do colegiado.

A abordagem que enfatiza as estruturas como se fossem blocos estáveis, homogêneos e permanentes evidencia uma perspectiva reducionista e simplista dos fenômenos históricos, pois existem nessas estruturas espaços para deslizamentos, fissuras, exercícios de poder na elaboração de táticas⁶⁰¹. Mas, as estruturas existem e foi a partir das estruturas que, durante a Ditadura Civil-

⁵⁹⁹ Biopoder e Necropoder articulados e imbricados, diálogo de Mbembe e Foucault. Ver: MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1edições, 2019.

⁶⁰⁰ TELES, Janaína de Almeida. Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por “verdade e justiça” no Brasil. In TELLES, Edson; SAFATLE, Vladimir (org). **O que resta da ditadura?** São Paulo: Boitempo, 2010, p. 253-298.

⁶⁰¹ Importante perceber as porosidades dessas estruturas, como um queijo suíço, repleto de vazios e de entrelugares. Ver: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

Militar Brasileira, cerca de cinquenta mil pessoas foram presas, inúmeras prisões não registradas ocorreram, em torno de cento e trinta banimentos, mais de quatro mil e oitocentos mandatos de políticos cassados, além de uma cifra incalculável de exilados, refugiados políticos e vítimas de perseguições. Esses dados foram possíveis graças à política de memória estabelecida com a Comissão Nacional da Verdade, que incluiu também o projeto de transformar os locais de tortura em lugar de resistência, a exemplo do Memorial da Resistência que expõe dados e fontes em uma curadoria detalhando a dinâmica dos mecanismos do poder, suas estruturas e suas alianças⁶⁰².

Na parede do Memorial da Resistência, local onde antes era o DOI CODI, há um organograma que, além de possibilitar às pessoas o conhecimento sobre as prisões e a metodologia de vigilância e da punição do Estado Ditatorial, evidencia-se o General-Presidente intimamente articulado com o Serviço Nacional de Informações e à Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, onde o titular era o Chefe da Casa Militar da Presidência da República. É possível perceber que o modo de atuação dos mecanismos da Ditadura Civil-Militar era pautado em circulação de informações de amplos setores, a exemplo do Alto Comando das Forças Armadas que passava as informações do Ministério da Marinha, do Ministério da Aeronáutica e do Ministério do Exército para o General-Presidente. Enquanto o Ministério do Exército tinha o próprio Alto Comando, o Estado Maior do Exército (EME), o Estado-Maior da Armada (EMA) e o Estado-Maior da Aeronáutica (EME). O Alto comando do Exército, por exemplo, ficava responsável por gerenciar os Exércitos I, II, III e IV, que gerenciavam o CODI, por sua vez o DOI, que se articulava com a Secretaria de Segurança Pública (SSP) e suas teias no DOPS.

O Sistema Nacional de Informações (SNI) possuía controle das Agências Regionais de Serviço Nacional de Informações (AG. REG. SNI) e representava um dos órgãos centrais para o funcionamento da Ditadura. Foi fundado por Golbery do Couto e Silva, criado pela lei n. 4.341 de 13 de junho de 1964, dava *status* de ministro ao seu chefe e tinha colaboradores voluntários e remunerados, espalhados pelos escritórios de todo o país. Entre as suas principais atividades, estavam a instalação e o controle de grampos telefônicos, a censura postal, as investigações, os contatos com a CIA e a participação na Operação “Condor”⁶⁰³.

⁶⁰² Organograma do Poder Ditatorial foi retirada do BNM: Título I. O Regime Militar, pag. 70, 1985, BNM Digital.

⁶⁰³ STEINKE, Sabrina. **A Repressão Política na Fronteira Uruguaiana – Paso de Los Libres** no final da década de 1970. Tese de Doutorado em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS). Brasília: UNB, 2016.

O Sistema Nacional de Informações chegou a ter dois mil e quinhentos funcionários, em 1971, quando se consolidou como um dos dez serviços de inteligência melhor equipados entre as potências nacionais, pois ainda contava com uma Escola Nacional de Informações (EsNI), que continha laboratório de línguas, academia de tiro subterrânea, emissora de TV, fábrica de aparelhos de criptografia e escuta. No Exército, havia o Centro de Informações do Exército (CIE); na Marinha, o Centro de Informações da Marinha (Cenimar); na Aeronáutica, o Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa), que agia para fazer temer seus opositores. E, em 1982, o SNI alcançou seis mil funcionários⁶⁰⁴. Ademais, esses órgãos de informações foram criados a partir da experiência de países como os Estados Unidos, Israel, França e Inglaterra, para tornar os homens em espiões civis, onde cerca de cento e vinte pessoas eram formadas anualmente pela EsNI, sendo noventa selecionados entre funcionários públicos de ministérios do Estado⁶⁰⁵.

Os órgãos de vigilância e repressão de existência oficial eram variados. Além do Sistema Nacional de Informações, havia os Comandos de Operações de Defesa Interna-Destacamentos de Operações de Informações (CODI-DOI), o Centro de Informação do Exército (CIEEx), o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), o Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA), o Departamento de Polícia Federal (DPF), os Departamentos de Ordem Política e Social (DOPS ou DEOPS), os Pelotões de Investigação Criminal da Polícia do Exército (PIC), os Grupos de Operações Especiais (GOE), entre outros. Todos organismos da máquina estatal sob coordenação última e de inteira responsabilidade das Forças Armadas do Brasil, ancoradas nos ideais de masculinidades viris, ainda que fossem adeptos de vivências de códigos de masculinidades disruptivos em relação à heteronorma⁶⁰⁶.

O serviço secreto compreendia, ainda, o Centro de Informações do Exército (CIE), o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA), o Serviço Secreto do Estado-Maior do Exército, o Serviço Secreto – Estado-Maior da Marinha, Serviço Secreto – Estado Maior da Aeronáutica, o Segunda Seção – Serviço Secreto ao nível de tropa. Atuava também o Centro de Operações de Defesa Interna, o Destacamento de Operações de Informações, o Departamento da Polícia Federal, a Delegacia Regional do DPF, o Departamento de Ordem Política e Social, a Polícia Militar, as “OPF”

⁶⁰⁴FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo**: da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: Contexto, 2022.

⁶⁰⁵FICO, Carlos. Espionagem, política política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Tempo do Regime Autoritário**: ditadura militar e redemocratização. Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

⁶⁰⁶CARVALHO, Aloysio Castelo de. **Serviço Nacional de Informações**: uma abordagem histórica. Curitiba: Appris, 2023.

Organizações paramilitares fascistas, a Fundação Nacional de Informações, a Escola Superior de Guerra, a Secretaria de Segurança Pública, que era um organismo formal ligado à administração estadual.

Nesse contexto, a reconfiguração da Delegacia Política de Ordem Social (DOPS), que juntamente com o Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) e o Sistema Nacional de Informações (SNI), formaram um dos pilares de sustentação da ditadura civil-militar no Brasil, tendo em vista que iriam compor os órgãos de informações. Logo o Estado-Maior das Forças Armadas funcionava com relativa autonomia (EMFA), comandando a Segunda Seção do Estado-Maior das Forças Armadas e intimamente articulada com a Escola Superior de Guerra (ESG), que buscava apoio na sociedade civil para desenvolver a ação ideológica a DSN, fundamentando o regime de terror brasileiro a estimular a ligação entre desenvolvimento do capital e da segurança interna e externa⁶⁰⁷.

Apesar dos mecanismos de poder, era longe dos feitos extraordinários que as relações humanas estabeleciam táticas de resistência diante de estratégias do poder⁶⁰⁸. Muitas vezes, fugindo do imperativo viril “matar ou morrer”, ao invés disso, permaneciam no entre-lugar de quem mata e de quem morre, uma vez que trabalhadores e empresários, agentes políticos do Estado, prestadores de serviços públicos, agentes da segurança pública e privada, membros das Forças Armadas, professores universitários, médicos, jornalistas e outras ocupações profissionais reforçaram um discurso de boa-fé na sociedade⁶⁰⁹.

Os rumores, os murmúrios, as difamações e as calúnias interagiam nas relações e alcançavam o SNI que tratava de buscar investigar a vida das pessoas, investindo contra si mesmo e contra os outros, na busca do inimigo do Estado que pudesse legitimar a violência de bisbilhotar e, posteriormente, punir. As paixões ordinárias, a ira, a raiva, a paixão, a ternura e tantas emoções se diluíam entre as práticas, por inúmeras razões, provocando outras inúmeras consequências⁶¹⁰. Nesse ponto, a Ditadura Civil-Militar investiu em aparatos de vigilância e de punição de práticas homoeróticas em resposta a uma reconfiguração do desejo, à arte erótica e à ciência sexual onde o prazer da verdade do prazer e o prazer de saber desdobram-se em atos do

⁶⁰⁷ Em sua lista de formandos, temos os seguintes atores dessa ditadura: Golbery de Couto e Silva – turma de 1952; Ernesto Geisel – turma de 1953; Humberto de A. Castelo Branco e Juscelino Kubitschek – turma de 1956; Tancredo de Almeida Neves – turma de 1957; João Baptista de Oliveira Figueiredo – turma de 1960. Ver: FRASSETO, Myrna Valéria Coelho. **Sofrimento e tortura: Brasil (1964-1979) e Argentina (1976-1983)**. Doutorado em Integração Da América Latina, Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), 2010.

⁶⁰⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

⁶⁰⁹ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

⁶¹⁰ LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, Vozes, 2009.

Sistema de Justiça para fazer exhibir, descobrir, cativar, capturar, arrepiar, confiar secretamente e afins. Em todo caso, a forma como se engendrou o poder ditatorial mostra que a hipótese de um poder de repressão sobre o sexo se revela insuficiente dada a proliferação de discursos e a constituição de dispositivos suscetíveis de prazeres, de forçar a confissão e, a partir dela, instaurar um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos⁶¹¹.

4.2. INTRIGA DA OPOSIÇÃO

É um absurdo. Se ele fosse comunista não me teria casado com ele. Só faz tal acusação quem não conhece de perto a família Goulart. Dona Tinoca, mãe de Jango, vai à missa diariamente. As irmãs dele, Neuza, Maria, Sila, Landa e Fida. Meu marido mesmo estudou em colégio de padres. Acho que não é preciso dizer mais nada. O fato de Jango ter-se colocado, politicamente, ao lado dos interesses dos trabalhadores não quer dizer que tenha tendências extremistas. Ao contrário, revela espírito cristão e solidário ao próximo. É um pai exemplar, adora os filhos, e um marido igual ao comum dos maridos: com defeitos e qualidades. Mais qualidades que defeitos⁶¹².

Em 1961, a defesa do então presidente João Goulart, por sua esposa, primeira dama Dona Maria Tereza Goulart, afirmou detestar a acusação de que seu marido fosse comunista, utilizando argumentos cristãos e de valores que gravitam em torno da figura de bom marido e de bom pai para defender o presidente. O caráter de boa-fé moral sempre que possível era articulado a uma noção judaico-cristã de bondade, por isso era importante parecer dócil ao modelo cristão, para se utilizar desse argumento para desarraigar a noção de subversivo político ou moral. Entretanto nada adiantou os apelos da primeira-dama, pois o destino da família Goulart após o golpe de 1964 foi o exílio no Uruguai.

Além do Jango, outros homens políticos foram alvos do Sistema Criminal da Ditadura Civil-Militar, não apenas por supostas articulações subversivas políticas, como também por atos de subversão moral, perdendo seus direitos civis e políticos, entre eles: o candidato, sr. José Pinto Medeiros - de Alegrete (MDB); três vereadores: Paulo Leitão - de Magé (MDB), Dorival Ignácio de Medeiros - de São Paulo (S/P), Rui Favali - Dom Pedrito (MDB); e quatro prefeitos, o sr. Massilon Pessoa Cavalcanti - Bonito (S/P), sr. Lopo Alvares de Castro - Belém (PSP), sr. Kurt Walter Graebin - Feliz (S/P), sr. Francisco de Assis Cavalcanti - Gurinhém (S/P); em relação aos deputados, foram mapeados quatro alvos do sistema ditatorial: Reneau Cubas

⁶¹¹FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. V. I., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

⁶¹²CRUZEIRO, Rio de Janeiro. texto de Arlindo Silva e foto de Indalécio Wanderley. 1961, ed. 01, p 8 -9

(UDN), Cid Carvalho (ARENA), Octavio Cabral (ARENA), Miguel Dionizio (ARENA), entre outros aspirantes à vida política.

De forma pormenorizada, entre os que tentaram se eleger como o sr. José Pinto Medeiros, também foram investigados pelos agentes do Estado Ditatorial, registrando-o como "Bolão de Ouro", notório “pederasta passivo” ostensivo, tanto em Alegrete como nas cidades vizinhas. Conforme a investigação, na campanha eleitoral ainda procurou subornar os eleitores, por possuir uma posição econômica independente, nas eleições de novembro de 1968, na qual concorreu como candidato a Vice-Prefeito de Alegrete, mas não foi eleito⁶¹³.

O primeiro vereador investigado por sua conduta moral foi Paulo Leitão, vereador eleito pelo MDB para a Câmara Municipal de Magé, considerado elemento porta-voz do ex-Prefeito comunista, cassado pela condição de “pederasta ativo e passivo” e estelionato. Sua esposa, D. Maria Madalena Motta fez queixa-crime, afirmando que o indiciado passou a agredir com diversos socos e pontapés, segundo informam os autos, não prestando assistência à própria família e aos dois filhos menores⁶¹⁴.

O segundo vereador investigado, Sr. Dorival Ignácio de Medeiros, de São Paulo, que se elegeu pela primeira vez, em 1960, tendo sido reeleito e que sempre militou na situação, com exceção da segunda legislatura, quando atuou na oposição e que já esteve indiciado em três inquéritos policiais pela prática de atos de “pederastia ativa com menores”, atribuindo o fato a perseguições de inimigos políticos⁶¹⁵.

O terceiro vereador, o sr. Rui Favali Bastide filiado ao MDB, em Dom Pedrito/RS, supostamente, tentou praticar atos de “pederastia ativa e passiva”, ao que teve seu caso exposto com detalhes, também pelo relator, ao que se pode constar em ata da reunião⁶¹⁶. Consta da exposição de motivos da representação do Ministro da Justiça pela cassação do vereador em face de envolvimento em atividade “comuno-brizolista”, inclusive fazendo visitas domiciliares a “elementos”, e participação em curso de guerrilha. Além de ser considerado unanimemente, em Dom Pedrito, como “pederasta passivo”, fazendo com que sobre ele recaíssem as acusações de:

Realizar ‘reuniões e bacanais com a gurizada, num atentado à moral pública’; ‘Degenerado, abjeto, nocivo à alma da mocidade pedritense, com suas lucubrações de pederastia’; ‘Frequentar as praias da cidade de biquíni, numa orgia de imoralidade, com dezenas de jovens sem juízo, ferindo o pudor das famílias pedritenses’. Elemento insinuante, com palavra fácil e, até mesmo

⁶¹³ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2830_d0001de0001

⁶¹⁴ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2830_d0001de0001

⁶¹⁵ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2830_d0001de0001

⁶¹⁶ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1416_d0001de0001

inteligente, embora sem grande cultura. Homem de vanguarda dos comuno-brizolistas de D. Pedrito. - Pederasta passivo.⁶¹⁷

Diante disso, decidiu-se pela suspensão dos direitos políticos por dez anos e cassação do mandato eletivo municipal do Senhor Rui Favali Bastides, uma vez que – segundo as fontes do Estado Ditatorial –, era considerado unanimemente, em Dom Pedrito, como “pederasta passivo” e ex-protégido de Brizola. E por ter realizado violentos comentários, pela rádio local, contra o Presidente Castelo Branco, tornando-se um antirrevolucionário e pederasta⁶¹⁸.

O sr. Massilon Pessoa Cavalcanti, da cidade de Bonito, o primeiro prefeito investigado, teria praticado sexo com “um homossexual mudo” durante uma viagem de Bonito para Recife, afirmado no ônibus em voz alta para todos que essas relações eram melhores que com a sua esposa. Em outro episódio, o prefeito Massilon Pessoa, no exercício da função pública quando estava mandando pintar a sede, teria chamado o cidadão de nome Raimundo, dizendo “a vou mostrar para o povo de Bonito que quem vai assumir a Prefeitura de Bonito é um “chupador de bucetas”⁶¹⁹.

A comissão de investigação sumária do exército instaurou investigação da vida privada do mesmo, sob suspeita de o prefeito manter relações homoeróticas, além de não ter condições morais para o cargo político, acrescentando-se perseguição por motivo político. No deslinde do caso, foi apurado também que certa vez teria usado de meios ilícitos em sua campanha eleitoral, fazendo uma série de promessas, como a dispensa por dois anos de todo o imposto predial dos moradores da cidade e que daria seiscentos empregos aos que o apoiassem e abono de família a todas as famílias de Bonito. E, ao ser eleito, demitiu várias pessoas que não votaram nele, incluindo professoras, além de transferir várias delas para longe⁶²⁰.

O segundo prefeito investigado, o sr. Lopo Alvares de Castro foi descrito como diretor da rádio e TV Guajará em Belém/PA. Tratava-se de médico que não exercia a profissão, tendo exercido o cargo de chefe do Partido Social Progressista (PSP), tornando-se prefeito de Belém, suplente de Deputado Federal e Deputado Federal pelo Pará. Consta da investigação sumária que se uniu à oposição, após a Revolução de 1961 e passou a se dedicar exclusivamente à Rádio e TV Guajará. Considerado como um homem que não permitia a detenção por ideologia política, porque, em algumas ocasiões, manteve ligações com elementos esquerdistas e comunistas, em outras, afastou-se deles. Sua filha, D. Conceição Tamar de Castro, foi casada

⁶¹⁷ BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0416_d0001de0001; ficha informativa do exército, p. 550.

⁶¹⁸ BR_DFANBSB_N8_0_ATA_0005_0006_p_310_383_d0001de0001, p. 51.

⁶¹⁹ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1163_d0001de0001.

⁶²⁰ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1163_d0001de0001.

com o comunista militante Aldebaro Klautau Filho, do qual se desquitou com escândalo social explorado politicamente, pois Aldebaro seria considerado “pederasta passivo”⁶²¹.

O terceiro prefeito, o Kurt Walter Graebin, prefeito de Feliz/RS por dez anos, foi investigado por “pederastia passiva e por não ter condição moral para ser prefeito”⁶²². Consta em seu relatório que realizaria com frequência reuniões em casas de colonos projetando “slides”. Ademais, teria viajado pela Europa de onde trouxera material de projeção e gravações em fita magnética que exibiu aos colonos, dizendo nessas ocasiões que eles poderiam ter um padrão de vida semelhante ao que aparece nos filmes, “se o governo fosse exercido por Leonel Brizola”. Essas gravações teriam sido realizadas em idioma alemão⁶²³. Consta que, em 1967, teria tentado praticar atos de pederastia ativa com alguns colonos⁶²⁴.

Quando ao quarto prefeito envolvido com investigações homoeróticas, o sr. Francisco de Assis Cavalcanti, de Gurinhém/PB pelo MDB/PB, caso esse que havia iniciado na política com poucos bens, chegando a possuir alto patrimônio sem comprovar renda e ainda era conhecido como “pederasta notório”, conforme consta da exposição de motivos para julgamento na CSN⁶²⁵.

Entre os Deputados investigados, o deputado catarinense da UDN, sr. Reneau Cubas, médico, levantou suspeitas, pois o mesmo seria adepto de um estilo mais caro e distante do anonimato. Aparentemente, a posição de médico equivalia a um “passe livre” para que o Sr. Cubas usufruísse do discurso da medicina a seu favor, bem como a posição política e seu capital financeiro reforçavam simbolicamente, uma imunidade, a ponto de este se exceder em suas abordagens e propostas. Não tardou para que o comportamento do investigado ensejasse um procedimento pela comissão geral de investigação (CGI), que ouviu todos os envolvidos e concedeu a oportunidade deste se defender conforme o disposto do Decreto nº 63.888, de 20 de dezembro de 1968, que tinha estabelecido, no artigo 3º, que, durante a Investigação Sumária, seria dada, ao indiciado ou a seu procurador, a oportunidade de defesa pelo prazo de dez dias. O processo deveria ser bem instruído, posto que se direcionaria ao General-Presidente, tendo em vista o artigo 182 da Constituição, após a representação do Ministro da Justiça.

No deslinde do caso, várias provas foram coletadas, entre as entrevistas, estava a do sr. Flávio Borges de Souza, que afirmou ter passado noites com o investigado e que teve relações sexuais mediante recompensa, que além de pagar toda a sua hospedagem, em Curitiba, ainda

⁶²¹ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1163_d0001de0001.

⁶²² BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0413_d0001de0001.

⁶²³ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1163_d0001de0001.

⁶²⁴ BR_DFANBSB_N8_0_ATA_0005_0006_p_310_383_d0001de0001.

⁶²⁵ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0611_d0001de0001.

recebeu cinco mil cruzeiros para os gastos pessoais e que, durante a viagem, fez exames de sangue, urina e vista, tudo custeado pelo Dr. Cubas, que inclusive arcou com a despesa proveniente da aquisição de um par de óculos, com aro de ouro, e que aproveitando a ausência do médico, fugiu para a cidade de Canoinhas, viajando de ônibus. Posteriormente, foi procurado pelo médico e que o mesmo o ameaçou de morte caso o depoente contasse para outras pessoas o ocorrido entre ambos⁶²⁶. Além do Sr. Flávio Borges de Sousa, havia referência a um conjunto de homens jovens, entre eles: Jovino Navolski⁶²⁷, Antônio Klopas⁶²⁸, Valdomiro Vieira⁶²⁹ e Inácio Karvat⁶³⁰.

Em seu interrogatório, o Dr. Cubas, afirmou que a acusação não tinha procedência alguma. Contudo, eventualmente, poderia ter acontecido alguma suposta má-interpretação de

⁶²⁶Um rapaz com 26 anos fora ao consultório do médico a fim de tratar de uma luxação no joelho, que o referido o aconselhou a fazer um tratamento especializado na cidade de Curitiba e que o Dr. Cubas afirmou que se encarregaria de tomar providências, com isso foi possível viajar de automóvel, do próprio médico, e em companhia de um casal, cujas pessoas o depoente não as conhecia; respondeu que ficara hospedado no Braz Hotel, em Curitiba e que dividiu o quarto e a cama de casal, por insistência do deputado, que estava de pijama e se despiu de madrugada, ficando nu da cintura para baixo, e então teve relações sexuais com o deputado, ato em que o referido médico "chupou" o pênis do depoente, excitando-o e que depois, o depoente "enfiou" o membro no ânus do referido Dr., completando ali o ato sexual. Ver: BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2990_d0001de0001.

⁶²⁷ Um rapaz de 20 anos, certa vez, após uma consulta médica com o dr. Cubas, este o convidou para "passear" em seu automóvel, ato em que o deputado o conduz até a localidade denominada "Prainha" aproximadamente às 21horas. Nesse lugar ermo, recebeu do dr. Cubas, propostas para ter relações sexuais e, ao mesmo tempo em que lhe fazia essas propostas, pegava no seu sexo procurando com esses gestos, excitá-lo. Nesse momento, também oferecia dois mil cruzeiros para permitir que "enfiasse" seu sexo no ânus do depoente, proposta que não aceitou e exigiu a volta imediata à cidade de Canoinhas, ao que foi atendido. Ver: BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2990_d0001de0001.

⁶²⁸ Um rapaz de 20 anos, de Canoinhas, contou ter sido abordado por dr. Cubas, segundo o qual conhece há bastante tempo e que fora várias vezes convidado a "passear" de carro com o referido deputado. Afirmou que certo dia, quando comprava uma carteira de cigarros em um bar da cidade de Canoinhas, entrou ali o Dr. Cubas e que no momento que foi pagar sua compra, o deputado ofereceu para pagar a carteira de cigarros, e que ali mesmo lhe fez o primeiro convite para umas "voltinhas" em sua camioneta. Antônio Klopas afirmou que o deputado o convidava para "passear" sem jamais ter esclarecido o motivo do passeio e recusou a proposta por vários motivos, primeiro por ser público e notório em Canoinhas que o deputado Cubas é "pederasta", segundo porque não tolera tais indivíduos e terceiro porque tinha medo de embarcar sozinho, num veículo junto com o Dr. Cubas e este lhe fazer algum mal, face a desigualdade física entre o deputado e ele. Ver: BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2990_d0001de0001.

⁶²⁹ Um rapaz de 19 anos que o conheceu por ocasião de uma consulta médica, afirmando que fora várias vezes convidado e com insistência pelo referido Deputado para passear de camioneta e que não aceitava. Entretanto, ao aceitar, notou que ao invés de seguirem na direção de sua residência, rumaram para a estrada da Água Verde, local escuro e solitário, que ali o Deputado parando o carro, o convidou para entrarem no mato, ao mesmo tempo que com gestos obscenos, procurava excitá-lo passando a mão em seu sexo e suas nádegas, terminando por oferecer seu ânus, que repelindo veemente o convite, exigiu a volta à cidade. Ver: BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2990_d0001de0001.

⁶³⁰ Aos 32 anos, afirmou que conhecia a mais ou menos três anos o dr. Cubas, quando o procurou em seu consultório médico, para tirar um atestado para sua esposa, a fim de habilitar-se para o recebimento de auxílios financeiros. Nessa ocasião, após ter recebido o documento solicitado, o Dr. Cubas, encarando-o, disse que estava doente sofrendo do fígado e que iria examiná-lo, ato em que, o médico chegou perto e desabotoou sua calça, segurou e alisou várias vezes o membro viril do depoente, e que se deslocou para trás de seu corpo, "esfregando-se" com o depoente nu da cintura para baixo, momento em que o Dr. Cubas colocou uma mão em seu quadril e outra na nuca, ordenando e forçando a curvar seu corpo para frente, e que compreendendo as intenções maldosas, tendo-se recuperado da surpresa e do constrangimento moral em face dos gestos e atitudes do médico, o repeliu energicamente. Ver: BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2990_d0001de0001.

seus atos, já que gostava de brincadeiras, dando margem a interpretações maliciosas. Declarou também que é de seu feitio usar de expressões humorísticas e acenar com gestos que podem dar dúvida interpretação. Perguntado se tem conhecimento de que é tido em Canoinhas como sendo portador de uma “anomalia sexual”, respondeu que, em campanhas políticas anteriores, os seus adversários políticos lhe lançaram essa “pecha”, com a finalidade de desmoralizá-lo e derrotá-lo eleitoralmente⁶³¹.

Envolvido em polêmicas, o acusado afirmou ser intriga da oposição. O investigado acumulava a função de médico e deputado, frequentava, portanto, os ambientes da alta camada social e, aparentemente, possuía uma série de condutas controversas com pessoas de classes pobres, quase que esperando com isso a negociação implícita ou não do silêncio e do prazer dos envolvidos. Por outro lado, por aparentar ser um homem expansivo e cultivar desafetos, esses fatos poderiam ser fruto de uma intriga política. De todo modo, a questão envolvendo essa negociação frustrada dos corpos evidencia também uma preocupação sumária com a instituição familiar e os valores da moral e dos bons costumes.

O segundo investigado, o Deputado Cid Rojas Carvalho (MDB), seção do Maranhão, considerado pelos órgãos de investigação como, além de corrupto, amoral, também “alcoólatra” e “pederasta passivo”. No deslinde da investigação, em 1969, foi encaminhado ao Presidente da República a representação do Ministro de Estado da Justiça, para suspensão dos direitos políticos e cassação do mandato eletivo federal do Deputado. A Secretaria Geral, após proceder a minucioso estudo do assunto, compulsando a farta documentação encaminhada pelo SNI e pelos Serviços de Informações dos Ministérios Militares, concluiu pela procedência dos pedidos frente às condutas subversivas do mesmo, incluindo manifestos e incitamento a agitações estudantis, bem como de atos de corrupção e malversação de dinheiros públicos. O SNI anotou em sua ficha individual que seu amante era o seu secretário de nome Lázaro⁶³². Logo foi deliberada a suspensão, por dez anos, dos direitos políticos e cassado o mandato eletivo federal⁶³³.

⁶³¹ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2990_d0001de0001.

⁶³² Consta ainda da ficha individual do Deputado Cid Rojas que, possivelmente, estivesse na noite de 31 de março para 1 de abril de 1964, ocupando o microfone da Rádio Nacional concitando o povo a se mobilizar em suas bases para resistir à revolução, em defesa do mandato de João Goulart, de formação esquerdista, apoiando os governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart e aplaudindo a linha internacional de Jânio Quadros de amparo à revolução cubana e ao reatamento de relações com a Rússia. Em pronunciamentos, demonstrou-se contra a censura em pronunciamento ao congresso, além de comentar sobre a invasão da Tchecoslováquia por tropas soviéticas, ao que equiparou à luta dos brasileiros frente ao imperialismo e à subjugação. Além disso, em 1965, criticou a atuação do governo com os atos institucionais, afirmando que as garantias constitucionais e a esperança de restauração do regime democrático. Ver: SIAN, 1969, CSN, BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0337_d0001de0001.

⁶³³ BR_DFANBSB_N8_0_ATA_0005_0001_p_001_070_d0001de0001.

O terceiro investigado, o Deputado Estadual Octavio Cabral, do Arena, pertencia ao partido “da Revolução”, que se propunha a moralizar a Administração Pública. Contava no processo que conseguira através de influência política a nomeação para cargos públicos de diversos parentes e amigos. Teria participado na Assembleia Legislativa de negociata ligada a aumento de subsídios dos Deputados. No processo conta que teve seus bens penhorados por não pagamento de dívidas ao Banco do Estado do Rio de Janeiro. Ademais, constam as seguintes acusações: não pagamento de notas promissórias; prisão quando do AI 5; venda de terras da União, venda da mesma área prometida para outra pessoa; prática de tráfico de influência, no Governo, do que resultou um Cartório para seu filho; venda de empregos, que conseguia por suas ligações políticas; estupro de uma menina de 10 anos; fuga a comunistas fichados, como Lygia Coutinho e outros; posse de uma bandeira russa em mãos de sua protegida Lygia, a qual foi queimada às escondidas; Emissão de cheques sem fundo; logo, despudorado, corrupto e subversivo, sem cor ideológica e, “pederasta”⁶³⁴.

O quarto investigado, em 1969, tratava-se do Deputado Estadual Sr. Miguel Dionízio, pela Arena na seção do Paraná. De seu histórico constava que ainda, em 1964, era filiado ao PCB, tido por comunista à linha soviética, oportunista e de moral duvidosa. Para o SNI, tratava-se de um homem separado da esposa e que tomava parte em reuniões de “pederastas passivos”, possuindo, inclusive, um escritório que servia de ponto de união de homens de comportamento estranho e mulheres de conduta irregular, todos conhecidos da polícia. Apesar de médico, constava que não desfrutava de bom conceito entre seus colegas, por exercer a prática do aborto e por falsificar documentos, com a finalidade de isentar convocados da prestação do Serviço Militar⁶³⁵. Além disso, era proprietário de uma rádio que fez propaganda doutrinária, exaltando o regime socialista⁶³⁶.

No contexto brasileiro, o serviço de espionagem elaborava a investigação preliminar a respeito dos “elementos” considerados subversivos dentro dos órgãos do Estado, com um estudo pormenorizado de sua conduta que era remetido ao Ministro da Justiça para tomar ciência desses relatórios. Por sua vez, o Ministro da Justiça encaminhava o requerimento com pedido de cassação ou suspensão dos direitos políticos e outras providências. A decisão era deliberada em reunião do CSN com a presença daqueles que faziam parte da nova governabilidade de poder e de soberania brasileira, ou seja, de praxe com a presença do

⁶³⁴SIAN, 1969, CSN, BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0352_d0001de0001.

⁶³⁵SIAN, 1969, CSN, BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0385_d0001de0001.

⁶³⁶SIAN, 1964 IMP, BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1373_d0001de0001.

Presidente e do vice-presidente, além dos demais cargos de poder vinculados à Administração Militar⁶³⁷.

Assim, politicamente, as decisões de perda de direitos políticos e cassações, aposentadorias compulsórias e afins eram deliberadas em reunião do CSN. Em 16 de junho de 1969, conforme ata da 46ª reunião do Conselho de Segurança Nacional, sob a presidência de Arthur da Costa e Silva, em pronunciamento de abertura à reunião do CSN, lê-se:

Desejo, mais uma vez, ressaltar que, na apreciação dos nomes dos elementos pertencentes ao MDB, estão sendo consideradas suas atividades, não de oposição legítima ao Governo, mas de subversão, de combate ao regime, de combate a Revolução. Quando se tratar de elementos da ARENA, têm-se considerado, particularmente, suas ligações com os adversários do Governo, sua Indisciplina partidária, e sua inadaptação aos ideais revolucionários e, em alguns casos, o aspecto de corrupção⁶³⁸.

O trecho informa que o General-Presidente buscava legitimar sua perseguição aos homens políticos, não por uma questão meramente de oposição política, logo, não teria por foco a perseguição única ao bloco do partido do MDB, mas retirar os “elementos” considerados nocivos ao projeto de governo vigente. Nessa dinâmica, ao que é possível verificar, e que o governo traçava como estratégia tanto a eliminação dos subversivos políticos, quanto dos subversivos morais, articulando a acusação das duas classificações em muitos casos, em uma única pessoa.

Em julho de 1976, o partido do MDB obteve a maioria dos votos mostrando que o governo militar perdia prestígio social, fazendo com que se inovasse o ordenamento jurídico para a *Lei Falcão*, determinando novas regras para a política, onde os candidatos não poderiam discursar livremente, apenas divulgar seu nome, partido, currículo resumido e número da legenda na junta eleitoral. No ano seguinte, em 1977, foi decretado o *Pacote de Abril*, que tratava de um conjunto de medidas para garantir a maioria da Arena no congresso e o controle dos governos estaduais, fazendo com que o Congresso fosse fechado durante quatorze dias. Foi renovada a eleição indireta para governador e o mandato presidencial aumentou para seis anos.

⁶³⁷ A reunião era composta pelo General de Brigada, do Chefe do Gabinete Militar e do Secretário-Geral do Conselho de Segurança Nacional, do Chefe do Gabinete Civil, do Ministro da Justiça, do Almirante-de-Esquadra, do Ministro da Marinha; do General-De-Exército, do Ministro do Exército, do Ministro das Relações Exteriores, do Ministro da Fazenda, do Ministro dos Transportes, do Ministro da Agricultura, do Ministro da Educação e Cultura, do Ministro do Trabalho e Previdência Social, do Ministro da Aeronáutica, Ministro da Saúde, do Ministro das Minas E Energia, do Ministro da Indústria e do Comércio, Ministro do Planejamento E Coordenação Geral, do Ministro do Interior, do Ministro das Comunicações, do Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; do Almirante-de-Esquadra, Chefe do Estado-Maior da Armada; General-De-Exército, Chefe do Estado-Maior do Exército; do Tenente Brigadeiro, Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, do Chefe do Serviço Nacional de Informações, E do General-De-Divisão. Ver: CARVALHO, Aloysio Castelo de. **Serviço Nacional de Informações**: uma abordagem histórica. Curitiba: Appris, 2023.

⁶³⁸ CSN, BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0385_d0001de0001.

Um terço dos senadores era indicado pelo governo federal. Eram os chamados *senadores biônicos*⁶³⁹.

Somente em 1978, o Brasil viveu um momento significativo para a abertura democrática com a revogação do AI-5, suspendendo oficialmente as cassações políticas, as prisões arbitrárias e a censura prévia. Também nesse ano, emergiu nos bairros periféricos de grandes cidades o movimento do custo de vida, iniciado com o apoio das Comunidades Eclesiásticas de Base e das comissões pastorais da periferia urbana, um movimento de donas de casa que coletaram mais de 1,3 milhão de assinaturas exigindo um aumento salarial e o congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade⁶⁴⁰.

Diante da pressão por melhores salários e mais liberdade, os últimos meses do governo de Geisel foram marcados por uma série de medidas voltadas à abertura do regime. Em 1979, o sucessor de Geisel, o general João Batista Figueiredo tomou posse, momento em que a dívida externa crescia juntamente ao desemprego e aos movimentos sociais. O presidente militar então sancionou a Lei de Anistia que atendia parcialmente à demanda dos movimentos sociais, tornando possível a liberdade e o retorno para os presos políticos, entre os quais Leonel Brizola, Miguel Arraes, Fernando Gabeira e tantos outros⁶⁴¹. Nessa transformação, houve também uma reforma partidária que extinguiu a Arena e o MDB⁶⁴², ao passo que passavam a surgir partidos políticos como o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), reunindo lideranças do MDB, o Partido Democrático Social (PDS), com boa parte dos antigos líderes da Arena, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), presidida por Ivete Vargas, o Partido Democrático Trabalhista (PDT) por Leonel Brizola, e o Partido dos Trabalhadores (PT), organizado em torno de lideranças sindicais.

⁶³⁹ Os “senadores biônicos” foram indicados durante o regime militar brasileiro (1964–1985) em virtude da Emenda Constitucional nº 5 de 1977, que permitia ao presidente da República nomear um terço dos senadores sem eleição direta, como forma de assegurar a governabilidade do regime e manter o controle do Congresso Nacional. Esses senadores, apelidados de “biônicos” por não terem sido escolhidos pelo voto popular, representavam uma estratégia institucional de preservação do poder executivo sobre o Legislativo, garantindo apoio às medidas do governo militar, incluindo a manutenção de políticas autoritárias e a contenção de oposição política. Ver: <https://memoriasdaditadura.org.br/linha-do-tempo/senador-bionico/>, acesso em 05.04.2022.

⁶⁴⁰ HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁶⁴¹ A lei de Anistia possibilitou a volta dos exilados, mas não considerou o sofrimento psicológico ao crime de tortura, conforme o entendimento da tortura pela Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU). Inclusive, o grupo Tortura Nunca Mais apresentou proposta para que o crime fosse considerado de “lesa-humanidade”, e, portanto, imprescritível, inafiançável, inastível. Ver: LIMA, Lucas Pedretti. **As fronteiras da violência política**: movimentos sociais, militares e as representações sobre a Ditadura Militar (1970-1988). Tese de doutorado em Sociologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais, Rio de Janeiro, 2022.

⁶⁴² O sistema bipartidário durou de 1965, com o Ato Institucional nº 2, até o final de 1979, com a Arena que referendava as decisões dos generais - presidentes, enquanto o Movimento Democrático Brasileiro - MDB deveria desempenhar uma inócua oposição. Ver: BATISTELLA, Alessandro. A ditadura militar e o bipartidarismo: casuísmos e um simulacro de democracia. **CLIO**: Revista de Pesquisa Histórica - CLIO (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, vol. 39, 2021.

Assim, com base na análise das fontes confidenciais do Estado Ditatorial, é possível inferir que a vida de alguns deputados federais e estaduais, prefeitos e vereadores, tanto do MDB quanto pelo partido da Arena, fazia parte de um embate intenso que entrelaçava valores morais e interesses políticos. Esses homens representavam, em grande medida, os homens que conduziam a história política dos grandes feitos e de suas vitórias e quase, invariavelmente, inclinavam seus fetiches e vergonhas para os silenciamentos e para a formação dos estereótipos infames. Portanto, a leitura dos casos permite reforçar o argumento de que há uma conexão da sexualidade com a dinâmica da ordem social e política, uma vez que a mera suspeita de subversão colocava a pessoa em uma situação de desajuste social e sensível⁶⁴³, tanto que a ausência de crime para as práticas sexuais entre homens não implicava ausência de punição por suposta falta de decoro público⁶⁴⁴.

A Ditadura Civil-Militar brasileira não foi mera reação dos setores conservadores, ou acirramento da Guerra fria no quadro bipolar entre os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, mas se configurou enquanto resultado de crises políticas necropolíticas articuladas às políticas do gênero, da sexualidade e do corpo, respondendo a dinâmicas singulares da sociedade. O caso brasileiro enveredava pela busca de uma imagem de virilidade, força e estabilidade capaz de promover o progresso e garantir a Segurança Nacional. Na outra esteira dessa perseguição, longe da tortura física e psicológica, alguns dos agentes do Estado se valiam de sua estabilidade financeira, boa qualidade de vida e condição para manter uma vida dupla de prazeres casuais, os quais também sofreram a correção do Estado, com um procedimento de exposição de suas vidas íntimas e a posterior demissão de cargo por falta de interesse da Administração.

4.3 LEITURAS PROIBIDAS

A Ditadura Civil-Militar buscava a contrainformação para impedir, neutralizar, destruir ou diminuir a possibilidade de alguém se apossar de informação capaz de pôr em risco a segurança. Nesse ponto, o Estado utilizava agentes tecnicamente treinados pela ESG para se infiltrar em diferentes territórios sem ser identificados, entre eles, o campus de História e

⁶⁴³ COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Identificar: traços, indícios, suspeitas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo: as mutações do olhar: o século XX. V. 3.** Petrópolis: Vozes, 2011.

⁶⁴⁴ MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, 2009, p. 150-182.

Filosofia da Universidade de São Paulo (USP), conseguindo identificar o jornal alternativo *Posição*.

Imagem 101: *Jornal Posição* (à esquerda); Qual é a Posição do Exército? (à direita).



Fonte: Brasil Nunca Mais – BNM. 10. Ação penal Emília Viotti; Manchete (RJ), 1969, edição 0872, p. 14/15.

A primeira imagem, à esquerda, representa a capa do jornal alternativo *Posição*, que teve seu primeiro número datado de fevereiro de 1969 e era formado por estudantes, com o intuito de lutar contra a violência da Ditadura Civil-Militar, tecia críticas às mudanças consideradas anticientíficas e antinacionais, tecnicistas e submissas ao interesse norte-americano, perspectiva considerada “entreguista” do Brasil aos EUA. Nesse jornal alternativo, os alunos da USP tratavam de assuntos variados, como a pauta da educação cívica (alertando aos demais que as aulas de civismo seriam ministradas por diplomados da Escola Superior de Guerra), a proposta para o “centrinho” (referindo-se ao centro acadêmico), a lista de cassações políticas e a questão do “Capitão Malvásio” (um espião da Ditadura).

A segunda imagem, também de 1969, trata de como a revista *Manchete* informava sobre as medidas que seriam adotadas para conter a revolta dos estudantes da USP, através do encontro dos homens da Escola Superior de Guerra, da Escola de Comando e do Estado-Maior, que era realizado para conter os avanços do “terrorismo” entre estudantes. A *Manchete* informava que alguns jovens universitários se tornavam passíveis de algum tipo de doutrinação subversiva. Enquanto isso, parcela da sociedade civil se demonstrava aflita com a iminente possibilidade de seus filhos tentarem empreender uma “Revolução”, em amplas esferas: na perspectiva de “Revolução Social”, que englobava uma reforma de base à la Jango – promovendo reforma agrária e distribuição de riquezas; uma “Revolução Sexual”, dada as possibilidades do corpo para o uso do prazer erótico na elaboração de um conjunto de práticas contrassexuais; e, uma “Revolução dos Costumes” de forma mais ampla, percebida na aversão

às roupas, ao uso moderado de drogas e em outras diversas expressões de contestação ao *status quo* de grande parte da sociedade civil e à ideia de autoridade familiar, política e religiosa⁶⁴⁵.

A informação sobre a movimentação da Ditadura Civil-Militar em torno da busca de pessoas consideradas subversivas era estabelecida para segmentos da sociedade civil por revistas de ampla circulação como a *Manchete*, que direcionavam a narrativa para uma parte significativa dos leitores, de modo que a sociedade civil tinha pouco conhecimento de como as investigações e punições eram realizadas, a não ser o básico. Divulgava-se também a informação de que o SNI era uma oportunidade de trabalho para segmentos da sociedade civil. Tratava-se de um serviço em Brasília, que podia ter agências regionais nos estados. Sua equipe podia ser civil ou militar e sua finalidade era formar elementos essenciais para o bem-estar social, econômico e de segurança nacional.

Importa destacar que a atuação da Ditadura Civil Militar, a partir de agentes infiltrados e agentes duplos e desertores que, eventualmente, delatavam suas posições para os agentes de tortura, foi algo engendrado pelo Estado Autoritário e em produções hollywoodianas, obras literárias de espionagem, revistas em quadrinhos e poesias eróticas tensionadas por um busca de descobrir “a verdade. Nesse ponto, a participação do “Capitão Malvásio” e demais militares matriculados nos cursos de humanidades da USP, no esforço de expurgar os considerados inimigos do Estado, servira de reforço a uma masculinidade viril espelhada nos heróis, criados majoritariamente por homens do pós-guerra e em contexto de Guerra Fria.

O expurgo de professores universitários iniciou-se quando a Ditadura Civil-Militar, em seu caráter repressor, instaurou um política de intervenção, a partir da participação de agentes infiltrados que serviram para delatar possíveis professores subversivos, identificar e expulsar pessoas consideradas capazes de contagiar outras pessoas com ideias revolucionários e/ou contestatórias ao regime de verdade, seja politicamente ou moralmente.

Assim, Luís Sebastião Mauvásio, Capitão Malvásio, se instalou na Universidade de São Paulo, entre 1968 e 1972, delatou a participação suspeita de alguns professores, entre os quais Emília Viotti. O capitão-estudante Malvásio era um comandante do contingente de choque da força pública de São Paulo e também estudante dos cursos de História e Geografia da USP, atuando precisamente na repressão aos atos de subversão dos estudantes universitários, até o momento em que foi reconhecido e exposto por estudantes, depois do envolvimento na repressão da manifestação na Praça da República.

⁶⁴⁵ MANCHETE, Rio de Janeiro, 1969, edição 0872, p. 18/19

No que se refere à atuação do Capitão Malvásio, a informação do jornal *Posição* era que esse homem havia se inscrito na disciplina de História Medieval, mas, em 1968, os estudantes de história haviam prendido o capitão-estudante e o expulsaram, juntamente com outros quatro espiões do *campus* da USP, seus colegas: Capitão Hermógenes Gonçalves Batista, Tenente Carlos Augusto de Mello Araújo, Tenente José Francisco Profício e o Tenente Carlos de Carvalho⁶⁴⁶. Assim, no deslinde do caso, em 20 de junho de 1969, o major encarregado pelo Inquérito Policial Militar, Haroldo Pereira de Oliveira, presidiu a instrução no sentido de lavrar termo de inquirição de testemunha, Capitão Hermógenes Gonçalves Batista⁶⁴⁷, do Tenente Carlos de Carvalho⁶⁴⁸, do Tenente Orlando Aurélio Santos⁶⁴⁹ e do Tenente Lineu Guardiano⁶⁵⁰.

Diante das táticas desenvolvidas por estudantes e alguns professores, foi aberta a estratégia para uma sindicância para investigar a produção e circulação do periódico dos estudantes de história e filosofia da USP, sendo correlatado aos autos informações secretas do Serviço de Informação do DEOPS sobre as estudantes Maria do Socorro e Caetana Damasceno, que seriam responsáveis por diversas greves, boicotes às aulas, pixações em muros e cartazes com frases do tipo “Vendo um militar, cuspa-lhe na cara”, “Abaixo a Ditadura”, etc. Assim como, constava que era o marido de Caetana, Paulo Roberto, quem levava os panfletos subversivos dos bancários para a USP, com um caráter considerado terrorista⁶⁵¹.

⁶⁴⁶ Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti. POSIÇÃO. Capitão Mauvásio vai ser mesmo nosso colega? P. 32

⁶⁴⁷ Capitão Hermógenes afirmou ter sido surpreendido com a ameaça dos estudantes ao seu colega Malvásio e, portanto, ofereceu apoio nas aulas, já que os exames se aproximavam. Nesse intuito, também os acompanharam o Tenente Carlos Augusto de Mello Araújo, o Tenente José Francisco Profício e o Tenente Carlos de Carvalho. Após os primeiros momentos de aula, uma movimentação anormal tomou conta dos corredores da USP, tempo em que o professor Eurípedes o interrogou sobre sua procedência, afirmando ser agente do DOPS para proteção de Malvásio. Posteriormente, o Coronel Armilo ofereceu proteção para local seguro, pois tinha sua identidade militar em sigilo no *campus*, conhecido apenas como estudante de história. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, p. 77.

⁶⁴⁸ Semelhante ao anterior, afirmando que trabalhava no setor de repressões sob os comandos de Malvásio e, que em setembro de 1968 foi impedido por estudantes de continuar a assistir à aulas no *campus*. Precisando de um grupo de apoio, este foi em trajes civis e desarmado, assim como seus colegas militares. Que passados momentos de uma aula de história medieval, foram levados ao professor Eurípedes, também diretor do curso, pelas alunas Caetana Damasceno e Maria do Socorro. Que ao se explicarem, Malvásio foi desacreditado e todos foram expostos como espiões do Estado. Por fim, os militares foram expulsos por centenas de alunos sob diversos ataques à moral dos componentes. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 79/80.

⁶⁴⁹ Também estudante da USP, afirmou não conseguir mais participar do *campus* por pressão dos estudantes que logo na entrada possuíam uma “Equipe de identificação”. ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, p.10.

⁶⁵⁰ Afirmou que compareceu ao quartel general do Capitão Malvásio para pegar carona para a aula de História Medieval, já que no dia anterior o oficial havia recebido um panfleto de ameaça dos estudantes à sua presença, razão pela qual decidiu ir acompanhado em carro oficial para a USP, e que no *campus* encontrou outros militares do quartel, bem como o coronel Armilo da Escola Preparatória de Campinas. Afirmou que no tumulto foi levado ao professor Eurípedes e ouviu sussurros preocupados sobre um dos “tiras” ter escapado, gerando tensão sobre a ocupação iminente de tropas excedentes, por isso liberaram a todos debaixo de muita hostilidade e palavras de baixo calão. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti. p. 83.

⁶⁵¹ Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, p. 285.

Ao se apresentar para prestar esclarecimentos, os civis foram presos, uma vez que não havia bem definido a possibilidade de ser apenas uma conversa ou um pretexto para algo maior, um mandado de prisão para averiguação e nesse ínterim de tempo, nem todos voltavam para suas casas⁶⁵². Dessa forma, Caetana foi presa e os militares invadiram sua residência, apreenderam diversos objetos que pudessem servir de materialidade probatória de seus delitos, entre os quais: os livros *A luta Anti-imperialista*, *A crise geral do capitalismo*, *Pequeno Manual do Materialismo Dialético*, *Reflexões sobre a Revolução Cubana*, *História das Ideias Socialistas no Brasil*, entre outros livros⁶⁵³.

O clima de subversão na USP era observado pelas organizações, que registravam debates sobre as insatisfações demonstradas em pichações, interrupções às aulas por parte dos alunos para todo tipo de informação, as abordagens dos professores, a produção de boletins e periódicos internos entre os estudantes, tais como a revista “História Viva”, a revista da “Associação dos universitários Rafael Kauan (AURK)”, o periódico “Posição” e outros. A articulação dessa forma de resistência estudantil, aliada à atuação de alguns professores de história e de filosofia, possibilitou a formação de alianças políticas mapeadas pelos órgãos de informação do Estado, que percebiam no *campus* USP, como indica a promoção da subversão nas Universidades de maneira mais ampla.

No que se refere aos professores envolvidos com o jornal suspeito de subversão, foram ouvidos e, posteriormente, afastados de seus cargos: Emilia Viotti da Costa, Fernando Henrique, Florestan Fernandes, Otavio Ianni, e outros⁶⁵⁴. Nesse ponto, o caso específico da professora Emília Viotti se desdobra da atuação do Capitão Malvásio, pois fez parte da investigação que mapeou o jornal alternativo “Posição”. Consta do processo penal 231/70, de Emília Viotti da Costa, que a professora se valia da alta credibilidade acadêmica para dispersar ideias subversivas, notadamente, no curso de férias sobre o *Capitalismo e o Subdesenvolvimento*⁶⁵⁵.

⁶⁵² A prisão por averiguação não é mais admitida no regime democrático, a elaboração de medidas como a audiência de custódia e a comunicação imediata à família, dentro do prazo de vinte e quatro horas, possibilitaram certa diminuição de violências e de arbitrariedades por parte dos agentes do Estado. Ver: PEREIRA, Juliano Cabral. **Santa Catarina sob suspeita**: a atuação dos órgãos de segurança e informação da Ditadura Militar em território catarinense (1964-1985). Mestrado em História na Universidade do Estado de Santa Catarina: Florianópolis, 2021.

⁶⁵³ Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, p. 240

⁶⁵⁴ Ainda em 1967, a historiadora Maria Odila da Silva Dias que presenciou a atuação dos militares frente aos professores das ciências humanas da USP, quando seu companheiro Caio Prado foi processado por uma auditoria militar e condenado a cinco anos de prisão, por supostamente, ter incitado jovens à luta armada. Ver: História das Mulheres e Hermenêutica do Cotidiano, entrevista com Maria Odila Leite da Silva Dias, **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 1-12, jan-abr, 2021

⁶⁵⁵ Os cursos tratavam das “Origens do Capitalismo”, da “Revolução industrial”, da “Expansão colonialista”, do “choque entre mundos capitalista e socialista”, da “crise de 30”, do “fascismo”, da “expansão do bloco socialista”,

Entre os professores ouvidos, estava a professora assistente-docente da cadeira de história da civilização brasileira, Nícia Villela Luz, 55 anos, afirmando que a agitação entre professores e alunos iniciou no ano de 1968, observando que alguns alunos repetem seus ensinamentos, aparentemente de alguma corrente de esquerda francesa. Apontou que a professora Emília Viotti da Costa demonstra possuir uma ideologia incoerente, oportunista à cata do poder, o que em sua opinião não a impede de ser um elemento deletério, pois dissolve qualquer autoridade. Afirmou que não acompanha os artigos ou publicações da referida professora, mas sabe que a mesma proferiu uma aula inaugural denominada “História Viva”, sem, contudo, saber do assunto. Quanto aos professores Carlos Guilherme Motta, Fernando Novais e Boris Fausto, embora não comentem nada contra o governo com a declarante, possivelmente por considerar o seu apoio ao regime ditatorial, ainda os considera bastante próximos ao professor Barradas. Informou também que os alunos José Wilson, Caetana e Maria do Socorro não participavam de suas aulas e eram reconhecidos agitadores. Por fim, disse que não sabe informar os nomes dos líderes da invasão da reitoria da USP de meados de 1968⁶⁵⁶.

A professora de História da Civilização Ibérica, Sônia Aparecida Siqueira, 38 anos, afirmou que terminou seu doutorado em fins de 1968 e, portanto, não tinha tempo para atividades extracurriculares. Afirmou que é amiga de Nícia Vilela, Odilon Mello e outros poucos. Sabe que a professora Emília Viotti é frontalmente oposta ao acordo MEC-USAID e que os alunos Caetana Damasceno, Maria do Socorro e José Wilson faziam parte das comissões partidárias⁶⁵⁷.

Esses dois relatos servem para evidenciar que alguns professores de História da USP contribuíram para o expurgo de professores parceiros, evidenciando outras nuances políticas, possivelmente a partir de outras categorias analíticas, como a micropolítica dos sentimentos no interior de grupos sociais⁶⁵⁸.

Em 31 de julho de 1969, o relatório final do IPM de Haroldo Pereira de Oliveira indiciou algumas pessoas por atividades subversivas no *campus* universitário da USP, em envolvimento relacionados aos panfletos, cartazes e jornais alternativos⁶⁵⁹. Os indiciados pelos

“o mundo depois de 45”, “O Brasil de 1930 a 1945 e de 1945 a 1960”. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM) processo n.010_72; (BNM) processo n. 010_77.

⁶⁵⁶ Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 103/104.

⁶⁵⁷ Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 109/110.

⁶⁵⁸ ROLNIK, Sueli. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, editora da UFRGS, 2016.

⁶⁵⁹ Arquivo Público do Estado de São Paulo, Fundo Deops, Documento 52Z_0_1918. Ficha Resumo de Informações.

foram os civis: Emília Viotti da Costa, Fernando Novais⁶⁶⁰, Boris Fausto⁶⁶¹, José Wilson⁶⁶², Sinclair Guimarães Sechine⁶⁶³, Adalberto Leister⁶⁶⁴, Nelson Bacic Olic⁶⁶⁵, Caetana Damasceno⁶⁶⁶, Deusa Aparecida da Silva⁶⁶⁷, entre outros⁶⁶⁸, por deter o capitão Malvásio.

Em virtude de seus argumentos, a estudante Deusa Aparecida da Silva foi a única abonada da prisão em persecução penal, conseguindo convencer sobre sua inocência temporária, reforçando um distanciamento de uma subjetividade mais militante-partidária, ao contrários dos outros três, Sinclair Guimarães, Adalberto Leister e Nelson Bacic, que tiveram sua prisão decretada no dia seguinte aos esclarecimentos⁶⁶⁹.

⁶⁶⁰ O indiciado, professor Fernando Antônio Novais, 36 anos, afirmou que recebeu com surpresa o indiciamento no presente inquérito. Não entendia o motivo da persecução penal contra ele e contra a professora Emília Viotti, que considera uma pesquisadora de alto valor científico e que acredita que sua aula inaugural tenha sido determinada por Sergio Buarque de Holanda, uma vez que a organização temática dessa aula se configura o ano anterior. Afirmou que concorda em partes com a reforma universitária e que tem boas relações com Boris Fausto. Informou que o “Capitão Malvásio” foi seu aluno, tendo participado dos seminários e conseguindo uma boa nota de aproveitamento. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp 146/148.

⁶⁶¹ O indiciado, professor Boris Fausto, 39 anos, afirmou que também era advogado do Estado desde 1963, prestando consultoria jurídica para a reitoria, que exerce a advocacia como atividade principal e quase sempre exclusiva, tendo ministrado algumas aulas pontuais, em caráter voluntário, por convite de seu orientador. Acreditava que a professora Emília Viotti fosse uma profissional de valor, com obras excelentes, assim como Fernando Novais, nunca ouvindo falar seus nomes como agitadores. Respondeu que participaria do curso de férias, se não tivesse sido cancelado. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 125-130.

⁶⁶² O indiciado estudante de história José Wilson, 27 anos, foi ouvido pelos militares, ao que informou ter sido eleito para presidente do Centro Acadêmico de História em fins de 1967, participando ativamente quando a educação crítica do governo, contudo afirmava que não pretendia que essa agitação tivesse caráter subversivo. Afirmou que abandonou o movimento estudantil em maio de 1968, passando a expressar seus sentimentos através da música. Em sua defesa, disse estar arrependido por seus atos de imaturidade, que foi levado a tais comportamentos em razão do curso de História da USP. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp 218-219.

⁶⁶³ 22 anos, bancário e estudante de geografia da USP, presidente do centro de estudos, participando de várias passeatas como a da morte do Edson Luiz, no restaurante calabouço no Rio de Janeiro. Ver: Bnm 10, pp. 85/86

⁶⁶⁴ 22 anos, desenhista e estudante de geografia da USP, afirmando que conhecia o capitão Malvásio apenas de vista e que não participou de sua detenção, observou por curiosidade. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, p. 88.

⁶⁶⁵ 22 anos, estudante de geografia da USP, que, ao negar envolvimento, afirmou que se considera apenas uma pessoa de fácil trato social pois organiza as festas em nome do centro de estudos geográficos Capistrano de Abreu, apenas. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, p. 90.

⁶⁶⁶ A indiciada Caetana Maria Damasceno, estudante de história, 25 anos, foi ouvida pelos militares para explicações sobre sua participação com atos subversivos no pavilhão do departamento de história. Afirmou que não tem relação com o incidente do “Capitão Malvásio”, nem nunca instigou outros alunos contra os oficiais na noite fatídica. Afirmo também que não se envolveu com panfletagem, nem distribuição de jornais alternativos no *campus*, nem outra atividade escusa. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 223-225.

⁶⁶⁷ 21 anos, estudante de geografia da USP e residente da CRUSP, afirmou que as atividades no pavilhão de Geografia e História ficavam a cargo dos estudantes que mais se destacavam politicamente, informando convenientemente os nomes na geografia, Odete, Maria José, Sinclair, Paulo, Ricardo e Adalberto Leister, e na área da história, José Wilson e Maria Cristina Tomé. Ainda, afirmou que ela mesma não tinha tempo para assuntos político-estudantis, pois além de ser aluna, também era professora e trabalhava na cidade de Itaquaquecetuba, retornando todos os dias às 22h ou 23h da noite. Na ocasião da detenção do capitão Malvásio estava trabalhando, portanto, era impossível estar em dois locais ao mesmo tempo. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp 90/92.

⁶⁶⁸ Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 166 – 177.

⁶⁶⁹ Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 94/100.

A professora Emília Viotti da Costa também foi uma das poucas professoras que conseguiram lidar com os mecanismos de punição da Ditadura Civil-Militar. Nesse embate, ao ser ouvida, a professora afirmou possuir 41 anos e que não tinha participação alguma com a incitação pública dos alunos à subversão, apesar de proferir palestras consideradas de cunho subversivo e por produzir textos de mesmo teor, de título “A crise da Universidade”, e uma conferência que diz respeito às comissões paritárias teriam sido os principais eventos a associá-la a tais atividades. Foi inclusive ao afirmar que não participou do evento com “capitão Malvásio”, nem permitir que ocorra em suas aulas nenhum tipo de invasão por alunos. Afirmou que não conhece o jornal *Posição*, nem que tenha participado do curso de férias de dezembro e janeiro, argumentando ainda que outros professores poderiam depor a seu favor, comprovando sua índole não subversiva⁶⁷⁰. Em um segundo momento, reiterou seu posicionamento defensivo diante das autoridades policiais⁶⁷¹.

Em 16 de janeiro de 1970, a professora Emília Viotti ingressou com pedido de arquivamento da investigação, com urgência, através do advogado Mário de Passos Simas, indicando três testemunhas, sem exposição de uma tese defensiva ou pedido de liberdade⁶⁷². Em 19 de março de 1970, sem que a conjuntura mudasse a favor da professora, o advogado pediu a juntada de uma série de documentos que comprovavam a boa índole da profissional, incluindo declarações legitimadas por ata notarial de pessoas comprovando as boas relações da professora, seguido de seu extenso currículo acadêmico com seus certificados de reconhecimento internacional⁶⁷³. Assim, em 16 de agosto de 1971, conseguiu uma sentença de absolvição⁶⁷⁴.

Apesar da possibilidade de defesa existir com sucesso para algumas pessoas, os envolvimento da Ditadura Civil-Militar com o regime das aulas nos *campus* universitários do

⁶⁷⁰Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp 127/130.

⁶⁷¹ Entre outras perguntas pertinentes ao sistema, a professora Emília Viotti respondeu ainda que estranha ser indiciada, uma vez que é notório pelo Departamento seu comportamento pacífico com docentes e alunos. Afirmou que não respondeu à intimação anterior pois estava viajando com marido e filhos para o Nordeste. Afirmou que proferiu a aula inaugural a convite do Diretor de Departamento e professor Eurípedes Simões, sendo uma praxe da universidade e uma honra acadêmica esse feito. Confessou que ao tratar do tema da reforma universitária não esperava suscitar inquietação entre os alunos, mas sim esclarecer determinados pontos do problema. Respondeu que nunca participou em eventos do Pavilhão de História e Geografia, tratando do tema da reforma apenas entre professores, em momentos específicos de debates. Oportunidade em que discordou apenas com duas pessoas, professora Nícia Vilela e Manoel Nunes Dias. Afirmou não saber explicar o motivo de seu nome estar envolvido em eventos como “A Semana do Vietnã” e os cursos de Férias do centrinho. Por fim, em sua defesa pede que seja ouvido o professor Aziz Ab Saber, do Departamento de Geografia, o professor José Deraldo Castelo, do Departamento de Letras, e que conhece há mais de 20 anos, e professor Bezerra de Menezes, do Departamento de História. Ver: Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 213/216.

⁶⁷²Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, pp. 367/369.

⁶⁷³Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti p. 413.

⁶⁷⁴Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10. ação penal Emília Viotti, p. 611.

período produziu violências indelévels, algumas pessoas tiveram consequências desagradáveis, incluindo alguns outros professores perseguidos e demitidos. Entre os professores expurgados, alguns também conseguiram seus espaços em outros locais de ensino, como Florestan Fernandes e Octavio Ianni, absorvidos pelo Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Na visão de grande parte dos militares, o ensino superior era um grande polo de disseminação de ideias subversivas mais do que uma unidade institucional de produção científica. Para esse segmento de militares, a ideia de desenvolvimento e as pedagogias das masculinidades viris a partir da imprensa, em um país com altas taxas de analfabetismo, pareciam pouco efetivas, mas a progressão de uma possível doutrinação subversiva, realizada por professores universitários, era algo que se deveria temer e, portanto, vigiar, uma vez que “os agentes de Pequim e Moscou” poderiam se infiltrar em qualquer lugar.

Ademais, não havia liberdade de cátedra para os professores universitários, a USP enveredou por alguns embates em seu projeto de modernização conservadora, em que as áreas de desenvolvimento abrangiam uma política específica⁶⁷⁵. Esse fenômeno é também um reflexo de como era o caráter do ensino de qualidade no Brasil, pensado apenas para um reduzido grupo elitista, tendo em vista que, os próprios mecanismos de seleção nivelavam e segregavam essas pessoas, uma vez que para o ingresso, no secundário, era preciso passar pelo “exame de admissão”. Ao final de cada um dos ciclos, “ginásial” e “colegial”, os adolescentes eram submetidos ao “exame de licença”, criado para garantir o padrão nacional dos aprovados. Esse exame permitia ao estudante cursar algum ramo do ensino técnico (comercial, industrial ou agrícola) ou ainda cursar o ensino normal. Logo, o desconforto com qualquer tipo de ideia contrária ao regime era percebido com uma ameaça com mais facilidade pelos órgãos de informações do Estado.

Assim, através do SNI e dos ensinamentos da ESG, alguns homens da Ditadura puderam exercer virilidade, promovendo estratégias para identificar e capturar os inimigos políticos e morais do Estado, entre as quais inserir agentes infiltrados nos “antros” considerados “subversivos”, como foi o *campus* da USP. No entanto existe uma lacuna na documentação pesquisada, sobre como foi possível o acesso às fontes consideradas subversivas morais como os jornais homoeróticos internacionais e nacionais, restando a suposição de que seria possível igual técnica de infiltração de agentes no interior dessas comunidades homoeróticas, assim como estabeleciam entrelaçamentos com territórios considerados subversivos. Mais do que

⁶⁷⁵ MOLINA, Rodrigo Sarruge. **Agro, Ditadura, Universidade**: ESALQ- USP e a modernização conservadora (1964-1985). Campinas- SP: Autores Associados, 2022.

isso, é possível supor que o contexto brasileiro investiu em técnicas de saber a verdade do prazer, um dispositivo que era realizado na vigilância e na punição de corpos considerados subversivos, predominantemente, percebidos como *Comunistas* e/ou dentro do gênero *bicha*, despertando uma certa abjeção e desejo no *queer*⁶⁷⁶. Assim, talvez, todo o engendramento sistemático de espionagem da Ditadura Civil-Militar demandasse muito mais que o medo da “subversão” política e/ou moral e defesa do território político da violência como um Monopólio do Estado (permeado por “masculinidades viris”), mas também, possivelmente, tenha investido em uma dosagem alta de desejo pelas práticas consideradas subversivas:

Imagem 102: *Le Gai pied* (à esquerda); *Gay Sunshine Press* (ao centro); *Lambda* (à direita).



Fonte: BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79003580_AN_01_D0001DE0001, pg. 84; BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0300; BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0242, p. 15.

O *Gai Pied* informava matérias de prazer erótico, textos de Foucault e pesquisas sobre o sexo⁶⁷⁷, de forma semelhante o *Gay Sunshine* com fotografias e estímulos diversos, incluindo o pretexto de viagem ao Brasil para trocas culturais e intercâmbios sexuais. Já, o *Lambda* informava uma agenda mais política sobre o desejo homoerótico, informava sobre o *Círculo Corydon* e fortalecia os laços com a identidade sexual do movimento Gay e do movimento feminista. Os jornais homoeróticos internacionais foram investigados pelo SNI em virtude do caráter considerado subversivo e pornográfico do conteúdo neles contidos para a difusão, principalmente, em um segmento da juventude organizando um desdobramento do movimento homoerótico em frentes discursivas de um saber-poder que fortalecia, igualmente, um movimento identitário homossexual à procura de expansão.

A existência desse documento investigado, mapeado e tratado como algo confidencial indica que a Ditadura Civil-Militar supõe que o comportamento afeminado aos homens era algo considerado disruptivo, portanto, dissidente e perigoso, mesmo nos momentos de carnaval, em

⁶⁷⁶ MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, 2009, p. 150-182.

⁶⁷⁷ No contexto francês, destacou-se Guy Hocquenghem ao escrever sobre o regime de inteligibilidade heteronormativo, além de outros jornais alternativos. Ver: HOCQUENGHEM, Guy. **A Contestação Homossexual**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

uma onda de maior de permissividade⁶⁷⁸. Dessa forma, muitos documentos foram recolhidos pelo Estado Ditatorial, diante da proliferação de jornais alternativos homoeróticos, promovendo uma incansável busca pela tensão homoerótica entre alguns dos membros do SNI, que estabeleceram um modo de investigação detalhada do circuito de produtores e consumidores de jornais homoeróticos. Entre eles, estavam alguns jornais alternativos homoeróticos internacionais, tais como o francês *Gai Pied*, o norte-americano *Gay Sunshine*, o espanhol *Lambda*, entre outros.

A emergência de uma diversidade de periódicos e livros de conteúdo homoerótico indicava a força da liberação dos sentidos em termos amplos, marcada por um afrouxamento das regras convencionais em matéria sexual, fortemente caracterizada por uma rede cosmopolita de apoio. O intercâmbio de imagens masculinas em contextos homoeróticos entre países do Norte Global e o Brasil era recorrente, os jornais alternativos homoeróticos demonstravam que esse intercâmbio cultural tinha um efeito duplo entre os países, pois instigava o turismo gay, o mercado sexual e uma interação maior entre a comunidade homoerótica no Brasil, da mesma forma, instigava a fabricação de periódicos semelhantes, como ocorreu com o *Lampião da Esquina*, que surgiu após a ideia ser inspirada pelo *Gay Sunshine Press*, de São Francisco, evidenciando aspectos da profanação de masculinidades heteronormativas, como também revelou um modo de produção em série de subjetividades homoeróticas e o efeito de contágio que ocorre com a efervescência cultural⁶⁷⁹.

As leituras consideradas perigosas expunham a fragilidade das crenças sociais, da percepção da natureza essencialista da ordem das coisas, em muitos aspectos da vida política, da dimensão social, nos costumes e no sexual. As rupturas com um determinado sistema de pensamento ganha uma maior escala junto aos jornais alternativos, que faziam a divulgação de pesquisas contemporâneas sobre a sexualidade na tentativa de encabeçar mudanças sociais a partir do paradigma científico.

Em 1960, a sexualidade foi atravessada por um modelo de ciência do sexo, em detrimento de uma arte erótica. Registra-se, na esfera doméstica, um novo modelo sexual, notadamente, no que tange aos valores que organizam as relações matrimoniais que mudam em decorrência da demanda por liberdade e prazer sexual⁶⁸⁰. No que se refere à dimensão erótica,

⁶⁷⁸ GREEN, James. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: editora Unesp, 2019.

⁶⁷⁹ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

⁶⁸⁰ A pornografia e o desejo de censura possuem três momentos, o primeiro entre meados do século XVI e XVII, fortemente marcado por leis e regulamentos morais que pregavam a moderação dos apetites até a renúncia de si, momento que evidencia uma contradição com o estado de espírito aristocrático, inclinado à ostentação da repressão

as pesquisas tratadas como grandes “descobertas do território sexual” giravam em torno do Relatório de Kinsey⁶⁸¹, de Shere Hite, de Wilhem Reich, de Master e Johnson⁶⁸², de Pincus⁶⁸³, entre outros.

Em 1978, *O Flagrante Livre* afirmou que a interação sexual era bastante reprimida⁶⁸⁴, utilizando os argumentos das leituras do Relatório Hite sobre sexualidade feminina. Lançada nos anos 1970, a obra ampliou o debate sobre o feminismo, elaborou questionários sobre a vida sexual que foram respondidos, de forma anônima, por quase quatro mil mulheres nos Estados Unidos, em que as participantes podiam escrever abertamente sobre suas experiências sexuais⁶⁸⁵. O jornal alternativo *Flagrante Livre* publicava os estudos de Wilhem Reich, que escreveu sobre a *Função do Orgasmo*, explicando o que se consideraria como uma Revolução Sexual. Para ele, a repressão deveria ser combatida não apenas verbalmente, mas também fisicamente, batizando de vegeto terapia, o método consistia em realizar massagens em pacientes seminus para dissolver o que chamou de “armadura muscular”. Devido ao choque cultural, alguns de seus ex-clientes até mesmo denunciaram que as massagens feitas em todas as partes do corpo onde o terapeuta dizia detectar tensão equivaliam a uma forma de abuso⁶⁸⁶.

moral da Igreja, provocando um maior dinamismo agressivo no palco mundial, com conquistadores e colonizadores como Portugal, França e Inglaterra. Nesse momento, os libertinos e os puritanos coexistiram na Inglaterra, e os devassos e os censores à altura na França, evidenciando que a sexualidade humana demonstrava ser circunstancial onde cada movimento reconfigurava um sentido novo. O segundo momento entre o século XVIII até meados do XX. Ver: MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente:** uma história de prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

⁶⁸¹ Reconhecido por escrever *Comportamento Sexual no Homem Humano*, em 1948, e *Comportamento Sexual na Mulher Humana*, em 1953, também conhecido como o Estudos de Kinsey. Ver: MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente:** uma história de prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

⁶⁸² Conhecido como a “descoberta do orgasmo feminino”, pelo médico William Howell Masters e pela psicóloga Virginia Eshelman Johnson, ambos norte-americanos, constituíram-se como uma das mais importantes equipes de investigação científica e laboratorial na área da psicologia e da fisiologia do ato sexual. Ver: MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente:** uma história de prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

⁶⁸³ Dr. Pincus começou a estudar biologia hormonal e hormônios esteroides no início de sua carreira, obtendo grande sucesso com a produção da fertilização *in vitro* em coelhos, posteriormente, desenvolvendo a pílula anti-conceptiva, oferecida para consumidoras em 1960. MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente:** uma história de prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

⁶⁸⁴ Todos nós sofremos na carne, e na cama, os efeitos dessa repressão. Willhem Reich, psiquiatra alemão que acabou seus dias numa prisão americana (tido como louco, justamente por propor que se demolisse esse controle sexual às pessoas), afirmava que a maneira mais fácil de o Estado pintar e bordar com seus cidadãos é manter sua força maior amarrada, ou seja: não deixar a energia sexual fluir. O Relatório de Hite é um estudo com mais de três mil mulheres americanas sobre o ponto de vista desta da mulher em suas funções sexuais. Mostra como as mulheres se sentem, e fala de assuntos proibidos e sujos, tais como masturbação e homossexualismo, banido em vários países autoritários, assi, como também foi proibido no Brasil. Shere Hite esteve no Brasil em outubro, para o *I Simpósio Internacional de Psicanálise*, Grupos e Instituições, onde falou muita coisa importante e recusou a dar entrevistas para os homens. Ver: BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0295

⁶⁸⁵ BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0295

⁶⁸⁶ Em 1954, a Justiça ordenou a destruição de 250 acumuladores e a incineração de toda a obra de Reich, incluindo *A Função do Orgasmo e Psicologia de Massa do Fascismo*, um livro escrito por ele em 1933 e que teria

Nesse momento, a *Revolução Sexual* foi pensada em termos de conceito de repressão, liberação e revolução, no qual a teoria da repressão sexual de Wilhem Reich é contraditada por Foucault na elaboração da teoria da biopolítica, na qual vislumbra relações de forças invisíveis que comandam e direcionam desejos, continuamente e, de forma inconsciente, produzem desejos, condutas éticas e padrões estéticos de forma individualizada e coletiva na sociedade. Nesse ponto, logo na primeira edição o jornal alternativo *Versus* publicou uma entrevista com Foucault, quando o intelectual esteve no Brasil a convite da USP, o qual considerou que, desde o fim do Nazismo e do Stalinismo, a sociedade buscou explicar o exercício do poder através do estruturalismo e do marxismo, uma vez que poder na perspectiva dele não serve apenas para reprimir, impedir, excluir ou punir, mas também na produção de desejos⁶⁸⁷.

Nesse período, a performance de uma masculinidade mais sensível e/ou a visibilidade pública de práticas homoeróticas poderiam deslocar o sujeito para um local social da “dissidência”, diante da predominância de um regime de inteligibilidade que girava em torno de uma punição da diferença, seja ela mediada pela estrutura das unidades penais, pela possibilidade de definir por doença, padecer no inferno, ou pelo ostracismo social, isso porque os usos sociais da dor atribuíam às masculinidades sensíveis e às práticas homoeróticas a possibilidade da “purgação” e, com isso, o redimir da alma, o ajustar-se à sociedade, o padronizar da subjetividade⁶⁸⁸.

O *Boom Gay* que emerge no Brasil e em várias partes do mundo Ocidental, perceptível através dos jornais alternativos homoeróticos e a partir de uma onda de artistas e intelectuais que se empenhavam em criticar o estado de coisas que a governabilidade militar executava, com aquilo que consideravam ser uma “arma literária” que questionava o sentido da dissidência sexual e os seus modos de percepção. Assim, as transformações epistemológicas foram debatidas e mediadas através de jornais homoeróticos, que serviam a diferentes propósitos político-existenciais, seja como contestação aos códigos de gênero e de sexualidade estabelecidos como naturais, seja como suplemento erótico ou sátira ao *status quo*⁶⁸⁹.

um papel chave nos protestos de 1968 na França. Ver NECKEL, Roselane. **Pública Vida Íntima: a sexualidade nas revistas femininas e masculinas (1969-1979)**. Tese de Doutorado em História, PUC/SP, 2004.

⁶⁸⁷VERSUS, ano 1, p. 30

⁶⁸⁸TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

⁶⁸⁹ O discurso médico, que atribuía a ideia de doença às práticas homoeróticas; ao sistema de justiça criminal, que vinculava esse afeto aos variados tipos penais no ordenamento jurídico; ao discurso religioso de matriz judaico-cristã, que o relegava à noção de pecado; o discurso moral, que associava o prazer homoerótico à ideia de promiscuidade, todos esses discursos perpassavam por processos de desconstrução quando postos ao crivo da crítica literária. Ver: MOTT, Luiz. **Homossexualidades: mitos e verdades**. Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

A repercussão sobre as interações sexuais era debatida também em periódicos de ampla circulação como a *Manchete*. Esta informava que “os progressos da ciência encorajam evidentemente esta dissociação entre o ato sexual e a procriação, dissociação que aliás acompanha a emancipação da mulher. A pílula por exemplo, permite à mulher fazer amor tão impunemente quanto o homem⁶⁹⁰.” A liberação sexual feminina proporcionaria maior paridade sexual, reconfigurando caminhos mais ousados para as mulheres, intrinsecamente relacionados à liberação sexual masculina em si.

Em 28 de dezembro 1977, a revista *Isto É* marcou seu posicionamento ao mesmo tempo que dava visibilidade a um conjunto de práticas questionáveis, em um extenso artigo dedicado à “imprensa Gay”, denominação dada aos noticiários ou órgãos da imprensa que se dedicam às atividades dos homossexuais. Em razão disso, em 11 de janeiro de 1978, foi encaminhado para o Ministro da Justiça um dossiê com o assunto “Apologia ao homossexualismo”, avisando a revista *Isto é*, no qual consta uma análise do SNI sobre a publicação da revista, informando que a referência ao Brasil como o local mais favorável ao desenvolvimento das atividades homossexuais depois dos Estados Unidos da América. Ressalta para os leitores que estava havendo curiosidade a respeito, prevendo-se aumento no fluxo turístico homoerótico rumo aos insuspeitados prazeres tropicais⁶⁹¹.

Após investigar, o SNI afirmou que o anúncio continha grande destaque do lançamento do *Jornal Gay* entrevistas com diversos “elementos”, como Ney Matogrosso, conhecido cantor que declara gostar “muito de mulher como de homem também. Para mim é tudo igual” e a torcida do Grêmio Futebol Porto-alegrense, a “Coligay”, aceita pelos demais torcedores e contando com cerca de 200 membros. Jornais onde são citadas frases e expressões de encorajamentos aos homossexuais que ainda vivem às escondidas para que assumam a sua condição. Diante disso, a Direção-Geral da Polícia Federal recomendou que fornecesse os elementos necessários para o Ministério Público, em São Paulo, oferecer denúncia contra o responsável por aquela divulgação da revista *Isto É*, n. 53, pois não se encontrava sob exame prévio, consoante determinações do artigo 40, item II, da Lei n 5.250, de 1967. Ressaltava-se que, para o SNI, causava estranheza que reportagem dessa natureza fosse publicada em revista de venda livre nas bancas, sem qualquer restrição quanto à idade de eventuais leitores. Segundo esse órgão, mais do que a propaganda do periódico a ser lançado, havia um esquema de apoio à atividade homoerótica por órgãos de imprensa controlados por esquerdistas⁶⁹².

⁶⁹⁰ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, ed 1081, p. 9-10

⁶⁹¹ BR.AN.RIO.TT.0.MCP.PRO.1135. Processo GAB nº 100.045 de 18/01/1978.

⁶⁹² BR_RJANRIO_TT_0_MCP_PRO_1135_D0001DE0001

Essa fonte indica que havia uma espécie de sociedade homoerótica entre os homens que compactuavam de um circuito de sigilo e conjunto de códigos de prazer para além das práticas sexuais tradicionalmente reprodutivas, sintoma de que o universo gay estava emergindo de forma significativa no campo social. Também indica um dispositivo refinado que se espanta ao observar o que consideram subversão, na espreita de sensações cada vez mais chocantes.

De forma semelhante, o *Lampião da Esquina* também foi alvo do SNI. Em 09 de junho de 1978, o Ministro da Justiça do Departamento da Polícia Federal emite um relatório sobre a imprensa gay, afirmando ser segmento da Imprensa Nanica que se dirige aos “homossexuais”, intitulado *O Lampião da Esquina*, supostamente, apresentaria teoria ofensiva à moral e aos bons costumes em suas notas e reportagens, vez que em suas mensagens há um incentivo muito forte à prática do “homossexualismo”, sob a responsabilidade da Esquina, Editora de Jornais e Revistas Ltda e distribuído pela Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente, que se constituíam em porta-vozes do *Movimento Gay no Brasil*⁶⁹³.

Em de junho de 1978, Humberto Ruas Azevedo Simões, assistente da DCDP, concluindo a apreciação do processo com o exame dos dois exemplares do *Jornal Lampião Da Esquina*, observou que essa publicação fez, do início até o fim, a “apologia sobre o homossexualismo” masculino e/ou feminino, engajando-se ao Movimento Gay e destinado a mudar o pensamento para assumirem uma posição perante a sociedade, vez que se julgam “elementos” úteis e, portanto, devem ser vistos como seres normais, apesar de suas orientações sexuais. Posteriormente, em 06 de junho de 1979, a Divisão de Segurança e Informações do Ministro da Justiça encaminhou para o Ministro da Justiça uma cópia do *Jornal do Gay*, sua edição n. 3, de responsabilidade do sr. Jaime Iwashita Kameyama, tendo como diretor Massaro Kirihiro, que tornam a propaganda sobre a “pederastia” e a “homossexualidade” atraentes para a juventude, possuindo ainda uma diversidade de opções de entretenimento para seus leitores, além de produtos culturais subversivos, que propunham um tipo de arte e de informação sobre passeatas, indicações de lugares e *tours* gays pelo mundo, notícias de crimes e indicações de livros, bem como exposição de pessoas para trocas de cartas⁶⁹⁴.

⁶⁹³ Também o fato de o *Jornal Do Gay* ser impresso nas oficinas da Publicações e Assistência Técnica LTDA, que imprime uma grande variedade de jornais de conhecida linha subversiva. O mercado editorial na construção da cultura de esquerda teve uma ampliação a partir da década de 1960, somados aos desdobramentos do golpe de 1964, essa ampliação foi um dos motivos do incômodo entre setores militares e que levou a ensejar mecanismos de controle de editoras da oposição. Ver: CZAJKA, Rodrigo. “Quem não lê mal fala, mal ouve, mal vê” repressão e censura à editora Brasileira (1963-1970). In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre (Orgs.). **Censura no Brasil Republicano** (1937-1988). Salvador: Sagga, 2021

⁶⁹⁴BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79003580_AN_02_D0001DE0001.

O *Jornal do Gay* publicava notas e reportagens ligadas às práticas homoeróticas, buscando conceituar a atividade homoerótica como uma prática normal que precisava ser assumida pelos que a praticam e reconhecida pelos demais, atuando na formação de um movimento masculino⁶⁹⁵. A primeira edição do *Jornal do Gay* data de março de 1978 e tinha por objetivo esclarecer todos os aspectos da sexualidade humana.

Imagem 103: *Jornal do Gay* (à esquerda); RFD, *winter* (ao centro); *Pray to Jesus* (à direita).



Fonte: BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79003580_AN_01_D0001DE0001; RFD, *Winter*, 1977, p. 43; HAIGHT ASHBURY FREE PRESS, v.1, n.6, 1968, p.13

A imagem do *jornal do gay* exhibe o contorno de um corpo possivelmente nu, sobrecostado à cama, sobre um tapete e com as mãos no joelho, a cabeça para trás em um gesto de quem se entrega à imaginação e/ou algum devaneio, uma posição relaxada, que, certamente, apenas a sensação de um local privado e íntimo como um quarto não-compartilhado com mais ninguém, poderia proporcionar. A imagem da capa sugere que, para o universo homoerótico do período, falar abertamente sobre os desejos sexuais e prazeres eróticos poderia ser motivo de ridicularização e exclusão social, empurrando alguns homens a um conjunto de práticas mais ou menos clandestinas e sigilosas.

A imagem ao centro corresponde à edição de inverno de 1977, a *Real Feling Divine* informou que não era inimiga da cultura gay, considerada mais urbana, inclusive indica o consumo de uma série de outros periódicos que circulavam com a temática mais moderna. Na fotografia, o artista posa olhando para uma janela que não aparece, evidenciando também a dualidade entre céu e inferno, pois encontra-se abaixo da imagem de Jesus Cristo com uma coroa de espinhos e duas cruzes, para cima e outra para baixo, não necessariamente provocante, mas vestindo roupas típicas de mulheres. Já a imagem à direita, proveniente da *Haight Ashbury*

⁶⁹⁵ O *Jornal do Gay* se apresentou como o órgão oficial do Círculo Corydon, uma entidade filantrópica e cultural criada por um grupo de gays para orientar e informar os gays de ambos os sexos. O nome Corydon dado ao círculo que edita e dirige a publicação foi retirada da obra *Corydon: O Tratado Do Homossexualismo* da autoria de André Gide que é homenageado por ter sido, segundo o jornal, "o primeiro escritor que teve coragem de se assumir como gay". A filosofia do Círculo Corydon baseia-se no mito do Andrógino Universal. Ver: BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79003580_AN_01_D0001DE0001.

Free Press, alertava aos gays que o lago de fogo seria reservado para aqueles que rejeitavam a Jesus Cristo, ou/e Jesus Cristo salvaria todos os pecado daqueles que rezassem imediatamente.

O aspecto melancólico da imagem do *Jornal do Gay* e do jornal *Real Feling Divine* expõe a singular experiência da solidão do quarto, que, apesar de não se relacionar necessariamente ao lugar da vergonha, da timidez e do desajuste social, realça uma distância salutar entre aqueles homens que são representados em grupos de fraternidades, clubes e festas de gozo coletivo. Muitos são os fatores que podem interferir nessa forma de subjetividade extrovertida-gay-alegre, para o tímido-isolado-estranho (queer). Possivelmente, a distância dos grandes centros e de outros locais com acesso a locais de encontros sexuais, a pouca comunicação com pessoas para compartilhar sentimentos em comum, a descapitalização financeira diante de crises econômicas mais amplas, o forte discurso punitivo que articulava as estruturas de punir do Estado, à moral e aos bons costumes sobre as práticas de prazer e à religião de matriz judaico-cristã, para estender a culpa até uma outra vida, entre outros fatores.

Essas duas últimas fontes, apesar de não mapeadas pelo SNI, circularam no mesmo período em que os jornais alternativos considerados subversivos foram flagrados e servem para evidenciar como o discurso religioso, sobretudo, de matriz judaico-cristão se estabeleceu em parte da cultura ocidental, provocou um sentimento contraditório em relação ao desejo homoerótico e às práticas de masculinidades consideradas mais afeminadas. Desse modo, a construção de uma “Saída do Armário”, o *Coming Out*, bem como a formação de um “Gueto Gay” antes do mercado erótico mais intenso para dar visibilidade a um conjunto de práticas de fruição sexual, se configuravam predominantemente, tal qual uma sociedade secreta, repleta de rumores entre segmentos da sociedade civil, por isso o *Coming Out* também implicaria aceitar que, para algumas pessoas, o lago de fogo seria reservado aos *queers*-pecadores como os fundamentalistas religiosos acreditavam⁶⁹⁶.

A experiência homoerótica no Norte Global possuía características periféricas e guetizadas nos grandes centros urbanos, mas, que sub-repticiamente se estabelecia a partir de um intenso circuito de produtos culturais e artísticos, a elaboração de rotas turísticas, um vocabulário específico, lugares comerciais para encontros, além de diferentes negociações. Dessa maneira, o circuito homoerótico possuía seus leitores e consumidores de jornais da comunidade homoerótica de forma mais ampla do que se poderia supor.

No que se refere à experiência homoerótica brasileira, dentro de suas próprias especificidades continentais, não engendrou um tipo específico de gueto sexual capaz de se

⁶⁹⁶ SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

autodefender a partir das leis do mercado, posto que as práticas sexuais entre homens eram costumeiramente silenciadas, assim como o diálogo em torno do desejo homoerótico, possibilitando a permanência da heteronormatividade. No entanto alguns grupos identitários promoveram uma maior produção de panfletos e jornais homoeróticos que foram rapidamente identificados pelos órgãos da Ditadura Civil-Militar e percebidos por setores da sociedade civil, como um mecanismos de apologia à “pederastia” e ao “homossexualismo”.

Nesse contexto, o *Jornal do Gay* afirmou que os gays pretendiam se unir para viver em guetos por uma questão de sobrevivência:

E se estamos fazendo apologia do homossexualismo, não está a sociedade ocidental há séculos fazendo apologia do heterossexualismo? Não são os programas de televisão, as propagandas comerciais, as notícias radiofônicas sempre elogiosos incentivos ao heterossexualismo e condenações ao homossexualismo? [...] Apenas o gay inconsciente não percebe que está comendo as sobras da mesa de uma sociedade hipocritamente heterossexual. Apenas os gays servis não notam (ou por comodismo fingem ignorar) que em muitos lugares são tolerados mas nunca realmente aceitos e compreendidos. Apenas os tolos não percebem que aos gays são reservados os sub-empregos da sociedade, que os heteros não os matam, mas os impelem ao suicídio. Pior que a afronta ostensiva é a segregação tácita e lacônica. Estamos sim formando um gueto e fazendo apologia do homossexualismo, como os heteros vêm, há séculos, se enclausurando em seus castelos, vangloriando-se de sua sexualidade, fechando-nos suas portas⁶⁹⁷.

A postura do jornal não representava a posição da comunidade homoerótica que se configurava no período, mas representa um segmento suficientemente forte para imprimir os valores de um tempo em que era necessário se fechar em pequenos núcleos para conseguir elaborar a confiança, o amor e o orgulho com os próprios sentimentos e escolhas. O *Jornal do Gay* informava seus motivos de elaborar uma resistência política radical, ignorando as possíveis alianças com pessoas inseridas em uma dinâmica heteronormativa de poder.

Do ponto de vista do leitor, o *Jornal do Gay* demonstrava ser bastante diverso, explorando suas colunas com informações diversas, com ênfase no universo da literatura específica, a exemplo de *A Margem Do Amor*⁶⁹⁸, *O Retrato De Dorian Gray*⁶⁹⁹, *Mulheres Apaixonadas*⁷⁰⁰, entre outras leituras consideradas perigosas. Dessa forma, a mediação do

⁶⁹⁷ Sobre o Gueto Gay e a apologia ao homossexualismo de Daniel Franco, in. *Jornal do gay*. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0242

⁶⁹⁸ Escritor também gay Robin Maugham, enredo de um professor que se apaixona por um adolescente.

⁶⁹⁹ Escrito por Oscar Wilde onde um jovem de rara beleza que, para não envelhecer, vende sua alma ao diabo.

⁷⁰⁰ Escrito por D. H. Lawrence, considerado um romance homoerótico velado.

debate do desejo e das práticas sexuais através de materiais impressos foi uma forma de estabelecer redes e conexões importantes de existência, inventar outras formas de vida⁷⁰¹.

Os jornais alternativos homoeróticos também possuíam distintas políticas, de modo que alguns poderiam ser mais militantes, engajados e outros nem tanto, buscando apenas o prazer de ser produzido e lido. Exemplo disso, o *Lampião da Esquina* tinha colunas em que os homens eram expostos em poses sensuais, nas colunas *Colírio*, *Bicharada* e *Bofarada*, que foram modificando ao longo do periódico a forma de se relacionar com o corpo masculino, representando perfis diferenciados do desejo homoerótico para a demanda de consumidores que almejavam mais do que despertar uma consciência partidária de gênero e sexualidade, como também aproveitar as próprias páginas para a fruição de seus desejos.

O *Lampião da Esquina* teve alguns de seus editores indiciados em inquérito criminal com base na lei de imprensa, eram eles: Antônio Chrysóstomo, Francisco Bittencourt, Aguinaldo Silva, Clóvis Marques e Adão Costa, o que significava que era o último momento da fase investigativa. Depois disso, ficaria a cargo do juiz arquivar ou prosseguir com a ação penal. Um momento bastante emblemático porque, embora a tensão aumentasse, e seus editores fossem divergindo entre si, as páginas do periódico não deixavam de satirizar a questão toda, por exemplo, colocando na capa seus editores vestidos de presidiários:

Imagem 104: Antônio Chrysóstomo (à esquerda); Adão Acosta (centro-esquerda); Aguinaldo Silva (centro-direita); Francisco Bittencourt (à direita).



Fonte: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro. CAPA. ed. 12, maio 1979.

Enquanto o inquérito não era encerrado e enviado para decisão do Juiz, o diretor do departamento da polícia federal intimou a editora responsável pelo *Lampião da Esquina*, para que apresentasse seus livros de contabilidade a fim de provar que a empresa não tinha condições

⁷⁰¹ Em 1979, foi publicado, em Paris, o primeiro número de um jornal voltado para o público homossexual intitulado *Le Gai Pied*, sendo distribuído por mais de dois mil quiosques, espalhados pela cidade. O jornal era impresso na Rotographie, gráfica pertencente à Liga Comunista Revolucionária (LCR). O filósofo Michel Foucault, que havia sugerido o nome do jornal, comparece com um artigo em seu número inaugural e, posteriormente, concede uma entrevista a Jean Le Bitoux, René de Ceccaty e Jean Danet, que aparece publicada no número 25, de abril de 1981, quando o título do periódico havia sido mudado para apenas *Gai Pied*. Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 1 - 20, 2014. (ISSN 2317-1006 - online).

financeiras para funcionar e manter sua atividade. O desencadeamento desses fatos se tornou possível porque o *Lampião da Esquina* era um jornal alternativo que não visava a lucro, o dinheiro arrecadado era reintroduzido na produção do jornal do mês seguinte. Mas a réplica do jornal alternativo se deu de maneira nítida, como nas imagens acima⁷⁰².

A pressão aumentava por um lado e por outro a ajudava, pois parceiros da imprensa alternativa como o *Pasquim* e grupos de enunciação coletiva se mobilizaram para oferecer a contestação⁷⁰³. O Grupo Afirmativo *Somos* e alguns leitores criaram um Comitê de defesa do *Lampião*, recolheram assinaturas para levar um sucinto abaixo-assinado ao Ministro da Justiça, para reiterar o repúdio a qualquer ato de coerção ao direito de existir dignamente e pela manifestação da imprensa alternativa⁷⁰⁴. O periódico replicou o trecho do *Pasquim* nas próprias páginas, onde informou que “a polícia está querendo enquadrar o mensário guei *Lampião* por atentado à moral e aos bons costumes. Audácia dos bofes! Contem com a nossa solidariedade, queridinhas. Jaguar”⁷⁰⁵.

Em novembro de 1979, havia na capa do mensário: “Justiça arquiva inquérito contra *Lampião*”⁷⁰⁶. O procurador da República, Sérgio Ribeiro da Costa, considerou que a manifestação de pensamento, de convicção política ou filosófica na publicação de livros não era ato passível de punição da lei de imprensa, apesar dos poemas ditos ruins, dando a sentença a contragosto: “Todavia, não estou fazendo a crítica da matéria publicada ao ponto de considerá-la de bom gosto e profunda. Acho a publicação pobre e os poemas ruins, mas não a considero, no meu entender, ofensiva à moral pública”⁷⁰⁷.

Do ponto de vista dos órgãos do Estado, essa publicação divulga lugares de encontro de “pederastas”, protege e incentiva a suposta “anormalidade sexual” e busca criar um movimento que ampare, proteja, legalize e torne a “homossexualidade normal à sociedade”, tanto quanto as relações sexuais entre as pessoas de sexos opostos. De todo modo, a produção de relatórios e dossiês sobre práticas homoeróticas por parte do SNI surge como uma forma de erótica que se satifaz com um saber-poder de observar as perversões e gozar com o fascínio dessa subversão, de modo que contra a *Revolução Sexual*, é possível sugerir que os próprios agentes

⁷⁰² *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro. ESQUINA. Nossa pobreza é nosso maior charme ed 15, 1979, p. 05.

⁷⁰³ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro. ESQUINA. Pintou Solidariedade, João Silvério Trevisan ed 15, ago., 1979, p. 05.

⁷⁰⁴ Entre eles, Dercy Gonçalves, Fernando Henrique Cardoso. Ver: *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro. ESQUINA. Os Que Estão Conosco. ed. 19, dez. 1979, p. 02.

⁷⁰⁵ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, BIXÓRDIA. Procura-se vivos ou mortos. ed. 08, jan., 1979, p. 11.

⁷⁰⁶ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ESQUINA. Somos todos inocentes. ed. 18, nov. 1979, p. 02.

⁷⁰⁷ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ESQUINA. Somos todos inocentes. ed. 18, nov. 1979, p. 02.

do Estado se satisfaziam eroticamente com a coleta, observação e rumor do intercuro homoerótico no Estado.

Além do jornal alternativo *Posição* que evidencia uma suposta subversão, um ato de resistência aos ideais de justiça social, e dos jornais alternativos homoeróticos, percebidos como subversivos morais, o *Jornal do Gay*, o *Lampião da Esquina* e, até a *Isto É*, que se envolveram em investigações e perseguições da Ditadura, havia também uma terceira articulação entre a transgressão dos impressos e as relações de poder da Ditadura Civil-Militar, caracterizado pelo afrontamento como política, evidenciando que a “pederastia” poderia ser muito mais uma narrativa utilizada politicamente, do que um conceito que traduzisse a verdade sobre um determinado corpo. Entre os agitadores dessa outra rota de imprensa alternativa mais contestatória, estava o jornalista Inácio Mendes da Silva, que foi preso em 02 de novembro de 1964, pois atacava todos que interferiam nos seus atos na imprensa. Consta do IPM que o investigado “amargurou a existência dos Governadores que não se deixaram corromper”, chegando à baixez de offender com palavras imorais dirigidas também às suas famílias, esposas e mães, por isso, bastante temido.

Em 4 maio de 1968, do inquérito administrativo por interventor militar constavam as informações de que era redator da “Folha De Rondônia”, deixara de circular para dar lugar ao “Independente”. O jornal “Folha de Rondônia” era conhecido como um *Pasquim* indecente e sem escrúpulos, que sempre primou pela linguagem imoral de seus ataques a todos os que lhe caíam na antipatia. Na delegacia de polícia civil especial de segurança política e social, consta boletim em sindicância: Inácio Mendes da Silva, 31 anos, casado e com quatro filhos, secretário da Organização de finanças do Comitê Municipal do Partido Comunista em Guajará Mirim, filiado ao partido comunista Brasileiro em Belém, onde teve pouco tempo de militância, em virtude de um longo período preso⁷⁰⁸. Na sua ficha de investigação, que antes da Ditadura Civil-Militar, já havia sido condenado por injúria a três meses de detenção, sendo que ao sair em julho, foi preso novamente pelo mesmo motivo, por mais seis meses de detenção caluniosa, tendo por noticiado que o “corno e pederasta passivo” Ary de Macedo, “encobertos pelos traidores do poder dominante começaram uma série de violências”, “protegido pelo maconheiro” Dr. Rafael Vaz e Silva, tendo o esbofetado no “Café Santos” o conhecido batedor de carteiras Moacyr de Miranda. Informação que comoveu cidadãos armados a impedir a atuação de Aluízo, tido por “ladão forasteiro”⁷⁰⁹.

⁷⁰⁸ BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0317_d0001de0001.

⁷⁰⁹ BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0317_d0001de0001.

Nessas circunstâncias, era o investigado de subversão, Inácio Mendes da Silva que se valia da posição de homem casado com mulher, portanto tido como heterossexual, e um jornalista considerado perigoso porque utilizava os argumentos do Estado para desacreditar os outros políticos da região, que atribuem ao outro sujeito o termo de “pederasta passivo” entre tantas outras palavras, sugerindo que a linguagem da masculinidade viril que hierarquiza os corpos por uma matriz de pensamento moral heteronormativo é utilizada na dinâmica das relações de poder no contexto social instável.

Nesse ponto, a Ditadura Civil-Militar investiga e pune algo que sistematicamente já fazia, empreender investigação e punição de pessoas consideradas subversivas, logo, quando pune o jornalista Inácio, o Estado Autoritário não pretende reparar a honra do político supostamente difamado, mas defender as fronteiras de seu território como monopólio legítimo de violência. Assim, a investigação demonstra que tanto a ideia de subversão, quanto a construção da figura subversiva se confundem por parte do Estado Ditatorial, a partir dos próprios interesses políticos.

As fontes averiguadas permitem sinalizar para uma rede homoerótica que se tornava visível e dizível mediante a circulação de jornais alternativos, assim como um discurso sobre uma identidade “pederasta” e “homossexual”, que era utilizada no jogo político e micropolítico, evidenciando um movimento muito mais amplo do que se poderia supor entre os laços de afeto e redes de solidariedade com uma espécie de Movimento Homossexual Brasileiro, que, após se estabelecer como MHB, passou à mesma dinâmica sistemática de engendramento de reprodução de subjetividades.

Segundo as fontes, as performances de masculinidades e as práticas sexuais, bem como os fluxos de desejo e tensionamentos eróticos emergem singularmente em cada contexto, muitas vezes deixando a entender gestos ambíguos, situacionais e contraditórios, em relação a si mesmo diante dos outros. Essa fresta no sistema de produção das masculinidades era alvo dos mecanismos de poder do Estado Ditatorial, pois instigavam um desejo de saber e de descobrir, para, posteriormente, poder punir e gozar punindo, sem culpa. Além disso, o potencial democrático da pornografia se deve as suas associações com a cultura impressa e com os ataques políticos aos regimes estabelecidos, algo que se coloca face ao desejo de censura e de submissão às normas sexuais do regime Civil-Militar⁷¹⁰.

Toda a coleta de jornais alternativos considerados subversivos políticos e/ou morais evidenciam que os órgãos de espionagem do Brasil tinham total ciência da rede homoerótica

⁷¹⁰HUNT, Lynn. A Pornografia e a Revolução Francesa. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia:** obscenidades e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

que permeava os países Ocidentais em torno da reivindicação de direitos igualitários, além da construção de uma linguagem em comum e a luta pelo reconhecimento de visibilidade social. Em consonância com o movimento maior de contestação ao sistema e de liberação dos sentidos que marcou a *Revolução Sexual*, o emergente movimento identitário do MHB e seus desdobramentos em torno da construção da identidade política de homossexuais negros, lésbico-feministas, entre outras pessoas que buscavam reconhecimento social pleno, respeito à escolha de um projeto de vida, direitos da personalidade, direitos civis e políticos, elaborando na vida real o exercício de cidadania⁷¹¹. Ao mesmo tempo, os órgãos do SNI permaneciam defendendo seu posicionamento heteronormativo e suas fronteiras em relação às práticas homoeróticas, criando condições para que o Estado Ditatorial refinasse seus métodos e táticas de combate a essa atuação, percebida como subversão.

Mesmo após as décadas de 1960 e 1970, os discursos sobre a subversão moral e/ou subversão política permanecem acompanhados de questões controversas. Em outubro de 1983, o memorando do Serviço Nacional de Informações para o Ministro da Justiça informava o risco e a facilidade do acesso a produções culturais subversivas. Entre essas listava um apanhado de livros indicados à censura por conter material de “ideologia pornográfica, obscena e promíscua”⁷¹².

Durante a Ditadura, a pornografia e a licenciosidade eram alvo de censura, com revistas expostas nas bancas sendo supostamente “obscenas” e vendidas a menores por jornaleiros considerados inescrupulosos. Paralelamente, livros e publicações que criticavam o Governo, ridicularizavam autoridades ou apresentavam teorias políticas e econômicas divergentes eram destacados como “subversivos”, mesmo quando obtinham grande circulação.

No que se refere à temática homoerótica, considerada pornográfica pelos órgãos da Ditadura, destacam-se obras como *Passagem para o Próximo Sonho*, de Herbert Daniel, romance sobre exílio, militância clandestina e homossexualidade; *Os Homoeróticos*, de Délcio Monteiro Lima; e *Teoria e Prática da Homossexualidade*, de John Hart e Diana Richardson, todas alvo de censura pela Codecri. Ademais, conforme as informações do próprio encaminhamento, o censor conseguiu identificar 500 livrarias que distribuíam esse material entre os grandes centros urbanos do período. Contudo, as editoras contavam também com livrarias dinâmicas e vendedores em domicílio, o que dificultava a tarefa do controle da proliferação desse tipo de pensamento⁷¹³.

⁷¹¹ A literatura erótica, desde o começo do século XX, já alimentava de forma intensa a fantasia sexual nas interações cotidianas, estabelecendo conexão com a ideia do proibido e do permitido socialmente, bem como em diálogo com os sentimentos de desejo de consumo e de vergonha. Ver: DE NIPOTI, Cláudio. **Páginas de Prazer: a sexualidade através da leitura** no início do século. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

⁷¹² BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_84006255_D0001DE0001.

⁷¹³ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_84006255_D0001DE0001.

Dentre os temas tratados, nesses jornais alternativos considerados subversivos estavam informações sobre uma *Revolução Social*, uma *Revolução Costumes* e uma *Revolução Sexual* em curso⁷¹⁴. Os periódicos alternativos possuíam funções diversas, mediar o debate para a promoção de interesses em comum, conscientizar um público leitor em uma classe militante e/ou às vezes, incitar desejo com fotos e sugestões diversas. Esse público específico gostava de trocar carta com os editores, solicitar outros leitores cartas para si e, primordialmente, se informar tanto sobre pesquisas, quanto arte, locais para ir, atualidades. Assim, os órgãos da Ditadura Civil-Militar buscavam vigiar os jornais alternativos, panfletos e cartazes considerados suspeitos, do ponto de vista político e moral, de modo a buscar estimular uma única visão sobre o Estado Brasileiro, harmonicamente organizado e em desenvolvimento, gerido por homens com padrões de masculinidades viris.

Dessa forma, a investigação, a punição e o expurgo de alguns professores e de redatores de jornais alternativos, bem como a atuação de táticas e de estratégias do poder reforçavam uma conexão com personagens e narrativas já conhecidas de heroísmo e de sensualidade, de inteligência e de sagacidade masculina que muitos homens, que trabalhavam para o Estado Autoritário, buscavam refletir em termos de códigos de masculinidades viris e de práticas sexuais heteronormativas. A “pederastia” e/ou o “homossexualismo” foram expressões utilizadas conforme as circunstâncias e situações, como uma forma de jogo político de acusações, muitas vezes cruzada com a ideia de subversão política, como “comunista”, pois ambas representavam o perigo máximo para a Ditadura Civil-Militar. Muito embora algumas ações extrapolassem a dinâmica da orientação sexual e adentrasse a dimensão da construção do caráter, dos princípios e dos valores éticos, que são solidamente construídos em contato com a pluralidade dos modos de existência, ao contrário da forma de vida engendrada para criar cercas e guetos em relação aos “outros” em uma dinâmica de vida que instiga a desconfiança e a segurança.

4.4 FESTIVAIS ALTERNATIVOS

A partir do segundo dia passaram a desnudarem-se, homens e mulheres, em verdadeira promiscuidade. Homens nus em presença de moças também nuas, corriam tanto à margem do riacho como em todo o *camping* onde se realizava o show [...] o consumo de tóxicos era feito pela quase totalidade dos participantes, destacando-se o uso de maconha, a qual era fumada abertamente durante o dia e à noite. [...] finalidade principal de tais Festivais

⁷¹⁴ A proliferação, a disseminação e o consumo da literatura erótica se estabeleceu em diferentes nichos e camadas sociais. Ver: EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das letras, 2004.

é proporcionar lucro fácil, reunir marginais, viciados e traficantes de toda espécie, incrementando a expansão do vício às pessoas não viciadas que ali acorram, deteriorando os costumes⁷¹⁵.

O trecho descreve parte do que foi considerado subversivo no *I Festival de Águas Claras* ocorrido em 17, 18 e 19 de janeiro de 1975, o marco zero para o Movimento *Hippie* no Brasil, um Festival Musical na Fazenda Santa Virgínia, município do Iacanga, da propriedade do Antônio Chechim e que se tornou conhecido como o *woodstock brasileiro*. O relatório produzido pelos órgãos de espionagem afirmou que o evento foi organizado de forma desprezível por Antônio Chechim Júnior, conhecido por Leivinha, filho do proprietário da fazenda, com o apoio do pai, todos adeptos da filosofia *hippie*. O dossiê de espionagem relatou que o Festival Alternativo foi algo inusitado, pois até o organizador acreditava que o preço do ingresso de trinta cruzeiros por pessoa fosse suficiente. Entretanto a quantidade superior ao esperado de pessoas permitiu que muitos entrassem sem pagar nada para o show que se iniciava às dezesseis horas e terminava às cinco horas da manhã⁷¹⁶.

Durante sua realização, Leivinha teve que pedir autorização ao delegado Silvio Pereira Machado, da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) e assinou um termo onde se comprometia a não atentar contra a moral e os bons costumes. Após o evento, as autoridades constataram que o encontro não possuía todas as autorizações para ser realizado, e Leivinha foi brevemente detido pelo DOPS-SP. As fotos do dossiê de espionagem mostraram verdadeiro alvoroço para alguns agentes de Estado, porque, entre alguns dos jovens, uns estavam caminhando sem roupa:

Imagem 105: Nudez masculina (à esquerda); Nudez feminina (à direita).



Fonte: BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_02_D0001DE0001, p. 22.; BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_02_D0001DE0001, p.27.

O SNI buscou capturar o espírito da *Revolução dos Costumes*, a partir de um comportamento considerado caótico da juventude, como a nudez, já que no evento era algo

⁷¹⁵ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_81008197_D0001DE0001

⁷¹⁶ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_81009882_D0005DE0005

opcional, sendo que nem a nudez masculina parecia oferecer risco à integridade de outras pessoas. Na perspectiva de um segmento forte da sociedade civil, a nudez masculina imotivada poderia soar um comportamento moralmente perigoso e até agressivo, de igual modo, mas com maior rigor, a nudez feminina era percebida com desvalor da mulher, que deveria valorizar a virgindade e cobrir o máximo possível as partes do corpo, para evitar olhares de desejo e de cobiça de homens⁷¹⁷. Contudo, no Festival de Águas Claras, o uso de roupas era opcional, dentro do limite do consentimento e sem interferir na convivência pacífica com todos os demais que se vestiam no evento. Certamente, seus códigos de feminilidade emergiam em contexto de emancipação feminina pelo movimento feminista, uma vez que nem todas as mulheres do período sentiam interesse em se adequar no modelo de mulher do lar e esposa troféu para um homem provedor, forte e capaz⁷¹⁸.

Em todo caso, segundo informações do SNI, a publicação da *Manchete* intitulando o festival de *Woodstock Paulista*, e a *Veja* informando que o festival era paz, amor e só, mostravam condescendência aos atos de hedonismo da juventude. As pessoas que frequentavam esse festival demonstravam ser adeptas de um estilo de vida mais livre, considerado alternativo, incluíam um conjunto de práticas peculiares, por vezes acompanhado da crença em extraterrestres e paranormalidade, uma vez que o contexto buscava constantes explicações do espaço, em misticismo e ficção científica.

Em 01 de setembro de 1981, foi encaminhado ao Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado de São Paulo diversos requerimentos solicitando aprovação para realização de um evento denominado *II Festival de Águas Claras* cuja realização estava prevista para os dias 04, 05 e 06, na Fazenda Águas Claras, no município de Iacanga, região de Bauru, em São Paulo. Dessa vez, o *II Festival de Águas Claras* teve cobertura da TV e ingressos vendidos nas agências do Unibanco e teve a participação de artistas como Raul Seixas, Gilberto Gil, Alceu Valença, Jorge Mautner, Belchior, Zé Rodrigx, entre outros. Segundo os órgãos de espionagem do Brasil, o festival teve a participação de cerca de oito mil pessoas, durante o qual foi verificada a ocorrência de diversos atos lesivos à moral e bons costumes, conforme se depreende das publicações de relatórios elaborados pela Delegacia de Polícia de Bauru, em São Paulo⁷¹⁹.

O *III Festival de Águas Claras* em 1983 teve caráter mais eclético do que os dois anteriores, uma vez que contava com a participação de muitos artistas. O público dessa edição

⁷¹⁷ RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a Ditadura Militar**: as revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moderno (1964-1985). Tese de Doutorado em História, 2016.

⁷¹⁸ SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2015.

⁷¹⁹ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_02_D0001DE0001

foi de setenta mil pessoas e sua movimentação foi investigada pelo SNI⁷²⁰. Não muito diferente do *IV Festival de Águas Claras*, realizado em março de 1984, e em 05 de março daquele ano, a *Folha de São Paulo* informava que de mochila nas costas, cerca de dez mil pessoas invadiram o local. Nessa ocasião, houve a apresentação de diversos artistas e bandas, entre os quais: Saldanha Rolim, Pena e Paulinho, Grupo Sossega Leão, Thomas Roth e Luís Guedes, João Bosco, Robertinho do Recife, Grupo Fruto Primeiro, Saulo Laranjeira, Grupo Gota Suspensa, Conjunto Língua de Trapo, Hermeto Paschoal, Raul Seixas, Paulo Moura, Vidal França, Renato Teixeira, Arthur Moreira Lima, Luiz Gonzaga, Belchior, Grupo Barão Vermelho, Zé Rodrix⁷²¹.

Segundo os órgãos de informações do Estado, o *IV Festival de Águas Claras* foi de menor porte, justamente porque ocorreu durante o carnaval. Para o organizador, foi um erro programar o festival alternativo em um período que coincide com uma festa tradicional na cultura do país, como o carnaval. Em todo caso, para evitar a ação dos penetras, nos limites da Fazenda foram construídos muros e reforçadas as cercas de arame farpado, guarnecidas por patrulheiros fardados da Guarda, que se faziam acompanhar por cachorros.

Os relatórios do SNI informam que os jovens se submetiam a situações precárias em que eram colocados colchões para quem necessitasse de alojamento, distante de qualquer código de modernização e sem um local adequado para cozinha e restaurante. Além disso, consta do relatórios do SNI que o consumo de tóxicos e de bebidas alcoólicas era desenfreado, assim como o nudismo e o relacionamento sexual ocorriam a qualquer hora, sem que os envolvidos fossem ao menos admoestados, algumas mulheres ofereciam o corpo em troca de dinheiro para comprar alimentos ou entorpecentes comercializados abertamente⁷²².

Em suma, para esse segmento de poder, eram inadmissíveis os prazeres que envolviam os Festivais de Águas Claras, o *Woodstock brasileiro*, uma vez que ignoravam os códigos morais, a exemplo da nudez liberada e do uso de psicotrópicos, práticas que marcaram a *Revolução dos Costumes* e também a *Revolução Sexual*, colocando em questão a estabilidade dos modos de compreender as performances de gênero, o desejo sexual, os arranjos amorosos, a intimidade, a noção de liberdade individual, bem como de responsabilidade coletiva⁷²³.

Os Festivais promovidos por Leivinha abriram um espaço para as pessoas se despirem das roupas e do cotidiano. Nesse sentido, canalizaram um fluxo que deu expressão a um movimento de *Revolução dos Costumes*. Por outro lado, com o passar das edições do festival

⁷²⁰ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_02_D0001DE0001

⁷²¹ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_03_D0001DE0001, p. 28.

⁷²² BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_D0001DE0002

⁷²³ CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria**: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE): Recife, 2004.

tornou-se possível a cooptação das práticas de diversão pelo capital⁷²⁴. Dessa forma, o *Festival de Águas Claras* demonstrava ser parte de um movimento de subversão para os agentes do Estado Ditatorial, e/ou, um movimento de resistência contracultural juvenil que expressava força disruptiva em relação ao conjunto de normas da sociedade em Guerra Fria, e/ou, só mais um produto agenciado pelo capital e pelo capitalismo.

A trajetória pessoal do organizador do evento também é bastante reveladora do período. Antônio Chechin Junior, conhecido por Leivinha, era um jovem que, em 1972, decidiu abandonar o curso de engenharia para viajar pela América, após um acidente em Mogi das Cruzes que causou a morte de vinte e três pessoas e feriu outras sessenta e cinco, muitas das quais eram amigos. Após esse período sabático e retornar de viagem, vislumbrou a realização de uma Festival de música na fazenda de sua família, na localidade de Iacanga, que seria realizado para proporcionar novos encontros entre pessoas desejosas para “abrir a cuca” com o uso moderado de psicotrópicos e ouvir um bom som, tomando outras proporções e edições.

Diante da similaridade, a história de Leivinha pode indicar o consumo das obras norte-americanas de teor marcadamente *outsider* para o período, como o caso do livro *On the Road*, de 1951, considerado a bíblia do *Movimento Hippie*, e tem por enredo a viagem de Jack Kerouac de Nova York para São Francisco, pedindo carona do início ao fim, somente porque considerava uma forma romântica de atravessar o país de Leste a Oeste, inspirada na trilha dos pioneiros americanos e nos mapas dos Estados Unidos, da chamada *Rota 66* que cruzava o território nacional. O autor tomou essa decisão após a morte de seu amigo Sebastian Sampa e de seu pai, somado à dificuldade para escrever seu primeiro romance. Nesse período de viagens, visitou os amigos pelo percurso, mas tornou-se, sobretudo, um viajante solitário, saindo de uma criação entre a classe média branca para experimentar outras culturas, demonstrando tensões eróticas pouco compreendidas entre seu personagem, Sal, e Allen Ginsberg, representado por Dean⁷²⁵.

Do ponto de vista das masculinidades viris, o estímulo à grandes viagens de conquista para os homens possuía um significado fundante da própria ideia de bravura na medida em que se dispunha a sair da zona de conforto em busca de autoconhecimento ou de alguma conquista que pudesse fazer sentido dentro de sua jornada⁷²⁶. Entretanto esta forma de viajar era

⁷²⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

⁷²⁵ KEROUACK, Jack. **On the Road**. Tradução por Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2004.

⁷²⁶ A viagem tanto quanto as guerras se misturam às narrativas de masculinidades na história, pois remetiam ao modelo de masculinidade viril dos exploradores, como demonstra o gênero de viagens de revistas no século XIX. Ver: VENAYRE, Sylvain. Os Valores Viris da Viagem. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

estimulada pelo capitalismo e fantasiada nos filmes hollywoodianas, carregando uma forte característica de distinção social, uma vez que o acesso a esse recurso significava luxo e glamour. De modo similar, as viagens de caronas adotadas por parte dos jovens rebeldes alcançavam um fluxo de força capaz de modificar um modo de vida “selvagem” articulado ao capitalismo, conforme estabelecido pela geração anterior, uma vez que adapta a ideia de bravura, o desejo de viajar, de acampar, de conhecer pessoas estranhas e se alinhar com a natureza, às possibilidades reais de suas condições socioeconômicas.

Além disto, o “efeito beat” buscava a partir das possibilidades de suas circunstâncias, elaborar uma trajetória de vida contracultural no Brasil, conectada a um movimento internacional *outsiders*, mais especificamente sob a influência de jovens londrinos que expressavam frenesi de fãs por seus ídolos, como demonstra o caso dos *beatniks* que viajavam para acompanhar a banda dos Beatles⁷²⁷. Em paralelo, predominava, nesse momento no Brasil, o sucesso dos musicais que disputavam na TV e na Rádio. Os musicais semanais (Fino da Bossa, Bossaudade, Ensaio geral e outros) consolidaram uma nova linguagem musical, com Elis Regina e Jair Rodrigues, agradando o gosto musical de boa parte do público de rádio, lançado em 1965. No mesmo ano, *Bossaudade* com Eliseth Cardoso e Ciro Monteiro, e *Jovem Guarda* com Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia. Em contrapartida, o programa da Jovem Guarda atingiu seu auge em 1966, com um rock considerado ingênuo e próximo da revolução dos *Beatles*⁷²⁸.

Os festivais de canção em programas de televisão agitaram parcela da sociedade brasileira entre os anos 1966 e 1968, possibilitando maior alcance da arte engajada, uma vez que a televisão se tornou um veículo de massa, suplantando a importância do rádio como principal meio de comunicação nas grandes cidades brasileiras. Nesse período, o governo deu início a uma política econômica de crescimento, estimulando o consumo de um segmento da classe média, por meio de créditos a juros baixos⁷²⁹.

No que tange à diversão dos jovens descolados, esta se pautava em um conjunto de práticas de lazer e prazer adequadas ao regime vigente, assim extrapolavam seus limites ao máximo quando esbarravam nos Festivais Musicais que tratavam da Música Popular Brasileira

⁷²⁷KAMINSKI, Leon Frederico. **A Revolução das Mochilas:** contracultura e viagens no Brasil Ditatorial. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense -UFF, Niterói, 2018.

⁷²⁸ Ao longo dos anos 1950, a TV permaneceu como novidade, extravagância acessível apenas aos mais ricos. Desde 1962, os videotapes emergiam como novidade, a edição dos vídeos da TV ganhou recursos e aprimoramentos para gravar programas feitos ao vivo, tanto que as verbas para a publicidade destinadas à TV ganharam um aumento de 20%, as novelas ganhavam audiência. Ver: NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira:** utopia e massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001.

⁷²⁹ NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira:** utopia e massificação (1950-1980). São Paulo: Contexto, 2001.

(MPB), como demonstra *O Cruzeiro* em matéria que informava sobre os festivais mais tradicionais que haviam iniciado em 1958, com uma disputa entre o samba e a bossa nova, e trouxeram revelação de artistas e valores reais para o gosto popular, que seriam: Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Edu Lobo, Nara Leão, Torquato Neto, Carlos Paraná, Marcos e Paulo Sérgio Vale, Egberto Gismonti, Geraldo Vandré, Toquinho, Aldir Blanc, Paulinho Tapajós, Luiz Gonzaga Junior, entre outros⁷³⁰.

De forma semelhante, os órgãos de espionagem do Brasil investigaram nos festivais de música *soul* e suas raízes partidárias, bem como suas possíveis articulações com um movimento político mais amplo e identitário, agenciado em festivais musicais como o Black-Bahia e o Black-Rio⁷³¹. O periódico marginal *O Pasquim* informava seus leitores sobre o movimento musical Black-Rio com forte tendência norte-americana, representado pela caricatura de um jovem negro bailando e cantando, imitando sotaque inglês “Came riri”, ao passo que os policiais se questionam: “Por quem você gostaria de ser montado?”, “Qualquer um que relinche baixo”, rebaixando a categoria dessas pessoas a cidadãos de segunda categoria, como se fossem animais de carga. A matéria informava sobre o império do Black-Rio em pleno coração da Rocinha, associando inclusive o grupo a uma categoria de “Seita Black-Rio”, tamanho desconhecimento sobre o tema e o que representavam as suas canções⁷³².

A somatória desses fatores culturais e sociais informa muito da *Revolução dos Costumes* percebida nos encontros dos festivais alternativos como uma contestação aos valores morais da burguesia, pautados na elaboração de um homem provedor, centrado na família e no trabalho. Somado a isso, paulatinamente, o movimento identitário negro e homossexual emergia como parte de um desdobramento da *Revolução Sexual*, no que se refere às pautas consideradas injustas sobre a “métrica” e os parâmetros de moral e de bons costumes, e desdobramento de uma *Revolução Social*, no que se refere ao desejo de transformação da realidade racista no Brasil.

Em 22 de junho de 1977, o SNI informou sobre a informação do *Movimento-Musical Black-Bahia* e a propagação do movimento negro para os Estados do Nordeste⁷³³. O Movimento Black-Bahia organizou um *Festival de Arte e Cultura Negra* de Salvador/BA, por iniciativa do

⁷³⁰ O texto de Francisco Duarte Silva informava que a historicidade desse movimento de festivais perpassava as músicas de protesto em 1964, atravessando a rebeldia dos costumes no surgimento da “jovem guarda”, em 1965, tributária do “ye-ye-ye” de 1960 e do rock de 1955. Ganha notoriedade, em 1967, o Tropicalismo, e a canção “Alegria Alegria”, enquanto que em 1969, a música “Caminhando”, e que o período entre 1970-1973, os artistas da música popular brasileira tentaram um som universal. Ver: CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1979, ed. 08, pp. 20/23

⁷³¹ DUNN, Christopher. Black Rio: a contracultura negra dos anos 70. In.: KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

⁷³² PASQUIM, Rio de Janeiro. 1977, ed. 423, p.71.

⁷³³ BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_76109622_D0003DE0004.

Departamento de Cultura da Universidade de Geórgia, Atlanta, EUA, tendo sido coordenado por Marjorie Peters Boues e Jimmy Lee, ambos da diretoria da Companhia de Turismo *Under Sen Travel Services*, também responsável pelo festival de arte negra na Nigéria. O festival tinha um caráter de integração entre a arte negra brasileira e norte-americana, sendo proibidos debates sobre a situação do negro⁷³⁴.

Em 16 de julho de 1977, no Clube Corinthians Paulista, foi realizado o *1º Festival de Música Black de São Paulo*, com aproximadamente dez mil jovens. Segundo as fontes, quando se iniciaram as apresentações, Gerson King Combo, que se autointitulava “Rei dos Black's”, disse que “os brancos estavam querendo boicotar” sua apresentação naquele Show e que os “brother's” tomassem cuidado com eles, referindo-se à dificuldade de sua banda “black” conseguir emprestada a aparelhagem de som⁷³⁵.

Na perspectiva da espionagem brasileira, o *Movimento Black* se originou nos Estados Unidos da América com uma maior penetração na música negra “soul”, que através das multinacionais da música, penetrou em todos os países com população negra jovem, que é o caso do Brasil. Por intermédio da *Companhia Brasileira de Discos-Fonogram* (CBD), subsidiária do grupo Phillips, o grupo sentiu que poderia lançar o Movimento Black no Brasil, através de um cantor negro que atingisse os seus objetivos, que eram garantir o Mercado Brasileiro para a música “Soul” estrangeira, e atingir setores nacionais ainda não definidos no gênero⁷³⁶.

Segundo os órgãos de investigação, o *Movimento Black* estava surgindo em Salvador/BA, onde foi lançado oficialmente para servir de ponte para propagação em todos os estados nordestinos, uma característica expansionista que poderia ser associada inclusive a uma tática de guerrilha. Além disso, para o órgão de espionagem do Brasil, apesar das declarações do responsável pelo Black-Bahia, a relação entre a música, a produção de festivais e a tomada de consciência de classe-raça-gênero como marcadores sociais da diferença demonstravam fortes conexões com um modo de estabelecer resistência e não-submissão ao Estado Ditatorial⁷³⁷. No que tange a uma identidade de homem negro, sujeito atravessado por marcadores da diferença de raça, de classe, de gênero e de sexualidade, há predominância de

⁷³⁴ Consta do SNI que o Black-Bahia adota o uso de nomes e de indumentárias do negro americano, ao contrário do Black-Rio, que pretendia não se radicalizar em suas posições musicais não se limitando, apenas, à exploração do gênero musical *soul*, procurando se enraizar nas manifestações musicais comprovadamente brasileiras. O dossiê informava que o grupo musical buscava se diferenciar da linha Norte-Americana, pois o *Soul* buscava explorar o antagonismo racial daquele contexto do norte global procurando identificar um grupo de resistência ao poder. Ver: BR_DFANBSB_VAZ_0_0_24959_D0001DE0001.

⁷³⁵ BR_DFANBSB_VAZ_0_0_24959_D0001DE0001.

⁷³⁶ BR_DFANBSB_VAZ_0_0_24959_D0001DE0001.

⁷³⁷ BR_DFANBSB_VAZ_0_0_24959_D0001DE0001.

discriminação em razão do tom de pele e características afrodescentes, que alteravam as percepções acerca do mundo que os cerca e de si mesmos⁷³⁸.

Nesse ponto, a formação de movimentos identitários e de grupos afirmativos de homens negros reivindicava o direito a uma vida digna nos Estados Unidos, o que preocupava alguns agentes do SNI, pois, enquanto o surgimento do movimento de negritude brasileira poderia ser direcionado para uma valorização dos aspectos culturais, no sentido de reforçar uma Democracia Racial, os grupos estadunidenses tinham características mais belicosas para enfrentar a discriminação racial. Assim, o SNI investigou a temática do racismo, a partir da organização política desses grupos, mas, sobretudo, a partir da infiltração da música *soul* norte-americana, misturando os estilos, os jargões, expressões e gírias.

O SNI informou, em seu dossiê, que o movimento em sua perspectiva histórica, explora o antagonismo racial, através da revisão da história do negro, ao utilizar personalidades históricas como Chica da Silva, Zumbi, Quilombo dos Palmares, entre outros. Informa também que adota indumentárias à africana, e seu mais antigo ativista era o sr. Abdias Nascimento que atuou desde 1930, quando criou a Frente Negra Brasileira - FNB, e em 1978, permanecia provocando autoridades na Praça Ramos de Azevedo, em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, em uma concentração popular para protestar contra a discriminação racial⁷³⁹. Logo, o SNI considerou ainda que o problema estatal da questão racial se agravou pela interferência de dois fatores: a presença de Abdias Nascimento e a criação do *Movimento Nacional para a Luta Contra a Discriminação Racial*, incentivado por elementos subversivos da Liga Operária, configurada em termos do Partido Socialista dos Trabalhadores (PST).

Nesse período, a reverberação de atos políticos de contestação, tal qual as greves e a formação de grupos partidários expressavam uma busca por uma mudança social profunda e coletiva, mais do que um tímido projeto de vida individual. Logo parte das pessoas engajadas passaram a convergir interesses e articular seus projetos em debates, rodas de conversas e periódicos em comum, tornando possível refundar uma resistência conectada ao contrapoder.

Nessa convergência, as greves dos trabalhadores começam a unir forças com o emergente Movimento Negro Unificado (MNU), o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), entre outros grupos, em razão de um conjunto de discriminações compartilhadas pela

⁷³⁸ Pacto da branquitude arituclado ao pacto cis-heteronormatividade, ver: PFEIL, B. L.; PFEIL, C. L. O pacto narcísico da cisgeneridade. **Revista Estudos Transviades**, 2023.

⁷³⁹ Além disso, o SNI identificou uma movimentação de Abdias Nascimento em 15 de agosto de 1978, na Livraria Muro, em Ipanema/RJ, ao lançar seu livro *O Genocídio Do Negro Brasileiro - Processo De Um Racismo Mascarado*, da editora Paz e Terra, com prefácio do comunista Florestan Fernandes. Ver: BR_DFANBSB_VAZ_0_0_24959_D0001DE0001.

experiência violenta em relação à identidade negra, homossexual e pobre, que emergia predominantemente de forma velada na sociedade. Por exemplo, em 1978, quando alguns jovens negros foram impedidos de usar a piscina do Clube de Regatas Tietê, de São Paulo, somente em razão da tonalidade da pele. Em razão disso e alguns acontecimentos similares, em 09 e 10 de setembro de 1978, o Movimento Negro Unificado (MNU) realizou o encontro de quase duas mil pessoas, nas escadarias do Theatro Municipal de São Paulo, para ler e distribuir o panfleto com a Carta de Princípios do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial⁷⁴⁰.

Imagem 106: MNUCDR (à esquerda); Grupo Adé Dudu (à direita).



Fonte: BR_DFANBSB_Z4_REX_IBR_0009_D0001DE0001, P. 134; GRUPO ADÉ DÚDÚ, 1981, capa.

A primeira imagem, à esquerda, corresponde à *Carta de Princípios do Movimento Negro Unificado*, que conclama os representantes da raça a lutar em defesa do povo negro em todos os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. O Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCDR) permaneceu reunido em caráter sigiloso, não sendo permitida a entrada de elementos estranhos⁷⁴¹. Enquanto na segunda imagem, à direita, trata-se do jornal alternativo do grupo *Adé Dúdu*, em 1981, enfatizando o cruzamento de duas identidades políticas, negros e homossexuais⁷⁴². Apenas, posteriormente, a especificidade da interação homoerótica entre homens negros foi evidenciada pelo grupo ao realizar uma pesquisa de campo com homens do circuito, constatando que alguns homens negros se sentiam valorizados por atributos específicos, tamanho do pênis e ausência de afeto romântico por homens brancos⁷⁴³.

⁷⁴⁰ BR_DFANBSB_Z4_REX_IBR_0009_D0001DE0001.

⁷⁴¹No dia 20 de novembro, elaboraram um ato de revisão histórica referente a Zumbi, bem como a apresentação e aprovação de um cartaz, confeccionado por São Paulo, com os seguintes dizeres: "Zumbi - 1695 - 1978 - MNUCDR - Contra A Discriminação Racial - Contra A Repressão Policial", entre outras coisas.

⁷⁴²Em 14 de março de 1981 nasce o *Adé Dúdu*, fruto de um grande período de articulações e discussões, reunidos em um sábado à noite assim estava concretizada aquela ideia da luta contra o racismo, à eliminação do preconceito dirigido ao homossexual negro e o apoio a todos os oprimidos, ficando assim evidente a intenção de, atacando o específico, lutar contra a opressão geral.

⁷⁴³GRUPO ADÉ DÚDÚ, 1981, p. 23

Para o MNUCDR e para o grupo Adé Dúdú, o Mito da Democracia Racial brasileira camufla a realidade de exclusão e violência vivenciada pelas populações negras, que foram historicamente preteridas em direitos sociais, econômicos e políticos. Logo funciona como uma ferramenta ideológica que silencia as denúncias de racismo e impede a construção de políticas efetivas de combate às desigualdades⁷⁴⁴. No mesmo sentido, a luta das mulheres negras deve ser o ponto de partida para a construção de um feminismo verdadeiramente inclusivo, que dialogue com as demandas concretas das mulheres afro-latino-americanas e que seja enraizado nas práticas cotidianas das mulheres negras, alinhado às suas demandas concretas e capaz de construir estratégias efetivas de transformação social⁷⁴⁵.

Nesse contexto, Gonzalez propõe conectar as experiências das mulheres negras latino-americanas com as marcas históricas do colonialismo, indo além das fronteiras nacionais e insere o feminismo negro em um contexto regional, apontando como a colonização forjou sistemas de opressão que ainda hoje estruturam nas desigualdades sociais, raciais e de gênero. Essa perspectiva decolonial reflete uma ruptura com a centralidade dos paradigmas europeus e norte-americanos no campo teórico, valorizando as experiências e saberes produzidos por mulheres negras em diáspora. Ela argumenta que o feminismo negro precisa ir além das fronteiras nacionais para articular as demandas das mulheres negras em toda a América Latina, construindo uma luta coletiva contra o racismo e o patriarcado⁷⁴⁶.

O jornal do *Movimento Negro Unificado* e o jornal produzido pelo *Grupo Adé Dudu* evidenciavam que homens declarados negros e gays estavam reivindicando uma vida sem discriminação, evidenciando os atravessamentos que incidem sobre o corpo e engendrando um desliz na operação de fabricação das masculinidades. A questão-chave não diz respeito à “diferença” em si, mas a quem define a diferença, assim como diferentes categorias de mulheres são representadas dentro dos discursos da “diferença” e se a “diferença” diferencia lateral ou hierarquicamente. Ademais, o conceito de diferença se refere à variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e resignificados. Algumas construções da diferença, como o racismo, postulam fronteiras fixas e imutáveis entre grupos tidos como inerentemente diferentes. Mas a diferença não é sempre um marcador de

⁷⁴⁴DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

⁷⁴⁵Sua crítica ao feminismo hegemônico se coaduna o debate sobre interseccionalidade, articulado posteriormente por Kimberlé Crenshaw, ao afirmar que a opressão racial e de gênero deve ser compreendida de forma indissociável, ver: CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

⁷⁴⁶GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios e Márcia Lima (orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hierarquia e opressão, é também relacional, contingente e variável. Portanto, é uma questão contextualmente e contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política⁷⁴⁷.

Assim, o entrelaçamento do MNU com o MHB tornou possível uma articulação de diferenças culturais identitárias híbridas, em que há uma intensa negociação nesses “entre-lugares”, lugares de negociação em andamento, debatidas nos jornais alternativos e nos grupos que se formavam em diferentes aspectos da vida social⁷⁴⁸. Por exemplo, segundo o Grupo Adé Dúdú, os “homossexuais brancos” discriminam os “homossexuais negros” de várias maneiras, “bicha preta é o fim!” ou “além de preto, bicha!”⁷⁴⁹. Dessa forma, o discurso da negritude e da homossexualidade como uma força identitária a partir da afirmação da diferença entre grupos de homens parecia ser uma alternativa viável para reivindicar mudanças sociais ao buscar romper com o discurso do sujeito universal masculino-viril-branco-heterossexual, incluindo dentro da comunidade homoerótica. Isso porque estas categorias eram pensadas conectadas e organizadas de modo coeso, quando demonstravam ser permeadas por relações mais complexas, haja vista que, no interior desses movimentos, outras separações iam sendo elaboradas.

Em suma, dentro do contexto dos anos 1960 e 1970, no Brasil, o potencial democrático das festas alternativas, como o *Festival de Águas Claras* e os *Festivais do Black-Bahia*, apesar de vigiados pelo SNI, demonstraram o impacto dos movimentos contraculturais, bem como a pluralidade cultural em diferentes nuances. Além disso, também indica que apesar da influência estadunidense com o *Woodstock* e com os *Panteras Negras*, assim como das práticas políticas adotadas no Regime Civil-Militar, em nome de uma suposta igualdade totalizante⁷⁵⁰, nada foi suficiente para impedir a existência de momentos disruptivos, festivos e singulares no Brasil, do período em estudo.

4.5 SANGUE EM EBULIÇÃO

A dimensão do ato homoerótico no Brasil foi mapeado desde tempos longínquos, quando de passagem no país, o historiador holandês Gaspar Von Barlaeus, em sua crônica *Rerum per Octennium in Brasilien*, publicada em 1660, sobre a ocupação holandesa no

⁷⁴⁷BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376.

⁷⁴⁸BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. Ufm, 2001.

⁷⁴⁹GRUPO ADÉ DÚDÚ, 1981, p.5.

⁷⁵⁰GAUER, Ruth M. Chittó. Da diferença perigosa ao perigo da igualdade Reflexões em torno do paradoxo moderno. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 5. n. 2, 2005.

Nordeste brasileiro informou que não existe pecado do lado de baixo do equador, ao estabelecer uma conexão entre pecado e imoralidade à ideia de um Éden tropical⁷⁵¹. Da mesma forma, séculos depois, os jornais homoeróticos dos Estados Unidos evidenciavam a experiência brasileira articulada a uma extrema liberação, remetendo a ideia de uma carnavalização do mundo e liberação sensual de corpos tropicais.

Nem todas as performances artísticas eram vigiadas, censuradas e punidas. Mas, apesar de não ser punido ou alvo de vigilância pelo SNI, esta performance dissidente, frequentemente surgia nas páginas de revistas, relacionada a um local ameaçador às instituições sociais fundantes da classe mais conservadora brasileira, posto que confundia as barreiras do sistema sexo-gênero-desejo. Assim, quando surgia entre rumores e murmúrios, apontavam-se suas características supostamente dissidentes.

Imagem 107: *Carnival in Rio* (à esquerda); Carnaval dos enxutos (ao centro); Enxutos pulando as grades (à direita).



Fonte: BRASIL. Sistema Nacional de Informações. Relatório. [S.l.: s.n.], [Gay Sunshine, p.4]. Código de referência: BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0300. Disponível em: <https://arquivonacional.gov.br/> Acesso em: 1 set. 2024; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1963, ed. 568, p. 75/77.

A imagem capturada pelas lentes do fotógrafo brasileiro Alair Gomes evidenciou o desbunde de alguns homens ao curtir o carnaval no Rio de Janeiro, em uma matéria inteira de imagens pelo Rio de Janeiro e circulada nos Estados Unidos, reportagem com o tema *The Carnival in Rio*, através do jornal homoerótico *Gay Sunshine*, algo que foi espionado por agentes do SNI, encaminhado em um dossiê confidencial considerado subversivo para as demais deliberações do Estado. A *Gay Sunshine* evidencia que as revistas homoeróticas internacionais investiam em uma micropolítica de afeto, cruzando os elementos do cotidiano político na elaboração de um material homoerótico, demonstrando um repertório variado sobre festas e destinos turísticos, além de diferentes práticas de prazer entre homens, demonstrando

⁷⁵¹PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: editora Best Seller, 1991.

que o circuito de desejo homoerótico não encontrava fronteiras (territoriais, idiomas, classe social, raça/etnia, etário) mesmo que em um regime ditatorial⁷⁵².

As imagens acima evidenciam o carnaval brasileiro com contornos eróticos considerados dissidentes, por exemplo o baile dos enxutos de 1963, reuniu cerca de seis mil pessoas no Teatro do Recreio, no Rio de Janeiro, rapazes “alegres” foram notícia ao enfrentar uma multidão de pessoas. Na narrativa da *Manchete*, os rapazes “alegres” organizaram sua folia, batizando como “Baile dos Enxutos”, um evento que parecia caótico, pois apesar das regras, a animosidade de algumas pessoas podia envolver um grupo de pessoas a uma força de contágio disruptiva sobre os códigos de gênero-sexualidade-desejo, pois, o evento não permitia “travestis”, mas isso não intimidava alguns “enxutos” que entravam à paisana e trocaram de roupa no camarim. A revista informou que as “pessoas travestidas” não pulavam o carnaval, pois eram muito elegantes, chegando ao seu auge, com a realização de concursos de fantasias, com aplausos e torcidas⁷⁵³.

Nesse período, o contato com coisas consideradas subversivas ou um ídolo musical era capaz de alterar o estado de percepção sobre a realidade, levando o corpo a um estado fora de controle. Nesse ponto, a performance de desejo movimentava uma intensa efervescência artística e cultural, para além da música, do cinema, da circulação de jornais alternativos, de periódicos, de folhetins, de poesias, de filmes e de peças de teatro, mas também nas formas variadas de brincadeiras, nas sociabilidades e nas práticas de prazer, entre tantas outras formas de fruição.

Imagem 107: Gritar e gemer (à esquerda); Arrancar os cabelos (ao centro); Provocar desmaios (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. 1978, ed. 1362, p. 57.

As três imagens acima correspondem à reportagem da *Manchete*, de 1978, em que algumas mulheres não aguentaram a pressão e puxaram os próprios cabelos, oferecendo-se ao cantor Sidney Magal. Segundo a revista, em Santo Amaro, São Paulo, uma multidão ficou frenética diante do ídolo e muitas mulheres gritaram, espernearam e desmaiaram.

⁷⁵²DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

⁷⁵³MANCHETE, Rio de Janeiro. 1963, ed. 568, p. 77

Simultaneamente, o cantor estimulava o público em seu espetáculo ao esfregar seu lenço vermelho no corpo e atirando-o sobre as fãs⁷⁵⁴.

No que se refere ao comportamento dos demais homens, a *Manchete* informou que os homens “mal-amados” atiravam garrafas e insultos violentos. Conta que, certa vez, uma multidão de homens que nunca viu, gritava “Bicha, bicha” e atiravam baldes de água. Enquanto isso, os editores da *Manchete* se referiam a Sidney Magal como o Elvis Presley Tropical, descrito como “sólido como um gladiador romano”, de cabelos negros e soltos que lembravam um “rei bárbaro”, afirmando que o cantor ficou famoso por mostrar a segmentos da sociedade que fora das condições normais de temperatura e de pressão, Sidney provocava o fervor do sangue de mulheres “que gostam de um homem meio gay”, com colares de ouro, adornos, pulseiras e anéis⁷⁵⁵.

Ademais, a *Manchete* informava que os guias turísticos estavam com dificuldades para explicar aos clientes estrangeiros, no Rio de Janeiro, o que acontecia no carnaval brasileiro, pois também estavam boquiabertos. Dessa forma, o turismo articulou o desejo erótico, com a atmosfera considerada “exótica” o suficiente para fazer abrir a boca, segundo as revistas do período. Em todo caso, o contexto brasileiro mesclava permissividade e autoritarismo. Em alguns casos, como no show do Sidney Magal e no carnaval brasileiro, o universo das masculinidades viris foi se constituindo em meio a uma atmosfera repressiva, ao mesmo tempo que excitante, diante de um interdito que poderia representar mais do que uma regra a ser seguida, mas, em vez disso, a ideia de desafio, tal qual um convite à transgressão, o que implicava em um conjunto táticas dissolvidas em práticas de prazer e de lazer como assistir a filmes clandestinos. Esses pequenos prazeres culpáveis eram vigiados por uma parcela de homens que faziam a censura ser parte da realidade social.

A Ditadura Civil-Militar consolidou a atividade censória com o AI-5 e passou a agregar a censura política em 1964. A censura teatral atuou tanto nos Estados quanto em Brasília, oferecendo possibilidades a quem desejava submeter as obras à censura, de acordo com a portaria n.º 11, de 1º de fevereiro de 1967, seguidos pela lei 5.536 de 21 de novembro de 1968. Assim, até o golpe de 1964, o SCDP buscou cumprir sua missão de guardião da moral e dos bons costumes, não desligado do processo político. A partir de 1968, passou a superdimensionar o projeto das obras censuradas, para se transformar em 1972 em DCDP⁷⁵⁶. Apesar disso, o

⁷⁵⁴ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1978, ed. 1362, p.59

⁷⁵⁵ MANCHETE, Rio de Janeiro. 1978, ed. 1362, p.59

⁷⁵⁶ Na ditadura de Vargas, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) centralizou as funções de censura, assumindo monopólio de informação, foi centralizado em Brasília no período de 1962 a 1967. Ver: GARCIA,

autoritarismo estava presente na sociedade brasileira desde antes da suspensão de direitos e garantias com o AI-5. O controle do noticiário político se tornou rotina, fazendo com que as redações de jornais vivessem em clima de “terrorismo” mesmo antes da aprovação, em 1970, da censura prévia à imprensa. No âmbito do serviço público, a prática da censura política se orientou pelas diretrizes da comunidade do Ministério da Justiça e do DPF como também por determinações da comunidade de informações e de autoridades políticas.

Em 1964, houve o reaparelhamento de fortalecimento da censura. Ao mesmo tempo o governo militar apoiou a construção da indústria cinematográfica no Brasil com a criação de organismos de apoio ao cinema como o Instituto Nacional de Cinema (INC), o Conselho Nacional e Cinema (Concine) e a Empresa Brasileira de Filmes S/A (Embrafilme), que estimulavam o setor e que coexistiam com a censura. Inclusive, o idealizador da Embrafilme foi o presidente da INC, posteriormente, seu diretor geral Durval Gomes Garcia, com o objetivo de que a empresa virasse uma colaboradora⁷⁵⁷.

Nesse sentido, os órgãos de espionagem consideravam que algumas canções, revistas e outros produtos culturais e artísticos faziam referência para um universo obsceno com propagandas de programas contrários à moral e aos bons costumes, considerando que tais publicações e exteriorizações estimulavam a licença, insinuavam o amor livre e ameaçavam destruir os valores morais da sociedade brasileira. Entre os livros censurados, em 05 de junho de 1975, estava o livro *Os Degenerados*, do autor Oliver Ruston, considerado subversivo por conter descrições de experiências sexuais com manifestações sadomasoquistas entre seus personagens, além do depoimento de um jovem casal de irmãos a um médico, que registrou suas experiências sexuais, com seus pais e com outros parceiros, motivo pelo qual a obra teria os valores fundamentais distorcidos. Para a Divisão de Censura de Diversões Públicas, era grave que seus leitores se enquadrassem numa faixa etária jovem, justamente, na época em que a personalidade do indivíduo se encontra em formação e que necessita de orientação e cuidados especiais, quer familiares, quer governamentais. O Ministro da Justiça, Armando Falcão, decidiu por proibir a circulação do livro *Os Degenerados*, da editora Carioca Livraria Editora

Miliandre. Censura, Resistência e Teatro na Ditadura Militar. In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs). **Censura no Brasil Republicano** (1937-1988): governo, teatro e cinema. Salvador: Sagga, 2021.

⁷⁵⁷ A Embrafilme teve três momentos importantes, o de sua criação em 1974, quando a empresa definiu os rumos do cinema nacional, o segundo momento de 1974 a 1985, conhecido nos anos dourados da Embrafilme, mérito da gestão do cineasta Roberto Farias, o terceiro momento de 1985 até sua extinção com governo Collor de Mello, 1990-1992. Ver: MARTINS, William. Disputa em Cena: os embates entre a censura e a Embrafilme. In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs). **Censura no Brasil Republicano** (1937-1988): governo, teatro e cinema. Salvador: Sagga, 2021.

Ltda., estabelecida no Rio de Janeiro, bem como apreensão de todos os exemplares expostos à venda⁷⁵⁸.

O ordenamento jurídico estabelecido para impedir a circulação desse material era a Lei de imprensa, lei n. 5.250, de 09 de fevereiro 1967, que regulava a liberdade de manifestação do pensamento e de informação, que inscreveu em seu art. 17, que ofender a moral pública e os bons costumes causava a pena de detenção, de 3 meses a 1 ano, e multa de 1 a 20 salários mínimos da região. Do mesmo modo, a *Lei de Imprensa* regulava as medidas que podiam ser tomadas para a apreensão ou a suspensão da circulação das publicações que incidam em tais delitos.

A censura prévia foi exercida de dois modos, ou uma equipe de censores se instalava permanentemente na redação dos jornais e das revistas, para decidir o que poderia ou não ser publicado, ou os veículos de circulação desses produtos culturais eram obrigados a enviar antecipadamente o que pretendiam publicar para a Divisão de Censura do Departamento de Polícia Federal, em Brasília. Na prática, isso foi inexecutável, uma vez que só em 1971 foram lançados no mercado 9.950 novos títulos, demandando um número incalculável de censores. Dessa maneira, a censura decretava que não seriam toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes, quaisquer que fossem os meios de comunicação. E caberia ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal, verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior. Dessa forma, o Ministro da Justiça detinha o poder para proibir a divulgação da publicação e determinar a busca e a apreensão de todos os seus exemplares. A distribuição, venda ou exposição de livros e periódicos que não tivessem sido liberados ou que tenham sido proibidos, após a verificação prevista nesse Decreto, sujeitava os infratores a responsabilidade criminal⁷⁵⁹.

Entre 1981 a 1984, a Solange Hernandez chefiou o Departamento de Censura às Diversões Públicas e foi caracterizada por alguns artistas como a “tesourinha”. No período em que trabalhou, a DCDP tinha 279 funcionários, sendo 87 lotados em Brasília e o restante espalhados pelos estados. Ao longo daquele ano, foram analisadas 56.877 letras musicais. Ao todo, acabaram vetadas 1.168⁷⁶⁰. Nesse momento, a diretora, entretanto, achava pouco e reclama da falta de dotação orçamentária própria e da carência de pessoal. E se explica de uma

⁷⁵⁸ BR_DFANBSB_NS_AGR_COF_ISI_0088_D0001DE0001

⁷⁵⁹ DA SILVA, Deonísio. **Nos Bastidores Da Censura**: Sexualidade, Literatura e Repressão Pós-64. São Paulo: Amarilys, 2009.

⁷⁶⁰ DA SILVA, 2009.

forma própria: “A DCDP é um órgão moderador entre a liberdade de criação e expressão dos artistas e criadores e o grande público receptor de suas mensagens”⁷⁶¹.

As letras musicais foram alvo de controle e de investimento social, seja pela abordagem política subversiva ou por uma subversão moral. O interesse da censura em práticas homoeróticas foi estabelecido em um primeiro momento, no sentido literal dos termos “homossexualidade”, “pederastia”, “sodomia” e “viado”, que eram vetados de pronto. Outras formas de censura eram estabelecidas com a interpretação do contexto, dos signos que poderiam representar para as subculturas homoeróticas e consideradas subversivas, como a sugestão de uma “prostituição masculina” e/ou “michetagem”.

No mesmo período e de forma semelhante à música aprovada de Jorge de Oliveira, a letra de Eleu Salvador Selbch narra um provável roteiro, só que pelo protagonismo de quem negocia o corpo, intitulada “Ipiranga Street”, onde o trecho “Só quer uma quina / Pra com sua mina / Sábado gastar/ Agora já casado/ Dormiu seu passado”⁷⁶². No que se refere à letra da música, os técnicos da censura apontaram “prostituição masculina” e “pederastia”, a partir de uma experiência homoerótica mediada em suas nuances, narrada enquanto passado de um homem já casado⁷⁶³.

O personagem da letra *Ipiranga Street*, em muito se assemelha ao filme “Embalos de Ipanema”, com o personagem Toquinho, que se envolve com um homem porque precisava de dinheiro, algo que se estabelece na comunidade homoerótica do período como uma narrativa erótica acerca da “verdade do desejo sexual”, e/ou a possibilidade de “subverter a ordem sexual desse corpo que se pode comprar”, uma vez que, mais do que negociar a fruição por um período temporário, o sujeito estaria vendendo o tempo e a dor do corpo, se pensado dentro de termos específicos (ou seja, uma pessoa supostamente heterossexual não teria possibilidade de sentir prazer), alimentado no imaginário erótico em amplos setores, considerado um filme para “entendidos” e colocado em visibilidade, com circulação amplamente publicada no periódico *Lampião da Esquina*⁷⁶⁴:

⁷⁶¹ BR_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_06756_d0001de0001

⁷⁶² Sexta-feira cedo deixa o bairro/ Suéter no braço / Qual gentil garçom/ Vai pra esquina / Descolar uma quina / Pra levar a menina / Num bailinho bom/ Na Ipiranga street/ Espera um convite / Sorrindo matreiro / Pros velhinhos garbosos / Mocinhos nervosos / Do passinho ligeiro / É o caubói da noite / O que não faz pernoite / Pra mãe não brigar (bis) / Só quer uma quina / Pra com sua mina / Sábado gastar / Agora já casado/ Dormiu seu passado / Diz que não se vende / Pra alguém de olho comprido / Sorri distraído / Faz que não entende. Ver: BR_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_10025_d0001de0001.

⁷⁶³ PERLONGHER, Néstor. **O Negócio Michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁷⁶⁴ *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ANÚNCIO, Um filme para entendidos. Nos embalos de Ipanema. ed. 11, abr. 1979, p. 08.

Assim, *Nos Embalos de Ipanema* foi um filme brasileiro de 1978, conta a história de Toquinho, um surfista relativamente pobre que morava no subúrbio do Rio de Janeiro, na companhia da mãe viúva e de uma irmã pequena e que ambicionava mudar de vida. No filme, o protagonista passava a maior parte do tempo na praia de Ipanema, na Pedra do Arpoador, motivado por Patrícia, uma menina rica. Para atender aos caprichos da moça, deixa-se seduzir por André, alguém considerado “homossexual” que negocia carinho em troca de uma viagem ao Havaí para um campeonato de surfe. No filme, a ambivalência sexual surge como um elemento de tensão erótica, mas informa também que um segmento da sociedade se estabelecia no regime de trocas, colocando o próprio corpo como uma moeda de fruição e, portanto, de capital.

O filme circulou sem maiores problemas com a censura, apesar da letra *Ipiranga Street* ter sido censurada e outros atos semelhantes ensejarem processos políticos na trajetória de alguns homens políticos e afins, que somados indicam que uma característica central na comunidade homoerótica era a própria dinâmica do mundo homoerótico em que os corpos poderiam ser utilizados como moeda de troca, assim como as aparências não determinam a previsibilidade das performances de gênero e de sexualidade⁷⁶⁵.

No que se refere à performance de masculinidade viril, a letra de Eleu Salvador foi censurada, em 1981, por vários motivos. A letra musical *Cheguei* não foi liberada, pois, supostamente, continha nítida “exaltação ao homossexualismo”, ao mencionar que toda forma de amor entre gêneros diferentes é válida⁷⁶⁶, e, em relação à letra musical *Por Dentro Por Fora*, por suposta “pederastia”, no trecho “Por dentro uma lady... / Por fora o machão”⁷⁶⁷. De modo similar, as letras informavam a existência de uma dualidade entre uma vida íntima privada e uma pública, que pode ser alvo de disciplina, notadamente, em relação à sociabilidade de homens com a linguagem permeada por códigos de virilidade. Dessa forma, a letra *Cheguei* mostra ambivalência de práticas sexuais e *Por Dentro Por Fora*, a partir da enunciação de um

⁷⁶⁵Parker destaca que a troca de serviços sexuais por dinheiro, presentes ou favores é uma forma comum de interação sexual, sem implicar necessariamente uma identidade sexual. Embora os modelos biomédicos ocidentais tenham historicamente associado desejo, comportamento e identidade sexual, pesquisas sociais e culturais mostram ampla diversidade de práticas, especialmente sob perspectivas histórica, intercultural e geracional. Ver: PARKER, Richard. Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

⁷⁶⁶“Cheguei Pra dizer meu recado/ Que eu estou a seu lado/ Pra o que der e vier/Cheguei/Pra falar que no amor/Vale seja quem for/Homem ou mulher” ver: BR_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_10025_d0001de0001.

⁷⁶⁷ Eu não sou um, eu sou dois/Na briga feijão/Na festa arroz / Por dentro sou um, por fora sou outro / Por dentro sou corça / Por fora sou potro / Por dentro açúcar, por fora limão / Às vezes mamão.../ Assim é o machão / [...] / Com a esposa, em casa, ele briga, escorraça / No bar com o colega / Conversa e abraça / Por fora aguardente, por dentro licor/ Por fora uma águia, dentro beija flor / Odeia novela, só curte o timão/ Por dentro uma lady... / Por fora o machão. Ver: BR_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_10025_d0001de0001.

“machão” que exercia uma performance diferente no âmbito da sociabilidade masculina e outra com a parceira, uma esposa⁷⁶⁸.

O diretor da divisão de censura José Vieira vetou as letras por considerar que tais enfoques são feitos de maneira explícita, por vezes grosseira e maliciosa, tornando as referidas composições musicais inadequadas ao veículo de divulgação⁷⁶⁹. Assim, o discurso da Ditadura Civil-Militar era no intuito de tentar formar a ideia de uma identidade única do sujeito, implantar uma noção de moral e bons costumes incorpora à carne e que adentra a esfera pública e a privada, de modo a formar homens moldados à heteronormatividade.

Assim, as condições históricas que tornaram possível a censura de letras musicais pelo fato de estabelecerem referências à práticas homoeróticas, revela também um desejo de excluir a diferença, de higienizar o corpo sexual e moldar um corpo social generificado, além de tentar organizar as diversões públicas da cidade dentro de parâmetros de masculinidades domesticadas, tuteladas, que imprimissem um ideal de bravura, coragem e desempenho. Entretanto, apesar de censuradas, a censura não alcançava todos os produtos culturais e artísticos supostamente subversivos, colocando muito do mal-estar na dinâmica do mercado.

Neste momento, parcela da sociedade civil e instâncias do Estado Ditatorial, conjuntamente, investiram esforços em mecanismos de saber-poder, para descobrir a verdade dos sujeitos, seus segredos e suas perversidades, em um misto ambivalente de abjeção e de desejo⁷⁷⁰. Então, direcionavam-se esforços para identificar, vigiar, punir a personificação do mal, uma vez que tenha profanado instituições dadas como sagradas, como a união entre o homem e a mulher, implícita da heteronormatividade e a idealização do homem como viril, forte e potente, distante de qualquer aspecto tendencioso de feminilidade. Curiosamente, às vezes, julgado por mulheres, como D. Solange, indicando que estas também poderiam ser aproveitadas pela Ditadura Civil-Militar para construir ideais de masculinidades.

⁷⁶⁸ O pedido foi indeferido quando a sociedade empresária Mickael Músicas e Prod. Ltda., juntamente com advogados, apresentou à censura, em 28 de setembro de 1981, diversas canções para análise. As letras submetidas incluíam: Cheguei, Menine, Malícia, Por Dentro Por Fora, Na Paz dos Anjos, A Transformação, Fotografando, Bonequinho de Luxo, O Convite, Ipiranga Street, No Dedilhar de Seu Amor, Coração de Louça, Duas Pedras, Tina e Amor Grande Demais. Entre as músicas vetadas pelo compositor estavam Malícia, por sugerir relacionamento sexual; Coração de Louça, por relatar a vida de uma prostituta com detalhes de suas atividades; e Na Paz dos Anjos, por conter descrição de um ato de masturbação, entre outras. Ver: BR_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_10025_d0001de0001.

⁷⁶⁹ BR_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_10025_d0001de0001.

⁷⁷⁰ Em 1945, por meio do Decreto-Lei nº 8.462, foi criado o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP). Posteriormente, em 1972, esse órgão foi transformado na Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) pelo Decreto nº 70.665, sendo incorporado à estrutura do Departamento da Polícia Federal (DPF). Ver: GARCIA, Miliandre. *Censura, Resistência e Teatro na Ditadura Militar*. In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs). **Censura no Brasil Republicano** (1937-1988): governo, teatro e cinema. Salvador: Saggá, 2021. P. 67

A Ditadura Civil-Militar estendeu seus tentáculos para cercear a expressão homoerótica nas artes, nas peças teatrais, filmes, livros, jornais, danças e outras formas artísticas que envolviam uma fantasia erótica ou reflexão crítica. Entretanto, apesar dos obstáculos, diversos periódicos alternativos, nacionais e internacionais, exibiram um circuito homoerótico relativamente intenso entre homens que ocupavam diversas posições sociais, e predominantemente escondiam tais práticas por uma questão de aceitação social e de si, algo compreensível se lido pelo contexto dos discursos que davam existência a essas práticas⁷⁷¹.

Ademais, o aspecto contestatório de algumas letras musicais, filmes e demais produtos artísticos, eventualmente, se realizava diante de uma matriz supostamente inquebrantável de masculinidade que perpassava os locais de poder na sociedade, nos espaços públicos e empregos formais⁷⁷². Dessa forma, a dissidência à norma de gênero e sexualidade era transmitida como uma mensagem subliminar, entre o limite do dito e do não-dito em canções que retratavam as interações homoeróticas de modo ingovernável.

Certamente, o mercado audiovisual, as indústrias fonográficas, com empresários para pensar e elaborar a produção artística de algumas pessoas, com compositores à parte e advogados para permitir a parte burocrática da liberação das músicas eram apenas uma parte do problema dos embates que se poderiam travar. Fora desse parâmetro de atuação, a realidade ingovernável das letras das músicas era repassada facilmente, inventadas, refinadas, refundadas, fundidas continuamente em uma experiência musical orgânica, em diferentes lugares e regiões, em bares, botequins e festivais, não se podendo prever ou governar.

⁷⁷¹VIGARELLO, Georges. **O Sentimento de Si**: história da percepção do corpo. Editora Vozes, Rio de Janeiro: Petrópolis, 2016.

⁷⁷²CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo. N-versos, 2015.

5. PRAZERES ULTRAVIOLENTOS

A ideia da repressão sexual camuflou o refinamento e o requinte sádico do desejo violento, como oportunizou a Ditadura Civil-Militar no fato de poder-fazer sangrar, gemer, torturar, empalar, exhibir vísceras e esconder o cadáver, em um conjunto de ações promovidas lentamente, sem que quaisquer desses atos, separadamente considerados, remetessem à empatia de quem se percebia dominado por desejos ultraviolentos. Pelo contrário, o gozo em punir demonstrou seu caráter mais sombrio mediante os recursos do Estado de Exceção.

A Comissão Nacional da Verdade identificou 233 lugares onde ocorreram graves violações de direitos humanos, durante a Ditadura Civil-Militar Brasileira, onde cerca de vinte mil brasileiros foram submetidos à tortura, 1.313 militares expulsos das Forças Armadas, 191 mortos, 243 desaparecidos, apenas 33 ossadas foram localizadas até o presente, uma lista de violência que não se esgota, nem se pode mensurar em termos quantitativos⁷⁷³. Nesse ponto, o regime autoritário agiu em cooperação com outros países que buscavam estabelecer a segurança no Cone Sul, desde a instauração da Ditadura Civil-Militar, até os momentos em que a coordenação repressiva se encontrava no seu auge, como durante a Operação Condor na América do Sul⁷⁷⁴.

Este capítulo estuda a articulação da violência às diferentes demandas de desejo, punitivo e sexual, imersas e diluídas na sociedade civil e nas instituições do Estado Autoritário. De modo mais específico, busca compreender como a emergência de práticas contrassexuais, que, embora se articulem à violência ao sexo consentido (com práticas *hardcore* entre adeptos de subculturas fetichistas e sadomasoquistas), também estabelecem negociações que ampliam as perspectivas de gozo para os envolvidos. Assim, trata também das imbricações com o mercado sexual, o agenciamento de práticas em comum e a influência destes modos de lazer e de prazer - consentidos - como um princípio Democrático.

⁷⁷³ CNV

⁷⁷⁴ No final dos anos 1970, a população latino-americana era estimada em 400 milhões de pessoas, onde em torno de 270 milhões de pessoas estavam vivendo em Estados sob regimes ditatoriais, impostos por militares e/ou geridos por representantes castrenses. A aliança político-militar estabelecida em 1975, por representantes do Chile, da Argentina, da Bolívia, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai, região conhecida como Cone Sul, localizada no extremo meridional do continente, para unir seus aparelhos repressivos e neutralizar os opositores aos seus regimes autoritários. A aliança foi denominada Condor, em referência a ave tradicional dos Andes, da qual fazem parte também outros predadores como os abutres e urubus, considerada apropriada para uma operação que varreria grandes distâncias para fazer muitas presas. Iniciava ali uma caçada que, ao transpor fronteiras, ultrapassar limites e violar leis, transformaria em ‘carniça’ os dissidentes políticos. Ver: MARIANO, Nilson. **As Garras do Condor**. São Paulo: Vozes, 2003.

5.1. PACTOS CONTRASSEXUAIS

Imagem 109: Ultraviolência (à esquerda); Laranja Mecânica e Lambe botas (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro. CASTRO, Ruy. *A Laranja Mecânica: uma odisséia da ultraviolência* ed. 1049, p. 34-35, 1972.

Em 1972, a *Manchete* divulgou imagens do filme, a *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick, em uma sequência que evidenciava as aventuras de Alex, que com seus olhos vidrados para a câmera, com seu grupo enquanto dirige o carro e lambendo um sapato em demonstração de humilhação. O conjunto das imagens eram acompanhadas por uma matéria que descrevia o contexto do filme com a trajetória de Alex e seu grupo em um conjunto de aventuras ultraviolentas, ao passo que também exibe as tentativas de correção do líder considerado perigoso, submetido às instituições de correção adeptas de técnicas que incluíam até eletrochoques. Porém, sem sucesso de ressocialização.

O contexto cultural de rivalidade e beligerância estava intimamente articulado com a produção e o consumo do gênero violento, pois a arte utilizava a linguagem e os códigos sensíveis da sociedade de seu período, portanto, introduzia elementos da violência para entrelaçamentos diversos, inclusive criava condições para imaginar e antecipar uma ação⁷⁷⁵. Assim, de modo semelhante, em tempos autoritários como na Alemanha e Itália nazi-fascista, o sucesso de filmes do gênero *nazi sex exploitation* em que as representações totalitárias surgiam em um misto de erotismo e sadismo com outras figuras representadas como inimigo oposto e também objeto de desejo, entre vietnamitas, cubanas, coreanas e socialistas, em performances de exploração/dominação, punição, sangue e erotismo⁷⁷⁶.

A pornografia comercial, produzida exclusivamente para excitação, floresceu e os custos de impressão reduziram. Aos poucos, o material pornográfico foi progressivamente comercializado às diversas classes sociais para consumo, com temas diversos e de venda rápida,

⁷⁷⁵ SAXON, Timothy D., **The German Side of the Hill: Nazi Conquest and Exploitation of Italy, 1943 – 1945**. Tese de Doutorado em Filosofia, University of Virginia, 1999.

⁷⁷⁶ STIGLEGGER, Marcus. **Cinema beyond good and evil? Nazi Exploitation in the cinema of the 1970s and its Heritage**, 2011. Acesso em: https://www.academia.edu/36761713/Marcus_Stiglegger_Cinema_beyond_Good_and_Evil_Nazi_Exploitation_in_the_Cinema_of_the_1970s_and_its_Heritage. Em 12.02.2025.

com fotografias, palavrões e sem preocupação com a qualidade do material⁷⁷⁷. Logo possibilitou também a formação de subgrupos de consumidores e de uma demanda cada vez mais assertiva para o prazer, com a elaboração de fetiches cada vez mais específicos. Assim, o mercado sexual no Ocidente e em países do Norte Global mostrava que o sadomasoquismo e alguns fetiches se estabeleciam a partir de contornos mais harmônicos com o consentimento dos envolvidos nas práticas.

Nessas circunstâncias, os códigos de violência se inserem em amplos setores, a exemplo do sistema de justiça penal e da ciência médica da sexualidade, bem como no imaginário social de parte da sociedade civil que era estimulada por elementos culturais do cotidiano⁷⁷⁸. A violência das práticas em grupo de homens permanecera amplamente representada em produtos culturais e, paulatinamente, mais relacionada à noção de práticas sexuais e ao consentimento, permitindo perceber que as linhas de forças se conectam em outras dinâmicas, a exemplo da elaboração de jornais homoeróticos específicos para o protagonismo do sexo *hard* e suas subclassificações, o B/D e o S/M.

A formação de subculturas fetichistas promoveu a inclusão do *voyerismo*, do sadomasoquismo, da erotização de partes do corpo como bunda, pé, peitos, mamilos. Além da elaboração de fetiches em suor, em sangue, em performance de violências/humilhações, entre outras formas de fazer/ser/estar que se articulam ao universo singular das pessoas, suas crenças, seus valores e seus conceitos sobre como compreendem a norma, a transgressão e a fronteira entre ambas nas relações.

As revistas, os jornais, as músicas, os filmes, o cinema e outros produtos culturais ajudam a enxergar os valores permeados por opções subjetivas, objetivamente compartilhados⁷⁷⁹. Assim, a *Drummer*, a *Honcho* e outros jornais alternativos homoeróticos circulavam no território estadunidense divulgando os fetiches mais diversificados, conforme publicidade editorial que a sua leitura era uma obrigação para adeptos de práticas sexuais

⁷⁷⁷ HUNT, Lynn. Obscenidade e Origens da Modernidade. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia: obscenidades e as origens da modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

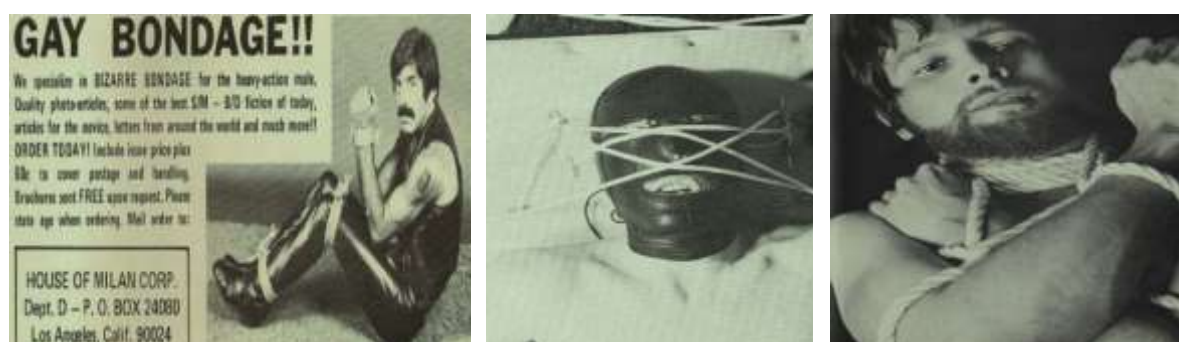
⁷⁷⁸ Para além do *Laranja Mecânica*, os filmes italianos do gênero “nazi sex exploitation”, de forma semelhante, evidenciam um período autoritário que flertou com um conjunto de práticas perversas, incluindo uma íntima articulação do objeto de desejo com o objeto abjeto, em que se misturam gozo e violência, a exemplo das representações cubanas, coreanas, socialistas que eram colocadas em um enredo de dominação sexual e sadismo. Ver: STIGLEGGER, Marcus. **Cinema beyond good and evil? Nazi Exploitation in the cinema of the 1970s and its Heritage**, 2011. Acesso em: https://www.academia.edu/36761713/Marcus_Stiglegger_Cinema_beyond_Good_and_Evil_Nazi_Exploitation_in_the_Cinema_of_the_1970s_and_its_Heritage. Em 12.02.2025.

⁷⁷⁹ MENEZES, Paulo. **À Meia-Luz: cinema e sexualidade nos anos 70**. São Paulo: USP, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP: Editora 34, 2013.

envolvendo uma performance ultraviolenta, uma vez que a temática girava em torno do sadomasoquismo, sobre *bondage* e *dominação*.

A performance erótica envolvida no *Bondage* e no Sadismo necessitava da teatralização da figura do dominador-dominado, formando assim o perfil de “submissos”, “escravos sexuais”, “slave”, que se complementa à performance dos “perversos”, dos “algozes” e dos “carrascos” que remetiam a uma elaboração semelhante aos papéis violentos e às práticas lidas como cruéis nos processos de desumanização e de escravização de corpos humanos, desenvolvidos sem a menor performance de empatia em relação ao corpo-objeto torturado⁷⁸⁰.

Imagem 110: Gay Bondage (à esquerda); B/D (ao centro); B/D (à direita):



Fonte: GAY BONDAGE. *Drummer Magazine*, San Francisco, ed. 4, p. 49, 1976; BONDAGE: na introductory, seductorycourse in thoseblessedtiesthatblind. *Drummer Magazine*, San Francisco, ed. 24, p.14-15, 1978; FICTION RIDER. *Honcho Magazine*, ed. 5, p. 47, 1979.

Em 1976, a publicidade homoerótica da *Drummer Magazine* investia nos estímulos de uma performance disciplinar e na dominação erótica, voltada à prática da submissão de bondage. A segunda imagem parte da mesma fonte, em 1978. A foto de David Sparrow expõe a prática da imobilização com um ensaio fetichista. Em 1979, a terceira imagem, com fotos de Mal Bernstein e Bill Irwin, revela o ensaio de *Bondage* publicado pela *Honcho Magazine*, com uma matéria explicando como a prática B/D usualmente associada à práticas carnais.

As práticas se complementam. O *Bondage* é caracterizado com o amordaçamento envolvendo cordas para imobilização da pessoa quase que totalmente, com o objetivo de submeter esse sujeito a uma relação em que represente um objeto sexual, com o devido consentimento. A Dominação é a prática que faz o desejo do submisso acontecer, dentro dos parâmetros do consentimento e da segurança. Assim, inserido no contexto do subgrupo fetichista, a perspectiva do sadomasoquista foi evidenciada com consentimento e possibilidade de gozo duplo, mesmo diante de uma performance “naturalmente” lida como cruel e criminosa.

⁷⁸⁰ ROUDINESCO, Elisabeth. **A Parte Obscura de Nós Mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Assim, algumas páginas de jornais homoeróticos mostravam em cores o desejo de submissão e cumplicidade a um modo de violência erótica.

Imagem 111: S/M (à esquerda); S/M (à direita).



Fonte: THE QUARTERS: the D.I. lays out na authentic trip for slaves and másters athis new academy. *Drummer Magazine*, San Francisco, ed. 24, p. 11, 1978; TORTUREBY CLOTHESPIN BY FLEDERMAUS. *Macth Magazine*, San Francisco, ed. 6, p. 16, 1983.

Em ambas as imagens predomina um modo de espetacularização da dor por meio de técnicas de fazer sofrer e de fazer gozar, com alicates, correntes e beliscões entre os participantes, quase sempre representado pela centralidade do submisso como a figura de objeto e elemento central da fotografia, enquanto a mão do algoz-carrasco-mestre surge elaborando as técnicas de dor para satisfação de todos. Dessa forma, a instrumentalidade do B/D e S/M compreendia técnicas específicas para os mestres e os dominadores/dominatrix, *switches* que exercem o papel de dominado e dominador, o escravo/submisso, vocabulário de poder específico para as circunstâncias. Diferentes técnicas e práticas, o *bondage* e o *spanking*, cordas, correntes, fios plásticos, fitas adesivas, espancamentos leves e fortes, fistação quando imobilizado, palmatórias e chicotes, música ambiente e rock *hardcore*⁷⁸¹.

Entre adeptos do B/D e S/M⁷⁸², estavam pessoas inseridas na cultura da comunidade homoerótica e que já estavam imersas em um meio permeado por estímulos de prazer em um conjunto de práticas sexuais com a promessa de um gozo duplo. O consenso era colocado em termos de pacto. Nesse acordo, possivelmente exista uma quantidade de sofrimento com valor

⁷⁸¹GADELHA, Juliano. **O Sensível e o Cruel**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.

⁷⁸² O termo BDSM surgiu em 1991, como um substituto dos termos SM, S/M, S&M, tendo em vista o estigma social que recaía sobre essas denominações dada a sua patologização. O significado desse acrônimo deve ser considerado em pares, uma vez que cada par se refere a práticas que se implicam, ou seja, BD significa Bondage e Disciplina; DS, Dominação e Submissão; e SM, Sadomasoquismo. O “B” significa bondage ou imobilização, que é realizada em geral com cordas, algemas ou correntes. A letra “D” refere-se à disciplina. “B” e “D” juntos relacionam-se a fantasias eróticas que envolvem castigos e punições e se ligam ao par “D” e “S”, que envolvem fantasias de dominação e submissão por meio de humilhação e violação. O “S” e “M” como referência ao sadismo e ao masoquismo, ou sadomasoquismo, que agrega atividades que se utilizam de dor para obter estímulos eróticos. Bruno Zilli, estudou a perversão domesticada a partir do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria, que tem por objeto o discurso de legitimação propalado pelos adeptos de BDSM acerca de suas práticas tidas como perversões pela Psiquiatria. Ver: ZILLI, Bruno Dallacort. **A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria**. Dissertação de mestrado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.

erótico, que se ultrapassado o valor se perderia, por isso a importância de “palavras de segurança” para encerrar a performance, evidenciando que a fantasia erótica também é uma construção que encontra certa estabilidade em uma relação que é contínua e permanente se considerarmos a variação do objeto sexual e as alterações na forma onde o prazer deveria ser obtido a partir de práticas não convencionais consensuais.

Nesse ponto, as relações de poder que decorre do espetáculo para o olhar do outro também é um suplemento de gozo e de satisfação, pois existe, nessa espetacularização das dores do corpo, uma sensação que não pertence apenas ao condenado individualmente, mas tinha propósitos políticos e religiosos para a reparação da comunidade. O gozo em punir os corpos também compartilha uma matriz de inteligibilidade em comum com a dinâmica do sistema penal e do monopólio de violência do Estado, pois a punição era igualmente utilizada com o objetivo de impor autoridade, com o uso da dor, do castigo e do espetáculo público, desde que perderam todas as suas amarras religiosas na segunda metade do século XVIII, contudo a atitude em relação ao sofrimento não mudou por causa do aperfeiçoamento médico no tratamento da dor. Alguns magistrados endossavam o sistema de punição de crimes e de castigos porque acreditavam que os culpados do crime só podiam ser controlados por uma força externa, na perspectiva de que essas pessoas não eram capazes de regular suas paixões⁷⁸³.

A emergência do sadismo e do masoquismo como práticas de prazer ultraviolentas surge como indício de relativa banalização de “perversões”, descrito em 1890 por Richard Von Krafft-Ebing, autor de *Psychopathia sexualis*, compreendendo essas derivações das práticas de desejo como um exagero de comportamento, no caso do sadismo articulado a um excesso de desejo masculino, e o masoquismo, uma tendência considerada feminina⁷⁸⁴. Ao mesmo tempo, informa que a influência do produto cultural de obras literárias como as novelas de *Sacher-Masoch* e de sua mulher, *La Glu de Richepin* ou obras líricas de *Johannes Wedde*, contribuiu para ebulição dessas práticas de prazer, pois ouvia essa conexão em relatos diretos de pacientes

⁷⁸³ HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁷⁸⁴ Poderes médico, policial e jurídico no século XIX disputaram o status da verdade sobre os sujeitos considerados homossexuais, não a partir de suas práticas, mas a partir da busca de uma essência para explicar o direcionamento de seus atos. Assim, ganhou destaque o jurista Karl Ulrichs, em 1864, que desenvolveu a ideia de que os homossexuais masculinos eram seres dotados de uma alma de mulher encerrada num corpo de homem, um terceiro sexo. O jurista Johann Casper, para quem a homossexualidade era como algo inato, um fenômeno dado nos testículos e no cérebro. O jurista Karl Westphal, para quem o instinto sexual era o causador do fenômeno, logo não poderia haver amor entre homens, pois partia de uma doença mental que precisaria de terapia, não repressão policial. O médico psiquiatra alemão, Magnus Hirschfeld, também homossexual e militante, defendeu as ideias de Karl Ulrichs. Posteriormente, Richard Von Krafft-Ebing trata como perversão, e Havelock Ellis, no XIX e no começo do XX, passa a abordar a questão a partir das teorias da sexologia e da emergente psicanálise. Ver: REVENIN, Régis. Homossexualismo e virilidade. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

sobre as técnicas que permitem fazer sofrer e instrumentos específicos, como os açoites, também popularizadas em bordéis do período⁷⁸⁵.

Nesse ínterim, a ciência sexual não funcionou como *ars erótica*, mas essa produção de verdade serviu para influenciar, intensificar e multiplicar prazeres intrínsecos a uma poética da crueldade, além do prazer da verdade do prazer, prazer de saber, exhibir, descobrir, cativar, capturar, arrepiar, confiar secretamente e afins. Em todo caso, a hipótese de um poder de repressão sobre o sexo se revela insuficiente dada a proliferação de discursos e constituição de dispositivos suscetíveis de prazeres, de forçar a confissão e, a partir dela, instaurar um sistema de saber legítimo e de uma economia de prazeres múltiplos⁷⁸⁶.

Nessa perspectiva, o discurso da punição e o modo de lidar com o sistema penal se entrelaçam com o saber médico para articular o pensamento de que a capacidade para infligir dor estava dentro de uma noção de virilidade e de um desejo irrefreado masculino, reforçando, paralelamente, a ideia de que uma mulher não poderia performar uma dominadora-algoz, representando objetos sexuais. Os homens seriam alocados no discurso mais intimamente voltado ao universo da dor desde alguns ritos de iniciação da fase adulta, em que para deixar a infância de menino precisavam lidar com alguma prova de resitência à dor⁷⁸⁷. Contudo, essa noção do discurso ruiu, em partes, na década de 1970, quando exibiu diversos jornais homoeróticos em que a representação feminina e masculina surge ocupando posições diversas, demonstrando a instabilidade das categorias de apreensão da vida que envolvem a relação sexo-gênero-desejo⁷⁸⁸.

A multiplicação das imagens sadomasoquistas e fetichistas incluía personalidades famosas da subcultura, como o vencedor do *Mister Leather International*, Val Martin, que se tornou mais um produto a ser consumido pelos jornais homoeróticos⁷⁸⁹, respondendo ao fluxo do mercado que deu centralidade a práticas mais variados de prazer:

Imagem 112: Val Martin (à esquerda); Mamilos (centro-esquerda); Pau de arara (centro-direita); *fetish Footnotes* (à direita).

⁷⁸⁵ MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente**: uma história de prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

⁷⁸⁶ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. V. I., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

⁷⁸⁷ Em determinadas culturas, os ritos de passagem da masculinidade visavam a garantir a transição da infância à idade adulta, de uma virilidade potencial a uma virilidade assumida. Os ritos comportam em Esparta, Creta e Atenas, um determinado objetivo em comum organizado em fases – marginalização, inversão e reintegração. Na primeira fase, os garotos são repelidos às margens, em Creta simulava-se um rapto, em Esparta eram conduzidos aos campos. Na segunda fase, o garoto se comporta ao inverso daquilo que se espera dele como cidadão, incluindo em alguns casos práticas homoeróticas. Na terceira fase, os garotos são reintegrados. Ver: SARTRE, M. Virilidades Gregas. In: CORBIN, A; COUTRTINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

⁷⁸⁸ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Col. Sujeito e História, 2015.

⁷⁸⁹ DRUMMER MAGAZINE, v. 3, 1975, p. 42;



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, v. 3, 1975, p. 42; HONCHO MAGAZINE, 1978, n 4, p. 18; DRUMMER MAGAZINE, 1975, v 3, p. 19; DRUMMER MAGAZINE, 1976, ed 6, p. 56.

Em 1975, o modelo foi eleito *mrs. Leather International* e ganhou destaque na *Drummer Magazine*, como habitualmente publicava, surgindo com uma calça leather preta, um chicote de adestrador, semelhante à fantasia de Zorro, além de um quepe por influência da polícia atuante do período, barba desenhada e utensílios da subcultura do couro. Ademais, a flagelação era considerada na Europa como o “vício inglês”, desde o século XIX, pois os castigos corporais nas escolas públicas e bordeis eram populares, empreendidos na dinâmica da punição, da pedagogia e do prazer. Contudo também a França investia em produtos especializados para casas de tolerância, oferecendo uma ampla gama de torturas sexuais: açoites com tiras de couro perfumadas, cordões de seda para amarrações, buquês de urtigas, longas agulhas, tiras com pontas de alfinetes, cordas, etc⁷⁹⁰.

A elaboração de fetiches antigos se funde à tecnologia para a reconfiguração das carnes que formam o corpo humano e que se inserem na dinâmica erótica e no mercado sexual, logo a elaboração de fetiches com partes específicas do corpo, como se não fizesse parte da inteireza do corpo, surge em jornais homoeróticos e jornais pornográficos específicos para um subgrupo sexual, cada vez mais nichado. Nesse ponto, alguns materiais e tecnologias para produz o corpo que uma dada encenação social, que uma dada performance e uma dada personagem nos exigem, seja para a conquista amorosa e sexual, e/ou um corpo para o trabalho, um outro corpo para a festa, para o culto e a oração, para uma multiplicidade de eventos e acontecimentos, que informam a inteligibilidade que os corpos são de passagem porque são fabricações circunstanciais, são produções voltadas para atender um dado contexto de ação e de enunciação⁷⁹¹.

⁷⁹⁰ MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente:** uma história de prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

⁷⁹¹ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de Passagem:** ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

O chicote e os elementos do couro levam à representação do sádicos a associação dessa imagem à práticas de dor e de violência antiga, articulada à brutalidade e à truculência da polícia e das Forças Armadas desde um longo período histórico, notadamente, quando o Estado tomou para si o monopólio legítimo de violência, investindo desde então em masculinidades intimamente relacionadas à crueldade como potência. No mesmo sentido, a máscara impede a relação que opera no olhar que é uma instância que retira ou confere valor entre sujeitos. Na relação com o outro mascarado existe a tentativa de uma relação de interação com um objeto, uma vez em que um permanece com a virulência do olhar, e o outro, não. Assim o contato face a face não pode ser estabelecido sem o recurso do olhar mútuo⁷⁹².

A performance do pau de arara em uma relação de submissão fantasiosa e em contexto homoerótico fazia pare de um conjunto variado de práticas de prazer entre os corpos sexuados. A prática escalonada do prazer com a violência evidencia um conjunto de performances e práticas de sexo *soft* e *hardcore* na emergência da comunidade homoerótica do Norte Global. A redefinição do prazer em contato com as fantasias ficcionais provocaram maiores experimentações no campo sexual, mediada por jornais homoeróticos específicos, criando uma demanda de desejo e a emergência de uma subcultura dentro de uma comunidade estabelecida em torno de uma identidade sexual.

Nessa interação sadomasoquista e fetichista, a prática sexual ganha um protagonismo que pode suscitar a ideia de que a intimidade sobre uma possível conexão de sentimentos não tenha espaço. Mas é possível sugerir que a relação de intimidade dentro dessas subculturas que implicam performances de autoridade e hierarquias eróticas, possua também espaço para a construção de um compartilhamento de vulnerabilidades, de modo que o “submisso” se voluntaria e escolhe o seu “carrasco”, devendo uma obediência ritualística em determinados contextos, que podem ser pactuados e repactuados⁷⁹³. Assim, a performance erótica surge como um teatro em que a perspectiva do “submisso” consistia em cumprir a performance e fazer acreditar que era obediente, diferente da perspectiva do “mestre” que seria fruir do seu objeto sexual. Dessa forma, encarar a performance de submissão estaria mais próxima do fazer acreditar dominar, fazer acreditar se submeter⁷⁹⁴.

⁷⁹² LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis, Vozes, 2009.

⁷⁹³ SILVA, Vera Lucia Marques. **Sob a égide do chicote**: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ): Rio de Janeiro, 2015.

⁷⁹⁴ CRESPO, Juliana Campos Vieira. **Caminhos pornôns**: do *mainstream* à pornotopia. Mestrado em Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense - UFF: Niterói, 2019.

A centralidade do corpo e do prazer se encontra na erotização de uma dinâmica de poder, é forjada dentro de uma subcultura, com uma “estética” e normas de conduta particulares, em meio a processos de produção e espetacularização de elementos concernentes à sexualidade e ao gênero. As roupas, por vezes de couro, látex ou borracha, podiam ser espartilhos, camisas de força ou *full body suits*, que são trajes de corpo inteiro. Além de acessórios como vendas, mordanças e capuzes que também são comuns e se destinam à restrição dos sentidos, com inúmeras técnicas de amarração⁷⁹⁵.

A estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. Assim, o desenvolvimento da comunidade *leather* e outros subgrupos de homens, no qual a linguagem da virilidade surgia articulada à masculinidade, foi reapropriada por uma subcultura homoerótica, que eventualmente compartilha práticas em comum ao universo fetichista. Dessa forma, essas subculturas específicas admitem a articulação da violência com as interações sexuais para a potencializar a sensação de poder, contudo há uma ritualística específica que prioriza o consentimento, o gozo duplo e exclui as práticas extremas de zoofilia, a necrofilia e a pedofilia⁷⁹⁶.

Neste ponto, para que se tomem as práticas como eróticas e não como abuso e violência, os praticantes S/M e fetichistas criaram certos procedimentos ou “protocolos” que, no limite e desde que devidamente seguidos, sugerem o afastamento de qualquer situação que evoque ou se aproxime de um sentido de vulnerabilidade. As paródias, os arremedos e as simulações produzidas mobilizavam um jogo que colocava em cena as posições de poder, as figuras que as ocupavam e as marcas de diferenciação social⁷⁹⁷.

A subcultura sadomasoquista e fetichista se desdobra em um bloco conhecido como práticas de B/D e S/M e se revelam através de jornais homoeróticos do período tanto mediante fotos-imagens para vender produtos e expor práticas de consumo, como através de festas reservadas, à formação de clubes privados, todos com a característica marcante de possuir um conjunto de práticas de prazer próximas do local de dominação/subalternidade. No que se refere

⁷⁹⁵ Há diversas técnicas de amarração do corpo, entre elas o shibari japonês, frequentemente considerado uma obra de arte por sua similaridade ao origami. Ver: PIRES, Rógerio Brittes. Da excitação à multiplicação: imagens sadomasoquistas e fetichistas de bizarre. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis 26(2), 2018.

⁷⁹⁶ MACHADO, Sarah Rossetti. **De transtornos, tormentos e delícias: atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014)**. Campinas, SP, 2017.

⁷⁹⁷ Para Gregori, essas práticas possuem algumas rupturas positivas e cenários de contestação às desigualdades de gênero. Trata-se de relações de risco que, ao transformarem as tensões em “tensores libidinais”, colocam os marcadores sociais que produzem diferença a serviço da libido. Ver: GREGORI, Maria Filomena. Risco e êxtase nas práticas eróticas. **Cadernos Pagu**, n. 47, 2016.

às performances consideradas eróticas e os fetiches específicos dos subgrupos, uma maior complexidade das interações sociais contribuiu também para uma maior pluralidade de fantasias sexuais, entre algumas práticas usuais estava a imitação do tratamento dado a animais domesticados como cães e gatos, por alguns donos de *pets*.

Imagem 113: Slave (à esquerda); Slave (ao centro); Slave (à direita):



Fonte: MACTH MAGAZINE, San Francisco. *My five years as a Dog* by Kai. ed. 6, p. 2, 10 e 11, 1983.

As fotos da revista homoerótica *Match Magazine*, evidenciam que um ritual sadomasoquista e fetichista poderia incluir um teatro de experimentações para quaisquer práticas de prazer, a exemplo da performance de cachorro, em quatro apoios e se nutrindo de ração para cães em um pote no chão. De igual forma, o contato com o vaso sanitário e com botas sujas surgiam nas páginas de algumas revistas homoeróticas, evidenciando a performance de humilhação a uma demanda de desejo do mercado.

O mestre e o submisso interagiam a partir de um *script* estabelecido previamente, respondiam a um conjunto de códigos e um vocabulário específico. o fetiche das botinas demanda o reconhecimento do valor do trabalho em que era necessário esse tipo de vestimenta. Também encena dramaticamente uma performance de violência que era reiterada em algumas unidades prisionais e filmes de policia e/ou aventura. Inclusive, o contexto brasileiro demonstra que esse roteiro de alimentar a pessoa custodiada pelo Sistema de Justiça poderia ser tão humilhante quanto a performance encenada acima⁷⁹⁸.

As fotos permitem perceber que as práticas B/D e S/M são treinadas, planejadas e praticadas em coletivos, articulando elementos como o látex, para além do couro e das fardas. A performance B/D e S/M compreende o uso de acessórios como botas, correntes, cadeados, couro, vendas, correias, roupas, roteiros e fotografias com jogos e rituais fetichistas, com raspagem de pelos, lavagem corporal e banhos, *voyeurismo*, lambeção de botas para demonstrar

⁷⁹⁸ Há relatos na CNV que evidenciam que Fleury utilizava entre suas técnicas de tortura e violação, o chamado “sopa de galinha”, onde servia uma sopa de péssima qualidade, com vermes, ao detento, inteiramente nu e com as mãos amarradas para trás, ao que passava a máquina de choque no pescoço só para ver a pessoa cair, agonizar de dor e se sujar, como se o corpo também fosse objeto de prazer em um jogo passível de brincadeiras hostis. As apropriações dos métodos dos agentes de tortura da Ditadura Civil Militar e dos adeptos de subculturas fetichistas serão abordadas no tópico seguinte.

rebaixamento, imagem de servidão, convencional e até religioso⁷⁹⁹. Além disso, o consumo de produtos culturais da subcultura do B/D e S/M ensinava ao leitor como agradar ao mestre, ensinava que cada mestre era único, mas havia certas indicações que deviam fazer com que o ajuste geral à sua nova vida fosse dedicado a servi-lo e agradá-lo da maneira que ele desejar.

De igual forma, o consumo também evidenciava matérias que informavam sobre como impor submissão e tratar seu objeto sexual, práticas para depilar seu escravo e humilhar de diferentes formas, ainda sobre como vestir o seu escravo e afins. Em todo caso, as práticas B/D e S/M surgem como invenção de pactos contratuais que regulam os papéis de submissão e de dominação, que evidenciam relações de poder subjacentes ao contrato da heterossexualidade normativa. Nessa perspectiva, a resistência da produção disciplinar dos corpos sexuais na sociedade liberal não é a luta contra a proibição, e sim contraprodutividade, a defesa da produção de uma forma de saber-prazer alternativa à sexualidade moderna.

Importa ressaltar que a prática sexual, em muitos contextos, foi atravessada pelo sentimento de culpa cristã, que foi elaborada a partir da transmissão da ideia de pecado da carne e da valorização da virgindade ou da continência definitiva⁸⁰⁰. Dessa forma, o BDSM, ao transgredir normas sociais vigentes, seja por meio de paródias ou subversões, promove também o esgarçamento das fronteiras do que seria considerado sexualmente normal, bem como questiona os limites da moral e dos bons costumes, ao operar uma ressignificação de alguns elementos, entre eles o sentimento de afeto, de cumplicidade e de amor⁸⁰¹. Assim, o BDSM pretende propor a ideia de que o terreno dos afetos se torna campos apreendidos sem a pretensão de definir suas fronteiras com um modelo de organização do arranjo familiar e/ou erótico e/ou sentimental, mas a partir de uma elaboração contínua de pactos contrassexuais⁸⁰².

Nessa subcultura, os fetiche em partes do corpo, como pé e axila, e/ou referência ao incesto, ao perfil de *daddy*, à representação do irmão e/ou primo *like a slave*, e/ou práticas envolvendo fezes, urinas, fluídos como suor e saliva, são reproduzidos amplamente entre

⁷⁹⁹ MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: São Paulo, editora Unicamp, 2010.

⁸⁰⁰ Desde o século II, a intervenção no domínio erótico como uma prática difundida entre os cristãos, solidificada por práticas de obediência ritualizada e reforçada por sacramentos como a confissão e o casamento, que interferem diretamente no sistema de pensamento das pessoas. Ver: FOUCAULT, Michel. **As Confissões da Carne**. História da Sexualidade, v. 4, Paris: Editions Gallimard, 2018.

⁸⁰¹ SILVA, Vera Lucia Marques. **Sob a égide do chicote**: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ): Rio de Janeiro, 2015.

⁸⁰² Soma-se a possibilidades, a utilização de brinquedos sexuais para inversão e subversão de posições estabelecidas como não eróticas dentro das práticas das subculturas sadomasoquistas ou fetichistas, evidenciando o corpo como espaço político ao possibilitar novos pactos sexuais, onde práticas contrassexuais são encaradas como tecnologias de resistência. Ver: PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo, 2014.

jornais homoeróticos do período e consumidos por apreciadores e adeptos de práticas de violência consentida, inclusive uma diversificada e variada forma de violência com a inclusão de asfixia, pequenos choques, pingos de vela, chicotes e etc. Ademais, as técnicas verbais e visuais variavam e eram bastante exploradas, de modo que a linguagem obscena criou o fetichismo de certos vocábulos relacionados ao sexo, que, ao representar uma parte do corpo, algumas palavras adquirem o *status* de fetiche. Assim como estabeleceu regimentos específicos para o sexo *hardcore* em subculturas B/D e S/M, com palavras-senhas para fazer parar as seções de prazer/dor dado o limite da tolerabilidade à dor.

Diante da norma sexual, o mal-estar da cultura atuou como obstáculo para impedir alguns leitores de perceber o lado positivo em adotar uma postura submissa que poderia ter muitas razões, consistindo em obedecer para não precisar ser violento, obedecer para agradar. As diferentes práticas de prazer e de performances bizarras, fetiches sexuais e afins eram mediadas por revistas específicas, no mercado homoerótico⁸⁰³.

Nesse interím, a *Drummer Magazine* de São Francisco, nos Estados Unidos, exibiu matérias sobre a demanda de desejo específica de práticas intensas de amor, com uso de violência consentida e dentro de parâmetros saudáveis, para um público seletivo e restrito das comunidades homoeróticas. Além disso, o uso de instrumentos como velas e alicates, somado à estética do couro e à performance de humilhação e violência surgem de forma recorrente nessas revistas e jornais alternativos, que atuam como suplemento de satisfação do desejo e material para reprodução de suas condutas. Os elementos que se repetem nos jornais homoeróticos sadomasoquistas giram em torno da performance de submissão.

Imagem 114: Pingos de Vela (à esquerda); Vela (à direita).



⁸⁰³As práticas sexuais atípicas podem ser conceituadas a partir de diferentes formas de fetiche e excitação corporal. Entre elas, a asfixiolalia envolve a indução de vertigem ou desmaio durante o ato sexual; o golden shower consiste na urinação sobre o parceiro; o homorach refere-se à humilhação mediante ordens domésticas e à submissão a comportamentos que transformam o sujeito em um objeto, como mesa, cadeira ou mobília; a urofilia caracteriza-se pelo fetiche relacionado ao vaso sanitário, incluindo lambe-lo ou tratá-lo como objeto sexual; e a odaxelaginia consiste na excitação derivada de morder ou ser mordido. Tais práticas revelam modos diversos de exploração da corporalidade e da sensorialidade, articulando-se a contextos de intimidade, poder e desejo. Ver: MONEY, John. **Human Sexuality: A Reader**. Oxford: Oxford University Press, 1986.

Fonte: THE QUARTERS: the D.I. lays out na authentic SF trip for slaves and másters athis new academy. *Drummer Magazine*, San Francisco, Estados Unidos. ed. 24, p. 11, 1978.

Em 1978, as velas surgiam na interação sexual como elemento central do desejo, instrumento de prazer e de dor a partir do manuseio do participante. Na primeira imagem, surge inserida na boca e, na segunda imagem, na bunda. Em ambos os casos, a vela é fotografada acesa. Nesse sistema, um homem pode usufruir a cada segundo da prática sexual em que é subjugado, reprimido, torturado e penetrado e, ainda assim, manter a sua masculinidade, desejabilidade e subjetividade. Ao que as fontes indicam, existe nessas subculturas uma matriz de inteligibilidade em que não existe necessidade da coerência entre categorias sexo-gênero-desejo para que os sujeitos possam ser inteligíveis, no limite, para ter existência enquanto sujeito.

Diferente da perspectiva da heterossexualidade compulsória, em que se estabelece nitidamente uma hierarquia entre as funções sexuais e performances, motivo de sátira da realidade sexual, bem como de censura. Exemplo disso, no Brasil, o jornal alternativo *Luta democrática*, foi investigado por veicular matérias como a do senhor Albérico de Souza, desquitado de cinquenta e sete anos, que enfiou uma vela de sete dias, depois teve que se submeter a cirurgia no ânus para retirar⁸⁰⁴. Na enfermaria, Albérico, de repouso, resolveu falar a verdade: “Num momento de fraqueza, um a tentação demoníaca, me levou a fazer ponta na cabeça da vela e não resistindo, eu a entubei”. A irmã e o cunhado nada sabiam quando correram para o hospital, pois acreditavam na doença da vítima. Lá chegando, tiveram uma grande surpresa, sob os cuidados médicos do Hospital Souza Aguiar, a “vítima da promessa” não tem dia determinado para o hospital, pois entubar um a vela de “sete dias” causou grande estrago ao corpo⁸⁰⁵.

As fontes tratam do uso de velas em interações sexuais, a partir de fontes impressas, com a diferença que a *Drummer Magazine* divulgava imagens e contos homoeróticos como um fim em si mesmo, um suplemento de satisfação sexual e de gozo, enquanto que a *Luta Democrática* evidenciava a interação sexual com a vela para desqualificar, desconfiar e/ou criticar o sujeito universal masculino que finge se identificar com as masculinidades consideradas viris⁸⁰⁶. Tanto que, esse jornal alternativo foi alvo de investigações do SNI.

No contexto brasileiro, dos anos 1950 a 1970, houve um maior consumo de algumas publicações de pornografia *hardcore*, com temáticas B/D e S/M, além do gênero mais *soft*, a

⁸⁰⁴ BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0485

⁸⁰⁵ BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0485

⁸⁰⁶ HUNT, Lynn. A Pornografia e a Revolução Francesa. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia: obscenidades e as origens da modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

exemplo da "revistinha do Zéfiro" que utilizava uma linguagem popular e retratava a relação sexual como na vida, sem pudores; e a revista sueca-pornô que era uma fotonovela que misturava fotografias produzidas em estúdio aos balões das revistas em quadrinhos, sem número de edição, pois eram feitas quase que artesanalmente, em formato pequeno, impressão simples, capas coloridas, contracapa azul celeste, sem desenhos nem informações⁸⁰⁷. Além das revistas citadas, exclusivamente pornográficas, os assuntos proibidos foram investigados pelos órgãos do SNI e alvos de Censura Prévia também em jornais alternativos, a exemplo do *Luta Democrática*, *Tribuna Da Imprensa*, *Última Hora*, *Pasquim*, *Repórter*⁸⁰⁸.

Ademais, as práticas fetichistas e de B/D e S/M coexistiram nos países do Norte Global, dentro das especificidades do mercado sexual, ao mesmo tempo em que teve suas práticas replicadas e reapropriadas por alguns torturadores do Estado Ditatorial, atribuindo outros significados, fora da esfera do consentimento, mas com uma parcela de fruição de um tipo específico de gozo punitivo. Logo os mecanismos de censura, usados para definir os limites entre o lícito e o ilícito, eram um modo de controlar a circulação de mercadorias moralmente perigosas, ao alcance de um público mais amplo⁸⁰⁹.

Nessa perspectiva, os jornais homoeróticos dessa subcultura tratavam o uso da vela na interação sexual como desejo sexual ou sátira-brincadeira, mas em todo caso diz respeito ao corpo sexual e sua articulação como o perigo, ao inserir uma vela acesa na dinâmica do gozo. Essa interação revela também aspectos de uma subcultura que entende a crueldade como potência em práticas, ritos e interações sexuais, posto que o consentimento se estabelece em momento posterior à escolha do sujeito⁸¹⁰.

A formação de uma subcultura do B/D e S/M, com diferentes referências de masculinidades viris foi articulada ao mercado erótico e, paulatinamente, as práticas semelhantes terminavam por aglutinar pessoas para eventos em comum do B/D e S/M, possibilitando também concursos específicos, torneios e premiações para a ocasião, assim como o investimento em clubes, bares, saunas, festas, econtros e de produtos de mercado para apreciadores. Paralelamente, as demandas sociais da categoria *gay* emergente surgiam com o

⁸⁰⁷ RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a Ditadura Militar**: as revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moderno (1964-1985). Tese de Doutorado em História, 2016.

⁸⁰⁸ BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0485

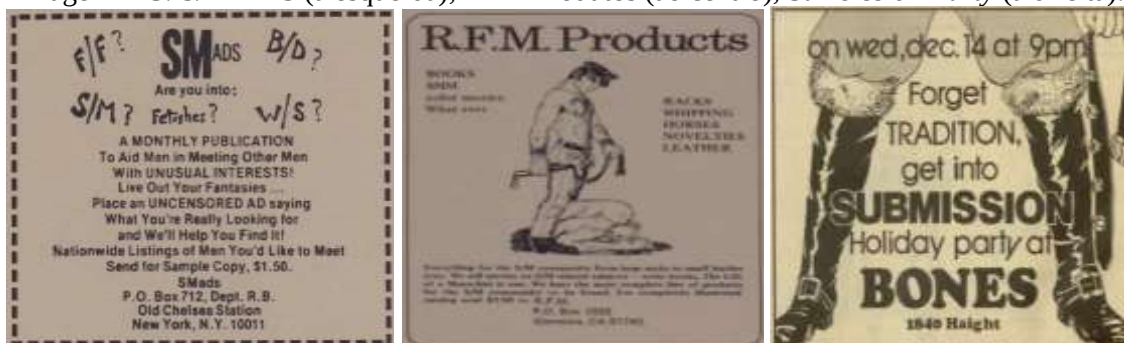
⁸⁰⁹ TRUMBACH, Randolph. Fantasia Erótica e Libertinagem Masculina no Iluminismo Inglês. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia**: obscenidades e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

⁸¹⁰ Nesse diapasão, no século XVII, a libertinagem se constituiu como uma revolta de classe alta contra a moralidade religiosa, seguindo a mesma lógica da pornografia, os livres-pensadores estariam abertos à experimentação sexual. A Igreja e o Estado associavam os libertinos e seus adversários como propagadores e consumidores da pornografia. Até que, no século XVIII e XIX, a pornografia começou a perder suas conotações políticas e se tornou um negócio comercial. Ver: HUNT, Lynn. **A Pornografia e a Revolução Francesa**. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia**: obscenidades e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

enfrentamento da ideia de antinaturalidade das práticas homoeróticas, preceitos bíblicos e aos sentimentos de culpa e pecado. As reivindicações giravam em torno de direitos básicos para o desenvolvimento da personalidade próprio e dos projetos pessoais para a vida, sem o receio do ridículo, do desemprego, do ostracismo, da perseguição política e da prisão⁸¹¹.

A violência e as humilhações, o ato de fazer obedecer e de livremente se submeter a determinados parâmetros de desejo são questões que se tornam pauta para um nicho de desejo específico dentro da própria comunidade gay. Inclusive, a aglutinação de pessoas com interesses em comum permitia a criação de festas para encontros de adeptos do BDSM, como demonstra o *Drummer* e o jornal *Bay Area Reporter*:

Imagem 115: S/M ADS (à esquerda); RFM Produtos (ao centro); *Submission Party* (à direita).



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, ed. 13, 1977, p. 56; DRUMMER MAGAZINE, ed10, 1976, p.34 BAY AREA REPORTER, V. 7, N. 25, 1977, p. 31.

Em locais comerciais para encontros sexuais, em clubes homoeróticos de diferentes subculturas e festas de orgia de homens um mesmo comportamento sistemático é perceptível de ser vislumbrado, predominantemente, o momento atua como uma forma de experimentação sexual do corpo erótico em atuação coletiva⁸¹². Mas ainda assim interage em uma perspectiva hierárquica do ser, a partir da análise dos códigos de masculinidades, demonstrando uma característica forte de um traço de narcisismo crescente em fraternidades e clubes, que consiste na busca de homens iguais entre si, ao elaborar uma forma de engendramento sexual só entre “machos”⁸¹³. Dessa forma, a interação homoerótica foi evidenciada em alguns jornais

⁸¹¹MACRAE, Edward. A Homossexualidade. In.: BASTOS, Suely; SARDÁ, Verônica; SALDANHA, Luiz Antônio (ogs.). **Macho, Masculino Homem**. São Paulo: Editora L&PM, 1986.

⁸¹² MELO, Marília Loschi de. **A Dor no Corpo**: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

⁸¹³ O pesquisador Barreto elaborou o conceito de princípio da putaria como um termo-conceito que pode abarcar tanto as práticas quanto as pessoas, os espaços, às performances, às intensidades ou ao próprio movimento durante os eventos e/ou festas. Não é restrito aos espaços das festas de orgia, mas a “putaria” como modo singular de engajamento no mundo e sua potência disruptora ante aos chamados marcadores sociais da diferença. Ver: BARRETO, Victor Hugo de Souza. “Putaria” enquanto conceito: desejo e sexualidade na prática orgiástica. **Bagoas**. n. 17, 2017, p. 251-281.

internacionais do período de 1970, dando a conhecer uma diversidade de grupos e clubes da subcultura urbana e fetichista mais inserida em práticas B/D e SM:

Imagem 116: Membro do Club *Leather Buul* (à esquerda); Fraternidade *Kelway Cops* (ao centro); Encontro *mr. Leather* (à direita);



Fonte. DRUMMER MAGAZINE. San Francisco, *Drummer Goes To The Trading Post Party* ed. 10, p. 63, 1976; DRUMMER MAGAZINE, San Francisco, *Drummer Goes To A Leather Sabbat: a Halloween howl, captured in words and pictures by Bob Opel.*, ed. 4, p. 43, 1976; DRUMMER MAGAZINE, San Francisco, FRISTSCHER, Jack. *Mr. International Leather*. ed. 31, p. 24, 1979.

A imagem à esquerda corresponde ao membro do *Club buul leather*, em 1976, com as tatuagens em seu corpo inteiro, entre elas, uma suástica, uma caveira, dois raios e além de outras tatuagens indecifráveis. Na segunda imagem, a *Leather fraternity Kelway Cops* demarcou posição de *mr. Leather* no evento, com Val Martin, utilizando a máscara e os elementos de couro. A terceira imagem trata de um encontro dos *mr. Leathers* em 1979, exibindo a performance de dois homens mascarados e em quatro apoios, enquanto um permanece em pé. O conjunto das imagens permite perceber que alguns acessórios do couro, bem como a posição hierarquizada em performances de dominação se tornam elementos incorporados na subcultura gay como fetiche sexual.

O mercado sexual e as festas homoeróticas expandiram as possibilidades de fruição dos corpos de maneira escalonada, demonstrando que a experiência da sexualidade nessas festas colocava em jogo outros modos de subjetivação e corporalização, modos propriamente intensivos, notadamente, nos instantes de intensidade das interações sexuais possíveis das festas e fazer fugir os aspectos extensivos como trabalho, família, casa, saúde e todos os valores morais correspondentes a eles⁸¹⁴.

⁸¹⁴ Em pesquisa etnográfica, já no tempo presente, mas dentro de festas semelhantes, é possível apontar outros elementos como a surpresa não só de uma quantidade de orgasmos e prazer inesperados, mas mais ainda proporcionados por alguém que não correspondia a seus padrões de desejo. O objetivo parece ser essa “economia (ou seria gestão) do prazer”, esse jogo com o (des)controle de si mesmo e o que proporciona nos encontros às vezes inesperados desses corpos. O gozo pode ser sinal de satisfação para ir embora e, na maioria das vezes é, mas pode ser um intervalo nas atividades, uma pausa para bater um papo, beber alguma coisa, fumar um cigarro, sentar nos sofás, ou até tirar um cochilo. Tanto um cálculo quanto um (auto)controle e técnicas corporais são acionadas para que a fruição seja máxima a partir das disposições em cada evento. Ver: BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de Orgia para Homens:** territórios de intensidade e socialidade masculina. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense - UFF, 2016

A forma como as festas e as performances são inventadas na comunidade homoeróticas e suas subculturas demonstra serem plurais e singulares. O B/D e o S/M emergem no mercado sexual em meio a transformação da sociedade moderna, quando as fantasias sexuais se reatualizam a partir de seus atravessamentos de classe, de raça e de idade, além de demonstrar forte conexão com um culto ao espaço doméstico e no interesse de domesticar que alguns sujeitos demonstram possuir ao buscar disciplinar e/ou objetificar os corpos.

Ademais, na década de 1970, a performance de submissão não era limitada às fotografias e festas privadas⁸¹⁵, mas a emergência do mercado sexual possibilitou o maior investimento em locais comerciais para encontros sexuais entre homens, de acordo com seus desejos cada vez mais específicos, com produtos de vestiário, acessórios e brinquedos:

Imagem 117: Camisa *Lion Pub* (à esquerda); *Gift List Cops* (ao centro); *Bizarre Toys* (ao centro); Brinquedos sexuais (à direita):



Fonte: DRUMMER MAGAZINE, San Francisco, GIFT LIST: holiday suggestions for discriminating slaves and masters. ed. 10, p. 26, 1976; COOK, Joe. Famous Dungeons of San Francisco: come with us into the Inner-Sanctum. Photos by Gene Weber. *Drummer Magazine*. San Francisco, ed. 17, p.11, 1977.

A primeira imagem refere-se à camiseta propaganda do *Lion Pub* com camisetas na *Melrose Leather Shop* em Los Angeles, pelo preço de sessenta e cinco dólares. A segunda imagem, com o *Gift list*, como uma lista de presentes e a terceira imagem, objetos cênicos para prática sexuais violentas e/ou com performances de submissão consentida. O conjunto dos brinquedos bizarros ganhavam um espaço próprio. Esses tipos de brinquedos sexuais que se articulam ao universo da tortura ressoam nos instrumentos do passado que serviam para instrumentalizar a dor judicialmente. Os *bizarre toys* incorporam elementos de tortura historicamente utilizados pelo sistema penal, os produtos remetem às práticas já existentes na Europa entre os séculos XVI e XVIII, quando alguns ordenamentos jurídicos procuraram regulamentar o uso da tortura judicial, evitando abusos de juízes zelosos ou sádicos. A crença

⁸¹⁵ O couro imperial explora parte do paradoxo da abjeção e do desejo em relação aos objetos de poder, do fetiche da escravização em saber que não há nada a usar a não ser os seus grilhões, como princípio do prazer no sadomasoquismo. Ver: MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. São Paulo: editora Unicamp, 2010.

dominante era de que a dor sistemática poderia forçar o corpo a “falar a verdade”, revelando informações por meio das marcas físicas. Esse tipo de tortura, supervisionado judicialmente para extrair confissões, havia sido introduzido na maioria dos países europeus no século XIII, influenciado pelo reflorescimento da lei romana e pelas práticas da Inquisição Católica.

Nesse contexto, a historiadora Hunt detalha a aplicação da tortura na Grã-Bretanha e na França. Na Inglaterra, embora a tortura judicial tenha sido substituída pelo júri no século XIII, ela continuou a ser usada em casos de feitiçaria e sedição nos séculos XVI e XVII, empregando técnicas como privação de sono, queimaduras com ferro em brasa e ferroadas. Em 1790, o Parlamento britânico proibiu queimar mulheres na fogueira, ao mesmo tempo em que manteve certa discricionariedade para magistrados aplicarem punições aos homens, prática abolida em 1834. Esse panorama histórico evidencia como os produtos contemporâneos de tortura lúdica, como os *bizarre toys*, dialogam com uma longa tradição de instrumentos de dor regulados e codificados pelas ordens legais europeias⁸¹⁶.

Dessa forma, as práticas de tortura histórica, refletidas nos *bizarre toys*, que remetem aos instrumentos penais europeus dos séculos XIII a XVIII, dialogam com a centralidade do sadismo em alguns jornais homoeróticos. Neles, fantasias de sujeitos sádicos, perversos e dominadores se articulam à subcultura do couro e ao fetiche das fardas, transformando instrumentos de dor e controle em símbolos de prazer e performance sexual.

O processo de industrialização e da configuração dos centros urbanos e dos locais de sociabilidades para homens, os lugares comerciais para encontros sexuais emergiram com maior intensidade a partir de fins da década de 1970, surgindo como forma de capitalizar o desejo homoerótico, as fantasias e as masculinidades, uma forma de intercambiar os corpos, mediar encontros, paqueras, fazer girar as moedas, os copos e testemunhar atos de violência, de castração e de sexo.

A possibilidade de brinquedos sexuais bizarros integrarem uma lista de produtos para comprar como presentes, indica que o capitalismo ingressou no modo de vida da subcultura B/D e S/M. Nesse ponto, a autenticidade dos corpos se esvai e os corpos se tornam como objetos entre membros da comunidade gay emergente, fazendo com que todos se tornem clones em um

⁸¹⁶Em Paris, a pena de morte podia ser aplicada de cinco formas diferentes: decapitação para os nobres; enforcamento para criminosos comuns; arrastamento e esquartejamento para crimes contra o poder soberano; morte na fogueira por heresia, magia, incêndio criminoso, envenenamento, bestialidade ou sodomia; e o suplício da roda, usado para assassinato ou salteamento. Os juízes recorriam com maior frequência à roda, sendo registradas 53 sentenças de morte nesse método no sul da França entre 1760 e 1762. Ver: HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. P.76

grupo homogêneo e previsível⁸¹⁷. Assim como os brinquedos, os locais comerciais para encontros sexuais entre homens também começaram a especializar a demanda do desejo de acordo com os fetiches, para facilitar o modo de usufruir o prazer dos corpos. As tecnologias que serviam como brinquedos sexuais, os dispositivos suplementos para as práticas de B/D e S/M, entre tantos outros fetiches, se tornaram gradativamente elemento de troca no mercado sexual. Nesse contexto, o *Handbol Express* foi um dos primeiros, descrito como local de mais de cinquenta quartos construídos, com o interior descrito como "áspero e pronto", mas com a elegância de um grande arranjo de flores frescas no lobby⁸¹⁸. Nesse período, a *Drummer Magazine* exibiu o *Handbol Express* por dentro.

Imagem 118: Cadeira de tortura (à esquerda); Gaiola de prazer (ao centro); Corpo em suspensão (à direita):



Fonte: COOK, Joe. Famous Dungeons of San Francisco: come with us into the Inner-Sanctum. Text by. Photos by Gene Weber. *Drummer Magazine*. San Francisco, ed. 17, p.10, 1977; COOK, Joe. Famous Dungeons of San Francisco: come with us into the Inner-Sanctum. Photos by Gene Weber. *Drummer Magazine*. San Francisco, ed. 17, p.11, 1977.

A cadeira da tortura, a gaiola do prazer e o corpo em suspensão deixam a entender que os espaços de prazer para os adeptos da subcultura sadomasoquista utilizam marcadores próprios de entender o corpo e o prazer sexual. Além disso, permite perceber a variedade de brinquedos sexuais que eram utilizados como instrumentos eróticos para satisfação mútua. Logo o conceito de salas privadas de tortura sexual, provavelmente, remeta a um período pré-Marquês de Sade, com a imbricação com alguns aspectos da escravização ou da tortura humana, sala de jogos consideradas macabras, entre outros brinquedos bizarros.

Assim, dentro dos próprios parâmetros do que poderia ser considerado erótico, o mercado sexual possibilitou a elaboração desse corpo erótico, com fetiches que poderiam ser considerados inofensivos, como o *voyerismo* e o *exibicionismo*, até práticas mais intensas na

⁸¹⁷ Benjamin compreende que desde o século XIX, a reprodução técnica de diversas obras de artes transformou profundamente o modo como elas podiam ser percebidas, evidenciando que a autenticidade escapa inteiramente à reprodutibilidade técnica e a qualquer tipo de reprodutibilidade. Ver: BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: CAPISTRANO, Tadeu (org.). **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 9-41.

⁸¹⁸ BAY AREA REPORTER, V. 9, N. 23, 1979, p34

subcultura do B/D e S/M, com brinquedos sexuais estabelecendo diálogos com uma pluralidade de códigos e símbolos que podiam intensificar o prazer.

Outros espaços comerciais para encontros sexuais inseridos em diferentes subculturas da comunidade homoerótica do B/D e do S/M elencaram o *Handboll Express* como um destino privilegiado de prazer, também ranquearam o *Mike's Corral*, e *The Catacombs*, ambos descritos como um lugar extraordinário para Los Angeles, nas ruas de San Francisco, o cenário de suas noites é narrado repleto de bares para encontros sexuais entre homens, locais de curtição.

O *Mike's Corral* possuía uma temática *western*, de velho oeste, com espaço para clausura e shows diversos.

Imagem 119: *Mike's Corral* (à esquerda); *Slave em Bondage* (à direita);



Fonte: BARS OF THE MONTH: MIKE'S CORRAL. *Drummer Magazine*. San Francisco, ed. 21, p. 94, 1978.

As imagens permitem inferir que o ambiente proporciona uma aproximação com o universo do couro e de performances violentas, com locais para bondage em equipamentos crucificação, locais de interação entre homens e de exercício de práticas sexuais *hardcore*. De forma bastante semelhante, o *Catacumbas* era outro local para encontros sexuais que investiram na estética *dark*, uma atmosfera mais fúnebre, que pretendia se materializar como um cenário de um filme de terror, uma mescla de fantasia de vampirismo, de escravização e de velho oeste.

Imagem 120: *The Catacombs*



Fonte: FRISCHER, Jack. Upstairs over a vacante lot... the catacombs. *Drummer Magazine*, San Francisco, ed. 23, p. 9-10, 1978.

A imagem à esquerda evidencia uma cruz em tamanho real, para ser utilizada e grades pequenas existiam para estimular os participantes da subcultura apreciadora de práticas sexuais *hardcore*, adeptos de uma experiência de prazer/sofrer em um local seguro para isso. A imagem

do centro indica a possibilidade de imobilização e prisão para os interessados, e, por fim, a imagem à direita exibe um local para relaxar mais calmamente, possivelmente, consumir bebidas, drinks e cigarros.

O conjunto das imagens sugere que a dor encontrou um lugar e uma devoção, de maneira que a comunidade homoerótica, com seu emergente mercado sexual, não apenas profanava o que era cânone ao atribuir outros usos e significados aos elementos cristãos, mas também construiu um território que se tornava ao mesmo tempo um local sagrado, ao próprio modo da fantasia dos consumidores. Assim, essas práticas demonstram que a dor poderia ser uma manifestação ambígua de defesa do organismo, se conscientemente se permite a dor, a submissão voluntária é fruto de uma percepção individual⁸¹⁹. Em todo caso, as revistas e imagens evidenciam a intensa troca de cartas e a popularidade desses locais.

Imagem 121: Michel Picard.



Fonte: DRUMMER MAGAZINE. San Francisco, Bar/Bathscene ed. 28, p. 79, 1979.

Em 1979, um leitor da *Drummer Magazine* enviou a foto para publicação e afirmou que possui trinta anos de idade e se considera um escravo sexual, também adoraria conhecer seu mestre no *Club The Catacombs* quando visitar São Francisco. A matéria informou que o Club The Catacombs abriu oficialmente em 1975 e em 1979, ainda estava no foco do sucesso da subcultura. A carta com a foto utilizando a motocicleta como objeto cênico, apenas com uma bota, evidencia o apelo erótico e desejo de captura do autor da carta. A fonte também evidencia o intercâmbio cultural, o turismo sexual, a própria cidade estadunidense se constituindo como local de desejo a partir da diáspora gay, na medida em que a veiculação da imagem erótica era produzida para estimular o leitor a viajar até o local do encontro, o *Club The Catacombs*, para encontrar o escritor escravo-sexual. Além deles, outros também se valiam dos poucos jornais

⁸¹⁹Embora a performance de dor, de humilhação e de submissão fosse ritualizada de forma semelhante às punições do sistema penal do Antigo Regime, aplicado de forma não consentida e com instrumentos como a roda, reservado aos homens condenados por homicídio ou assalto com o espetáculo público da dor e a ostentação da dor no cadafalso, destinada a insuflar o terror nos espectadores e dessa forma serve como instrumento de dissuasão. A multidão que presenciava era levada a se identificar com a dor da pessoa condenada e, por meio dessa experiência, a sentir a autoridade esmagadora da lei, do Estado e de Deus. Ver: HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

homoeróticos específicos para esquentar o circuito e a interação entre os membros da comunidade homoerótica.

Os clubes da subcultura B/D e S/M eram mais específicos que locais de lazer e de prazer predominante na comunidade homoerótica, pois denotavam maior exclusividade e privacidade. Alguns desses territórios envolviam senhas para entrar, palavras mágicas e toda uma ritualística, dialogando em alguma medida com o pânico ocultista desse período⁸²⁰. Dessa forma, a estética da subcultura utilizou e se reapropriou de elementos fundantes da masculinidade considerada viril e mesclada com o discurso de bom moço da disciplina da religião cristã-judaica, mas que, em determinado ponto, subverte seus significados em torno do fluxo de um desejo erótico, somado à uma possível *revolução dos costumes* e *revolução sexual*, misturadas e imbricadas em algo só⁸²¹.

A tomada de consciência do próprio corpo revelado pelos afagos do outro, a capacidade de escuta das sensações do corpo⁸²². Mais do que isso, o local de prazer poderia facilmente ser interpretado como uma sala de tortura de algumas unidades prisionais. A forma de fabricação dos locais comerciais para encontros sexuais e a produção do próprio sujeito universal masculino heteronormativo e o seu avesso respondem à padrões sistêmicos de formação e interação em grupos fechados, com pouca interação e acolhimento ao que é percebido como diferente.

No que se refere à recepção desse mercado erótico no Brasil, o *Lampião da Esquina* publicou uma nota de opinião em que descreve em detalhes as práticas similares encontradas no *AnVil Bar*, em Nova York, com salas de *fuck-room*, e práticas de *fistfucking*, caracterizando a maior parte da clientela como atleta, universitário ou trabalhadores da construção civil, com macacão, botas, camisa xadrez, jaqueta de couro obrigatória, sinalizando para relações masoquistas em cena, onde haveria “sem nenhum pudor” um “escravo” e um senhor no meio do bar⁸²³.

⁸²⁰ Esse tipo de prática ritualizada enfatiza o consenso na interação erótica e no intercuro sexual, tornando um dos argumentos de legitimação de novos arranjos sexuais de uma nova demanda de desejo. Ver: BARP, Luiz Fernando Greiner. O discurso dos perversos: praticantes de BDSM em busca de legitimação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2019.

⁸²¹ Curiosamente, Santa teresa copula espiritualmente com Cristo; outro caso, o pacto de escravidão à Virgem Maria pelo método de São Luis Maria Gignon de Montfort, do qual o Papa João Paulo II difundiu como *Tottus tus virgo mariae est*, que envolviam uma intimidade espiritual e de fruição, com correntes e flagelações, orações, disciplinas, pacto de sangue e visão mística. Ver: ROUDINESCO, Elisabeth. **A Parte Obscura de Nós Mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

⁸²² CORBIN, Alain. **A harmonia dos Prazeres**: a história do prazer desde o Iluminismo até o surgimento da sexologia. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

⁸²³ PORRADA. Uma visita ao QG das bichas de couro (publicado originalmente na revista Christopher Street, no jornal Gay News). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ed. 37, jun. 1981, pp. 10/12.

No que se refere aos locais comerciais para encontros sexuais entre homens no Brasil, em 1981, o *Hotel Pepe*⁸²⁴, o *Hotel Alvite*, descrito como possuidor de quartos apertados e sem banheiro, custando o valor de 250 cruzeiros, desconfortável, econômico e com baixo nível de segurança, o *Hotel Casa Blanca*, com apartamentos confortáveis, com banheiro, água quente e ar condicionado, com razoável nível de segurança e bastante conforto. Sem maiores descrições ou espaços para fantasias sexuais, os espaços para encontros sexuais, demonstrando suprir apenas o considerado essencial e discrição⁸²⁵.

O período de Guerra Fria no Norte Global e de Ditaduras na América Latina, junto com a ascensão do autoritarismo em setores da sociedade civil, articulada aos códigos de masculinidades hipervirís possibilitaram a entrada de códigos e elementos diversos no mercado sexual e nas negociações eróticas, que passavam a se estabelecer de diversas formas. Mas o sexo *hardcore* em que as subculturas sadomasoquistas e fetichistas puderam organizar suas práticas, em torno de um público leitor de troca de cartas na experiências dos EUA, demonstra ser diferente no Brasil, pois o Movimento Homossexual Brasileiro, em sua maioria, estava atenta em estabelecer denúncias sobre a existência de uma “Repressão sexual”, pois existia homens que faziam atos semelhantes de tortura, só que de forma não consentida e institucionalmente, isto é, por parte do Estado, além de estabelecer um conjunto de práticas homoeróticas escondidas, mas nunca interpretadas ou assumidas enquanto práticas gays, nem sequer pensadas como desejos camuflados.

Nesse ponto, embora inseridos na comunidade homoerótica, para alguns homens do *Lampião da Esquina*, seria insuportável imaginar que nessas instituições floresçam relações de afeto. Parcerias marcadas pela fidelidade e pelo companheirismo não era parte da cultura nacional de forma predominante. O mal-estar e a oposição ao pensamento B/D e S/M revela uma aparente contradição sobre os adeptos de algumas subculturas fetichistas e sadomasoquistas, uma vez que as interações psicológicas, humilhações verbais, físicas e sexuais colocavam em questão o fetiche por violência em um contexto seguro e em níveis pautados pelo consentimento. Existe um limite que, ultrapassado, revela o desejo de dominar e de violentar, desconsiderando que a interação possui sujeitos, confundidos com meros objetos, elaborando um flerte com a necrofilia e seus desdobramentos decorrentes do desejo em um corpo inerte, em imobilizar, em punir e gozar⁸²⁶. Entretanto, no que se refere às práticas de

⁸²⁴ REPORTAGEM. Mil e uma noites no Hotel Pepe (Adão Acosta). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ed. 34, mar., p. 6, 1981.

⁸²⁵ REPORTAGEM. Só para cavalheiros. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ed. 34, mar. 1981, pp. 05.

⁸²⁶ BATAILE, George. **O Erotismo**. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 1987.

dominação e disciplina que emergem no BDSM, implica também a aceitação implícita de seus termos, saúde, segurança e consensualidade (SSC), como forma de repensar o estigma sobre práticas dissidentes da sexualidade, colocando a perspectiva da pluralidade do prazer⁸²⁷.

De forma paradoxal, as experiências de dor e de prazer permeiam o imaginário sexual de forma singular, como demonstram os jornais do período, onde a força policial das Ditaduras se articulava a um modo truculento de atuação, com ataques verbais, humilhações, lesões corporais diversas. Tais práticas pensadas fora dos termos específicos do consenso são uma grave violação aos Direitos Humanos, pois promovem a confusão de categorias mediadas entre a imaginação e a realidade⁸²⁸. Além disso, as teias do sistema penal, parcela da sociedade civil estimulavam o uso de violência para repreender, pedagogizar e punir pessoas percebidas como dissidentes sexuais, por parte de uma oposição representada pela figura do “machão”.

Da análise das fontes é possível argumentar que a década de 1970 foi marcada pela experiência de uma liberação sexual masculina que ganhou contornos sádicos e masoquistas e que essa experiência foi distinta nos Estados Unidos e em parcela de países da América Latina, como foi o caso do Brasil, uma vez que aqueles tiveram suas práticas absorvidas em grande medida pelo mercado sexual emergente enquanto que estes tiveram essa experiência diluída na própria dinâmica autoritária dos procedimentos de tortura sistemática. Assim, a Revolução Sexual aconteceu em paralelo ao avanço do mercado erótico e sexual, com a invasão de imagens masculinas para minar a produção de masculinidades em linha de montagem de homens com códigos reconfigurados por fetiches e práticas plurais.

Nesse período, as práticas para infligir dor, de maneira consentida, emergem na cultura esportiva e em atividades particulares, onde o apego ao esforço e a fadiga são elementos valorizados no interior da cultura, ao mesmo tempo que se torna uma conquista fruto de uma luta interior contra o sofrimento e contra a tentação de ceder, aumentando ainda mais o valor simbólico do gesto. Da mesma forma, a dor consentida em interações sexuais entre subgrupos fetichistas e sadomasoquistas na emergência do mercado sexual, com a elaboração de lugares comerciais para o sexo *hard* se popularizou entre grupos e subgrupos⁸²⁹.

Assim, a emergência dessas interações homoeróticas nos termos B/D e S/M permite repensar as interpretação das relações sexuais, dos modos de sentir e de viver a vida, uma vez

⁸²⁷ FREITAS, Fátima Regina Almeida. **Bondage, Dominação/Submissão, Sadomasoquismo**: etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais. Dissertação, Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.

⁸²⁸ BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial**: Um consenso Mínimo entre os Humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

⁸²⁹ Nesta perspectiva, Foucault considera ser essa uma armadilha e o capitalismo sairia vencedor, ao atrelar os fluxos desejantes aos fluxos monetários, como bem havia descrito Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Anti-Édipo*.

que os significados mudam de acordo com o contexto e as circunstâncias, revelando que as práticas de dor e de prazer são singulares⁸³⁰. A maneira como a pessoa se apropria da cultura, dos valores que escolhe, de suas relações com o mundo supõe um emaranhamento decisivo com sua apreensão, pois a dor é em primeiro lugar, situacional⁸³¹.

Além disso, os jornais alternativos como uma forma de reconhecer e alargar as formas das práticas sexuais diante da pluralidade das formas de fantasiar e sentir dor e prazer, pesando em termos de um catálogo das formas estéticas, proporcionam também um duplo efeito, a multiplicação das imagens e intensificação das subculturas B/D e S/M a partir de outros elementos, e a elaboração de um modo de vida que se contrapusesse à tendência de assimilação da homossexualidade no modelo da heterossexualidade.

5.2. TORTURA SEXUAL POR AGENTES DO ESTADO

A Ditadura Civil-Militar possibilitou a existência de dois sistemas de informações que se constituíram como pilares do regime militar, o DOI e o CODI. O primeiro serviu para investigar, prender, interrogar e analisar informações sobre as pessoas consideradas “subversivas”. Foram instalados em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Belém, Curitiba e Porto Alegre, consideradas as principais capitais do país, onde as demais regiões se concentrariam por relações mediadas. Assim, o DOI possuía equipes de interrogatórios e capturas na execução dos planos traçados pelo CODI, que fazia a análise das informações e o planejamento estratégico do combate à “subversão”, definindo as metas prioritárias em sua área de ação. Era composto por quatro seções: investigação, informações e análise, busca e apreensão e administração⁸³².

O DOI-Codi representava o SNI e o Sistema de Segurança Interna (Sissegim), pelas diretrizes do General-Presidente Médici. O sistema DOI-Codi se tornou a mais importante estrutura militar, elaborada pela Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional e

⁸³⁰ A redefinição proposta por Groz compreende as ambivalências, contradições e paradoxos, considerando a ressaca moral que a construção do desejo passa diante da lógica binária das relações, fruto da linguagem que atribui um sentido positivo a vida, e esconde uma parte do negativo de cada parte. Ver: GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados. Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 14, p. 45–86, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em: 10 maio. 2025.

⁸³¹ Le Breton aspectos antropológicos da dor trata da relação íntima da dor com os significados culturais que envolvem o momento que afeta o indivíduo ao sentir os horrores. Ver: LE BRETON, David. *Antropología del dolor*. Éditions Métailié: Paris, 1995.

⁸³² O DOI paulista foi entregue ao major Carlos Alberto Brilhante Ustra em 20 de setembro de 1970. Até dezembro de 1971, quando foi transferido para Brasília, cerca de duas mil pessoas haviam sido torturadas por sua equipe. Ver: FRASSETO, Myrna Valéria Coelho. *Sofrimento e tortura: Brasil (1964-1979) e Argentina (1976-1983)*. Doutorado em Integração Da América Latina, Universidade De São Paulo, FFLCH/USP, 2010.

encaminhado ao presidente da República, concretizando-se pelas diretrizes do Sistema de Segurança Interna: Cada comando militar deveria ter um Conselho de Defesa Interna (Condi), um Centro de Operações de Defesa Interna (Codi) e um Destacamento de Operações de Informações (DOI), que ficava sob a responsabilidade do Exército da Área. O Condi assessorava os comandantes, os Codis eram órgãos de planejamento para a defesa interna. Subordinados aos Codi, os DOI eram unidades operacionais, encarregados de executar prisões, investigações e interrogatórios⁸³³.

Mas o sistema de investigação e punição era mais complexo que dois órgãos atuantes e os locais de tortura não se restringiam a esses locais mapeados. Em Porto Alegre, por exemplo, apesar da existência do DOI, o mais importante articulador e implementador da sensação de terror foi o DOPS, o que não significa que agissem isoladamente. Após o golpe, o DOPS/RS adquiriu um caráter repressivo mais militarizado e suas práticas de polícia política aplicadas foram práticas de Terrorismo de Estado⁸³⁴.

No que se refere aos métodos e técnicas de dor utilizados pela Ditadura Civil-Militar, as seguintes ações podem ser elencadas: arrancar dentes e unhas, estupros de mulheres⁸³⁵, colocar os detidos no pau de arara, deixar os detidos trancados numa cela com animais (cães, jacarés, jibóias, ratos, baratas) e também obrigar o contato físico do detido com animais, como colocar baratas, lesmas e ratos no corpo dos torturados, especialmente no ânus e na vagina. Também eram produzidas queimaduras com velas e cigarros, cortes com navalhas e estiletes, além de quebrar os dedos. Os presos também ficavam imobilizados de diversos modos: na “roldana”, que servia para amarrar o preso de cabeça para baixo, suspenso do chão, para a aplicação de outras torturas, suspenso a partir dos testículos⁸³⁶.

As técnicas eram variadas e incluíam a utilização de espancamentos com palmatórias, pedaços de madeira, cordas molhadas, correntes de aço e cassetetes de borracha. Outras técnicas com a eletricidade com o uso da “maquininha de choque/pimentinha/manivela/perereca” e com

⁸³³CARVALHO, Aloysio Castelo de. **Serviço Nacional de Informações: uma abordagem histórica**. Curitiba: Appris, 2023.

⁸³⁴ Os agentes do Estado envolvidos em casos de tortura sexual em sua maioria passaram pela Escola Superior de Guerra, doutrinados com a Segurança Nacional e atuando em setores como a Casa da Morte, em Petrópolis, o DOI-CODI e o DOPS, em São Paulo outros centros de tortura sexual e psicológica. Ver: BAUER, Caroline Silveira. **Avenida João Pessoa, 2050 – 3o andar: terrorismo de Estado e ação de polícia política do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982)**. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2006.

⁸³⁵FERNANDES, Analu Dores. **Ditadura e Tortura Sexual: a visão das ex-presas políticas nas Ditaduras Civil-Militar Do Brasil (1964-1985) e da Argentina (1976-1983)**. Doutorado em Estudos Comparados Sobre As Américas, Universidade de Brasília (UNB): BCE-UnB, 2019.

⁸³⁶COELHO, Myrna. **Sofrimento e Tortura: Brasil (1964-1979) e Argentina (1976-1983)**. Tese de Doutorado, USP, 2010.

a cadeira do dragão, que foi aperfeiçoada com a colocação de um microfone que fazia a voltagem da descarga elétrica aumentar de acordo com os gritos dos prisioneiros torturados. Também havia técnicas de afogamento, combinadas ou não com outras torturas, como por exemplo, o pau de arara. Além disso, técnicas para torturas químicas, como, a aplicação de amoníaco nas vias respiratórias e éter pingado no ânus ou em forma de injeção. Aplicavam também nos detidos o pentotal sódico (soro da verdade), usualmente, nos pés, para causar necrose e impedir a mobilidade do corpo. Eventualmente, o “torniquete” era utilizado e consistia num aparelho colocado em volta da cabeça que a pressionava, causando morte por dilaceração encefálica, entre outros métodos⁸³⁷.

Este tópico parte de entrevistas coletadas pela Comissão Nacional da Verdade, especificamente endossa dados a partir da busca de relatos com violência sexual anal por agentes de Estado envolvendo outros homens, onde foram encontradas vinte e duas vítimas civis, nos quais, seis eram vítimas civis homens, sr. Alípio, sr. Valdomiro, sr. Miguel Gonçalves, sr. Paulo Roberto, sr. Francisco Ferreira de Oliveira e sr. Antônio Pinheiro Sales. Além dos vítimas civis localizadas, outros três casos de violação sexual com vítimas militares também foram relatadas: Sr. Florivaldo, Sr. Pedro Lobo e Sr. Vicente Sylvestre. Logo a pesquisa se desenvolveu a partir de nove relatos de violência sexual entre homens cedidos à CNV em 2014, sobre acontecimentos das décadas de 1960 e 1970.

O objetivo da análise dos relatos coletados pela Comissão Nacional da Verdade é possibilitar a reflexão política sobre os modos de atuação do Estado de Exceção e indicar uma possível influência de modelos de apropriação do corpo prisioneiro com a diferença do consentimento e a prática de violência sobre os corpos, em relação ao mercado homoerótico B/D e S/M. Assim, considerando-se apenas os usos da violência e o prazer de atos de violação sexual sistemática engendrados por parte dos agentes, a partir do discurso da “Revolução Saneadora da Moral”, faz com que o uso da punição e do castigo como vetor de correção social seja recorrentemente utilizado para camuflar desejos homoeróticos não verbalizados como tais, mas expressos e elaborados, justamente, como aquilo que pretendem combater⁸³⁸.

No primeiro relato, o ex-marinheiro Florivaldo de Oliveira Mello lembra que em 1965 foi desligado da marinha e, no mesmo dia, ao sair do local em que trabalhava, foi surpreendido por homens que o forçaram a entrar em um carro, colocando um capuz em seu rosto. O que

⁸³⁷PETERS, Edward. **História da Tortura**. Editorial Teorema: Estados Unidos, 1985.

⁸³⁸ROUDINESCO, Elisabeth. **A Parte Obscura de Nós Mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

segiu após isso foi um longo interrogatório com os procedimentos de *praxe*, onde um corpo é amarrado e submetido a sessões de afogamentos, eletrochoques, pau de arara e violação sexual.

Rememorando a ocasião, relata que ouviu por parte de seus torturadores:

‘tá com as unhas grandes, arranca as unhas desse *cabra*’. Aí eu vi o cara vir de lá com aquele alicate que corta pata de cavalo, e começou a arrancar as minhas unhas, e eu gritava, gritava, eu gritava que ninguém escutava, onde é que eu estava ali realmente, tava numa sala trancada pra ninguém escutar nada né’. [...] aí o Igreja vem de lá fazer assim, ‘sabe como é que ele vai falar? Peraí, aí me pega uma, aquela faca de caça, que tem um bocado de serra, chegou na minha cueca que era samba canção naquela época, se lembra, (ininteligível 00:46:22), e rasgou, pela minha bunda aqui ó, a nádega, rasgou e puxou, vão me capar, mas não, foi ao contrário, me... Continuei amarrado, me, eu sei que me pegaram um pela perna e outro pelo braço, e me socaram dentro de uma bacia, uma bacia, um tanque, era uma tina de, de madeira, meio barril cortado no meio, e ali, me botaram ali, eu com as pernas pra cima, e mão assim. Daqui a pouco começaram a jogar água, aí eu vi dois fios entrando, quando vi dois fios entrar o que eles vão fazer, vão me matar⁸³⁹.

O marinheiro Florivaldo de Oliveira Mello, relatou ainda que:

Eu vi, Walter, Cabo Walter, Fuzileiro Naval escrito ali na camisa dele, não esqueço esses três nomes, não esqueço. E aí, o nome do cara, meteu o pé aqui, o outro me segurou, *meteu aquela mangueira em meu ânus e abriu a torneira*. Aí eu tive olha, já era mais ou menos o que, umas duas e meia da manhã, uma hora pra duas e meia ou três horas da manhã, algo assim, foi que aí eu ... Eu conheço, um Osvaldo, olha só, me deu na mente só pode ser Osvaldo Aranha, aí eu dei o endereço de Copacabana (grifo nosso)⁸⁴⁰.

O ex-marinheiro Florivaldo de Oliveira Mello relatou que foi preso “à toa”, pois não tinha envolvimento político, apenas conhecia Aranha como um colega. Relata o interesse de seus torturadores em manifestar dominação e poder ao violar seu corpo através do ânus mediante o uso de uma mangueira. Desde então, cultivou sentimento de ódio. Afirmou que comprou um revólver e entrou para um grupo armado de oposição ao regime político, mudando seu nome para Miguel, e depois, Geraldo. Posteriormente, recebeu do Partido Comunista de Cuba um treinamento militar entre 1966 e 1967, indo para o Araguaia no fim de 1967.

A segunda vítima militar, Pedro Lobo de Oliveira, afirmou que esteve preso no DOPS de São Paulo, em 1969. Relatou que fez a Academia Militar, o curso de sargento e foi designado para um batalhão vinculado à diretoria do Centro Social de Sargentos. Nesse local, afirmou que assim como a dos Cabos e Soldados, eram todos de perspectiva política de esquerda. Informou que acreditava na reforma do Brasil promovida por Jango, pois como tinha passado a infância

⁸³⁹ ENTREVISTA. Florivaldo de Oliveira Melo à Paulo Cunha, vítima da ditadura, 2014, p. 12

⁸⁴⁰ ENTREVISTA. Florivaldo de Oliveira Melo à Paulo Cunha, vítima da ditadura, 2014, p. 13

no campo, dava muita ênfase e valor à reforma agrária. Ao ser preso, contou que quando sobrevieram os choques:

De início eu tentei não gritar, dar uma de amor próprio, de machão, depois eu vi... Aí o grito saía sem querer, porque com a descarga de choque, o pulmão, eu creio que contrai e aí o berro sai sem querer; o ar é expelido sem você se... não há controle de você. Aí eu vi que, se eu gritasse, seria melhor, aí eu gritava já. E aí, um fato cômico, trágico mas cômico, que foi o seguinte. Um dia aquele fiozinho da maquininha escapou, e ele dava na manivela, ele não dava choque nenhum, mas eu gritava do mesmo jeito, você entendeu? Depois, não sei se foi o Perrone ou se foi lá o Caetaninho, que era o chefe dos investigadores, deram conta de que eu não estava levando choque, aí disseram nome, nome de baixo calão: Ah, esse sacana, esse safado está gritando. Aí arrumaram a maquininha e seguiu pior ainda os choques⁸⁴¹.

O sr. Pedro Lobo destaca um aspecto da masculinidade viril na tentativa frustrada de resistir à dor sem gritar, tentando performar um homem considerado “machão”. Após esse evento, informou que os choques eram nos dedos da mão, do pé, no órgão genital. Enganchavam os fiozinhos lá no pênis e choque. No ânus e em demais partes sensíveis do corpo, somado ao chamado “telefone”. Relata inclusive que perdeu a audição, pois o “telefone” ocorria quando davam um tapa nos dois ouvidos ao mesmo tempo. Relata outros efeitos deletérios como ter quebrado o cóccix, em razão dos chutes e outras violências.

Em seu relato, o sr. Pedro Lobo afirmou que foi colocado em banco no porão, nu, amarradas as mão por baixo do banco e as pernas amarradas também embaixo do banco, quando deram início às sessões de choque elétrico e introdução de salmoura pela narina. Neste momento, afirmar ser pior do que o choque “Tapava-se a boca e era um negócio salgado, não sabendo dizer se era urina, se era salmoura, introduzindo pela narina”⁸⁴².

A terceira vítima militar, o coronel Vicente Sylvestre, afirmou que esteve preso em 09 de julho de 1975, no DOI-CODI de São Paulo, quando dois indivíduos colocaram um capuz e o fizeram tirar toda a roupa e completamente nu, o penduraram no pau-de-arara para iniciar a pancadaria⁸⁴³. Em seu relato, conta que depois foi colocado na cadeira-do-dragão, sempre despido e a experiência extremamente dolorosa se repetia quase que toda noite.

⁸⁴¹ Pedro Lobo de Oliveira. Categoria do depoente: Vítima. Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 29/4/2014, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: Raissa Wihby Ventura e Camila Braga. NUP: 00092.000939/2014-04, p.16

⁸⁴² Pedro Lobo de Oliveira. Categoria do depoente: Vítima. Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 29/4/2014, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: Raissa Wihby Ventura e Camila Braga. NUP: 00092.000939/2014-04, p.21

⁸⁴³ Vicente Sylvestre, Categoria do depoente: Vítima militar - Coronel. Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/03/2013, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: Maria Rosa Loula e Paulo Cunha. NUP: 00092.000439/2013-83, p.4-5

Em seu relato, o Coronel Vicente Sylvestre se mostra indignado com o que fizeram consigo, pois além de tudo estava em “outro nível” em relação aos agentes que o torturavam e o humilhavam em uma situação completamente indefesa⁸⁴⁴. Relata, inclusive, o episódio da morte de Zé Pereira de Almeida, informando que aquilo foi uma coisa horrível, um choque tremendo porque não havia condições de alguém se suicidar dentro do DOI-CODI, era humanamente impossível, pois não havia instrumento, nem elementos para isso. Mas as fontes formais informavam que ele se suicidou. Em seu relato, afirma que essa morte de Zé Pereira de Almeida foi devido às torturas sofridas e tem procurado denunciar, onde pode denunciar, sem perceber praticamente nenhuma repercussão disso, “introduziram no ânus dele um cabo de vassoura com uma... Quebrado na ponta e perfuraram todo o intestino dele, quer dizer, ele morre sem o corpo deixar nenhum vestígio, nenhum hematoma, nada”⁸⁴⁵.

O trabalho da Comissão Nacional da Verdade evidenciou que técnicas de fazer sofrer foram largamente utilizadas, inclusive contra membros das Forças Armadas na tentativa de investigar e punir a subversão. As mais variadas práticas de tortura foram utilizadas, como empalamento, assim como demais atos de violação sexual que se desdobram no estupro de homens. Tratou-se de formas de violência utilizadas por alguns homens dentro do Estado Ditatorial como expressão do desejo de dominação, logo a violação da integridade humana se manifesta como técnica de fazer sofrer justificada pelo procedimento ditatorial, mas também como técnica de gozo punitivo que surge como elemento que intensifica essa fraternidade de homens do Estado de Exceção⁸⁴⁶.

Na esteira dos casos de violação sexual em procedimento de tortura pelo Estado da Ditadura Civil-Militar, o primeiro caso de vítima civil, Alípio Raymundo Vianna Freire relatou que foi preso em 1969 e levado para o quartel onde funcionava a Operação Bandeirantes em São Paulo, um organismo paramilitar e de repressão, que funcionava em um quartel, na região do Ibirapuera (SP). Antes de ser Doi-Codi, era um quartel do batalhão de reconhecimento mecanizado. Na entrevista, relata os choques, o pau de arara, o telefone e o empalamento com

⁸⁴⁴ Reiteradamente se questionou “Como é que um ser humano pode fazer isso com uma pessoa indefesa? Não é? Mas não tinha apelação, era.... E o que eles queriam de mim?”, buscando chamar atenção para a narrativa de que era um Tenente-Coronel da ativa. Afirma ainda que falou: “eu não conheço nenhum general, não tenho nenhuma ligação com ninguém do Exército, das Forças Armadas, não conheço ninguém”. Ver: Vicente Sylvestre, Categoria do depoente: Vítima militar - Coronel. Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/03/2013, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: Maria Rosa Loula e Paulo Cunha. NUP: 00092.000439/2013-83, p. 5

⁸⁴⁵ Vicente Sylvestre, Categoria do depoente: Vítima militar - Coronel. Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/03/2013, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: Maria Rosa Loula e Paulo Cunha. NUP: 00092.000439/2013-83, p. 5

⁸⁴⁶ SEGATO, Rita. Refundar o feminismo para refundar a política. In: **Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

um bastão no ânus. Violações praticadas como se os torturadores estivessem brincando com seu corpo, afirmando que eles estavam se divertindo com os fios desencapados quando seu corpo estava na cadeira do dragão. No final, afirmou que: “No meu caso além do mais eu sofri empalamento, rápido e tal, mas foi um empalamento, vou fazer o que”⁸⁴⁷.

Em seu relato, Alípio Raymundo Vianna Freire manifestou, através de muitos gestos, o desconforto de rememorar experiências marcadas por sentimentos intensos, utilizando o recurso de uma terceira pessoa para narrar a si mesmo, como se buscasse distanciar o evento traumático com ele próprio. Dentre as situações difíceis de lidar, afirmou que sua cueca foi motivo de risos, pois sua roupa íntima se diferenciava das consideradas masculinas, com detalhes e furinhos⁸⁴⁸. Nessa ocasião, ainda acrescenta ao relato, o rumor em forma de informação de que percebeu no varal da OBAN uma “outra cueca moderna”, que mudava apenas a cor. O outro preso seria Vicente⁸⁴⁹. Esta informação indica que em toda a elaboração da dor pelos agentes da Ditadura, os aspectos da masculinidade viril estavam sendo enunciados por códigos, por exemplo, os risos sobre a cueca e um tratamento mais severo diante disso.

O segundo caso de vítima civil ocorreu, em 1972, com Valdomiro de Oliveira Santos Filho, Patrulheiro Rodoviário Federal, preso no quartel dos 19 BC, no bairro de Barbalhas, Salvador. Relata que foi preso quando eles cercaram o posto, com contingente fortemente armado. Prenderam-no, tiraram sua insígnia, revólver, colocaram o capuz e o jogaram na viatura como um animal. Naquele local começaram as chacotas, um batia e o arremessava para o outro. Batiam-no e o colocavam para sentar no colo, afirmando ter passado por uma experiência de sofrimento até chegar ao local:

Olha, esse trajeto encapuzado, eu não via quem estava bulinando comigo, me abusando, me batendo, me colocando no colo, botava o dedo no ânus, eu apanhei muito, a minha canela estava ferida, como eles me jogaram na

⁸⁴⁷ Alípio Raymundo Vianna Freire, Categoria do depoente: Vítima civil, Depoimento colhido por integrantes da CNV. Data: 18/06/2014, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: San Romanelli e Camila Braga NUP: 00092.001344/2014-68. p. 43

⁸⁴⁸ A pesquisadora Laura Brandão mostra como, nesse período, a cueca Zorba era questão de risos, de rumores, de escárnios e de assédios, inclusive de cartas da sociedade civil para o General-Presidente, pedindo censura às propagandas que mostrassem algum tipo de volume na região íntima, por uma questão de decoro público. Ver: BRANDÃO, Laura Lene Lima. **“Era Necessário Falar com o Corpo, Tão Gastas Ficaram as Palavras”**: políticas do corpo sexuado durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Tese de Doutorado em História do Brasil ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, 2024.

⁸⁴⁹ Quando eu tirei a calça, eu estava com uma cueca tipo Zorba. Tinham dois ou três meses que tinham começado a vender, e eu estava com um (ininteligível) que era toda de furinho, assim, com uma tela, só fechada na frente. Aí, um deles teve outro ataque. “(ininteligível) aquele veado aqui, de calcinha vermelha. Agora, essa puta de calcinha preta.” (Ininteligível) aliás, graças a isso, eu fiquei sabendo que o Vicente estava preso mesmo, era o único que usava Zorba, daqueles que eu sabia que estavam presos. *Estavam começando a usar ainda. (ininteligível) você via no varal.* Ver: Alípio Raymundo Vianna Freire, Categoria do depoente: Vítima civil, Depoimento colhido por integrantes da CNV. Data: 18/06/2014, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: San Romanelli e Camila Braga NUP: 00092.001344/2014-68. p. 21.

viatura ralou a canela, e aí vinha os coturnos chutando, havia sangue na calça, e eles chutavam, eu chorava, eu pedia pelo amor de Deus, eu suplicava, mas não adiantava, e aí, quando eu lá cheguei, houve a recepção do preso, tinha, que hoje é a minha testemunha, o cabo José Cláudio, ele me viu chegar, o estado que eu cheguei, todo apanhado, todo lascado, e ele não participou lá no ato prisional, ele participou da recepção ao preso, e eu tenho a declaração dele aqui, que ele conta, o que eu passei, porque eu lá na cela, e ele ali, pra que tanta pergunta, (incompreensível), o José Fernando foi tenente, o Antônio Pedreira foi Cabo⁸⁵⁰.

Em seu relatório ainda denuncia José Raimundo Rodrigues Campenise, como o soldado que o conduzia, e “por ordem, não sei de quem, ele fazia coisas assim na direção, para que eu caísse de uma lado, do outro, para que os outros me pegassem, quando eu caía me botava no colo, e ele hoje sabe dessa situação”⁸⁵¹. Ele ia dirigindo e ia fazendo movimentos bruscos na direção para que caísse de um lado, caísse do outro, informava que parecia que era coisa que eles já combinavam. Afirma que no trajeto, faziam chacotas com termos do tipo “menina, vai fazer em menina”⁸⁵². Depois do evento, afirmou que sua cueca de branca estava marrom, porque limpava as fezes até não ter mais condição de limpar, informando que o local da tortura não tinha como ser limpa, não tinha papel higiênico, nem nenhum utensílio⁸⁵³.

Em seu relato para a Comissão Nacional da Verdade, informou sobre os métodos de dor de praxe, onde durante a semana o colocavam em uma sala de tortura para submissão de choque elétrico no testículo e no ouvido. Mas seu relato contém informações sobre a elaboração de uma criatividade para a crueldade do *modus operandi*, como a criação de uma lagoa pequena, que tinha dejetos, fezes, urinas e tudo e o botavam de cabeça para baixo. Além de brincar de “roleta russa” no ouvido, ao som dos hinos do Exército no ouvido e em uma posição única por horas em um sofrimento considerado terrível.

Outra modalidade de tortura aplicada era o ato de colocar o corpo em um lugar para andar com uma bandeira, em piso de cimento com tampinhas de refrigerante viradas para cima, descalço, obrigando-o a castigar os pés, além de receber pancada na mesma região dos pés. Afirma que colocavam um grampo no mamilo e outro no testículo e rodavam a manivela para que recebesse choques, na intenção de saber quem eram os companheiros. Afirma ainda que o terror psicológico aumentava quando:

⁸⁵⁰ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Valdomiro De Oliveira Santos, Pedido 21_2013, Colhido Em 26 De Abril De 2013 Pela Comissão Nacional Da Verdade, p.6.

⁸⁵¹ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Valdomiro De Oliveira Santos, Pedido 21_2013, Colhido Em 26 De Abril De 2013 Pela Comissão Nacional Da Verdade, p.6

⁸⁵² PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Valdomiro De Oliveira Santos, Pedido 21_2013, Colhido Em 26 De Abril De 2013 Pela Comissão Nacional Da Verdade, p. 31

⁸⁵³ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Valdomiro De Oliveira Santos, Pedido 21_2013, Colhido Em 26 De Abril De 2013 Pela Comissão Nacional Da Verdade, p. 33-34

Ficava nu. Despido. Era no testículo e no ouvido. E um pegava na minha bunda, metia o dedo na minha bunda, “a bunda dele é isso”, “a bunda dele é aquilo”, eles faziam as coisas, parecia que ia acontecer, eu não sei se aconteceu com os outros. Comigo cheguei a dado momento, que eu não ia morrer, que não iam me matar, porque eu não fui preso assim em um canto que ninguém viu, mas fui preso onde tinha muitas testemunhas. Eles queriam me castigar realmente como castigaram, mas eu acho, eu tenho no meu íntimo que morrer, eu não ia morrer não, porque a minha prisão por ter sido clandestina não foi escondida⁸⁵⁴.

O desejo da violência, do castigo e da possibilidade de punir, bem como suscitar o desespero psicológico para algum tipo de violência sexual, física e a própria vida faziam parte do repertório dos agentes que conduziram a tortura de Valdomiro de Oliveira Santos. O motivo de sua prisão seria o suposto envolvimento com atividades subversivas de esquerda. E depois, permaneceu na militância política, mas não encontrava empregos, pois passou a ser perseguido.

O terceiro relato de vítima civil ocorreu com Miguel Gonçalves Trujillo Filho, professor de História, preso político em Sorocaba, no ano de 1975⁸⁵⁵. No que se refere à tortura sexual, conta a violência que foi praticada com Renato Guimarães:

Ele tem 80 anos, ele é editor de livros, Editora Revan, no Rio de Janeiro, chama-se Renato Guimarães. O Renato Guimarães ele foi muito preso, foi muito, aliás, foi muito torturado quando preso, os caras enfiavam cabo de vassoura no ânus dele, judiaram e aí ele conta que ele estava arrasado, completamente arrebitado e os torturadores colocavam a rádio bem alta para abafar os gritos de tortura para a vizinhança, porque, mesmo com as paredes à prova de som, tal, aquele bairro, por ironia, era um inferno, mas, era chamado Paraíso⁸⁵⁶.

Prossegue afirmando o caráter sádico no ato de empalamento:

Existia um sujeito muito cruel, *um torturador, ele era negro, homossexual* e misógino, ele, realmente torturava, gostava de torturar mulher, para vocês entenderem como essa gente não era... Tem um conhecido, ele foi torturado, entre os instrumentos de tortura existe o empalamento, empalamento era um cassete de borracha com um fio elétrico dentro, que se introduzia na vagina das mulheres, no ânus das mulheres, dos homens. Eu não passei por essa coisa, mas, o irmão do Lula, por exemplo,

⁸⁵⁴ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Valdomiro De Oliveira Santos, Pedido 21_2013, Colhido Em 26 De Abril De 2013 Pela Comissão Nacional Da Verdade, p. 31

⁸⁵⁵ Em seu relato, Miguel Gonçalves contou que as pessoas diziam: “Meu pai é militar, capitão do Exército” ou “Ah, meu pai é delegado”. Inclusive, a filha de Sergio Fernando Paranhos Fleury, notório delegado do DOPS paulista, estudava na mesma escola em que ele trabalhava e chegava acompanhada de guarda-costas. Fleury tornou-se conhecido por sua atuação em 1963, à frente do “Comando de Caça aos Comunistas” (CCC) e do “Movimento Anti-Comunista” (MAC), organizações paramilitares que funcionaram como o “braço clandestino da repressão”. Ele também comandava o campo de concentração conhecido como “Fazenda 31 de Março”, utilizado para esconder prisioneiros políticos do DOI-CODI, fato que gerava grande repercussão na escola. O entrevistado relatou ainda ter convivido com o jornalista Vladimir Herzog, que veio a falecer enquanto estavam presos. Ver: Testemunho colhido por integrantes da CNV, data: 31/7/2014, Local: Sorocaba, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Ariana Bazzano e Camila Braga, NUP: 00092.001718/2014-45. p. 9

⁸⁵⁶ Testemunho colhido por integrantes da CNV, data: 31/7/2014, Local: Sorocaba, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Ariana Bazzano e Camila Braga, NUP: 00092.001718/2014-45. p.16

o frei Chico, passou, esteve preso comigo, na mesma cela, o frei Chico e eu me lembro que, não só ele, mas, outros ficavam indignados porque era uma coisa tão, tão, um *estupro*. E um conhecido meu, ele sofreu esse empalamento e os caras deram choque, *dão choque dentro, acontece que, pelo cassetete, a posição e tal, afetou a próstata e ele teve uma ejaculação e esse torturador, ele viu aquilo, levantou, isso meu amigo me contou, viu aquilo, levantou, passou a mão no esperma, no chão, passou no rosto, tal, lambeu*, pessoa, é um degenerado, um psicopata, misógino, gostava, muito violento com as mulheres e dos mais brutais, ele humilhava as pessoas, não só ele, os outros, principalmente os velhos, chamavam de museu: “*Vem cá, museu, agora chegou a sua hora de entrar para o pau.*” E eles eram, note que nós éramos peças num grande jogo, havia uma luta interna pelo poder, a operação que nós fomos presos chamava-se Operação Jacarta⁸⁵⁷.

Ainda, conforme informou ter ouvido falar que o torturador citado chegava a brincar com os fluídos corporais dos seus objetos de desejo – suor, cuspe, urina, sangue e sêmen⁸⁵⁸. Dessa forma, somada a violência de fato, à atmosfera de terror também se configurava com um modo específico de violência que se intensificava com os relatos de performances sádicas que expressavam o prazer por violentar.

O uso do método sistemático, para produzir dor pelos torturadores, foi também um momento de elaborar a imaginação para um tipo específico de crueldade, com brincadeiras que evidenciam o requinte de um prazer sádico em que as técnicas de tortura serviam como pretexto de manutenção da lei e da ordem, ao tempo da superação do gozo punitivo com a dor intrusa do outro.

Sobre a existência deste torturador que foi enunciado como “negro”, “homossexual”, “degenerado”, “psicopata”, “misógino”, convém considerar o local em que estas categorias foram enunciadas, bem como sugerir que as alianças políticas identitárias não se estabeleciam de modo homogêneo por categorias identitárias de sexo, cor, raça/etnia, crença, sexualidade, ou por circunstâncias diversas, de modo que seria possível supor que existissem no interior da Ditadura, sujeitos atravessados por diferentes marcadores sociais, sem que uma determinado categoria se sobrepusesse aos interesses do Regime Civil-Militar Brasileiro.

De acordo com a análise do relato, o objetivo do local da tortura e do uso da dor pelos agentes seria dar vida a um modo de expressão que confundia prazer com punição, articulado ao não consentimento do sujeito, à violência em sua carne, uma possível satisfação que emerge - com e para - quebrar a moral da individualidade da pessoa ao submeter o corpo à violência,

⁸⁵⁷ Testemunho colhido por integrantes da CNV, data: 31/7/2014, Local: Sorocaba, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Ariana Bazzano e Camila Braga, NUP: 00092.001718/2014-45, p. 19

⁸⁵⁸ Segundo Thomas Lacquer, o esperma seria explicado para os gregos como resultado do sangue em ebulição, distinto das mulheres que não tinham o necessário para transformar o sangue, por isso menstruavam. Ver: LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.

visto só como carne, pois os agentes da Ditadura queriam mostrar poder e gozar punitivamente em seu serviço.

Ademais, em seu relato, Miguel Gonçalves Trujillo Filho trata da influência norte-americana no ensino da tortura com técnicas para fazer sofrer, aprendidas por homens que treinavam para Guerra Fria, somada à própria experiência e conhecimento técnico do Brasil, acumulado desde o processo de colonização e de escravização, que instrumentalizou o pau de arara e estabeleceu preferências por órgãos sensíveis⁸⁵⁹. Dessa forma, o testemunho reitera que o prazer violento sob pretexto de apuração da verdade dos crimes entrava em alguns casos, em uma espiral maior de violência, com nuances de um desejo homoerótico sádico e também criminoso, ao levar a satisfação plena apenas quando expostas as vísceras da vítima⁸⁶⁰.

Sobre o aprendizado dos métodos e técnicas da submissão à dor, desde antes de 1964, há registros de 105 brasileiros que passaram pela Escola das Américas. Desses, tiveram aulas de tortura nove oficiais da Marinha e do Exército⁸⁶¹. Entre 1965 e 1970, outros 60 brasileiros tiveram aulas de tortura no mesmo setor. No final de 1970, um grupo de oficiais do I Exército foi enviado à Inglaterra a fim de aprender o sistema de “interrogatório” inglês, que consistia em colocar o prisioneiro desnudo numa cela chamada “geladeira” onde se variavam o nível de ruídos, iluminação e temperatura para desorientar o sujeito⁸⁶².

Ainda no que se refere ao aprendizado de técnicas da tortura, a Escola Nacional de Informações (EsNI) tinha cursos ministrados por profissionais de segurança da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. Logo a especialização de civis e militares brasileiros com as Forças Armadas Estadunidenses, além da formação baseada na prática das forças repressivas francesas, levou ao aprimoramento da tortura psicológica. A tortura psicológica adquiriu mais espaço após a Guerra do Vietnã (1965-1975), quando os programas de contrainsurgência configuraram outro nível de utilização do terror, sobretudo, contra a mobilização popular na América Latina, na África e na Ásia⁸⁶³.

⁸⁵⁹ Testemunho colhido por integrantes da CNV, data: 31/7/2014, Local: Sorocaba, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Ariana Bazzano e Camila Braga, NUP: 00092.001718/2014-45, p. 16

⁸⁶⁰ O relato da Comissão Nacional da Verdade reitera o argumento da crueldade institucional do Estado Autoritário ao incluir no código de processo penal a prática clandestina de morte por empalamento em outros presos, inclusive prática que levou à morte de Mário Alves. Ver:

⁸⁶¹ COELHO, Myrna. **Sofrimento e Tortura: Brasil (1964-1979) e Argentina (1976-1983)**. Tese de Doutorado, USP, 2010.

⁸⁶² COELHO, Myrna. **Sofrimento e Tortura: Brasil (1964-1979) e Argentina (1976-1983)**. Tese de Doutorado, USP, 2010.

⁸⁶³ Bauer estudou a tortura sexual de dois casos em mulheres, Eny Taliah Tosca de Freitas e Nilce Azevedo Cardoso, em 1964 e 1972, no DOPS/RS. De acordo com a pesquisa de Bauer acerca das fontes do BNM, mais de 6.016 pessoas foram torturadas entre 1964 a 1977, sendo este número retirado de fontes processuais que chegaram à instância do Supremo Tribunal Militar, logo não seria possível mensurar um número aproximado. Ver: BAUER, Caroline Silveira. **Avenida João Pessoa, 2050 – 3o andar: terrorismo de Estado e ação de polícia política do**

O quarto relato de vítima civil, Paulo Roberto de Magalhães relatou sobre as marcas físicas que o acompanham há mais de quarenta anos, por palmatórias e pelo uso de cordas que eram utilizadas nas seções de tortura. Em uma dessas ocasiões, conta que foi para uma cela especial e lá estava um agente chamado Paulo, conhecido como “o Americano”:

A obrigação dele era limpar o intestino da gente, ele me pôs no pau-de-arara e me deu choque no ânus, eu evacuei, e ele tinha todo o material para fazer a limpeza, e me xingou muito que eu tinha feito aquilo ali, jogou pinho sol: Pronto estava preparado para ir ser torturado. Isso eu presumo hoje, ele não me interrogou, ele simplesmente me deu o choque para limpar o organismo, porque sabia-se... Depois fiquei sabendo que o que eles mais queriam não era matar, eles queriam informações⁸⁶⁴.

Após a sua “limpeza”, afirma que percebeu a divisão em compartimentos na investigação da OBAN, havia três equipes, a A, a B e a C, de capturas e trabalho de inteligência. Lembra que a equipe A o tentava convencer: “Poxa, Paulo, seus colegas estão melhor lá fora e você aqui desse jeito, para quê?”, ou “Larga disso rapaz, conta aí onde é que estão o ponto, aparelho e companheiro, só quero três coisas: Ponto, aparelho e companheiro”. “Ponto é onde a gente se encontrava, aparelho são as casas e companheiro quais eram os companheiros e onde é que estava, três coisas que eles queriam só isso, isso é equipe A”.

Já a equipe B, segundo seu relato, não tinha muita persuasão na conversa:

Foram eles inclusive da equipe de buscas da época e que me arrebataram na tortura, está o Capitão Lisboa no meio e tal. E eu vou cair exatamente na mão desses caras, eu vou ser torturado durante 22h e só passando assim de relance, houve um momento em que eles me levaram para confrontar as minhas declarações com as da Antônia, minha ex-companheira. Eu me lembro que a vi torturada no pau de arara, suada, desesperada: Fala, o que eles estão querendo que você não fala? Fala para gente ir embora daqui. Eles falam assim: Vai ter que torturar, você vai ter que torturá-la, porque ela não vai parar de ficar na tortura⁸⁶⁵.

A tentativa de persuasão se torna tortura psicológica quando modificavam as circunstâncias a situações extremas. A proposta ressoa de forma diferente para ele, sua companheira e aos agentes. Após hesitar, decidiu:

Eu pensei duas vezes: Se eu não torturar ela fica mais tempo, tinha que ser muito ágil, se eu não torturar e não girar a máquina ela vai ficar mais tempo. Eles me deram a maquininha, aí eu dei um giro devagar, eles se satisfizeram no instinto dele, e a liberaram, eu não a vi mais, só vi naquele

Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982). Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2006.

⁸⁶⁴ Paulo Roberto de Magalhães, Categoria do depoente: Vítima Civil, Testemunho colhido por integrantes da CNV, Data: 21/11/2013, Local: São Paulo, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Raissa Ventura Wihby, NUP: 00092.000103/2014-00.

⁸⁶⁵ Paulo Roberto de Magalhães, Categoria do depoente: Vítima Civil, Testemunho colhido por integrantes da CNV, Data: 21/11/2013, Local: São Paulo, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Raissa Ventura Wihby, NUP: 00092.000103/2014-00.

momento ali. E fui para minha sala, (ininteligível) eles me levaram para a sala exclusiva e o pau continuou comendo, olha eu fui preso pelas 2h da manhã, 2h da tarde, meia-noite, 22h ininterruptas.

Depois disso, afirmou que após a ocasião voltou à tortura no “pau de arara”, momento em que o Capitão Lisboa iniciou o trabalho do terror:

Esse homem foi o meu terror Capitão Lisboa, ele tinha acabado de almoçar e estava chupando um picolé, com uma mão o picolé e com a outra o fio de tomada, da tomada saem dois fios, um ia para o cano, o outro ia para mão do torturado. E para dar a melhor condutividade elétrica eles tinham um plástico cheio de água com sal, molhavam o corpo e onde que ele encostasse daria condutividade para acionar a ponta do fio da mão deles até o tubo que estava debaixo da minha perna. Então ele molhava o corpo e passava o fio, e o fio... Aquilo ficava preto e no outro dia já tinha pus amarelo. Ele estava chupando picolé, esse desgraçado me jogou o palito de picolé na minha boca, eu não consegui tirar, ninguém consegue. O mau cheiro que exalava do meu corpo eu acho que é o cheiro da morte, porque não era o cheiro de sovaco, banho mal tomado, “cc”, não, era um mau cheiro que estava me incomodando, um cheiro muito forte, eu não sei do que era, eu me lembro disso. E para evitar que eu girasse, porque eu estava dando guinadas muito grandes, eles falavam, aí eles amarram (ininteligível) em pé⁸⁶⁶.

Os jogos mentais para dissipar a relação da vítima com sua companheira, bem como a banalidade do fato de brincar com o palito de picolé, aproveitando-se da boca do torturado como “lixeiro” demonstrou a articulação de uma crueldade possivelmente improvisada e uma outra roteirizada e disciplinada. Em ambos os casos, fruto das circunstâncias em que o corpo do outro poderia ser objetificado e instrumentalizada para o gozo dos próprios agentes do Estado, sob o pretexto de um discurso justificador de ameaça.

Assim, o relato de Paulo Roberto de Magalhães expõe um modo de atuação da polícia que ultrapassava o devido processo legal no âmbito penal, pois extinguiu a noção de humanidade e objetificava o corpo para o processo, na tentativa de extrair a verdade para o processo de qualquer forma e sem limitação ética, inclusive, explorando zonas erógenas do corpo, reflexo de uma vontade de dominação, de poder em humilhar a pessoa, de retirar-lhe a condição humana. O relato informa também um profundo ressentimentos da ausência do Estado Democrático na impunidade de seu torturador, ao dizer que o carrasco ainda era famoso em São Paulo, e afirmar “está vivo ainda parece que é dono de Faculdade, então eles sabem onde é que está, a Dilma sabe onde é que ele está”, refeindo-se à CNV e à Presidente da República no

⁸⁶⁶ Paulo Roberto de Magalhães, Categoria do depoente: Vítima Civil, Testemunho colhido por integrantes da CNV, Data: 21/11/2013, Local: São Paulo (SP), Responsável pela tomada de depoimento: Raissa Ventura Wihby, NUP: 00092.000103/2014-00. p. 13.

período, quase como se pedisse intervenção por Justiça e em conexão com várias outras pessoas torturadas⁸⁶⁷.

A quinta testemunha da CNV, Francisco Ferreira de Oliveira, preso no DOPS, em São Paulo, à mercê do delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury, conhecido como uma “besta humana”⁸⁶⁸, como corrobora em seu relato, onde informou que o próprio torturador aplicava injeção na perna, para depois ter coragem de torturar outros homens. Relatou que ao ser preso, em 1969, os agentes ainda não estavam treinados para torturar de modo sistemático, apenas batiam de modo aleatório⁸⁶⁹.

No que se refere à alimentação, Francisco Ferreira de Oliveira afirmou que o tratamento de humilhações não cessava, quando Sérgio Fernando Paranhos Fleury levava sopa em uma lata cheia de barata em cima. Ato contínuo, tirava a roupa das pessoas torturadas, “amarrava as mãos e colocava um fio despelado no pescoço da gente e ligava na tomada”. Essa técnica de submissão era a chamada “sopa de pescoço”. Não muito diferente das performances de sexo *hardcore*, sadomasoquista e fetichista da cultura homoerótica do período, que, em experiências cometidos sentiam-se prazer em submeter o corpo a uma performance animalesca. Nesse ponto, o relato mescla referências a técnicas de fazer sofrer um corpo, objetificado naquela interação sexual específica, ao mesmo tempo em que sofre com algum ato ou técnica é considerada sadomasoquista, dentro da subcultura homoerótica, considerando os limites do consentimento. Dessa forma, embora não possa afirmar que Sérgio Fernando Paranhos Fleury estivesse inserido na subcultura, de certo o agente da tortura elaborou métodos semelhantes, porém não consentidos em pessoas que eram consideradas “subversivas”.

Em seu relato, afirmou que, em 1970, foi submetido à aplicação de éter nos pés, situação em que perdeu o couro todo, permanecendo por noventa dias sem andar, sendo dezenove dias internado no Hospital Militar, no Cambuci, onde sofreu mais torturas:

⁸⁶⁷ GUMES, Glaucia Celeste Frota. **Memória Traumática da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985): A Dor Que Não Passa**. Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade Na Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia, 2021.

⁸⁶⁸ Sérgio Fernando Paranhos Fleury atuou como delegado do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo (DOPS-SP), durante o período autoritário, tornando-se conhecido por sua particularidade nos de tortura. Diferente da técnica elaborada pelas Forças Armadas, que estabeleciam conexão com equipamentos mais sofisticados de dor na busca por “subversivos”, o delegado tratava indistintamente a figura do “subversivo” e a figura do “marginal”, ignorando totalmente direitos humanos básicos. Foi acusado pelos crimes, mas morreu antes de ser julgado. Ver: SOUSA, Percival de. **Autópsia do Medo: vida e morte do Delegado Sérgio Paranhos Fleury**. São Paulo: Globo, 2001.

⁸⁶⁹ Sobre o motivo de sua prisão, afirmou que foi preso distribuindo panfletos considerados subversivos em frente à Ford, em Presidente Altino, alertando sobre o problema da greve de Osasco (SP). Ver: PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Vítima civil, FRANCISCO FERREIRA DE OLIVEIRA, Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 17/6/2014, Local: Mauá, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Raíssa Wihby Ventura e Camila Braga, p. 8

Fiquei 19 dias no Hospital Militar por causa das 90 torturas que eu sofri. Aí me mandaram para o DOPS. No DOPS, as torturas eram pior ainda. Quando eu cheguei lá no DOPS, tinha um tal de...que era apelidado de *Lúcifer*. Ele pegou uma cordinha, um cadarço, e...com licença da palavra?

Raíssa Ventura (Comissão Nacional da Verdade) – Por favor, fique à vontade.

Francisco Ferreira de Oliveira – E amarrou no meu testículo e ficou batendo com um punhal e dizendo: “Vou te castrar, seu fdp!”, com licença da palavra. E deu um corte no meu testículo. Não vou mostrar para você, porque...ficou aberto. Eles não costuraram. Voltei de novo para o Hospital Militar. Eles não costuraram, criou uma pele branca. Ficou aquela coisa aberta, porque tinha que ser costurado⁸⁷⁰.

Assim, os aspectos do terror psicológico e da crueldade na execução da dor evidenciam também traços da singularidade do torturador, algo em que Sérgio Fernando Paranhos Fleury se destacou por ignorar qualquer vínculo de empatia pelo corpo do torturado e pela capacidade de brincar com o terror do sujeito. Afirmou, ainda:

O Fleury, quando ele me levou para o terceiro andar...porque a sala de tortura no DOPS era no terceiro andar. Ele me levou e o Martinelli. Me pôs no pau de arara, e o Martinelli na ‘cadeira de dragão’. Foi quando esse cara me perguntou assim: “Você sabe onde é que você está?” “Eu estou no DOPS, né?” “*Não, você não está no DOPS, não. Você está no inferno, e eu sou o Lúcifer.*” E foi quando ele amarrou essa cordinha no testículo e ficou batendo o punhal no meu testículo e deu um corte⁸⁷¹.

Segundo o relato, no DOPS, Sérgio Fernando Paranhos Fleury representava a figura diabólica por excelência, quando chegou no recinto, foi recepcionado por ele que avisou “você está no inferno, e eu sou o Lúcifer”. O ato de destacar-se como Lúcifer, como o rei do submundo, informa ao ouvinte a necessidade de articular sua imagem à representação do mal encarnado, mostrando que, possivelmente, o torturador tenha aprendido técnicas de submissão à dor, já que, na sua prisão anterior, suas violações eram descritas como maus-tratos e, posteriormente, com requintes sádicos de crueldade e de terror psicológico. A enunciação da figura demoníaca evidencia o contato com o discurso religioso para provocar maior controle mental ao conectar sua violência à representação do mal, na teologia cristã. A convicção de que o “demônio” enganava aos homens e mulheres atravessou toda a literatura teológica e científica

⁸⁷⁰PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Vítima civil, FRANCISCO FERREIRA DE OLIVEIRA, Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 17/6/2014, Local: Mauá, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Raíssa Wihby Ventura e Camila Braga, p. 4

⁸⁷¹PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Vítima civil, FRANCISCO FERREIRA DE OLIVEIRA, Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 17/6/2014, Local: Mauá, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Raíssa Wihby Ventura e Camila Braga, p.5.

da Renascença, produzindo impactos na cultura e na sociedade, com materiais de exorcismo e o efeito da docilização dos corpos pelo medo⁸⁷².

Em outra perspectiva, quando a interação esta regulada por normas do consentimento, pode ser considerada relativamente normal a aplicação de técnicas verbais para evocar a enunciação de Lúcifer dentro da performance erótica, dentro da subcultura B/D e S/M, em seus jogos sexuais e em seus pactos contrassexuais, uma vez que a performance é encarada como um contrato de servidão íntima entre o dominador e o dominado, perpassando o aprendizado de técnicas de dominação psicológica, seja a partir da evocação performática de Lúcifer, seja através de outras fantasias, algo semelhante, em parte, aos métodos utilizados por torturadores, com a diferença basilar da substituição do acordo, do consentimento, pelo uso da violência, com gozo unilateral⁸⁷³.

A depender das circunstâncias históricas e da situação em que as pessoas estão inseridas, as práticas ganham significados diferentes, de modo que recorrer a apelidos demoníacos poderia evocar uma sensação erótica. Inclusive, a história do Brasil evidencia em trocas de cartas que D. Pedro I assinava páginas de amores à sua amante “Titília”, assinando ao fim como o seu “Demonão”, enunciação que podemos supor erótica e escrita para provocar desejo e afago⁸⁷⁴. Dessa forma, é possível supor ao enunciar a representação maligna através do nome “Lúcifer”, na tortura, que o agente da ação estivesse entrecruzando uma matriz de inteligibilidade cultural erótica à uma matriz religiosa judaico-cristã, se valendo do induzimento da dor como técnica de pedagogia moral punitiva e também como técnica de gozo individual.

O sr. Francisco Ferreira de Oliveira informou ainda que: “no ânus, eles enfiavam um canudo e soltavam um rato dentro do canudo. Até Deus duvida do que esses caras faziam com a gente. Eram umas bestas humanas, não eram gente”⁸⁷⁵. Por fim, afirmou ainda que foi preso em 1969, 1970 e 1975 e tinha que ir toda semana ao DOPS assinar o ponto, só depois da Constituinte de 1988 que deixou de assinar. Disso tudo, após sua contribuição com a CNV, informou que a única coisa de que discorda da política de memória é a ausência de punição dos torturadores.

A sexta testemunha civil, Antônio Pinheiro Sales, afirmou que a tortura sexual era acompanhada da tortura verbal com ameaças, como quando ao ser preso ouviu que: “Você vai

⁸⁷²DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente** (1300-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁸⁷³GADELHA, Juliano. **O Sensível e o Cruel**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.

⁸⁷⁴DEL PRIORE, Mary. **A Carne e o Sangue**: a imperatriz D. Leopoldina, D. Pedro I e Domitila, a marquesa de Santos. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

⁸⁷⁵ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Vítima civil, FRANCISCO FERREIRA DE OLIVEIRA, Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 17/6/2014, Local: Mauá, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Raíssa Wihby Ventura e Camila Braga, p. 12

virar presunto, e presunto, você sabe...”, era uma expressão do Fleury, e algum tempo depois, eles tiraram sua roupa. Narra que, posteriormente, se percebeu no pau de arara. Iniciaram as perguntas “Quem é fulano? Onde é que você mora? Onde é que está? Quem é fulano de tal?”. Somando-se às perguntas, as bofetadas, as pancadas e logo em seguida os fios nas orelhas, afirmando: “Eu tenho um narigão, aberto ainda, que eles prendiam aquilo em meu nariz, prendiam nos lábios, prendiam nas orelhas, e com muita, muita pancada. E tudo isso era complementado pela criatividade de cada torturador”⁸⁷⁶.

No mesmo dia, algumas horas depois, a vítima teve sua roupa arrancada e os pulsos amarrados, sendo submetida ao método de tortura conhecido como “pau de arara”, que força braços e joelhos sobre uma barra de ferro. O relato evidencia a brutalidade física e a humilhação psicológica impostas pelos agentes do Estado, caracterizando práticas sistemáticas de repressão durante o período de ditadura. Além do sofrimento individual, tais métodos refletem um contexto de violência institucionalizada, que visava intimidar, controlar e silenciar opositores, deixando marcas duradouras nas vítimas e em suas famílias, e levantando questões sobre responsabilidade e reparação histórica.

No que se refere às características do local de tortura, afirma que na sala havia duas escrivaninhas que eles utilizavam para escrever e também como apoio aos cabos de ferro. Às vezes, eles colocavam, em baixo do corpo da pessoa amarrada, colocavam jornais para forrar o chão, porque a pessoa vomitava e defecava muito, motivo para reforçar o mau cheiro do ambiente. Também havia muitas pessoas na sala de tortura. Além disso, um aparelho de som ligado muito alto e as paredes eram revestidas de isopor, parecia estúdio, todo forrado para abafar os sons emitidos. Essa estrutura da sala de tortura parecia ser complementação de cada chefe⁸⁷⁷.

O relato de Antônio Pinheiro Sales evidencia que, apesar do aprendizado das técnicas de punição, estas podiam variar de acordo com a criatividade de cada agente da Ditadura Civil-Militar. As técnicas verbais de tortura psicológica acompanhavam os usos de termos pejorativos, como: “A puta de sua mãe”; “Vou trazê-la aqui e enfiar o cassetete na bunda dela”; “Você tem irmãos, nós vamos descobrir a sua família”, toda esta questão⁸⁷⁸. Ademais, o caráter

⁸⁷⁶ ANTÔNIO PINHEIRO SALES, Categoria do depoente: Vítima civil Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/9/2013, Local: Brasília, DF. Responsáveis pela tomada de depoimento: Daniel Lerner, André Vilaron, Rafael Ruela, Suellen Maciel e Amanda Reis, NUP: 00092.001658/2014-61

⁸⁷⁷ ANTÔNIO PINHEIRO SALES, Categoria do depoente: Vítima civil Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/9/2013, Local: Brasília, DF. Responsáveis pela tomada de depoimento: Daniel Lerner, André Vilaron, Rafael Ruela, Suellen Maciel e Amanda Reis, NUP: 00092.001658/2014-61

⁸⁷⁸ ANTÔNIO PINHEIRO SALES, Categoria do depoente: Vítima civil Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/9/2013, Local: Brasília, DF. Responsáveis pela tomada de depoimento: Daniel Lerner, André Vilaron, Rafael Ruela, Suellen Maciel e Amanda Reis, NUP: 00092.001658/2014-61

sádico da tortura psicológica sobreveio acompanhado da violação sexual com o induzimento de choque no interior do corpo:

Só para complementar aqui... Isso aí foi agravante de uma maneira, pois uma hora eu sentia que alguma coisa estava sendo introduzida em meu ânus, que era uma bucha de *Bombril*. E eles depois disso introduziram aquele aparelhinho, que eles falavam jacaré, colocavam aquilo dentro do *Bombril*, dentro do ânus e outro prendendo o pênis. E eu já estava vomitando muito, percebia sangue escorrendo no rosto e em outros locais e eu desmaiei. Os gritos dos torturadores, aquela agressão verbal, foram parecendo mais distante e eu perdi os sentidos, que foram recuperados muito tempo depois, não sabia quanto. Mas agora voltemos lá na questão dos torturadores. Como eu fui torturado durante muito tempo, muito tempo, dentro de três, quatro dias, eu não caminhava mais. Eu era arrastado de uma sala para outra, para um cubículo. Nessa ocasião me deixavam em um corredor. E ali naquele local cada um que passava dava um chute, e assim por diante⁸⁷⁹.

Toda a tortura sofrida causou ao sr. Antônio Pinheiro Sales sequelas que causam muitos problemas nos braços, nas pernas, no pescoço, no tronco do corpo, algo que somado à memória de violação sexual e humilhação em contexto de prisão na Ditadura Civil-Militar, só aumentaram indignação da testemunha:

Houve um rapaz que ficou com o chamado corrimento no ânus. O ânus não segurava. Eles racharam o ânus dele. Ele era do Rio de Janeiro, [...]. Ele ficou com o ânus elastecido, que não segurava as fezes. E ele depois ficou reivindicando ida ao médico, porque era um problema gravíssimo esse o que ele tinha. Só para mostrar a dimensão das coisas, das sequelas que ficam em cada um, a dimensão que fica em cada um. Esse ficou com um problema no ânus. Muitos problemas de ereção, pênis, de tudo, olhos, ouvido. Eu não escuto do ouvido direito. E não escutar seria tranquilo. Eu não escuto do ouvido direito e escuto mal do esquerdo, mas o que me incomoda não é escutar, é o barulho que faz⁸⁸⁰.

Os rumores de torturas piores e até extermínio circundam todos os relatos, mostrando a possibilidade de algo mais violento ter encerrado os rumores, assim como também evidenciam aspectos da vontade de saber-poder gozar dos torturadores na Ditadura Civil-Militar.

A forma como foi realizado o uso sistemático da dor, principalmente, na violação sexual anal evidenciam o cruzamento entre matrizes de inteligibilidade distintas, existe uma legitimação social na aplicação da dor para punir e para purificar o sujeito considerado

⁸⁷⁹ ANTÔNIO PINHEIRO SALES, Categoria do depoente: Vítima civil Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/9/2013, Local: Brasília, DF. Responsáveis pela tomada de depoimento: Daniel Lerner, André Vilaron, Rafael Ruela, Suellen Maciel e Amanda Reis, NUP: 00092.001658/2014-61. p. 4-5

⁸⁸⁰ PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento ANTÔNIO PINHEIRO SALES, Categoria do depoente: Vítima civil Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/9/2013, Local: Brasília, DF. Responsáveis pela tomada de depoimento: Daniel Lerner, André Vilaron, Rafael Ruela, Suellen Maciel e Amanda Reis, NUP: 00092.001658/2014-61, P.19

“subversivo” para que ele possa seguir na direção considerada correta, assim a aplicação da pena soaria como algo positivo. Entretanto a linha de força que articula desejo erótico e violência emerge a partir dos relatos de pessoas que foram torturadas, mostra como alguns desses homens se aproveitaram do discurso que desumanizava os inimigos do Estado para se usufruir do local de trabalho como *self-service* sexual sádico e ainda subir na carreira laboral com isso. Dessa forma, as fontes indicam que alguns torturadores se valeram dos mecanismos da Ditadura, do discurso da suposta desordem política e moral da sociedade civil, para que se sentissem validados a empreender métodos de tortura e de extermínio de pessoas consideradas perigosas, mas com isso também procederam com violências sistemáticas à integridade sexual, demonstrando interesse em submeter, em humilhar, mostrar poder quase sempre com atos de violação sexual anal.

A permanência dessa atuação truculenta não atende a explicações reducionistas, inicialmente, com a inserção de pessoas com fatores psicológicos controversos em áreas da segurança pública, uma vez que precisam lidar com o exercício do poder e a legitimidade para violentar. Há que se considerar que problemas sociais complexos não possuem soluções fáceis, ou solução nenhuma. De modo que as massas sociais, ou não tomavam conhecimento da violência sexual do Estado, ou mesmo com a ciência da violência que ocorria, nada faziam por apatia ou por achar que toda violência aplicada aos “subversivos” era merecida, entre outros fatores⁸⁸¹.

Muitos são os aspectos problemáticos do exercício dessa articulação da violência com o prazer erótico no sistema de justiça. Ocorre em muitas camadas, mas a principal é o fato de não ser consentida, o que as distingue das práticas de fetichistas e sadomasoquistas que coexistiam no mesmo período em países do Norte Global. A segunda camada é que o princípio da busca da verdade real para o processo penal é algo que não existe, o uso sistemático da dor era permitido pelos métodos do Estado para alcançar uma confissão, pouco importando os acontecimentos. O terceiro ponto problemático é a elaboração de inimigos, crença em uma classe homogeneamente vencedora e uma perdedora, o mito de uma classe heróica e a produção de uma narrativa de ressentimento e de vingança que pouco potencializa a reflexão sobre a sociedade. A quarta questão é o distanciamento da noção situacional, singular e circunstancial da dor na sociedade. Se o gozo e o prazer marcam o cotidiano como uma experiência familiar, a dor é vivida como algo estranho, pois rompe os costumes que instigam no indivíduo o gosto de viver.

⁸⁸¹ A lógica do bandido bom é bandido morto. Ver: ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **A Questão Criminal**. Rio de Janeiro: Revan, 2015.

Nesse passo, a função do historiador em comunicar o incomunicável se torna uma tarefa intragável, como afirma Steinke e outros que se debruçaram nas fontes da repressão, nem por isso, menos nobre e pulsante⁸⁸². O contato com a vulnerabilidade de uma dor torturada que sobrevive no tempo, através de relatos implica o contágio eventual com a angústia, uma vez que a dor é a experiência humana melhor compartilhada. Inclusive a dor não afeta só um fragmento do corpo, ainda que seja apenas em uma parte localizada, a dor não se contenta e altera a relação da pessoa com o corpo, atravessa os pensamentos e contamina a relação com o mundo⁸⁸³.

As torturas sexuais que ocorreram promovidas por agentes da Ditadura Civil-Militar ocorreram como uma expressão de poder específico de dominação sexual⁸⁸⁴, possivelmente, fruto de um desejo mal digerido e/ou conduzido para uma espécie específica de prazer sádico. Da mesma forma que as variações e os modos de poder infligir a dor, com métodos de dor física, psicológica e suas variações, ressaltam o processo de coisificação da pessoa presa e torturada, devido ao isolamento e à perda da noção de tempo, somado à inatividade permanente.

Em defesa da sociedade, o discurso jurídico que reforçava a ideia da existência de um “veado” ou um “pederasta passivo” reforçava a crença da heterossexualidade e da masculinidade viril nas instituições militares e estabelecimentos prisionais⁸⁸⁵, e também promovia uma sensação de segurança para parte da população, na medida em que tornava previsível o dissidente, o delinquente nato, tido como inimigo⁸⁸⁶.

O cruzamento dos métodos de ensino e de aplicação da tortura em muito se assemelha ao universo homoerótico no mercado sexual. Nesse contexto, articulação da violência ao desejo se apresenta em vários níveis, desde a escolha da parte do corpo para tortura, quanto ao modo de execução, que ultrapassa o caráter pedagógico, adentra o gozo punitivo. Assim, paradoxalmente, as fontes demonstram que parte dos agentes da Ditadura que praticaram o uso sistemático da dor como método para alcançar a verdade no processo, se apropriavam de uma técnica erótica, camuflada pelo discurso da justiça penal, utilizando a tortura sexual como

⁸⁸² Pesquisa desenvolvida em cerca de 2.500 processos da repressão no Piauí, a partir da busca em dados da Anistia. Ver: STEINKE, Sabrina. A repressão política, durante a ditadura civil-militar de 1964, no Piauí relatada no acervo da Comissão da Anistia. **Ficção e Poder: Oralidade, imagem, escrita**. Fortaleza, 2017.

⁸⁸³ LE BRETON, David. **Antropología del dolor**. Éditions Métailié: Paris, 1995.

⁸⁸⁴ MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, Sexualidade e Estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu** (11) 1998: pp.231-273.

⁸⁸⁵ MISSE, Michel. **O Estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2ª ed, 1981.

⁸⁸⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870/1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

expressão de um desejo homoerótico nichado e considerado proibido, vez que fora dos parâmetros de consentimento, inclusive, flertando com o corpo imobilizado-morto.

O gozo punitivo e a elaboração do “inimigo” como “bode expiatório” são pontos que se cruzam no engendramento de masculinidades, sexualidades e sentimentos. A ideia de um mal que ameaça a segurança da existência reforça uma ideia de que o perverso está situada fora do sujeito, de modo que é possível que, na elaboração da dor, o torturador purifique o sujeito considerado subversivo de seu “erro”. Assim, o uso sistemático da dor como política de Estado utilizava como pretexto a busca de alguns dos agentes do Estado em limpar a sociedade do mal que representava o comunismo e a homossexualidade ou qualquer outro desvio da harmonia desejada pelo regime, mas que cumpria também a função de satisfazer um desejo sádico de aniquilação do outro, ao passo que suscitava o mesmo desejo em parcela de pessoas que se opunham ao autoritarismo. De modo que a coexistência da humanidade parecia insustentável e caótica, para além da explicação de uma violência cultural causada pela noção de irrefreabilidade do desejo ou de maldição inescapável⁸⁸⁷.

Os relatos de locais de tortura, sobre os métodos, sobre pau-de-arara, a cadeira do dragão, o soro da verdade, o empalamento, o extermínio e o surgimento da categoria de desaparecidos da Ditadura Civil-Militar⁸⁸⁸ evidenciam nuances de uma crueldade que atravessa os mecanismos de punir do Estado, permeiam a motivação dos agentes e os inserem em um modo de aplicação da punição como um fim em si mesmo, possibilitando o protagonismo do deleite de um gozo punitivo.

Ademais, o período de liberação erótica ocorreu no Brasil em sintonia com um movimento ocidental mais amplo, só que com a atmosfera mais fétida e sanguinária de locais como a Casa da Morte em Petrópolis, o DOI-CODI em São Paulo, e em tantos outros locais de sadismo policial. Como restou demonstrado nas fontes históricas do período, parte dos torturadores utilizava esse momento histórico e essa profissão para satisfazer sexualmente seus desejos mais sombrios.

Os agentes envolvidos diretamente nesse dispositivo de punição eram recompensados pelo Estado. Inclusive, o Centro de Informações do Exército (CIE) concedia a “medalha do pacificador” aos torturadores, reconhecendo a tortura como ato de “bravura” ou serviços

⁸⁸⁷MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, Sexualidade e Estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu** (11) 1998: pp.231-273.

⁸⁸⁸Argumentos que não se confundem com achismos ou revisionismos, mas que se sustentam com respeito aos mortos e à pesquisa científica. Ver: D'ARAÚJO, Maria Celina. Memória da Ditadura Militar no Brasil: fontes e métodos. In.: GOMES, Angela de Castro (org.). **Direitos e Cidadania: memória, política e cultura**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2007.

relevantes prestados ao Exército como forma de estimular ainda mais a violência. Mais ainda, engendrou-se essa violência como um marcador fundante para as performances de masculinidades viris, ao atrelar o ato ao valor de bravura e de coragem, no sentido de reforçar o mito de um herói nacional.

Nesse passo, o governo militar do Brasil não admitiu com facilidade que costumava empregar sistematicamente o terror e a tortura como formas de opressão e repressão política. Contudo os órgãos repressivos foram oficializados pelo regime, desde o Serviço Nacional de Informações (SNI), aos Comandos de Operações de Defesa Interna-Destacamentos de Operações de Informações (CODI-DOI), ao Centro de Informação do Exército (CIEEx), ao Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), ao Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (CISA), ao Departamento de Polícia Federal (DPF), aos Departamentos de Ordem Política e Social (DOPS ou DEOPS), aos Pelotões de Investigação Criminal da Polícia do Exército (PIC), aos Grupos de Operações Especiais (GOE) etc. Todos eles organismos da máquina estatal sob inteira responsabilidade das Forças Armadas do Brasil. Além dos locais de tortura e de morte que passaram por uma reconfiguração da Delegacia Política de Ordem Social (DOPS), que juntamente com o Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) e o Sistema Nacional de Informações (SNI), formariam um dos pilares de sustentação da ditadura no Brasil⁸⁸⁹.

O processo democrático é uma teoria e uma praxis, permeado por um processo reflexivo que implica repensar vínculos de alteridade e os modos de vida que se estão criando, bem como tentar compreender a crueza da vida, como ressaltar o valor da memória e da força da testemunha no período autoritário. Por outro, uma prática que implica técnicas para despatriarcalizar as instituições estatais ao desenvolver trabalhos de memória, com acervo e com a conservação de um patrimônio imaterial, a exemplo do valor dos relatos de Emílio Ivo Ulrich à Comissão Nacional da Verdade e em livro autobiográfico, como os relatos da Comissão Nacional da Verdade que evidenciaram a atuação de pessoas como Sérgio Fleury, Ustra, Paulo Malhães, Cláudio Guerra e outros.

Em 1995, o então presidente, Fernando Henrique Cardoso, sancionou a Lei 9. 140, que estabelecia a reparação moral para as vítimas da ditadura militar no país, através de indenizações pagas para as suas famílias e a criação da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP). Tal comissão se ocuparia de buscar o reconhecimento do Estado em relação à responsabilidade pelos crimes cometidos contra cidadãos participantes de

⁸⁸⁹ MOREIRA ALVES, Maria Helena. **Estado e Oposição no Brasil (1960-1964)**. Petrópolis: Vozes, 1984.

movimentos de oposição, durante o regime militar, entre os anos de 1961 a 1988⁸⁹⁰. Somado a isso, no Brasil, até a promulgação da Lei 9.455/97, a tortura não tinha conceito nem tipificação penal, tratando-se apenas de uma agravante, até que, em 2005, foi aprovada a Resolução nº. 60/147 da ONU, à qual o país é signatário, afirmando que a efetiva reparação por danos sofridos nessa ditadura deve incluir compensação, reabilitação, satisfação e garantias de não repetição⁸⁹¹.

Após análise dos relatos de nove homens violados pela Ditadura Civil-Militar, é possível inferir que a crueldade é opcional, vez que nem todos os cúmplices do regime foram sádicos em suas performances reacionárias. Há nuances de crueldade que foram moduladas à mercê do agente do Estado, que a pretexto de seguir a lógica da doutrina de segurança nacional se valia dos corpos dos considerados subversivos para satisfazer desejos não ditos com palavras, mas expressos no labor do trabalho.

Outro ponto a ser considerado é que o regime civil-miliár favoreceu um processo cognitivo de despersonalização de alguns seres humanos, tornando-os corpos passíveis de punição, corpos que podiam ter desrespeitados seus direitos e em seu consentimento, tornando-os como “presuntos” nas mãos de “Lúcifer”. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, essa performance é indicada por parte dos homens que tinham práticas sexuais com homens, mas com o elemento do consentimento. Em ambas as situações é possível indicar que há uma expressão de desejo e de violência conectada à performance de humilhação.

Os relatos de vítimas de tortura da Ditadura Civil Militar ajudam a compreender os códigos sadomasoquistas permeados em um dispositivo sexual elaborado entre métodos e técnicas de fazer sofrer para além dos limites do processo penal, inclusive fonte de prazer para os torturadores, no momento da elaboração dos atos sistemáticos de violação anal em homens, considerando os relatos de performance de submissão, gozo, estímulo constante a um mundo fantasioso, para amedrontar o sujeito, somado aos relatos de ejaculação com o processo de dor, evidenciam que os discursos morais não convergem com as práticas elaboradas nessas salas do Estado.

⁸⁹⁰ A CEMDP recebeu 475 processos referentes a vítimas, das quais 136 já constavam no Anexo I da Lei nº 9.140/95, relativo aos desaparecidos. Dos 339 casos restantes, 221 foram deferidos, garantindo indenização às famílias, enquanto 118 foram indeferidos. Esses números evidenciam não apenas a dimensão do sofrimento das vítimas e seus familiares, mas também os desafios enfrentados pelo Estado na reparação de injustiças históricas. Ver: CORREA, Ana Paula Alves. **"Eles Torturavam as Crianças na Frente das Mulheres": mulheres, trauma e maternidade na resistência à Ditadura Militar Brasileira**. Mestrado em Letras na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2018.

⁸⁹¹ MEZAROBBA, Glenda. **O preço do esquecimento**: as reparações pagas às vítimas do regime militar (uma comparação entre Brasil, Argentina e Chile). Tese de Doutorado em Direitos Humanos. USP: São Paulo, 2007.

A trajetória de pessoas que se enquadraram na norma social daquilo que compunha a o bom governante, o bom pai, o bom marido e o bom filho e em certas circunstâncias, optaram pela crueldade como potência, não só porque o sistema estatal legitimava um modo de banalidade do mal⁸⁹², mas porque tinham opções de escolha de atuação dentro do Estado, e optaram por aplicar contra outras pessoas uma violência não consentida, para satisfação pessoal. Isso porque a experiência da realidade é atravessada pela fantasia e vice-versa⁸⁹³, trata-se de uma experiência extracorpórea, para além do corpo⁸⁹⁴. Portanto, as formas de sentir, de ser e de estar no mundo são estabelecidas a partir de experiências que são fisiológicas, psicológicas e, também fruto das relações sociais e culturais, que se tornam absorvidas na subjetividade de modo singular, influenciando a complexidade das expressões das práticas de desejo, envolvendo violência, prazer e dor⁸⁹⁵.

Segundo as fontes, alguns agentes do Estado Ditatorial não possuíam dilema moral sobre as próprias condutas e nem se importavam na violação sem consentimento das pessoas que eram sistematicamente instrumentalizadas em processos. O desejo perverso e as formas de fruição e de gozo que se organizavam em um dispositivo sexual permeado por um comportamento pautado em silenciamentos, escapadas e deslizes, com as possibilidades para o duplo padrão, uma traição, viagens a trabalho, na segurança pública investia em espionagens, flagras e mecanismos de tortura para com presos políticos e subversivos morais, no trabalho de extrair a verdade.

A diferença da violência praticada de forma arbitrária e sistemática pela Ditadura Civil-Militar, para aquela praticada em contexto de consentimento, pensado em termos de pactos contrassexuais entre os envolvidos na subcultura B/D e S/M evidencia como o corpo pode exercer autonomia na dominação, diferentemente da relação com a Ditadura em que o corpo foi percebido sem direitos, despersonalizado. O foco na violência sexual por parte de agentes do Estado revela a dinâmica do poder que deslocou a *ars* erótica para o local do não-domesticado. No entanto a crueldade do sadismo autoritário do regime ditatorial brasileiro não faz parte do que as sociedades contemporâneas denominam de práticas de *bondage*, disciplina,

⁸⁹² ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁸⁹³ As práticas sensoriais são contextuais e seus significados se transformam conforme o tempo e o espaço. No caso de Santa Teresinha, ao lamber o líquido da ferida de uma senhora no convento, o gesto não é apenas físico, mas carregado de sentido religioso: ela o interpreta como uma forma de aproximação de Deus, narrando em seu diário a experiência como um “manjar dos deuses”. Esse exemplo evidencia como experiências corporais podem mediar a relação entre dor, devoção e significado espiritual. Ver: ROUDINESCO, Elisabeth. **A Parte Obscura de Nós Mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

⁸⁹⁴ VIGARELLO, Georges. **O Sentimento de Si**: história da percepção do corpo. Editora Vozes, Rio de Janeiro: Petrópolis, 2016.

⁸⁹⁵ GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

submissão e sadomasoquismo específicas do B/D e S/M, pois estas se formam na noção de consentimento de quem sofre a tortura.

A Ditadura Civil-Militar brasileira não tratou de levar o sexo selvagem para uma região obscura e inacessível, mas, ao invés disso, o tornou presente nas relações com processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam e o fazem falar, imprimem materialidade e o ordenam a falar a verdade⁸⁹⁶. Os agentes do Estado Ditatorial, em muitas ocasiões, atuaram fora do limite do respeito ao corpo, ultrapassando o consentimento do indivíduo e elaborando uma violência sistemática, a pretexto da Justiça, camuflando o fazer gemer, arrepiar e gritar, a partir dos métodos de fazer sofrer em diferentes níveis e intensidades, em todos os orifícios – inclusive, na presença de crianças⁸⁹⁷ –, exercendo domínio e controle total do corpo do suposto subversivo, tratado como objeto de prazer que se pode imobilizar, torturar e exterminar. Assim, o caráter sádico e humilhante emergiu entre parcela dos homens que atuavam na Ditadura, a partir do entendimento do próprio trabalho de segurança nacional como um jogo de dominação em relação aos corpos de outro grupo de homens e de mulheres que, supostamente, buscavam o exercício do poder por meio da *Revolução Social* e/ou que deturpavam o poder vigente estabelecido pelo golpe militar através da expressão de uma *Revolução dos Costumes* e da *Revolução Sexual*, movimentando o engendramento sistemático de um modo de organização pautada na possibilidade de vigilância e de punição e, com isso, poder gozar com a violência.

5.3. “PEDERASTIA” NAS FORÇAS ARMADAS

Na Ditadura Civil-Militar, muitos homens foram investigados por “pederastia”, na tentativa de apreender a categoria de orientação sexual através de um viés considerado “subversivo”, portanto, criminoso⁸⁹⁸. Mas, embora o discurso da “pederastia” fosse utilizado politicamente para denunciar outras pessoas, em diferentes âmbitos da vida, foi apenas dentro da dinâmica militar que o termo era também um tipo penal, possibilitando uma intervenção com maior intensidade.

Inicialmente, o Conselho Supremo Militar e de Justiça aplicava punição à prática da “pederastia”, sob o amparo de decreto imperial ainda no século XIX. Posteriormente, o

⁸⁹⁶FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. V. I., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

⁸⁹⁷CARDOSO, Luisa Rita. “**Não sei e não quero dizer**”: tortura e infância na ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Mestrado em História na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2015.

⁸⁹⁸SANTOS, Raian Souza. **Pego nas Forças Armadas: A dissidência sexual militar pensada nos quartéis da ditadura (1964-1985)**, UNB, 2020.

Supremo Tribunal Militar tornou a função de julgar as práticas homoeróticas de militares, sendo possível verificar a partir de seus processos uma agitada vida sexual “subversiva”, entre nuances da camaradagem regada de privilégios para o topo da hierarquia e de seus agregados, vínculos notórios e duradouros de afeto entre homens, assim como relações permeadas por violências sexuais e abusos, dadas as mesmas condições de silenciamento dessas práticas⁸⁹⁹.

Neste sentido, a Ditadura Civil-Militar passou a tratar em uma única categoria todos os atos homoeróticos, desconsiderando o aspecto do consentimento entre os envolvidos, produzindo com isso um regime de sexualidade considerado naturalmente heterossexual e que se estabelecia na medida em que se promovia o escárnio público do processo. A investigação e a penalidade eram promovidas por militares em face de outros militares e civis, sobre práticas homoeróticas, sob o argumento de conduta incompatível com os objetivos da “Revolução Saneadora” e com base nos Atos Institucionais⁹⁰⁰. Assim, a investigação e o processo não eram muito diferentes da repressão institucional dos homens em demais instituições do Estado, sem a especificidade da justificação que ocorria no STM.

O julgamento do crime militar dava possibilidade de defesa singular, onde, ao serem investigados e flagrados em situações consideradas “subversivas”, utilizavam a Comissão de Justificativa, para exibir os argumentos defensivos possíveis, como a negação, a irrefreabilidade do desejo masculino, entre outros. Posteriormente, tinha seus destinos em uma sentença elaborada pela justiça militar. Após instrução do Conselho de Justificação em que o oficial era submetido, o processo tinha seu julgamento decidido pelo ato do Ministro da Guerra, que fundamentava a decisão com base no ordenamento jurídico específico, no caso em tela, o artigo 197 do Código Penal Militar (CPM), prevendo o tipo: praticar ato libidinoso.

Muitas vezes, dentro da dinâmica, mesmo as práticas consideradas dissidentes eram aceitas e/ou toleradas quando colocadas na conta da irrefreabilidade do desejo masculino, ao lado do que se convencionou chamar de camaradagem e/ou narrativas onde as ordens eram colocadas dentro de parâmetros irrecusáveis, ou de difícil saída, uma vez que as práticas, se denunciadas, geravam responsabilizações para ambas as partes. Em meio a esse contexto, casos

⁸⁹⁹ A imagem do combatente mescla agressividade no combate e sexualidade. Mas, além disso, a virilidade tem camadas, em uma delas existe uma ambígua solidariedade viril que emerge por conta de uma efusão viril que vincula as pessoas que estão em combate junto. Ver: AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e Guerras: uma brecha no coração do modelo viril?. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

⁹⁰⁰ No que se refere aos atos institucionais engendrados pela ditadura civil-militar, o AI-5 elaborado em dezembro de 1969 pretendia suspender o *habeas corpus* para crimes políticos contra a segurança nacional. Contudo advogados pressionavam, sobretudo, o Superior Tribunal Militar a prestar esclarecimentos, considerando que, em decorrência do disposto no AI-5, esse tribunal era a instância superior para os crimes políticos e contra a segurança nacional. Ver: SPIELER, Paula. (coord.). **Advocacia em tempos difíceis: ditadura militar 1964-1985**. Curitiba: Edição do Autor, 2013.

de ameaças e de chantagens, de favorecimento no quartel e de extorsão de bens materiais pelo segredo protagonizaram processos do tipo penal de “pederastia”⁹⁰¹.

O ambiente, predominantemente masculino, engendrou uma atmosfera de regramentos específicos da hierarquia conectada a uma linguagem repleta por códigos viris, fazendo com que muitas práticas sexuais consideradas subversivas fossem incorporadas dentro da Administração militar. O intuito seria a defesa dos princípios da hierarquia e a da disciplina, como valores para a instituição que perpassavam uma distinção básica entre dois grupos: oficiais e praças, organizados por um método de promoção anual, regulamentada por lei, abrangendo merecimento, antiguidade e escolha.

A estrutura hierárquica estabelecia o respeito aos limites entre os oficiais-generais: Marechal, seguido pelo General-de-Exército, General-de-Divisão, General-de-Brigada; Já, entre os oficiais Superiores: Coronel, seguido por Tenente-Coronel, Major. Por fim, entre os Oficiais Subalternos: Capitão, seguido por Primeiro-Tenente, Segundo-Tenente. Nesse passo, a estrutura hierárquica dos militares convivia com outras dinâmicas de poder que poderiam ser redefinidas de acordo com o momento, como a relacionada às tropas de combate, em inter-relação das patentes e suas tropas, assim a hierarquia de patentes consistia primeiro no General-de-Exército, seguido por General-de-Divisão, General-de-Brigada, Coronel, Tenente-Coronel, Major, Capitão, Primeiro-Tenente, Segundo-Tenente. E, a estrutura das Tropas de Combate seguia o Corpo de Exército, seguido por Divisão, Brigada, Regimento, Batalhão, outro Batalhão, Companhia e Pelotão. Assim, cada unidade de combate sob comando de oficiais de determinada patente⁹⁰².

A distância entre a oficialidade do Exército e a elite política civil facilitou a eclosão das revoltas militares da década de 1920, cuja marca distintiva era a apresentação de reivindicações estritamente militares ou correlacionadas às análises dos problemas brasileiros a partir dos problemas vivenciados para a manutenção da corporação⁹⁰³. Essa distância parecia ser aplacada no golpe de 1964, com a maior aproximação dos interesses morais e políticos em distintas classes sociais, elite, classe média, pessoas com menos poder aquisitivo e em situação de

⁹⁰¹ De modo semelhante, o pundonor militar, a hierarquia e a disciplina nos quais se desenvolveram as Forças Armadas possibilitaram o silenciamento em torno das violências sexuais no ambiente institucional também em face de mulheres, a partir do seu ingresso, após 1980. Ver: GOMES, Iris Lessy Santos **Desvendando o silêncio: estratégias e normas para o combate ao assédio sexual institucional pela polícia judiciária militar de Sergipe**. Aracaju, SE: 2023.

⁹⁰² FREDERICI, Sandra Maria. **Instituição Militar e Política, uma abordagem antropológica (1964-1974)**. Mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

⁹⁰³ SANTOS, Moacir Jose Dos. **Pátria e poder: o exército e a construção da nação**. Doutorado em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP-Assis/SP, 2006.

vulnerabilidade social⁹⁰⁴. Uma questão atrelada a múltiplos fatores, entre eles a maior intimidade com a masculinidade viril militar e a permanência do silenciamento de práticas homoeróticas, contribuindo para a crença heteronormativa no interior das instituições do Estado, discurso que atendia aos interesses dos agentes da repressão que articulavam práticas plurais de expressão do desejo sexual como desordem, para que, conseqüentemente, pudessem emergir com a função moralizadora da “Revolução Saneadora”.

A construção da identidade militar das Forças Armadas ultrapassa os regulamentos e as normas, pautadas muito diante daquilo que pode ter significado de distinção e de prestígio social, recaindo sobre um possível deslumbre da posição ocupada na escala hierárquica dentro daquele determinado contexto, ensejando o cumprimento de ordens ilegais, contrariando os estatutos e regimentos internos da corporação⁹⁰⁵.

Os documentos do Estado Maior das Forças Armadas consistiam em boletins internos com registros da Secretaria Geral do Ministério da Guerra, com determinações de ordem do Ministro da Guerra para conhecimento e execução do Exército. Por sua vez, a Justificação fazia parte da instrução processual dos casos em que era necessário explicar os motivos da acusação sobre condutas irregulares tais como: pedir dinheiro emprestado a um membro subalterno das Forças Armadas, contrair dívidas, beber, atos de “pederastia” e afins, práticas que eram fiscalizadas com rigor, e o investigado tinha a possibilidade de defesa, ao que tinha por decisão apenas em segunda instância, com parecer do Ministério da Guerra do país.

Nesse ponto, investigam-se as relações do poder militar na vida e no domínio sexual de quatro brasileiros, o Major de Artilharia Júlio César Américo dos Reis, o Capitão Intendente Edson Cunha, o Capitão da Arma de Cavalaria Oswaldo Furtado de Campos, o Segundo-Tenente das Forças Armadas Brasileira Adérito Ribeiro, bem como se busca analisar a repercussão de outros membros das Forças Armadas de outros países, Inglaterra e Estados Unidos, evidenciados a partir de jornais homoeróticos que evidenciam as vítimas de banimentos, como os casos de Leonard Matlovich, Vernon Berg e Perry Watkins.

O primeiro dos casos teve início ainda em fevereiro de 1956, quando ainda era Primeiro-Tenente na Guarnição do Rio de Janeiro, o Major da Arma de Artilharia Júlio César Américo dos Reis, foi acusado de “pederastia passiva” e prática de “homossexualismo”. Após os trâmites processuais, foi submetido a Conselho de Justificação, acusado de frequentar

⁹⁰⁴ FICO, Carlos. Prezada Censura: cartas ao regime militar. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 251-286, dez. 2002.

⁹⁰⁵ SILVA, Agnaldo José da. “Praça Velho”: um estudo sobre a socialização do policial militar. Mestrado em Sociologia na Universidade Federal de Goiás, Goiânia: UFG, 2002.

reuniões para prática de “atos de homossexualismo” e de compactuar com os promotores dessas reuniões, sendo punido com a pena de oito dias de prisão. Em fins de 1959, já como Capitão, servindo em Uruguaiana, foi submetido a nova sindicância e punido com dez dias de prisão, por frequentar lugares incompatíveis com sua condição de oficial, ferir preceitos sociais e normas da moral e induzir outros a se embriagar. Por fim, em fevereiro 1960, por denúncia de atos de “pederastia passiva” com soldados, foi indiciado em Inquérito Policial Militar que a Justiça resultou em sua condenação a dois anos de prisão como incurso no artigo 193 do Código Penal Militar, com o ato tipificado em constranger alguém a praticar atos libidinosos, com sentença que desqualificou o crime por entender aplicação do tipo penal do artigo 197, sem o elemento do constrangimento, tendo reduzido a pena para um ano. O Capitão Júlio César foi também declarado indigno para o oficialato.

Ao reiterar sua defesa em Comissão de Justificação de seus atos, o Capitão Júlio César argumenta o aspecto da socialização no interior da instituição militar como fator fundante de sua masculinidade viril. Além disso, arguia aos Superiores das Forças Armadas um tratamento honroso ao Regime Militar, ao se referir como a “Revolução Saneadora de 31 de março de 1964”, tecendo elogios ao caráter formador dos militares e lembrando sua trajetória pessoal dentro de instituições militares, algo que deveria ser mensurado como positivo pelos julgadores⁹⁰⁶.

Entretanto obteve um julgamento pouco favorável. A seu favor, o ministro Alencar Araripe afirmou que reconhecia um comportamento duvidoso de Júlio César. Por sua vez, o voto do relator, ministro Washington Vaz de Mello, afirmou que o fato de ter confessado no Inquérito, “sem o menor pudor e recato”, apenas negando que houvesse sugado os seus órgãos genitais, seria o correto que sofresse a penalidade, juntamente com seus parceiros de “pederastia”. Assim, prevaleceu, nos autos, uma extensa rede de provas com certa compatibilidade em uma demonstração de seu “indecoroso procedimento”⁹⁰⁷. Logo os votos a respeito da conduta do investigado deixaram a entender que existiu uma busca, por parte dos agentes do Estado, pelos limites do corpo em uma interação homoerótica na tentativa de identificar os signos da “subversão”, bem como estabelecer o lugar do pudor e do recato, elementos centrais para a disciplina militar heteronormativa.

Em 19 de novembro de 1966, o réu apresentou recurso de apelação, insatisfeito com sua condenação. Em sua defesa, afirmou que não era “pederasta passivo” e que passou a ser vítima de boatos maldosos por parte de alguns colegas oficiais nos anos sucessivos, em

⁹⁰⁶ BR_DFANBSB_N8_0_PSN_AAI_0104_d0001de0001, p. 28

⁹⁰⁷ BR_DFANBSB_N8_0_PSN_AAI_0104_d0001de0001

Uruguaiana. Segundo o oficial, esta "onda de boatos" desdobra-se de um conflitos anterior que teve seu apogeu quando um sargento, por ele punido, "preparou" alguns soldados para prestarem declarações contra o mesmo. Ao comandante, só restava a abertura de uma sindicância que, logo após, veio dar em Inquérito que, enviado à Auditoria de Bagé, foi transformado em uma condenação por 3x2, apesar do voto vencido. De qualquer modo, por maioria de votos, foi absolvido de tudo que o acusavam até maio de 1961.

O procedimento em torno da vida privada do Major de Arma de Artilharia Julio Reis evidenciou toda uma trajetória de investigação, mecanismos de extração da verdade, discurso do cadafalso em uma performance de humildade ao poder, como ocorrida em Comissão de Justificação, até a sentença e a posterior apelação. Todo o percurso evidencia uma arte erótica do sistema que se engendra a partir do rumor, da especulação, do dissimular uma verdade sexual que se torna nervral para as relações de poder em toda a dinâmica da vida social e com maior intensidade nas Forças Armadas.

O segundo caso ocorreu em 1968, o Capitão Intendente Edson Cunha foi submetido ao Conselho de Justificação, acusado de ser “homossexual”, o que foi julgado, por unanimidade de votos, culpado pelo ato de pederastia passiva, “considerando a baixeza e indignidade dos atos que praticou, chegando a conspurcar o próprio lar para onde não titubeou em levar seus amantes”, o que o tornava incompatível e indigno de pertencer ao círculo de oficiais do Exército⁹⁰⁸.

No terceiro caso, o Capitão da Arma de Cavalaria Oswaldo Furtado de Campos, como demonstra o extrato processual em que o Ministro da Guerra decidiu, conforme o artigo nº. 14 do Ato Institucional n.2, por conduta incompatível com os objetivos da “Revolução Saneadora”, como o demonstra exuberantemente a sindicância:

O Capitão da arma de Cavalaria Oswaldo Furtado de Campos Filho é um pederasta passivo cuja misoginia está por ele próprio reconhecida [...] é um desmoralizado com seus subordinados, entre os quais é considerado pederasta passivo por seu repugnante procedimento e a tibieza de atitudes não possui as condições morais indispensáveis ao exercício de comando. A presença do Capitão Oswaldo Furtado de Campos Filho, no Exército Ativo é incompatível com o propósito de sanear moralmente as classes armadas⁹⁰⁹.

Em 1976, a decisão por “pederastia passiva” diante de um fato, supostamente, ocorrido em 25 de julho de 1952, e que envolvia o oficial Zofiel Gouvea Matos, teve protocolado mais de sete peças defensivas, em meio à sentença, recurso de apelação, de revisão

⁹⁰⁸ BR_DFANBSB_2M_0_0_0127_v_01_d0001de0001

⁹⁰⁹ BR_DFANBSB_N8_0_PSN_AAI_0126_d0001de0001; (p.115)

criminal e de *habeas corpus*, técnica utilizada tanto para atacar a decisão prejudicial quanto para a dilação de prazos⁹¹⁰.

Assim, por intermédio da ação de *habeas corpus*, os advogados tentavam e, às vezes conseguiam “quebrar” a incomunicabilidade do preso, permitindo a adoção de outras medidas legais para visitá-lo e entrevistá-lo, possibilitando a efetiva defesa e a proteção da integridade física do acautelado. Essa incomunicabilidade agravou-se com a permissão contida na Lei de Segurança Nacional, a LSN, que amparava a possibilidade de o indiciado ser mantido até dez dias incomunicável pelo encarregado do inquérito⁹¹¹. Então, a estratégia em adotar essa petição consistia na busca pela localização e conhecer o motivo da prisão, apontando e responsabilizando todas as autoridades militares da região como possíveis autoridades responsáveis, fazendo com que os militares fossem forçados a informar se aquela pessoa estava detida em suas instalações. Logo, na base da tentativa e do erro, muitos advogados conseguiram traçar táticas jurídicas mediante a oficialização do acautelamento, reduzindo os riscos de tortura e de morte do preso político⁹¹².

Nesse período, o uso do *Habeas Corpus* como defesa técnica, mesmo quando em teoria, seria impossível de ser aplicado, foi realizada por defensores públicos e advogados privados, que aos poucos foram agregando outros instrumentos de combatividade retórica, provocando direta e indiretamente o fim do AI-5, que se deu pela promulgação da Emenda Constitucional nº 11, de 1978, durante o governo do general Ernesto Geisel.

O quarto caso desvelado ocorreu com a investigação da pederastia do Segundo-Tenente das Forças Armadas Brasileira, Adérito Ribeiro, quando em 28 de novembro de 1974, foi encaminhado do subchefe da Aeronáutica do Gabinete militar da Presidência da República ao Secretário do Conselho de Segurança Nacional o processo com um investigado por prática de corrupção moral, atentando contra todos os princípios de pundonor e honra militar⁹¹³. A investigação da vida do Segundo-Tenente Adérito Ribeiro exhibe supostos atos atentatórios à moral e aos bons costumes desde quando ainda era aluno da escola para cadetes, em que deixava

⁹¹⁰ Habeas Corpus. crime do art. 197 do primitivo C.P.M. condenação em ambas as instâncias fundada no exame das provas. Não é o habeas corpus sucedâneo de revisão criminal, a qual, por vezes, permite o exame minucioso e aprofundado de prova, em busca da inocência do condenado. Pedido de writ, denegado. Ver: BRASIL. Supremo Tribunal Federal (2 TURMA). **Habeas-corpus**: 54482. Relator: THOMPSON FLORES. Data de Julgamento: 01/06/1976. Data de Publicação: DJ 20-08-1976.

⁹¹¹ Conforme se verifica no parágrafo primeiro do artigo 47 do referido Decreto-Lei: Art. 47, § 1º – O Encarregado do Inquérito poderá manter incomunicável o indiciado até dez (10) dias, desde que a medida se torne necessária às averiguações policiais militares. BRASIL. Decreto-lei nº 314, de 13 de março de 1967. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social e dá outras providências.

⁹¹² SPIELER, Paula. (coord.). **Advocacia em tempos difíceis**: ditadura militar 1964-1985. Curitiba: Edição do Autor, 2013.

⁹¹³ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0021_d0001de0001

rastros de atos de “homossexualismo passivo”, praticados com três soldados, seus subordinados no mesmo quarto, no Hotel Zorzetto, na cidade de Mogi-Mirim.

Segundo o que constava de seu relatório, o Segundo Tenente Adérito levava diferentes homens para sua casa, desde aspirante-a-oficial, cabos e soldados, seus subordinados, na Vila de Capitães e Tenentes, na AFA, em Pirassununga, oferecendo-lhes jantares com bebidas, muitas vezes servidos por sua própria esposa, ato que permitia que praças subordinados, pernoitassem em sua residência. Além de frequentar a república de cabos e soldados, bebendo e divertindo-se com estes, mandava distribuir entre praças aguardente e permitir a venda de bebida alcoólica aos praças, e por fim, induzi-los à prática de atos de “pederastia”. Constava ainda que, tinha o hábito de conduzir praças à paisana, em seu carro, à cidade de Andradadas, no interior de Minas Gerais, a uma festa de vinho, bebendo com estes e fazendo-os passar por graduados para entrarem no recinto dessa festa; e emitir cheque sem fundos, contra a Caixa Econômica de Curitiba, Paraná, em março de 1973.

Conforme a investigação das Forças Armadas, o Segundo-Tenente Adérito Ribeiro era conhecido entre os soldados pelo comportamento efeminado, muito delicado, “certamente pederasta passivo”, com tendência a “megalomania”, pois mentia para impressionar pretendentes, alegando ser “filho de brigadeiro, ou, possuidor de automóveis”. Além disso, usava de coação e chantagem para que os praças tivessem relações homoeróticas com ele, sendo o Tenente Adérito, sempre passivo, conforme consta na documentação analisada.

A referência aos termos “homossexualismo passivo” e “pederasta passivo” indicava um diálogo com referências do discurso médico tendente a considerar as práticas homoeróticas como anomalia e desvio de caráter moral, distanciando o sujeito dos bons costumes. Enquanto que o estigma da passividade conectaria o sujeito a uma discriminação do homem por uma conduta considerada feminina, logo em desordem e em posição de subalternidade em relação aos demais homens, além de ser recorrentemente enunciada na investigação e no processo, como se fosse uma situação agravante para o processo⁹¹⁴. Em ambos os casos, a performance de gênero permanecia vigiada, regulada, e eventualmente, punida.

Segundo a investigação das Forças Armadas, o Segundo-Tenente Adérito era percebido entre seus vizinhos como um personagem caótico. Em 20 de julho de 1974, no conjunto Residencial Mem de Sá, no Rio de Janeiro, o referido Tenente se apresentou como Capitão, costumando mentir, ameaçar e menosprezar empregadores e moradores, sendo um homem considerado de difícil convivência e hábitos questionáveis. O subsíndico geral, Djalma

⁹¹⁴ MISSE, Michel. **O Estigma do passivo sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

Rubens de Paula, junto de moradores e de empregados, vigia, zelador e outros funcionários relatam condutas irregulares do Tenente, seguido de páginas de cópias do livro de ocorrências do condomínio como prova, seguido por contra-ataques ofensivos e multas do síndico. Logo os rumores do residencial sobre a vida íntima do Tenente iniciaram no momento em que passou a tornar hábito levar jovens rapazes para seu apartamento, provocando um certo incômodo moral que se somou ao uso do seu jipe, supostamente, barulhento, conforme consta no processo.

Em 09 de janeiro de 1975, em sua defesa alegou: “Não creio que a minha vida particular tenha nada a ver com o desenrolar deste processo, as vejo que até com cheques apela^m”⁹¹⁵, negando que tenha realizado tal feito. Assim quanto à “pederastia” que atribui à fragilidade probatória das testemunhas de ouvir dizer, e que dar caronas era um hábito rotineiro, negando veemente todos os atos questionáveis. Posteriormente, quase uma década depois, em 1984, após Comissão de Justificação, o Segundo-Tenente Adérito Ribeiro perde a patente, por suposta continuada conduta irregular, praticando atos que afetam o pundonor militar e o decoro da classe⁹¹⁶.

Em alguns setores da sociedade, não se questionava a legitimidade da punição como correção de conduta, pois essa moral produzia sentido em muitas instituições disciplinares e também servia para o ato considerado subversivo praticado dentro das dependências das Forças Armadas, sob riscos para a perda do cargo, além da exposição ao vexame entre os pares. Ademais, as Forças Armadas se constituíram como lócus privilegiado da masculinidade viril, desde o momento em que o Estado reivindicou o monopólio legítimo de violência e tributos, permitindo condições e possibilidades para que um conjunto de homens crescessem em uma carreira viril e de códigos rigorosos de disciplina, investindo contra si mesmo ao perceber características afeminadas e/ou dúbias, ambíguas ou cotraditórias, se colocadas em termos de sexualidade.

Enquanto no Brasil a investigação e a punição dos militares envolvidos em práticas homoeróticas eram movidas com certo sigilo com outros setores da sociedade, em outros locais a discussão passou a ganhar mais destaque, sobretudo, com a proliferação de jornais alternativos considerados “subversivos” que surgiram em uma perspectiva crítica à atuação e à ausência do Estado diante da realidade sexual, servindo como exercício de contestação ao sistema de pensamento punitivista e também ao *status quo* de amplos setores da sociedade, em que a moral pedagógica da dor e as masculinidades viris no âmbito militar ainda produziam sentido central.

⁹¹⁵ BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0021_d0001de0001

⁹¹⁶ Superior Tribunal Militar. nº 1983.01.000096-9. Relator: Ministro Heitor Luiz Gomes de Almeida. Data de Julgamento: 05/04/1984, Data de Publicação: 17/05/1984

Dessa maneira, o entre-lugar do sujeito declarado homossexual e membro das Forças Armadas se configurava de modo pujante⁹¹⁷, pois a linguagem utilizada dentro da instituição das armas era configurada por códigos e signos de virilidade, até uma certa aversão ao considerado feminino, pois a masculinidade era construída em uma relação de oposição aos códigos de feminilidade, à fragilidade e à expressão das emoções, como chorar. Por outro lado, a reivindicação de uma identidade sexual homoerótica possibilitava um modo de subjetivação mais livre em relação à expressão do desejo e das emoções sensíveis, articuladas ao universo das mulheres. O cruzamento dessas perspectivas de inteligibilidade cultural se estabeleceu a partir de muitos embates, inclusive internacionais, a exemplo dos Estados Unidos:

Imagem 122: Leonardo Matlovich – Vernon Berg (à esquerda); Leonard Matlovich (ao centro); Perry Watkins (à direita).



Fonte: BAY AREA REPORTER, 1979, v9, n.1, p.8 OUR OWN, 1980, v.5, n.2, p.1 GAY COMMUNITY NEWS, v. 10, n.38, 16 abril de 1983, p.3

Da esquerda para direita, em 4 de janeiro de 1979, o *Bay Area Reporter*, em São Francisco, exibiu os ex-militares Leonard Matlovich e Vernon Berg, que foram entrevistados e aconselhavam os leitores a manter o sigilo sobre as práticas homoeróticas, afirmavam que incentivar os homens declarados gays a mentir dentro das Forças Armadas era uma prática de sobrevivência, pois as penalidades eram severas e estavam dispensados do serviço após uma decisão da Corte dos EUA. Possivelmente, os entrevistados buscavam provocar um sentimento de revolta entre membros da comunidade homoerótica e a disciplina militar, ao conectar suas histórias a circunstâncias semelhantes e sentimentos considerados igualmente intoleráveis em outras dimensões da vida em sociedade.

A terceira imagem, em outubro de 1980, o jornal *Our Own* informava que Leonard Matlovich havia sido reintroduzido nas Forças Armadas quase cinco anos depois de sua dispensa por suposta homossexualidade. O ativista gay Leonard Matlovich foi reintegrado à Força Aérea em 9 de setembro às Forças Armadas dos EUA. O juiz Gerhard A. Gesell decidiu que a dispensa de Matlovich era imprópria e ilegal porque as autoridades da Força Aérea não especificaram os

⁹¹⁷ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

critérios para a retenção de homossexuais nas Forças Armadas sob sua cláusula especial de "exceção". De forma semelhante, em 1983, o *Gay Community News* informou que o Sargento do Exército abertamente gay, Perry Watkins, seria homenageado na sexta edição do Fundo para a Dignidade Humana em um jantar de premiação, pois após lutas com a justiça e marcar uma caixa em sua ficha de anamnese que confirmava ser "homossexual", ainda assim foi considerado qualificado para o serviço após quatro anos dispensado.

A tentativa da instituição militar em produzir em série um conjunto de homens considerados bravos, guerreiros, corajosos, fortes e potentes, em suma, viris, se estabelecia tanto pelo discurso de oportunidades de ascensão social, prestígio no interior da instituição, estabilidade econômica, entre tantos outros pontos positivos, mas lidava também com métodos de exclusão, punição e de violência aos homens considerados inadequados para a instituição⁹¹⁸.

À medida que as sanções se aplicavam aos membros das Forças Armadas, os jornais homoeróticos davam visibilidade aos movimentos antigays e aos atos de resistência, informavam os acontecimentos e traçavam as táticas seguintes. Em grande medida, o vínculo de coesão entre a comunidade homoerótica que se organizava em torno da identidade sexual homossexual/gay se assemelhava ao elo estabelecido entre membros da fraternidade de homens das Forças Armadas. Outra semelhança era o apego aos elementos e códigos da masculinidade viril entre alguns membros das Forças Armadas e alguns homens inseridos em subculturas fetichistas homoeróticas. Também é possível supor a existência de alguns homens que compartilhassem, eventualmente, os dois lugares da dinâmica social, permitindo pensar um sujeito que ocupasse, simultaneamente, os dois lugares aparentemente opostos⁹¹⁹.

Os Estados Unidos estabeleceram a ideia de que promovia a liberdade e a Democracia, possibilitando uma maior efervescência do mercado sexual e das teias do capitalismo em diferentes modos e tentativas de captura do desejo homoerótico⁹²⁰. Entretanto, dentro das instituições militares de seu país, também expurgava as pessoas identificadas com a identidade sexual homoerótica, em razão dos rígidos códigos da masculinidade viril para os militares. De modo semelhante, no Brasil, o regime autoritário pretendeu levar a liberdade às pessoas da nação sob o pretexto moralizante, face ao perigo do suposto desvio moral e político.

⁹¹⁸ Na segunda metade do século XVII, o aumento do efetivo militar e a criação de um Exército permanente alteraram o significado social da função guerreira. As avaliações realizadas pelos inspetores tornaram-se progressivamente mais individualizadas, visando ao adestramento eficiente da tropa. Ver: DRÉVILLON, Hervé. Do Guerreiro ao Militar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Ed. Vozes, 2013.

⁹¹⁹ Sobre a aparente conexão do modelo militar-viril-heteronormativo em oposição ao modelo gay-afeminado. Ver: KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

⁹²⁰ RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

O momento de abertura e transição política tornou possível uma maior circulação de produtos homoeróticos, possibilitando uma redefinição dos códigos de masculinidades e da intimidade, mesmo no interior da dinâmica militar, apesar do tipo penal da pederastia e do investimento da Ditadura com os atos institucionais, que proporcionavam mais violações sexuais e de direitos de personalidade, no tocante ao ponto do consentimento.

A Ditadura Civil-Militar favoreceu uma rede de saber-poder elaborado para defesa nacional que demonstrava técnicas para fazer sofrer dentro do processo penal, na busca da verdade para os autos e na aplicação da sanção, isso porque ao estabelecer uma estrutura com técnicas e métodos específicos, favoreceu também uma dinâmica de prazer articulado com um dispositivo sexual de dominação/submissão e com práticas contrassexuais, predominantemente, atos de violência sexual não consentidas. Esses atos são, em contexto democrático, percebidos como crimes de um Estado Ditatorial, sem punição, evidenciando que o autoritarismo e o pudor sádico não se esvaíram da sociedade com o advento da Constituição Cidadã, mas que permanecem como fascínio entre perversos.

5.4. ESTUPRO COLETIVO COMO MERA LIBERTINAGEM

Este tópico trata da história de dois casos de violência sexual cometidos por homens contra homens em contexto de prisão militar, no período ditatorial, a partir de fontes disponibilizadas pelo acervo Arquimedes, através da lei de acesso à informação e salvaguardando os dados confidenciais que possam vir a identificar os sujeitos, por isso a preferência pelas iniciais durante o relato.

Em 26 de novembro de 1964, o soldado do Primeiro Regimento de Infantaria, L.V.G., natural de Itaperuna, no Rio de Janeiro, com 23 anos de idade, relatou a violência sexual que sofreu quando estava custodiado em unidade prisional do Quartel com outros soldados, aos Oficiais do Exército, em sede de Inquérito Policial Militar. Essa situação só tomou uma proporção formal quando o soldado E. denunciou, ao 1º Sargento, os quatro agressores do xadrez, os soldados L.C.A., C.R.C., S.R.S, e J.S., dando ensejo ao início de um Inquérito Penal Militar.

Por volta de 22 horas, o soldado L.C.A agarrou-o, tampou a sua boca com um pano e jogando-o sobre um colchão existente no chão, começou a possuí-lo; [...] que após terminar o ato, o soldado L.C.A levantou-se e cedeu lugar ao soldado J.S., seguindo-se após e a ordem os soldados C.R.C e

S.R.S; tentou desenvencilhar-se de seus opositores, mas não conseguiu, pois todos o seguravam de encontro ao colchão⁹²¹.

Segundo o soldado denunciante, os quatro agressores buscavam violentar seu corpo, assim como fizeram com o soldado L.V.G., já que estava percebendo como ameaça às investidas indecorosas nos últimos dias de 1964, motivo pelo qual já estava no terceiro dia sem dormir⁹²². Com o processo em curso, o soldado E., atuando como informante, afirmou que viu quando os acusados foram até à cama de L.V.G., e lá mesmo o “enrabaram”, que este retrucou dizendo que era homem, pedindo que não fizesse aquilo até que ficou paralisado de medo, tendo o ato durado cerca de uma hora. Ao fim, L.C.A. mandou que L.V.G. fosse ao banheiro se lavar, tendo ido obediente, retornando triste, acabrunhado novamente para seu colchão⁹²³.

Diante da acusação, em sede de Inquérito Policial Militar, o soldado L.C.A., natural de Niterói, no Rio de Janeiro, com dezenove anos de idade, foi interrogado e confessou toda a situação, informando que o espancamento era próprio do xadrez e atribuindo a maior responsabilidade a si próprio, ficando os demais instigados pelas circunstâncias do momento, apesar de ser uma atividade em conjunto desde a idealização até a realização⁹²⁴. Durante o Inquérito Policial Militar, os três outros supostos agressores argumentaram que seguiam as ordens do chefe do local, o soldado C.R.C., com vinte e um anos, natural de São Paulo, relatou que não era seu hábito, mas o soldado L.C.A. ameaçou de tocar fogo em seu colchão e consumir o ato com seu próprio corpo⁹²⁵. Da mesma forma, o soldado S.R.S e o soldado J.S., ambos do Rio de Janeiro, afirmaram que cederam ao ato por ameaça do soldado L.C.A.⁹²⁶.

Em 08 de fevereiro de 1965, o juiz auditor, após ouvir três testemunhas que confirmaram a agressão⁹²⁷, decretou a prisão preventiva dos agressores, em resposta à solicitação de prisão pelo sr. Capitão, encarregado pelo Inquérito Policial Militar. Em decisão, o magistrado inferiu que os militares não deveriam permanecer no convívio com os demais, pois:

Imprópria e condenável, portanto, a postura dos soldados envolvidos neste inquérito, que demonstram completa indiferença e desamor pela corporação

⁹²¹ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 27

⁹²² Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 15

⁹²³ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 226/227

⁹²⁴ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 29

⁹²⁵ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 37

⁹²⁶ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 33

⁹²⁷ O primeiro afirmou que no fatídico dia, após o apagar das luzes, percebeu uma movimentação estranha no chão, reparando que se tratava de uma violação promovida pelo soldado L.C.A, que reforçava sua dominação com ameaças ao soldado L.V.G., e este só conseguia se defender com palavras abafadas. A segunda testemunha afirmou que viu quando o soldado L.C.A. iniciou o ato de agressão, seguido dos demais soldados, tendo sido inclusive convidado para o ato, recusando-se de imediato. Por fim, a terceira testemunha afirmou que desde a chegada, o soldado L.V.G. foi importunado por L.C.A, perguntando se este “sentava” e o intimidando de diversas formas. Ver: Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 43

e mesmo pelo Exército, quando procederam, insólita e indignamente, no interior de uma prisão militar, submetendo a vexames de ordem moral um companheiro mais moderno, inexperiente e sem meios de reação⁹²⁸.

Ao fim da colheita dos indícios de autoria e materialidade do delito, o capitão responsável pelo IPM elaborou um relatório que foi encaminhado à promotoria, que promoveu a denúncia aos quatro indiciados nas sanções do art. 193 do CPM. Logo em 26 de março de 1965, o juiz auditor recebeu a denúncia⁹²⁹. O recebimento da denúncia marcou o início da ação penal militar, caracterizada por uma série de procedimentos para a averiguação dos fatos, respeitados os princípios do Direito Militar, até a decisão final.

Em 29 de abril de 1965, novamente o soldado L.V.G. foi convidado a relembrar todas as circunstâncias do fato, afirmando que procurou o momento propício para comunicar aos superiores, por receio de ser espancado.⁹³⁰ Em seu interrogatório, L.C.A permaneceu calado. Enquanto que C.R.C afirmou haver algum equívoco, pois todos os fatos são inverídicos. Por sua vez, o soldado J. S. afirmou que acreditava que o soldado L.V.G. já era um “pederasta passivo”, tendo visto em determinado momento caminhar em um local escondido com outro soldado e em outra ocasião, ouvido confessar que estivera preso em uma prisão civil e já tinha “experiência sexual anormal”, e que fez com ele atos consentidos⁹³¹. O último interrogado, S.R.S. apresentou-se voluntariamente na unidade prisional afirmando ter confessado anteriormente por coação, e que fora torturado com ácido pelos Oficiais⁹³².

Em 03 de agosto de 1965, após apresentada as alegações finais, o Conselho Permanente de Justiça da Auditoria da Primeira Região Militar decidiu, por unanimidade, condenar todos os acusados, exceto pela gradação da pena, razão pela qual L.C.A. foi condenado a três anos e seis meses, enquanto os demais receberam a condenação de três anos e três meses⁹³³, pena reduzida por força da atenuante da menoridade penal.

A decisão partiu do Conselho, nas pessoas do Major Presidente, o Juiz Auditor, o Capitão, e dois Tenentes, que condenaram os soldados informando que a impressão geral, após o conhecimento dos fatos era que os envolvidos não tinham noção de respeito ao semelhante,

⁹²⁸ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 87

⁹²⁹ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 143

⁹³⁰ Afirmando que os acusados nada mais fizeram contra si, pois tentou agradar lavando as bandejas, mas viu os mesmos praticando atos indecorosos contra outros presos no xadrez. Afirmando que quando chegavam soldados novos, L.C.A mandava que ele os levasse para seu conhecimento, e que certa vez agrediu o soldado B. a cabeçadas por ordem de L.C.A. Após um período de obediência, o deixaria de importunar, pois ele foi considerado um boa praça. Ver: Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 229/230

⁹³¹ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 255/256

⁹³² Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 295/296

⁹³³ Apelação 34949-1965 (2082) (RJ), p. 305/307

“agindo como autênticos títeres de seus anômalos instintos sexuais”⁹³⁴. Após a sentença, adveio recurso de apelação, no qual houve um esforço por parte da defesa dos acusados em tentar desclassificar o crime afirmando que o soldado L.V.G. era uma vítima falsa, atacaram a suposta fragilidade das provas e da decisão condenatória. No entanto a decisão se manteve em segunda instância e logo os condenados foram encaminhados para a execução de suas sentenças⁹³⁵.

O segundo caso ocorreu em 27 de abril de 1964, por volta de duas horas da manhã, na unidade prisional do Regimento Escola da Cavalaria, em Pirassununga (SP). Cinco soldados também sediados na unidade forçaram um soldado recém-chegado ao coito anal. Os indiciados eram o soldado L.P.M.S., vinte e três anos; o soldado N.L.J., vinte e um anos, o soldado A.R.D.; vinte anos, o soldado J.A.S., vinte e um; e o soldado O.S., dezenove anos, que se serviram do uso de violência contra o soldado I.A.R., imobilizando o ofendido e inserindo um travesseiro na boca para impedir de pedir ajuda durante a violação sexual, conforme consta no processo⁹³⁶.

No deslinde do caso, foram colhidos os elementos probatórios, depoimentos das testemunhas que confirmaram o fato, ao passo que assistiram impassíveis à cena delituosa⁹³⁷, tendo sido a prática denunciada apenas na manhã do dia seguinte, quando o soldado S.G.de A., já em liberdade, levou os fatos para seus superiores hierárquicos. Logo, em 15 de maio de 1964, o soldado I.A.R. foi submetido à exame de corpo delito, sendo apurado que não foi encontrado evidências do ato libidinoso, mas havia vestígios de unhas e beliscões⁹³⁸.

⁹³⁴ AF-409-1969 (Execução de Sentença n. 02_65), p. 19

⁹³⁵ AF-409-1969 (Execução de Sentença n. 02_65)

⁹³⁶ Em 26 de maio de 1964 foram ouvidas as testemunhas: O primeiro, soldado Sebastião Genésio de Abreu afirmou que presenciou quando o soldado L.P.M.S. tentou intimidar o ofendido dois dias antes, quando da sua chegada, e que no fatídico dia, ele fora vítima de socos, pontapés, chutes, mordidas, beliscões e toda série de maus-tratos até não poder resistir à violação sexual. Contou que com as agressões e o barulho, o responsável apareceu, mas o soldado L.P.M.S. afirmava que era casado e pai de dois filhos e não era praticante desses atos, atribuindo culpa ao ofendido, e após a saída do vigilante, todos serviram-se do ofendido à vontade, tendo cada um violado duas vezes em revezamento. Ao fim do ato, o soldado L.P.M.S. ainda obrigou o ofendido a dormir ao seu lado. O soldado S.G.A. afirmou que no dia que fora preso, foi agredido pelo soldado J., mas respondeu à altura e não foi mais importunado. Concluiu afirmando que sabia que estaria livre no dia seguinte e, portanto, podia denunciar sem receio. A segunda testemunha, o soldado J.O., afirmou que ao chegar ao xadrez, foi recebido com violência pelos indiciados, que tentaram submeter este a uma obediência aos presos mais antigos, que se valiam deles para a faxina e para os desejos sexuais. Que o ofendido do Inquérito foi recebido com carícias e agressões o dia todo, e durante a noite, os cinco soldados possuíram a vítima após a saída do Oficial do Dia. Por sua vez, a terceira testemunha, soldado D.J.B., afirmou que as investidas de L.P.M.S. sobre as belas formas de I.A.R., sendo que todos os flertes foram negados, e o soldado J. o auxiliou nas agressões que antecederam a violência sexual. Ver: Apelação 34499-1965 (2037) (RJ)

⁹³⁷ Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 41-43.

⁹³⁸ Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 37

Em 27 de maio de 1964, deu-se prosseguimento ao processo com a inquirição dos indiciados. O primeiro, soldado J.⁹³⁹; o segundo indiciado, soldado L.P.M.S.⁹⁴⁰; o terceiro indiciado, soldado A.R.D.⁹⁴¹; o quarto indiciado, soldado J.A.S.⁹⁴²; o quinto indiciado, A.S.⁹⁴³. E, em 29 de maio de 1964, foi ouvido o soldado I.A.R na condição processual de ofendido. O soldado I.A.R. afirmou que os cinco o obrigaram a ceder aos instintos sexuais, tendo cada um o seviciado duas vezes. Informou ainda que não gritou por estar com a boca tampada com travesseiro e não ter mencionando o fato posteriormente por ter ficado envergonhado⁹⁴⁴.

Em 01 de junho de 1964, o Inquérito Policial Militar se encerrou com o relatório do encarregado, Primeiro-Tenente Gelimer Soares da Fontoura, e em 17 de julho de 1964, o auditor Juiz Teócritro Rodrigues de Miranda recebeu a denúncia em face dos indiciados⁹⁴⁵. Em 23 de julho daquele ano, o magistrado expediu um mandado de prisão preventiva para os acusados formalmente⁹⁴⁶.

Novamente ouvidos, agora em procedimento de ação penal, as testemunhas, acusados e vítima confirmaram o que haviam dito anteriormente, e em 16 de novembro de 1964, a decisão de cinco anos de reclusão ao soldado J., e quatro anos de reclusão ao soldado L.P.M.S., e três anos e seis meses ao soldado J.A.S., ao soldado A.R.D., e ao soldado A.S.⁹⁴⁷. Em sua sentença, o magistrado entendeu que talvez fosse verídica a afirmativa dos acusados, no particular referente a ser a vítima “pederasta passivo”, mas a atribuição descrita pelos soldados revela que

⁹³⁹ Afirmou que conversou com o soldado I.A.R., sobre seus desejos libidinosos, sendo que este havia se prontificado para ceder no ato e que havia concordado em ser “possuído” pelos demais indiciados. Perguntado pelas autoridades, quantas vezes possuiu a vítima, este afirmou que apenas uma vez. Afirmou ainda que estava preso por haver faltado à prontidão dias antes. Ver: Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 49

⁹⁴⁰ Apresentou a mesma narrativa de que a vítima havia se prontificado a ceder no ato. Embora tenha resistido no início, mas negando o uso de violência e afirmando, que após ser “possuído” uma única vez por todos os indiciados, ele tomou banho e retornou para dormir ao seu lado. Ver: Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 51

⁹⁴¹ Respondeu que na noite do delito, havia sido acordado pelos soldados para também “possuir” o soldado I.A.R, e que, portanto, realizou o ato sem violência. Afirmou ainda que o soldado desde o dia que chegara apenas chorava e pedia por seus pais, causando desconforto no ambiente. Ver: Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 51.

⁹⁴² Afirmou que naquele fatídico dia, o soldado I.A.R., havia se prontificado para ceder aos atos sexuais sem violência. Afirmou ainda que ouvira dizer por outros soldados que a suposta vítima já era um “pederasta passivo”. Ver: Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 53.

⁹⁴³ Afirmou que o soldado I.A.R. começou a chorar por seus pais, o que foi repreendido pelo soldado L.P.M.S e naquela noite, foi acordado às duas horas da manhã, com o convite para “possuir” o soldado I.A.R, o que fez sem que esse pudesse esboçar reação, negando o uso de violência. Ver: Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 53.

⁹⁴⁴ Antes de a violência ocorrer, afirma que ao ser preso não teve recepção agressiva imediata, mas que no dia seguinte o Soldado L.P.M.S e o Soldado J. abordaram com ameaças e carícias, e que após o toque de silêncio, ambos os soldados e os outros três indiciados iniciaram as agressões para que ele fosse dormir juntos, que não aguentando a situação chamou o Sargento e o Oficial de Dia para denunciar as agressões e não foi acreditado. Ver: Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 55.

⁹⁴⁵ Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), pp. 74/75.

⁹⁴⁶ Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 87/91.

⁹⁴⁷ Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), pp. 231/233.

são indignos de integrarem uma coletividade militar, sobretudo, porque o ato libidinoso não nasceu de um consentimento da parte do ofendido⁹⁴⁸.

A matriz cultural que informa os signos da virilidade em determinados contextos pode ser bastante violenta, no caso do regime de inteligibilidade compartilhado entre os homens em unidades prisionais dos dois casos, é possível sinalizar para algumas apropriações no modo de comunicar a virilidade e expressar territorialidade com violência à diferença. O ambiente era marcado pelo embate de dominação com outros presos, caracterizado pela força da violência e o subterfúgio do ataque noturno, quando tinham por reduzida a possibilidade de defesa da vítima. Geralmente, possuíam um “chefe” que dava o tom da agressão, tomando a iniciativa, ordens e convites aos demais, o que era obedecido por temor, respeito ou admiração. Este “chefe da prisão” demonstrava seu poder, na base do medo e da ameaça de agressão, aos demais presos que também reforçavam o poder da autoridade local que, por sua vez, exigia submissão, com regras análogas à da própria instituição militar, qual seja: antiguidade e merecimento⁹⁴⁹. Logo a antiguidade no “xadrez” e o mérito de ser perigoso eram atributos valorizados nessa dimensão⁹⁵⁰.

Ademais, a masculinidade é um lugar simbólico de sentido estutural e estruturante nos processos de subjetivação e que se apresenta como um ideal culturalmente elaborado para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados. Assim, nas circunstâncias narradas, possivelmente, características físicas sobre a bunda e /ou demonstrar um comportamento mais sensível, como o fato de chorar pelos pais, poderiam ser interpretados como fraqueza que precisava de correção⁹⁵¹. A masculinidade em contexto de prisão demonstrava, a partir de comportamentos que indicasse possível destemor, perigo e bravura, algo construído em relação ao temor, ao alvo do perigo, a covardia. Dessa forma, após a violência sofrida, alguns homens buscavam evitar novos ataques, aceitando se submeter a outros tipos de ordenanças no “xadrez”, entre lavar as marmitas de refeição, fazer a faxina da cela e até, submeter outros

⁹⁴⁸ Apelação 34499-1965 (2037) (RJ), p. 249.

⁹⁴⁹ Dentro de circunstâncias restritas, o “chefe da prisão” demonstrou articular um conjunto de códigos de masculinidades que comunicavam uma possível agressão e nenhuma empatia pelo outro, tornando-se dotado de uma crueldade capaz de dominar outros homens, percebidos como indecisos e/ou medrosos. Ver: BERTEAUD, Jean-Paul. O Exército e o brevê de virilidade. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

⁹⁵⁰ A crueldade surge como potência, posto que não era exatamente o mais forte que comandava, mas o que administrava o sentimento de medo aos demais, fazendo acreditar que o enfrentamento consigo seria fadado ao fracasso. O sentimentalismo é deslegitimado face à ideia do feminino e a oposição à potência sexual do “dominador”. Ver: TARAUD, Christelle. A Virilidade em situação Colonial: do final do século XVIII à Grande Guerra. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

⁹⁵¹ DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A Construção Social da Masculinidade**, Belo Horizonte: editora UFMG, 2004.

recém-chegados à violência, tornando efetiva a repetição de um padrão de agressão e de violência⁹⁵².

A pedagogia militar, por vezes, pautada em maus-tratos, agressões e humilhações de toda série, visava à construção de valores e princípios que reforçavam a ideia de vigor, força, bravura e coragem, no sentido de orientar o estilo de vida militar ao bom uso da sua virilidade, de acordo com normas sociais do processo civilizador, mas seus efeitos demonstraram produzir menos atos altruístas do que o esperado, com a formação de soldados indisciplinados, revoltosos, anárquicos, sem piedade ou compaixão para com os outros⁹⁵³.

Outra nuance do contexto diz respeito à apatia das testemunhas e das autoridades militares quanto às agressões sexuais a outros homens, algo que demonstrou ser relativamente tolerado, servindo também como lição e exemplo para os demais homens, lições que eram aprendidas através do medo⁹⁵⁴. Possivelmente, os oficiais militares não intervinham na violência das prisões porque essa circunstância brutal servia para reforçar a disciplina a partir do exemplo e da função social da dor, um desdobramento da pedagogia viril, da mesma forma que era ignorada a agressão em outras unidades prisionais durante a Ditadura Civil-Militar, uma vez que fazia parte do cotidiano da classe a visão disciplinar dos militares⁹⁵⁵. Além disso, os contornos das relações de poder existentes nas unidades prisionais indicam que a violência, bem como a própria apatia de setores da sociedade quanto aos diferentes níveis de perversidade traduzem medo, abjeção e desejo pela diferença⁹⁵⁶.

O Estado detinha o monopólio de violência e se tornou permissivo em relação às violências praticadas sob sua custódia na medida em que era conveniente para a própria legitimidade, fazendo com que a repercussão própria do processo soasse como lição para os

⁹⁵²A performance de gênero e as práticas sexuais são frutos de circunstâncias, como aponta Connel ao mencionar os fatores atrelados ao ser homem nas minas da África do Sul, algo que implicava o trabalho e o cuidado de seu próprio trabalho doméstico, com possibilidade de interação sexual apenas se estivessem dispostos a buscar atividade sexual em cidades próximas, a outra forma cômoda adotada pelo grupo foi criar parcerias domésticas e sexuais, conhecidos como “casamentos de mina”, formado entre homens mais velhos e mais novos do agrupamento. Um pacto temporário e discreto, onde os homens mais jovens realizavam o trabalho em troca de presentes, orientação, proteção e dinheiro. Ver: CONNEL, Raewyn. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

⁹⁵³A formação militar implicava a fabricação de bons militares, homens que pudessem se tornar exemplo de disciplina e domínio de si. Uma “fábrica de homens verdadeiros”, articulados em termos de periculosidade, brutalidade e violência, assim como os soldados franceses na invasão à Argélia. Ver: TARAUD, Christelle. A Virilidade em situação Colonial: do final do século XVIII à Grande Guerra. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

⁹⁵⁴GIAMBERARDINO, A. R.. A construção social do medo do crime e a violência urbana no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 115, p. 200, 2015.

⁹⁵⁵MISKOLCI, Richard. **O Desejo da Nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX**. São Paulo: Annablume, 2013.

⁹⁵⁶MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 11, p. 231–273, 2013.

infratores. Paradoxalmente, nesse contexto de prisão, não se pode afirmar que o Estado exerça o monopólio da violência, pois seu detentor se desloca para o “chefe da prisão” e por óbvio, todos os atos decorrentes desse novo pacto tornam-se ilegítimos, expondo a limitação da falsa proteção do Estado.

As coordenadas culturais informam que não demonstrar fraqueza se torna norma para alguns grupos centrados em códigos de virilidades, logo, ao fazer sofrer, gritar e gemer há um exercício de uma forma de prazer de dominar e de submeter, diante do ato não consentido se configura como violência real do grupo custodiado pelo regime militar. A linguagem considerada agressiva das masculinidades fazia parte do universo cultural de significados violentos em que parcela dos homens se inseria, de modo que a crença da salvação nacional seria mediada por masculinidades viris que não se esquivam de mostrar sua virulência. À medida que a sociedade progredia em tecnologia, comunicação e ciência, maior visibilidade era dada a setores antes marginalizados, passava também por uma profunda reflexão sobre empatia com outros corpos⁹⁵⁷.

Há uma quebra de paradigma no que se refere ao olhar sobre a humanidade com a transição democrática, algo que também decorre de uma redefinição do discurso viril e das performances masculinas, exemplo dessa reflexão é que o Código Penal Militar, o qual previa, desde 1944, em seu artigo 193, o tipo de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal” com punição de reclusão de dois a sete anos. Logo apenas o intercurso sexual dos órgãos pênis-vagina era considerado como elemento caracterizador da conjunção carnal, e a violação sexual com múltiplos agressores seria então mero constrangimento, por se tratar de coito anal. Ainda no CPM, o art. 197, “praticar, ou permitir o militar que com ele se pratique, ato libidinoso em lugar sujeito à Administração Militar”, com detenção de seis meses a um ano, era um tipo que desconsiderava o consenso do ato e muitas vezes era utilizado como recurso defensivo para os agressores, na tentativa de desclassificação do tipo penal militar para receber uma punição mais branda.

Nesta esfera, vale ressaltar que, inicialmente, o estupro coletivo contra vítimas masculinas não era sequer visto como algo digno de proteção jurídica, pois um homem viril defenderia sua honra com sangue e também o entendimento sobre a região erótica do corpo não

⁹⁵⁷ A empatia surge por meio da atuação dos neurônios-espelho, que possibilitam o reconhecimento e a imitação de ações alheias, destacando, também, o papel central do corpo na mediação dessas microcomunicações. Ver: GREINER, Christine. **O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações**. São Paulo: Annablume, 2010.

abrangia o ânus. O estupro era considerado apenas conjunção carnal (pênis-vagina)⁹⁵⁸. Contudo, era uma região do corpo a ser vigiada⁹⁵⁹. De forma semelhante, os estupros coletivos em tempos de guerra obrigam a pensar a diferença dos sexos na luta, na intromissão do feminino e de homens considerados afeminados no interior da disputa, bem como a função de “feminizar”. A partir de eventos de violação, a psiquiatria de guerra elaborou o conceito de “politraumatismo” que evidencia a pluralidade dos traumas em que as causas de sofrimento se somam sem se misturar. Logo a violação sexual por militares reforça a eficácia do relato de crueldade ao buscar submeter e feminizar o sujeito no estupro coletivo⁹⁶⁰.

Nesse período, o discurso da promiscuidade, articulado a um pânico gay permeado na sociedade civil fez com que esse modo de ser fosse reforçado no campo do estigma, do rótulo e do estereótipo. Dito isso, é possível perceber que o desejo sexual homoerótico se estabelecia em lugares contraditórios e, por vezes, delituosos, como demonstram os processos criminais e manchetes de revistas em que homossexuais são violados, espancados e mortos, sem um desfecho investigativo adequado, dadas as condições “promíscuas” de suas existências.

Nesse ponto, a punição que exerciam e a agressividade eram legitimadas por um discurso de domesticação dos corpos, tal como era a prática do “estupro corretivo” em contextos prisionais, com a habilidade para fazer o mal para corrigir e/ou demonstrar que determinados “erros” não poderiam ser admitidos sem adequada submissão⁹⁶¹. Somado a isso, a banalidade como o Estado dissolvia os conflitos sociais em suas estruturas e procedimentos burocráticos, impedia os próprios agentes do Estado de perceber que nada adiantaria uma pena de prisão para alguém que cometeu atos de violação sexual nesse contexto prisional, uma vez que a sentença determinava que os sujeitos permanecessem acomodados sob a custódia prisional, tal qual um

⁹⁵⁸SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Rejo. **Por el culo**: políticas anales. Madrid: Egales, 2011.

⁹⁵⁹VAINFAS, Ronaldo. **Trópico Dos Pecados**: moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

⁹⁶⁰ Em 1996, o Tribunal Penal Internacional, sediado em Haia, e criado para processar crimes de direitos humanos ocorridos na ex-Iugoslávia, reconheceu, pela primeira vez na história, o estupro como crime contra a humanidade. Este reconhecimento emergiu dos eventos ocorridos entre 7 e 17 de abril de 1992, na cidade de Foča, na Bósnia, onde a prática sistemática de estupros foi empregada como instrumento de terror, muitas vezes diante de familiares das vítimas. Tais atos foram deliberadamente arquitetados para infligir trauma às vítimas e para transmitir uma mensagem de intimidação às gerações futuras, evidenciando a dimensão política e estratégica do abuso sexual em contextos de conflito armado. Ver: NAHOUM-GRAPPE, Véronique. Da Dimensão Sexual de uma Guerra: os estupros em série como arma na ex-Iugoslávia, 1991-1995. In.: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

⁹⁶¹ As bombas e o caráter fálico a guerra, o estupro em massa foi uma realidade em 1914, na Bélgica e na França, as práticas de estupro em tempos de Guerra, ocidental e não ocidental, “estupro de Nankin” pelos japoneses em 1937. Ver: AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e Guerras: uma brecha no coração do modelo viril?. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade**: a virilidade em crise? V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

banquete “self-service”, em que os pensamentos sádicos podiam se tornar realidade na escolha de violações a outros homens.

A mudança desse panorama foi conquistada, paulatinamente, com o maior debate e visibilidade não obstante a censura do regime. Desse embate com as instituições que engendravam o Estado Militar, foi possível estabelecer algumas mudanças efetivas e simbólicas, desde o debate sobre a violência das prisões e sua articulação com o gênero e a sexualidade⁹⁶², quanto à legitimidade de um ato consensual e os limites desse consenso na esfera da liberdade sexual⁹⁶³, a instauração da Lei de Anistia e a volta dos exilados políticos, o fim da prisão para averiguação, a efetividade da lei de abuso de autoridade e lei da tortura, a previsão da audiência de custódia para todos os que forem submetidos à prisão, entre outras modificações sensíveis à governabilidade estatal⁹⁶⁴.

5.5. BRAÇO FORTE, MÃO AMIGA

Imagem 123: Aliança Exército e Polícia Militar (à esquerda); Lula e Collor apertam as mãos (à direita).



Fonte: O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed 26, p. 32; MANCHETE, Rio de Janeiro. 1990, ed. 1968, p. 49

Em 1964, a aliança entre forças policiais e diferentes comandos do Exército possibilitaram a mudança do regime de Jango para a força autoritária. O *Cruzeiro* divulgava as imagens do instante final, onde o Exército e a Polícia militar quase lutaram entre si, mas deram

⁹⁶²FERREIRA, Guilherme Gomes. Políticas de tratamento penal para LGBTI+ no mundo, in.: FERREIRA, G.; KLEIN, C. (Orgs.). **Sexualidade e Gênero na Prisão: LGBTI+ e suas passagens pela justiça criminal**. Salvador - BA. Editora Devires, 2019.

⁹⁶³ Segundo Foucault, a sexualidade foi direcionada à reprodução, enquanto os usos do corpo para o prazer se deram de maneira discreta, articulados ao sigilo e ao anonimato de fetiches considerados impuros. Ver: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

⁹⁶⁴Os desdobramentos dessa reflexão incluem a análise do gozo punitivo e seus obstáculos para a construção de uma cultura de paz, bem como a reavaliação de possibilidades para a abolição das unidades prisionais ou para a implementação de caminhos restaurativos. Todas essas questões se apresentam como tributárias do reconhecimento consciente da dignidade da pessoa humana e da humanidade no exercício da punição em um Estado Democrático de Direito. Ver: BUSATO, Paulo César. **Fundamentos para um Direito Penal Democrático**. São Paulo: Atlas, 2015.

as mãos. Em contraposição, a segunda imagem retirada da *Manchete*, em 03 de dezembro de 1989, que fotografou o debate de presidentes civis, um marco democrático para o Brasil, um ano após a confecção da Constituição Federal e ano comemorativo da queda do Muro de Berlim, que marcava o fim da Guerra Fria.

O domínio das masculinidades no exercício de poder, bem como de discursos que favoreciam a manutenção do patriarcado durante o período ditatorial é notório, pois a Ditadura Civil-Militar estendeu seus tentáculos para muito além dos órgãos do Estado, indo até as entidades privadas, instituições de apoio e personalidades. Contudo a reflexão sobre a maior pluralidade das formas de ser, de sentir e de expressar as masculinidades, bem como a maior reivindicação por paridade sexual entre homens e mulheres em diversas instâncias provocaram lentamente o acesso a locais de poder de pessoas desprezadas pelo sistema marcadamente capitalista e heteronormativo. Entretanto, nas duas imagens, observam-se os braços fortes e a suposta “mão amiga”, que estavam em evidência para informar à sociedade civil que a crise política que acarretou o golpe e a posterior mudança de governo foi e se tornou um pacto de homens, uma fraternidade que em grande medida reproduzia aspectos de privilégios à classe dos que dialogavam com códigos viris de masculinidades⁹⁶⁵.

Assim, algumas transformações foram possíveis a partir de fissuras encontradas no autoritarismo, no esforço de provocar uma mudança de paradigma rumo a um governo democrático. Exemplo disso ocorria em julho de 1984, quando a professora doutora Sílvia Pimentel, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, encaminhava carta destinada ao Ministro de Justiça Ibrahim Abi-ackel, com o intuito de tratar da necessidade de reformulação da parte especial do Código Penal, notadamente, quanto à responsabilização dos crimes sexuais:

Embora tenha conhecimento de que a doutrina considera conjunção carnal apenas a cópula vaginal, portanto, determinado tipo de relação sexual entre homem e mulher, entendo deva ser ampliada a abrangência deste conceito para conter a cópula anal e, assim, também a relação sexual entre homens e este outro tipo de relação sexual entre homem e mulher. Desta forma esta relação, que indiscutivelmente é união carnal, passaria a incorporar o conceito de estupro e de sedução⁹⁶⁶.

⁹⁶⁵ O pacto da cisgeneridade e o pacto da branquitude reforçaram códigos narcísicos e violentos em relação à diferença na dinâmica do poder, razão pela qual as denúncias e as desigualdades e discriminações face à Ditadura Civil-Militar ganharam contornos de gênero, raça e classe. A leitura de Cida Bento e Chello evidenciam esses pactos da masculinidade construída hegemonicamente como primária, branca e cis-heteronormativo. Ver: PFEIL, B. L.; PFEIL, C. L. O pacto narcísico da cisgeneridade. **Revista Estudos Transviados**, 2023; CIDA bento. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

⁹⁶⁶ BR_RJANRIO_TJ_0_LEG_0002_0003_D0001DE0001

O trecho colocava em questão o consentimento para o ato sexual anal, garantindo integridade para essa zona erógena tal qual o respaldo de uma vagina, vez que indicava local de proteção e de prazer em determinadas circunstâncias, tendo em vista que a dinâmica das relações sexuais unicamente para a reprodução não se estabelecia em setores da sociedade desde meados da década de 1960 e as transformações culturais implicavam uma reconfiguração da ordem jurídica. O desdobramento dessa carta tratava de uma reivindicação de um não fazer estatal, no sentido de não intervenção na dimensão sexual, no sentido de não agir nem para proibir, nem para regulamentar as interações homoeróticas consentidas, mas, sim, de declarar que uniões homoafetivas são legítimos laços afetivos e mereciam respaldo institucional, tal qual a união heteronormativa, além de estabelecer parâmetros de proteção para integridade sexual em contexto de violência, e estabelecer parâmetros de segurança para o consentimento.

Esse debate jurídico proposto em 1984 foi espionado e guardado como confidencial para manter o *status quo* de silenciamentos e de violências, atravessando a moralização da Administração Pública. Nesse sentido, embora cartas tenham sido enviadas ao Estado, propondo o debate e atualizações normativas, as relações sociais em suas dimensões estruturais permaneciam marcadamente misóginas e homofóbicas⁹⁶⁷, permitindo pouco espaço para esse tipo de debate. Em 1985, a Ditadura Civil-Militar cessou na esfera política e, em 1988, ocorreu a elaboração de uma Constituição Federal garantindo direitos e garantias fundamentais ao ser humano, bem como protagonismo aos direitos humanos, civis e políticos. Mesmo assim, a permanência da homofobia em amplos setores sociais influenciou na continuidade do silenciamento de abusos sexuais e práticas violentas entre homens, a partir da permanência do crime de pederastia, no CPM, assim como retardou o reconhecimento das uniões homoafetivas como legítimas.

Nesse período, a chamada distensão “lenta, segura e gradual”, em curso desde 1974, motivada pelo convencimento militar de que era chegada a hora de abandonar o centro da política, entre outros fatores, da qual um severo desgaste dos militares perante a nação. A ideia da transição para Democracia se destacou com maior força entre 1975⁹⁶⁸ até 1985⁹⁶⁹,

⁹⁶⁷ TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

⁹⁶⁸ Em 1975, surge a organização de ativistas acadêmicos na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) com o surgimento da pesquisa científica sobre a condição da mulher no país. Nesse ano também nasce o Movimento Feminista pela Anistia, fundado por Terezinha Zerbini, e que reunia familiares de pessoas exiladas, presas ou desaparecidas, assim como o Círculo de Mulheres Brasileiras exiladas em Paris. Ver: PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

⁹⁶⁹ O ano de 1985 se destaca com o retorno do sufrágio e a possibilidade de voto. Ver: TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves. **Para além do voto: uma narrativa sobre a democracia participativa no Brasil (1975-2010)**. Tese em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

culminando em 1987 quando se consolidou a Assembleia Constituinte propondo a organização da sociedade a partir de uma nova Constituição Federal, prevendo em seu texto direitos e garantias fundamentais, tributários em grande medida dos movimentos identitários feministas, lésbicos, negro, homossexual, indígena, ambiental, entre outros setores da sociedade civil.

Em 1980, foi possível a inserção da mulher na instituição militar a partir da aprovação da lei nº 6.807/1980 que criou o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha, possibilitando, a partir deste momento o exercício de atividades técnicas e administrativas⁹⁷⁰. Posteriormente, em 1989, foi possível o preenchimento de vagas complementares, como de Médicas, Dentistas, Farmacêuticas, Veterinárias e Enfermeiras de nível superior. Entretanto, as “posições de combate” eram destinadas apenas aos homens, pois, sob a justificativa da aflorada sensibilidade feminina, não se permitia seu acesso ao embate⁹⁷¹.

Embora a instituição militar, por meio do uso das fardas, vigiasse e punisse os chamados “pederastas”, observa-se que, em um contexto democrático e já distante da lógica da Guerra Fria, instaurou-se um clima relativamente mais amistoso em relação às diferenças. Nesse cenário, em 1990, o Centro de Comunicação Social do Exército decidiu adotar o slogan “Braço Forte, Mão Amiga”, concebido pelo Coronel Francisco Rosélio Brasil Ribeiro, como forma de reposicionar simbolicamente a imagem da instituição perante a sociedade brasileira⁹⁷².

⁹⁷⁰ ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **A mudança de tradição: esposas, comportamento e Forças Armadas (1964-1998)**. Doutorado em História na Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, 2008.

⁹⁷¹ A incorporação das mulheres em funções de combate nas Forças Armadas brasileiras deu-se de forma gradual e marcada por normativas específicas. A Marinha do Brasil impulsionou o processo ao encaminhar o Projeto de Lei da Câmara (PLC nº 147/2017), com vistas a ampliar a presença feminina em todos os cargos de sua Força, em consonância com a Lei nº 12.705/2012. No Exército, a abertura ocorreu em 2016, quando a Escola Preparatória de Cadetes (EsPCEX) destinou, pela primeira vez, 40 das suas 440 vagas ao público feminino, com efetiva implementação a partir de 2017. Já a Força Aérea havia iniciado esse percurso anteriormente, com a Portaria nº 556 T/GC3, de 2002, permitindo que, a partir de 2003, mulheres ingressassem no Curso de Formação de Oficiais Aviadores, o que lhes possibilitou ascender até a patente de Tenente-Brigadeiro, o mais alto posto da hierarquia aeronáutica. Nesse panorama, o Exército foi a última Força a permitir a inserção de mulheres na categoria de combatentes, rompendo a limitação anterior que restringia sua participação às áreas de Saúde, Complementar e Científico-Tecnológica. Ver: NEUMANN, Isabella **Jogo de interesses nas Forças Armadas: a moderada presença da mulher militar no Brasil sob a perspectiva das Relações Cívico-Militares**. Dissertação na Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2021.

⁹⁷² O lema “Braço Forte, Mão Amiga” foi institucionalizado como marca identitária do Exército Brasileiro, buscando condensar, em um duplo movimento, a dimensão bélica e a dimensão social da instituição. De um lado, o “Braço Forte” remete às campanhas históricas, desde Guararapes, na expulsão dos invasores holandeses, passando pela atuação de Caxias na pacificação interna, pela participação na Guerra do Paraguai e na Segunda Guerra Mundial, até as funções de dissuasão, manutenção da soberania e da ordem. De outro lado, a “Mão Amiga” é evocada a partir das ações sociais, culturais e de desenvolvimento realizadas pela Força Terrestre, como a atuação em calamidades públicas, a construção de obras de infraestrutura, o atendimento médico às populações ribeirinhas da Amazônia, além do respeito às comunidades indígenas e aos desportos nacionais. Tal discurso institucional, consolidado pelo Manual de Uso da Marca do EB, aprovado pela Portaria nº 885, de 4 de novembro de 2008, revela a tentativa de projetar o Exército não apenas como força de combate, mas também como agente de integração social e nacional. Ver: BRASIL. Exército Brasileiro. **Manual de Uso da Marca do EB**. Portaria nº 885, de 4 de novembro de 2008. Brasília: Comando do Exército, 2008.

No contexto internacional, as denúncias sobre a forma de tratamento de militares declarados homossexuais e/ou percebidos como diferentes dos demais por conta dos códigos mais sensíveis de masculinidades, vinham à tona em diferentes regiões do globo, como na Inglaterra e nos EUA, sobre os homens das Forças Armadas que empreenderam métodos violentos de disciplina e de correção dos jovens, que escalonavam de forma crescente na medida em que consideravam o erro muito grave:

Imagem 124: *Army Hounds Two Men to Death* (à esquerda); *A Corte Defende o Banimento de gays* (à direita).



Fonte: CAPITAL GAY, 10 de julho de 1981, n. 1, p.1; BAY AREA REPORTER, XIV, n. 35, 1984, capa.

Em 1981, o jornal londrino *Capital Gay*, à esquerda, veiculou a matéria sobre tortura, métodos de terapia para reversão sexual e adequação à heteronorma, tentativa de suicídio, eletrochoques e morte, de pessoas consideradas inadequadas e com má conduta sexual dentro das Forças Armadas. A informação de que as Forças Armadas perseguiram dois homens até a morte e outros quinhentos foram dispensados dos serviços por “homossexualidade”, sem que houvesse procedimentos disciplinares. Nessa ocasião, o ex-bombardeiro John Brucelixo informou que, possivelmente, existia um método sistemático de violência camuflado por dados estatísticos controversos, se considerasse o problema do suicídio de militares gays.

Em 1984, o *Bay Area Reporter*, à direita, informou a estimativa de vinte milhões de dólares por ano que a instituição pagava para excluir homens gays das Forças Armadas. No deslinde do caso, Dronenberg, de vinte e sete anos, descrito com um pequeno Oficial, foi expurgado da instituição após um recruta em um quartel da Marinha em Monterey, Califórnia, prestar depoimento contra ele. Após sua alta, decidiram a exclusão do sujeito ao grupo, em decisão judicial, considerando que o efeitos da conduta homoerótica dentro de uma unidade militar teoricamente prejudicam a moral e a disciplina, pois corrompem a partir da noção de equidade as relações dos superiores com os escalões inferiores, além de criar condições para

possíveis abusos de poder entre superiores militares sobre seus interiores, na tentativa de gozar com alguma atividade forçada⁹⁷³.

Os relatos de jornais homoeróticos permitem perceber uma questão central para os homens inseridos em contexto militar no período, a disciplina nas performances de gênero e no manejo dos sentimentos na esfera institucional⁹⁷⁴, uma vez que a perda do prestígio da carreira militar, da estabilidade econômica e da vida em comum com os demais homens da caserna, mas além disso, as violências que poderiam advir da percepção dos desarranjos de gênero e de sexualidade tornaram a vida de alguns militares um dilema constante nos EUA, na Inglaterra, no Brasil e dentre outros lugares.

O processo de democratização no Brasil articulou mudanças nas masculinidades, reatualizando os próprios quadros interpretativos da virilidade e da sociedade. Nesse mesmo período, em 13 de fevereiro de 1993, a experiência norte-americana mediada pela revista *Manchete* contava da realidade de homens declarados gays e inseridos nas Forças Armadas, bem como a trajetória semelhante no Norte Global, a partir dos anos 2000:

Imagem 125: Os gays vão à Guerra (à esquerda); Eles apoiam, mas juram que não são (ao centro); *El Primer Militar Gay* (à direita).



Fonte: MANCHETE, Rio de Janeiro, ed 2132, p.17 MANCHETE, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1993, ed 2132, p.45 REVISTA AUSTRIAS, n. 11, 2000, p. 12

Da esquerda para a direita, a primeira imagem informou que o problema não era ser adepto de práticas homoeróticas, o problema era ser visto ou afirmar o que se faz, ao contar a trajetória na Marinha de Keith Meinhold, que aos trinta anos assumiu na rede de televisão ABC, suas práticas, motivando sua expulsão da base de Moffett, em São Francisco, Califórnia, recorreu à justiça e foi reintegrado. A matéria informou que tudo era feito na base do sussurro e a notícia se espalhava, de forma que muito se comentava sobre a Força Aérea ser o braço armado “mais hospitaleiro da comunidade homoerótica”, enquanto a Marinha e o Exército mais

⁹⁷³ BAY AREA REPORTER, XIV, n. 35, 1984, capa.

⁹⁷⁴ HOSCHSCHILD, Arlie Russell. **The Managed Heart**: commercialization of human feeling. Berkley, University of California Press, 1983.

hostis, indicou também sobre o circuito dos bares gays e afirmava que as práticas homoeróticas estavam inclusive no Estado-Maior das Forças Armadas estadunidenses⁹⁷⁵.

A segunda imagem contém sete homens que surgem com seus broches e keeps, no centro um sujeito se posiciona mais em evidência, como se fosse o porta-voz do grupo e possui um sorriso mais contido. A imagem também chama atenção pelas mãos sobre os ombros que os imediatos atrás colocam sob seus ombros, demonstrando um apoio e um grupo coeso, que aparentemente se constitui unido, protegido e absolutamente todos os sete uniformizados demonstravam deboche ao sorrir um riso largo. A reportagem de David S. Jackson, em São Francisco e Sarah Tippet, em Orlando, informava: “Eles apoiam, mas juram que não são”, tratando do apoio à decisão do Presidente Bill Clinton favorável à presença de pessoas gays nas Forças Armadas, ao mesmo tempo em que ridicularizam a suposta heterossexualidade dos membros das Forças Armadas.

A terceira imagem provém dos anos 2000, quando o momento histórico insere o sujeito homem em outro paradigma, segundo a revista *Austrias Gai*, a terceira imagem informa sobre a matéria de José María Sánchez Silva, que se converteu no primeiro alto cargo do exército que assumiu abertamente sua orientação sexual. Uma história da saída do armário, com quarenta e nove anos, Tenente Coronel do corpo jurídico das Forças Armadas, comentando que seu gesto era honrado, verdadeiro e valente como pede a ética militar.

Nesse momento, as narrativas das revistas de ampla circulação, dos jornais homoeróticos e dos grupos identitários convergiram na elaboração de uma transformação íntima, no sentido de possibilitar a redefinição da percepção de si em torno de um sentido positivo de suas práticas sexuais e desejos eróticos. De modo que a maior articulação de vozes serviu para elaborar tanto um mercado homoerótico voltado para práticas diversas de fruição, bem como para a formação de uma demanda de reivindicação de direitos sexuais, integrados aos direitos civis, políticos, sociais e econômicos frente ao Estado Ditatorial.

A revista informa na sociedade civil que existe um regime de verdade contraditório entre alguns homens, que pareciam não ser, mas eram “homossexuais”, e outros que pareciam ser, mas não eram “homossexuais”. Essa busca pela verdade do sujeito, parte do questionamento da ordem da essência, algo que por si só, já resta reducionista, mas em termos de uma geopolítica dos afetos dos corpos informa mais sobre o dispositivo da identidade configurado no “sair do armário”, que implicava, justamente, assumir um dado lugar de sujeito, se adequar a uma dada identidade forjada coletivamente. A problemática levantada em torno do dispositivo da

⁹⁷⁵MANCHETE, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1993, ed 2132, p.45

sexualidade consiste no “se assumir homossexual” e responsabilizar a sua orientação sexual em algo definidor e central da identidade de alguém, é fazer da dimensão sexual da existência a definidora de toda ela. Além disso, desdobra-se do dispositivo da confissão, que fora fundamental no funcionamento do poder e do mecanismo de produção de conhecimento, de produção de verdades, que servia ao exercício do poder⁹⁷⁶.

Por ironia da história, os líderes do “Revolução Saneadora” responsável pela missão de redenção moral da sociedade brasileira se candidatavam a ser os novos padres confessores ou os novos psicanalistas, dispostos a ouvir os segredos de práticas homoeróticas de pessoas investigadas como “homossexuais”, “pederastas” e “sodomitas”, disponibilizando de meios e de técnicas para o exercício da confissão através de cartas, petição de justificação, arguição oral em audiência pública e pedidos de reconsideração. Os agentes do Estado Ditatorial buscavam investigar dentro do próprio Estado as pessoas que fossem consideradas homossexuais, ao mesmo tempo o movimento de liberação homoerótica incitava a esses sujeitos que “dessem as caras, que eles encarassem de frente a sua condição ou a sua opção sexual”⁹⁷⁷.

O termo gay surgiu como nova linguagem para se referir a uma identidade sexual, causando conforto e alívio para alguns homens que se identificavam de uma forma mais positiva em relação a si mesmo e sua autopercepção diante da sociedade, mas causavam desconforto para outra parcela de homens que, apesar de adotar práticas homoeróticas, percebiam o conceito como reduzido e limitante em relação à pluralidade das formas de expressar o desejo sexual.

No que se refere aos modos de expressão do gênero, em algumas circunstâncias, para se tornar um homem gay significava construir também a imagem de “homossexual de respeito” e poderia ser também um modo de retirar da homossexualidade todas as suas possibilidades contestatórias em relação à ordem sexual e social vigentes. Nesse sentido, pensar o ser para além da coincidência do si mesmo para consigo é lançar o ser na linguagem⁹⁷⁸. Assim, as

⁹⁷⁶ Para Michel Foucault, as formas de governo que se desenvolveram no Ocidente recorreram ao dispositivo da confissão como estratégia de extração de saberes dos indivíduos, saberes esses que se tornariam fundamentais para o seu controle e posterior governo. Ver: FOUCAULT, Michel. **As Confissões da Carne**. História da Sexualidade, v. 4, Paris: Editions Gallimard, 2018.

⁹⁷⁷ Durval Muniz de Albuquerque observa que, nesse período, havia uma profunda divergência — que, em certa medida, ainda persiste — no interior do movimento homossexual, entre aqueles que defendiam a homossexualidade como uma condição, isto é, como uma forma de comportamento e de desejo sexual de caráter congênito, definido pela natureza. Tal perspectiva, contudo, acabava por reforçar o discurso biológico e naturalizante que sustentava a lógica da biopolítica. Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 1 - 20, 2014. (ISSN 2317-1006 - online).

⁹⁷⁸ É possível, portanto, interpretar o sujeito assim como se interpreta o mundo. Nesse sentido, é na dimensão da aparência que se torna evidente que o indivíduo não coincide integralmente consigo mesmo, funcionando como um signo de si próprio, de modo que sua ação e sua presença ocupam o lugar de sua identidade. Esta, por sua vez, constitui-se na prova do caráter perante o outro. Na hermenêutica do si-mesmo, Ricœur situa o sujeito fora da poética, concebendo-o como intérprete da metáfora de si. A identidade narrativa, nesse quadro, apenas atinge a

palavras são obrigadas a dizer as coisas, apesar de nenhuma verdade dizer completamente qualquer coisa, pois não há coisa que caiba completamente em uma palavra, de maneira que não é pacífica essa relação com os códigos, bastante tensionada. Todo conceito é reduutivo, arbitrário e arbitrado⁹⁷⁹.

A inteligibilidade não deve ser tomada como um campo fechado ou um sistema com fronteiras finitas. Mas, como um campo aberto e conectado a um tipo de prática social que seria constituída por atos repetidos que se instituem como normatividades quando encobrem seus efeitos. Sendo um campo em aberto, nas margens se encontram os “sujeitos” excluídos. Logo o campo das possibilidades epistemológicas como um horizonte de percepção do social em um universo discursivo povoado de representações e imagens, constituindo uma categoria que tende a reduzir as apreensões do mundo a esquemas interpretativos, em regimes de verdade. As representações sociais que engendram corpos e papéis são os valores e significados sociais que circulam e formam nódulos de sentido, redes de significações, mapas constitutivos e interpretativos do mundo⁹⁸⁰.

Assim, o modelo do militar-viril é também uma forma de expressar os sentimentos e os desejos, os valores e as questões éticas, mas que exige um esforço disciplinador que evidencia como a subjetividade masculina é produtiva, no sentido que existe um trabalho para construir uma performance. Mas esse ato de fabricação ocorre diante de uma multiplicação de estímulos e agenciamentos de desejos de outros sujeitos que também comunicam o que é a virilidade, a partir de outros mercados, outros regimes de verdade que não o da própria singularidade. Dessa forma, a subjetividade homoerótica se entrelaça aos elementos da matriz viril-militar e passa a elaborar demandas tanto para o mercado sexual e fetichista, quanto para o Estado, no sentido de reivindicação de direitos e de garantias.

Nessa relação, não há uma classe social homogeneamente vencedora e/ou perdedora com o golpe Civil-Militar, posto que a matriz de inteligibilidade cultural da pedagogia da dor estava diluída em classes economicamente pobres e elites, bem como na classe média. A perspectiva disciplinar predominante do ambiente militar se dissolvia em amplos setores da

ipseidade por meio de um ato de vontade que reúne o sujeito aos seus predicados e à sua narrativa identitária, ainda que somente pelo tempo limitado em que as circunstâncias de permanência precedem inevitavelmente a ruptura. Ver: BRITO, A. B. Jr. A Metáfora do Si-Mesmo como Outro: poética e ontologia em Paul Ricoeur. In: CASTRO, F. C. L. (org.). **O Si-Mesmo e o Outro**. Ensaios sobre Paul Ricoeur. Porto Alegre: editora Fi, 2016, p.13-62

⁹⁷⁹A existência de uma matriz de inteligibilidade cultural opera por meio da reiteração de normas que regulam a coerência dos corpos e a partir das quais os sujeitos “vêm a ser”. Tal processo se dá em um ritmo marcado por descontinuidades, pois rompe com a suposta estabilidade da relação entre sexo, gênero, desejo e materialidade corpórea. Ver: FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso no Collège de France (1981-1982), São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

⁹⁸⁰SWAIN, Tânia Navarro. Desigualdades na Diferença: a construção política dos corpos e das identidades sexuais. **Maracanã**. Rio de Janeiro, n. 4, pp. 37-58, 2007.

vida social, de modo que a interação hierarquizada posicionava uma figura masculina em uma posição superior aos demais⁹⁸¹.

Apesar das lutas e de algumas conquistas de direitos, no âmbito da Justiça Militar, persistia o tipo penal da pederastia a estimular o silenciamento e mais injustiças. Logo, mesmo após a Ditadura Civil-Militar, em 27 de abril de 2005, R.G.A. e L.P.C. envolveram-se em um caso que se demonstrou bastante controverso, uma vez que, ao desempenhar atividades básicas e de rotina, os envolvidos mantiveram relação carnal. O soldado R.G.A. afirmou que, naquele dia, deveria aprender com o co-réu a fazer o pão e que recebeu instruções, ficando acertado que lavaria as louças sujas enquanto L.P.C. terminaria os pães e a faxina da padaria. Entretanto, ao tempo que estava lavando a batedeira, foi surpreendido pelo soldado que traçando suas pernas contra a mesa e torcendo seu braço direito, ainda puxou sua calça para baixo. Afirmou que não conseguiu se desvencilhar e, L.P.C. o violentou sexualmente, alegando que gritou e rasgou o avental do soldado, mas ninguém ouviu. Afirmou que após ejacular, o soldado L.P.C. pediu desculpas, dizendo que havia perdido a cabeça. Comunicou às autoridades o que ocorreu em detalhes⁹⁸².

L.P.C. confessou o crime, alegando que R.G.A. havia se insinuado abaixando as calças e virando as nádegas para o acusado. Ato que não teve resistência. Em defesa de L.P.C., o Segundo-Tenente R.H.P. alegou que conhece a mesa da padaria e que para alguém ficar preso seria necessária muita força, considerando difícil o ocorrido, pois L.P.C. era mais baixo 20 cm que a suposta vítima R.G.A.⁹⁸³. Somam-se os elementos probatórios no deslinde do caso, quando a perícia analisou cuidadosamente o orifício do soldado R.G.A. e constatou lesões e sangramentos, constatando “hiperemia local”, vermelhidão ou aspecto avermelhado em região anal. Mas os militares não encontraram sinais de luta, como o rasgo no avental do soldado L.P.C., nem consideraram verossímeis os gritos de socorro, uma vez que certamente seriam ouvido pelas sentinelas.

Na decisão, por maioria de votos, de três a dois, o soldado R.G.A. foi condenado a pena definitiva em dez meses e vinte dias de prisão. Por unanimidade de votos, condenado o soldado L.P.C., a pena definitiva de seis meses de prisão. Inconformada, a defesa de R.G.A. alegou que fora vítima de violência sexual praticada contra sua vontade, não sendo justa a

⁹⁸¹ FICO, Carlos. Prezada Censura: cartas ao regime militar. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 251-286, 2002.

⁹⁸² As informações referentes à penetração anal, descrita como “indo até o fundo do mesmo”, assim como as declarações do depoente, quando afirma “apesar de não ser homossexual” e “ter feito de tudo para evitar, trancando inclusive seu ânus, mas não conseguiu evitar a penetração”, evidenciam, além da dimensão íntima do relato, a sanha do próprio sistema penal em buscar e impor uma verdade absoluta sobre os corpos e as práticas sexuais. Ver: Extrato da ata da 53ª sessão de julgamento, STM, em 21 de agosto de 2007.

⁹⁸³ Extrato da ata da 53ª sessão de julgamento, STM, em 21 de agosto de 2007.

condenação por ter consentido, e que sabia estar produzindo prova contra si mesmo no momento da denúncia. Contudo não se encontrou resistência razoável e inequívoca no sentido de evitar o ato⁹⁸⁴.

O caso demonstrou como o silenciamento e a invisibilidade de práticas de violência sexual entre homens ocorriam de modo quase corriqueiro, tendo em vista a ausência de mecanismos que pudessem corroborar ou cooperar para a ampla defesa da vítimas. Sequer o cuidado devido nas situações de violência sexual em que a vítimas tem que rememorar o fato, para que a pessoa não seja submetida a processo de revitimização; ao invés disso, foi questionada com todo o interesse de um arte erótica perversa interessada em saber em quão profundo a vítima foi atingida.

Outro caso de repercussão e com maior notoriedade porque foi veiculado por câmeras de TV, ocorreu em 2008, quando o Exército decidiu aposentar o Segundo Sargento Laci Marinho de Araújo, com trinta e nove anos, após ter ficado conhecido por tornar pública sua relação estável de treze anos com outro militar, também Segundo Sargento Fernando Alcântara de Figueiredo, com trinta e oito anos. Ambos se conheceram em 1997 e desde então moravam juntos no mesmo apartamento do Exército, em Brasília, na Asa Norte.

A perseguição iniciou com a decisão que saiu em ata de inspeção de saúde em que o Segundo Sargento Laci Marinho de Araújo foi diagnosticado com “transtorno misto ansioso e depressivo”, “outras reações ao stresse grave”, “epilepsia lobo temporal” e “hipertensão primária”. O laudo médico foi assinado por três militares que não o consideravam inválido, podendo ser aposentado de forma proporcional. Contrariado, chegou a ser preso acusado de deserção. Seu companheiro licenciou-se do serviço militar e passou a comandar o Instituto *Ser Direitos Humanos*, auxiliando militares vítimas de preconceito dentro das Forças Armadas⁹⁸⁵.

Imagem 126: Exército arquiva deserção (à esquerda); Médicos são acusados de perseguir militar (à direita).

⁹⁸⁴ EMENTA. APELAÇÃO. PEDERASTIA (Art. 235, c/c o art. 237, II, do CPM). Militar que permite que com ele se pratique ato libidinoso homossexual em lugar sujeito à Administração Militar, incorre no crime de Pederastia previsto no art. 235 do CPM. Crime configurado por não haver emprego de violência ou qualquer outro constrangimento, conforme exame de corpo de delito e depoimento testemunhal. Autoria comprovada pela confissão dos acusados. Negado provimento ao Recurso. Decisão Unânime. Ver: BRASIL. Superior Tribunal Militar. nº 2006.01.050257-2. Relator(a): Ministro(a) Olympio Pereira Da Silva Junior. Data de Julgamento: 21/08/2007, Data de Publicação: 09/10/2007).

⁹⁸⁵ 851842_A1b



Fonte: STM. Acervo da Biblioteca do Superior Tribunal Militar. 948190_A1b; 897095_A1b.

A primeira imagem, à esquerda, retirada da matéria onde o “Exército arquiva acusação de deserção contra oficial gay”, o texto informava que o oficial havia sofrido duas derrotas na justiça, o laudo de junta pericial vinculada à 11ª Região Militar no DF identificou a doença do militar como portador de incapacidade definitiva para o serviço, o que foi encarado como vitória para o militar acusado de deserção por suas faltas ao trabalho. Contudo o sargento passou a responder a outro processo por calúnia às Forças Armadas, pois disse que havia sido torturado no hospital militar, ao que contra-atacou oferecendo denúncia à Comissão Interamericana de Direitos Humanos pelo abuso de poder que alega ter sofrido pelo Tribunal Militar⁹⁸⁶.

A segunda imagem, à direita, refere-se a uma matéria do jornal *Folha de S. Paulo*, “os médicos são acusados de perseguir militar gay”. Dessa reportagem, Ângela Pinho pontua que o problema do sargento gay iniciou ao ter ido ao programa de televisão da *Rede TV* e exposto publicamente sua relação com o colega de farda, momento em que o Exército passou a tratar o sujeito como desertor. Escreve ainda que o Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal vai julgar o comportamento profissional de dezoito médicos militares envolvidos no caso do sargento Laci Marinho, posto que ficou dias de detenção e dias de retenção compulsória em um hospital. Por outro lado, o Exército afirmou, mediante assessoria de imprensa, que os profissionais investigados seriam defendidos pelo Advogado Geral da União⁹⁸⁷.

O deslinde do caso foi veiculado por jornais, revistas e programas de TV, de modo que outra matéria, “Militares gays pedem refúgio no exterior”, escrita por Vanildo Mendes, o texto informava que o recurso do casal de sargentos do Exército à Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA era motivado por medo, pediam asilo político alegando sofrer perseguição

⁹⁸⁶ 897099_A1b

⁹⁸⁷ Folha de S. Paulo, p. C6, 14 jun. 2008. Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. - 89709 5A1b, 27 de março de 2010

sistemática no país⁹⁸⁸, instruindo seu pedido com sete provas de violações sofridas por homofobia desde 2008, tornando o cotidiano do casal insuportável⁹⁸⁹.

A repercussão do caso dos militares gays, que, de modo consentido, investiam em práticas homoeróticas e estabeleciam um modo de vida conjugal, afetiva e amorosa impactou a estrutura jurídica do Estado supostamente Democrático, pois toda a base filosófica que sustentava o regime de governo democrático implicava o respeito às diferenças e a coexistência pacífica dos cidadãos, devendo criar condições de possibilidade para o indivíduo se desenvolver em quaisquer parâmetros de gênero e de desejo, em interações consentidas, respaldadas pelo Estado.

A ausência do Estado Democrático nos meios de comunicação, ao passo que os próprios veículos investiam e agenciavam essa curiosidade sexual, refletiu a permanência de um projeto de construção de masculinidades viris em contexto militar, compreendendo que os silenciamentos, a invisibilidade, bem como o próprio investimento obstinado em aposentar compulsoriamente da instituição e expurgar essa “subversão” do pundonor militar. Nessa interação, existe dominação de uma masculinidade violenta por parte do Estado pela ausência de proteção aos arranjos amorosos entre homens, tanto quanto pela possibilidade de violação sexual à revelia de reparação dado o silenciamento que regia os homens, e existiu uma segunda forma de dominação que ocorre com a discriminação recreativa, que era escalonada até a violência real. Nessa segunda modalidade, a perseguição foi sistemática e operada tanto entre os “inimigos” do Estado, quanto entre os próprios membros do Estado.

Enquanto os anos passavam após o fim da Ditadura, a sociedade civil e membros das Forças Armadas ainda estavam elaborando um consenso a respeito do modo de intervenção no domínio sexual. Exemplo disso ocorreu quando o jornal *O Globo* informou que o general Raymundo Nonato de Cerqueira Filho, indicado para ministro do STM, defendeu que homossexuais não podem integrar as Forças Armadas, porque “soldados não obedeceriam a comandantes gays”. Entretanto o jornalista afirmou que o militar tem que se dar ao respeito, não importa se recruta ou general⁹⁹⁰.

⁹⁸⁸ Os Princípios de Yogyakarta reconhecem que a discriminação com base em orientação sexual ou identidade de gênero pode caracterizar uma pessoa como refugiada, conferindo-lhe direito à proteção internacional e à assistência por parte de Estados comprometidos com a promoção dos direitos humanos e da diversidade de formas de ser, estar e sentir. Ver: ALAMINO, Felipe; VECCHIO, Victor. Os Princípios de Yogyakarta e a proteção de Direitos Fundamentais das minorias de orientação sexual e de identidade de gênero. **Rev. Fac. Dir. Univ. São Paulo**, v. 113, p. 645-668, 2018.

⁹⁸⁹ 948194_A1b

⁹⁹⁰ 897099_A1b os gays e a farda

A defesa da hierarquia militar e o receio de que tudo terminasse em desordem era um argumento que se favorecia de casos reais, como um caso de repercussão homoerótica que ocorreu com o Tenente-Coronel Osvaldo Brandão Sayd que foi punido pela Justiça Militar porque, supostamente, manteve relação com soldado, menor de vinte e um anos, gerando como consequência sua aposentadoria compulsória por decisão do tribunal. Em sua defesa, o Tenente-Coronel afirmou que não desrespeitou norma alguma, pois os atos foram realizados em sua residência. Entretanto, por sete votos a três, o Tenente-Coronel Osvaldo Brandão Sayd tinha que se aposentar. Para a ministra Maria Elisabeth Rocha, se fosse uma mulher subordinada não haveria sequer representação. Contudo, o que pesou para outros ministros foi o histórico do mesmo, em que já se mostrava envolvido com processos de corrupção de menores⁹⁹¹.

Nesta ocasião, o jornal *O Globo* informou para a sociedade civil que o “STM pune militar gay com aposentadoria compulsória”. O texto de Evandro Ébolli informou que o Tenente-Coronel Osvaldo Brandão Sayd foi condenado à aposentadoria compulsória, embora a Procuradoria Geral da Justiça Militar considere a decisão discriminatória. O militar não negou que manteve relação com o soldado Claudemir Rodrigues na sua casa, fora da vila militar. Caso que foi considerado falta de decoro, pundonor militar e acarreta uma série de desdobramentos negativos para a instituição, uma vez que a Constituição veda a discriminação, não autoriza a liberalidade que denigre a imagem das Forças Armadas. Por outro lado, a ministra Maria Elisabeth Rocha, primeira mulher a ter assento no STM, desta vez, afirmou sua defesa ao Tenente-Coronel, afirmando existir um discurso forte de ódio na instituição e que “nunca vi nada igual com quem dá em cima de mulher”⁹⁹².

Além do caso do Tenente Laci Marinho e do Tenete-Coronel Osvaldo Sayd, outras decisões no âmbito do Sistema de Justiça Criminal foram questionadas, como o fato de o Delegado ser vetado na Polícia Federal por grau de heterossexualidade questionável, resultado do teste psicotécnico chamado de Escala de Preferência Pessoal (EPP) de Edwards, mesmo tendo passado no certame objetivo, motivo pelo qual ingressou em juízo e após dez anos de briga judicial, Francisco Vicente Bandenes Jr. conseguiu ingressar na sua função de Delegado da Polícia Federal no Estado do Espírito Santo⁹⁹³. De modo semelhante, no Tribunal de Justiça gaúcho, houve uma decisão que determinou a reintegração de PM que fora excluído dos quadros da Brigada Militar por ser “homossexual”, pelo fato de manter relacionamento com outro homem em Uruguaiana, o Juiz do caso não entendeu como isso ofenderia o decoro da classe ou

⁹⁹¹ Folha de São Paulo, 12 de março de 2010, cotidiano. 897101_A1b

⁹⁹² 897104_A1b

⁹⁹³ NUANCES, edição 36, p 11,

a dignidade da profissão, sendo devido o salário retroativo, além de concedida indenização de mais de cinco mil reais⁹⁹⁴. Nos dois casos, a insegurança jurídica em relação à questão sexual pairava, pois ficava a cargo do intérprete da lei e do aplicador, sobre como direcionar a resolução dos casos.

O modo como a diferença de orientação sexual e as performances de masculinidades eram percebidas inseriam alguns corpos em uma dinâmica de vulnerabilidade sem o respaldo da comoção pública ou proteção do Estado, de modo que a vida se tornava valiosa apenas nas circunstâncias em que se tornava passível de luto, passível de dor conjunta, capaz de empatia. Nesse sentido, a reivindicação da proteção jurídica diante de uma precariedade universal, mesmo que fora dos enquadramentos tradicionais do sistema sexo-gênero, se tornou uma questão levantada de forma mais ampla⁹⁹⁵, pois o papel do Estado na intervenção do domínio sexual, em direitos civis e políticos, direitos de personalidade e afins era marcado por códigos de gênero e de sexualidade para a exclusão ou manutenção de cargos e de posições sociais antes e além da Ditadura Civil-Militar⁹⁹⁶.

No que se refere aos direitos previdenciários, nos anos 2000, o jornal homoerótico *Nuances* informava a decisão em sede liminar da Juíza Simone Bar Bisan Fortes, obrigando o INSS a deferir os pedidos de pensão por morte e auxílio-reclusão de companheiros do mesmo sexo dos segurados falecidos ou presos⁹⁹⁷. Na edição seguinte, as palavras do Procurador Paulo Leivas asseveram que qualquer reflexão sobre o princípio da igualdade humana leva ao desnudamento da discriminação baseada na orientação sexual e ressalta que os requisitos determinantes para que uma pessoa receba pensão do INSS, após a morte do companheiro, é o amor, o afeto, o companheirismo, o sexo, o patrimônio comum, aspectos comuns a qualquer relação⁹⁹⁸. Diante disso, o jornal cunhou a expressão “O INSS é Gay” e colocou as decisões judiciais como resultado de um movimento social amadurecido, informando os documentos necessários para fazer valer os direitos, sendo estes o imposto de renda do segurado em que conste o interessado como dependente, testamento, comprovante de residência, conta bancária

⁹⁹⁴NUANCES, ed. 38, p. 4

⁹⁹⁵BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

⁹⁹⁶DARMON, Pierre. **O Tribunal da Impotência**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

⁹⁹⁷ A matéria ressalta que o pedido foi impulsionado pelo grupo Nuances, que promoveu a ação de Paulo Leivas e Marcelo Beckhausen. Eles citaram a decisão do TRF-4 que manteve a determinação da Justiça Federal de incluir o companheiro como dependente no plano de saúde da Caixa Econômica Federal. Ver: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. NPH Digital. DIREITOS HUMANOS, Jornal do Nuances. Justiça Federal defere ação encaminhada pelo grupo Nuances. Rio Grande do Sul, ed. 12, 2000, p. 10.

⁹⁹⁸ NUANCES, ed. 13, 2000, p.

conjunta, entre outras⁹⁹⁹. Posteriormente, informou que o INSS uniformizou procedimentos para garantia dos direitos homossexuais, desobrigando ao companheiro comprovar dependência econômica para ter direito à pensão, bastando que se comprove a união¹⁰⁰⁰.

A luta por direitos baseada na dignidade sexual revela que, embora uniões homoafetivas tenham sido praticadas em diferentes culturas e períodos históricos, no contexto brasileiro apenas o casamento heteronormativo garantia direitos civis plenos perante o Estado. Essa lacuna normativa ficou especialmente evidente na década de 1980, durante a epidemia de AIDS, quando muitos parceiros, companheiros, amantes e namorados faleceram, deixando os sobreviventes desamparados, sem proteção previdenciária e desprovidos de proventos. Tal cenário evidenciou a urgência de uma regulamentação jurídica que reconhecesse essas uniões, não apenas como forma de legitimar afetos, mas também como instrumento de proteção econômica e social frente à vulnerabilidade imposta pela exclusão legal¹⁰⁰¹.

Essa busca por proteção jurídica e reconhecimento social no âmbito das uniões homoafetivas dialoga diretamente com a ampliação legal das formas de proteção à dignidade sexual. Em 2009, houve uma transformação sensível quanto aos crimes de dignidade sexual, o estupro que era considerado apenas na prática da conjunção carnal, ou seja, apenas com a relação do intercurso pênis-vagina, excluindo as demais formas de violação sexual enquadradas no tipo penal atentado violento ao pudor, tornou-se mais amplo com o advento da Lei 12.015/2009, fazendo com que houvesse uma continuidade normativa típica entre os atos de atentado violento ao pudor com o crime de estupro, de modo a incorporar o intercurso anal contra a vontade da vítima e outras formas de violação para satisfação da lascívia¹⁰⁰².

Nesse ponto, a questão de visibilidade para o MHB importava diretamente no exercício de direitos civis plenos, previdenciários e todo o estatuto legal que pode atribuir boa-fé ao indivíduo, pois mesmo entre os casais gays que repetiam o modelo monogâmico da heteronorma e as performances generificadas na divisão de tarefas, em que predominantemente

⁹⁹⁹ Pouco antes, a revista *Nuances* informou que, em 2007, um avião da empresa TAM chocou-se com um prédio próximo ao aeroporto de Congonhas. A publicação destacou que o parceiro de uma das vítimas do acidente recebeu a herança, mesmo após o irmão da vítima ter tentado bloquear os bens. O reconhecimento da união estável justificou o direito à metade dos bens, além da possibilidade de reivindicar indenização. Em outro caso, o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, concedeu pensão ao viúvo do policial Franklin Pereira Duarte, morto em uma operação em uma favela do RJ. O solicitante, que preferiu manter sua identidade em sigilo, tinha 50 anos e afirmou ter vivido maritalmente com o soldado por cinco anos, até a data de sua morte, em 1997. Como comprovação da união, apresentou fotos do casal, conta conjunta, comprovante de residência e outros documentos pertinentes. Ver: *NUANCES*, Ed 44, 2008, p 11

¹⁰⁰⁰ *NUANCES*, ed. 38, 2006.

¹⁰⁰¹ BARROS JR, Francisco de Oliveira; LIMA, Solimar Oliveira. **AIDS e seus desnudamentos**. Rio de Janeiro: booklink, 2007.

¹⁰⁰² NUCCI, Guilherme de Souza. **Crimes Contra a Dignidade Sexual**: comentários à Lei 12.015, de 7 de agosto de 2009. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

o papel de provedor cabia ao homem, passavam por problemas diante da ausência de proteção do Estado, pois nas circunstâncias em que esta pessoa que representava o provedor falecia na relação, o enlutado sobrevivente ficava em estado de desamparo financeiro. Por essa razão, o casamento reivindicado por uniões homoafetivas era uma forma de segurança jurídica diante da vulnerabilidade financeira e assistencial.

No desenrolar desses fatos, ainda no ano de 2009, foi requerido pelo governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, ao STF a interpretação do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado em conformidade com a Constituição da República, de maneira a aplicar analogicamente o artigo 1.723 do Código Civil às uniões entre pessoas do mesmo sexo. Como demanda subsidiária, reivindicava-se que a ADPF 132 fosse recebida como Ação Declaratória de Inconstitucionalidade (ADI), o que ocorreu mediante a ADI 4277. Ambas as ações objetivavam o reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, nas hipóteses em que estivessem preenchidos os mesmos requisitos necessários para a configuração de união estável, assim como objetivavam o reconhecimento dos mesmos direitos e deveres das uniões estáveis heterossexuais às uniões homossexuais¹⁰⁰³.

O Supremo Tribunal Federal, mediante o julgamento da Ação de Arguição de Preceito Fundamental (ADPF) 132 e da Ação de Inconstitucionalidade (ADI) 4277, reconheceu as uniões homossexuais como legítimas uniões estáveis por meio da categoria da “homoafetividade”. Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça consolidou essa decisão ao emitir uma resolução proibindo que cartórios vetassem o casamento ou a conversão de união estável em casamento de pessoas do mesmo sexo. Essa normatização significou um avanço no reconhecimento jurídico das relações homoafetivas, conferindo proteção civil, previdenciária e estatutária aos indivíduos, equiparando direitos e deveres antes restritos às uniões heterossexuais.

De maneira análoga, o casamento homoafetivo funcionava como uma salvaguarda financeira e civil diante da vulnerabilidade social, enquanto a Lei 12.015/2009 ampliou a tutela estatal sobre os corpos, incorporando ao conceito de estupro práticas antes excluídas, como o intercuro anal não consensual. Em ambos os casos, percebe-se que o direito atua como instrumento de visibilidade, proteção e reconhecimento, seja no âmbito afetivo e econômico, seja na esfera da integridade corporal e sexual.

Entretanto, tal avanço não se refletiu imediatamente na esfera da justiça penal militar, que permanecia vinculada a regulamentos próprios. Apesar disso, mudanças na literatura

¹⁰⁰³GARCIA, D. “Amor É Cristão, Sexo É Pagão”: conjugalidades e parentalidades homossexuais, reconhecimento e o discurso judicial da “homoafetividade” (ADPF 132 E ADI 4277). **Bagoas**, v. 14, n. 22, 2021.

médica, com a despatologização da homossexualidade, e a possibilidade do reconhecimento legal de uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo exerceram efeitos indiretos sobre o ordenamento militar. Os fundamentos que autorizavam a proibição do afeto entre homens, especialmente fora do âmbito da Administração Militar, perderam força frente a uma redefinição mais ampla do conceito de direitos individuais e da liberdade afetiva.

Somente com o julgamento da ADPF 291, em 2015, o Supremo Tribunal Federal declarou a não recepção das expressões “pederastia ou outro” e “homossexual ou não” presentes no artigo 235 do Código Penal Militar. Com isso, retirou-se do ordenamento jurídico militar a base legal para a perseguição de atos sexuais consensuais entre militares¹⁰⁰⁴. A criação desse tipo penal evidenciava, por trás da repressão à conduta moral, a manutenção de hierarquias de poder, o exercício da disciplina e o desejo de controlar a intimidade dos indivíduos. A decisão da ADPF 291 revelou que tal norma estava desatualizada frente aos valores constitucionais consagrados na Constituição de 1988, reafirmando a primazia da dignidade humana e da liberdade sexual sobre práticas punitivas arbitrárias.

O ordenamento jurídico brasileiro, assim, tende a acompanhar transformações sociais e demandas de diferentes movimentos sociais que reivindicam maior liberdade de expressão e de escolha sexual, ao mesmo tempo em que suscitam novas reflexões morais sobre os limites éticos das práticas sexuais. Nesse sentido, a ADPF 291 evidencia que a democracia não se constitui como um estado consolidado, mas como um processo em construção, marcado por embates contínuos entre forças reacionárias e minimamente garantistas em prol dos Direitos Humanos.

A Justiça de Transição, pautada na memória e na verdade, ainda enfrenta desafios para garantir justiça e reparação, sobretudo após a Lei de Anistia, que instituiu uma autoanistia pouco efetiva. O Supremo reafirmou a constitucionalidade desse regramento na ADPF 153, em 2010, por sete votos a dois. Contudo, a Corte Interamericana de Direitos Humanos, no caso Gomes Lund e outros, apontou que a anistia não atendia às obrigações internacionais do Estado brasileiro em relação aos crimes cometidos durante a Guerrilha do Araguaia¹⁰⁰⁵.

Dessa forma, os direitos surgem frequentemente de avanços graduais e sutis, e não de rupturas abruptas. Em consonância com essa perspectiva, o Superior Tribunal de Justiça, em

¹⁰⁰⁴ BRASIL. Superior Tribunal Federal. ADPF: 291 DF - DISTRITO FEDERAL 9991723-76.2013.1.00.0000, Relator: Min. Roberto Barroso, Data de Julgamento: 28/10/2015, Tribunal Pleno, Data de Publicação: DJe-094 11-05-2016)

¹⁰⁰⁵ Mesmo em guerra, a noção de inimigo era relativizada de acordo com as próprias regras. O direito de guerra supunha misericórdia aos corpos de soldados feridos, combatentes prisioneiros, civis e enfermos. Nesse ponto, principalmente, a forma de governo democrática deve se preocupar em políticas públicas para impedir o processo de desumanização e de animalização das pessoas. Ver: AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Massacres: o corpo e a guerra. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

2021, estabeleceu na súmula 647 que são imprescritíveis as ações indenizatórias por danos decorrentes de crimes militares cometidos durante o período ditatorial, reconhecendo que, até hoje, muitos corpos de perseguidos políticos permanecem desaparecidos e suas famílias sem reparação efetiva¹⁰⁰⁶.

Em suma, os avanços jurídicos e sociais relativos à proteção da intimidade, à igualdade de gênero e à diversidade sexual no Brasil demonstram que a consolidação de direitos é um processo gradual e contingente. Decisões como a despatologização da homossexualidade, o reconhecimento das uniões homoafetivas, a ampliação da definição de estupro e a não recepção da pederastia no Código Penal Militar revelam a progressiva adaptação do ordenamento jurídico às demandas por dignidade e justiça. Ainda assim, a plena efetivação da democracia e da reparação histórica depende de ações contínuas que conciliem memória, justiça e direitos humanos.

¹⁰⁰⁶SILVA, C. R. V.; JUNIOR, B. W. A Responsabilidade internacional do Brasil em face do controle de convencionalidade em sede de direitos humanos: conflito de interpretação entre a jurisdição da Corte Interamericana de Direitos Humanos e o Supremo Tribunal Federal quanto a Lei de anistia. **Revista de Direito Internacional**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 611-629, 2015.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ditadura Civil-Militar estabelecida no Brasil, entre 1964 a 1985, foi um período em que a virilidade em crise se confundiu com o autoritarismo do governo, na tentativa de se estabelecer como cânone e modelo do ideal a ser seguido, pois os participantes do Golpe de Estado ao acreditar no discurso da salvação moral da nação, ao mesmo tempo que dosavam uma punição adequada para pessoas consideradas nocivas à nação, predominantemente, subversivos morais e políticos, também conferiam aos códigos viris de masculinidades o *status* da norma, algo que funcionava como autorização para existir e legitimidade para matar. De toda forma, o governo militarizado se apresentava como um governo possível dentro de um regime de verdade autoritário, compartilhado por grande parte das instituições públicas, privadas e por setores da sociedade civil, aos quais mais importava parecer ser “macho” do que íntegro, empático com as dores humanas e demais sofrimentos, ou, qualquer outra característica considerada fundamental para a harmonia social.

Nesse período a importância do discurso viril articulado à masculinidade se tornou imprescindível para as relações sociais, pois através dele era possível exercer poder para estimular a produção de corpos dóceis, pois produziam “ficções reguladoras” sobre os aspectos da personalidade, do humor, da orientação sexual e de outras expressões do corpo, que adquiriam um valor hierarquizado, na medida em que se colocavam diante do mundo. A masculinidade viril era fruto de uma produção em série, era também a máquina de produção, em um sistema em que as fronteiras entre a natureza e a cultura não existem¹⁰⁰⁷, de modo que o universo de códigos viris se retroalimentam em um sistema fundado em códigos de gênero, etnia/raça e sexualidade¹⁰⁰⁸.

A figura do herói nacional se tornou referência viril pelos adeptos do regime autoritário e foi construída para estabelecer uma conexão do Golpe Militar com a necessidade política de transformação social de parte da sociedade civil, liderado pela aliança de homens inseridos em locais de poder da política e das indústrias, reforçando o mito da masculinidade heróica, tal qual os filmes Hollywoodianos que transmitiram códigos em torno dos quais a virilidade poderia ser pensada, imitada e copiada em seus símbolos de violência. Dessa forma, a classe dos militares se tornou responsável por levar e elevar o *status* da categoria a uma função indispensável para a sociedade.

¹⁰⁰⁷ LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1 edições, 2013.

¹⁰⁰⁸ HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Belo Horizonte, Autêntica editora, 2009.

A maior complexidade dessas interações entre os homens deriva do fato de que o fascínio e a influência dos códigos viris puderam ser apropriados pela comunidade homoerótica e pelo mercado sexual como objeto de desejo e de capitalização, em boa parte dos países ocidentais, incluindo o Brasil. Assim, algumas aparentes contradições emergiram dessas clivagens, um primeiro exemplo que pode ser mencionado diz respeito ao desejo de submissão ao regime dos militares, que, possivelmente, guarda relações com um desejo mais íntimo, mesclado com sensações eróticas, homoeróticas e de deslumbramento à classe militar. Certamente, a disseminação de imagens de heróis de cinema, entre outros elementos culturais, não se esgotou na tentativa de consolidar a imagem do homem viril como um símbolo do heróico totalmente imerso em referências estrangeiras, seja contracultural, como Marlon Brandon em *o Selvagem*, e James Dean em *Rebelde Sem Causa*, seja ortodoxo, como Sean Connery em *James Bond*, como Arnold Schwarzenegger em *Exterminador do Futuro*, como Sylvester Stalone em *Rocky Balboa*, inspirada em características que se tornaram demandas consolidadas de desejo entre os homens que performavam a heteronormatividade, assim como homens inseridos no circuito de desejo homoerótico.

A narrativa mitológica do herói nacional também se tornou importante para gerar uma espécie de espelhamento entre homens, que repetiam seus códigos e suas performances, na medida que percebiam maior influência dos elementos articulados aos signos de poder e de prestígio na redefinição do comportamento original, conforme endossavam as revistas de ampla circulação como a *Manchete*, o *Cruzeiro*, a *Veja*, entre outras. Esse discurso ganhou *status* de verdade e de fascínio, funcionando como eixos motores de uma produção otimista da realidade, bem como permitiu a elaboração de uma cultura do medo, com a perseguição dos considerados subversivos e a punição exemplar como vetores teóricos para docilizar os corpos e domesticar as masculinidades.

Nesse período, os signos que giravam em torno da vida militar se tornaram fortes o suficiente para tornar operante a dinâmica de estruturas de poder da sociedade, incluindo órgãos do Estado, instituições pedagógicas e a própria linguagem, atuando a partir de códigos que comunicavam a capacidade de impor a disciplina, explorando os limites do corpo do outro. Diante disso, é possível perceber que os usos sociais da dor oscilavam de acordo com as circunstâncias de tempo e de lugar. Eventualmente, se imbricavam com uma cadeia de eventos, permeavam instituições como a família, o Estado e a Igreja.

Nesse sentido, a domesticação das masculinidades foi engendrada em meio a uma disputa de poder, em que o medo do desconhecido fortaleceu a elaboração discursiva do “pederasta” como um inimigo político, bem como do opositor político como um “pederasta”,

de maneira que os rumores atendiam a uma demanda punitiva, que se iniciava com a vontade de saber, de ridicularizar e denunciar, para depois gozar em punir e punir gozando. Nessas circunstâncias, alguns homens inseridos na sociedade civil e em diferentes órgãos do Estado Autoritário cumpriam e ditavam ordens no sentido de vigiar, de punir e de gozar com figuras consideradas subversivas, sem que as próprias práticas pudessem ser consideradas subversivas, revelando incongruências entre as práticas sexuais e os discursos nas relações de poder com o Estado.

Essa domesticação se estabeleceu por um conjunto de fatores, que não se esgotam, mas que são evidenciados em cinco instâncias da vida: primeiramente no mundo do trabalho, com a noção de progresso tecnológico e científico do Brasil, em articulação com os Estados Unidos, para seduzir parte dos cidadãos a acreditar no desenvolvimento nacional com ajuda de capital estrangeiro. Em segundo lugar, com o sistema de crenças, onde o forte apego à religião de matriz-judaico cristã que apregoava valores divinos, da instituição familiar e de “liberdade”, permitindo uma certa aproximação do discurso messiânico ao terrorismo de Estado promovido pela Ditadura. Em terceiro lugar, no mundo do lazer e do prazer, com a construção da ideia de uma nação feliz, mediada por circos, parques de diversões, zoológicos e outros ambientes interativos tutelados pelo Estado. Em quarto lugar, na imagem que o Estado tinha de si enquanto viril, ao conectar a ideia de orgulho nacional às tecnologias alcançadas pelo processo de industrialização, de modernização e de urbanização das cidades brasileiras, mas, acima disso, da própria imagem do homem que se atualizava como “o melhor de todos os gêneros”. Por fim, o quinto fator consiste na ausência de autonomia para desejar aspectos diferentes de masculinidades viris, uma vez que o acesso e o consumo de produtos que constroem o “homem de sucesso” revelam aspectos mais íntimos de um desejo de submissão a um modo de vida, em que se aproximam mais da ideia que se poderia ter de herói nacional do que de si mesmos.

Em contrapartida, um movimento de contracultura deu segmento a um modo de vida que contestava o regime de verdade estabelecido pela domesticação das masculinidades na Ditadura Civil-Militar, que inseria os homens em um paradigma específico de uma revolução dos costumes sociais, mas que não se apartou dos códigos de virilidades utilizados nas relações de poder entre homens. Dessa forma, a reconfiguração desta linguagem viril ocorreu em algumas instâncias da vida: primeiramente, os *beatniks* no discurso de oposição ao mundo do trabalho, com a noção de vida como obra de arte, no aperfeiçoamento de uma técnica de si, não vinculada a uma perspectiva linear de progresso, mas que repetiam padrões de gênero e de sexualidade normativas. Em segundo lugar, os “jovens místicos” e seus “gurus espirituais” atualizando os ritos de matrizes judaico-cristãs, ou mesclando com outras matrizes religiosas,

como as orientais, servindo para aumentar os rumores na sociedade civil sobre a existência de “seitas”, que se organizavam a partir de um guru, que serviria como líder espiritual, que induzia seus devotos a uma modalidade controversa sobre a viver a espiritualidade, incluindo em alguns casos a ideia de “suicídio revolucionário”. Em terceiro lugar, os “desbundados” no mundo do lazer e do prazer, com a deturpação do projeto de nação feliz da Ditadura Civil-Militar, com práticas anarquizantes em relação aos costumes de modo geral, a exemplo da ausência do uso de roupas e da destruição de objetos pela cidade. Algo que emergiu como “contágio” de uma força irrefreável de “desbunde geral”, evidenciando clivagens entre um movimento *hippie* e um movimento *punk*, deixando entender, para uma parcela da sociedade, uma aparente desconexão com o regime de inteligibilidade social das grandes cidades. Em quarto lugar, “rebeldes sem causa” com *punks* e motoqueiros no investimento em um modo de vida em que as masculinidades viris empreendem uma fuga dos lares, do trabalho e das convenções sociais para expressar um desejo de conquista de territórios e exploração de lugares, exacerbando aspectos culturais do que poderia ser lido como virilidade. Por fim, em quinto lugar, os *outsiders* formando uma expressão de desejo em uma insurreição aos valores mais tradicionais da sociedade, ao elaborar um conjunto de práticas marcadas pelo uso de psicotrópicos, reuniões clandestinas, festas selvagens e diversões aceleradas.

Os embates viris foram estabelecidos por uma parcela de homens de diferentes segmentos sociais, predominantemente, jovens urbanos, que buscavam contestar a linguagem viril mais conservadora da geração anterior, ressignificando um conjunto de práticas de lazer e de prazer, de modo a atualizar virilidades nos próprios contextos e circunstâncias. Dessa forma, um ruído geracional serviu como pano de fundo para a existência de um discurso construtor de masculinidades viris que corresponderia a um “herói nacional” e um discurso inventor de um “anti-herói”, que deram corpo a um movimento internacional de contestação mais amplo, de Revolução dos Costumes, composto por pessoas tidas como *hippies*, *beatniks*, *junkies*, “jovens místicos”, gurus, *punks*, rebelde sem causa, entre outros grupos e subgrupos de pessoas à margem do *status quo* exigido por setores sociais mais conservadores. Nesses confrontos, um conjunto de práticas do mundo do trabalho, assim como do universo do lazer e do prazer foram reconfigurados sem que se perdesse a noção dos códigos de virilidade que sustentava o regime de inteligibilidade cultural das masculinidades viris. A Revolução Sexual foi, portanto, um movimento que se desdobrou dessa revolta mais íntima em relação aos costumes e convenções sociais, possibilitando uma maior compreensão da reconfiguração das performances de gênero, no sentido de uma maior aproximação de feminilidades às

masculinidades, bem como na pluralidade das práticas de prazer sexual e em práticas contrassexuais.

Em que pese o autoritarismo vigente, a atmosfera de efervescência cultural e artística criou condições para a formação de grupos e subgrupos com um mesmo objetivo de vida, a saber: a fruição dos seus próprios desejos. Esses homens, embebidos por um senso de individualismo nos grandes centros urbanos e, simultaneamente, distantes do pudor que as normas sociais provocavam, deram materialidade a um movimento de liberação dos sentidos que ganhou conotação política, envoltos em *slogans* como o pessoal é político, promovendo identificações e resistências diante de múltiplas esferas de poder.

Em circunstâncias mais extremas, a ebulição desses modos de vida entre conflitos, cooperações e coexistências promoveu a elaboração de ruas e bairros de pessoas em situação de vulnerabilidade psíquica, física e social, influenciados pela sensação de liberdade da banda Beatles e de artistas que morreram de overdose, como Jim Morrison e Janes Joplin. De todo modo, o sistema se retroalimentava por códigos de virilidade a partir das próprias circunstâncias, algo que se engendrava de modo, aparentemente, paradoxal. No entanto as causas, os problemas e as possíveis soluções sociais giravam em torno da figura masculina viril, detentora de predicados de respeito e de prestígio perante a sociedade e era a partir desses códigos que se entrelaçavam as relações sociais, diante de desejos e de abjeções dinâmicas do gênero-sexo-desejo.

Neste contexto fármacopornográfico, o corpo passou a ser compreendido como uma máquina desejante, marcado por fluxos de desejo que movimentam a vida e que não se reduzem ao paradigma freudiano do complexo de Édipo, ao passo que sinalizam para uma mudança do discurso da vergonha e do pudor no que tange ao desejo sexual, considerado dissidente, que passou a perder a força de sua efetividade no momento em que as tecnologias sexuais se disseminaram com a emergência do mercado sexual, com bombas penianas, dildos e plugs anais, possibilitando a redefinição discreta da paisagem juvenil urbana do Brasil, sobretudo, no âmbito das masculinidades viris.

O sistema do mercado sexual operou com uma linguagem permeada por códigos de masculinidades que foram reapropriados em diferentes aspectos, inclusive em suas características viris, como a ideia de força e de potência. O mercado sexual passou a investir em imagens de homens musculosos, definindo um novo padrão de desejo e novas referências de força, de potência e de virilidade aos homens. Dessa maneira, a subcultura homoerótica elaborou outros fetiches com base na apropriação de outros elementos viris, como o couro, as fardas e outros dispositivos sexuais para o prazer. Entretanto a formação de uma comunidade

homoerótica em conexão com a revolução sexual se tornou mais complexa com o mercado sexual, uma vez que o *pink money* se apropriou dos elementos formadores do perfil de heroi e anti-heroi sem maior preocupação com uma posição político-partidária de combate à discriminação sexual. Assim, o desejo homoerótico articulado à dinâmica do capital absorveu a imagem de jovem rebelde e do militar reacionário, pois o desejo homoerótico se retroalimentava da própria linguagem que utilizava.

A *saída do armário* no Brasil e o *coming out* nos Estados Unidos evidenciam um acontecimento histórico em que esta coragem de enunciar a verdade do desejo sexual foi compreendida por alguns como revolucionários. Entretanto, para outros, foi percebida como uma forma de ser capturado pelo mercado, através da ideia de identidade. Assim, alguns se valiam da identidade sexual como uma forma de vida de enfrentamento e de resistência, enquanto outros homens transitavam nessas categorias, as utilizavam de acordo com as circunstâncias, empreendiam um duplo padrão, mantinham as aparências, negociavam as aparências, mantinham um entre-lugar entre a homossexualidade e heteronormatividade, sem que isso fosse um grande dilema da vida. Justamente por isso, antes do impacto do movimento gay estadunidense ou do Movimento Homossexual Brasileiro, a experiência homoerótica já era amplamente disseminada em terras tropicais do Sul Global, sem que essas relações fossem percebidas como revolucionárias ou dissidentes. Foi o distanciamento da vergonha do desejo sexual que possibilitou a maior visibilidade e dizibilidade destas práticas, a partir do local do orgulho de si.

Entretanto a verdade do desejo sexual consiste no dado de que não há verdade alguma para ser enunciada. O mal-estar ocorre em alguns casos, pois a dinâmica de poder não se finda no corpo sexual, mas pode ultrapassar as dimensões do desejo sexual e confundir os acordos de ordem social e ordem econômica. De modo que, na tentativa de equalizar a medida certa de expressão de desejo sexual e do amor-paixão adequado, as interações sexuais entre homens foram excluídas da proteção do Estado, surgindo como tipo penal militar de “pederastia”, entre outros subterfúgios legais para aplicar uma punição considerada vergonhosa, além de desconsiderar que algumas interações sexuais entre homens eram realizadas sem consentimento, ou seja, advindo de uma ação criminosa em que os envolvidos na violação não se percebiam como cruéis, sequer como alguém que delinque algum crime.

A dificuldade em reconhecer, vigiar e punir o que a Ditadura Civil-Militar considerava como uma modalidade de subversão advém de uma tática própria dos militares, a camuflagem. A figura do homossexual notório lido como pederasta passivo corresponde a um estereótipo social, uma caricatura que atendia a interesses de setores da sociedade civil e do Estado,

interessados em homogeneizar a face da sociedade brasileira adstrita a padrões heteronormativos. A grande parte dos homens que estabeleciam interações homoeróticas estava inserida em diferentes locais da vida comunitária, recorrendo ao anonimato e ao sigilo, com certa regularidade. Afinal, uma premissa do desejo homoerótico e das relações sociais de maneira mais ampla se estabelece com uma linguagem específica, um vocabulário com termos próprios e com gestos sutis, em uma comunicação que os códigos de virilidade – apesar de centrais na comunicação entre homens – não possuíam o mesmo significado para todos os comunicantes, de modo que é a ideia de “homem viril”, de “homem verdadeiro”, de “tipo ideal” e de “padrão de beleza” que se desloca e apresenta maior variabilidade com o contexto cada vez mais global, possibilitando pensar também esses conceitos dentro de suas circunstâncias, longe do aspecto universal, homogêneo e enrijecido das interações homoeróticas.

Nesse ponto, o corpo humano entrou em uma maquinaria de poder que o esquadrinhou, o desarticulou e o recompôs em um local em que existe uma anatomia política que é também uma mecânica de poder. Isso fazia parte das condições de existência de um conjunto de práticas de prazeres culpáveis e ultraviolentos, que, posteriormente, foram repensados a partir do destino ético dos desejos, formando uma demanda de cidadania em amplas esferas, consequentemente, redefinindo as relações com o Estado, com a sociedade civil e com o mercado.

A defesa da moral e dos bons costumes não foi um dever só da Ditadura Civil-Militar, mas permanece sendo da atual Democracia, no sentido de evidenciar os limites morais de responsabilidade da coletividade e de cada um, para não objetificar pessoas que estão fora da intenção erótica e/ou da relação de consentimento e em relação à compreensão do sistema sexo-gênero-desejo. Isso quer dizer que a ordem política também é uma ordem sexual, uma vez que as autoridades que representavam a segurança pública, entre militares, policiais civis, espões do SNI, juízes, políticos e outros servidores do Estado se negavam a tomar uma atitude mais efetiva em relação às violências orquestrados pela Ditadura Civil-Militar, sendo em diversas situações relatadas como denúncias formais e informais, solenemente ignoradas, fazendo com que esse microssistema hostil se perpetuasse.

A dificuldade em romper com esse tempo histórico autoritário ocorre porque a linguagem comumente utilizada não corresponde fidedignamente ao que se pensa ou ao que se sente. Um dos paradoxos centrais para entender o autoritarismo na Ditadura Civil-Militar é o fato de que alguns homens considerados “pederastas” e “passivos” foram vigiados e punidos, por uma outra classe de homens que representavam o Estado Militarizado, mas que lidavam com o mundo do trabalho apenas como uma dimensão da vida, pouco importando o *status* de comissário de polícia, defensor público ou magistrado, ou, que se valiam do serviço estatal

como uma oportunidade para gozar punindo. Nesse ponto específico, repensar o sistema de justiça na Democracia inclui refletir sobre a articulação do uso da violência e as performances de masculinidades viris, por quem faz parte do Estado.

A complexidade da comunidade homoerótica também permitiu perceber a emergência de um segundo desdobramento das clivagens de matrizes culturais de virilidade, a saber a formação de subculturas específicas, como as sadomasoquistas e fetichistas, que permitiam pensar a importância de pactos contrassexuais em uma dinâmica mais empática entre os envolvidos, ao pensar a interação sexual em uma perspectiva descentrada do falo orgânico, articulando práticas de prazer não usuais e dentro do limite da experiência consentida. Logo, à medida que se tentou domesticar o corpo para viver em sociedade, o caráter estrutural da fabricação de masculinidades viris permitiu espaços para deslizos e fissuras no sistema. Portanto, a forma sistemática como as relações de masculinidades viris se engendravam na sociedade, no Estado e no mercado sexual sinalizavam que esses códigos se inter-relacionavam e não se excluíam, tornando a experiência constantemente reatualizada de maneira espiralar – não linear, nem cíclica –, pois evidenciava que os sujeitos não só eram produzidos, mas também produziam aos outros a partir dos códigos do sistema sexo-gênero-desejo, do usos das categorias, das negociações estabelecidas e dos pactos singulares no cotidiano.

O intenso fluxo do desejo homoerótico possibilitou a formação de um circuito de desejo complexo ao se apropriar de elementos do regime autoritário e do regime contracultural, tal qual o fetiche às fardas e ao *leather*, respectivamente. Nesse ponto, o intercâmbio de ideias e os usos dos códigos de masculinidades viris também influenciaram setores da sociedade autoritária, em inúmeras ações de governo, decisões diplomáticas, posições estratégicas e técnicas de dor, tornando confusa as relações do Estado, do mercado sexual e da sociedade civil. Isso é possível perceber, principalmente, a partir da análise da atitude de alguns torturadores ao colocar em prática técnicas sistemáticas bastante similares a algumas práticas da comunidade homoerótica, distanciando o consentimento, a saúde e a segurança dessas interações, mas com a inserção de elementos da mesma matriz de inteligibilidade cultural de alguns locais comerciais para sexo violento ou sexo *hardcore gay*, mesmo que adotassem outros discursos para legitimar seus atos sádicos, o que sinaliza para uma possível apropriação da Ditadura Civil-Militar de elementos do mercado sexual homoerótico, especificamente, das práticas sadomasoquistas e fetichistas demonstrando que as experiências eram tão ingovernáveis, quanto intercambiáveis entre os diferentes nichos sociais composto por homens.

Dessa forma, mesmo em uma situação hipotética, uma parte dos homens que representasse o Estado Ditatorial não nutrisse desejos semelhantes aos homens considerados

subversivos, as fontes analisadas do arquivo da repressão, sobretudo, do SNI, do CSN, dos Boletins do Exército, do DOPS, do DCDP e de outros órgãos da Ditadura Civil-Militar sinalizam para o fato de que havia um desejo contraditório, mal digerido e desenvolvido de maneira sádica por agentes do Estado. Este gozo punitivo desenvolvido por alguns agentes exhibe um lado sombrio que confunde os aspectos fantasiosos com a dinâmica da vida cotidiana, em uma mescla de mitos e de discriminações sobre o desejo sexual, as performances de gênero e os vínculos sentimentais mais profundos nas relações sociais, que eram desconsiderados em seus aspectos psicológicos, imprescindíveis para pensar a alteridade, o ressentimento e o sadismo nessas interações.

Assim, as linhas de força do Estado, da sociedade civil, do mercado sexual deram forma e vida aos embates, táticas e negociações entre uma expressão de contestação desse modo de compreender as masculinidades, a partir de seu oposto – negado – atravessado pela vulnerabilidade, pela incapacidade e por uma ausência de sonhos, revelando uma complexa rede de forças em interação dinâmica, constantemente, dando um tom mais autoritário ou mais democrático. A Revolução dos Costumes e a Revolução Sexual seguiram como pano de fundo para transformações mais profundas, depois de realizadas as negociações com o regime de verdade considerado o *establishment* da sociedade brasileira, onde a elaboração de uma política identitária afirmativa da homossexualidade tentou promover rupturas no modo de pensar as práticas sexuais e os desejos homoeróticos para a sociedade, de modo que não foi a Ditadura Civil-Militar por si só que praticou atos arbitrários de violência sexual em um caminho sádico, escalonado, de tortura e de crueldade. Muitos agentes civis contribuíram para que esse regime de verdade se estabelecesse dentro de uma dinâmica de poder específica, mediada por masculinidades lidas como adequadas, a saber: forte e capaz de prover sonhos.

De todo modo, o desejo homoerótico foi e permanece pouco demonstrável na prática, pois desliza discursivamente para outros territórios justificadores de suas práticas. No entanto as práticas sexuais entre homens não se restringiram à comunidade gay, posto que as interações homoeróticas se enveredavam entre membros das Forças Armadas e membros de guerrilha armada, membros políticos de direita e de esquerda, entre militantes e desbundados, entre diversos outros grupos de homens e em diferentes segmentos (sociais, étnicos, etários, econômicos e demais variações de marcadores sociais da diferença). Logo, em se tratando de práticas sexuais entre homens, nada estava determinado, e a política de visibilidade do corpo, em que a identidade sexual corresponderia à totalidade da vida do sujeito, emergiu provocando maiores instabilidades sociais ao servir como novas camuflagens das subjetividades.

Na Ditadura Civil-Militar, as questões que demandavam diálogo, compreensão e atenção eram colocadas em desnível em relação à forma de solução dos conflitos das masculinidades viris, a saber: a violência direcionada a bodes expiatórios, os “pederastas”. Os discursos viris não se apresentavam como uma punição puramente ruim, sádica ou maquiavélica, mas se disfarçava sobre os cuidados de si, tornando mais efetivo o direcionamento dos sujeitos para o local da correção, da purificação e da dor, diante daquilo considerado defeituoso ou potencialmente desviante. Nesse engendramento, ao deslocar o projeto nacional de masculinidades “exemplares”, formadas a partir de um ideal de masculinidade viril, heteronormativo e monogâmico, instigava-se o oposto ao considerado viril, a saber as masculinidades sensíveis, vulneráveis, homoeróticas e com vínculos de afetos confluentes.

Do ponto de vista do medo, a dominação da matriz de inteligibilidade dos códigos de virilidade passava a ganhar contornos mais violentos e ganhava expressão entre alguns homens inseridos nos órgãos do Estado, instaurando maior vigilância do SNI sobre a vida privada da sociedade civil. Esta atuação sistemática do Estado Ditatorial consistiu em utilizar o discurso de legitimidade da violência para estabelecer uma punição de “bodes expiatórios”, que funcionara entre alguns agentes da Ditadura Civil-Militar como uma prática de dominação e de prazer, chegando em última instância, até ao exercício necropolítico com extermínio e o desaparecimento dos corpos considerados subversivos.

Assim, a questão central para o governo das pessoas demonstrou ser o uso do discurso viril para fantasiar um herói nacional e um bode expiatório, para assim legitimar o modo sistemático do empreendimento da dor para escravizar, dominar, fazer temer e disciplinar os corpos. Esta configuração das relações de poder evidenciava que um dos problemas da articulação das masculinidades, da “pederastia” e da Ditadura consistia no uso sistemático e legitimado da dor por homens considerados viris, algo que se apresentava como solução de uma crise social mais ampla, razão pela qual a Revolução dos Costumes e a Revolução Sexual se tornaram movimentos contraculturais considerados subversivos para a sociedade.

A crise desse engendramento do poder ocorreu como uma ressaca da fabricação de masculinidades viris estabelecidas em um intenso agenciamento do projeto de hetero-nação militar e seu grande receio pelo contágio da dissidência sexual, conforme a análise dos diferentes fundos de pesquisa que evidenciam uma malha complexa de forças reacionárias e de resistência, com distintos modos de atuação política e de diálogo com a violência sexual e de gênero, e também com vínculos de empatia e alteridade na transição democrática.

A análise das fontes indica que a masculinidade idealizada é estrutural, estruturante e articulada à violência, mesmo passando por uma sensível redefinição do destino ético do desejo sexual. A única conexão que existiu entre a macheza inquestionável e as práticas violentas relacionados a tortura e morte de homens gays e de lésbicas, de mulheres e de crianças de modo mais amplo, é que todos no grupo usavam o conceito de virilidade para justificar a violência. Somados ao aspecto viril permeando a sociedade em diversas instâncias da vida privada e pública, ao mesmo tempo, as certezas do passado, cuja perspectiva estruturalista alcançava seu ápice explicativo, nos anos 1960 e 1970, encontraram um segmento de homens que fazia as convicções da heteronormatividade, da monogamia, da divisão social do trabalho, da religião judaico-cristã soarem envelhecidas e sem utilidade, diante da urgência da invenção de modos de vida mais livres e democráticos.

A legitimidade das interações homoeróticas perante o Estado, em seu regime de governo de Ditadura Civil-Militar ou Democrático, não se configura como algo dado. Algumas conquistas foram alcançadas, alguns retrocessos empreendidos e alguns embates permanecem em curso, em um balanço onde a dor ainda ocupa um local central no discurso das masculinidades viris e em suas pedagogias. De modo que há coisas que são silenciadas porque são traumáticas, não suportadas se expressas em ambientes de insegurança e há coisas que são sistematicamente silenciadas porque convém calar, pois atende a interesses escusos e furtivos. Há coisas que são silenciadas em um projeto de queima de arquivo, como indicam alguns relatos à CNV. Há coisas que são caladas porque o esquecimento é produzido por interesse no silêncio e na manutenção do estado de coisas. Portanto, a reflexão comprometida com o Tempo Presente está direcionada ao contato com o lado sombrio do poder. A consciência dos fatos do passado e de suas condições de existência permite o diagnóstico de algumas permanências do passado, que, se não evidenciadas, podem recriar novos cenários, novos heróis nacionais e inimigos públicos para movimentar o Estado como máquina de ódio, de guerra, de extermínio, de tortura e de morte.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Carol J. **A Política Sexual da Carne**: uma teoria feminista-vegetariana. Editora Alaúde: Alaúde, 2018.
- ADAMS, Carol J. **The Pornography of Meat**. Bloomsbury Academic: Estados Unidos, 2003.
- ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. **A mudança de tradição**: esposas, comportamento e Forças Armadas (1964-1998). Doutorado em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. **O Uso dos Corpos**. (Estado de Sítio, Homo Sacer, IV, 2). São Paulo: Boitempo, 2017.
- AGUIAR, Carolina Maia de. **Entre armários e caixas postais**: escritas de si, correspondências e constituição de redes na imprensa lésbica brasileira. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.
- ALAMINO, Felipe; VECCHIO, Victor. Os Princípios de Yogyakarta e a proteção de Direitos Fundamentais das minorias de orientação sexual e de identidade de gênero. **Rev. Fac. Dir. Univ. São Paulo**, v. 113, p. 645-668, 2018.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. (MAIS)CULINOS: outras possibilidades de corpos e gêneros para as carnes sexuadas com a presença de um pênis. **Outros Tempos**: Pesquisa em foco - História, São Luís, v. 17, n. 29, p. 260-281, 2020.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 1 - 20, 2014. (ISSN 2317-1006 - online).
- ALMEIDA, Miguel Vale. **Senhores de Si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ANDERSON, Perry. **Brasil à Parte** (1964 -2019). São Paulo: Boitempo, 2020.
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Exércitos e Guerras: uma brecha no coração do modelo viril?. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade**: a virilidade em crise? V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane. Massacres: o corpo e a guerra. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.
- BARBAGLI, Marzio. **O suicídio no Ocidente e no Oriente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BARNABÉ, Gabriel Ribeiro. **Summi Pontificatus**. As Relações Internacionais da Santa Sé sob Pio XII. Doutorado em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2011.

BARP, Luiz Fernando Greiner. O discurso dos perversos: praticantes de BDSM em busca de legitimação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2019.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. “Putaria” enquanto conceito: desejo e sexualidade na prática orgiástica. **Bagoas**. n. 17, 2017, p. 251-281.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festas de Orgia para Homens**: territórios de intensidade e socialidade masculina. Tese de Doutorado em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016.

BARROS, Patrícia Marcondes de. A Imprensa Contracultural Brasileira. In.: ROST, Isis; BARROS, Patrícia Marcondes de. (Org.). **Transas da contracultura brasileira**. São Luís: Passagens, 2020.

BARROS JR, Francisco de Oliveira; LIMA, Solimar Oliveira. **AIDS e seus desnudamentos**. Rio de Janeiro: booklink, 2007.

BARSTED, Leila Linhares. Novas legalidades e novos sujeitos de direitos. In.: ÁVILA, Maria Betânia; PORTELLA, Ana Paula; FERREIRA, Verônica (orgs.). **Novas Legalidades e Democratização da Vida Social**: família, sexualidade e aborto. Rio de Janeiro: Garamound, 2005.

BATAILE, George. **O Erotismo**. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 1987.

BATISTA, Ana Maria Fonseca de Oliveira. **O Telefone Sem Fio, a Sobrinha do Presidente e as Duas Polegadas a Mais**: concepções de beleza no concurso de Miss Universo. Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

BATISTELLA, Alessandro. A ditadura militar e o bipartidarismo: casuísmos e um simulacro de democracia. **CLIO**: Revista de Pesquisa Histórica - CLIO (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, vol. 39, 2021.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs) **História da Virilidade**: a virilidade em crise? V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUDOT, François. **Moda do Século**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

BAUER, Caroline Silveira. **Avenida João Pessoa, 2050 – 3o andar**: terrorismo de Estado e ação de polícia política do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982). Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2006.

BAUER, Caroline Silveira; GERTZ, René E. Fontes Sensíveis da História Recente. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (orgs.). **O Historiador e Suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

BECKER, Annette. Extermínios: o corpo e os campos de concentração. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

BÉJIN, André. O casamento extraconjugal nos dias de hoje. In: BÉJIN, André; ARIÉS, Philippe (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BELMAS, Élisabeth. Jogos “de exercício”, divertimento e virilidade. In.: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte a era de sua reprodutibilidade técnica. In: CAPISTRANO, Tadeu (org.). **Benjamin e a obra de arte**: técnica, imagem, percepção. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 9-41.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In.: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**. Obras Escolhidas, v. 1, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114 -120.

BERTEAUD, Jean-Paul. O Exército e o brevê de virilidade. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BIAG, Orivaldo Leme. A Construção de Discursos Conservadores pela Publicidade Brasileira em Relação à Contracultura. In. KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História das Guerras**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2014.

BLAY, Eva Alterman. Como as Mulheres se construíram como agentes políticas democráticas: o caso brasileiro. In.: BLAY, E. A.; AVELAR, L. (orgs.). **50 anos de Feminismo**: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São Paulo: editora universidade de São Paulo (Fapesp), 2019.

BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial**: Um consenso Mínimo entre os Humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BONELLI, Maria da Glória. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. **Cadernos Pagu** (21) 2003: pp.357-372.

BOTTON, Fernando Bagiotto. **Liderança Política e Autoridade Paterna**: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Paraná (UFPR): Curitiba, 2017.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu** (26), 2006: pp.329-376.

BRANDÃO, Laura Lene Lima. **“Era Necessário Falar com o Corpo, Tão Gastas Ficaram as Palavras”**: políticas do corpo sexuado durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil. Tese de Doutorado em História do Brasil ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí, 2024.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas**, n. 03, 2009, p. 75-95.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p.175-206.

BRAZ, Camilo Albuquerque. 2010. **À Meia-luz... Uma etnografia imprópria sobre clubes de sexo masculinos**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Unicamp): Campinas, 2010.

BRITO, A. B. Jr. A Metáfora do Si-Mesmo como Outro: poética e ontologia em Paul Ricoeur. In: CASTRO, F. C. L. (org.). **O Si-Mesmo e o Outro**. Ensaios sobre Paul Ricoeur. Porto Alegre: editora Fi, 2016, p.13-62.

BRITO, Fábio Leonardo. **Torquato Neto e seus contemporâneos**: vivências juvenis, experimentalismos e guerrilha semântica. Curitiba: Prismas, 2016.

BUSATO, Paulo César. **Fundamentos para um Direito Penal Democrático**. São Paulo: Atlas, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Col. Sujeito e História. 2015.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do Gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

CAMPOS, P.H.P. **Estranhas Catedrais**: as empreiteiras brasileiras e a ditadura civil-militar. Niterói: EDUFF, 2014.

CAMPOS, P.H.P. Os Camargo, os Andrade e os Odebrecht: as grandes famílias brasileiras da construção civil. In: P.H.P. CAMPOS; R.V. da M. BRANDÃO (org.), **Os donos do capital**: a trajetória das principais famílias empresariais do capitalismo brasileiro. Rio de Janeiro, Autografia, 2017, p. 227-270.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. As empreiteiras e a rodovia Transamazônica: interesses econômicos e impactos sociais de um grande projeto da ditadura brasileira. **Cadernos do CEOM**, Chapecó (SC), v. 34, n. 55, p. 67-82, 2021.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O Discurso da Contracultura no Brasil**: o *underground* através de Luiz Carlos Maciel (1970). Tese de Doutorado em História na Universidade de São Paulo (USP), 2007.

CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Identidades de gênero, amor e casamento em Teresina (1920-1960)**. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2010.

CARDOSO, Luisa Rita. **"Não sei e não quero dizer": tortura e infância na ditadura civil-militar brasileira (1964-1985)**. Mestrado em História na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2015.

CARLINI-MARLATT, Beatriz. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade jovem. In.: BRANCO, Pedro Paulo Martoni; ABRAMO, Helena Wendel. (orgs). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional, 2011.

CARTOCE, Raquel Elisa. **O Milagre Anunciado**: publicidade e a ditadura militar brasileira (1968-1973). Dissertação em História, USP, 2017.

CARVALHO, Aloysio Castelo de. **Serviço Nacional de Informações**: uma abordagem histórica. Curitiba: Appris, 2023.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e Política no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2019.

CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de. Hippies Ou Happies? Interseções Entre A contracultura e o Movimento Hare Krishna no Brasil dos Anos 1970. In: KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

CARVALHO, Salo de. **Antimanual de Criminologia**. São Paulo: Saraiva, 2015.

CASTELO BRANCO, E. A. Entre o corpo-militante-partidário e o corpo-transbunde-libertário: as vanguardas dos anos sessenta como signos da pós-modernidade brasileira. In. **História Unisinos**, 9 (3):218-229, 2005.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os Dias de Paupéria**: Torquato Neto e uma contra-história da Tropicália. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco -UFPE: Recife, 2004.

CASTRO, Jeferson Martins de. **"A Violência Virtuosa" e a construção do militar torturador no Brasil**: Um Retrato Sociológico. Doutorado em sociologia na Universidade de Brasília (UNB): Brasília, 2022.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: artes de fazer. V.1. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CHIRIO, Maud. **A Política nos Quartéis**: revoltas e protestos de oficiais na ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CIDA bento. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

COELHO, Myrna. **Sofrimento e Tortura**: Brasil (1964-1979) e Argentina (1976-1983). Tese de Doutorado, USP, 2010.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo. N-versos, 2015.

COPJEC, Joan. Para Dar um Corte. In.: BRENNAN, Teresa (org.). **Para Além do Falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher**. Rio de Janeiro: Record Rosa dos Tempos, 1997.

CORBIN, Alain. **A harmonia dos Prazeres: a história do prazer desde o Iluminismo até o surgimento da sexologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

CORBIN, Alain. A Influência da Religião. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. V. 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CORBIN, Alain. A Obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

CORDEIRO, Janaina Martins. **A Ditadura em Tempos de Milagre: comemorações, orgulho e consentimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CORREA, Ana Paula Alves. **"Eles Torturavam as Crianças na Frente das Mulheres": Mulheres, Trauma e Maternidade na resistência à Ditadura Militar Brasileira**. Mestrado Em Letras, Universidade Federal De Santa Maria (UFSM), 2018.

COSTA, Moacir. Sexualidade. In.: BASTOS, Suely; SARDÁ, Verônica; SALDANHA, Luiz Antônio (ogs.). **Macho, Masculino Homem**. São Paulo: Editora L&PM, 1986.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o Corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In.: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Identificar: traços, indícios, suspeitas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171, 2002.

CRESPO, Juliana Campos Vieira. **Caminhos pornôis: do mainstream à pornotopia**. Mestrado em Cultura e Territorialidades na Universidade Federal Fluminense (UFF): Niterói, 2019.

CZAJKA, Rodrigo. “Quem não lê mal fala, mal ouve, mal vê” repressão e censura à editora Brasileira (1963-1970). In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre (Orgs.). **Censura no Brasil Republicano** (1937-1988). Salvador: Sagga, 2021

D’ARAÚJO, Maria Celina. Memória da Ditadura Militar no Brasil: fontes e métodos. In.: GOMES, Angela de Castro (org.). **Direitos e Cidadania**: memória, política e cultura. Rio de Janeiro: editora FGV, 2007.

DA SILVA, Deonísio. **Nos Bastidores da Censura**: Sexualidade, Literatura e Repressão Pós-64. São Paulo: Amarilys, 2009.

DA SILVA, Marcos Antônio Ângelo. O *Grindr* como facilitador de redes e conexões de desejos virtuais. In.: LIMA, Solimar Oliveira; JÚNIOR, Francisco de Oliveira Barros; DA SILVA, Marcos (orgs). **LGBTQIAPN+ polifonias**. Teresina, PI: EDUFPI, 2023.

DA SILVA, Maria Odila Leite. Entrevista. In.: História das Mulheres e Hermenêutica do Cotidiano, **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 1-12, 2021.

DAGNINO, Evelina. Os Movimentos Sociais e a Emergência de uma Nova Noção de Cidadania. In.: DAGNINO, Evelina. Org. **Os Anos 90**: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DARMON, Pierre. **O Tribunal da Impotência**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

DAVID, PRISCILA. **As jovens das classes populares sob a mira dos crimes de estupro, sedução e rapto na cidade de Assis (1950-1979)**. Mestrado em História Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Biblioteca Depositária: UNESP-FCL/ASSIS, 2009.

DE NIPOTI, Cláudio. **Páginas de Prazer**: a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2004.

DEL PRIORE, Mary **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **A Carne e o Sangue**: a imperatriz D. Leopoldina, D. Pedro I e Domitila, a marquesa de Santos. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia I. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

DELMANTO, Julio. **Camaradas Caretas**: drogas e esquerda no Brasil após 1961. Dissertação de Mestrado em História Social na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo: 2013.

DELMANTO, Julio. **História Social do LSD**: os primeiros usos medicinais e o começo da repressão. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo - USP, 2018.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente** (1300-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo**: o canto do cisne (de 1967 a nossos dias). Vol. II. EDUSC, 2007.

DRÉVILLON, Hervé. Do Guerreiro ao Militar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Josimar Faria. O corpo masculino da revista Men's Health. **Bagoas**, n. 13, 2015, p. 353-376.

DUMÉZIL, Bruno. O Universo Bárbaro: mestiçagem e transformação da virilidade. In.: In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

DUNKER, Christian Ingo L. Vontade Incontrolável de Comer Nada. **Viver Psicologia, Psiquiatria, Neurociência, Psicossomática, Psicopedagogia**. São Paulo, v. 7, n 88, p. 28-30, 1999.

DUNN, Christopher. Black Rio: a contracultura negra dos anos 70. In.: KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. 1. ed. - Curitiba [PR]: CRV, 2019.

EKSTEINS, Modris. **A Sagração da Primavera**: a Primeira Guerra Mundial e o Nascimento da Modernidade. Campinas, SP: Vide Editorial, 2011.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das letras, 2004.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: formação do estado e civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

EVANGELISTA, Breno Luiz Tommasi. **Entusiastas do desenvolvimento**: a Fundação Nacional do Índio e o projeto modernizador da ditadura (1969 – 1974). São Paulo: Appris, 2021.

FARGE, Arlette. Virilidades Populares. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELO, Georges (org.). **História da virilidade**. a invenção da virilidade. v.1, da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

FEITOSA, Lourdes M. G. C.; GRANETTO, Daniel Roberto R. Representações Do Conceito “Pão E Circo” Em Roma E No Brasil: Um Estudo Comparativo. **PHOÏNIX**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 138–162, 2022.

FERNANDES, Analu Dores. **Ditadura e Tortura Sexual**: A Visão das Ex-Presas Políticas nas Ditaduras Civil-Militar do Brasil (1964-1985) e da Argentina (1976-1983). Doutorado em Estudos Comparados Sobre as Américas na Universidade de Brasília (UNB): BCE-UnB, 2019.

FERREIRA, Guilherme Gomes. Políticas de tratamento penal para LGBTI+ no mundo, in.: FERREIRA, G.; KLEIN, C. (Orgs.). **Sexualidade e Gênero na Prisão: LGBTI+ e suas passagens pela justiça criminal**. Salvador - BA. Editora Devires, 2019.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia A. N. (orgs.). **O Tempo da Experiência Democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. (O Brasil Republicano, v.3) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FICO, Carlos. Espionagem, política política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Orgs.). **O Tempo do Regime Autoritário: ditadura militar e redemocratização**. Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

FICO, Carlos. **História do Brasil Contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais**. São Paulo: Contexto, 2022.

FICO, Carlos. **O Grande Irmão: da operação brother sam aos anos de chumbo**. O governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar Brasileira. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2008.

FICO, Carlos. Prezada Censura: cartas ao regime militar. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 251-286, dez. 2002.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de, org. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito: curso no Collège de France (1981-1982)**, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **As Confissões da Carne**. História da Sexualidade, v. 4, Paris: Editions Gallimard, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: Curso dado no College de France (1977-1978)**. Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In.: **Ditos & Escritos**. V. ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e Pontes**: O movimento LGBT e o Mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação em Antropologia. São Paulo, USP, 2006.

FRASSETO, Myrna Valéria Coelho. **Sofrimento e tortura**: Brasil (1964-1979) e Argentina (1976-1983). Doutorado em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, FFLCH/USP, 2010.

FREDERICI, Sandra Maria. **Instituição Militar e Política, uma abordagem antropológica (1964-1974)**. Mestrado em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

FREITAS, Fátima Regina Almeida. **Bondage, Dominação/Submissão, Sadomasoquismo**: etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais. Dissertação, Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2012.

FREITAS, Roberth Daylon Dos Santos. **Desenterrando Os Mortos e Enterrando Os Vivos em Suas Entranhas**: Uma História Social dos Sapes na Serra Leoa (1506-1615). Mestrado em História Na Universidade Federal De Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária, 2022.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

FREUD, Sigmund. **Para Além do Princípio do Prazer**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

GADELHA, Juliano. **O Sensível e o Cruel**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.

GAIARSA, José Angelo. O Corpo do Homem. In.: BASTOS, Suely; SARDÁ, Verônica; SALDANHA, Luiz Antônio (ogs.). **Macho, Masculino Homem**. São Paulo: Editora L&PM, 1986.

GARCIA, D. “Amor É Cristão, Sexo É Pagão”: conjugalidades e parentalidades homossexuais, reconhecimento e o discurso judicial da “homoafetividade” (ADPF 132 E ADI 4277). **Bagoas**, v. 14, n. 22, 2021.

GARCIA, Miliandre. Censura, Resistência e Teatro na Ditadura Militar. In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs). **Censura no Brasil Republicano (1937-1988)**: governo, teatro e cinema. Salvador: Sagga, 2021.

GARCIA, Sandra. **Homens na Intimidade**: masculinidades contemporâneas. Ribeirão Preto: editora Holos, 2006.

GAUER, Gabriel J. Chittó, Gauer, Ruth M. Chittó (org.). **A Fenomenologia da Violência**. Curitiba: Juruá, 1999.

GAUER, Ruth M. Chittó. Da diferença perigosa ao perigo da igualdade Reflexões em torno do paradoxo moderno. Civitas - **Revista de Ciências Sociais**, v. 5. n. 2, 2005.

GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. A experiência burguesa da Rainha Vitória à Freud. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

GIAMBERARDINO, A. R.. A construção social do medo do crime e a violência urbana no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 115, p. 200, 2015.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GIKOVATE, Flávio. **Homem**: o sexo frágil?. São Paulo: editora MG, 1989.

GÓIS, J. B. H., Olhos e Ouvidos Públicos para Atos (Quase) Privados. **PHYSIS**: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 10(2): 75-99, 2000.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas**: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOMES, Angela de Castro (org). Olhando para dentro (1930-1964). In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História do Brasil Nação** (1808 – 2010). V. 4. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

GOMES, Iris Lessy Santos **Desvendando o silêncio**: estratégias e normas para o combate ao assédio sexual institucional pela polícia judiciária militar de Sergipe. Aracaju, SE: 2023.

GOMES, Joao Gabriel Naghettini. **O Espírito de Bandung e o estuário das nações**. Mestrado em Relações Internacionais na Universidade Federal da Bahia, Salvador Biblioteca Depositária: UFBA, 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios e Márcia Lima (orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GREEN, James. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: editora Unesp, 2019.

GREEN, James. **Revolucionário e Gay**: a extraordinária vida de Herbert Daniel: pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2018.

GREGORI, Maria Filomena. Risco e êxtase nas práticas eróticas. **Cadernos Pagu** (47), 2016: e164716 ISSN 1809-4449

GREINER, Christine. **Fabulações do Corpo Japonês e seus Microativismos**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

GREINER, Christine. **O corpo em crise**: novas pistas e o curto-circuito das representações. São Paulo: Annablume, 2010.

GRINBERG, Keila. A História nos Porões dos Arquivos Judiciários. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina (orgs.). **O Historiador e Suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2013.

GROSZ, Elizabeth. *Corpos reconfigurados*. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 14, p. 45–86, 2015.

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GUILLET, François. O Duelo a Defesa da Honra Viril. In.: VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain (orgs.). **História da Virilidade**: o triunfo da virilidade (o século XIX). Petrópolis: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Carmem Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

GUMES, Glaucia Celeste Frota. **Memória Traumática da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985)**: a dor que não passa. Mestrado em Memória, Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARAWAY, Donna J. **Manifesto Ciborgue**: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 07-41, 1995.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: presenteísmo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é Par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

HELLER, Agnes. **A Condição Política Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. **O Novo Século**: entrevista a Antônio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOCQUENGHEM, Guy. **A Contestação Homossexual**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar Tempo, 2021, p. 37-72.

HOSCHSCHILD, Arlie Russell. **The Managed Heart**: commercialization of human feeling. Berkley, University of California Press, 1983.

HUNT, Lynn. **A Invenção dos Direitos Humanos**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HUNT, Lynn. A Pornografia e a Revolução Francesa. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia**: obscenidades e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

HUNT, Lynn. Obscenidade e Origens da Modernidade. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia**: obscenidades e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

IANNI, Octavio. **Estado e Planejamento Econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

IZECKSOHN, Vitor. Quando era perigoso ser homem: recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil, in: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2013, PP. 267 - 298.

JESI, Furio. **Spartakus**: simbologia da revolta. São Paulo: N-1 edições, 2018. P.69

KALIFA, Dominique. Virilidades Criminosas? In.: CORBIN. A; COURTINE, JJ; VIGARELLO, G. (orgs.). **História da Virilidade**: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. V. 3. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

KAMINSKI, Leon Frederico. **A Revolução das Mochilas**: contracultura e viagens no Brasil Ditatorial. Tese de Doutorado em História na Universidade Federal Fluminense (UFF): Niterói, 2018.

KAMINSKI, Leon. Mundo Afora, Brasil Adentro: a circulação cultural da contracultura e suas apropriações. In: KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

KAREPOVS, Dainis; NETO, José C. M. O Trotskismo e os Trotskistas: os anos 1920 e 1930. In.: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A Formação das Tradições** (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção da Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KELLER, Alexandra. Disseminações da Modernidade: representação e desejo do consumidor nos primeiros catálogos de venda por correspondência. In.: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

KEROUACK, Jack. **On the Road**. Tradução por Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2004.

KISSINGER, Henry. **A Diplomacia das Grandes Potências**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A, 1999.

KRAMER, Heinrich, SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum**: o martelo das feiticeiras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

KRONKA, Graziela Zanin. **A Encenação do corpo**: o discurso de uma imprensa (homo) erótico-pornográfica como prática intersemiótica. Tese em Linguística na Universidade Estadual de Campinas: SP, 2005.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: Lacan, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 96-103, 1998.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo dos Gregos à Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAUTIER, Bruno. Desenvolvimento. In.: HIRATA, Helena [et al.] (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1, 2013.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo**: antropologia e sociedade, Campinas, SP: Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **Antropología del dolor**. Éditions Métailié: Paris, 1995.

LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias**: antropologia das emoções. Petrópolis: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **Uma Breve História da Adolescência**. Belo Horizonte: editora PUC Minas, 2017.

LEIRNER, Piero de Camargo. **Meia-volta volver**: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

LIMA, Lucas Pedretti. **As fronteiras da violência política**: movimentos sociais, militares e as representações sobre a Ditadura Militar (1970-1988). Tese de doutorado em Sociologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Sociais, Rio de Janeiro, 2022.

LOSA, Ilse. **O Mundo que vivi**. Porto: Afrontamento, 2005.

LOWY, Michel. **Aviso de Incêndio**: uma leitura das teses sobre o conceito de história de Walter Benjamin. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2014.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, Sexualidade e Estupro: as construções da virilidade. **Cadernos Pagu** (11), 1998: pp. 231-273.

MACHADO, Sarah Rossetti. **De transtornos, tormentos e delícias**: atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014). Campinas, SP, 2017.

MACHADO, Vanderlei. **Entre Apolo e Dionísio**: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2007.

MACMAHON, Robert. **Guerra Fria**. Porto Alegre: LP&M, 2012.

MACRAE, Edward. A Homossexualidade. In.: BASTOS, Suely; SARDÁ, Verônica; SALDANHA, Luiz Antônio (ogs.). **Macho, Masculino Homem**. São Paulo: Editora L&PM, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAIA, Helder Thiago. A literatura gay é um cruising bar. **Periódicus**, Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades. n. 3., v. 1, 2015.

MALVANO, Laura. O mito da Juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. In.: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MANSAN, J. V. **Subversivos**: ditadura, controle social e educação superior no Brasil (1964-1988). 366 f. Tese – Doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2014.

MARAZINA, Isabel. O Espelho e os Homens: considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**. Porto Alegre: APPOA, n.28, 2005.

MARIANO, Nilson. **As Garras do Condor**. São Paulo: Vozes, 2003.

MARTINS, A. P. V. Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da feminilização e da bondade. História: **Questões & Debates**, Curitiba: UFPR n. 59, p. 143-170, 2013.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Faces Femininas do Conservadorismo**: filantropias e feministas brasileiras no começo do século XX. Teresina: Cancioneiro, 2023.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do Feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MARTINS, William. Disputa em Cena: os embates entre a censura e a Embrafilme. In: FICO, Carlos; GARCIA, Miliandre. (orgs.). **Censura no Brasil Republicano** (1937-1988): governo, teatro e cinema. Salvador: Sagga, 2021.

MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: N-1 edições, 2017.

MASTERS, William H. **Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MATOS, Maria Izilda S. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. **Locus**: Revista de História, Juiz de Fora, v. 17, n.02, pp. 125-143, 2011.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é um botequim**. São Paulo: Nacional, 2000.

MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil Contemporâneo. In.: NEVES, Lúcia M. B. P.; MOREL, Marcos; FERREIRA, Tania M. B. C. (orgs.). **História e Imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. pp.399-422.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1edições, 2019.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: São Paulo, editora Unicamp, 2010.

MELO, J.J. **Boilesen, um empresário da ditadura**: a questão do apoio do empresariado paulista à Oban/Operação Bandeirantes, 1969-1971. Dissertação de mestrado em Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2012.

MELO, Marília Loschi de. **A Dor no Corpo**: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

MELO, K. **À Meia-Luz do Lampião**: práticas homoeróticas no Brasil da abertura (1978-1981). Dissertação em História do Brasil no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil PPGHB-UFPI, 2020.

MELO, K; CARDOSO, E. De Corpo e Alma: nuances religiosas nas páginas do Lampião da Esquina (!978-1981). In.: NASCIMENTO, F; CASTELO BRANCO, F.; ALVARENGA, J. (orgs.) **Caleidoscópio de histórias**: cultura, gênero, política e cidades. Teresina: Edufpi, 2020.

MENEZES, Paulo. **À Meia-Luz**: cinema e sexualidade nos anos 70. São Paulo: USP, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP: Editora 34, 2013.

MEZAROBBA, Glenda. **O preço do esquecimento**: as reparações pagas às vítimas do regime militar (uma comparação entre Brasil, Argentina e Chile). Tese de Doutorado em Direitos Humanos. USP: São Paulo, 2007.

MICHAUDE, Eric. “Soldados de uma Ideia”: os jovens sob o Terceiro Reich. In.: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, 2009, p. 150-182.

MISKOLCI, Richard. **O Desejo da Nação**: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do século XIX. São Paulo: Annablume, 2013.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 2013.

MISSE, Michel. **O Estigma do passivo sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

MOLINA, Rodrigo Sarruge. **Agro, Ditadura, Universidade**: ESALQ- USP e a modernização conservadora (1964-1985). Campinas- SP: Autores Associados, 2022.

MONEY, John. **Human Sexuality**: a reader. Oxford: Oxford University Press, 1986.

MOREIRA ALVES, Maria Helena. **Estado e Oposição no Brasil (1960-1964)**. Petrópolis: Vozes, 1984.

MORETTONI, Marina Marins. **A Viagem na Geração Beat e a Cultura Estadunidense**. Dissertação em Sociologia na Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2020.

MOTT, Luiz. **Homossexualidades: mitos e verdades**. Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

MUCHEMBLED, Robert. **História da Violência: do fim da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MUCHEMBLED, Robert. **O Orgasmo e o Ocidente: uma história de prazer do século XVI a nossos dias**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. Da Dimensão Sexual de uma Guerra: os estupros em série como arma na ex-Iugoslávia, 1991-1995. In.: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito Encarnado: questões para pesquisa no/do cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. São Paulo: Contexto, 2001.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **Novos Combates pela História**. Editora contexto, 2021.

NASCIMENTO, Letícia C. **Transfeminismo**. col. Feminismos Plurais. SP: Jandaíra, 2021.

NASCIMENTO, Marcos. Essa História de Ser Homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. CAETANO, Marcio; JUNIOR, Paulo Melgaço (orgs.). **De Guri a Cabra-Macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018.

NECKEL, Roselane. **Pública Vida Íntima: a sexualidade das revistas femininas e masculinas (1969-1976)**. 2004. Tese Doutorado em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

NETTO, David Antônio de Castro. **Propaganda e legitimação na ditadura civil-militar brasileira (1968-1977)**. Mestrado em História – UEM, 2011.

NEUMANN, Isabella **Jogo de interesses nas Forças Armadas: a moderada presença da mulher militar no Brasil sob a perspectiva das Relações Civis-Militares**. Dissertação na Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2021.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpsons: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Crimes Contra a Dignidade Sexual**: comentários à Lei 12.015, de 7 de agosto de 2009. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

OLIVEIRA, Edmar. A contracultura ensaiando um movimento no Piauí. In.: ROST, Isis; BARROS, Patrícia Marcondes de. (Org.). **Transas da contracultura brasileira**. São Luís: Passagens, 2020.

OLIVEIRA, Marconey de Jesus. **“Desfilar pra gente era uma honra!”** comemorações cívicas realizadas pelo Ginásio Municipal de Serrolândia-BA durante a ditadura civil-militar (1964-1985). Dissertação em História da Universidade do Estado da Bahia, 2022.

ORTIZ, Renato. Sociedade e Cultura. In. PINHEIRO, Paulo Sérgio; WILHEIM, Jorge; SACHS, Ignacy (orgs.). **Brasil**: um século de transformações. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ORY, Pascal. O Corpo Ordinário. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História Do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

ORY, Pascal. Virilidade ilustrada e literatura de juventude. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs) **História da Virilidade**: a virilidade em crise? V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: editora Best Seller, 1991.

PARKER, Richard. Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PARO, Carmen Regina. **O silêncio do sagrado**: meninas abusadas sexualmente pela figura paterna em Goiânia. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. In.: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PELBART, P-P. **O Averso do Niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

PEREIRA, Juliano Cabral. **Santa Catarina sob suspeita**: a atuação dos órgãos de segurança e informação da Ditadura Militar em território catarinense (1964-1985). Mestrado em História na Universidade do Estado de Santa Catarina: Florianópolis, 2021.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Desenvolvimento e Crise no Brasil** (1930-1983). São Paulo: Editora brasiliense, 1988.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. “Gay-macho”, “travesti” ou “bicha pintosa”? produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal o Lampião da Esquina (1978-1981). Mestrado em História UEPR, 2011.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio Michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERROT, Michele. A juventude operária, da oficina à fábrica. In.: LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean-Claude (orgs.). **História dos Jovens**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PETERS, Edward. **História da Tortura**. Editorial Teorema: Estados Unidos, 1985.

PFEIL, B. L.; PFEIL, C. L. O pacto narcísico da cisgeneridade. **Revista Estudos Transviados**, 2023.

PINHEIRO, Igor Fernandes. Na Ponta da Baioneta: o rock psicodélico, do circuito de bailes aos Woodstocks brasileiros. In. KAMINSKI, Leon Frederico (org.). **Contracultura no Brasil, anos 70**: circulação, espaços e sociabilidades. Curitiba [PR]: CRV, 2019.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PINTO, Fátima Regina de Toledo. **Você tem uma moto ou uma Harley?** Vínculos com a marca Harley-Davidson em São Paulo. Doutorado em Antropologia Social na Universidade de São Paulo (USP), 2012.

PIRES, Rogério Brittes Wanderley. **O Conceito Antropológico de Fetiche**: Objetos Africanos, Olhares Europeus. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

PIRES, Rógerio Brittes. Da excitação à multiplicação: imagens sadomasoquistas e fetichistas de bizarre. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis 26(2), 2018.

PISCITELLI, Adriana. “Pioneiros”: masculinidades em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros. In.: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto?. In: BÉJIN, André; ARIÉS, Philippe (orgs.). **Sexualidades Ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PRADO, L. C. D; EARP, F. S. O “Milagre” Brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967 – 1973). In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Orgs.). **O Tempo do Regime Autoritário**: ditadura militar e redemocratização. Quarta República (1964-1985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: editora N-1, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: Editora N° 1, 2018.

QUADRAT, Samantha Viz.; ROLLEMBERG, Denise (org.). **A Construção Social dos Regimes Autoritários:** legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **História, Literatura e Sociabilidades.** Teresina: EDUFPI; Academia Piauiense de Letras, 2015.

QUEIROZ, Teresinha. Juventude e políticas do corpo nos anos 1960 e 1970. Entrevista concedida a Elizangela Barbosa Cardoso. **Outros Tempos**, v. 17, n. 29, p. 373-388, 2020.

QUINTAS, Laura Mattos Soares. **Herói Mutilado:** Roque Santeiro e os bastidores da censura à Tv na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia.** São Paulo: Boitempo, 2014.

REIS, Daniel Aarão. Modernização, Ditadura e Democracia (1964-2010). In: SCHWARCZ, Lília Moritz. **História do Brasil Nação** (1808 – 2010). V. 5. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

REVENIN, Régis. Homossexualismo e virilidade. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

RIBEIRO, Anderson Francisco. **Desnudando a Ditadura Militar:** as revistas erótico-pornográficas e a construção da(s) identidade(s) do homem moderno (1964-1985). Tese de Doutorado em História, 2016.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, n. 05, pp. 17/44, 2010.

ROCHA, Cássio Bruno de Araújo. **Masculinidades e Inquisição:** gênero e sexualidade na América Portuguesa. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

RODRIGUES, Gutemberg Alexandrino. **Os Filhos do Mundo:** a face oculta da menoridade (1964-1979). Dissertação de Mestrado na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). **A construção social dos regimes autoritários:** legitimidade, consenso e consentimento no século XX. (Brasil e América Latina). Vol. 03, Civilização Brasileira, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição:** notas para uma vida não cafetinada. Editora Nº-1 edições, 2018.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Parte Obscura de Nós Mesmos:** uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

RUIZ, Castor M. M. B. A Normalidade da Violência Cultural como Processo de Negação da Alteridade. In.: MUSSKOPF, André; STRÖHER, Marga J. (orgs.). **Corporeidade, Etnia e Masculinidade:** reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SÁ, Geysa Elane Rodrigues de Carvalho. **O Mercado Rosa de Teresina**: identidades homossexuais, políticas públicas e economia. Dissertação de mestrado em políticas públicas. UFPI, 2005.

SABÁ, Roberto. *Más allá de la igualdad formal ant la ley. ¿Qué les debe el Estado a los grupos desaventajados? Siglo XXI*, Editores Buenos Aires, 2016.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Rejo. *Por el culo: políticas anales*. Madrid: Egales, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. **Inimigos imaginários, sentimentos reais**: medo e paranoia no discurso anticomunista do Serviço Nacional de Informações (1970- 1973). Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Editora Jandaíra, 2021.

SANTOS, Moacir Jose Dos. **Pátria e poder**: o exército e a construção da nação. Doutorado em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP /SP, 2006.

SANTOS, Muryllo Rhafael Lorensoni do. **Miss Gay**: o protagonismo e os atos performáticos de gênero. Tese em Estudos Culturais na Universidade Federal de Mato Grosso Cuiabá, 2021.

SANTOS, Raian Souza. **Pego nas Forças Armadas**: A dissidência sexual militar pensada nos quartéis da ditadura (1964-1985), UNB, 2020.

SARTI, Cynthia Andersen. O jovem na família: o outro necessário. In.: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SARTRE, M. Virilidades Gregas. In. CORBIN, A; COUTRTINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

SAVAGE, Jon. **A criação da Juventude**: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SAXON, Timothy D., *The German Side of the Hil: Nazi Conquest and Exploitation of Italy, 1943 – 1945*. Tese de Doutorado em Filosofia, University of Virginia, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870/1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. [S. l.], v. 20, n. 2, p. 19, 2017.

SEGATO, Rita. Refundar o feminismo para refundar a política. In: **Cenas de um pensamento incômodo: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SEVENCKO, Nicolau. **A Corrida para o Século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Agnaldo José da. **“Praça Velho”**: um estudo sobre a socialização do policial militar. Mestrado em Sociologia na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, UFG, 2002.

SILVA, C. R. V.; JUNIOR, B. W. A Responsabilidade internacional do Brasil em face do controle de convencionalidade em sede de direitos humanos: conflito de interpretação entre a jurisdição da Corte Interamericana de Direitos Humanos e o Supremo Tribunal Federal quanto a Lei de anistia. **Revista de Direito Internacional**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 611-629, 2015.

SILVA, Marcelo; CAMPOS, Henrique Pedreira; COSTA, Alessandra. A Volkswagen e a ditadura: a colaboração da montadora alemã com a repressão aos trabalhadores durante o regime civil-militar brasileiro. **Revista Brasileira de História**, v. 42, n. 89. São Paulo, 2022.

SILVA, Vera Lucia Marques. **Sob a égide do chicote**: Uma leitura acerca do amor na contemporaneidade. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ): Rio de Janeiro, 2015.

SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora Lins. Do gueto ao mercado. In: GREEN, J.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

SINGER, Bem. Modernidade, Hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930 – 1964. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo**: as mutações do olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2011.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**: e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SOUSA, Percival de. **Autópsia do Medo**: vida e morte do Delegado Sérgio Paranhos Fleury. São Paulo: Globo, 2001.

SPIELER, Paula. (coord.). **Advocacia em tempos difíceis**: ditadura militar 1964-1985. Curitiba: Edição do Autor, 2013.

STEARNS, Peter N. **História da Sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

STEINKE, Sabrina. **A Repressão Política na Fronteira Uruguaiana – Paso de Los Libres** no final da década de 1970. Tese de Doutorado em História do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS). Brasília: UNB, 2016.

STEINKE, Sabrina. A repressão política, durante a ditadura civil-militar de 1964, no Piauí relatada no acervo da Comissão da Anistia. Anais do evento **Ficção e Poder: Oralidade, imagem, escrita**. Fortaleza, 2017.

STIGLEGGER, Marcus. **Cinema beyond good and evil? Nazi Exploitation in the cinema of the 1970s and its Heritage**, 2011. Acesso em: https://www.academia.edu/36761713/Marcus_Stiglegger_Cinema_beyond_Good_and_Evil_Nazi_Exploitation_in_the_Cinema_of_the_1970s_and_its_Heritage. Em 12.02.2025.

SWAIN, Tânia Navarro. Desigualdades na Diferença: a construção política dos corpos e das identidades sexuadas. **Maracanã**. Rio de Janeiro, n. 4, p. 37-58, 2007.

SWAIN, Tânia Navarro. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e o continuum lésbiano. **Revista Bagoas**. N. 05, 2010, p. 45-55.

SZASZ, Thomas. **Dor e Prazer: um estudo das sensações corpóreas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TAMAGNE, Florence. Mutações Homossexuais. In.: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História da Virilidade**: vol. 3. A Virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

TARAUD, Christelle. A Virilidade em situação Colonial: do final do século XVIII à Grande Guerra. In.: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Chaves. **Para além do voto: uma narrativa sobre a democracia participativa no Brasil (1975-2010)**. Tese em Ciência Política, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

TELES, Janaína de Almeida. Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por “verdade e justiça” no Brasil. In TELLES, Edson; SAFATLE, Vladimir (org). **O que resta da ditadura?** São Paulo: Boitempo, 2010, p.253-298.

TELLES, Vera da Silva. Sociedade Civil e a Construção de Espaços Públicos. In.: DAGNINO, Evelina. Org. **Os Anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades Romanas: vir, virilitas, virtus. In. CORBIN, A; COURTINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade**. Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

TOLEDO, Edilene. A Trajetória Anarquista no Brasil na Primeira República. In.: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. **A Formação das Tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. **A História das Drogas e sua proibição no Brasil:** da Colônia à República. Tese de doutorado em história social (USP): São Paulo, 2016.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRUMBACH, Randolph. Fantasia Erótica e Libertinagem Masculina no Iluminismo Inglês. In.: HUNT, L. (org). **A Invenção da Pornografia:** obscenidades e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados:** moral, sexualidade e inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade.** Bauru: Spessotto, 2019.

VELOSO, Thiago Cesario. **Deixa eles e elas falarem:** do quarto (de despejo) à sala (de aula). Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rede Sirius UERJ, 2018.

VENAYRE, Sylvain. A virilidade Ambígua do Aventureiro. In.: CORBIN, A; COURTINE, JJ; VIGARELLO, G. (orgs.). **História da Virilidade:** a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. V. 3. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

VENAYRE, Sylvain. Os Valores Viris da Viagem. In: CORBIN, Alain (org.) **História da Virilidade**, v. 2 O triunfo da virilidade: O século XIX. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

VIANA JÚNIOR, Mário Martins. **Masculinidades no Brasil Colonial.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

VICTOR, Fabio. **Poder Camuflado:** os militares e a política, do fim da ditadura à aliança com Bolsonaro. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

VIEIRA, Yvonne Mattos. Identidade do Homem na Sociedade Patriarcal. In.: BASTOS, Suely; SARDÁ, Verônica; SALDANHA, Luiz Antônio (ogs.). **Macho, Masculino Homem.** São Paulo: Editora L&PM, 1986.

VIGARELLO, G; HOLT, Richard. O Corpo Trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo:** da Revolução à Grande Guerra. V. 2. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARELLO, Georges. A Virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In. CORBIN, A; COURTINE, JJ; VIGARELLO (orgs.). **História da Virilidade.** Volume 1: a invenção da virilidade da Antiguidade às Luzes. Editora vozes: Petrópolis, 2013.

VIGARELLO, Georges. **O Sentimento de Si:** história da percepção do corpo. Editora Vozes: Petrópolis, 2016.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo:** as mutações do olhar: o século XX. V. 3, Petrópolis: Vozes, 2011.

VIGARELLO, Georges. Virilidades Esportivas. In.: In.: CORBIN, A.; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Geroges (orgs) **História da Virilidade: a virilidade em crise?** V.3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VOLPI, Alexandre. **A História do Consumo no Brasil: do mercantilismo à era do foco no cliente.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ZAFFARONI, Eugenio Raúl. **A Questão Criminal.** Rio de Janeiro: Revan, 2015.

ZILLI, Bruno Dallacort. **A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a psiquiatria.** Dissertação de mestrado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2007.

ZILLI, Bruno. **A Perversão Domesticada: BDSM e o consentimento sexual.** Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

FONTES

Dados Estatísticos

IBGE. Estatísticas históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. vol. 3 de Séries estatísticas retrospectivas. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v3.pdf>. Acesso em: dez. 20024. p. 36-38.

1. ACERVO DO ARQUIVO NACIONAL - SIAN:

- * Consta no Conselho Supremo Militar e de Justiça, 02 (dois) registros, a partir da palavra-chave: pederastia, ambos processos de 1884;
- * Consta no Estado-Maior das Forças Armadas, 08 (oito) registros, tratando-se de boletins internos com decisões a respeito de investigações sobre pederastia e, com passagem pelo Conselho de Justificação. Fontes de 1949 a 1967, portanto, anterior ao art. 235, CPM;
- * Consta no Conselho de Segurança Nacional, 57 (cinquenta e sete) registros, tratando-se de encaminhamentos de representações do ministro da justiça ao presidente, com conteúdo de políticos e outros agentes do estado para serem cassados e terem seus direitos políticos suspensos por 10 (dez) anos. É o típico processo do Ato Institucional, acompanhando as informações coletadas pelo SNI, Investigação Sumária, ou outro do gênero. Fontes do período de 1964 a 1976;
- * Consta na Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), 14 registros, tratando-se de processos direcionados aos órgãos da censura, com letras musicais vetadas, entre outros assuntos controversos da dimensão artística;
- * Consta na Comissão Nacional da Verdade (CNV), 10 registros, a partir da busca por palavra-chave: pederastia.
- * Consta na Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça, 15 registros, a partir da palavra pederastia.
- * Consta na Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores, 03 registros da palavra pederastia.

- * Consta da assessoria de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores, 03 registros da palavra pederastia.
- * Consta da assessoria de Segurança e Informações de Furnas Centrais Elétricas -S/A, 02 registros da palavra pederastia.
- * Consta no Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (CISA), 19 registros da palavra pederastia.
- * Consta no Serviço Nacional de Informações (SNI), 237 registros da palavra pederastia.
- * Consta da Divisão de Inteligência do Departamento (DID), 07 registros da palavra pederastia.
- * Comissão Geral de Investigação (CGI), 21 registros da palavra pederastia.

BRASIL. IMP. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1373_d0001de0001. Brasília, 1964.

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0352_d0001de0001. Brasília, 1969.

BRASIL. CSN. BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0385_d0001de0001. Brasília, 1969.

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0416_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0385_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR.AN.RIO.TT.0.MCP.PRO.1135. Processo GAB nº 100.045 de 18 jan. 1978.

BRASIL. BR_DFANBSB_2M_0_0_0127_v_01_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_JF_JBF_0_0207_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0317_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0337_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_AGR_LGS_0413_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_ATA_0005_0001_p_001_070_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_ATA_0005_0001_p_001_070_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_ATA_0005_0006_p_310_383_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0021_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0505_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0611_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_0929_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1163_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_CSS_1416_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2830_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_2990_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_3363_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PRO_PAI_3406_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PSN_AAI_0104_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PSN_AAI_0104_d000. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_N8_0_PSN_AAI_0126_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_NS_AGR_COF_ISI_0088_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_06756_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_NS_CPR_MUI_LMU_10025_d0001de0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_74075751_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_76109622_D0003DE0004. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_77105325_D0002DE0004. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79003580_AN_01_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_AAA_79003580_AN_02_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_81008197_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_81009882_D0005DE0005. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_01_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_02_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_AN_03_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_EEE_84015448_D0001DE0002. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_V8_MIC_GNC_III_84006255_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_VAZ_0_0_24959_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_DFANBSB_Z4_REX_IBR_0009_D0001DE0001. Brasília, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TJ_0_LEG_0002_0003_D0001DE0001. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_IRR_PRO_0575_D0001DE0001. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0305_D0001DE0001, p. 51-52. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0309_D0001DE0001. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_JUS_PRO_0343_D0001DE0001. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0242. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0295. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0300. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0485. Rio de Janeiro, [s.d.].

BRASIL. BR_RJANRIO_TT_0_MCP_PRO_1135_D0001DE0001. Rio de Janeiro, [s.d.].

2. ACERVO ARQUIMEDES:

Este acervo possui processos judiciais da justiça militar da união – JMU, datados de 1810 a 1989.

- ✚ Em 2019, ocorreu a primeira tentativa de contato com as fontes sobre processos envolvendo o tipo penal de pederastia, mediante processo administrativo de solicitação de acesso à íntegra dos processos. Conforme número do processo: 000002/22-00.19.
- ✚ Em resposta, em 06 de janeiro de 2022, fui informado que a solicitação deveria ser realizada em auditoria para ato específico, diante da natureza da ação¹⁰⁰⁹.
- ✚ Em contrapartida, novo pedido foi dirigido informando os dispositivos da lei de informação e comprovando o vínculo de pesquisador com a instituição de ensino da UFPI, informando ainda o número dos processos específicos (não apenas informando o tipo penal da pederastia - algo relativamente difícil de encontrar nas pesquisas), por isso os óbices para estabelecer uma metodologia qualitativa mais refinada.
- ✚ Alguns números processuais foram referenciados, retirados dos fundos do acervo do Arquivo Nacional, mas apenas dois processos foram concedidos. Estas foram as fontes utilizadas no subcapítulo “Pederastia nas Forças Armadas” (capítulo 5.4) que evidencia

¹⁰⁰⁹ Prezado Kelyel Fortes de Resende Melo, "Em atenção à solicitação objeto do presente processo, informo que até o ano de 2018 os processos na JMU tramitavam em autos físicos, os quais, quando encerrados, eram arquivados nas respectivas Auditorias de origem, onde se encontram até hoje. Por essa razão, o pedido de acesso a autos de processos encerrados até 2018 deve ser dirigido às Auditorias em que se encontram arquivados. Com relação aos processos posteriores a 2018, caso tenha havido recurso admitido, com ingresso no STM, é possível o acesso a eles mediante a concessão das respectivas chaves sigilosas. Ocorre que os processos por crimes do art. 235 do CPM, em tese, são protegidos por segredo de justiça, observando-se o teor do art. 234-B do Código Penal Comum. Nesse caso, a SEJUD não poderia conceder esses acessos sem que haja autorização expressa do Presidente do STM. Caso não tenha havido recurso, o pedido também deve ser dirigido às respectivas Auditorias em que tramitaram ou tramitam os processos para ser apreciado pelo Juiz. Por fim, pesquisas no Portal do STM com os parâmetros adequados, na opção "Acompanhamento Processual", tanto na aba "Consulta de Processos" como na aba "Consulta de Jurisprudência", podem retornar dados de interesse do solicitante".

o caráter violento de homens em grupo e em contexto de prisão militar, com episódios de estupro coletivo, sistematicamente, estabelecidos com anuência do Estado.

- ✚ A negociação, por si só, com o presidente do STM, sobre as fontes dessa temática evidencia o silêncio de práticas sádicas profundamente enraizadas em instituições consolidadas no Brasil.

AF-409-1969 (Execução de Sentença n. 02_65)

Apelação 34499-1965 (2037) (RJ)

Apelação 34949-1965 (2082) (RJ)

3. ACERVO DA BIBLIOTECA DO STM:

Este acervo possui fontes hemerográficas da Justiça Militar. Apesar de não dar visibilidade ao conteúdo total de suas fontes, o contato foi realizado de forma célere e cordial, a partir da solicitação de forma ampla, aos materiais que envolvessem o termo pederastia, ao que foi disponibilizado os seguintes recortes:

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. 851842_A1b.

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. 897095_A1b.

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. 897099_A1b.

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. 897099_A1b.

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. 897104_A1b.

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. 948190_A1b

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. 948194_A1b.

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. Folha de S. Paulo, p. C6, 14 jun. 2008. – 89709 5A1b.

Pastas de recortes de jornais do STM, n. HFA. Homossexualidade nas Forças Armadas. Folha de São Paulo, 12 de março de 2010, cotidiano. 897101_A1b.

4. PROCESSOS DOS TRIBUNAIS SUPERIORES

A pesquisa foi realizada na plataforma dos sítios eletrônicos de cada instituição judiciária e em plataforma de busca específica, *JusBrasil*, por isso existe uma pequena divergência quanto ao número de processos quando pesquisado em outra plataforma jurídica de busca processual.

*Consta do *JusBrasil*, a partir da busca por palavra-chave “homossexual”, na jurisprudência do STM, 22 documentos; e, na busca da palavra “pederastia”, 99 documentos;

*Consta da Jurisprudência do Superior Tribunal Militar (STM), no sítio eletrônico do próprio STM, em busca por palavra-chave “homossexual”, um total de 12 documentos; e, 94 documentos, por “pederastia”;

* Consta da jurisprudência do Supremo Tribunal Federal (STF), no sítio eletrônico do próprio STF, 52 documentos na busca por palavra-chave “homossexual”;

*Consta da jurisprudência do STF, no sítio eletrônico do próprio STF, 11 documentos na busca por palavra-chave de “pederastia”;

*Consta da jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça (STJ), no sítio eletrônico do STJ, 18 documentos na busca da palavra-chave “pederastia”;

*Consta da jurisprudência do STJ, no sítio eletrônico do STJ, 506 documentos na busca da palavra-chave “homossexual”.

Deste mapeamento preliminar, foi utilizado para análise os seguintes processos:

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (2ª Turma). Habeas-corpus: 54482. Relator: Thompson Flores. Data de Julgamento: 01/06/1976. Data de Publicação: DJ 20-08-1976.

BRASIL. Superior Tribunal Militar. nº 1983.01.000096-9. Relator: Ministro Heitor Luiz Gomes de Almeida. Data de Julgamento: 05/04/1984, Data de Publicação: 17/05/1984.

BRASIL. Superior Tribunal Militar, Extrato da ata da 53ª sessão de julgamento, em 21 de agosto de 2007.

BRASIL. Superior Tribunal Federal. ADPF: 291. DF - DISTRITO FEDERAL 9991723-76.2013.1.00.0000, Relator: Min. Roberto Barroso, Data de Julgamento: 28/10/2015, Tribunal Pleno, Data de Publicação: DJe-094 11-05-2016.

BRASIL. Superior Tribunal Militar. nº 2006.01.050257-2. Relator Ministro Olympio Pereira Da Silva Junior. Data de Julgamento: 21/08/2007, Data de Publicação: 09/10/2007.

5. ACERVO DO BRASIL NUNCA MAIS – BNM

Este acervo possui cerca de 707 processos do Superior Tribunal Militar (STM) revelando a extensão da repressão política no Brasil cobrindo o período de 1961 a 1979. Ainda, possui 6 álbuns com 166 fotos que foram doados por Dom Paulo e Jaime Wright à Unicamp nos anos 1980.

O BNM reproduz as anotações que se encontravam nas fotos, supostamente elaboradas pelos policiais e fotógrafos a serviço do regime autoritário. As fotografias foram aparentemente feitas pela polícia política na repressão e no monitoramento dos movimentos sociais. Muitas, porém, não possuem qualquer observação ou identificação.

*Deste acervo, uma foto de 2024, da parede do Memorial da Resistência, local onde antes era o DOI CODI, fez referência ao organograma retirado do BNM: Título I. O Regime Militar, pag. 70, 1985, BNM Digital.

*Deste acervo, apenas um processo foi utilizado em análise, o de Emília Viotti:

Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10_72. ação penal Emília Viotti.

Brasil Nunca Mais Digital (BNM), processo n. 10_77. ação penal Emília Viotti

6. ACERVO DO NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA UFPI (NUPEM)

Deste acervo foram utilizadas apenas as fontes hemerográficas, os impressos da revista *Veja* e do jornal alternativo o *PASQUIM*, a saber:

VEJA, 1981, n.269, p. 35

VEJA, Reportagem: A dura ocupação da Amazônia. editora abril, n. 261, 1973.

O PASQUIM, Rio de Janeiro, 1973, ed. 233, p.22

O PASQUIM, Rio de Janeiro, ano 1977, ed. 423, p.71

O PASQUIM, Rio de Janeiro, ano VIII, n.404, 1977, capa

O PASQUIM, Rio de Janeiro, ano VIII, n.404, 1977, p.14

O PASQUIM, Rio de Janeiro, ano VII, n.336, 1975, p. 25

O PASQUIM, Rio de Janeiro, ano VII, n.346, 1976, p.18

O PASQUIM, Rio de Janeiro, 1975, ed. 317, p.24

O PASQUIM, Rio de Janeiro, Sergio Augusto, 1974, ed. 286, p.21

7. ACERVO DA HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL

Deste acervo, foram utilizadas algumas edições da revista a *Manchete* e o *Cruzeiro*, a saber:

MANCHETE, Rio de Janeiro. BRANDÃO, Darwin. Reportagem. Os esportistas da meia-noite: quando o Leblon fica deserto, eles entram na “pista”. 1952, ed. 10, p. 17.

MANCHETE, Rio de Janeiro. SOUSA, Juvenil de. Reportagem. Frimisa: nada se perde, tudo se transforma. 1960, ed 411, p. 28.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem. Paris 1963: Mulher mais mulher. 1963, ed. 570, p. 30.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Coluna. O Mundo em Manchete. 1964, ed. 626, p.84.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem. Castelo: cidadãos do Nordeste. 1964, ed. 635, p. 8.

MANCHETE, Rio de Janeiro. TORRES, Carlos Eduardo Marchesini. Reportagem: as Sete Cidades de pedra. 1964, ed. 647, p 85.

MANCHETE, Rio de Janeiro. SILVEIRA, Alberto. Reportagem: A vida secreta de James Bond. 1964, ed.649, p.71.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Publicidade e Propaganda. Frigorífico Renner S. A. ed. 618, 1964, p. 60.

MANCHETE, Rio de Janeiro. BLOCH, Pedro. Reportagem. Uma caçada na África. 1965, ed. 666, p. 31.

MANCHETE, Rio de Janeiro. CAMARGO, Oscar Augusto. Reportagem: Indústria, o Brasil inteiro está em São Paulo. 1965, ed. 692, p. 84.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Eu, Sean Connery. Ed. 720, 1966, p.74.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Publicidade e Propaganda. Malas Ika. ed. 757, 1966, p. 75.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Publicidade e Propaganda. Universal Geneve. Ed. 759, 1966, p. 34.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem: Os anjos do inferno. 1966, ed. 716, pp. 105/106.

MANCHETE, Rio de Janeiro. PRESS, Camera. Reportagem. Quando brilham os brilhantes. 1967, ed 773, p. 78.

MANCHETE, Rio de Janeiro. PELTIER, Luzia. Reportagem. O jovem audaz do esquí volante. 1967, ed 778, p. 41.

MANCHETE, Rio de Janeiro. CALDAS, Raul. Reportagem: Os Beatniks Cariocas. 1967, ed. 782, p. 30/32.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Califórnia: os Anjos do Inferno. 1967, ed. 785, p. 40/42.

MANCHETE, Rio de Janeiro. LÚCIO, Antônio; FERREIRA, Durval; STUCKERT, Roberto. Reportagem: O FBI Brasileiro. 1967, ed. 799, p. 18/23.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem: Qual a posição do Exército?. ed. 0872, 1969, p. 14/19.

MANCHETE, Rio de Janeiro. MELO FILHO, Murilo. Reportagem. Brasília: no ano quinto, o sexto presidente. Fotos de Jáder Neves e Gervásio Batista. 1964, ed 628, p. 48.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Propaganda. Varig direto. 1968, ed. 833, p. 70.

MANCHETE, Rio de Janeiro. 1968, ed 833, p. 58.

MANCHETE, Rio de Janeiro. 1968, ed. 853, p. 127.

MANCHETE, Rio de Janeiro. 1969, ed 877, p. 66.

MANCHETE, Rio de Janeiro. 1969, ed. 877. 65

MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem. Quem matou Sharon Tate?. 1969, ed. 920, p. 38.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem. Eles são os Bandidos. Fotos Mario de Biasi. 1969, ed. 920, p. 86/87.

MANCHETE, Rio de Janeiro. 1969, Reportagem. Sharon Tate: os hippies no festim da morte. Fotos de Charles Moore (Black Star). ed. 922, p.14.

MANCHETE, Rio de Janeiro. Propaganda. Air France. 1969, ed. 877, p. 69.

- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1970, ed. 933, p. 29/30. Texto de Caio de Freitas.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1970, ed.954, p.137.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1971, ed 997, p. 101.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1971, ed. 1004, p. 39.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1971, ed. 1005, p. 70/72.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1971, ed. 1036, p. 86.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1971, ed. 997, p. 100.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. PALLOTTELLI, Duilio. Reportagem. Hell's Angels: nós odiamos a humanidade. 1971, ed.1018, p.56/59.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1971, edição especial A, p. 121.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem Frigorífico T. Maia: as boas divisas da carne. Ed. 1012, 1971, p. 117.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1972, ed. 1045, p. 137/141.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1972, ed. 1050, p. 80/81.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, ed 1081, p. 9/10.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, ed especial A, p. 8-9.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, ed.1126, p. 182.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1973, edição especial A, p. 30/31.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1975, ed 1230, p. 181.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1976, ed. 1285, p. 57.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1977, ed. 1303, p. 7.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1977, ed. 1303, p. 136.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1978, ed. 1362, p. 57/59.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. HADEN-GUEST, Anthony. Paparazzi: caçadores de celebridades e escândalos. Ed. 1401, 1979, p. 30/36.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1979, ed. 1434, p. 91.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1980, ed. 1494, p. 70.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1980, ed.1490, p. 47.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1981, ed. 1523, p. 54.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1981, ed. 1533, p. 64/65.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1982, ed 1587, p. 44.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1984, ed 1660, p.55.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1986, ed. 1782, p.71.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1990, ed. 1968, p. 49.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1996, ed. 2326, p. 61

MANCHETE, Rio de Janeiro. CARMARGO, Oscar Augusto de. Reportagem. Indústria: o Brasil inteiro esta em São Paulo, 1965, ed. 692, p. 89.

MANCHETE, Rio de Janeiro. CHAVES, José Magalhães. Reportagem Os Generais das Quatro Rodas, 1962, ed. 546, p. 25.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1993, ed 2132, p.45.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1960, ed. 431, p. 73.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1960, ed. 433, p. 49.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, ed. 0611, p 46.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, ed. 0611, p.02.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, ed. 634, p. 102.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, edição histórica, p. 5/6.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, p. 636, p. 25.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 666, p. 13/14.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 696, p. 70.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1965, ed. 707, p.98.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1967, ed. 0798, p. 57.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1968, ed. 836, p. 168.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1970, ed.928, 32.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1970, ed.928, p. 31.

MANCHETE, Rio de Janeiro. LESSA, Ivan. Reportagem: A Contestação: como surgiu, o que é e o que quer. 1971, ed. 1001, p.100.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1971, ed. 1016, p. 102.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1972, ed. 1049, p. 24.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1972, ed. 1049, p. 30-35.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1972, ed. 1060, p. 139.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1972, ed. 1073, p.24/25.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, ed 1081, p. 9-10.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, ed 1089, p. 156.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, ed. 1126, p. 180-181.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, edição especial 1973, pp. 84.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, edição especial 1973, pp. 84-85.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, edição especial A, p. 172.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1973, edição especial A, p. 88-89.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1977, ed 1307, p.148.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1977, ed. 1320, p.63.

MANCHETE, Rio de Janeiro, 1977, ed.1306, p.180.

- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed 1394, p. 18.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1394, p. 106/107.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1979, ed. 1407, p. 30.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1982, ed 1587, p. 30.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1982, ed. 1569, p.144.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1982, ed.1579, p. 94.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1987, ed.1857, p. 60/65.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1988, ed. 1868, p.97/99.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1988, ed. 1910, p. 52/57.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, 1964, ano 11, edição histórica, p. 40.
- MANCHETE, Rio de Janeiro,1966, ed. 755, p. 41.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, BLOCH, Pedro. Reportagem. Uma caçada na África. Fotos de Miroslav Javurek, 1965, ed. 666, p. 38.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, ed. 2132, p.17.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, Reportagem de Durval Ferreira e Antônio Lúcio em São Paulo, D. Rocha Roberto Stuckert 1967, ed. 799, p. 23.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, Reportagem. Barnum: 101 anos de espetáculo. Fotos Richard Howard e Jacques Charles. 1971, ed. 1005, p. 70/72.
- MANCHETE, Rio de Janeiro, SODRÉ, Moniz. Reportagem. O Dia da Caçadora. ed. 821, 1968, p. 44.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. Brasil-79: em cores, os grandes desafios que esperam o país para o próxima ano nos campos da economia, saúde e educação. Ed.1394, 1979, p. 51-57.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. 1980, ed. 1449, p. 111.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. GARCIA, Gardênia. Reportagem: O Amigo da Leoa. Foto Aldyr Tavares, 1963, ed. 603, p.34-35.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. Reportagem. O Muro vai acabar. Fotos Magnum.1971, ed. 1010, p. 7.
- MANCHETE, Rio de Janeiro. PESSOA, Alfredo Belmont. Reportagem: O Circo é uma Festa. Fotos Orlando Abrunhosa. 1971, ed. 997, p. 100.
- ***
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1958, ed. 08, p. 25.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1963, ed. 11, p.18.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed 13, p. 85.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed 14, p. 53.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed 26, p. 32.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed 33, p. 138
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed 39, p.66

- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed. 0028, p. 3
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed. 26, extra, p.40
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed. 26, P.35
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed. 27, p. 3
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, p 58-59
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1965, ed. 38, p. 78
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1966, ed 18, p. 59
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1971, Reportagem. Minas Gerais: retrato de corpo inteiro num caderno especial. ed 11, p. 109.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1974, ed. 3, p. 119
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1981, ed 39, p.48
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, edição 0026, extra p. 41
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, Arlindo Silva e foto de Indalécio Wanderley. 1961, ed. 01, pp. 8/9
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. Fotos de Indalécio Wanderley, Douglas Alexandre, João de Almeida e Luiz Carlos Barreto. ed. 26, extra, 1964, p. 27
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. Reportagem. AMORIM, Oswaldo; ALFREDO, Luiz; NICOLAU, José. Magalhães, o herói da Revolução. 1964, ed 26 extra, p. 11.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. Reportagem. AMORIM, Oswaldo; BILATE, Anver. A Marcha de Minas sobre a Guanabara. Fotos de José Carlos Vieira, Luiz Alfredo e José Nicolau, ano de 1964, ed. 26 extra, p.40.
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed. 20, p.26
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro, 1964, ed. 32, P. 70
- O CRUZEIRO, Rio de Janeiro. 1979, ed. 08, pp. 20/23

8. Acervo CPDOC

Jornal do Nuances.

- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. NPH Digital. DIREITOS HUMANOS, Jornal do Nuances. Justiça Federal defere ação encaminhada pelo grupo Nuances. Rio Grande do Sul, ed. 12, 2000, p. 10.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. NPH Digital. DIREITOS HUMANOS, Jornal do Nuances, Rio Grande do Sul. edição 44, 2008, p. 11.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. NPH Digital. DIREITOS HUMANOS, Jornal do Nuances, Rio Grande do Sul, edição 13, 2000, p.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. NPH Digital. DIREITOS HUMANOS, Jornal do Nuances, Rio Grande do Sul. edição. 38, 2006.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. NPH Digital. DIREITOS HUMANOS, Jornal do Nuances, Rio Grande do Sul. edição 36, p 11,

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. NPH Digital. DIREITOS HUMANOS, Jornal do Nuances, Rio Grande do Sul. edição 38, p. 4

GRUPO ADÉ DÚDÚ, nov 1981, capa.

GRUPO ADÉ DÚDÚ, nov 1981, p.5

9. Acervo grupo Dignidade

Lampião da Esquina (1978-1981)

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. TROCA-TROCA: Problemáticos. Ed. 32, 1981, p. 02.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. TROCA-TROCA: Quero dividir casa, H. C. Rua Capote. Ed. 29, 1980, p. 04.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. ANÚNCIO: Um filme para entendidos. Nos embalos de Ipanema. 11 abr. 1979, p. 08.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. Capa. Ed. 12, 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. CARTAS NA MESA: Julian Macedo – Rio. Ed. 37, 1981, p. 12.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. CARTAS NA MESA: Resposta editorial. Ed. 37, 1981, p. 12.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. BIXÓRDIA: Procura-se vivos ou mortos. Ed. 08, 1979, p. 11.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. ESQUINA: Nossa pobreza é nosso maior charme. Ed. 15, 1979, p. 05.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. ESQUINA: Os que estão conosco. Ed. 19, 1979, p. 02.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. ESQUINA: Pintou Solidariedade, João Silvério Trevisan. Ed. 15, 1979, p. 05.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. ESQUINA: Somos todos inocentes. Ed. 18, 1979, p. 02.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. REPORTAGEM: Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação – Cinelândia, Alaska, São João (Antônio Chrysóstomo). Ed. 01, 1978, p. 05.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. REPORTAGEM: Só para cavalheiros. Ed. 34, 1981, pp. 05.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. PORRADA: Uma visita ao QG das bichas de couro (publicado originalmente na revista Christopher Street, no jornal Gay News). Ed. 37, 1981, pp. 10-12.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. PORRADA: Viado gosta de apanhar? (Aguinaldo Silva). Ed. 37, 1981, p. 10.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. REPORTAGEM: Mil e uma noites no Hotel Pepe (Adão Acosta). Ed. 34, 1981, p. 6.

10. Acervo California Digital Newspaper Collection

Todas as edições do *Bay Area Reporter*, de São Francisco, de 1971 a 2005, estão disponíveis. Foram utilizadas:

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds: Popper Topper. v. 9, n. 25, 1979, p. 37.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. ACME Man'75. 1975, v. 5, n. 3, capa.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. Steve Edwards Acme Man'75. 1975, v. 5, n. 3, p. 26.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - Han's. 1976, v. 6, n. 7, p. 16.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - Glory Holes. 1976, v. 6, n. 7, p. 30.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - El Rio. 1978, v. 8, n. 26, p. 18.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. The latest on Great America. v. 9, n. 9, 1979, p. 11.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - Good Health Club. 1979, v. 9, n. 9, p. 36.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - for sale. 1979, v. 9, n. 9, p. 37.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - Giraffe. 1979, v. 9, n. 9, p. 5.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - Roommates. 1979, v. 9, n. 2, p. 34.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. Advice to the Gay Military: “stay in the closet” ...Vernon Berg, “Lie to stay in” ... Leonard Matlovich. 1979, v. 9, n. 1, p. 8.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds – live where the boys are. 1979, v. 9, n. 3, p. 37.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - Bijou. 1976, v. 6, n. 3, p. 5.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. B.A.R. Classifieds - Orphan Andy’s. v. XIV, n. 6, 1984, p. 19.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. 5, n. 13, p. 2.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. 8, n. 13, p. 2.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. 9, n. 23, 1979, p. 34.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. 10, n. 1, 1980, p. 11.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. 10, n. 1, 1980, p. 22.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. Talking over Hawaii’s nude Beaches with Charles Finley. v. 10, n. 4, p. 34.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. LORCH, Paul. Gay Leaders Revolted at “Cruising” pre-screening. v. 10, n. 4, 1980, p. 1.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. (Foto de cortesia da Drummer Magazine). v. 11, n. 12, 1981, p. 32.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. 11, n. 12, 1981, p. 33.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. 10, n. 16, 1980, p. 33.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. 7, n. 25, 1977, p. 31.

BAY AREA REPORTER. San Francisco. v. XIV, n. 35, 1984, capa.

11. Acervo Old Domínio Internacional

Deste acervo, diversos periódicos e revistas internacionais, como *Actuel*, *Washington Free Press*, *High Times*, *Screw*, *The Black Panther*, *Black Community*, *Salut Les Copains*, *Chicago Gay News*, *Gay Hot Line*, *Gay Power*, *Gay Pied*, *Our Own*, *Drum*, *Advocate Magazine*, *Real Life Divine*, *The Male Figure* e *Physique Pictorial*, documentaram e refletiram sobre os movimentos contraculturais e as comunidades alternativas ao longo das décadas de

1960 a 1980, fornecendo registros visuais, relatos jornalísticos e análises críticas sobre estilos de vida, práticas estéticas e formas de organização social dessas coletividades.

ACTUEL França, 1970, p. 97.

ACTUEL, França, 1970, p.8.

ACTUEL, França, 1971, capa.

ACTUEL, França, n 17, 1972, p.50/51.

ACTUEL, França. Le Trip 1970, p. 49.

ACTUEL, França. 1970, p.61.

MACTH MAGAZINE, San Francisco, v 6, 1983, p. 16.

MACTH MAGAZINE, San Francisco, 1983, ed., p.10/11.

MACTH MAGAZINE, San Francisco, 1983, ed. 6, p.2.

MACTH MAGAZINE, San Francisco, 1984, v.7, p.6.

CHICAGO GAY NEWS, 1977, n.13, p. 12/13.

GAY HOT LINE 5, p. 22.

GAY HOT LINE 5, p. 4.

GAY HOT LINE, v. 7, p. 42.

GAY ST. LOUIS, v. IV, n.1, 1978, p. 6.

GAY SUNSHINE, Berkeley. P.14. ver: BR_RJANRIO_TT_0_MCP_AVU_0300.

GAY SUNSHINE, Berkeley, 1970, n1, p .1.

HAIGHT ASHBURY FREE PRESS, v.1, n.6, 1968, p.13.

HIGH TIMES, n.14, 1976, p.90.

HIGH TIMES, n.14, outubro de 1976, p.54/56.

OUR OWN COMMUNITY PRESS, 1980, v.4, n.11, p.3.

OUR OWN COMMUNITY PRESS, 1980, v.4, n7, p.4.

OUR OWN COMMUNITY PRESS, 1980, v.5, n.2, p.1.

OUR OWN COMMUNITY PRESS, v.3, n.4, 1978, p.5.

PHYSIQUE PICTORIAL, v. 17, n.1, julho, 1968, P.20-21.

REAL LIFE DIVINE, 1977, p.12.

RFD, Winter, 1977, p. 43.

SALUT LES COPAINS, França, n. 24, 1964, p. 49.

SALUT LES COPAINS, França, n.113, 1972, p.44.

SALUT LES COPAINS, n. 24, p. 2.

SCREW, abril de 1970, n.58, p.25.

STAR, Barcelona, 1979, n. 52, p. 17.

STAR, Barcelona, 1979, n.48, p.4.

STAR, Barcelona, 1974, n.5, p.20.

STAR, Barcelona, 1975, n.15, p. 40.

STAR, Barcelona, 1975, n.15, p.58.

STAR, Barcelona, 1977, n.38, p.4.

STAR, Barcelona, 1979, n. 53, p.21.

STAR, Barcelona, 1979, n.49, p. 35-36.

STAR, Barcelona, abril de 1980, n. 57, p.22.

STAR, Barcelona, ed. 16, p. 6.

STAR, Barcelona, 1976, n. 19, p.5/7.

STAR, Barcelona, n. 48, p.15.

STAR, Barcelona, n.35, p.16.

STAR, Barcelona, 1979, n.53, p.21.

THE BLACK PANTHER, BLACK COMMUNITY, V. II, N.2, MAY 4, 1968, P.2.

THE MALE FIGURE, 1958, V.11, P. 38.

THE MALE FIGURE, 1966, V. 35, P.9.

WASHINGTON FREE PRESS, v. 2, n.12, 1967.

Obs. O acesso pelo Old Dominion a diversos acervos particulares, entre os quais o de Daniel D. Teoli Jr. Acesso pelo sítio: <https://archive.org/details/@danielteolijr> , em 02.02.2024 (Drummer Magazine, Mandate Magazine e Honcho Magazine)

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. PRESTON, John. Phunky Provincetown: eat, drink, and don't be mary. Ed. 30, 1979, p. 80.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Etienne Portfolio: a pictorial visit with a master of gay male physique art. Ed. 10, 1979, p. 41.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Ads. Clímax. Ed. 28, 1979, p. 4.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Interview: Chick Stiehr talks with a uniform fetishist. Ed. 11, dez. 1976, p. 10.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. The Ramrod: a visit to Phoenix only leather bar. Ed. 10, 1976, p. 71.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Born to raise hell: the year's hottest male flick is pure S&M. Ed. 3, 1975, p. 19.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Ads. Sensational Sex. Ed. 8, 1976, p. 62.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. The Leather Bar Scene. Ed. 6, 1976, p. 56.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Drummer visit Larry's and takes a trip to the dark side of the moon. Ed. 4, 1976, p. 49.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Five in the Trainer's Room: the explosive climax of Scott Master's serial. Ed. 10, 1976, p. 26-29.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Ads. R.F.M. Products. Ed. 10, 1976, p. 34.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Drummer goes to the trading post Party. Ed. 10, 1976, p. 63.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Book Report: drummer revisits "Falconhurst", meets "Timmy" and "Harold" p. 11, 1976, v. 6.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Ads. Le Salon. v. 16, 1977, p. 4.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. The Leather Fraternity: our growing Brotherhood of Leathermen. Ed. 13, 1977, p. 33.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Crosswords: na S&M puzzler. Ed. 13, 1977, p. 56.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Male Call/Dear Sir. Ed. 14, 1977, p. 7.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. The Leather Fraternity: our International brotherhood of Leathermen. Ed. 14, 1977, p. 48.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Famous Dungeons of San Francisco: come with us into the Inner-Sanctum. Ed. 17, 1977, p. 8-11.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Stud Watching: the parade looks back at the watchers. Ed. 17, 1977, p. 32.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. KREISLER, Kurt. Center Section: "my brother, my slave". Ed. 17, 1977, p. 45.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. With the Bike Clubs: the words from all over. Ed. 17, 1977, p. 82.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Ads. The Guard. Ed. 19, 1977, p. 3.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Bars of the month: Mike's Corral. Ed. 21, 1978, p. 90.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Fred Halsted: when you're a jet, you're a jet all the way. Ed. 21, 1978, p. 84.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. FRISCHER, Jack. Upstairs over a vacant lot...the Catacombs: the ultimate expose. Ed. 23, 1978, p. 9-10.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. The Quarters: the D.I. lays out an authentic SF trip for slaves and masters at his new Academy. Ed. 24, 1978, p. 10-15.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. PRESTON, John. Phunky Provincetown: eat, drink and don't be mary. Ed. 30, 1979, p. 85.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. FRITSCHER, Jack. Mr. International Leather: something in the way men move, thrills... Ed. 31, 1979, p. 24.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Male Call/Dear Sir. Ed. 8, 1976, p. 4.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Bar/Bath Scene. Ed. 28, 1979, p. 76.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. OPEL, Bob. Drummer goes to a leather sabbat: a Halloween howl, captured in words and pictures. Ed. 4, 1976, p. 43.

DRUMMER MAGAZINE. San Francisco. Jeannie's Lamp: another famous columnist with many of the answers. Ed. 3, 1975, p. 42.

HONCHO MAGAZINE. New York. Inside the Black Room. Ed. 4, 1978, p. 18.

HONCHO MAGAZINE. New York. Cover Feature: Richard Locke. Ed. 5, 1979, p. 42.

HONCHO MAGAZINE. New York. The Nether World of Leather. Ed. 2, 1978, p. 16, jun.

HONCHO MAGAZINE. New York. Highland Fling. Ed. 5, 1979, p. 47.

MANDATE MAGAZINE. New York. Ads. Photograph. RK. Ed. 2, 1977, p. 2.

MANDATE MAGAZINE. New York. Ads. El Matador. Ed. 1, 1977, p. 56.

MANDATE MAGAZINE. New York. Ads. Cowboy and Cowgirl. Ed. 1, 1977, p. 59.

MANDATE MAGAZINE. New York. Ads. Paradise PCS Club. Ed. 1, 1977, p. 62.

MANDATE MAGAZINE. New York. Ads. For sale: a longer thicker penis. Ed. 1, 1977, p. 67.

MANDATE MAGAZINE. New York. Ads. For sale. Ed. 2, 1977, p. 66.

MANDATE MAGAZINE. New York. The Whole Earth Catalog. Ed. 2, 1977, p. 10-13.

12. ACERVO DA COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE (CNV)

Deste acervo constam relatos das vítimas civis, relatos das vítimas militares, relatos dos locais de tortura e de violações de Direitos Humanos. Foram utilizados os seguintes:

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Alípio Raymundo Vianna Freire, Categoria do depoente: Vítima civil, Depoimento colhido por integrantes da CNV. Data: 18/06/2014, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: San Romanelli e Camila Braga NUP: 00092.001344/2014-68.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Antônio Pinheiro Sales, Categoria do depoente: Vítima civil Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/9/2013, Local: Brasília, DF. Responsáveis pela tomada de depoimento: Daniel Lerner, André Vilaron, Rafael Ruela, Suellen Maciel e Amanda Reis, NUP: 00092.001658/2014-61.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Paulo Roberto de Magalhães, Categoria do depoente: Vítima Civil, Testemunho colhido por integrantes da CNV, Data: 21/11/2013, Local: São Paulo, SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Raissa Ventura Wihby , NUP: 00092.000103/2014-00.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Pedro Lobo de Oliveira. Categoria do depoente: Vítima. Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 29/4/2014, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: Raissa Wihby Ventura e Camila Braga. NUP: 00092.000939/2014-04.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Vicente Sylvestre, Categoria do depoente: Vítima militar - Coronel. Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 18/03/2013, Local: São Paulo, SP. Responsáveis pela tomada de depoimento: Maria Rosa Loula e Paulo Cunha. NUP: 00092.000439/2013-83, p..4-5

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Valdomiro de Oliveira Santos, Pedido 21_2013, colhido em 26 de Abril de 2013, pela Comissão Nacional da Verdade.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Depoimento Vítima civil, Francisco Ferreira de Oliveira, Testemunho colhido por integrantes da CNV. Data: 17/6/2014, Local: Mauá,

SP, Responsáveis pela tomada de depoimento: Raíssa Wihby Ventura e Camila Braga, p. 12

Obs. Acervo complementar:

Acervo Bajubá : CHANA COM CHANA. Iamuricumá (Amazona). 1981.

Arquivo Público do Estado de São Paulo, fundo Deops: Documento 52Z_0_1918. Ficha Resumo de Informações.

Acesso pelo Northeastern Library: Repository.librarynortheastern.edu;
GAY COMMUNITY NEWS, v. 10, n.38, 16 abril de 1983, p.3

Acervo Instituto Bishopsgate: (*Gay Life*, *Gay St. Louis*, *Gay Power*, *Gay Nottingham*, *Gay News*, *Capital Gay*, *Jeremy*) - CAPITAL GAY, 10 de julho de 1981, n. 1, p.1

Acervo Marcos Faerman: VERSUS, ano 1, p. 30

Acervo Segurança Nacional (Revista Segurança Nacional): REVISTA SEGURANÇA NACIONAL, Guerra Psicológica Antônio Carlos Pacheco E Silva (Convivium, abril de 1964), V. 51, n. 600, 1965.

Obs. Acesso em demais plataformas digitais: Hemeroteca Digital, Flickr, Youtube e afins.

Acervo digital de Alair Gomes na Bibiloteca Nacional, acesso via sítio eletrônico: <<https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/alair-gomes-muito-prazer/>>. em 31 de julho de 2024.

Acervo digital do *Children of God* em sítio público de bancos de fotos da própria organização religiosa, acesso via sítio eletrônico: <<https://www.flickr.com/photos/146761602@N04/albums/>>, em 02.01.2025.

Acervo digital do *Children of God* em sítio público, com acesso em 02.01.2025, ver: <<https://www.flickr.com/photos/146761602@N04/32894791170/in/album2157678778180822>>.

Plataforma do Youtube, acesso em sítio eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=mR71P11Bgcg>>. Em 05.05.2024.